ANTÓNIO CAMPOS JÚNIOR
A ALA DOS
NAMORADOS

A ALA DOS NAMORADOS

ANTÓNIO CAMPOS JÚNIOR

Esta obra respeita as regras

Do Novo Acordo Ortográfico

BREVE NOTA

OS EVENTOS QUE ANTECEDEM ESTA HISTÓRIA

Corria o ano de 1383.

O rei D. Fernando I, acabara de morrer com apenas 37 anos, vítima de doença. A sua única herdeira, Beatriz, era apenas uma criança de 10 anos de idade mas, inconsequentemente, já tinha sido mandada para fora do país para ser tomada como esposa do Rei de Castela.

Com o trono vazio, a viúva, D. Leonor de Teles, tomou para si o poder aclamando reinar em nome da sua filha e do seu marido, o Rei de Castela, e pôs logo o seu amante galego, João Fernandes Andeiro, como seu consorte e ministro do reino. Tal ação trouxe a indignação da população em todas as suas fações: na plebe, na burguesia, no clero e entre a nobreza; e o que começou por ser várias revoltas populares contra os éditos da rainha e do seu ministro, culminaria

numa guerra civil, por todo o território, opondo os opositores e os defensores da nova monarca.

A liderar a fação opositora, que recusava a nova rainha e a submissão do trono a Castela, estava João, Mestre de Avis, meio-irmão do falecido rei que, apesar de ser um filho bastardo, tinha sido reconhecido aos seis anos pelo pai, D. Pedro I, como filho e foi posto por este a estudar cavalaria na Ordem de Cristo, armando-o depois cavaleiro e dando-lhe o título de "príncipe de Portugal".

Sendo um bastardo, a sua aclamação ao trono era ilegítima aos olhos da igreja, mas a apoia-lo tinha a povo, a burguesia e uma grande parte da nobreza que não via com bons olhos a hipótese de Portugal vir a ter um rei castelhano. Assim, a 6 de Dezembro desse mesmo ano de 1383, juntamente com um grupo armado, João de Avis invade o Paço do Conselho (atual câmara de Lisboa), mata o Conde de Andeiro e é proclamado regedor e defensor do Reino pela população que o aclama, inconsciente de que aquilo era o inicio de um dos mais perigosos e sangrentos conflitos que Portugal se veria confrontado até então.

Sabendo da morte do seu ministro e amante, D. Leonor de Teles foge, antes de ser capturada pelos seguidores do Mestre de Avis, e refugia-se na corte do seu genro, D. João I de Castela, dando a este um pretexto para fazer aquilo que ele já desejava fazer: invadir Portugal e validar a sua pretensão ao trono.

Estes eventos são o prelúdio real das situações que conduziram à guerra Luso-Castelhana entre 1383 e 1385 e que culminaria na batalha de Aljubarrota.

A história que vai ler inicia-se já em plena invasão de Castela, durante o cerco de Lisboa de 1384, que durou exatamente 4 meses e 27 dias, e que quase dizimou a população lisboeta.

PRIMEIRA PARTE

INFORTUNADOS AMORES

CAPÍTULO I

DOR QUE ENLOUQUECE

Fora calmo aquele dia de Junho de 1384. O sol sumira-se afogueado, globo enorme de ouro fulvo que deixara pelos cumes dos montes e sobre as águas dormentes do Tejo um crepúsculo agoirento, vermelho como a púrpura antiga dos autocratas e como o sangue forte da plebe.

Em todas as torres de Lisboa bateram lugubremente as badaladas das alvorada. Parecia que nunca os sinos da cidade tinham tido uma voz assim dolente! Badaladas como trágicos soluços daquele bronze que parecia ter dentro em si a alma angustiosa da cidade.

E não era deles afinal aquela tristeza imensa; era do coração de quem os ouvia. A voz dos sinos era a mesma dos dias jubilosos; no coração dos atormentados, dos famintos, dos que traziam consigo a dor e o luto, é que a repercussão mudara como se viesse timbrada pelas amarguras da Pátria e pelas tristezas de cada lar.

— Jesus! — soluçara uma velha a quem o marido e o filho tinham morrido, dias antes, numa sortida às portas de Santa Catarina, contra os Castelhanos que cercavam Lisboa (*).

[(*) O bloqueio terrestre da cidade pelas tropas de Castela começara em 9 de Fevereiro de 1384. O cerco cerrara-se em 27 de Abril, depois de ter chegado ao Tejo a primeira divisão de uma poderosa esquadra castelhana.]

Estão a dar aquelas badaladas como se fosse para lembrar os tantos que a morte levou e os muitos que hão de acabar, se o nosso Senhor não tiver dó desta pobre cidade e desta infortunada Nação!

E para maior agouro e mais doloroso contraste, as sinetas de bordo das cinquenta e três naus e galés que El-rei de Castela tinha no Tejo também tocaram na alvorada, mas essas numas vibrações agudas, ligeiras, como se tivessem um timbre de riso de escárnio pela aflição da cidade.

Ouviam-se bem na trágica melodia daquele crepúsculo. A armada potente de Castela estava atracada desde Santos

até para lá de Cacilhas, muito próxima da praia, a cerrar estreitamente o cerco.

Mas do acampamento castelhano, a rodear Lisboa das alturas de Santa Clara ao Monte da Graça e à Penha, das extremidades de Valverde (o valezito da atual Avenida da Liberdade), daqueles hortejos às lombas de Campolide e do monte de Santa Catarina às praias de Santos; dali vinham ainda mais opressoras repercussões naquele anoitecer de Junho. Vinham do estridor arrogante das trombetas no soberbo alarde das Trindades.

— Estão a uivar os lobos de Castela! Má peste os ponha em fuga! — comentara um besteiro(*) de cabelos grisalhos.

[(*) soldado que tem a besta como arma, estando na mesma categoria bélica que os arqueiros ou archeiros.]

Já pela noite dentro, as procissões de penitência cruzavam-se nas ruas, gemendo o seu “miserere”, e as igrejas atulhavam-se de gente angustiada, que fazia preces pela boa fortuna da cidade. Para que Deus protegesse o jovem

Nuno Álvares Pereira, já vencedor dos Castelhanos na batalha dos Atoleiros, e para que a nossa Senhora trouxesse rapidamente e a salvamento a esquadra que esperavam do Porto com o socorro de que tanto carecia a capital.

Depois passaram silenciosas, num passo pesado e lento, de piques e bestas ao ombro, as quadrilhas de peonagem(*) de reforço para as setenta e sete torres e trinta e oito portas que tinham as muralhas de Lisboa e para as trincheiras de estacaria dobrada, que reforçavam as defesas até à praia de Santos, e seguiam ao longo da Ribeira e dos Fornos da Cal até ao mosteiro de Santa Clara.

[(*) "peonagem" era todo o soldado raso de posição militar mais baixa, apelidado de "peão"]

Para os lados das Portas de Santa Catarina e da Torre de Álvaro Pais (na moderna rua de S. Roque), trotava um grupo de cavaleiros, de bacinetes emplumados, cotas e

braçais. Iam para onde o perigo era maior e mais frequentes as escaramuças com os sitiantes.

Depois o soluçar das preces emudeceu, as velas dos altares apagaram-se, as grandes portas das igrejas cerraram-se. Esmoreciam pelas esquinas e sobre as portas de casas abastadas os lampiões e as candeias dos nichos, à míngua de umas gotas de azeite, porque até nisto se manifestava a miséria daquela encantadora Lisboa, à qual os mouros tinham chamado a Sultana do Mar Azul do Ocidente.

Foi correndo a noite e a cidade parecia adormecida num sono de pesadelos. Mas nem toda ela adormecera. Nas muralhas velavam as atalaias, e dos lados da Ribeira vinha, a espaços, um rumor brando de vozes.

Mas nos lares que a morte enlutara de lágrimas de dor, nos castelos miseráveis, quantos esquálidos havia, que não conseguiam dormir por causa da sua horrorosa tortura de famintos?

No recanto de uma travessa, um grupo de esfarrapados esquartejava sofregamente uma mula escanzelada para o seu banquete daquela noite. Havia dois dias que não

traziam na sacola nem uma côdea bolorenta de esmola, uma côdea daquele pão miserável que então se fazia na cidade com o bagaço da azeitona, as raízes das ervas e as malvas dos quintalejos abandonados.

No terreiro, onde ainda um mês antes se vendiam uns restos de trigo, bandos de crianças semi-nuas, estonteadas de sono e roídas de fome, andavam a arranhar o chão para ver se a terra tinha escondida em si a fartura de alguns bagos de trigo. Eram mais bem sucedidos que as pobres crianças, os cães sem dono, a focinhar nas montureiras, que trescalavam podridões de cadáveres.

Em frente da Sé, as torres castelãs, envoltas num manto de sombra como figuras gigantescas de alguma lenda, uma mulher nova, de cabelos esparsos, uma farrapagem de brocados a cingir-lhe o corpo, que era talvez belo, parara arquejante, aconchegando muito aos seios um vulto pequenino de criança, num choro convulsivo e débil.

— Como tu choras, amor da minha alma! Cheia de fome! Eu sei! Eu sei! Filha, dava-te o meu sangue, e não posso matar-te a fome!

Murmurara-lhe isto num estrangulamento de soluços como se a pequenina a pudesse compreender, e apertava-a mais contra o peito como se quisesse que do seu seio ressequido aquela boquita lhe pudesse beber o sangue.

— Lavada em lágrimas! Têm mais sorte os que morrem! Que tamanha misericórdia seria se a nossa Senhora nos levasse a ambas para si!

E a pequenita num choro cada vez mais convulso, mais rouco, mais dolorido.

Num relancear dos seus olhos de alucinada, turvos de lágrimas, a desventurada mulher deu com um painel da Senhora Mãe de Deus, que o padre Cabido mandara erguer por cima da porta do templo, desde que as misérias do cerco tinham posto a cidade em maiores desalentos.

Uma grande lâmpada de bronze punha os seus reflexos de luz dourada na figura da Virgem com o seu Jesus pequenino ao colo, Mãe e Filho numa expressão de júbilo e ridente fulgor.

Foi até ela, a tremer, a pobre esfarrapada; ajoelhou-se fervorosamente, a acalentar a filha, e pôs no painel um

olhar mortificado, numa súplica em que as lágrimas davam o dobro das palavras.

— Senhora, acudi-me! Ninguém me ouviu, ninguém me pôde socorrer! Escutai-me vós! Socorrei-me, Senhora! Mãe divina fostes, mas também eu quero à minha filha, como vós, Senhora, ao vosso filho. Sofreu, sofrestes com ele, e mataram-no; mas o vosso era Deus, e a esta, coitadinha, sou eu que a deixo morrer! Senhora, talvez nunca sofresse fome o vosso pequenino Jesus, por se não terem secado para ele os vossos seios como secaram os meus!

A criancinha estrebuchou-lhe nos braços como uma avezita agonizante e soltou um grito dolorido. A esfarrapada ergueu-se de repente, a tremer doidamente, e deu uns passos torcidos para que a luz da lâmpada lhe iluminasse melhor o rosto da pequenina.

— Estás a esfriar! Filha! Filha! Olha para mim! — rouquejou ao beijá-la, a tatear-lhe a cara, em convulsões de epilética.

Mas a filha já não a ouvia. Estava morta. Morta pela fome.

A mulher sacudiu-se em soluços e pôs-se numa correria doida pelo terreiro da Sé com o cadáver da pequenina erguido nos braços, trementes como se fossem de uma octogenária.

E no céu de profundo azul brilhou um fulgor intenso de estrelas, no alheamento e na indiferença daquela dor de mãe a envolver-se em desvario de loucura!

A enlouquecida sentou-se no degrau do portal a regougar uma trova de acalentar crianças e a embalar nos braços o corpo hirto da filha.

Vibraram de repente naquele lúgubre silêncio vozes altas de gente que vinha da Porta de Ferro a correr.

— Gentes, despertai! Boas novas chegaram! Erguei-vos e dai graças a Deus!

E com as vozes altas, alvoroçadas, ressoavam nos ares as marteladas das aldravas, revoava um sussurro de gente surpreendida, um ranger de portas que se abriam e um ruído de adufas que se levantavam.

Entrou um grupo de homens no terreiro da Sé. Vinha diante deles um galeote com uma acha de pinho embreada,

acesa em guisa de archote, a esfumar de negro aquela frouxa penumbra das estrelas e a projetar os seus clarões vermelhos na fachada vetusta daquele grande templo.

— Por Deus, que chegaram boas notícias!

— Que notícias são? — inquiriram os estremunhados, assomando às portas com as candeias de luz na mão.

— São notícias de Nuno Álvares, o jovem campeão? — perguntavam.

— Quereis ver que deu nova arremetida contra os castelãos e venceu outra batalha?

— Eu já sonhei com ele três noites a fio, a entrar por Castela adentro, ao lado do senhor S. Jorge, com o seu bacinete de ouro e a sua lança de prata! E que tinha levado à escalada os muros de Badalhouce (*).

[(*) O Assim chamavam a Badajoz. Parece que foi fundada pelos mouros com a denominação de Baladelaixe, que os nossos antigos mudaram para Badalhouce.]

— Não vos deiteis a adivinhar, gente endrominada, que o caso foi outro.

— Dizei qual.

— Contai o que houve. Falai depressa. Dizei — insistiram muitas vozes.

— Lançou ferro (atracou) em Cascais a armada que veio do Porto a socorrer-nos — esclareceu um dos recém-chegados.

— Pois Santa Maria seja bendita e que viva quem nos vem ajudar.

— Viva! Viva!

— E o senhor dom Bispo que mande abrir as portas da Sé, e os senhores cónegos que mandem pôr luzes nos altares, para que Deus nos ampare!

— E quem trouxe tal notícia?

— Um homem bom do Porto, mercador rico, de rijas febras e destemida gana para o mar, que pelo escuro da noite fugiu de Cascais num batelzito e, por entre a armada inimiga, se atreveu a cá vir trazer-nos a boa notícia!

— Já esteve a falar com o Mestre — informou outro dos avisadores, referindo-se ao Mestre da Ordem Militar de Avis, filho bastardo de el-rei D. Pedro.

— E com ele veio também aquele destemido fidalgo jovem de Riba-Douro, que foi o mais belo pajem da rainha comborça (*) e o mais animoso na guerra do ano passado.

[(*) Mulher que tem amores ou vive com um homem casado. Assim chamavam à rainha D. Leonor Teles.]

— Não sei quem seja!

— Ora! Nem Lisboa conhece outro mais afoito de alma. É aquele jovem de vinte anos que mandou desafiar o Condestabre de Castela.

— Ah! Esse então todos nós sabemos quem é.

— É claro que se sabe. É Ruy de Vasconcelos, da melhor nobreza de Riba-Douro.

— Morrem por ele as mulheres novas. E dizem que no paço real por ele se perdeu certa dama linda como as

estrelas. E olhai que nunca mais se lhe soube o paradeiro!

E enquanto iam falando assim, em grupos ou de porta para porta, a multidão dos alvoroçados aumentava de instante para instante; as luzes das candeias brilhavam pelas adufas como pirilampos e voejava pelos ares um rumor mais intenso de passos e de vozes.

Entretanto, no portal da Sé, alheada de tudo, a enlouquecida mãe, a quem a filha morrera, soluçava as orações com ela deitada no regaço.

A multidão podia lá ouvi-la! Ninguém reparara naquela mulher nova, enrodilhada em farrapos de brocado, endoidecida no drama da maior dor humana, toda mirrada na sombra enorme da igreja.

E ela também absolutamente alheia a todo aquele alvoroço, como se ali a tivessem cegado as suas próprias lágrimas e de tudo tivesse ensurdecido no estonteamento daquela mágoa inexcedível e sem remédio!

* * *

— Gentes, aí vem o Mestre, o Defensor, o que um dia será rei! — gritou à frente da multidão, numa voz dominadora, que se sobrepunha a todas as outras, um homem alto, espadaúdo, exemplar admirável dessa raça de plebeus que havia então, de consciência lavada e ânimo intemerato, para falarem alto fosse a quem fosse, e para morrerem a peito descoberto pelo seu crer e pela sua coragem.

Era o tanoeiro(*) Afonso Eanes, o chamado "Juiz do Povo", um revolucionário dos dias turbulentos que seguiram à morte do rei D. Fernando.

[(*) Tanoeiro ou toneleiro é um artesão dedicado ao fabrico de barris, pipas ou tonéis para embalar, conservar e transportar mercadorias, principalmente líquidos.]

Tinha sido o tribuno e o comandante da populaça, para que a Nação se defendesse das pretensões de el-rei de Castela e não lhe deixasse levar a coroa do monarca falecido, na

herança da infanta portuguesa D. Beatriz, esposa do rei invasor, mais a bandeira e a história da terra portuguesa. E o caso foi que, sem a intervenção daquele mestre tanoeiro, talvez a Nação não tivesse por chefe o jovem Mestre de Avis, e tivesse esmorecido na defesa da sua independência.

Entre os homens de ação preponderante que apoiaram o bastardo de el-rei D. Pedro e da plebeia Teresa Lourenço à subida do trono, três havia de incontestável grandeza — Nuno Álvares Pereira, fidalgo e guerreiro juvenil; Álvaro Pais, o velho chanceler dos tempos de el-rei D. Fernando, e aquele valente mesteiral (mestre artesão), que se chamava Afonso Eanes Penedo.

— Ei-lo, aí vem! — anunciou outra voz.

— E com ele aquela alma boa do povo. O nosso querido velhinho, Álvaro Pais.

— Certo se irá recolher o Mestre aos paços de Apar S. Martinho.

— Viva o Mestre! — gritou uma multidão próxima das Portas de Ferro.

E pouco depois, adiante de todos — mulheres e carpinteiros da Ribeira com archotes aceso —, Sem nenhuma ostentação de poder, singelamente, quase ombro a ombro com o povo que o adorava, o Mestre de Avis subia lentamente com Álvaro Pais, muito abordoado ao seu bastão, arrastando por ali acima, penosamente, com as suas pernas trôpegas. Ao lado dele, na esquerda, um legista que, há dois anos, viera da Universidade de Bolonha onde se formara em leis — o doutor João das Regras.

Um pouco atrás, acotovelados pela multidão dos maltrapilhos descalços, dois pajens com tochas acesas, e depois o comandante dos besteiros. Oito homens de armas por escolta e mais ninguém naquele cortejo do Defensor do Reino — título dado pelos cidadãos de Lisboa — o Mestre da Ordem de Avis; um infante bastardo pelo pai, um homem do povo pela mãe.

Havia explicação para o cortejo ser pequeno. Ainda nessa tarde o Mestre recebera avisos de certos movimentos suspeitos da esquadra castelhana e fora logo para as Portas do Mar, sem nenhuma comitiva, para observar ele próprio qual seria o intento do almirante de Castela. E por lá se

demorara pela noite dentro, de atalaia, sem ter podido perceber o intento daquela evolução dos navios sitiantes.

Tomou precauções, mandou um aviso confidencial às torres e às quadrilhas que guardavam as portas para se manterem em dobrada vigilância, mas não quis dar alarme à pobre cidade, já tão atribulada de provações. Nas trincheiras da praia dirigiu ele próprio, sem alarmes, as precauções de sobreaviso e, como em outras ocasiões, teve a auxiliá-lo dedicadamente o arcebispo de Braga, D. Lourenço, com o seu estado-maior de cónegos e a sua hoste de frades e clérigos seculares. Os trabalhos e os sacrifícios eram para todos.

O arcebispo, um homem intrépido, não admitia isenções de privilégio para ninguém naquela conjuntura angustiosa. Para ele era também serviço de Deus defender a Nação à mão armada, e a sua hoste de tonsurados não era das menos fervorosas nem das menos destemidas na defesa das trincheiras e no arranque das sortidas. Fora ele até o principal organizador na defesa do lado do rio, passando indiferentemente da sua tarefa de dirigente aos mais rudes

trabalhos de construção, para estímulo da peonagem e dos seus clérigos.

Pela noite adiante chegara o batel em que vinha o comerciante do Porto, João Ramalho, com a notícia de ter atracado em Cascais a esquadra de socorro. O Mestre combinou então com o Ramalho o plano a seguir, não só quanto à entrada dos navios, mas também a respeito do apoio que poderiam dar-lhe os defensores da cidade.

Assente o que devia fazer-se para que a empresa, realmente grave, tivesse bom êxito, Ramalho voltou para Cascais com o mesmo risco e destemor, e o Mestre regressava agora ao paço para ali discutir com os seus cavalheiros e caudilhos(1*) do povo, entre os quais tinham lugar proeminente os homens de ofícios da "Casa dos Vinte e Quatro"(2*) do povo, com todas as minúcias e disposições da parte do plano que pertencia à cidade.

[(*) 1 - caudilho: alguém com uma posição de chefia; era assim nomeado alguém de uma comunidade que tivesse numa posição capaz de exercer liderança e de a representar quando fosse preciso. Eram os caudilhos que representavam o povo nas assembleias sociais convocadas pelos reis, chamadas

Cortes. 2 - A Casa dos Vinte e Quatro era um órgão deliberativo da administração municipal de Lisboa - e, mais tarde, de outras cidades do Reino de Portugal e do Império Português - era composto por representantes das guildas, ou seja, das associações de ofícios, como a guilda dos artesãos ou a dos mercadores.]

E era neste assunto gravíssimo que o Mestre vinha a conversar com aquele velho alquebrado, que fora o cérebro dirigente da revolução e trazia em si, no seu arcaboiço de septuagenário, uma das maiores almas de Portugal.

A multidão olhava para aqueles os dois esperançada como se aquele homem de gorra negra e cabelos de neve fosse o símbolo imaculado da Pátria, que os de Castela pretendiam matar, e o outro, um bastardo real, monge-cavaleiro de vinte e seis anos, representasse a maior promessa e a mais rútila esperança de um Portugal remoçado, mais forte, mais brilhante, de mais pura e altiva alma, emergido dos Iodos daquela decadência pelos milagres de esforço de uma revolução.

— Viva o nosso Messias! — gritaram algumas mulheres comovidamente.

E envolveram, num olhar de sonho, aquele homem jovem, de amplas costas, trigueiro e rubro como os galeotes da Ribeira e os picos das montanhas; de rosto largo numa forte expressão de energia; naquela cabeça de pensador o bacinete (*) emplumado dos campeadores fidalgos, nos ombros largos o manto branco dos Cavaleiros de Avis e sobre a cota de armas o estreito escapulário com a esguia cruz verde do mestrado da Ordem, estampada naquela brancura do hábito, a lembrar as toalhas dos altares e a bandeira da Nação.

[(*) A parte da armadura que protege a cabeça]

Messias da Pátria para a redimir, filho de um rei para ascender ao trono, se a Nação vencesse, filho de uma mulher do povo, como o aclamavam febrilmente.

— Que Deus vos guarde, Senhor! — clamava a ralé num voto fervoroso, de braços erguidos como para o abraçar, e a trapagem de burel(*) agitava-se-lhe sobre o peito arquejante.

[(*) Tecido típico português do qual se faziam as capas e os capotes. É confeccionado a partir da lã.]

— Deus vos ouça, gente leal, e a todos nos mantenha na santa defesa de Portugal — volveu-lhes o Mestre, pondo neles, afetuosamente, os seus olhos negros, penetrantes, e esboçando nos lábios rubros um sorriso de familiaridade, que lhe modificava as linhas duras do longo rosto, quase quadrangular, de queijo proeminente e barba escanhoada, conforme o preceito imposto aos monges cavaleiros.

— Amanhã haveremos de ter dura luta. A armada que veio do Porto entrará e nós de cá lhe daremos uma mão — disse o Mestre.

— Grande armada, Senhor? — perguntou um mesteiral, (*) de barrete na mão.

[(*) "Mesteres", este termo designava, na sociedade portuguesa medieval, um grupo de artesãos ligados entre si por uma guilda de determinado ofício. O equivalente ao que hoje seria um sindicalista, embora esta comparação seja muito afastada. O termo "mesteiral" passou também, com o tempo, a ser usado

para designar todos aqueles quem tinham actividades de artesão, como os tanoeiros, ferreiros, oleiros, etc., estivessem ou não ligados a uma guilda; depois passou ainda a designar todo aquele que era aprendiz de um "mesteiral".]

— Dezassete naus e outras tantas galés.

— Mestre e Defensor nosso, bom socorro será, mas a outra de Castela tem mais do dobro! Respondeu-lhe.

— Deus estará connosco, e pela nossa causa a alma e o sangue de nós todos. Ficai prevenidos. Ao romper da manhã, estaremos todos onde for preciso. Conto convosco; contai comigo. El-rei de Castela não levará a herança que vem aqui buscar. Só Lisboa lha poderia entregar, e nem vós nem eu deixaremos que a tome.

— Mestre e Defensor, honradas palavras dissestes! — acudiu Afonso Eanes na sua voz dominadora — A cidade não se rende e a herança não se entrega!

— Assim o queremos todos e assim será com a ajuda de Deus! — confirmou o Mestre com uma grande energia sugestiva.

— Todos! — gritaram — Por esta nossa terra contra as hostes de Castela: Portugal e S. Jorge!

— Ide agora repousar, meus filhos — disse-lhes paternalmente Álvaro Pais, na sua voz tremente de velho — Ao romper da manhã seremos uns com os outros e o dia há de ser de bravia luta. Mas até eu, com as minhas pernas trôpegas, me hei de arrastar para onde for preciso para que a soldadesca de Castela veja como os velhos de Lisboa são capazes de morrer pela sua terra.

— Pai do povo sois vós — disse uma regatona velha da Ribeira conhecida entre o povo por "Tia Lourença da Ribeira", que reunia à sua volta um grupo de mulheres mais novas. — e aqui tendes quem vos ajude a ir ver como esse bailado de amanhã há de ser. Falta o pão na cidade, mas ainda, louvores a Deus, não faltam as pedras para britar os focinhos a esses cães danados de Castela!

— Ide repousar, meus filhos — repetiu o alquebrado chanceler dos tempos de D. Fernando — Muito há que dispor para o dia de amanhã, e a todas as coisas precisa de prover a sua graça — disse indicando o Mestre — Ide com Deus.

— Até ao amanhecer — acudiu D. João num gesto amigável de despedida.

E foi andando para cima, ao lado de Álvaro Pais e do douto João das Regras.

— Viva o Mestre! Viva o nosso Messias! — aclamou a multidão num arrebatamento de entusiasmo, como se estivesse esquecida de todas as privações, de todas as misérias e de quantos perigos enormes podia trazer-lhe o dia seguinte.

* * *

— Vamos ter pão, mulheres de Deus! — disse a regatona da Ribeira — Virá trigo na armada do Porto. Vai acabar a fome!

Destacando-se do adro da Sé, numa aparição como a de um fantasma, nos braços a criancita morta, a pobre mãe enlouquecida, disse em gritos agudos como uivos:

— Acabar a fome!... Também a minha filha... Acabou! Tantas mulheres! E não houve nenhuma... Nenhuma... Que lhe matasse a fome... A ela!... Olhai... Morreu!

Uma profunda impressão de estranheza e de supersticioso pavor oprimiu a multidão, e com mais profunda violência o coração das mulheres. Recuaram, cheias de terror como se aquela desventurada fosse um espectro fugido de alguma campa da Sé.

Num extenuamento de forças, a infortunada dobrou os joelhos subitamente e caiu sobre o cadáver da filha.

— Eh! Mulheres, que por bem pouco temeis! — exclamou a tia Lourença — Já supondes que é alguma alma penada! De fome é que ela falava; e com fome seria que baldeou a terra; era capaz de o jurar. Pois eu não tenho medo e vou dar ajuda a essa criatura de Deus.

— Cuidado, tia Lourença, que pode ser moura encantada ou judia feiticeira, que ande a penar!

— Credo! Figas, demónio! — disseram algumas.

— Contos da Carochinha. Eu vos digo já o que é.

E a regatona aproximou-se da desditosa; para grande assombro da assistência, ajoelhou-se no chão e levantou-lhe a cabeça.

— Mãe bendita, que ela parece estar morta! Chegai, cá por caridade, esse pedaço de luz.

Um mesteiral aproximou-se dela com os restos de um archote que ficara a arder no chão.

— Arcanjo bento, que linda ela é! Rapariga de boa criação, parece feita de marfim! Vinde ver; não tenhais medo. Uma pequenita com a cabecita dourada! Morta, está morta! Ela, a mãe, é que ainda tem vida. Está-lhe a boca a tremer e as lágrimas a saltarem-lhe em fio dos olhos cerrados! Um fiozito e uma cruz de oiro ao pescoço! Aproximai-vos, pasmadas dos meus pecados, que esta nem é moura nem judia.

As mulheres aproximaram-se, mal refeitas ainda do seu terror supersticioso. Aguilhoados pela curiosidade, alguns mesteirais e maltrapilhos se tinham já aproximado, formando uma roda.

— Jesus! Que magreza tamanha! — comentou uma rapariga saloia.

— E olhai que este saiozinho esfiampado é do tecido rico das donas! — notou outra.

— Brocado — esclareceu a tia Lourença.

— Talvez lho tivessem dado de esmola! — lembrou uma tecedeira da Corredoura.

— Hum — objetou a tia Lourença — A pele branca e assim fina, que nem as toalhas dos altares, condiz bem com esta esfarrapada rica. Esta nunca andou como nós à torreira do sol nem ao vento frio das madrugadas.

— Quem será, tia Lourença?

— Eu sei lá, mulher! Talvez mal casada com algum desses tredos que se foram para os cães gadelhudos de Castela. Nestes ruins tempos tudo pode ser, mulheres de Deus! Mas aqui a falar é que a gente não a acode. Vamos levá-la daqui. Dou-lhe eu uma cama no meu casinhoto, e ainda lá tenho um naco de pão de bagaço para lhe matar a fome. Talvez tivesse ficado por aí escondida, como outras

que eu sei, abandonadas pelos pais e pelos maridos, que foram ao faro dos favores do rei castelão (*).

[(*) Aos de Castela chamava o povo castelãos, e assim os denomina também nas suas crónicas de el-rei D. Fernando e de D. João I, o grande cronista Fernão Lopes, pai da nossa História, como lhe chamava Alexandre Herculano.]

— Também eu sei de algumas e bem conheço a toca onde estão metidas!

— Aqui, bem perto, sei eu de mãe e filha que vivem escondidas, e essas, minhas queridas, não passam fome! — disse a tia Lourença, aconchegando para si e friccionando com as suas mãos encortiçadas a testa de neve da pobre mãe desmaiada.

— Essas conheço eu bem! — disse uma velha mendiga — Olhai, uns passos ali para baixo, além, naquela grande casa, onde ninguém apareceu nem se ergueram as cortinas quando o Mestre passou! Vivem na farturinha e querem lá saber do resto! Ali não entra a fome!

E a velha mendiga, com a mão engelhada, a tremer no ar, apontou para um grande prédio, todo envolto em sombras.

— A rapariga está a querer voltar a si — anunciou jubilosamente a tia Lourença — Vá, minha linda, eu vos darei guarida, se não tiverdes para onde ir.

Estava a pôr-se a lua no céu, como uma pérola enorme a deslizar por um mar azul, profundo, imenso.

— Filha! — rouquejou a enlouquecida, enclavinhando as mãos por entre os negros cabelos revoltos.

E desprendeu-se de repente dos braços da tia Lourença.

Pôs-se de pé, relanceou em volta um olhar espavorido. Deu com o cadáver da criança, estendido no chão, soltou um grito como se tivesse sido arrancado da sua alma espedaçada, estendeu-lhe os braços, cambaleou e foi cair de joelhos ao pé dela, numa convulsão-de soluços.

— Então, resignai-vos — pediu-lhe a regatona, inclinando-se para ela enternecidamente — Tantas mães têm perdido os seus filhos pequeninos! Tantas!

E parecia velada de choro a voz forte e áspera daquela velha de soberba musculatura, que tinha as rudes audácias de um rufia e as brandas meiguices de uma pomba.

— Endoidece-a a dor! Coitada! — segredou piedosamente para a velha mendiga uma forte rapariga, que também era mãe.

— Filha da minha desgraça, filha da minha alma! Caem sobre ti as estrelas do céu... Flores pequeninas, todas feitas de luz!

— Então, minha pobre menina! Vamo-nos embora daqui. Eu buscarei para a vossa pequenina as flores que o sol ainda não queimou. Rosas de todo o ano, branquitas como ela, que eu tenho no meu quintalejo.

— Olhai a lua... A sua madrinha... Não tinha outra... Nem pai que se soubesse!...

— Vamos lá — insistia a tia Lourença — Eu levo a inocentinha. Também tive filhos pequeninos, também Deus mos levou, e a um, que chegou a homem, mataram os castelãos, há dois meses. Aqui vos diz este meu burel de dó. Vinde comigo.

De súbito, ouviu-se uma tropeada de cavalos. Desciam escudeiros apressadamente dos lados do paço de Apar S. Martinho.

Iam com avisos do Mestre, convocando para a madrugada, os chefes da nobreza e os homens dos ofícios da Casa dos Vinte e Quatro do Povo, espécie de conselho de defesa, pequeno parlamento popular, que, quatro séculos mais tarde, se poderia chamar em França um comité de salvação pública sem guilhotina.

* * *

A tia Lourença conseguira afinal levar dali a enlouquecida. Deitara nos seus braços a criança morta e duas vizinhas suas iam amparando a pobre mãe, num alheamento de tudo, sem forças que não fossem para o arranco dos soluços e para os gritos pungitivos da sua mágoa.

Seguiam por ali abaixo. A regatona morava num beco muito próximo às Portas do Mar.

Debaixo vinham subindo a pé, lentamente, dois homens que não podiam confundir-se com gente da plebe, ainda mesmo que não trouxessem atrás de si dois escudeiros apeados.

Um deles, jovem forte e esbelto, de admirável gentileza, trazia um bacinete emplumado, cota e braçais, esporas douradas de cavaleiro fidalgo. O outro, de longas barbas brancas, rosto macilento, avergoado de rugas, tinha um olhar de amargurado e o ar de mortificação de um asceta. Cingia-lhe o corpo ressequido uma túnica de tecido branco, de grande cabeção orlado de conchas com uma cruz vermelha do lado esquerdo; à cintura corda de esparto, nos pés grosseiras sandálias.

Apoiava-se a um alto bordão, que tinha uma cabaçazita pendente, como usavam os peregrinos da Terra Santa.

Dava-lhes em cheio o luar, e, naquele seu estranho contraste, dir-se-iam figuras fantásticas numa aparição de lenda.

— Pobre Portugal, meu querido Ruy! — vinha dizendo o velho.

Num estreitamento da ladeira cruzaram-se com eles as mulheres que levavam a enlouquecida.

— Monge peregrino! — exclamou a desditosa, subitamente agitada por aquela aparição — A minha filha... Sabe?... Morreu de fome!... Monge, reze por ela!

E, sacudindo as duas mulheres com febril energia, tentava aproximar-se do peregrino.

— Que é isto, criaturas?! — perguntou o jovem cavaleiro — Que significam as palavras desta mal-aventurada?

A tentar desprender-se das outras, a desditosa dobrara-se toda para a frente, de cabeça baixa, mas, de repente, como se tivesse reconhecido a voz daquele homem fidalgo e essa voz a tivesse confrangido duramente, ergueu-se com uma face violenta e volveu de relance para ele o olhar turvo de lágrimas. Subitamente levou as mãos ao rosto e caiu para trás nos braços das duas mulheres, dando um grito indefinível.

As mãos, numa tremura, tinha-as espalmadas contra o rosto como se tivesse a preocupação de o esconder daquele jovem cavaleiro.

— Mas explicai-me, criaturas, que mulher é esta, e porquê este seu desvario aflitivo?! — interrogou com estranheza o juvenil companheiro do monge.

— Senhor cavaleiro, desculpai-a. Morreu-lhe a filha — explicou umas das mulheres — e a pobrezinha tresvariou!

— Pois que Deus, Senhor nosso, tenha piedade da sua dor e lhe dê resignação — disse humildemente o velho peregrino.

— Vejo que sois de pobre condição — acrescentou o cavaleiro, metendo a mão na escarcela(*) — Aqui tendes para ajudarem a pobre mulher.

[(*) Uma espécie de bolsa que se levava à cintura. Muito usada nos séculos XIV e XV]

E estendeu a mão para uma das que a seguravam. Dava-lhe uma pequena moeda de ouro.

— Seja pelo amor de Deus! — agradeceu a mulher — e que a nossa Senhora vos dê boa fortuna.

— E vo-la conceda também — respondeu-lhe, seguindo para cima com o peregrino.

— Levai-me daqui — pedia em voz baixa a endoidecida — Depressa... Não lhe mostreis... A pequena! Não lhe digam que era minha filha! Não! A ele nunca! Tenho vergonha! Tenho vergonha!

E assim a levaram dali, com as mãos cada vez mais cingidas ao rosto, como se uma grande vergonha a oprimisse tanto, que até aquela sua loucura de mãe a pudesse compreender e sentir!

CAPÍTULO II

DRAMA ANTIGO

Em Santo Elói, o cavaleiro e o monge pararam em frente do portão de um velho palácio brasonado.

— Tio Mendo, ides ver que alvoroço fará a minha querida mãe.

— Por mim então, nem que fosse num sonho me poderia esperar!

— Tal como a mim me sucedeu no Porto, quando lá fostes dar, ao fim de tantos anos de trabalhos.

— Tantos! Olha, faz amanhã doze anos que eu me parti daqui com o coração despedaçado e a alma cheia de luto.

— Todos julgavam que por lá tinhas morrido!

— Às vezes nem sequer pode morrer quem não quer fazer a Deus a ofensa de se matar. Histórias tristes e longas. Bate lá e arranja modo para que a tua mãe não fique mais doente com esta surpresa da minha vinda.

— Nem ela conta comigo. Mas descansai, tio Mendo, que eu acautelarei o nosso aio e as criadas para que lhe não deem a notícia de repente.

Bateu serenamente com a grande aldrava de bronze do portão. Os dois escudeiros tinham parado a uma dezena de passos.

— Teria sido melhor vir mais cedo — disse o peregrino.

— Bem o queria eu, mas com as informações que tive de dar ao Mestre e depois naquela demorada conversa com o Arcebispo, acerca das coisas do Norte, foi-se passando uma grande parte da noite.

— Podíamos vir cá de manhã.

— Vós preciseis de repouso. De manhã haverá de ajudar na entrada das naus e galés, sabe Deus com que longos e arriscados trabalhos, e ficar-me-ia o remorso de estar em Lisboa por tão demoradas horas sem vir ver a minha mãe.

— Dizes bem, Ruy. Tardam em abrir!

— Bato outra vez.

Deu três fortes marteladas e então, poucos minutos passados, assomou ao postigo do portão a cara engelhada de um velho.

— Quem bate, e a que vindes? — perguntou.

— Meu querido Gonçalo, sou eu.

— Santa Maria! — exclamou o velho.

— Não te espantes tanto, homem de Deus, e vem depressa. A minha mãe como está?

— Um pouco melhor dos seus achaques, senhor meu.

— Louvores a Deus! Mas não faças ruído para que se sobressalte!

O Gonçalo Vasques abriu com penoso esforço a pesada porta de carvalho com chaparia de ferro.

— Santa noite, meu querido senhor — saudou, muito dobrado.

— Boa noite, meu velho. Porque foste tu a vir abrir o portão?

— O jovem do portão está doente, e aos outros não há ruído que os acorde. Mas eu ainda não estou em mim, meu querido amo e senhor! A grande alegria que vai ter a senhora D. Dulce! Andava já raladinha de receios e de saudades por vós!

— Pois sim, meu velho, mas sem alvoroto haveis de ir acordar a sua aia, para que lhe dê aviso da minha chegada e lhe diga que ao romper da alvorada irei beijar-lhe a mão.

De olhos pasmados no peregrino, o Gonçalo Vasques levantou de cima do banco antigo de cedro o lampião de aros de ferro e vidros corados, que ali pousara para abrir o portão, e indicou aos dois escudeiros os brandões metidos em argolões de bronze, na extrema do vestíbulo, a um outro lado da larga escadaria.

— Vinde acendê-los para acompanhardes o nosso amo.

Cada um dos escudeiros trouxe uma tocha que acendeu um lampião.

Entretanto, o velho Gonçalo não tirava os olhos do peregrino, mirando-o de alto a baixo com uma grande expressão de espanto e de supersticiosa veneração. Como

poderiam ter entrado na cidade, cercada por terra e mar, o jovem cavaleiro, seu amo, e aquele peregrino de longos cabelos e grandes barbas de neve?! E porque o trazia consigo seu amo Ruy de Vasconcelos? Era isto o que ele a si próprio perguntava, atónito.

Mendo percebeu-lhe a estranheza e aproximou-se dele lentamente, depois de ter observado que ninguém mais poderia ouvi-los, pois os escudeiros se tinham afastado.

— Nem podeis sonhar sequer, Gonçalo Vasques — disse-lhe baixo, com uma grande expressão de tristeza, pondo-lhe a mão no ombro, afetuosamente — que velho é este de tamanha grandeza para vós!

— Senhor, peregrino dos Santos Lugares me parece que sois, mas não me diz a memória que eu algum dia vos tivesse visto!

— Desde jovem, por largos anos, Gonçalo Vasques. Em todos os dias e em cada hora me víeis. Mas tão mudado me trazem as mágoas e os trabalhos, que nem já me podeis conhecer e mais velho pareço do que sou!

— Pela voz me estais a lembrar alguém, a quem muito queria e venerava e daqui fugiu infortunado, fidalgo e senhor com quem me criei! Mas engano certo será dos meus ouvidos e do meu coração de velho! Passaram muitos anos, senhor, que ele se foi! Depois aqui se contou um dia que tinha morrido e houve luto nesta casa! Eu creio que os mortos não voltam.

— Quer Deus às vezes que alguns voltem. De uns sei eu que voltaram, Gonçalo Vasques.

Numa tremura de comoção, o septuagenário pôs nele um olhar investigador, cheio de enternecido interesse.

— Pelo tanto que os ficaram a chorar e pela tamanha saudade que deixaram, de alguns sei eu que deviam de voltar, porém nunca mais ninguém os viu, meu senhor!

— Pois ide avisar a aia da vossa ama e lá em cima eu vos contarei depois o caso de um que voltou — disse-lhe o peregrino, comovidamente.

Em maior tremura, num alvoroço de dúvida, o Gonçalo Vasques tomou o lampião e volveu-lhe em voz rouqueiante:

— Vou, cá vou, e será como dissestes.

Foi para a escada com as pernas a vergarem-se-lhe e o coração a bater-lhe. Doidamente como se quisesse fugir-lhe do peito.

— Pela voz parece-se um pouco!— ia dizendo consigo — Talvez o não tivesse levado a morte. Já tem havido casos assim, consoante dizem os contos antigos. Estou em crer que é ele! Meu conhecido desde novo, por muitos anos, que outro poderia ser?

Entretanto, muito inclinado para o tio, Ruy dizia-lhe quase em segredo:

— Já adivinhou quem sois, o pobre do Gonçalo Vasques! Olhai como as pernas se lhe vergam a tremer por aquela escada acima.

* * *

Tio e sobrinho tinham entrado para a sala de armas, sala alterosa e vasta, de altas janelas de ogiva com vitrais

flamantes. As paredes adornadas de soberbos troféus e panóplias antigas.

Poucos minutos volvidos, o Gonçalo Vasques entrava.

— E então? — perguntou-lhe Ruy de Vasconcelos.

— A criaturinha ergueu-se toda cheia de pasmo e lá foi a tremelicar para os aposentos de dormir da senhora D. Dulce.

— Muito bem.

— Agora escuta, Gonçalo Vasques — disse-lhe o peregrino, aproximando-se comovidamente — Aquele infortunado que há muitos anos foi-se embora, é dos mortos que voltam, e aqui o tens de braços abertos para ti, meu velho.

— Jesus da minha alma, que mo estava a adivinhar o coração! — exclamou com uma neblina de lágrimas na voz e no olhar — O meu querido senhor Mendo Rodrigues, tão amigo e meu protetor, tão grande exemplo de cavaleiros!

— E ainda maior exemplo de desventurados!

— Bendito Deus, ainda que tudo isto não se passasse de um sonho! Deixai que vos beije as mãos! — soluçou, a dobrar os joelhos.

— Velho, de pé, os teus cabelos brancos estão a par dos meus; peito a peito para que os nossos corações se escutem, e nos meus braços, como há cinquenta e três anos tu me erguias nos teus, amigo lealíssimo dos mais devotados que eu tive.

Abraçaram-se comovidos.

— Senhor Ruy de Vasconcelos, meu honrado senhor e amo — disse da porta Marta Vicente, a aia de D. Dulce.

— Saudações, minha boa Marta.

— Bons olhos vos vejam e boa fortuna venha convosco, meu senhor!

— A minha mãe?

— Dela vos trago recado para a irdes ver sem demora aos seus aposentos de dormir. Senhor, está num alvoroço com a boa noticia que lhe dei!

— Pois ide lá dizer-lhe que não tardo um credo em lhe ir receber a bênção.

— Eu vou, meu senhor — disse, olhando insistente, numa grande expressão de estranheza, para o velho peregrino.

E assim que ela se retirou, Ruy disse para o tio:

— Ficai vós aqui, tio e meu senhor, se tal vos apraz.

— Fico, sim. Aqui me acompanhará o nosso Gonçalo Vasques.

— Eu irei dispondo o coração da vossa irmã para tamanha surpresa.

— Deste mal-aventurado morto que voltou — interrompeu Mendo Rodrigues, sempre naquele profundo tom de tristeza que se tornara o timbre de mágoa imutável da sua voz.

* * *

— Gonçalo Vasques, amigo, senta-te.

— Senhor, diante de vós!

— Neste escabelo (tipo de banco), ao pé de mim.

Puxou-o para si brandamente e sentou-se ao lado dele.

— Não bastariam noites inteiras, grandes como noites de Dezembro, para eu te contar os longos anos que sofri. Há de isto ir a pouco e pouco, se a vida me chegar para tanto. Agora o que mais importa é falar desta pobre terra de Portugal, em tamanho perigo de se perder, Gonçalo Vasques!

— E, a bem dizer, por causa da mesma criatura que a vós vos perdeu, meu senhor!

— A rainha comborça!(concubina) — rouquejou Mendo Rodrigues, erguendo-se de repente, as rugas mais cavadas no rosto, a palidez mais lúgubre, os lábios numa contração violenta, o olhar num súbito relampejar de cóleras — Há seis meses me disseram em Inglaterra que, de dia para dia, se tornara mais vil essa loba real, a ladrar amores com um cachorro galego! Contava-se que, a poder de ciúmes, matara o marido, como a poder de ignomínias infamara o

trono, vergonha e afronta de todas as rainhas, vergonha e afronta das piores esposas, ralé degradante das ínfimas bonejas!

— Senhor meu, acalmai-vos por quem sois! — rogou-lhe.

— E pelo que sou — respondeu-lhe, moderando-se — Tens razão, Gonçalo Vasques. Sete anos a arrastar-me na humildade destas vestes, a esmagar o coração contra o meu próprio passado, a pedir a Deus que me levasse ou de tudo me fizesse esquecido, e nem a morte me quis, nem o coração se esqueceu! Não mereci que Deus me ouvisse, e ainda há tempestades de ódio e de cólera neste Mar Morto em que a minha alma naufragou! Em velho, procurarei ser calmo — rouquejou, sentando-se outra vez ao lado dele — Vai-me contando o que sabes desta nossa terra, Gonçalo Vasques. Em Inglaterra só me souberam dizer umas coisas incompletas e mal compreendidas. Anteriormente, em Tunes, onde fui cativo e remador de galés, em Alexandria onde me traficaram como escravo e na Terra Santa onde vivi de esmolas, ninguém sabia e ninguém dizia nada desta nossa terra de Portugal!

— O que vós passastes, senhor Mendo Rodrigues!

— Contos longos de infernal amargura guardo-os para as longas e tormentosas noites de Inverno, se quiser Deus que eu lá chegue. Depois daquela noite de desgraça em que me fui daqui, manchado de sangue e louco de desespero, aquela horrenda noite de Outubro de 1371, que nunca mais me saiu da alma, cheia de negrumes, laivada de sangue...

— Por causa daquela treda mulher de encantamentos, que foi rainha caluniosa dos Portugueses!

— No meu tempo era somente uma adúltera de enfeitiçadora juventude e perversa desvergonha, a quem el-rei doidamente se avassalara.

— Aquele senhor rei D. Fernando, a quem Deus perdoe os tamanhos males que trouxe à nossa terra com tais desonestos amores, que até para ele foram de morte!

— E quem sabe ainda se também para Portugal!

— É verdade, senhor, quem sabe?!

— Mas vai-me tu desafogadamente, como te lembrarem, as coisas de mais importância, que se passaram aqui. De Inglaterra embarquei para o Porto, muito enfermo e em tal desfalecimento de ânimo lá cheguei, tão devorado de

febres, que mal falei do tempo ido com o meu sobrinho Ruy. Nem com ele desafogaria como contigo, meu velho e leal confidente. Guerras sei eu que umas poucas tem havido de ruína e de vergonha nesta desgraçada terra, desde aquela em que eu entrei como tu sabes.

— A do ano de 1369 — disse Gonçalo Vasques — E só essa não foi por causa daquela mulher de tão lindo rosto, que parecia uma santa, e de tão negregado coração, que nem as feras queriam ser o que ela foi! Aquela de 69 anos não trouxe grandes males.

— Foi uma guerra por ambição de el-rei, que meteu Portugal na Liga dos reinos de Aragão e de Navarra, contra o rei Henrique II de Castela, das Astúrias, de Galiza e Leão.

— E nessa Liga entrava também o rei mouro de Granada, segundo ouvi! Um rei mouro!

— Entrava. Dessa não nos vieram grandes prejuízos, bem o sabes. Invadimos a Galiza e tomámos a Corunha. É verdade que também os Castelhanos entraram depois por Trás-os-Montes e pelo Minho e nos tomaram Bragança e Braga e cercaram Guimarães. Mas por ali se ficaram, e só

no ano seguinte se atreveram a cercar a nossa Cidade Rodrigo, com o mesmo nulo resultado com que os nossos lhe foram bloquear o rio Guadalquivir, para render Sevilha.

— As outras que se lhe seguiram foram cem vezes piores!

— Daquela só veio um grande mal, porque de além Minho trouxe el-rei, como seu parcial, a esse cão Galego que se chamava João Fernandes Andeiro.

— Que foi a sua e a nossa vergonha por aqueles amores de infâmia...

— Com a loba real de cabelos fulvos e olhai enfeitiçador, que era Leonor Teles. Quando eu parti, estava el-rei já com a intenção de quebrar o ajuste do seu casamento com a infanta de Castela, pois já o tinha avassalado a formosa esposa de João Lourenço da Cunha (*).

[(*) Tinha casado com D. Leonor Teles em 1368.]

— Dali veio então a causa de todas as guerras que nos têm afligido! El-rei queria à força casar com ela, sem lhe importar que fosse casada e tivesse o marido vivo. O povo soube do desvario e amotinou-se. Foi então que el-rei fugiu com ela e lá se foi casar para os lados do Porto, em Leça do Bailio; pouco depois do vosso tamanho infortúnio. Mulher de dois maridos! Mas os reis podem muito, e o Santo Padre lá deu por desfeito o casamento com o outro, que fugiu para Castela. Ouvi dizer que por lá andava na corte, com tal descaramento e escárnio da sua própria afronta, que trazia na gorra, em guisa de plumas, duas pontas de ouro.

— Que abjeto homem e que pervertidos tempos estes nossos!

— O povo sentiu pelo rei a vergonha que ele não sentia! Alvorotou-se Lisboa; mas o que podia o pobre povo, se tantas pessoas da nobreza e tantos prelados se conformavam com aquela rainha sem vergonha? Os mais audazes foram esganados pelas justiças de el-rei e, na cabeça de todos eles, um tal Fernão Vasques, alfaiate que valia tanto como se fosse um destemido cavaleiro! A esse o

vi eu a espernear na forca, depois de lhe terem decepado as mãos. (*)

[(*) Os tumultos do povo de Lisboa, encorajados pelo alfaiate Fernão Vasques, foram os primeiros protestos de uma revoltas popular pelo pudor contra Leonor Teles.]

— Ouvi em Inglaterra que o rei Henrique de Castela muito se ofendera pela quebra do ajuste de casamento com a infanta sua filha, que o senhor rei D. Fernando trocara por Leonor Teles...

— A Flor de Altura como por cá lhe chamavam na corte, meu senhor.

— Flor de perdição para tantos homens e para esta terra é que ela o foi! Flor que entontecia pelo muito que tinha de bela, e matava nos seus espinhos como se fossem línguas venenosas de serpentes! Em Bristol me contaram que o rei Henrique de Castela declarou guerra ao nosso por aquela ofensa, e então se aliou D. Fernando com o rei de Inglaterra e veio cá o Conde de Cambridge.

— Dessa aliança de reis nada vos sei dizer, meu senhor; mas o que eu sei é que aí chegaram muitos ingleses, gente dura e feroz para combater e dizem que ainda pior para destruir e rapinar, se eram certas as queixas que deles fazia o povo. Anos terríveis de desgraça para a nossa terra! Nem a pior peste, nem o mais horroroso terramoto, nos podiam trazer mais ruínas, mais lágrimas, tamanha perda de vidas, tal medonha levada de sangue!

E Gonçalo Vasques levantou-se numa atitude de desespero.

— Vieram os Castelhanos pela Beira dentro, tomaram e destruíram cidades, vilas, aldeias! Queimadas, em cinzas, tudo raso até chegarem a Coimbra! E foi nesse triste ano de 1372 que a loba real, como vós lhe chamais, teve uma filha, a infanta D. Beatriz, causa desta guerra de agora e, ao cabo de contas, ainda uma causa que vem da maldita mãe que tinha, Deus me perdoe!

— Eu sei. É a esposa do rei D. João I de Castela.

— Esposa de doze anos, meu senhor; uma criança com quem os Castelhanos andam a jogar contra nós! A pobrezinha pode lá entender esses enredos em que a

meteram? Ainda ela andava no berço e já lhe andavam a tratar do casamento! Uns poucos de casamentos, que se iam ajustando e desmanchando enquanto a infantazinha ia crescendo! Nunca se tinha visto coisa assim! Depois de lhe terem arranjado dois noivos diferentes de Castela, chegaram a celebrar-lhe as bodas com o filho de um duque inglês, que aí veio. E ela com nove anos! Depois, ainda outro noivo de Castela, porque o noivado com o Inglês desfez-se, e por fim, o ano passado, a foram levar à fronteira, pobre menina de onze anos, para que fosse esposa do rei viúvo de Castela.

— E para que lhe servisse de joguete político, está-se a perceber, para o rei castelhano reclamar a coroa, a bandeira, as tradições, o brasão, o próprio nome desta nossa terra, com tanto amor e tamanho esforço erguida no Mundo! Mas dá-me ideia de que foi a invasão de 1372 (*). Os Castelhanos tinham chegado a Coimbra, disseste.

— E de lá vieram sobre Lisboa, que não tinha então os muros e torres que se fizeram, três anos depois.

— Isso já eu notei. As muralhas que eu conhecia faziam a cidade mais pequena e muito a confrangiam em volta do

monte do Castelo.

— Pois a nova cerca quem a ergueu foram os braços do povo. Fazei ideia, senhor, que, há onze anos, os Castelhanos do rei Henrique puderam ter o seu arraial no alto de S. Francisco e a cerca nova vai entestar agora com o monte de Santa Catarina! O terror que foi aquele cerco de 73! Deitaram fogo às casas e assolaram tudo à volta da cidade, aqueles excomungados de Castela! Mas, ao menos, não os deixaram entrar cá dentro. No ano de 1381 houve outra invasão e a perda da nossa armada nos mares de Castela! Pudera! Ia a comanda-la um irmão da loba, para que todas as nossas desgraças proviessem dela! Logo no ano seguinte se fizeram as pazes com Castela e ainda foi pior que as fizessem! O rei castelhano tinha ficado viúvo, e logo a comborça real se lembrou de lhe dar a filha em casamento, para ficar mais segura no trono. E lá foi levar-lha a Elvas. Aquela seria a herdeira da coroa dos nossos reis, e como tal se disse que lhe juraram lealdade os fidalgos de Portugal e Castela, para o caso de el-rei não ter filho varão legítimo que lha herdasse.

— Não tinha?

— Teve um... Tinha nascido no paço, no ano anterior. Era filho varão da rainha D. Leonor Teles.

— Percebo.

— Contou-se que el-rei o tinha esganado à nascença! Deus me perdoe se assim não foi!

— Havia de ter sido, Gonçalo Vasques. O mísero rei devia andar ralado de ciúmes, cheio de infernais desesperos aquele seu coração cobarde.

— Meio morto e de dela escravo é que ele andava, meu senhor! Quem reinava era ela, e a quem tinha amor era o Galego João Fernandes Andeiro, feito Conde de Ourém, por graça de el-rei.

— Miséria de rei! Podia fazer da coroa a insígnia de escárnio que João Lourenço fizera da gorra! Nas suas horas de perfídia, a comborça arrancar-lhe-ia dos ombros o manto do pai, o rei justiceiro, do avô, o bravo do Salado, para lho transmudar em almadraque do conde Galego! Cobarde para ser rei, cobarde de mais até para ser homem! Viu alguém que fosse rebater os invasores de Castela à frente da sua hoste, como os reis de quem provinha?

— Ninguém, senhor! Na guerra de 73 meteu-se em Santarém, todo perdido de amores, pela sua enfeitiçadora, e não houve súplicas que o tirassem de lá! Lisboa e o Reino que chorassem os seus males e se defendessem como pudessem. Até se conta que a Rainha se regozijava com as tamanhas desventuras que Lisboa estava a sofrer!

— E porque essa inaudita perversidade?!

— Porque Lisboa tivera vergonha pelo rei e fiz uma revolta contra aquele casamento.

— E o poltrão a tudo se dobrava! Tinha dentro em si um inferno de zelos, sentia-se enterrar numa sepultura de lama, e só a coragem lhe chegou para estrangular uma criança! Fosse como qualquer homem honroso, e tinha apunhalado a comborça mesmo nos degraus do trono.

— Tal como o irmão bastardo, o senhor infante D. João, matou a irmã da loba.

— Maria Teles! Mas essa, menos linda que a irmã, era honesta como ela nunca foi!

— Senhor, pois por causa da irmã foi que o marido lhe deu morte cruel e traiçoeira. A loba receava que D. Maria,

casada com o bastardo de um rei, viesse ainda a fazer-lhe sombra, e levantou-lhe a calúnia de esposa infiel.

— Para desse modo a irmanar consigo.

— Armou-lhe a intriga, teve quem fosse meter a calúnia nos ouvidos do marido de D. Maria Teles, e D. João lá foi a Coimbra matá-la como um animal!

Ouvi que lhe retalhara a golpes de adaga aquele seu corpo de neve!

— Tempos torpes estes nossos! Da morte do Conde Andeiro soube eu na cidade de Londres.

— Tinha de ser, meu senhor. Aquilo era vergonha de fazer corar um judeu! E a cadela coroada cada vez com menos vergonha! Não seria injúria nenhuma se lhe prendessem na coroa o véu açafroado daquelas que não podem viver entre gente honesta (*).

[(*) Era o véu que naquele tempo tinham obrigação de usar as mulheres perdidas, para que não as confundissem com as outras.]

— O Mestre de Avis matou o Galego com um golpe de adaga. Foi o que eu ouvi em Inglaterra e depois no Porto.

— Deu-lhe o golpe depois de o ter levado para o vão de uma janela do paço. Mas quem acabou de matar o Andeiro foi um fidalgo de nome Ruy Pereira, homem de ânimo destemido.

— Conheço-o. Vem na armada do Porto.

— Foi a 6 de Dezembro do ano passado que o mataram. El-rei D. Fernando tinha falecido a 22 de Outubro, e a 22 de Novembro, tinham sido as suas exéquias.

— Boa memória têm os teus setenta e quatro anos, Gonçalo Vasques!

— Senhor, o coração ajudou-a a não esquecer estas datas, que lembram desgraças da nossa pobre terra de Portugal! A morte do mísero rei pôs o povo em grande mortificação. Logo se percebia que o rei castelhano havia de vir pela herança da coroa. Nem ele casou para outro fim com aquela infanta de onze anos. E com a coroa o Reino. O povo bem sabia que dos fidalgos havia alguns do lado da

rainha comborça e muitos do lado da infantazinha, rainha de Castela.

— A herança maior era a de Portugal para os Portugueses. A maior e a única legítima herança.

— Essa, meu senhor, só teria poucos fidalgos que a defendessem, embora alguns valessem por muitos. Ai de Portugal, se não tivesse por si a alma e o braço do povo! O Mestre matou o Andeiro, mas quem fez a revolução foi o povo. Aqui em Lisboa e no Porto. As duas melhores lanças que tem Portugal são a do Mestre e a de um jovem cavaleiro que lá anda a lutar pelas terras do Alentejo e já venceu uma batalha aos Castelhanos.

— Um bastardo do Prior da Ordem dos Hospitaleiros, um rapaz de assombroso valor, Nuno Álvares Pereira.

— Senhor, esse mesmo é.

— Fala-se dele em Inglaterra, e muito hoje a ele se referiu o teu amo Ruy.

— Vale esse mais, todos o dizem, que três dobros dos outros que são pela rainha criança, esposa do rei castelhano. Senhor Mendo Rodrigues, perdoai-me o

desafogo, mas até esses dois, o Mestre e Nuno Álvares, são como se fossem do povo, e o Mestre do povo descende também.

— O Mestre por ser filho de Teresa Lourenço; bem sei.

— E Nuno Álvares, bastardo como ele, porque a sua mãe Iria Gonçalves, ao que me contaram, se não é bem da gente humilde, muito mais está chegada ao povo que à ilustre nobreza destes reinos. Iria Gonçalves foi cuvilheira(*) da senhora infanta, rainha de Castela, ainda esta era pequenina.

[(*) Cuvilheira tinha ali o significado de camareira-menor do paço. Na aceção geral, o termo indicava uma criada grave de casa nobre. O termo mais tarde passou a designar a mulher intermediária de amores ilícitos ou dada a alcovitices.]

— Senhor, perdoai! Dais-me confiança de amigo e eu falo-vos com o coração nas mãos. Regala-me ver que os da minha semelhança também servem para opor os embargos do seu sangue a essa herança, que seria a morte de Portugal.

— Dizes bem, Gonçalo Vasques. Honrado esse teu orgulho, meu velho! — volveu-lhe o fidalgo, abraçando aquele septuagenário, que o apertava a si numa tremura de comoção.

* * *

— Mendo! Meu desventurado irmão! — dissera da porta da sala uma dama de singular palidez.

E foi para o peregrino de braços abertos, o peito num arquejar violento, como se o agitassem ondas de soluços.

— Dulce! — rouquejou Mendo, recebendo-a nos braços — Minha irmã! — disse, beijando-a, a tremer, os olhos afogueados em lágrimas — Aqui tens o espantoso desgraçado que supunhas morto.

— Ouviu-me Nossa Senhora, meu querido Mendo! O meu coração pedia-lhe por ti, mesmo quando todos te davam por morto. Eu não podia desmentir o boato, mas olha que trazia comigo uma voz a dizer-me bem que podia

Nossa Senhora fazer-me o milagre de trazer-te. E ouviu-me e trouxe-te, bendita seja a sua infinita misericórdia!

— Merecias tu que te ouvisse; eu não, que tantas vezes, sem remédio, lhe pedi a morte.

— Que envelhecido vens, meu pobre irmão! Mas eu já sei o muito que padeceste. O Ruy contou-me tudo.

— O pouquíssimo que eu tive ocasião de resumir-lhe, minha Dulce.

— Mas voltaste, mas tenho-te aqui. Bendita noite!

E sentou-se no escabelo de espalda, extenuada, a respirar a custo.

— Senta-te aqui ao pé de mim. Eu por qualquer coisa me afadigo. Aqui, sim?

— Contaram-me que tens estado enferma, que tens padecido muito — disse-lhe o irmão afetuosamente, sentando-se ao pé dela.

— O mal maior é do coração, assim como se muitos punhais o tivessem ferido e ficassem cravados nele, para que nunca mais as feridas fechassem.

Cansou, respirava oprimida.

— Eu sei, Dulce. Por mim também, pela minha desgraça, e pelo meu crime, a dor, que veio agravar a tua viuvez. A que eu te causei, pior ainda, porque foi também de vergonha.

— Não, não! Não se fala agora dessas coisas mortificadoras.

— Sim, tranquiliza-te.

— Voltaste, temos-te aqui; eis o milagre consolador.

— Mãe e senhora — disse-lhe Ruy, que estivera a falar baixo com Gonçalo Vasques.

— Diz.

— Vai levando-se a madrugada e o meu tio e senhor há de precisar de repouso.

— Ah! Certamente — confirmou Dulce.

— Não te preocupes por mim.

— Tivemo-lo no Porto sempre a arder em febre, e em toda a viagem quase não pôde levantar cabeça! — disse

Ruy para a mãe.

— Senti alma nova quando avistei a serra de Sintra; enrijei com os ares de Lisboa.

— Mãe, chorou como uma criança quando a terra se avistou!

— Saudades de doze anos. Aqui nasci, aqui me criei, e só daqui me levou um vento louco de desgraça. Já que a morte me não queria para si em terras estranhas, aqui a viria esperar, nesta linda terra, à qual tanto queria e quero, mal afortunada terra, minha segunda mãe, de tanta desventura como eu!

— Mendo, e quem sabe ainda para que maiores infortúnios?! — disse, relanceando um olhar de amargura para o filho — Se Deus a desamparar e os bons homens não bastarem para lhe acudir!

Ouviram-se os sinos próximos.

— Já se ouve o toque das matinas! — notou Ruy — Uma cidade alvoroçada madruga mais cedo!

Foi a uma das janelas, destrancou-lhe as portas e entreabriu um pouco a vidraça, de cores vivas e pinturas de batalhas, por maneira a evitar que a aragem fresca da madrugada pudesse fazer mal à mãe.

— Serão três horas, se forem. Ainda é luar como de dia! Anda o povo impaciente: Está a tocar o sino grande da Sé.

Fechou a janela. D. Dulce erguera-se, e todos de pé, de mãos postas, rezaram baixo o avé maria matinal.

Ruy foi beijar a mão à mãe.

— Filho, Nossa Senhora esteja contigo — disse, dando-lhe a bênção e beijando-lhe a face carinhosamente.

— E convosco, mãe e senhora minha.

— Tio, a vossa bênção — pediu-lhe, beijando-lhe a mão.

— Que o Deus dos oprimidos e da suprema justiça te ampare e seja pela sua glória, cavaleiro fidalgo, que tanto esforço deve ao teu nome e tanto tens de pagar à tua terra pelo teu foro de homem leal e para resgate das tamanhas desgraças que outros causaram.

Abençoou-o com uma grande solenidade religiosa e depois abraçou-o.

— Ruy, eu sei que tens sido dos mais esforçados como és dos mais jovens entre quantos são a derradeira esperança de Portugal, homens de prole (*) ou homens da plebe, que de uns e outros, da alma e do sangue de todos, carece agora Portugal. Bem hajas, cavaleiro. Bendita seja a tua espada; bendito seja o teu sangue!

[(*) Prole, ou simplesmente prol, como os antigos escreviam, designando ascendência nobre.]

Numa comoção profunda, Ruy tomou-lhe as mãos febrilmente e beijou-lhas.

— Ama e senhora minha — disse Gonçalo Vasques para D. Dulce, dobrando-se a tremer — glorioso dia seja este que vai começar, para todos os vossos, para todos os nossos.

— Deus vos escute, Gonçalo Vasques.

Apareceu à porta um escudeiro.

— Senhor cavaleiro — disse curvando-se.

— Que me quereis?

— Chegou recado do Mestre para lhe irdes falar ao paço de Apar S. Martinho, antes que rompa a manhã.

— Em breve estarei com sua senhoria. Quem trouxe o recado?

— O próprio Juiz do Povo.

— Então é o meu afilhado Afonso Eanes — disse D. Dulce — E não o mandaram entrar?! — disse para o escudeiro.

— Senhora, ficou à espera de resposta na sala baixa do recebimento.

— Pois que suba. Ruy, vai tu lá buscá-lo.

— Da melhor vontade, mãe e senhora minha.

E saiu com o escudeiro.

— Quem vem a ser esse Afonso Eanes? — perguntou Mendo.

— Um honrado tanoeiro, de quem certamente já te esqueceste. Aqui veio muitas vezes, e dois anos depois de saíres do reino casou-se e fui eu madrinha da noiva, uma honesta rapariga que se criara em casa da nossa tia D. Úrsula, que Deus tenha consigo.

— Não me recordo. É ele então o Juiz do Povo?

— É. E o mais que ele tem sido dizei-o vós, Gonçalo Vasques.

— Homem de espada, aquele mestre tanoeiro, homem para saber falar ao Povo e ir adiante dele! — informou o velho com o seu adorável desvanecimento de plebeu — Quando foi a reunião do povo e de alguns fidalgos no alpendre de S. Domingos, para se decidir se o senhor Mestre de Avis havia de ser ou não nomeado Regedor e Defensor do Reino, isto em Dezembro do ano passado, alguns houve que lhes puseram dúvidas; mas Afonso Eanes falou-lhes claro e forte, de mão na sua espada de mesteiral, e venceu o que ele disse e quis, e o Mestre foi nomeado. Desgostoso pelos poucos fidalgos que estavam com ele e pelos fracos meios que tinham para defender Lisboa, o Mestre chegou a querer ir para Inglaterra, ou fingiu que tal

era o seu intento; mas Afonso Eanes tomou-lhe as rédeas do cavalo e disse-lhe resoluto que tal não fazia, porque o povo não queria ser de Castela e só ele devia ser o guia e o chefe do povo. Aquele é bem o Condestável do povo.

[(*)Condestável – era um título nobre. O Condestável de um reino funcionava como o seu guardião pois era dado o comando das forças armadas e atuava como o braço direito do rei.]

— Entrai, mestre Afonso Eanes — disse da porta Ruy de Vasconcelos.

— Santa madrugada — disse o Juiz do Povo, entrando enleado, ele que nas praças, à frente das turbas, ou nos alpendres de S. Domingos, falando à sua gente e aos nobres, era homem de resolução desenvolta e sem papas na língua.

Foi direito a D. Dulce e saudou-a, dobrando-se, a ponteira da sua larga espada a arranhar o ladrilho da sala.

— Madrinha e senhora da minha maior veneração! — disse-lhe.

— Muito me apraz ver-vos aqui, honrado Afonso Eanes. Vossa mulher e filha, estão bem?

— Louvores a Deus, bem, senhora minha.

— Trazeis-me então recado de urgência para o meu filho?

— O Mestre quer ouvir o vosso filho a respeito de mais umas coisas da armada que veio do Porto.

— Haverá luta?

— Senhora, talvez daqui a poucas horas.

— Deus seja por nós! — murmurou D. Dulce, num confrangimento do coração.

— Senhor Afonso Eanes, vou pôr a cota e os braçais. Será demora de instantes, e aqui voltarei depressa para ir falar ao Mestre.

Saiu. Mendo Rodrigues falava baixo com Gonçalo Vasques ao pé de um grande troféu de armas, que tinham sido glorificadas na batalha do Salado (*).

[(*) Batalha travada nas margens do Rio Salado, entre a Penha del Ciervo e Tarifa nos fins de Outubro de 1340. O rei de Castela pedira a el-rei D. Afonso IV de Portugal, seu sogro, que o fosse auxiliar contra o poder formidável do rmarroquino, Abul-Hassan, que viera à Espanha, com um exército enorme, e tinha por aliado o poderoso rei mouro de Granada, Aben-Hamed-Jusuf. O rei de Portugal entrou em Castela com o seu punhado de portugueses e naquela colossal batalha, contra quatrocentos e quarenta mil mouros da África e da Espanha, foi D. Afonso IV que desbaratou o rei de Granada, antes mesmo que o monarca de Castela houvesse vencido o de Marrocos. Foi uma das maiores batalhas da Idade Média.]

— Afilhado — dizia D. Dulce a meia voz para o famoso caudilho da plebe — o meu dever de mulher Portuguesa, devoção e dever, não me consente mágoas e receios diante daquele filho, que é toda a minha vida; pertence à Nação o seu braço e o seu sangue; mas o meu pobre coração de mãe todo mortifica-se em temores de morte, cada vez que esse jovem temerário se afasta de mim!

— Senhora, que remédio! Matar-nos-iam Portugal, se já não houvesse quem por ele desse a vida!

— Eu sei, afilhado. Esse é o dever, maior em mim do que em outras mães, a quem não couberam os encargos de família que eu tenho. O avô de Ruy morreu no Salado; o pai, bem o sabeis, há três anos o mataram os Castelhanos na desastrosa batalha naval de Saltes. Mas os meus receios de mãe nunca diante dele os disse. Andam comigo emudecidos. Quando daqui saiu á armada para socorrer o Porto e voltar de lá mais forte de gente e de navios, Ruy ofereceu-se para ir nela, como também sabeis, no intuito de trazer de lá a gente armada da nossa casa e terras de Riba-Douro. Muito louvei o fidalgo-cavaleiro por tal resolução, mas Deus me livre que ele saiba as muitas lágrimas que pela sua causa chorei.

— Madrinha e senhora, como não havíeis vós de proceder assim pelo vosso ilustre nome e pelo vosso sangue nobre e leal, se até as mães sem apelidos, esfarrapadas da arraia-miúda,(*) têm feito o sacrifício dos seus filhos nesta contenda contra quem nos quer levar a coroa que era dos nossos reis e a bandeira que é de nós todos? Senhora, algumas há que têm perdido todos os seus filhos e vão com

os filhos das outras para os muros e torres em guisa de peonagem, para se baterem com os de Castela!

[(*) Arraia-miúda é uma expressão ou um calão para designar a plebe, isto é, a povo comum sem representatividade.]

— Podem fazê-lo.

— Eu sei, senhora minha. Nas suas condições, os trabalhos endureceram-lhe o ânimo. Ferro que a má sorte malhou a fogo, tomou a rijeza do aço. Parece que se lhes mudam em sangue as lágrimas que tinham o direito de chorar! Há três semanas, senhora minha, morreu ao pé de mim, às Portas de Santa Catarina, com o coração trespassado por uma lança castelhana, uma pobre mãe coberta de luto. No começo do cerco mataram-lhe o marido; dois filhos morreram-lhe um mês depois a defender a torre de Álvaro Pais! Andava ralada de mágoas, roída de fome, e ainda teve ânimo para ir combater! Vós, senhora, fazeis sacrifício diferente; mas a verdade é que o fazeis em proveito da nossa causa, ocultando do vosso filho choros e

receios que podiam quebrar-lhe o ânimo, e ele é dos mais valorosos e dos que mais valem entre quantos ficaram leais a Portugal.

— Muito dado a proezas e sonhos de cavalarias novelescas. Olhai o seu louco desafio ao Condestável de Castela, muito empenho em imitar o jovem Nuno Álvares, e aqui tendes porque eu sinto receios maiores do que outras mães.

— Mestre Afonso Eanes, podemos sair — disse o jovem cavaleiro, entrando de bacinete (*) emplumado, cota e braçais.

[(*) O bacinete era a parte da armadura que defendia a cabeça. Viterbo no seu Elucidário chama-lhe morrião ou chapéu de ferro. Podia ser singelo, sem viseira ou cara, ou de camal, que era a peça destinada a defender a boca, os queixos e a garganta.]

Não trazia armadura completa porque só era possível o combate a pé.

Na cidade tinham morrido de fome, tinham sido abandonados à voracidade dos mendigos, ou posto fora por falta de rações, quase todos os cavalos de luta existentes no princípio do cerco. Lançados para fora dos muros quase todos, logo depois de terem expulsado como bocas inúteis os judeus e as aventureiras de véu açafroado.

— Tendes-me à vossa disposição, senhor Ruy de Vasconcelos.

— Mãe e senhora minha — disse, aproximando-se dela para se despedir.

D. Dulce levantou-se numa tremura, que inutilmente tentava disfarçar. Afogueara-se-lhe levemente o rosto, imensamente pálido.

— Filho, que Deus te abençoe como eu, e que seja pela glória do teu nome e da nossa terra a minha bênção — disse, dando-lhe a mão a beijar.

De súbito se ouviu o som distante dos sinos tocando a rebate; D. Dulce fez-se lívida e sentou-se com um grande desfalecimento de ânimo.

Gonçalo Vasques abriu as portas da janela e levantou a cortina. Uma lufada de ar frio da madrugada apagou umas tochas, que ardiam cingidas em argolas de ferro, e encheu a sala com a repercussão confusa das vozes do povo, do tropel da peonagem, de centenas de timbres dos sinos das igrejas e dos sinos de alarme das setenta e sete torres que havia nas muralhas da cidade.

— Torva madrugada! — exclamou, agoirento, o velho aio, num relance de olhos para o céu escuramente nublado, a contrastar agora com a noite luarenta e limpa daquele domingo que acabara há apenas três horas.

— Senhora, não vos sobressalteis — dizia o tanoeiro — Isto é apenas o alarme para pôr toda a gente em armas e chamar aos muros e torres da cidade uma parte da peonagem. Convém entreter assim os sitiadores de modo a persuadi-los que vamos fazer-lhe uma sortida. Entretanto irão-se dispondo na Ribeira as forças que têm de ajudar a entrada dos nossos navios.

— Vai passando o tempo, mestre Afonso Eanes! — veio lembrar-lhe Ruy com impaciência.

— A armada não começará a entrar senão na maré da hora de terça. Senhora, Deus fique convosco — disse, despedindo-se.

— E seja por nós todos.

— Mãe e senhora, adeus!

— Filho, até quando puderes voltar.

— Uma palavra — pediu o peregrino, tomando o sobrinho de parte — Mantém o meu segredo — disse-lhe baixo — Para o Mestre e para todos serei o que já se disse que era. Um velho cavaleiro de Riba-Douro, que andou pelo Mundo em cavalarias andantes e no fim fez voto de peregrinar pelos Lugares Santos, ocultando de todos o seu nome. Aqui recomendei que não o divulguem.

— Tio e senhor, ficai descansado.

Saíram. D. Dulce dobrou-se no escabelo, a soluçar.

Magotes de homens armados passavam na rua vociferando cóleras contra os sitiadores. Atrás uma multidão de mulheres cantando esta rude trova de desafio aos traidores e aos Castelhanos:

Esta es Lisboa presada,

Miradla e deijadla,

Se quizíeredes carnero

Se quizíeredes cabrito

Qual dieron a el Obispo.

Assim de escárnio e de ameaça para os de Castela e para os de cá, era esta a canção dileta da plebe, desde os dias da revolta em que o Conde Andeiro, o vadio galego, caíra assassinado no paço do Limoeiro, e o bispo de Lisboa, um Castelhano, fora atirado de uma torre da Sé para o lajedo do adro.

O Andeiro fora golpeado a poucos passos da rainha amante, e o bispo, enrodilhado na sua batina roxa, viera cair aos pés da multidão enfurecida, que lhe descarnou às chuçadas os ossos esmigalhados e, em uivos de ódio, o levou de rastos, dilacerado, pelas ruas lamacentas da cidade, como se fosse um cão morto!

Têm destas alucinações medonhas e destas ferocidades odientas as revoltas dos povos que mais se humilharam e mais sofreram!

São as iniquidades monstruosas da sua dor e das suas vergonhas.

CAPÍTULO III

O FILHO DE D. DULCE

Ainda não tinha clareado bem a manhã, porque o sol nascente mal se percebia através do toldo, escuro das nuvens, quando o Mestre saiu do paço de Apar S. Martinho, com o seu pequeno estado-maior de fidalgos, o seu conselho de estado de mecânicos da Casa dos Vinte e Quatro, um séquito de pajens e escudeiros e uma tumultuosa comitiva de mulheres e farroupilhas da plebe, que desde alta madrugada o esperavam nas imediações daquela grande e sombria edificação real.

A um lado do Mestre, já armado para combater, o Arcebispo de Braga, de bacinete como um cavaleiro, mas em vez de plumas, uma pequenina imagem dourada da Virgem, arnês sob a roqueta, o cinturão da espada a cingir-lhe a batina; do outro lado, de gorro negro e beca de seda aleonada, o chanceler João das Regras.

Poucos passos atrás, um clérigo minorista com o escudo do arcebispo campeador, e ao lado dele o padre João de Azambuja, amigo íntimo e companheiro de infância do Mestre; meia dúzia de homens de prole, com os seus pajens e escudeiros, e com eles Ruy de Vasconcelos. Os vereadores da câmara com a sua bandeira nova, em que a cruz vermelha da Ordem de Cristo abraçava os castelos antigos do brasão nacional, o Juiz do Povo e os vinte e quatro deputados dos homens de ofício.

Depois, a turbamulta.

Iam à Sé ouvir missa; depois seguiriam para a Ribeira, onde o arcebispo já tinha tudo preparado para o embarque da gente de armas que havia de ir dar a mão aos das naus e galés surtas em Cascais.

No adro do templo estava o anadel-mor dos besteiros com um troço deles como se fosse um guarda de honra dos nossos tempos. Na frente com as suas vestes flamantes e os seus bacinetes de altas plumas vermelhas, os trombeteiros com as grandes trompas de prata, as longas do tempo do rei Pedro I.

Mal avistaram o Mestre e a bandeira da cidade, logo fizeram vibrar as trompas numa saudação triunfal, que os sinos das torres acompanharam em frenéticos repiques.

Foi breve a missa. Enquanto descem à Ribeira, metamos nós por entre os magotes de gente estremunhada e faminta que vai para as igrejas fazer preces ou corre aos muros e às torres para ajudar a defesa e dar entrada dos navios chegados do Porto. Tomemos o caminho do Castelo de S. Jorge para ver de alto, num relance de olhos, o panorama daquela linda Lisboa que muito crescera nos últimos vinte anos a despeito de todas as suas desventuras.

É para nós um espetáculo curioso, magnífico; havia de ter para os Portugueses daqueles tempos um aspeto comovedor, de carinhoso desvanecimento e de alanceados receios.

Trezentos anos antes a Lissibona moura toda se aconchegava em pinha pelas encostas do monte da Alcáçova (onde hoje se ergue o Castelo de S. Jorge), em contacto com o seu grande rio apenas pelo bairro excêntrico da Alfama.

O monte da Graça e a colina onde foi edificada a igreja de S. Vicente ficavam nos arrabaldes da pequena cidade mourisca. O Rossio era um esteiro por onde as marés resfolgavam; o monte do Carmo um áspero relevo dos terrenos convizinhos daquela cidadezita maometana.

Volvidos dois séculos, a Lisboa portuguesa tinha uma cerca mais ampla, mas ainda não abrangia o Rossio nem S. Vicente, por muito cingida ao monte do Castelo; porém já se desafrontava dos lados do Tejo, para lá da Porta da Alfofa e da Porta do Sol, até chegar à praia, entre a Porta da Judiaria pelo nascente e a Porta do Mar pelo poente, muito vizinha da Ribeira Velha.

A cidade tinha crescido admiravelmente; mas a cidade conquistada e agora ocupada por cristãos, já não cabia no seu encerro de muralhas e saltara para fora delas, formando núcleos de povoação até ao moderno largo do Loreto e às vizinhanças do Corpo Santo pelo Oriente, e até além de S. Vicente, nas convizinhas de Santa Apolónia, pelo Ocidente.

Da ladeira do Castelo bracejara até ao Caracol da Graça e ao monte de Santana.

Foram estes os arrabaldes vandalicamente assolados pelos Castelhanos em 1373, quando a tenda real do invasor podia erguer-se, a curta distância do Rossio, no monte de S. Francisco.

Agora, naquele ano de 1384, as muralhas novas, construídas nove anos antes, abrigavam quase todos aqueles núcleos de população. O acampamento dos Castelhanos vinha a subir de Santos para os altos da moderna Estrela até Campolide e dali tomava para o alto do Andaluz e pela baixa da Corredoura ao monte da Graça, fechando o vale de Arroios, para trepar às encostas de Xabregas, a cavaleiro do Tejo.

Se a manhã não estivesse nublada e o sol rompesse em triunfais esplendores, que soberbo espetáculo não seria aquele!

Mesmo assim imponente, porque não havia negrumes no céu que de todo pudessem velar a exuberância de luz de uma manhã de Junho, pondo em tudo aquilo uma densa tristeza de sombras, nem o sol ia subindo tão oprimido e afrontado de nuvens que, de um para outro momento, não lograsse esfarrapá-las de arremesso, para que a sua

querida cidade, de séculos remoçada e sempre linda, lhe visse a face de ouro resplandecente e se não julgasse também ao desamparo daquele decorador, amorável e omnipotente, de quanto ela tinha de belo, de antigo, de glorioso.

Luz de apoteose a dar alma e voz às pedras santas das igrejas e às pedras musgosas das ruínas, luz vivificadora para fazer cantar numa aleluia de amores as fontes e as montanhas, luz evocadora para ressurgir as grandes figuras mortas, luz de sonho para um dia melhor em cada lar e para uma melhor ambição maior em cada povo.

Viesse ela misericordiosamente naquele dia de atormentada crise, e todas as pobres mães enlutadas menos amarguradamente se resignariam, e talvez os famintos pudessem também sonhar dentro daquela cidade angustiada, sozinha agora a defender um nome, uma bandeira, a história e o futuro de uma nacionalidade.

* * *

Vinha do oeste uma aragem viva e forte que fazia esvoaçar doidamente, como se fossem grandes pássaros de flamante plumagem, todos os pendões erguidos nas setenta e sete torres da cidade, e mais as centenas deles de desvairadas cores e soberbos emblemas que tinha o longo acampamento castelhano, cidade branca de vinte e cinco mil homens, quase metade da outra dos sitiados.

E pela amplidão do Tejo, para os lados do Rasteio velho, as bandeiras e galhardetes das quarenta naus e catorze galés de D. Juan Fernandez de Tovar, almirante-mor de Castela.

Avistava-se bem o pavilhão da tenda real em Santos, percebiam-se os piques, as lanças, os pendões da gente castelhana que ocupava o pontal de Cacilhas, o monte e a povoação de Almada.

Centenas de trombeteiros castelhanos atroavam os ares com os seus alardes de farroncaria.

Na torre mais alta do Castelo, fidalgos e batalhadores inválidos, de cabeça branca e arcaboiço dobrado, curiosos inúteis, mulheres e crianças de várias condições sociais,

esperam de olhos pasmados o lance gravíssimo, que pode ser a salvação ou a perda irremediável da cidade.

— Anjo bento, que tamanho poder eles têm! — comentava doloridamente uma pobre mulher com um filhito ao colo.

— Pudera, não! — disse-lhe do lado um velho de aspeto fidalgo, cavaleiro a quem tinham mutilado os dois braços naquela campanha da Galiza em que a hoste do rei Fernando tomou a Corunha — Tudo aquilo é para levarem a herança que nós não lhe queremos entregar. E com tão avultada gente de guerra, a principal, a mais poderosa e soberba de todas as Espanhas; das duas Castelas, de Leão, das Astúrias, da Galiza, da Navarra. Até cavalaria de cavaleiros mouriscos de Andaluzia!

— E non diz vos mais cavaleiros franceses e homes d’armes do Bearne e de Gasconha dos mille — informou por detrás do mutilado, naquela sua língua de trapos, um homem alto, vermelhaço, que já entendia sofrivelmente a língua portuguesa, mas não era capaz de falar senão naquela forma atrapalhada.

Este novo interlocutor era o inglês micer Percivel, a quem o Mestre dera o encargo de tesoureiro, em substituição de D. Judas (Judah-Aben-Mosseh-Navarro) judeu rico e preponderante, que fora tesoureiro de el-rei D. Fernando e por ser um dos parciais da rainha D. Leonor Teles com ela fugira de Lisboa, logo às primeiras convulsões da revolução.

— Se aqueles negregados metem no fundo a tal armada do Porto, o que será então de nós!... — disse a mulher que tinha a criancita ao colo.

— Iremos todos de arremetida contra eles; as próprias mulheres, as próprias crianças, até os velhos e mutilados como eu. Enquanto se forem entretendo a golpear os que não podem lutar, menor número de inimigos encontrarão diante de si os outros dos nossos que estão capazes de combater — disse-lhe o decepado com fria serenidade.

— Jesus, filho da minha alma! — exclamou a pobre mãe num estarrecimento de ânimo, apertando febrilmente o pequenito contra o peito.

— Antes morrer às lançadas para se acabar o cerco, do que ficar aqui a cair de fome e atroar os ares com lamúrias.

— Mas se as tais naus que vierem do Porto cá entrarem e trouxerem milho e trigo...

— Em tal não creio eu — interrompeu o mutilado — Virão cheias de gente de armas, que não chegará para escorraçar daqui os de Castela. São mais bocas para a fome, e não será maravilha que, depois de já não haver nem ervas, nem raízes, nem bichos mortos para devorar, se tornem os Castelhanos os nossos carniceiros fornecedores e cada porta e cada torre das muralhas um talho para a cidade faminta.

— Senhor, não vos sei entender! — volveu-lhe a mulher num confrangimento de suposições.

— Queria dizer-vos que ainda haverá quem devore as carnes daqueles que os Castelhanos matarem.

— Tal não permita Deus e surdo seja o demo! — acudiu a pobre mulher com um gesto de terror — Meu senhor, fome tenho eu e mais o meu pequenito, pois só esta madrugada tivemos um caldo de folhas de vide, que nem os cães

seriam capazes de beber, e olhai que nem com o tresdobro da fome seria capaz de tocar num pedaço de carne dessa que dissestes! Credo, Senhor meu Deus, antes a morte!

O Inglês entendeu e sorriu.

— Ratas — alvitrou — tem cidade milhones e daria comer gente mais dos meses. É carne coelhas pequenas.

— Vá de retro! — regougou uma velha a cuspinhar, enjoada — Até me dá ganas de deitar os bofes pelas goelas fora!

Vamos agora para outro grupo. Um velho charlatão, mezinheiro e amador de astrologia, dizia coisas solenes aos seus ouvintes.

— Olhai as nuvens no céu a pintarem o que há de acontecer! — e apontava um acastelado de nuvens de formas caprichosas, que o vento ia desfazendo ou englobando com diverso aspeto — Vede bem ali, para os lados da barra. Aquela nuvem maior parece mesmo a nossa cidade com os seus amores, o seu castelo, as suas torres! E as outras, muito estendidas, mais esbranquiçadas, são assim como um grande rio com aqueles farrapos a darem-

se ares de naus à vela. E a correrem, a correrem para cá. Assim como se fossem os nossos navios a entrarem a barra. E de cá aquela farraparia de névoas a desfazer-se. São as naus de Castela! São as naus de Castela! O céu diz tudo; é no céu que se lê o destino dos homens e das nações, quando há quem saiba ler o que ele diz.

E todos pasmados, num alvoroço de emoção, olhos cravados naquelas visualidades, a alma a voar-lhes para aquele sonho de astrólogo, que via a Lisboa nas nuvens, coisa de mais engenho do que ver Braga por um canudo.

— Este é estrólico — explicava a outra mulher, uma quarentona adoutorada — Ser estrólico, criatura de Deus, ainda é mais que ser clérigo! Ler nos astros e meter os olhos pelas nuvens, sempre é maior prenda que entender livros e alanzoar latim.

Efetivamente os recortes de uma grande nuvem pardacenta estavam dando, cada vez com mais completa ilusão, a forma de um monte coroado por um castelo, tendo em volta, pela encosta, um relevo de edificações de torres com ameias. Uma fachada de nublado mais claro, menos densa, a deixar transparecer uns tons azulados e um esmalte de

luz, podia lembrar o mar ou um grande rio. Depois, sob a sugestão daquele farsista ou daquele visionário, astrólogo amador, não maravilha que aos olhos pasmados da pobre gente ingénua tudo aquilo se lhes estivesse desenhando nitidamente e até uns flocos soltos do nublado se lhes afigurassem as velas das naus que entravam, das naus que se desfaziam.

— O sol a romper! — clamaram de repente umas poucas de vozes em comovido alvoroço.

— Sobre aquela cidade e aquele mar de nuvens! — acudiu logo o astrólogo — Como um resplendor de glória!

De súbito, mar e cidade desfizeram-se nos ares e por um minuto, espetaculosamente belo, apareceu desafogada a face resplandecente do sol. Então, como nas visualidades de uma lenda, faiscaram fulgores de ouro fulvo em todos os arneses, nas choupas de todos os piques, nas ascumas de todas as lanças, sobre as muralhas, sobre as torres, pelas sinuosas linhas da cidade branca do acampamento.

Tinham transparências de cristal as espumas do Tejo, rutilações de azul e púrpura os vitrais dos templos e as

altas janelas ogivais do paço da Alcáçova.

— Parece um milagre! — exclamou uma mulher com os olhos cheios de deslumbramento e de lágrimas.

— Milagres da nossa Senhora! — disse outra, lembrando uma imagem então muito piedosamente querida em Lisboa.

— Olhai a vidraria de S. Vicente de Fora! Também será por nós o santo mártir! Parece que de súbito se acenderam lá dentro todos os círios dos altares!

Durou instantes apenas aquele divino resplendor. Veio logo de oeste uma lufada violenta, a empurrar contra o sol uma montanha enorme de nuvens de azulado negrume.

O sol apagou-se e um toldo imenso de sombras desceu lugubremente sobre a cidade, sobre o mar, sobre os abarracamentos dos Castelhanos.

Entrou nas almas da pobre gente aquela ditalada sombra, confrangendo-lhas. Parecia-lhes aquilo um agouro fúnebre de desgraças. Revoaram então pelos ares uns murmúrios de amargurada estranheza.

E logo outro sobressalto maior. Tocaram alarme os sinos das torres nas muralhas de Santo Agostinho e de S. Vicente de Fora.

— Os Castelhanos! — gritou alguém que estava daquele lado do Castelo que dava para os lados de S. Vicente — Vão arremeter contra o Postigo do Arcebispo e contra as Portas de S. Vicente. Reparai naquela chusma dos seus cavaleiros e homens de peonagem!

— E mais lá para cima! — indicou outro, apontando a muralha e as portas do Largo da Graça.

Ouvia-se o choro alto das mulheres. Algumas ajoelharam, de mãos postas, rezando aflitivamente.

Já os sinos das igrejas davam também o sinal de rebate. Vibravam as trombetas como gritos selváticos de combate.

— Má peste mate esses castelãos e Deus os meta nas profundas do inferno! — praguejou uma recadeira, engelhada e rubra, de braços no ar e punhos fechados contra a gente de Castela.

— Põe as tuas mãozinhas, filho, e reza comigo para que a nossa Senhora nos acuda! — soluçava um mulher ainda

nova com um pequenito ainda de joelhos ao pé de si, olhos marejados postos nela, numa vaga expressão de pavor.

— Aqueles cães! — bramiu o fidalgo mutilado — Querem ver se nos tomam a cidade antes que a armada entre!

Completo engano. Aquela investida era apenas um ardil para atrair as maiores forças dos sitiados àquele lanço das muralhas, tão distante das obras defensivas da Ribeira, perturbando ou mesmo malogrando deste modo qualquer grande esforço dos lados do rio, em auxílio da esquadra que ia forçar a entrada no Tejo.

Compreendiam bem os Castelhanos que se não poderia tomar de arremetida uma cidade que, desde o princípio de Abril, havia mais de dois meses, com tão valorosa tenacidade se tinha defendido. Mas o que eles tinham percebido também era que, na Ribeira, desde a véspera, se estavam preparando navios, certamente para irem auxiliar a entrada da esquadra vinda do Porto, atacando de revés as naus e galés de Castela.

* * *

Dois homens chegaram açodados às portas de S. Vicente. Um deles cavaleiro fidalgo ainda jovem, o outro, homem do povo com o ar resoluto de um campeador. O fidalgo era Ruy de Vasconcelos; o plebeu Afonso Eanes.

Escaramuçava-se já febrilmente nas muralhas e torres, e os virotões e as pedras esfuziavam nos ares. As bestas de torno despediam virotes grandes, quase como lanças, as catapultas arremessavam pedregulhos, tiros de pedra como então se dizia, tiros que faziam estrondo.

Mas a gritaria e a algazarra dos desafios e impropérios de uma e outra parte, em português e castelhano, em muito excedia o ruído das armas.

O Juiz do Povo foi direito ao anadel, comandante de uma quadrilha (pelotão ou destacamento) de besteiros e peões de lanças e piques, ali de guarda aos nossos grossos portões chapeados da muralha de S. Vicente.

— Vai já bravia a luta, senhor anadel!

— Por ora mais de gritaria que de sangue. Só ainda nos mataram cinco homens e temos ali na torre onze feridos.

— O Mestre manda que sustenteis bem este lanço da muralha; mas não consintais que se juntem aqui mais homens que os precisos para a defensa. Aos que vierem das outras torres, mandai-os que voltem pelo mesmo caminho. Aos da chusma da cidade ordenai que vão ter com o Mestre à Ribeira, pois é lá que mais se carece de gente para lutar.

— Olhai as chusmas que vêm correndo para aqui — disse-lhe o anadel, apontando uma multidão de populaça armada que vinha subindo.

De foices, de chuços, de machados, de espetos, a multidão subia cantando:

Esta és Lisboa prezada

Miradla e deijadla.

Afonso Eanes foi tomar-lhes o caminho.

— Gentes! — gritou-lhes.

— Viva Afonso Eanes, o Juiz do Povo, o braço direito do Mestre!

— Viva! Viva! E que Deus o guarde! — gritaram por aquelas ruazitas e veredas abaixo centenas de vozes.

— Escutai! Escutai! — clamaram das primeiras filas, e a palavra foi revoando de boca em boca por ali abaixo.

— Vai ele falar, e é o nosso coração que fala pela sua boca.

— Aqui se não precisa de mais gente para lutar — disse o glorioso tanoeiro na sua voz dominadora.

— Mas os castelãos querem entrar na cidade por estes lados!

— Não querem tal — replicou Afonso Eanes — Olhai que é fingimento deles para vos trazerem aqui enganados a uma luta, que não há de valer duas cascas de alho.

— Mas então para quê, mestre Eanes?

— Para que o Mestre e o Arcebispo fiquem desamparados de gente na Ribeira, e se não possa dar ajuda aos navios que vieram do Porto. Ora aí tendes a que vem toda essa farronca de arremetida por estes lados.

— Mas vós para aqui viestes e não estais com o Mestre na Ribeira!

— De lá vim com ordens suas para que se não junte aqui quem aqui não é preciso.

— Pois iremos já de carreira ter com o Mestre.

— Mas olhai que a batalha está mais bravia! — alegou um, menos submisso — Reparai: mais de vinte feridos que vêm em braços, descendo daquele lanço de muro!

— Deixai lá os feridos. Ide ter com o Mestre! — disse Afonso Eanes num tom enérgico de mando.

Da face da torre que dava sobre as grandes portas debruçou-se um homem de armas, gritando:

— Anadel! Os castelãos estão a crescer na arremetida! São já para cima de quatro mil cavaleiros e peonagem. Andam em correrias de desafio os seus ginetes e mouriscos... Reforçai as portas!

— Vede lá, mestre Eanes! — alegou em gritos o insubmisso — E quereis então ir daqui para a Ribeira?!

— Disto entendo eu mais do que vós, e o Mestre mais que ninguém — volveu-lhe asperamente, de olhar cravado nele — Homens, sou eu o vosso juiz e o Mestre o nosso defensor; manda ele e quero eu que vades para a Ribeira! Lá estão navios que é preciso guarnecer de gente para os levar contra as naus de Castela em auxílio das nossas, que hão de entrar ao encher da maré. Ide!

— Vamos, sim, mestre Afonso Eanes.

— Manda o Mestre.

— Quer o nosso juiz que vamos.

— E ele é a modo de Condestrabre cá da gente do povo.

— Vamos! Vamos!

— Vinde também, Afonso Eanes.

— Eu subo à torre — estava dizendo Ruy de Vasconcelos ao tanoeiro — e de lá observarei com que gente o inimigo está arremetendo.

— Pois sim... Mas esperai um instante.

— Vinde connosco — insistiam alguns.

— Agora não devo — respondeu o tanoeiro — Tenho de levar informações ao Mestre; mas lá estarei convosco dentro em pouco. Ide.

— Viva o Mestre! Viva Afonso Eanes! S. Jorge e Portugal!

— Portugal só para os Portugueses!

— E com o tripum de todos esses cães gadelhudos de Castela se há de tecer uma corda que dê volta à cidade.

Estrondearam gargalhadas com o chiste de farronca e toda a turbamulta começou a descer, cantando.

— Vamos lá então — disse o Juiz do Povo para Ruy de Vasconcelos.

Subiram à torre. Havia já muitos feridos. Formados, em hoste, os Castelhanos não seriam menos de cinco mil. Choviam os virotes e as pedras. Em carreiras vertiginosas, fantásticas, duzentos cavaleiros de Andaluzia, mouros convertidos e mouros cativos, volteavam como figuras de sonho por diante das muralhas, soltando gritos de desafio e de insulto para os sitiados.

De um e outro lado, mulheres. Na linha dos postos inimigos, por detrás da hoste, grupos de mulheres, de trajos espaventosos, em cantares e bailados; eram as aventureiras do arraial castelhano, bonejas garridas de Espanha, que acompanhavam o exército e já andavam habituadas à carniçaria dos combates (*).

[(*) O Segundo Fernão Lopes, o acampamento dava ideia de uma cidade, com barracas de jogo, de perfumarias, e arruamentos de traficantes e de mulheres toleradas.]

De cá, nas torres e nas muralhas, mulheres esfarrapadas, velhas e novas na mesma palidez amargurada de famintas, com arregaçadas de pedras que arremessavam febrilmente contra os de Castela, não a cantarem as trovas sensuais das outras de Espanha, fartas de vinho e de viandas; mas entoando as grosseiras canções da revolta, numa rouquidão de fraqueza e num timbre em que se percebiam vibrações de dor.

— Está visto que é um ataque de fingimento — disse Ruy para o Juiz do Povo — Reparai. Daqui se distinguem bem.

Naquela hoste que é já numerosa à vista da escassa gente de guerra que nós cá temos, apenas dois: ou três pendões da nobreza e um da ordem de Calatrava. O mais, peonagem para ir entretendo a escaramuça com os virotes e a sua algazarra. Fora intento de el-rei de Castela dar investida formal por este lado, e certo veríamos ali a flor da sua cavalaria da velha Castela, de Leão e Navarra com os campeadores aventureiros de Gasconha e do Bearne. Mas não nos enganamos. Isto não passa de algazarra para nos sobressaltar os ânimos e dividir as forças.

De repente, um grande rumor de vozes na torre e o ruído de muita gente que subia.

Ruy e Afonso Eanes voltaram-se num movimento de estranheza. Haveria tornado a turbamulta que o Juiz do Povo mandara para a Ribeira? Seriam homens de armas dos outros lanços da muralha?

Mas então porque os deixara entrar o anadel, violando a ordem do Mestre?

Não era gente de armas, nem homens para combater, mas somente mulheres com chuças e abadas de pedras para

atirar contra os Castelhanos.

À frente delas a tia Lourença, a velha regatona das Portas do Mar, com um longo forcado ao ombro.

Fizeram-lhe uma ovação as outras mulheres que já estavam na torre, umas oito ou dez.

— Viva a tia Lourença!

— A marechala das mulheres!

— Santo dia, comadres, e boa gana nos dê Deus contra aqueles cães gadelhudos (*).

[(*) Gadelhudos por trazerem os cabelos compridos em contraste com os Portugueses.]

E acercando-se das ameias com a mão na testa em guisa de pala:

— O quê! Só aquilo! Oh, criaturas de Deus, aqueles esbarrondamos nós à pedrada, e podem mandar os homens embora. Que vão ter com o Mestre.

Apesar da chuva de virotes que vinha das primeiras Filas dos Castelhanos e dos gemidos de dois besteiros que tinham caído varados, os homens de armas riam daquele dizer farronqueiro da tia Lourença.

— É o que eu vos digo, mulheres. Venho da Ribeira com a minha hoste de saias e de lá me fui por me parecer que isto era coisa pior e porque o Mestre está na teima de não querer embarcar mulheres. Olhai, olhai! Aqueles torriscados à mourisca, a fazerem-nos gatimanhos e aos corropios, aqui mesmo à beira do muro! Vá, mulheres! Quem tiver bofes e pulso que lhe dê uma surriada de calhaus. Ê é para já — gritou, atirando o forcado ao chão — Por S. Jorge e Portugal, cães de Mafoma, cães de Castela, ou do demo que vos leve!

E amparando com a mão esquerda o seu grosso avental de estopa, mudado em bolsa de projéteis, a intrépida fundibulária despedia enormes calhaus com rijo pulso e mão certeira, numa fúria de vertigem.

Seguiram-lhe as outras o exemplo e uma torrente de pedras desabou sobre os ginetes à mourisca, a voltearem provocadores, quase rentes da muralha.

Até os besteiros, de arco retesado, se ficaram a olhar para aquilo com um sorriso de regalo.

— Vá, mulheres — bradava a tia Lourença, encostando-se mais às ameias — vá, que lhes havemos de dar fim à mouriscada das cavalhadas. A dois já eu britei o toitiço. Pás! Aquele fica empanzinado para todos os dias da sua vida.

Os dois ginetes levantaram uma algazarra medonha de insultos, mas o caso era que já iam curveteando para mais longe das muralhas. Dez ou doze tinham baldeado dos cavalos abaixo e um deles era o próprio chefe.

Avançou então mais para os muros a peonagem com os besteiros na frente, como os atiradores modernos.

E berravam chufas e afrontas para as mulheres.

— Ah! Sim! Vá, mulheres, por cada palavrão castelhano um calhau português!

— Rameronas chamorras! (*) — gritaram os de lá.

[(*) Chamorros era a alcunha desprezadora que os Castelhanos tinham posto aos Portugueses por eles usarem então os cabelos tosquiados.]

— Aí, vaganaus gadelhudos. Má peste vos mate, que nem os lobos vos queiram roer. Vá vivo, para cima deles! Aí vão as pedras da coroa que vindes buscar.

Veio então sobre os muros uma chuva de virotes.

— Cantai, raparigas! — gritou a tia Lourença a incitar-lhes o ânimo.

— Acautelai-vos, cobride-vos com as ameias — recomendou-lhes Afonso Eanes, expondo-se mais ainda.

— Besteiros, disparai agora os virotões — mandou Ruy de Vasconcelos, tirando do argolão da torre e agitando no ar um pendão com os castelos do brasão português e a cruz da Ordem de Cristo.

— Pois que não cantais, cantarei eu na minha voz de cónego velho:

Esta és Lisboa prezada

Miradla e deijadla

Se quizíeredes carnero,

Qual diéron al Andero.

Mas de repente a regatona heroica truncou a canção revolucionária e deu uns passos atrás. Tinha empalidecido aquele rosto vermelho-escuro.

— Alguém... Que me... Acuda! — rouquejou — Não desanimeis.

Amparou-a nos braços um homem de armas.

— Cravaram-lhe um virote no peito! — disse um besteiro.

— Está ferida a tia Lourença! — gritou uma mulher.

E foi logo um coro de lástimas do mulherio.

— Mais pedras... Sobre eles — regougou a regatona, de olhar amortecido, o saio e o avental manchados de sangue.

Afonso Eanes correu para ela. Junto das ameias, Ruy incitava os besteiros a uma intensidade maior de esforço,

para que os tiros fossem mais repetidos e mais certeiros. Ele próprio tomara a besta das mãos de um ferido e dava exemplo aos outros.

— É ferida grave! — disse consigo o Juiz do Povo.

E logo para dois homens de armas:

— É preciso levá-la daqui para o hospital.

— Só me custa... — disse em voz sumida a tia Lourença.

— Dizei o quê?

— Tenho em casa... Uma rapariga... Endoidecida...

E cerrou os olhos.

— Tem, tem, eu bem o sei — soluçou uma das mulheres que viera com ela. — Onde mora esta valente mulher? — perguntou-lhe o Juiz do Povo.

— Às Portas do Mar. Todos lá sabem onde mora a tia Lourença.

— Ide descansada — disse-lhe Afonso Eanes, muito debruçado para ela — Vão tratar-vos do ferimento e eu, logo que possa, irei saber da rapariga endoidecida.

A tia Lourença entreabriu os olhos rasos de lágrimas, como se naquele olhar quisesse exprimir um voto de gratidão, mas não pôde falar.

— Coitadinha! — murmuraram a chorar umas poucas das suas companheiras.

— Era a mais destemida alma de mulher que tinha Lisboa! — comentou amargamente uma das fundibulárias.

— Vá, depressa! — mandou Afonso Eanes.

Três homens levantaram nos braços o corpo agigantado da regatona, atravessaram com ela para o postigo da ogiva da plataforma e desceram lentamente a escada estreitíssima da torre.

Quinze ou vinte mulheres se dispunham a seguir Lourença.

— Duas ou três bastam — protestou uma das mais animosas — E aqui ficaremos nós para a vingar, enquanto durarem as pedras.

Seguiram-lhe a indicação, e apenas três foram atrás da corajosa regatona ferida. Mas uma delas era aquela que

dera informações ao Juiz do Povo e a essa a reteve ele por instantes.

— Olhai que me deveis trazer notícias daquela vossa companheira. Ou mas ireis levar à Ribeira, ou a minha casa, depois que a nossa armada houver entrado. Sabeis onde moro?

— Ora, quem é que não sabe? Mas haveis de dar licença que primeiro, e logo na volta do hospital, vá saber da rapariga doida.

— Filha ou parenta da tia Lourença?

— Uma desconhecida, linda como os anjos! Enlouqueceu com a morte da uma filha, e a tia Lourença levou-a para casa por caridade. Topou-a ontem à noite ao pé da Sé, com a filha morta nos braços e já na loucura da sua dor. Parece vir de gente de estimação. Para vir pôr-se à nossa frente foi que a Lourença a deixou em casa só com uma tia doente e velhinha que lá tem consigo.

— Está bem. Ide, e não vos esqueçais.

Afonso Eanes foi para junto de Ruy de Vasconcelos. Estava ele a ser o mais formidável besteiro da torre.

— Ah! Mas eles vão retirando-se! — observou o tanoeiro.

— Vão. Os virotes saem daqui certeiros e temos-lhes deitado abaixo muitos homens.

— Demos os enforquem! — exclamou a que ficara acaudilhando as mulheres — Já lá não podem chegar os nossos calhaus!

— Vão corridos de vergonha, comadre! — comentou uma rapariga espadaúda — Viram bem que para defender isto contra eles até as mulheres dos chamorros bondavam.

Repicaram os sinos.

— Estão a repicar os sinos do Castelo!

— E agora os da Sé!

— O que será?!

— É o sinal de que a armada do Porto já se avista dos lados do Castelo velho — replicou o Juiz do Povo.

— E como o sabeis vós aqui?! — inquiriu uma espevitada.

— Porque sei que é este o sinal que o Mestre ordenou se fizesse, mal que os vigias da torre albarrã do Castelo dessem fé dos navios.

— Pois que viva a nossa armada e em boa hora a traga cá Deus e os anjos.

— Senhor Afonso Eanes — disse-lhe Ruy de Vasconcelos — é tempo de ir ter com o Mestre. Há de ter estranhado esta nossa tamanha demora. Aqui nada mais há que fazer. E no rio é que a batalha terá de ser decisiva e digna de nós.

— Vamos.

Desceram. A multidão das mulheres seguiu atrás deles gritando:

— À Ribeira a ter com o Mestre!

— Viva o nosso Messias! (*)

[(*) Por várias vezes se refere Fernão Lopes aos serviços intrépidos prestados pelas mulheres de Lisboa naquele cerco. Tinham trabalhado nas obras de defesa, ajudando os homens, e corriam aos muros como soldados, mal ouviam o toque de alarme nos sinos.]

Eram quase 9 horas quando chegaram à Ribeira. A maré enchia. A armada portuguesa vinha já na altura do Rasteio velho.

Estava a entrar gente de armas nas barcas preparadas para combater; nas galés velhas, que ainda na véspera estavam varadas na praia, e em três ou quatro naus pequenas. A maior e a melhor era uma nau mercante genovesa, que viera ao Tejo carregada de panos ricos e fora embargada para se aproveitar na defensa do rio.

Destacava-se da grande massa de gente armada a figura singular do Arcebispo D. Lourenço; a espada cingida à batina, aberta até baixo, o roquete por cima da cota de armas, o rútilo bacinete, encimado pela imagem doirada da Virgem. Era como o grande chefe do estado-maior daquela tropa da plebe, e dela ia escolhendo para embarcar a gente melhor e mais bem armada.

E atrás dele, ajudando-o, lá estava também a sua hoste de frades e clérigos, de buréis e batinas arregaçadas, de chuço ou lança ao ombro.

— O Mestre que se não embarque! — gritava a gente miúda.

— Está bem de ver que o Mestre deve ficar.

— Tem de olhar pela defesa da cidade e do rio; é para nos governar a todos.

— Que fique! Que fique!

O Mestre estivera a ouvir as informações que lhe traziam Ruy de Vasconcelos e Afonso Eanes e tomara para a longa prancha atracada à nau maior, a que fora embargada aos Genoveses.

— Que se não embarque o Mestre! — clamou o mulherio.

O infante bastardo, aquele filho de Teresa Lourenço, a quem a populaça adorava, voltou-se para a multidão e disse-lhe alto, serenamente:

— Gentes, importa que eu vá. Perder-se-ia Lisboa, se a nossa armada se perdesse. Deus será convosco e comigo.

— Pois vamos todos com o Mestre! — gritou um velho.

— Vamos! Vamos! Todos com ele!

— Não pode ser, gente! — clamou o arcebispo, intervindo e opondo à onda da plebe, a mover-se já para o embarcadouro, toda a sua hoste de tonsurados — Estão as barcas a deitar fora e gente de mais tem a bordo aquela nau — explicava-lhes.

— Olhai se nos deixais perder o Mestre. Seria meter o reino nas unhas dos castelãos.

Apesar dos protestos de receio da multidão, o Mestre de Avis embarcou. Iam depós ele o Juiz do Povo e Ruy de Vasconcelos.

— O povo tem razão — segredou o tanoeiro para o filho de D. Dulce — Isto é uma imprudência do Mestre; ele devia ficar.

Por entre a multidão veio atravessando lentamente um velho de longas barbas de neve, túnica de burel como a dos monges, chapéu e bordão de peregrino.

A multidão agitou-se num movimento de supersticiosa estranheza.

— Um peregrino da Terra Santa!

— Será então de bom agouro.

— Talvez traga relíquias do Santo Sepulcro.

— Tamanhas barbas e cabelos!

— Gadelhudo como os de Castela! Este não é chamorro.

— Não seja algum dos deles!

— Ou algum dos nossos tredos que andam com eles!

— Nesse fingimento para nos atraiçoar!

— Dizem que o demónio andou uma vez vestido de monge e de barbaças de velho. E o porco sujo dos infernos há de ser de Castela.

— Figas!

— Cruzes, anjo bento!

— Sou um homem de Portugal como vós; cristão como sois, leal à nossa terra como qualquer homem fidalgo ou homem da ralé, que se tenha aqui por mais leal — disse-lhes alto Mendo Rodrigues, numa tremura de voz — Na desgraça é que eu sou maior do que nenhum de vós.

— Roído de fome como nós? — perguntou-lhe escarninho um regular septuagenário.

— Velho — volveu-lhe tristemente — roído de amarguras! Fome tive-a eu durante alguns anos de cativeiro.

— Quem sois? O vosso nome, dizei?

— Fiz voto de o não dizer. Sou dos que mais querem à nossa terra. Isto vos baste, e Deus seja pela nossa justiça e pela nossa glória!

O prelado de Braga aproximara-se.

— A que vindes? — perguntou-lhe.

— A reanimar os que tiverem desalentos e a fazer do meu corpo sem armadura o escudo de algum que faça mais falta do que eu. Senhor Arcebispo, deixai-me embarcar nessa nau em que vai o Mestre. Fui cavaleiro, tenho a experiência de guerra; fui galeote cativo, tenho a prática do mar. Darei conselho ou terei o consolo de morrer ao lado dos homens leais da minha terra.

— E não podeis dizer quem sois?

— Senhor, não. Mas vede que sob este hábito de monge se não podem esconder armas e da minha antiga condição de cavaleiro vos podem dar testemunho as cicatrizes que tenho no peito. São de lança e espada.

— A nau em que está o Mestre já tem gente de mais — volveu-lhe o Arcebispo, entre surpreendido e suspeitoso da insistência.

— Irei nalgum desvão onde ninguém mais queira ir.

— Estranha insistência a vossa!

— Senhor, é também um voto da minha alma. E já que de mim duvidais, dou-vos pelo meu abonador a Ruy de Vasconcelos, o cavaleiro fidalgo ao qual ninguém pode pôr suspeições.

— Esse é dos valentes! — disse um homem do povo.

— E dos leais!

— Até mandou desafiar o grande Condestabre de Castela — acudiu uma mulher.

— Podeis ir — disse-lhe o Arcebispo, movido pelo tom de lealdade e de comoção em que o peregrino lhe falara.

Mas já de bordo de naus se ouviam imprecações e brados de desespero.

— Amaina o pano todo e âncoras para o fundo, que o vento está de revés.

— Levava-nos rio acima!

— Olhai! Olhai! A barca de Gonçalves Borges! Lá a vai levando o vento desgarrada por ali acima!

— Não quer Deus Nosso Senhor ser por nós! — exclamou com mágoa uma mulher.

— O Mestre vem para terra!

Efetivamente, reconhecida a impossibilidade de navegar no rumo do Rasteio, com o vento forte de revés, o Mestre mandara que a nau fosse posta em árvore seca e com todos os ferros no fundo e que a gente de armas desembarcasse.

Levou tempo o desembarque. Para dentro da nau, onde duzentas pessoas iriam constrangidas, tinham entrado quatrocentos homens de guerra. Mas é de justiça explicar que não iam no intento de dar batalha a bordo, onde mal poderiam manejar as lanças e as espadas, mas para atracar

a algumas naus da armada de socorro e reforçar-lhes as guarnições que vinham incompletas.

Era uma temeridade de trágico desenlace, à qual o vento providencialmente se opôs. As quarenta naus e dezasseis galés da esquadra castelhana facilmente tornariam desastrosa aquela tentativa planeada com mais arrojo que reflexão.

— Uma triste má fortuna! — dizia baixo o Mestre ao Arcebispo num grupo em que estavam o Juiz do Povo e Ruy de Vasconcelos — E assim deixamos sem ajudas as nossas dezassete naus contra as quarenta que aí tem el-rei de Castela! (*)

[(*) As naus daquele tempo eram em geral de baixa tonelagem. As mais pequenas, entre sessenta e cem toneladas; de cento e cinquenta e duzentas toneladas com quarenta a sessenta tripulantes, as maiores. Como navios de transporte, às vezes levavam duzentos ou trezentos combatentes, mas estes de modo que mal se podiam mexer lá dentro.]

— E mais as treze galés nossas contra as dezassete dos Castelhanos — ampliou o Arcebispo.

— E o pior será que esmoreçam os dos nossos navios, sem saberem a razão porque lhes falta o auxílio que lhes foi prometido! — lamentou o Mestre, sacudindo os ombros e avincando o rosto num gesto de desespero.

— Mestre e senhor! — disse Ruy de Vasconcelos — A remos também se lá pode chegar em qualquer ligeira galeaça. Se me dais licença, buscarei aí oito ou dez galeotes e vou eu dizer à nossa armada por qual motivo lhe falta o auxílio prometido.

— Ide, sim — volveu-lhe o Mestre, envolvendo-o num lento olhar de admiração e de reconhecimento — Ide, e assim prestais um honrado serviço à nossa causa.

— Senhor, fico agradecido — respondeu Ruy, afastando-se num alvoroço de júbilo.

— Se a pobre mãe sonhasse isto que ele vai fazer! — disse consigo Afonso Eanes — Mal-aventurado nos seus amores, parece apostado em buscar a morte em feitos que ninguém se lembraria de lhe pedir!

Parecia que o tanoeiro conhecia algum segredo de amores do jovem cavaleiro.

— Oito galeotes de boa alma e bom pulso para levarem uma galeaça ao Rasteio velho — propôs alto o filho de D. Dulce.

Ofereceram-se dez.

— Para que será, criaturas de Deus?! — perguntou uma mulher.

— É para ir bater as quarenta naus de Castela — respondeu de mofa aquele sapateiro remendão, vezeiro em enganar a fome bebendo vinho — Aquele é da tripa de Nuno Álvares e foi gerado na corte do rei Artur de um cabelo das ventas do grande Galaaz — acrescentou de chacota o Bernardo Pingueiro.

— Passa fora, odre de tripa! — replicou-lhe uma mulher abespinhada — A alma que tens nem para alma das sapatas de Berzebu serviria.

Riram muito da réplica, apesar da conjuntura difícil, aqueles pobres diabos famintos.

— Ruy, um galeote a mais — disse-lhe baixo Mendo Rodrigues, inclinando-se para o sobrinho — Tive quatro

anos de prática nas galés de Tunes — acrescentou com um sorriso que parecia um esgar de dor.

— Pesa-me o pedido. Não insistais nele.

— Insisto. Melhor remará dentro de uma túnica de burel quem já remou agrilhoado a um banco, de ferros aos pés.

Em dez minutos estava pronta a partir uma galeaçazita ligeira de dez remos.

— Ala, ala! — gritou Ruy de Vasconcelos.

Os galeotes meteram os remos na água num arranque valente.

— Deus vá convosco, Ruy de Vasconcelos! — gritou-lhe da praia o Mestre.

— S. Jorge e Portugal! — gritou o jovem com a bandeira dos castelos e da cruz vermelha a esvoaçar-lhe alto por cima da plumeira do bacinete.

— Olhai que até o barbaças da Terra Santa lá vai! — notou uma rapariga da rua das Linheiras.

— Vai para excomungar os castelões enquanto o rapazote mete as naus no fundo com a tromba da galeaça

— chasqueou o sapateiro avinhado, ilustre irmão da confraria de S. Crispim, bendito patrono dos remendões.

A galeaça lá ia de arrancada, envolta em espumas, aos saltos sobre as águas do rio, que o vento levantava revoltas como ondas de um mar embravecido.

CAPÍTULO IV

HERÓIS E FAMINTOS

A esquadra de Castela, muito encostada ao Rastelo e de proas ao sul, tinha esperado a enchente da maré e vento de feição para dar batalha aos navios portugueses, seguindo nas suas águas.

Quando a galeaça pequena, em que Ruy de Vasconcelos partira, ia em frente da moderna Junqueira, já a vanguarda da esquadra portuguesa vinha a todo o pano com vento de feição.

A primeira divisão, como hoje diríamos, era composta de cinco naus, A maior, chamada Milheira, vinha comandada pelo fidalgo cavaleiro Ruy Pereira, tio de Nuno Álvares, e trazia a bordo quarenta besteiros e setenta homens de armas. Era também a mais veleira. Atrás dela velejavam a Estrela e mais três de menos valia.

A segunda divisão era constituída pelas galés, movidas a remos, de paveses altos e pendões erguidos, em formatura

cerrada.

Compunha-se de doze naus pequenas a terceira divisão.

Vendo que a armada inimiga se não despegava do Rasteio, o impetuoso Ruy Pereira mandou meter a Milheira pela proa das naus de Castela. As outras quatro da vanguarda seguiam nas mesmas águas. Era para avaliar de perto a força e as disposições da esquadra adversa e forçá-la por aquela provocação a travar combate, que facilitasse a entrada ao grosso da armada portuguesa.

Sabendo por informações anteriores, que a esquadra de Castela era talvez três vezes maior que a de Portugal pelo número e grandeza dos navios e pelo efetivo das tripulações, Ruy Pereira compreendia bem o que havia de temerário naquela operação em que quarenta naus facilmente podiam aferrar dezassete, cercá-las, vencê-las pela abordagem e apresá-las, havendo ainda a desproporção na batalha entre as galés. Mas ia evidentemente disposto a sacrificar a sua divisão para salvar dois terços da esquadra.

O vento era favorável e todos os outros navios portugueses meteriam velozmente rio acima enquanto a Milheira e as outras da vanguarda metiam contra todo o poder da armada inimiga.

Mas os Castelhanos não se saíram com o desafio, não faziam querença, como diz o cronista Fernão Lopes, e então Ruy Pereira mandou virar de bordo contra Almada, a ver se tentava o inimigo a persegui-lo, assim isolado e temerário, para combater sozinho com a sua divisão enquanto as doze naus e treze galés se acolhiam ao ancoradouro interior.

Como se o almirante de Castela lhe houvesse percebido o intento, nenhum dos seus navios se mexeu. Mas a divisão das galés portuguesas meteu à força de remos para a armada do Rasteio, a remos em estala, como diz Fernão Lopes, e foi então que os de Castela se decidiram a batalhar, prolongando-se com a esquadra portuguesa por barlavento (julavento) numa linha que a isolasse da cidade.

Saiu na frente da armada inimiga a poderosa nau almirante —]uan de Arena — tão fortemente preparada para a abordagem que até trazia suspenso a meio do mastro grande um batel guarnecido de besteiros, alguma coisa

semelhante às gáveas de combate dos navios modernos. A galeaça de Ruy de Vasconcelos partiu de voga arrancada para os navios portugueses da vanguarda, no seu rumo em direção a Almada.

— Aquela é a Milheira em que vem Ruy Pereira — disse o filho de D. Dulce para o tio — conheço-a bem.

— Mas aqueles navios separados do resto da armada. Que loucura!

— Remai de estala — mandou Ruy de Vasconcelos — Forte, depressa!

E numas guinadas impetuosas, o batel meteu por barlavento da Milheira, a oito braças dela.

— Ó lá de bordo! — clamou o jovem cavaleiro, pondo as mãos em concha em frente da boca.

— Que é lá? — perguntou do castelo de popa o próprio capitão.

— Senhor Ruy Pereira, não conteis com a ajuda dos navios da cidade. O vento não os deixa largar. É o recado que vos trago do Mestre.

— Pois embora. Ide dizer-lhe que a armada entrará e com as minhas naus lhe abrirei eu o caminho, ainda que hajam de ficar no fundo do rio!

— Capitão — avisou o vigia da proa — toda a armada castelhana está de volta com as nossas galés! Investe na dianteira com uma grande nau.

— Mestre — gritou Ruy Pereira — pelo bordo do norte sobre a armada inimiga contra a nau maior do almirante-mor de Castela.

O mestre deu as vozes para a manobra, e a Milheira começou a mover-se, levantou uma espumaceira alta em volta do seu bojudo arcaboiço.

— Senhor Ruy Pereira, deixai-me entrar na vossa nau.

— Falta o tempo. Ide dizer ao Mestre que sacrifiquei tudo para salvar a armada.

— Pois iremos ver como esse sacrifício se faz — gritou-lhe o destemido jovem — Tio — disse baixo, muito inclinado para Mendo Rodrigues — quereis que vamos?

— Quero.

— Galeotes, nas águas desta nau.

E toda envolta em cachões de espuma, a galeaça lá ia fazendo corcovas de corcel bravio atrás da Milheira.

Seguida pelas outras quatro da divisão, a Milheira cortou a linha inimiga e meteu logo contra a nau maior e mais audaz do inimigo — a de]uan de Arena.

Parecia que uma febre de heroicidade agitava o arcaboiço da Milheira e lhe dava alentos épicos como se levasse em si uma grande alma votada à Pátria, num sonho de glória! E levava; era a alma de Ruy Pereira.

Abalroou a outra, deitou-lhe os arpéus, cingiu-se com ela. Seguiram-lhe o impulso as outras quatro naus da divisão.

Num volver de olhos, o tio de Nuno Álvares calculara bem o lance para o sacrifício de sublime abnegação. Vendo em perigo a sua nau almirante, a mais poderosa, era natural que uma parte importante da armada do Rasteio corresse a socorrê-la.

E assim foi. Vieram logo cinco das maiores naus de Castela e uma grande carraca como primeiro socorro ao navio almirante. E, após estes, outros.

Entretanto, a bordo da Milheira lutava-se denodadamente. A de Juan de Arena tinha o dobro dos homens de armas e do batel suspenso no mastro grande, os besteiros crivavam de virotes a gente de abordagem da nossa nau.

Uma gritaria medonha a bordo, uma chacina horrorosa de parte a parte!

Brandindo um machado nas suas mãos possantes, a viseira do bacinete salpicada de sangue, o arnês amolgado, numa fúria épica, Ruy Pereira lutava na dianteira de todos, cada vez mais resolvido a empenhar naquela batalha todos os seus dons de cavaleiro e toda a sua abnegação de patriota.

Espedaçavam carne as lanças, os machados, as achas, os espadões; esfuziavam no ar os virotes e os gritos de arremetida, numa convulsão de ódio, convés e os castelos estavam já alastrados de feridos, em gemidos inúteis de súplica ou numa torva agonia de morte.

— S. Jorge e Portugal! — bradava Ruy Pereira, cada vez mais encarniçado naquela formidável luta.

— Santiago y Castilla! — clamavam da nau inimiga — A ellos los chamorros.

— Almirante-mor de Castela, hás de ver como os chamorros morrem!

A maré subia e o vento sacudia o velame, alteando as golfadas do mar. Com os arcaboiços unidos, as vergas a tatearem-se como garras, as amuras, como os peitos, num contacto arquejante de ódios, os pendões e as bandeiras a esvoaçarem uns contra os outros, como aves multicores que também fossem lutando nos ares, todas aquelas naus foram subindo contra os barrocais de Cacilhas. Dir-se-iam feras enormes, que, na alucinação da briga, se fossem arrastando umas às outras, de garras enclavinhadas.

Mas a maré e o vento, que atiravam para o sul aquela massa de navios abalroados, também metiam rio acima, com excecional velocidade, a divisão das galés e as doze naus da última divisão da nossa esquadra.

A galeaça de Ruy de Vasconcelos seguira sempre a Milheira, e num dos lances da luta, conseguira abalroar uma galé de Castela, aprisionando-lhe o capitão.

Mas quando as cinco naus portuguesas estavam já encurraladas entre o pontal de Cacilhas e os barrocais,

fechando-lhe o cerco uma. Parte considerável da esquadra inimiga, a galeaça pôde atracar à Milheira e Ruy de Vasconcelos e Mendo Rodrigues subiram para bordo.

A batalha ali tornara-se ainda mais desesperada. Era um lance de vida ou de morte.

O peregrino realentava os que pareciam menos animosos ou acudia aos feridos com misericordiosa solicitude. O sobrinho pusera-se ao lado de Ruy Pereira e duas vezes entrara com um troço de homens na de Juan de Arena. Mas antevia-se já o desfecho trágico da batalha. O inimigo tinha o triplo das forças e a Milheira estava empachada de feridos.

Com o rosto esbraseado, o ar a faltar-lhe, Ruy Pereira levantou a viseira do bacinete para respirar com mais desafogo e readquirir forças para uma decisiva arremetida.

Logo reparou nele um dos besteiros do batel içado a meio do mastro grande da nau castelhana.

Nem havia Castelhano que não trouxesse os olhos em Ruy Pereira, enfurecidamente. Pareciam miraculosas as energias daquele batalhador; a alma daquele homem

enchia a nau; matá-lo, seria matá-la. O besteiro retesou o arco, visando o rosto daquele lutador prodigioso, disparou; o virote partiu e foi cravar-se entre os olhos do herói.

— Combatei... Vós! — gritou Ruy Pereira, e caiu, desamparado.

Revoou um grito enorme de dor a bordo da Milheira,, grito de duas dezenas de vozes, como se o virote castelhano houvesse ferido também os corações daqueles bravos.

Uns poucos de homens correram para o capitão. Um instante apenas e a morte imobilizou o herói. Estava feito o sacrifício a que a sua alma épica se votara naquele dia.

Foi enorme, foi esmagadora a impressão de desalento por aquela morte. A nau tinha de render-se. De bordo da outra percebera-se a enorme perda e logo a anunciaram em clamores de triunfo, para incitarem os ânimos. Tinham lá o quíntuplo dos homens de armas que ainda restavam de pé a bordo da Milheira.

— Santiago y Castilla! A ellos!

O punhado de companheiros de Ruy Pereira rendeu-se.

Só dois se não renderam porque esses, pela outra borda da nau, se desceram para a galeaça atracada.

Das cinco naus da nossa vanguarda, três ficaram apresadas, mas duas intrepidamente romperam por entre os navios inimigos, conseguindo escapar-se.

* * *

As galés portuguesas estavam já a salvo para cima da praia da Ribeira. As dozes naus da retaguarda iam subindo já para além de Cacilhas, e uma só v ficara atrasada porque a tinham abalroado cinco das galés de Castela no momento em que o vento lhe escasseara. Era a nau de Álvaro Gonçalves de Sá.

Atrás das cinco galés estavam outras tantas naus, para as apoiarem e reforçar-lhes as guarnições.

Da galeaça, a meter para Lisboa de voga arrancada, Ruy de Vasconcelos via bem a bandeira da nau portuguesa e, com

aquiescência do tio, mandou meter o naviozito ao rumo oposto.

— Galeotes, para aquela nau de Portugal, que parece perdida. A alguns dos nossos poderemos aqui dar guarida.

Era aquele o último lance da batalha e Gonçalves de Sá o segundo herói daquele dia.

A sua nau estava crivada de virotões e tinha parte do velame rasgado. Os virotes bamboleavam-se cravados no aparelho e o próprio timão parecia uma pregadeira.

Tinha a bordo muitos homens feridos, mas nas galés de Castela ainda havia mais.

Assim como uma baleia que de repente sacudisse de si um bando de espadartes, a nau repulsara as galés, ajudada por uma rajada de vento favorável, e metera para dentro, tomando para a praia da antiga Porta do Mar.

Repicavam os sinos da cidade. O Mestre andava na Ribeira com os seus cavaleiros e a turbamulta dos famintos. Pelos altos, sobranceiros ao rio, pinhas de gente em gritos de aclamação ao Messias e em brados entusiásticos de aplauso à gente da esquadra.

A armada castelhana perdera sangue e vidas; não perdera navios, não fora derrotada, podia continuar a bloquear Lisboa; mas sofrera um desaire. Rompera-lhe o bloqueio uma esquadra muito menos forte.

* * *

Ruy de Vasconcelos desembarcava da galeaça. Trazia o braço esquerdo levemente ferido por um virote. Foi procurar o Mestre para o informar do que presenciara. Mendo Rodrigues tomou para casa da irmã.

— E daí, trigo e milho? Vem coisa que chegue para matar a fome à cidade? — inquiria a populaça esfaimada, cercando a maruja e os homens de armas que tinham desembarcado da esquadra.

— Isso sim! — respondeu-lhes o mestre de uma galé que acabara de varar na praia — O que trazemos não dará para mais de duas ou três semanas, e só para as bocas dos que vieram.

— Pois já que assim é, que se reparta por todos nós o que aí trazem, e depois será a fome também para todos — retorquiu um calafate.

— E os da cidade — acudiu uma padeira — já há mais de um mês que andam a arreganhar o dente. Agora nem pão de bagaço e de raízes! Pouco durou essa farturinha, que fazia nojo aos cães!

— Daqui a pouco ainda pior! Mais bocas para maior fome.

— Hum! Se o povo quiser, ainda pode remediar-se por um dia ou dois.

— Está a gozar, tia Brígida!

— É o que vos digo, alma de Deus! Eu bem sei de certas casas ricas onde há trigo sonegado. Era o povo querer dar-lhes varejo, aí por volta da noite.

— Mas dá-se-lhes, que não pode querer Deus que uns vivam à farta onde tantos andam mirrados de fome!

— Pois está bem de ver que é assim.

— Olhai, criaturas — disse ela em tom de confidência ao seu grupo, uns quinze homens e mulheres — eu sei de uma casa onde há para cima de sessenta alqueires de trigo, que não veem sol nem lua.

— Isso dava pio para mais de cem pessoas aí por uns poucos de dias!

— E eu lá em casa com três crianças a ralarem-me o coração de dia e de noite, coitadinhas! A chorarem, a pedirem-me pão, até de joelhos e mãos postas, doidinhas de fome, e eu sem lha poder matar!

— E eu, mulher de Deus?! A pobre da minha mãe entrevadinha, e os meus cinco filhos todos esbagoados de choro, porque já nem há ervas entre as pedras para as irem roer. Eu já nem tenho alma para os ouvir! A eles e à velhita, coitadinha, que se põe a enganar a fome, rezando a Nossa Senhora que lhe dê a morte!

— Pois sim, criaturas — interveio a padeira — a miséria é de muita gente, mas o que eu sei é que há na cidade quem tem fartura. Deviam de ser obrigados a repartir com a pobreza.

— Obriga-os a gente.

— E a alguns nem era pecado tirar-lhes tudo o que eles têm aferrolhado. Olhai, sabeis quem mora na tal casa onde eu sei que há para cima de sessenta alqueires de trigo?

— Quem é?

— Quem é? Dizei.

— A mulher e a filha daquele negregado judeu rico, o tredo que fugiu com a rainha boneja: D. Judas.

— Bem sei.

— Foi o tesoureiro de el-rei, que Deus haja, e ficou podre de rico. Tem antão aí a mulher e a filha?

— Tem, cheias e fartas, muito alapardadas em certa casa grande, para os lados de Santo Elói.

— Bom sítio para se ir lá.

— E ainda vós não sabeis tudo, criaturas de Deus! Lá têm escondidas consigo as duas judias...

— Nossa Senhora de Escada, que nem o seu amado Filho pode ter dó de uma cidade onde essa peste de gente

vive regalada e farta!

— Mas dizei quem é que essas excomungadas têm escondidas consigo.

— A mulher e a filha de um fidalgo bilhostre, que era todo da rainha descarada e agora está com os de Castela, tal como o excomungado de D. Judas.

— Jesus! Que até é uma boa obra ir tirar o pão a essas cabras.

— E a mulher do tredo que anda contra a nossa terra é uma moura de Andaluzia, que o traidor roubou ainda nova e depois se converteu para casar com ele! Quem me pôs tudo isto em pratos limpos foi uma escrava moura que havia na dita casa e de lá fugiu anteontem. Até me contou que as porcas das judias escupiam, na divina imagem do nosso Senhor crucificado!

— Credo! Nem Deus pode ser por uma terra que tem dessas víboras!

E a benzerem-se, nuns grandes gestos de horror, as mulheres propuseram diversos alvitres para salvar a cidade

daquela abominável gente, tirando às judias o mal empregado trigo que lá tinham.

— Até será uma bendita limpeza ir lá.

E num crescendo de horror católico e de esfaimada cobiça, algumas propunham já enfurecidamente que, depois de lhes tirarem os haveres, as reduzissem a carvões, entaipando-as em casa e lançando-lhe fogo.

Nisto interveio o remendão pingueiro, que já tivemos ocasião de ouvir.

— Eu cá é que me não ralo. Se há lá vinho, vou, e pouco se me dá que sejam mouras ou judias. Para o beber, tanto se me faz. Lá pelo trigo é que eu não dou um passo. Na fome apertando mais comigo, e só aperta quando o vinho me larga, lá tenho um açougue debaixo do soalho da loja. Cardumes de ratos que parecem láparos. E ando na desconfiança de que já se comem uns aos outros, dês que o cerco começou!

Rompeu contra o sapateiro um movimento de indignação colérica. A padeira verberou-o por esta forma:

— Passa daqui, remendeiro porcalhão! Sangue de burro castelhano é que te tinham de dar a beber, escanzelado borrachão, que de tudo mofas!

Afastaram-se dele e entraram numa taberna que se chamava do Galo Preto, certamente por ter espetado por cima da porta um galo de folha de ferro.

Tinha anoitecido. A maré dos desalentos crescera muito mais do que a outra que de manhã ajudara a meter dentro do Tejo a armada vinda do Porto.

Já tinha corrido o sino da Sé, ou como se disséssemos que passava já das 9 horas, quando se começou a notar um formigueiro de gente miserável para os lados de S. Martinho.

Iam num alvoroço, bichando conversas. Alguns traziam candeias acesas, e um da frente levava um lampião de ferro. Foram subindo e tomaram para os lados de Santo Elói.

Eram decerto mais de cem pessoas; as mulheres, os farroupilhas, os mendigos constituíam a grande maioria do juntamento; mas de onde em onde luziam ponteiras de aço

de piques. Gumes de machados, singelos bacinetes de besteiros.

— É ali — disse alto uma mulher, estendendo o braço na direção de certo prédio grande, ladeado de corpulentas árvores.

Para a direita, subindo, ficava a igreja de S. Bartolomeu, para a esquerda uma ruazita estreita que ia dar à antiga Porta de Alfofa, na cerca velha da cidade.

— Ali? Pois vamos à tulha de D. Judas e depois se arranjará o brasido para queimar as judias e as outras do tal que se bandeou por Castela.

— O pior será o alarme do fogo! Pode o Mestre estomagar-se com a gente!

— Pior alarme é o da fome! — objetou a padeira que dirigia a multidão e à qual dera informações a respeito da casa do riquíssimo judeu, que fora tesoureiro de el-rei D. Fernando, depois parcial da rainha D. Leonor Teles, e era agora criatura do rei de Castela — Melhor feito será este nosso que o da armada esta manhã.

— Que entrou e não nos trouxe com que a gente matasse a fome aos filhos!

— Pois aqui está comigo quem sabe bem da fortuna que há naquele ninho maldito de gente judia e de uma raça de traidores.

E a padeira indicou uma escrava moura, velha, que tinha ao seu lado, muito embiocada.

— Esta foi a que fugiu de lá, por causa dos ruins tratos. Fala, mulher, diz a estes pobretões de Cristo, que trazem a barriga pegada às costas, diz-lhes que farturinha de trigo lá têm aquelas negregadas, que fazem judiarias à imagem do nosso Senhor, pregado na cruz, e até lhe cospem em cima.

A velha moura, uma descendente dos muitos cativos que tinham ficado em Lisboa, quando D. Afonso Henriques conquistara a cidade ao poder mauritano, confirmou alto o que a padeira dissera a respeito das afrontas à imagem de Jesus e deu ainda pormenores de mais hediondos sacrilégios.

A multidão rompeu num alarido de cóleras.

— E têm lá uma tulha cheia de trigo? Não é verdade que têm?

— Moura, responde — disse-lhe a padeira.

— É verdade. Não serão menos de trinta sacos grandes — declarou alto a escrava.

— A fartura de uma semana, mulheres de Deus!

— Pelos nossos filhos, pelos nossos velhinhos, para todos nós!

— E entrementes virá Nuno Álvares do Alentejo no nosso socorro.

— Esse é que sabe bem como se vai ao pêlo aos castelãos.

— Vá feito! Ao ninho das serpentes judias!

E eram como uivos de fome e como rugidos selváticos de superstição, os brados com que uns e outros se incitavam por aquele assalto iníquo.

— Acendei as cordas embreadas — clamou a padeira — Moura, guia-nos à porta do celeiro.

A escrava tomou a dianteira de todos. A multidão ia atrás dela, de roldão, a uivar cóleras.

— Cadelas judias! — rouquejavam umas esfarrapadas com os punhos no ar, ameaçando — Viveis cheias e fartas, e eu tenho lá no seu nicho de trapos os meus pequenitos a chorarem de fome!

* * *

Tinham já escavacado à machadada a porta do quintal. Era por ali o caminho mais perto para a tulha.

Outros, homens e mulheres, abriam a machado a porta principal do prédio.

Dois vultos brancos de mulheres tinham assomado à varanda alta. O céu estava toldado de nuvens, mas a luz vermelha de dois archotes que os assaltantes tinham erguido alto, para que todo o prédio se visse bem, iluminava tragicamente aquelas angustiadas figuras.

— Por piedade e em nome do céu! — suplicava uma delas, nova e gentil, morena de cabelos negros, tipo acentuado de judia.

— Pela divina Mãe de Jesus, não nos façais mal! — pedia a outra, de mãos postas, arquejante, com os seus grandes olhos espavoridos, como se aquela chama vermelha dos archotes fosse o prenúncio de uma enorme desgraça.

Era ainda mais nova que a outra, branca de neve, cabeça dourada como os arcanjos dos altares.

Os gritos de uma e outra, numa tremura de medo, num timbre de dor indefinível, cortados de soluços, vibravam por entre o estalejar sinistro da porta golpeada e as torvas ameaças da multidão, como por entre os rumores de uma tempestade o grito dolente de duas aves espavoridas nos ares.

— Parece a porta de um castelo! Seguravam-se bem estas malditas!

— Mas vai dentro em cavacos!

— Por misericórdia! Nós não fizemos mal a ninguém! — alegava uma delas a chorar, mãos enclavinha-. Das na

grade de ferro, a cabeça inclinada para baixo, com os cabelos já soltos, em ondas revoltas.

E a outra mais nova, imensamente pálida, caiu de joelhos contra a grade, a soluçar orações.

— Ah! Vai dentro a porta!

— Acaba-se com a judenga vil!

— Queima-se o ninho das serpes!

— Aleluia e queima de judenga à segunda-feira!

— Fogueiras antes do S. João!

— Para as mulheres de D. Judas!

— E mais pelas outras do traidor!

— Mãe de Jesus, misericórdia! — suplicou a mais linda e a mais nova, encostando aos varões da grade a sua cabecita angélica, emoldurada numa juba de cabelos louros, como filigrana subtil de ouro pálido.

— Trigo! A tulha cheia de trigo! — regougaram os que tinham entrado pelo quintal.

— Viva Deus, que está a porta em cavacos!

— Vá para dentro!

E foram todos de cambulhada contra a porta, bramindo, acotovelando-se, numa fúria doida.

— As excomungadas têm uma grade de ferro ao topo da escada!

Duas mulheres mais idosas correram para a varanda como loucas. Era uma delas a esposa de D. Judas, a outra, a esposa de um fidalgo que se bandeara com os de Castela.

— Filha, desampara-nos Deus! — exclamou numa angústia imensa a mais velha, a esposa do judeu.

— Madalena! — soluçou a outra mãe — Filha, que me não quis ouvir Nossa Senhora!

— Estão a quebrar a grade! — gritou de dentro uma serva.

— Socorro! — suplicou, debruçada da varanda, num esforço supremo, aquela a quem a mãe dera o nome de Madalena — Alguém piedoso... Que seja por umas pobres mulheres sem defensa!

Vinha um homem subindo rapidamente, talvez porque o ruído da multidão o houvesse sobressaltado.

E um maltrapilho, que estava na cauda dos assaltantes, de archote erguido, voltou-se para cima ameaçador:

— Espera, gata miadeira, que te havemos de esganar, antes que venha alguém acudir-te.

E o clarão do archote, que dava um tom fantástico de lenda àquela figurinha branca de mulher, linda e juvenil, de cabelos de ouro como as santas e as princesas dos retábulos góticos e dos livros de Horas, projetava também uma ténue claridade sobre a figura do homem que subia.

Reluzia-lhe um firmai de ouro no gorro emplumado, trazia um manto branco, pendente, deixando ver a cota de cruz vermelha e brasão fidalgo e o punho em cruz de uma longa espada. Era jovem e forte, sem nenhuma dúvida um cavaleiro.

Viram-no bem, como visão providencial, os olhos lacrimosos de Madalena.

— Acudi-nos! — disse-lhe num grito de súplica — Sede por nós, cavaleiro!

— Senhora, sim — respondeu-lhe, correndo direito à multidão, ainda a ulular desesperos, enquanto no cimo da escada uns homens batiam inutilmente com os olhais dos machados contra os varões de ferro de uma grade — Tendevos, assaltadores de mulheres, que vos mando em nome do Mestre!

Num movimento de enorme surpresa, a multidão um pouco se esbandalhou, hesitante.

O tom altivo e firme da intimação, feita em nome do Mestre por aquela soberba figura de cavaleiro, surgida ali como por encanto, deixou em todos aqueles ânimos uma impressão de receio e de deslumbramento.

— Um cavaleiro que vem em nome do Mestre! — preveniu sumidamente um homem, voltando-se para os que estavam na escada.

E logo se extinguiu a vibração dos ferros batidos pelos olhais dos machados.

— É vilania ameaçar mulheres, é de ladrões assaltar casas pela calada da noite! Afastai-vos! — mandou, impondo-se com dominadora arrogância.

A multidão recuou mais, acabrunhada; mas logo, num movimento de reação, umas poucas de mulheres avançaram para ele, apoiadas por quatro ou cinco homens, armados de chuços.

— Mas quem sois para assim quererdes mandar em nome do Mestre?!

— Sou alguém capaz de vos mandar no seu próprio nome e obrigar-vos a cumprir o mandado!

— É o da galeaça da batalha desta manhã! — disse alto uma das mulheres, afirmando-se nele — É o que há três meses mandou desafiar o Condestabre de Castela!

E era efetivamente Ruy de Vasconcelos.

CAPÍTULO V

A FILHA DE UM TRAIDOR

Sentiram de repente vergonha até os que eram da ralé, hoste miserável de rotos e de famintos.

Em volta daquela cabeça juvenil de campeador, de altivez leonina e máscula beleza, fulgia uma auréola prestigiosa de heroísmo. Era uma figura de sonho pela sua juventude romanesca e forte e uma figura de epopeia pelo seu esforço impetuoso e nobre.

Pelos velhos contos e pelas suas trovas, o povo conhecia a lenda dos cavaleiros de aventura, a vaguearem pelo Mundo para terçar lanças pela dama dos seus amores, e às vezes até pelas quimeras da sua fantasia; nos elmos dourados plumas brancas como a espuma das ondas e plumas rubras como as papoilas dos trigais, no escudo um moto de amor e um nome de mulher, o arnês numa alvura evocadora do luar, na cruz da espada esmeraldas e rubis como nos diademas das princesas e no colo palpitante das castelãs.

Eram assim os cavaleiros dos romances medievos; os da Távola Redonda e do louro rei Artur; o da lenda teutónica, maravilhosamente guiado nas águas pela plumagem branca de um cisne, aventureiro sublime em busca do Santo Graal; os que iam para as justas de amor e os que se iam para a conquista do Santo Sepulcro.

E aquele que afrontava ali a multidão dos famintos e dos supersticiosos parecia recortado dos cantares de algum rimance antigo.

— Senhoras — disse para cima — aquietai-vos, que ninguém ousará ofender-vos, porque sou eu por vós.

— Senhor — volveu Madalena comovidamente, numa tremura de voz — Nossa Senhora vos pague e abençoada seja vossa mãe na terra e no céu!

— Vinde pelo trigo, pobres de Cristo, e depois se queimará o vespeiro — gritou a padeira, assomando ao portão do quintal.

— Um roubo?! É um roubo o que vós quereis?! — interrogou torvamente Ruy de Vasconcelos encaminhando-

se para a padeira — Assaltantes, dando saque, vós, gente do povo, como se fôsseis também de Castela!

— O povo tem fome, senhor cavaleiro, e que não é por Castela bem o sabeis vós — replicou a padeira — Podíamos ir bater à porta das casas ricas daqueles que ficaram leais à nossa terra; mas tal não faríamos, ainda que a fome nos comesse a nós e levasse para os covais os nossos filhos pequenos e os nossos velhos. Mas ali dentro há fartura e está lá gente vil que é contra a nossa religião e contra a nossa terra!

— Aviso-vos de que não consentirei afrontas a essas damas indefesas.

— Estou a perceber que não sabeis quem são! Olhai que estão ali alapardadas a mulher e a filha do judeu tredo que é D. Judas, e com elas, a mulher e a filha de um fidalgo que atraiçoou a nossa terra e anda com os de Castela. As do judeu hospedaram as outras.

— E qual culpa têm essas criaturas do mal que fizeram os maridos e os pais? Vejo que os mais enfurecidos contra

elas sois vós, mulheres! E quantas que também são mães, quantas que também têm filhas?

A padeira adiantou-se uns passos e, de mão na ilharga, retorquiu-lhe:

— Mas não ofendemos Jesus, Senhor Nosso, e não temos tulhas de trigo; mas somos capazes de morrer por esta nossa terra, como vós, cavaleiro, e temos fome! Lembrai-vos que o Mestre mandou dar ao senhor Nuno Álvares, e bem empregados foram os bens que eram de David-o-Negro, aquele judeu de grandes riquezas que se passou para Castela, e então também o povo faminto pode tomar para si o trigo de D. Judas.

— Bem falado! Bem falado! — aplaudiram dezenas de vozes.

— Pois levai o trigo, mas, pela minha fé, que não tocareis nessas damas. Levai-lhe todo, que da minha casa virá o pão para que não acabem à míngua. E amanhã, sol fora, sem arruído e sem ameaças, aparecei à porta de D. Dulce Rodrigues de Vasconcelos, e lá se repartirá com os

mais necessitados uma parte do milho e do trigo que veio das suas terras de Riba-Douro.

— Viva o jovem cavaleiro! — clamaram as mulheres.

— Levai-lhes o trigo, mas daqui nada mais levareis, que vos não consinto eu. Daqui, agora, nem os seixos da rua.

— Acudam! Socorro! Estão a arrombar a porta do jardim! — gritaram em cima as servas.

— Senhor cavaleiro, vêm para nos matar! — soluçou Madalena, debruçando-se da janela — Defendei-nos!

— Defendo, sim, com todo o esforço de que for capaz, senhora minha.

Arrancou da espada e correu para o portão do quintal.

— Senhor cavaleiro, não é preciso! — disse a padeira, tomando-lhe o passo — Bonda que eu lá vá. Vou eu, e o povo não fará mal a estas mulheres. Tende-vos aí, povo! — gritou do portão numa voz máscula, dominadora.

Depois, voltando-se para o Vasconcelos:

— Guardai a vossa espada para os de Castela, vós que sois um fidalgo leal. Guardai-a para defenderdes Lisboa e

para ajudardes Portugal. Ninguém por vossa intenção fará mal a essas mulheres: mas também nós as vigiaremos para que não façam dano de feitiçaria e de traição, seja a quem for. Vou eu ter mão naquela gente.

E deitou a correr para dentro do quintal.

— Senhor cavaleiro — disse de cima, a tremer, a esposa de D. Judas — dai-nos a honra de entrar, que vos queremos beijar as mãos.

— Senhora, entrarei, porém, para vos acompanhar enquanto correrdes perigo.

Entrou. Uma serva da casa abriu a grade do topo da escada, correndo o ferrolho.

— Boa vai ela! — comentava na rua uma velha — Entrementes as mães lhe beijam as mãos, capaz será ele de lhes beijar as filhas.

— Aquele é um belo galo de crista erguida e esporões dourados! — acudiu outra velhacamente.

— Como os cabelos da mais jovem.

— Mas deixai — objetou rancorosamente uma esfarrapada — deixai que o que se não faz em dia de Santa Luzia pode fazer-se ao outro dia.

— Vão enfeitiçá-lo as judias e a outra sereia que lá está! — disse alto, num regougar de voz, a escrava moura — E ainda não disse tudo o que sei, mas ficará para outra vez!

— Vá, criaturas pasmadas — veio dizer a padeira — é aviar, que vamos a repartir 0 trigo.

— Vamos por ele. Vamos lá! — gritaram umas vozes enrouquecidas.

E foram todos de roldão para o quintal. Vinha de lá um sussurro enorme de muitas vozes numa irrequieta sofreguidão.

E a sobrelevar a todas, a voz trovejante da padeira:

— Eh! Lá! Vai aos punhados, assim mesmo cru! Não vale. Espere cada qual o seu quinhão e coma-o depois como quiser.

* * *

Ruy de Vasconcelos fora recebido na sala grande de D. Judas por aquelas atormentadas mulheres, ainda lívidas de pavor.

— Senhor cavaleiro — disse comovidamente a judia de cabelos brancos — teve o céu piedade de nós e trouxe no nosso favor o vosso ânimo generoso!

E procurava tomar-lhe as mãos para lhas beijar.

— A vida nos salvastes, senhor — acudiu D. Maria de Mendonça, esposa de Gil Vasques de Mendonça, um parcial de Leonor Teles e agora um servidor do rei de Castela, na ala de traidores que estavam no seu exército, sitiando Lisboa.

Era uma dama de cerca de quarenta anos. Já começavam a embranquecer os seus opulentos cabelos ondeados negros; mas as rugas de uma vida amargurada ainda lhe não tinham apagado completamente a esplêndida formosura.

— Sou Maria de Mendonça — disse-lhe, apresentando-se — a infortunada mulher de... Gil Vasques de Mendonça.

Baixara a voz, e enrubescera como se tivesse medo e vergonha de dizer aquele nome.

— Sei quem sois, senhora, e está a minha memória a recordar-me certa dama que há dez anos vi muitas vezes no paço. Chamavam-lhe a Flor de Granada.

— Dizeres lisonjeadores. Fui moura; meu pai era de Granada. «

— De mim, senhora, é que vos não podeis talvez lembrar. Era uma criança. Mas da minha mãe certo vos recordareis.

— Dizei-me o seu nome.

— D. Dulce Rodrigues de Vasconcelos.

— Fomos companheiras e amigas no paço — disse Maria de Mendonça, num suspiro, tocado de mágoa e de saudade.

— O vosso palácio, senhora, era ao pé da Porta de S. Pedro, da antiga cerca. Lá fui por vezes com a minha mãe.

— Tivemos de fugir de lá por culpas que não eram nossas, e lá está fechado como casa onde alguém morreu! Aqui nos acolheu por caridade esta família, e aqui temos

vivido a ocultas. A minha filha Madalena — disse, apresentando-lha — Era pequenina quando eu vivia na corte com a vossa ilustre mãe.

— Senhora minha! — balbuciou Ruy, curvando-se gentilmente diante de Madalena, muito perturbada, num enleio adorável — Fomos crianças que nalgum tempo se conheceram e depois, por largos anos, uma da outra ficaram esquecidas. Boa hora me deu Deus para vos encontrar, pondo em serviço vosso a minha vida e a minha espada, se mandardes que uma e outra sejam por vós, enobrecendo-se.

Envolveu-a num carinhoso olhar de deslumbramento, como se fosse aquela princesa ideal que a sua juventude sonhara em devaneios de batalhador e de cavaleiro andante.

Maria de Mendonça sentia-se lisonjeada naquela homenagem à sua linda e estremecida filha. A judia jovem afogueara-se e como que os seus olhos negros se incenderam num relâmpago de inveja por aquela hóspede sua, mais formosa. Mas logo, num relance para aquele jovem cavaleiro de lenda, tristemente se lhe turvaram. Nunca para ela, a judia rica e odiada, outra juventude

assim brilhante ainda se curvara em tal acariciadora homenagem!

Ruy dobrou o joelho diante de Madalena e tomando-lhe a mão pequenina e branca, escultura ideal nalgum prodigioso jaspe, a que um milagre houvesse dado vida, beijou-lha levemente como um pajem beijaria a mão de uma infanta nas salas magnificentes de algum paço real.

Mas daquele enlevo o despertou bruscamente um ruído alto de vozes na rua, dominado por clamores enfurecidos de ameaça.

— Voltam! — exclamou num confrangimento de terror a judia de cabelos brancos, abraçando-se na filha.

— Não tenhais medo, senhora. Aqui me tendes para vos defender.

E na rua gritavam:

— Que o da galeaça nos apareça!

— Que o jovem desafiador do Condestabre de Castela nos escute.

— Nobre cavaleiro, Ruy de Vasconcelos!

— É por mim que chamam! — disse o jovem Vasconcelos, indo arrebatadamente para a grande janela de balaustrada.

— Senhor, olhai que vos não façam alguma traição! — recomendou Madalena, timidamente, numa tremura de voz.

— Senhora minha, nada receio dessa gente.

Assomou à janela alta de ogiva, os vitrais incendidos na chamazita das quatro tochas que ardiam na sala.

— Escutai, senhor cavaleiro! — gritaram de baixo — Por vossa intenção, o povo perdoará às mulheres do traidor, porém às judias enfeitiçadoras, não.

— Não! Não!

— Quem perdoa ou deixa de perdoar não sois vós; são as justiças do Mestre e defensor nosso. E quem as defende agora sou eu. Vede se entendeis bem, gente tumultuosa. Eu!

— Não as podereis defender sempre — retorquiu-lhe a padeira, que era a parlamentária da multidão — Elas pagarão seus malefícios. Assim o há de querer Deus,

Senhor Nosso. Esta escrava moura, que fugiu dessa casa sabe bem o que elas fazem, e conta que há aí um caminho debaixo do chão. Vai dar a Vila Nova de Gibraltar e à praia. Por ele poderão entrar os de Castela, guiados pelo tredo rabilongo de D. Judas! (*). Vede o que fazeis, senhor cavaleiro, que nós tudo isto iremos contar ao Mestre!

[(*) Rabilongo por ter cauda pendente. Ainda, três séculos depois, havia quem acreditasse que os judeus se diferençavam dos outros homens por um apendículo curto como os de certas raças de macacos! Acreditava-se e escrevia-se! E assim, por ódio religioso, inconscientemente punham na gente israelita a prova material da teoria de Darwin, o fisiologista inglês, falecido em 1882.]

— Ide, mas aqui não entrareis. Ide, que também eu direi ao Mestre o vosso intento, e a ele e a vós hei de mostrar que, se não falto aos meus encargos de cavaleiro para defender damas, também sou incapaz de quebrar os meus deveres de Português leal, protegendo traidores. Ide, ou irei eu ensinar-vos o caminho!

— Não vos assomeis assim, gavião branco, dentro desse pombal! — gritou uma regatona.

— Senhor, tende cautela! — pediu-lhe D. Maria de Mendonça.

— Vale-vos serdes quem sois! — disse de baixo a padeira — E a elas agora lhes dais vós salvamento por saber a gente o que tendes feito pela nossa terra. Vá, gente, embora daqui. O vespeiro há de arder em louvor de Jesus, Senhor Nosso. Para outra vez será. Há mais marés que marinheiros. Vamos lá.

— Mas é preciso ir dizer ao Mestre que há ali um caminho debaixo do chão! — lembrou um dos maltrapilhos — E ninguém sabe onde vai ter!

— Numa hora má, a cidade a cair de fome, nós nos muros e nas torres a lutar, e D. Judas entrará cá dentro pelo seu caminho de toupeira com algum troço de Castelhanos!

— A dizê-lo já ao Mestre, e ele que nos mande a nós entulhar o tal caminho com as pedras e as cinzas daquela casa de Judas.

— Vá! Vá feito!

— De madrugada será — alvitrou a padeira.

— Não; agora!

— Já de caminho!

— E cá voltaremos depois para queimar o vespeiro!

— Pois seja como quereis — aquiesceu a padeira.

E a multidão lá foi enovelada por ali abaixo, a regougar ameaças.

Ruy afastara-se da varanda com o rosto avincado, numa preocupação que o tornava sombrio.

— Maior perigo ainda para estas pobres mulheres de uma raça tão cruelmente odiada! — soluçou a esposa de D. Judas, numa lividez de terror, a filha muito chegada a si.

— Fugiu da vossa casa alguma escrava moura? — perguntou-lhe o filho de D. Dulce.

— Antes de ontem daqui fugiu uma ladra, que roubou a esta minha filha um grande fio de pérolas de toucar. Velha e

miserável a tinha eu tomado por dó, e nesta casa lhe dei guarida, vai em nove anos. Assim me pagou!

— Percebi que essa escrava era incitadora dos ódios daquela gente. Foi ela quem denunciou que havia nesta casa um caminho oculto.

— Há, senhor; nisso não mentiu ela.

— Onde vai ter? — interrogou, sombriamente apreensivo.

— Por mim vos não sei dizer, mas ouvi uma vez ao meu marido que ia dar à sinagoga maior de Vila Nova de Gibraltar (*).

[(*)Era o bairro em que os Israelitas viviam extremados da outra população da cidade. Também se lhe chamava a Judiaria Grande. Vila Nova era a designação vulgar para os agrupamentos de edificações recentes, nas imediações das cidades, ou modernas em relação ao núcleo principal das outras edificações.]

— Só aí? Dizei-o francamente, senhora.

— Estou a entender que também vós de alguma coisa suspeitais e pareceis arrependido da piedade que tivestes

de nós!

— Nunca me arrependi de um dever cumprido, e este me não esquecerá nunca — volveu-lhe, relanceando um olhar acariciador para Madalena — Mas que este meu auxílio não fique afrontado com a mácula de alguma suspeita, que valeria a maior amargura que eu pudesse ter na minha vida, muito vos rogo me informeis com desassombrada franqueza.

— Toda a verdade vos disse, toda!

— Pois então, senhora, ide juntar o que tiverdes de maior valor e que mais facilmente se possa levar daqui para fora.

— Daqui para fora! Senhor, porquê?!

— Porque eu não posso aqui ficar a defender-vos, e a esta casa a condenou aquela gente por suspeita e perigosa para a defesa da cidade. Vão contar ao Mestre a denúncia da moura e ele mandará que venham a examinar esse caminho oculto.

— Deus de Abraão! — soluçou a judia, abraçando-se à filha numa convulsão de choro.

— Senhora, não podem as lágrimas dar-vos remédio. Mau foi que a essa gente se metesse em cabeça que por aqui poderiam entrar os sitiantes, guiados pelo vosso marido. Pode muito o Mestre, e nada poderia contra semelhante suspeita! Amanhã o saberá a cidade toda, e essa multidão de angustiados, que tanto têm sofrido na defensa da sua bandeira e dos seus lares, correrá aqui para vos queimar e destruir a casa, queimando-vos com ela.

— Deus misericordioso!

— Mãe, minha pobre mãe, fujamos daqui! — rouquejou, espavorida, a filha de D. Judas.

— Talvez ainda esta noite — continuou Ruy — Disse-o nas suas ameaças aquela gente. Havíeis de tê-lo percebido.

— Jesus! — soluçou D. Maria de Mendonça.

— Nossa Senhora nos dê amparo! — disse Madalena, pondo as mãos numa tremura de súplica.

— Mas em outras casas antigas de Lisboa há de haver também, tenho ouvido contar que há, caminhos debaixo do chão — alegou a mulher de D. Judas — até no paço da

Alcáçova, e só este basta para condenar duas tristes mulheres!

— Por muito que me custe dizê-lo, é dever de lealdade avisar-vos que esta hora não é para enganos e disfarces de palavras. Bem sabeis que os antecedentes do vosso marido põem uma tremenda suspeita sobre esse caminho.

— Mas olhai — interveio D. Maria de Mendonça — que também na minha casa ouvi falar de um caminho oculto, que nunca vi nem sei onde vai dar.

— Senhoras minhas, o tempo voa e estamos nós aqui a malbaratá-lo com desnecessárias alegações!

— Pois mandai então o que devemos fazer.

— Apenas aconselho, senhora. Esta casa está irremediavelmente perdida para vós. Ide buscar as vossas joias e o vosso dinheiro. Tudo o mais o podeis considerar perdido.

— E depois, para que refúgio?

— Para vos acolherdes à proteção do Mestre. Tendes aí algum servo em quem depositeis confiança?

— Um criado velho da minha raça.

— Esse para me ir guiar já à entrada desse caminho.

— Sim, irá.

— É caminho que se possa fechar?

— Tem uma porta de grossos varões de ferro com ferrolhos e tranquetas.

— Pelo lado de dentro?

— Sim.

— Está bem; ide sem perda de tempo. Eu irei entregar ao Mestre a chave dessa porta e contar-lhe quanto sei.

— Deus meu! Entretanto a populaça voltará!

— Ireis comigo à presença do Mestre. É o maior testemunho de lealdade que podeis dar-lhe.

— Senhor, aonde mandardes.

Saíram numa tremura convulsiva de terror.

— E nós, filha?

— Senhor cavaleiro, quereis deixar-nos aqui sozinhas, tolhidas de medo? — perguntou-lhe Madalena com os olhos rasos de lágrimas.

— Senhora, a minha casa não fica longe, e a minha mãe vos dará abrigo.

Apareceu o criado velho para guiar Ruy de Vasconcelos à porta do subterrâneo.

— Tende dó de nós! Não vos demoreis — pediu Madalena num adorável tom de súplica.

— Voltarei depressa, senhora.

* * *

Desceram uma escada de pedra, estreita e lôbrega.

Na frente o criado com um brandão aceso.

Ao fundo da escada, sob uma arcaria de abóbada abatida, uma porta esguia e baixa de grossos varões de ferro com os

topos chumbados nas ombreiras de pedra, esverdinhadas da humidade.

Tinha três ferrolhos e uma fechadura grande, saliente, em que o ferrolho maior se fixava. Dependurado de um grampo, na ombreira, uma enorme chave de bronze, manchada de verdete.

Ruy examinou a porta atentamente e experimentou os ferrolhos e a fechadura.

— Por este caminho só a um homem de frente — disse consigo — e um homem nem no meio dia poderia limar e partir a malho estes varões, mais grossos que duas hastes de lança — Está bem — disse para o criado — voltemos. Ide adiante.

E seguiu atrás dele, levando a enorme chave.

Ao topo da escada ouviu soluçar alto. Esperavam-no as duas judias, lívidas, trementes, cada uma com um cofrezito de joias. Atrás delas duas servas com umas trouxas pequenas.

— Mandai, senhor — disse a mulher de D. Judas — Aqui trazemos o que de mais valor podemos levar.

— Iremos agora ao paço de Apar S. Martinho ter com o Mestre.

— Um tropel de gente em carreira para aqui! — veio avisar Madalena, confrangida de pavor.

Após ela a mãe, num pasmo e numa palidez de esmorecida.

— Não vos apavoreis. As portas interiores resistirão por algum tempo e a minha espada fará o resto. Eu vou ver.

Correu para as grandes janelas da frente. O tropel era de uma quadrilha de homens de guerra, talvez uns quarenta, que vinham de carreira; seguia-os uma multidão de rotos e de mulheres. Na frente três homens com archotes.

— Homens da hoste! Tanto melhor — disse alto Ruy de Vasconcelos.

— Deus meu, homens armados! — rouquejou na sala a filha de D. Judas, em convulsões de medo, de grande pavor.

— Gentes! — gritou o anadel-mor dos besteiros, voltado para a multidão — a ordem do Mestre é que não entreis. Tende-vos aí.

— Pois serão cumpridas as ordens do Mestre e executai vós os seus mandados, que nós aqui esperaremos.

Era a padeira quem assim falava. Um rumor alto de muitas vozes apoiou os seus dizeres.

Entrou pelas janelas dentro a fumarada negra dos archotes e um clarão vermelho incendiou os vitrais, dando vida às suas figuras bíblicas e projetando no soalho de cedro antigo, amarelecido, uns laivos sanguíneos, reflexos da púrpura dos reis de Judá, pintados nos grandes vidros.

— Ester, filha minha, que estamos perdidas! — soluçou Judite Navarro, num olhar pávido, fito naquelas manchas vermelhas.

D. Maria de Mendonça e Madalena acercaram-se-lhes, compassivas.

— Senhor anadel-mor — disse de cima Ruy de Vasconcelos — vou abrir-vos a grade da escada e eu próprio vos entregarei a chave da porta de um caminho oculto que vai dar à sinagoga de Vila Nova, segundo aqui me declararam. Estava para a levar ao Mestre; dar-vo-la-ei a vós.

No intento de dissipar quaisquer suspeitas da multidão a respeito da sua lealdade, Ruy disse alto da janela abaixo isso que podia dizer apenas ao anadel-mor. É que só tinha medo de que alguém pudesse duvidar da sua boa fé de patriota.

— Já vos tinha reconhecido, senhor Ruy de Vasconcelos — volveu-lhe o anadel.

O jovem cavaleiro veio para dentro.

— Tende confiança na justiça e no ânimo generoso do Mestre, senhoras minhas. E na devoção e lealdade da minha alma como na sua justiça.

Eram para todas elas as suas primeiras palavras, mas só para uma as outras mais cariciosas e de mais calorosa dedicação. O seu olhar disse muito mais do que as palavras, e Madalena compreendeu-o num afogueamento de alvoroço, que a tornou ainda mais linda.

Ruy correu a abrir a grade da escada. Entretanto, o anadel mandara a doze besteiros que fossem vigiar a casa do lado do quintal; quatro besteiros e quatro homens armados de

chuças ficariam na rua e vinte subiriam com ele para revistarem o interior do prédio.

— Senhor anadel — foi dizer-lhe à rua o juvenil paladino daquelas desamparadas mulheres — podeis entrar e aqui tendes a chave de que vos falei.

— Conheceis esse caminho de que as mulheres e os maltrapilhos foram falar ao Mestre?

— Apenas lhe vi a entrada. Não cabe por ele mais que um homem de frente. Fecha-o do lado de cá uma porta fortíssima de grossos varões de ferro, que o mais possante Hércules de Castela não conseguiria limar e partir no meio dia. Está seguramente fechada. Aqui está a chave que eu ia levar ao Mestre.

— Ele virá também. Mandou chamar o Juiz do Povo; ficou a esperá-lo; virá com ele.

— Foram despertá-lo os saqueadores?

— Ainda se não tinha deitado. Inquiria das coisas do Norte com o almirante da armada que chegou. Entremos então.

— Eu convosco. À minha honra de cavaleiro está confiada a defesa de umas desventuradas damas.

— Já o sabia — respondeu-lhe secamente o anadel.

Subiram. Ruy foi mostrar a porta do subterrâneo e lá ficaram de guarda dois besteiros de besta de garrucha e quatro homens de chuças.

Depois, enquanto o anadel passava revista a toda a casa e colocava sentinelas às janelas e portas de comunicação, Ruy foi para junto das damas.

Empenhava os mais dedicados esforços para as reanimar. Agora as menos atemorizadas eram D. Maria de Mendonça e Madalena; mas as duas judias, essas estavam cada vez mais esmorecidas. Tinham medo da justiça do Mestre, que, pelo próprio interesse da sua causa, poderia transigir com os clamores sanguinários da populaça que o adorava.

Bem sabiam que o Mestre se limitara a mandar confiscar os bens de David-o-Negro e a doá-los a Nuno Álvares, consentindo, todavia, que a mulher, D. Cimfa e os filhos ficassem na cidade. E o antigo almoxarife de el-rei D. Fernando era tão judeu e tão traidor como D. Judas; mas

contra elas havia a mais, num terrível agravamento dos ódios supersticiosos da população: as denúncias da escrava moura, aquele suspeito caminho oculto, e até a clandestina hospedagem misericordiosamente concedida à mulher e à filha de um fidalgo que fora muito da rainha Leonor Teles e era agora pelo rei castelhano, sob pretexto de defender a herança da infanta portuguesa, aquela criança a quem tinham feito rainha de Castela.

Demais a mais, sabia-se que Gil Vasques de Mendonça estava com o exército sitiante. Muitos defensores da cidade o tinham reconhecido entre os mais audazes nas investidas, desde as primeiras escaramuças do Lumiar, preliminares do cerco.

Na sua perspicácia de mulher e no seu instinto de mãe, D. Maria de Mendonça percebera logo claramente o súbito deslumbramento que a filha tinha produzido naquele providencial defensor de nome ilustre e sangue nobilíssimo.

E até nisto lhe parecia ver um favor do céu com que momentos antes, nem se atreveria a sonhar. O amor daquele jovem por Madalena bem podia ser o amparo e a suprema ventura da sua linda filha, se os escrúpulos do

fidalgo leal à sua terra se não levantassem como estorvo irredutível entre o coração de Ruy e a filha do traidor.

Esposa daquele prestigioso jovem, Madalena veria dissipadas as nuvens ameaçadoras da sua primavera de mulher, em pleno céu azul a estrela dos seus destinos, num rútilo abril de flores aquele inverno desabrido e tenebroso, que uma desgraça de família desencadeara sobre os seus dezassete anos encantadores.

No seu bendito egoísmo de mãe, em tudo isto pensara de relance aquela mulher que tanto sofrera e tão nova experimentara o travo das lágrimas e as mágoas supremas da vida!

Roubada aos pais por um bandido fidalgo; sem lar e sem família, moura forçada a abjurar a sua religião para não ficar perpetuamente a desprezível concubina do aventureiro brasonado que a roubara e para que sobre o berço da sua filhita, que foi afinal por ela que tudo sofrera, não caísse a mácula irremediável de uma bastardia odiosa, toda a sua juventude se lhe escureceu nas agruras daquele drama íntimo, que ninguém pôde avaliar porque só ela o viveu e sentiu.

* * *

Num lance em que Judite Navarro fraquejou mais na tortura dos seus pavores, quase desmaiada nos braços da filha, e quando D. Maria de Mendonça, muito dobrada para ela, lhe dizia palavras misericordiosas de dedicação e de consoladora esperança, Ruy tomou a mão de Madalena, num arrebatamento febril, e beijou-lha brandamente, segredando-lhe:

— Por vós a minha vida e todos os sonhos da minha alma! Vem do vosso olhar a luz porque o meu coração ansiava. Viverá dela; morrerá por ela.

— Senhor! — titubeou Madalena com uma perturbação que a tornava ainda mais linda.

— O Mestre! O Mestre! — gritou a multidão da rua.

— Viva o Messias de Portugal!

— Deus de Israel! — exclamou Judite Navarro, erguendo-se de súbito numa tremura convulsiva.

— Senhora, confiai no ânimo do Mestre, justiceiro e generoso.

— Falai-lhe no nosso favor, senhor cavaleiro! — suplicou-lhe Ester, pondo nele os seus grandes olhos negros, noite voluptuosa e ardente, sob uma neblina de lágrimas.

— Eu vou, senhoras, e pedirei o favor da sua generosidade como se para mim a pedisse.

* * *

Numa antessala, Ruy expôs lealmente ao Mestre tudo o que se passara naquela casa.

D. João ouvia-o com fria serenidade. Ao seu lado, o Juiz do Povo seguia com afetuoso interesse a larga exposição do filho de D. Dulce.

— Como bom cavaleiro e homem generoso procedestes; mas tendes tão grande fama de lealdade entre a gente do povo, que mal-aventurado lance foi esse para vós! Logo quis o acaso que a um tempo defendêsseis a mulher e a

filha de um judeu traidor e, talvez ainda pior, a mulher e a filha de um fidalgo de Portugal que se bandeou por Castela e com os homens de armas do rei estrangeiro cerca a maior cidade e o mais forte abrigo da sua Pátria!

— Senhor, pobres mulheres, que mácula de culpa lhes pode caber a elas pela traição infame do marido e do pai?! — disse-lhe, empalidecendo.

— Herdam-se vergonhas como se herdam as glórias; caem sobre uma família as torpezas daquele que se aviltou e era seu chefe.

— Mestre e senhor, é uma injustiça dos homens!

— Então injustiça há de ser também que, pela herança dos gloriosos feitos, se enobreçam os descendentes daqueles que os praticaram. Vós, por exemplo, que de cabeça erguida podeis falar dos vossos preclaros avoengos.

— Senhor, para os tomar de exemplo e, pelo que eles fizeram, tornar maior o encargo que a mim me pertence. Bem o sabeis, Mestre e senhor.

— Sei, mas olhai que sobre a família de Gil Vasques de Mendonça caiu maior afronta que sobre as mulheres de D.

Judas. Não era esta a pátria do judeu, nem era a sua fé igual à nossa, nem dele a nossa bandeira, para lhe querer e morrer por ela. Era um troquilhas, um cigano ganancioso; nem a bem dizer é um traidor. Foi para onde lhe conveio, ao vezo de maiores favores. É apenas um desprezível sabujo para se mandar à forca, se cá voltasse. O outro, não! O outro, não!

— Senhor — volveu-lhe Ruí de Vasconcelos, cada vez mais pálido — e era por umas e outras que eu vinha pedir-vos!

— Pedir o quê?! Que as defenda das iras do povo? Está concedido.

— Mais alguma coisa, senhor.

— Esta casa tem de ser deitada abaixo e entulhado esse caminho secreto por onde o povo receia que entrem de surpresa alguns dos sitiadores de Lisboa. Será um receio infundado e creio que é, mas embora. Não quero que o povo corra aos muros e às torres na suspeita de que mão traiçoeira lhe pode meter cá dentro quem vá investi-lo pelas costas.

— Senhor, não era o meu pedido para deixardes de pé a casa do judeu, bem que se me afigure desvairado o receio da arraia-miúda.

— Então para qual fim?

— Para me concederdes que na minha casa dê abrigo à mulher e à filha de Gil Vasques de Mendonça, o t mi dor.

De rosto carregado, olhar fito no juvenil cavaleiro, o Mestre respondeu lentamente:

— Perdereis nessa generosidade irrefletida todo o prestígio que tendes no povo pelo nome glorioso de quem vindes e pela fama da vossa lealdade e esforço! Leva-las para vossa casa, porquê?

— Porque vão ficar ao desamparo, se eu não as puder confiar ao coração misericordioso da minha mãe!

— Estou a perceber nesse propósito algum sonho do vosso coração mouco. À mulher do traidor, pouca conversa, Deus sabe com que fé, a essa a conheci eu; foi a maior formosura nos pacos de el-rei, que Deus haja. Havia quem a julgasse de beleza igual à... Flor de Altura, n flor do mal que matou a irmã, o rei, e queria matar o Reino! À filha não

a conheço eu; mas estou a adivinhar que muito a conheceis vós, Ruy de Vasconcelos!

— Senhor, em criança a conheci e dela me tinha esquecido. Ao cabo de dez anos a tornei a encontrar.

— A sua idade?

— Não terá mais de dezassete anos.

— Vede se esse amparo que lhe quereis dar a infamará a ela, pondo mácula no vosso honesto lar! Vede bem o que ides fazer contra ela e contra vós. O povo suspeitará da vossa lealdade.

— O povo bem sabe como eu tenho posto a vida em risco na defesa da nossa terra.

— Por loucos amores, e eu já vos suspeito enamorado, não raro os maiores deveres se esquecem e as mais austeras virtudes se perdem.

— Senhor, a vós e ao povo hei de eu mostrar de que lealdade e esforço maior ainda sou capaz. Por Deus e pela minha mãe, Mestre e senhor, aqui vos juro!

— Creio, mas olhai que não é seguro jurar contra os caprichos de amores, que nalgumas horas enfeitiçam um jovem como vós... Já cruelmente experimentados por outros de má fortuna. O traidor está nessa hoste que tem assolado Portugal e oprime Lisboa para nos avassalar, roubando-nos o que mais prezamos. Se lhe puserdes má fama na filha, eu consentirei que resgateis essa culpa, tornando-a vossa esposa. Nem eu, enquanto for o Defensor do Reino, nem o povo comigo, enquanto as forças de Castela o não esmagarem.

— Senhor, honestamente viverá em companhia da minha mãe. Na hora em que lhe surpreendesse o intento de me levar para o caminho ignóbil do pai, ninguém com mais profundo desprezo do que eu a expulsaria da minha casa. Eu sozinho procurarei resgatar a torpeza que o pai lhe deixa de herança. Na dianteira dos vossos cavaleiros, em quantas batalhas lutardes, de peito afoito para os maiores perigos, com o dobrado fervor pela santa causa que defendemos, eu pagarei com o meu sangue ou com a minha vida os direitos do favor que hoje vos suplico e espero do vosso grande coração, Mestre e senhor.

— Numa hora assim vos enfeitiçou!

— Senhor, é ainda a bem dizer uma criança e ficará ao desamparo, aos baldões do Mundo como as esfarrapadas das ruas, talvez na miséria, certamente exposta às iras sanguinárias da populaça, se vós não consentirdes, senhor, que vá confiá-la à piedosa generosidade da minha mãe.

E com tal comovedora sinceridade disse isto, que foi-se embora profundamente o propósito do Mestre.

— Juiz do Povo, qual parecer é o vosso? — disse, voltando-se para Afonso Eanes.

— Mestre, a mim me quer parecer que o nobre senhor Ruy de Vasconcelos merece, pelo seu nome e leal intrepidez, que tal favor lhe concedais. Se fosse preciso que por tal enobrecido cavaleiro alguém respondesse perante vós, senhor, responderia eu, como para o povo hei de responder firmemente por ele.

— Está bem. Deixo à vossa consciência, Ruy de Vasconcelos, todo o encargo desta concessão. Podeis abrigar na vossa casa a mulher e a filha do traidor Gil Vasques de Mendonça.

— Senhor infante e defensor nosso! — disse Ruy calorosamente, num jubiloso arrebatamento, de joelho dobrado, a procurar a mão do Mestre para lha beijar — Para todos os sacrifícios que de mim quiserdes, fora da conta dos que devo à Nação e para os mais destemidos feitos de que for capaz nos maiores perigos e nas maiores batalhas, Mestre, contai com o cavaleiro que deu guarida à família de um traidor. Aqui vos juro!

— Sim, ide dizer-lho, e levai-as convosco.

— Senhor, e as judias?

— Vou mandá-las para Vila Nova, e lá hão de ficar encerradas e com guardas à vista, para que de todo se dissipem as suspeitas do povo.

— Quanto vos devo, senhor, e que generosa e grande alma a vossa!

— Afonso Eanes — disse o Mestre para o glorioso tanoeiro — o anadel-mor que entre.

O Juiz do Povo foi chamá-lo à casa contígua, onde ficara águardando ordens.

O anadel entrou sozinho. Ruy despediu-se do Mestre e saiu.

— O cavaleiro Ruy de Vasconcelos tem licença minha para sair com essas duas damas, a quem defendeu das iras do povo. Oito dos vossos homens para o acompanharem a casa de D. Dulce de Vasconcelos. Quinze besteiros da vossa confiança para escoltarem já a Vila Nova de Gibraltar essas duas judias e os seus servos. O Juiz do Povo irá com elas para lhes determinar lá a casa em que devem ficar encerradas e verificar se na sinagoga maior desemboca o caminho oculto que há nesta casa.

— Senhor, as vossas ordens serão cumpridas.

— Tomai providências para que esta casa seja demolida desde já e amontoadas sobre o caminho oculto todas as pedras derribadas. Ide dizê-lo a essa gente do povo que aí está fora, e que assistam à demolição todos os que quiserem assistir. Quando a manhã vier, deve de estar por terra a casa grande de D. Judas.

— Mestre, vou cumprir os vossos mandados.

O anadel retirou-se e a seguir entrou Afonso Eanes.

— Senhor, entendo agora o súbito encantamento de Ruy de Vasconcelos!

— Vistes a filha de Gil Vasques?

— Mestre, vi. Não teriam sido mais lindos os dezoito anos de D. Leonor Teles! Mas o seu olhar tem uma luz de bondade e de casta meiguice que...

— Que a rainha adúltera nunca teve — concluiu o Mestre, acudindo à hesitação do tanoeiro — Agora, oxalá que Ruy de Vasconcelos não falte ao que deve o seu nome, e Deus lhe dê melhor fortuna do que teve com os seus malogrados amores por aquela juvenil dama do paço, desaparecida há dois anos, sem que ninguém saiba o que foi feito dela.

— D. Leonor de Gusmão. Ouvi falar dela e dizia-se que era das mais formosas que tinha o paço. Até se chegou a dizer que se teria juntado com a rainha, viúva do vosso irmão, que Deus tenha consigo!

— E as judias? Como ficaram?

— Numa aflição, lavadas em lágrimas.

— Tendes de as acompanhar a Vila Nova.

E deu-lhe as indicações que já conhecemos.

* * *

Foi enternecedora a despedida das judias. Afastaram-se de D. Maria de Mendonça e de Madalena num arquejar de soluços e em tal amargura de lágrimas, que parecia despedida para nunca mais se tornarem a ver.

— Tendes quem vos proteja, Madalena — segredou-lhe Ester Navarro, indicando o jovem cavaleiro num olhar — Nós, ninguém!

— Eu lhe pedirei por vós — volveu-lhe Madalena com adorável ingenuidade, ruborizada, num fio trémulo de voz.

— Diz-me o coração que nunca mais nos tornaremos a ver! — soluçou a esposa de D. Judas, abraçando D. Maria de Mendonça, numa angústia de pressentimentos lúgubres.

— Há de querer Deus que nos tornemos a encontrar. Assim o espero da misericórdia divina. Terá dó de nós o

Deus de nós todos. Hei de eu pedir-lho nas minhas orações, pelo tanto bem que vos devo e pela generosa guarida que me destes.

O Juiz do Povo chamou-as. Era preciso partir. E lá saíram entre a escolta para a comuna dos Judeus, aquela ridente Vila Nova de Gibraltar, asilo e clausura de uma raça odiada.

Revoavam alto os apupos e as pragas da populaça.

Ruy saiu instantes depois com as suas desventuradas protegidas; atrás delas uma escolta de homens armados.

As mulheres e os farroupilhas, contidos pelo prestígio do jovem cavaleiro, limitaram-se a resmungar comentários maliciosos e vaticínios de humilhadora obscenidade.

Mas o Mestre saiu então e a multidão agitou-se e partiu enovelada atrás do seu ídolo.

— Viva o nosso Defensor, o nosso Messias! — gritavam.

Dali a minutos, a populaça voltava. Cantavam lugubremente no silêncio da noite, batidas pelas picaretas, arregoadas pelos alviões, desprumadas pelas alavancas, as velhas cantarias da casa grande de D. Judas Navarro.

E os madeiramentos seculares, de cedro e Carvalho, estoiravam num ruído estridente, a lembrarem gritos bruscos, singulares, de alguma estranha dor, cortados por uma dezena de machados.

CAPÍTULO VI

AMORES DE SONHO

Longas horas oprimida de espanto pela demora do filho, D. Dulce sentiu uma grande impressão de consolo quando ele apareceu na casa do serão, que era onde ela costumava esperá-lo à noite.

Mendo já a tinha informado do arrojo de Ruy durante a batalha naval e de como ele voltara a salvo.

Mas à impressão de consolo sucedeu bruscamente um sobressalto de surpresa, pelos ares misteriosos com que Ruy lhe solicitou uns instantes de conversa reservada para lhe fazer um pedido.

Foi com ele para uma saletazita da sua antecâmara.

Numa comoção enorme, em que o júbilo se ensombrava de receios, olhos fitos nela como para lhe surpreender os pensamentos, Ruy contou-lhe abertamente quanto se passara em casa de D. Judas.

De surpresa em surpresa, D. Dulce escutava-o enternecidamente com adorável interesse de mãe extremosíssima.

Ruy ia reservando para o fim o lance mais difícil, que era também o de maiores receios para ele.

— Filho, foste digno de ti próprio ao defenderes essas amarguradas criaturas. Deus te pague essa honrada generosidade. Dás-me orgulho, filho! — disse-lhe carinhosamente, inclinando-se para ele e tomando-lhe as mãos — E o Mestre acedeu aos pedidos dando proteção às judias?

— Mandou-as para Vila Nova de Gibraltar.

— Pobres mulheres! E as outras, a mulher e a filha de Gil Vasques, o traidor? Ainda me não disseste qual destino lhe deu o Mestre!

— Mãe e senhora, também lhe pedi por elas. Causavam tanto dó! Mãe e filha, qual podia ser a sua culpa da traição do marido e do pai?! A filha, a bem dizer uma criança, linda como os arcanjos e como as princesas dos contos, que sorte miseranda a sua, se a deixassem ao desamparo! Se a

vísseis a tremer de pavor, olhos afogados de lágrimas, numa dor de alma pela mãe e por si, vós própria, senhora, com esse vosso coração de santa, muito mais do que eu, havíeis de ter dó dela.

— Mas o que pedistes ao Mestre em favor delas?

— Mãe — disse numa tremura de voz, dobrando o joelho, beijando-lhe as mãos — eu pedi-lhe que as deixasse acolher à caridade e ao coração benfazejo de certa dama ilustre, mãe também como a esposa de Gil Vasques.

— Qual?

— Aquela por quem eu me julguei autorizado a responder ao Mestre, porque melhor do que ninguém a conhecia.

— Filho, não sei adivinhar!

— Vós, minha mãe!

— Eu! — exclamou, erguendo-se.

— Vós, santa protetora que ledes na minha alma.

Nem eu tinha outra que pudesse e soubesse engrandecer e completar a tarefa protetora começada por mim!

— Ruy, confiaste de mais! E o Mestre o que disse?

— Concedeu que eu viesse pedir-vos amparo para aquelas duas desditosas damas e, se vós me ouvísseis, mãe e senhora, na vossa casa lhes déssemos abrigo.

— Filho, pode ser perigo por essa mácula de que elas não têm culpa!

— Mãe, não oponhais escrúpulos vãos às piedosas intenções do vosso coração.

— Pode trazer-me preocupações, por ti e por ela... Essa filho do traidor que tu disseste linda como os arcanjos e como as princesas dos contos!

— Mãe — insistiu, beijando-lhe as mãos — mas com que amargura e desalmada crueza, bem o entendeis, senhora, poderíeis querer vós que eu fosse agora dizer a essas infortunadas: O Mestre, o homem de guerra, concedeu que vos dessem amparo, porém, minha mãe, aquela de quem eu vos falei confiante, alma de santa para o bem, coração cheio de amor por mim, essa não quer receber-vos; tem escrúpulos, essa não quer apiedar-se de vós! Mãe e filha, ide para a romagem das ruas, a ver se tem dó de vós a ralé

que vos odeia. Se quer repartir convosco a sua miséria e a sua fome, ainda que a vossa linda filha, D. Maria de Mendonça, haja de perder-se nas mãos brutais de besteiros e galeotes! Ruy de Vasconcelos iludiu-se e mentiu-vos! Senhoras, mentiu-vos o cavaleiro fidalgo, que ainda não tinha manchas na sua vida e nunca ainda teve medo de morrer pela honra do seu nome!

Numa agitação que a fazia tremer de receio pelos seus amargurados pressentimentos de mãe, numa hesitação torturadora da sua vontade, D. Dulce ouvira aquelas arrebatadas alegações do filho, sem ânimo para o interromper e cheia de medo pelas verdades que o seu coração ansiava dizer-lhe.

E, todavia, tê-la-iam enchido de santo orgulho aquelas palavras de Ruy, em que a sua grande alma transparecia brilhante, se não a estivesse oprimindo a suspeita de que o juvenil sonhador vinha enfeitiçado pela rara formosura de que lhe falara com tanto, entusiasmo, o triste experimentado de malogrados amores!

— Filho, não mentirás, nem o meu coração há de faltar ao que dele esperavas, por muito que lhe custe e agora

receie dar auxílio às tuas promessas.

— Mãe, que generosa sois para mim! — disse-lhe quase num grito de alma, e outra vez lhe quis beijar as mãos de joelhos.

— Vai buscá-las.

— Senhora, ousei trazê-las comigo. Mãe e filha vos águardam na sala de entrada.

— Vamos lá, filho! Ampara-me.

Foram. Foi uma entrevista comovedora. D. Maria de Mendonça, a sua companheira do paço, uma das suas amigas, havia dez anos, abraçou-a de joelhos, numa convulsão de choro.

— Ruy não exagerava! — disse consigo D. Dulce quando lhe foi dado admirar bem a singular beldade que era Madalena de Mendonça — O seu olhar é doce e casto, mas seduz! Meu Deus, maior perigo para ele e para mim!

E quando, cerca de uma hora depois, mãe e filha tinham ido para os seus aposentos de esmola, D. Dulce, com os olhos toldados de lágrimas, disse baixo ao filho:

— Ruy, que Deus seja pela tua honra, e a nossa Senhora tenha dó do meu coração de mãe!

— Senhora, e se Deus não quisesse e a Mãe de Jesus não houvesse dó de vós, bem sei eu como o falsário buscaria o castigo da sua torpeza na ponta de uma lança castelhana.

— Rui! — repreendeu, pondo o nome do filho na vibração angustiosa de um grito.

* * *

Tinham passado duas semanas. Deram em paixão absorvente e louca os deslumbramentos de Ruy de Vasconcelos pela radiosa beleza de Madalena. No olhar e nas palavras de um e outro valeram alguns dias por largos meses de fervoroso galanteio. Amavam-se num amor de visionários, profundo, consumidor, luz de sonho para encher uma vida e nessa mesma luz o fogo para a devorar.

Ruy nem parecia o mesmo! O cavaleiro seria incapaz de regatear à sua Pátria e ao seu nome o esforço, o sangue, a

vida; mas agora, como nunca, teria pena de morrer, porque na sua alma enamorada a imagem de Madalena era como um retábulo de santa miraculosa, que lha tomava inteira, como na moldura de um altar que estivesse alastrado de flores, envolto de perfumes, sob um resplendor de esmeraldas, que algum divino lume houvesse tocado.

Muito em segredo e com a interferência favorecedora de uma velha criada, que fora a ama de Ruy, aprazaram os dois uma entrevista de devaneio, livremente, bem perto um do outro. Ficaram numa ânsia perturbadora por aquela hora de enlevo, que podia ser afinal o primeiro lance de perigo para ambos.

Era no sobrado do mirante o compartimento onde dormia a velha intermediária; a poucos passos o terraço. Ali lhe faria costas a velhita, coonestando, ao mesmo tempo, com a sua presença aquela entrevista noturna, dado que os pudessem surpreender.

Os aposentos de Ruy ficavam distantes da câmara de D. Dulce, que era a única pessoa que ali os trazia vigiados e receosos. Não seria provável que lá percebesse os passos do filho.

A câmara de D. Maria de Mendonça era contígua à de Madalena, mas bem sabia ela como era pesado o sono da mãe, e não há mulher enamorada que não tenha levezas de borboleta para uma entrevista de amores.

Todavia, por maior segurança, lembrou Ruy um estratagema simples, banal, e certamente seguro para tranquilizar os receios da mãe. Pretextaria ele um encargo de vela, durante a noite toda, na torre de Álvaro Pais ou nas Portas de Santa Catarina, os pontos mais ameaçados pelo exército sitiante, e voltaria pela porta pequena do jardim, mal que fossem onze horas. Levaria a chave sem que ninguém o soubesse e entraria acauteladamente àquela hora, que naqueles tempos era já noite velha.

De mais a mais, tinha o terraço uma escada exterior, que dava para o jardim. E assim o fez, num alvoroço em que toda a sua juventude parecia resumir-se.

* * *

Estava calmosa aquela noite luarenta de Julho.

Ainda não eram onze horas quando Madalena conseguiu escapar-se da sua câmara, sem que a mãe a pressentisse.

Numa tremura opressora um saial branco a oculta-lhe as formas esculturais de Vénus pudica, um fio de pérolas, restos da sua extinta opulência, a cingir-lhe no alto da cabeça as madeixas de ouro, que em ondas se lhe soltavam sobre os ombros, lá ia pé ante pé para a porta anterior do mirante, a tatear as paredes com as mãos pequeninas, brancas, trementes.

— Nossa Senhora me perdoe e seja por mim! — murmurava.

Parou um momento no primeiro degrau da estreita escada de pedra que ia para o mirante. Dir-se-ia que lhe causava medo subir.

— A bater doidamente! — pensou, pondo a mão sobre o coração como se o quisesse emudecer — Tão alto, que até ele parece que me quer denunciar!

Subiu. A velhita lá estava sentada no rebate da porta do terraço, encalmada, tonta de sono, à espera dela.

Falou-lhe numa tremura de voz. Entrou no terraço ávida de ar puro. Vinha do rio, luminoso e grande, uma viração consoladora.

Pousou um olhar amoroso nos craveiros e nas rosas dos longos canteiros, guarnecidos de azulejos mouros. Depois abraçou num relance de olhos aquele panorama deslumbrador da cidade.

Opala enorme a deslizar para os lados do mar pela imensidade de um azul acariciador e calmo, a lua cheia dava um aspeto fantástico de lenda à cidade, aos montes que a cingiam, coroados de torres e muralhas; à amplidão rumorejante do Tejo em que tremeluziam os faróis da potente esquadra de Castela. Parecia uma esguia cidade de longas ruas traçadas a cordel o acampamento do exército sitiante, numa alvura uniforme como de povoação coberta de gelo.

Tinham relevo maior os montes da Outra Banda e distinguiam-se bem, no seu contraste de tons, as muralhas e cubelos enegrecidos da velha cerca defensiva, das outras que tinham apenas dois anos, mais brancas ainda porque sobre elas escorriam levadas de luar.

De torvo aspeto, atalaia secular, o castelo de Almada recortava-se na alvura daquela noite.

— Que linda assim esta nossa grande cidade! — pensou Madalena — Que saudades eu tinha de a ver neste desafogo! E quem sabe que hora de suprema vi ui ura ou de supremo infortúnio será esta na minha vida?

Ouviram-se os brados das sentinelas trazidos nos voos da aragem dos lados das torres distantes e do lado do acampamento castelhano. Na língua de duas nacionalidades em luta, como uivos de um ódio sanguinário, inexcedível! Ódio criado por uma ambição iníqua de conquista, ódio acalentado por uma santa paixão de patriotismo.

Madalena estremeceu num arrepio de medo.

Tudo aquilo que os seus olhos admiravam num enlevo de pasmo, a paisagem e o céu numa poesia calma e mima grandeza deslumbradora, subitamente se lhe entenebreceu nas visões de alma como se todo aquele mar branco de luar se lhe afigurasse um imenso lençol mortuário.

— Meu Deus! — murmurou — A guerra a gritar alto nesta delícia de sonho! De uma para outra hora, combates enfurecidos e neles quantos amores acabados, quantas almas de batalhadores que nunca mais voltam? E ele? Jovem de tamanho arrojo de ânimo, que dor mortal a minha também se ele não voltasse?!

— Aí sobe já! — avisou a velhita, escutando — Eu vou ver.

Era realmente Ruy de Vasconcelos. Volvidos instantes entrava no terraço. Sobre a cota de armas um longo manto preto; armado como tinha saído, no disfarce de ir velar para a torre de Álvaro Pais onde se receava uma arremetida noturna dos sitiadores.

Espelhava-se o luar no ferro polido do bacinete, em cuja cimeira esvoaçavam plumas altas.

Num louco alvoroço do coração, Madalena envolveu-o todo no seu olhar acariciador e numa agitação de fascinada e num ingénuo orgulho por aquele galã de máscula beleza, recordava de relance o romance do cavaleiro do cisne branco, o descobridor do Santo Graal, o paladino que os

profetas tinham anunciado, cercado de anjos de asas brancas como as pombas de Jerusalém, um dos companheiros de Sagramor, um dos cento e cinquenta cavaleiros da Távola Redonda.

As trovas em que este romance de cavalaria se resumia as ouvira ela muitas vezes, criança de nove anos, à sua aia sexagenária, nos longos serões do Inverno.

E a figura de sonho que a sua imaginação infantil compusera num esboço incompleto, sob a sugestão do conto antigo, a encarnava desvanecidamente naquele requestador que lhes salvara a vida, a ela e à mãe, e era agora o seu primeiro amor.

— Madalena, há seis horas na ânsia deste momento! Meu amor, minha vida! Morreria pela fortuna desses instantes!

E beijou-lhe as mãos sofregamente, nuns beijos longos, febris.

— Rui!

Levou-a consigo, brandamente, para uma banqueta de pedra entalhada no muro do terraço, entre dois canteiros

de roseiras altas em que a aragem embalava uns botões brancos, já crestados pelo sol de Julho, e uma rosas que, hora a hora, se iam esfolhando num empalidecimento de morte.

A velhita foi sentar-se discretamente no degrau da porta.

— Madalena! Que mágoa eu tenho de não saber dizer-te a vida nova que entra em mim com o teu olhar, e que pequeno coração é este meu para caber nele a tua imagem em tal arrebatada adoração, que a ti própria havia de parecer loucura, se a pudesses compreender ou eu soubesse contar-ta!

— E eu, Ruy? Como eu te quero! É um amor maior que todos os outros amores... Ainda maior do que esse que nós sentimos pelas nossas mães! Muito maior!

— Muito! Vê lá então que divina ventura não será para mim ouvir-te, princesa de sonho, daqueles sonhos em que eu idealizava torneios de campeador vitorioso, batalhas ideais em que eu fosse o herói, o triunfador!

— Ruy, não me lembres esses perigos dos combates, mi que os sonhos de amor numa hora se podem desfazei,

apagar-se como às vezes no céu as mais lindas estrel.is se apagam!

E tens medo por mim, vida da minha alma?

— Tenho. Agora o medo maior que eu podia ter!

Porque nunca tiveste outro homem que amasses assim! Diz-mo, que é dar-me orgulho tamanho como nenhum príncipe triunfador ainda teve igual.

— És o meu primeiro amor, e se a minha alma a mim própria me não mente, pelas nossas mães te juro que nenhum outro quero ter.

— Bendita, bendita seja por essa jura a tua boca angélica, minha celestial beleza!

E beijou avidamente as madeixas soltas dos seus cabelos de ouro.

— Ruy — disse-lhe sumidamente, num enlanguescimento de ânimo e num tíbio protesto da sua casta adolescência.

— Minha vida! Não temas que eu falte ao juramento feito a minha mãe. Beijei-te os cabelos como se fossem de

irmã minha, muito querida, para lhes não roubar o casto perfume, e como se fossem ouro puríssimo, que há de ser o teu opulento dote, noiva queridíssima da minha alma!

— Noiva! Deus sabe para que doloroso noivado!

E volveu para o acampamento dos sitiantes um olhar de imensa tristeza, enevoado de lágrimas.

A seguir-lhe o dolorido olhar, muito inclinado para ela, Ruy surpreendeu-lhe aquela névoa de choro.

— Madalena, choras!

— Por este noivado de sonho, que tantas realidades podem desfazer! — disse-lhe quase num soluço.

— Porquê, amor meu?! Se eu não quero outra noiva, se eu sou capaz de dar a vida pelo nosso primeiro dia de núpcias, perdendo-a por quem no-lo pudesse assegurar, rei ou vilão, dado que não fosse um inimigo da nossa terra ou alguém que a houvesse traído!

— Que a houvesse traído! — repetiu num timbre de angústia — Pois aí está porque eu queria alhear-me deste amor e inutilmente o tentei! Aqui tens porque eu choro.

Além — disse, apontando o arraial castelhano — está entre os que traíram a sua terra, como tu disseste, alguém que eu não posso detestar porque é meu pai! E és tu, cavaleiro leal, que tens o direito de lhe votar ódio a ele, és tu, o maior amor da minha vida! Vê que noivado pode ser o meu, a filha do fidalgo que está por Castela, contigo, o jovem esforçado que defende a sua terra! Só num sonho... Para morrer por ele!

— Ouve, Madalena. Disse-o já ao Mestre. A minha espada tanto há de empenhar-se pela santa causa de Portugal, que baste para apagar em volta do teu nome essa mácula que não é tua.

— Batalhando, pondo a vida em risco!

— Para envolver nos meus deveres de cavaleiro e de Português tal glória de batalhador, que chegue também à larga para o dote remissor da minha noiva. Nas maiores batalhas o mais denodado arrojo; no meu escudo o teu nome e, para mais incendida afoiteza, na minha alma a tua imagem.

— Mas tudo isso, Ruy, nas batalhas que se podem perder, nas batalhas donde tantos nunca mais voltam! Tenho medo por ti! — disse, levando as mãos ao rosto — Contavam-me em criança umas histórias de batalhas que me causavam pavor!

— Já arrisquei a vida com vontade de a perder, e a morte não quis encontrar-se comigo. Pedirás tu a Deus por mim, linda e pura como os anjos, pedirá minha mãe nas suas orações de santa, e Deus será comigo e a mais benfazeja estrela que tenha o céu será madrinha do nosso noivado, Madalena. Não quero ver-te chorar — disse-lhe enternecidamente, a cabeça descoberta, quase a tocar-lhe a juba dourada dos seus cabelos — Sinto no coração, como se fossem contas soltas de um rosário de tristezas, as pérolas do teu choro, vida da minha vida! Podem acobardar-me! Não faças delas a névoa em que se apague esta alvorada das nossas almas noivas!

— São por ti, meu bem-amado — volveu-lhe na música adorável da sua voz, trémula, carinhosa, num timbre de cristal.

E fez-se de dois beijos sequiosos nos olhos húmidos de Madalena a grata homenagem daquele galã.

A velhita dormia profundamente com a cabeça de neve pendida para o colo, e nenhuma estrela iria contar à mãe daquele galanteador o segredo perturbante dos seus beijos.

* * *

Ao outro dia, logo de manhã cedo (eram madrugadores aqueles nossos avoengos), apareceu o Juiz do Povo em casa de D. Dulce no empenho de falar a Ruy de Vasconcelos.

Levaram-no para a câmara do jovem cavaleiro, já então a acabar de se vestir.

— Que boas ou más notícias vos trazem por aqui, senhor Afonso Eanes?

— Boas e más.

— Para mim?

— Para todos os homens leais de Portugal.

— Pois dizei-mas, para que eu as saiba primeiro da vossa boca, honrado Juiz do Povo.

— Começarei pelas boas notícias. Por um fugitivo do arraial castelhano, que esta madrugada se apresentou nas Portas de Santa Catarina, soubemos que Nuno Álvares tem andado em correrias pelo Alentejo contra os Castelhanos.

— Bem sucedidas?

— Quase todas, segundo afirma o fugitivo. Tomou Assumar por surpresa; foi sobre Badajoz e, com as escassas forças que traz consigo, combateu na raia de Castela. Depois voltou ao Crato, para se opor a uma hoste de Castelhanos que daqui foi no propósito de o derrotar.

— Daqui, quereis dizer da hoste sitiante?

— Assim é. Hoste numerosa para esmagar os poucos do novo Conde de Ourém.

— Mas se essa nova incluís entre as boas que trazeis, certo não foi então batido Nuno Álvares.

— Têm-lhe receio os de Castela e, pelos modos, julgavam i-lo colher de surpresa; mas assim não foi,

louvores a Deus. Nuno Álvares juntou as suas forças em Évora e de lá fugiu a receber o inimigo, que tinha chegado à margem de cá do Divor. Não se atreveram a dar-lhe batalha os de Castela, e há poucos dias regressou ao arraial do rei invasor a hoste que fora ao malogrado cometimento. Grande capitão é Nuno Álvares, por vida minha! Nenhuma alma de maior valor entre os nossos como a desse chefe batalhador de 24 anos! Para os Castelhanos sei eu que não há lança nem esforço que eles mais temam, mormente desde aquela formal derrota que em Abril lhes infligiu na batalha dos Atoleiros. Deus no-lo traga em auxílio de Lisboa, que é a maior alma que tem Portugal. Agora a outra boa nova: O Mestre da Ordem de Cristo tomou o castelo de Ourém.

— Excelente.

— Mas a verdade é que toda a força da nossa causa se resume, a bem dizer, em Lisboa e Porto, e ai de Portugal, se uma das duas cidades se perder!

— Dizeis bem. O perigo maior está agora em Lisboa. O Porto lá rebateu as hostes galegas do Arcebispo de Santiago, e não me parece que elas tenham vontade de

voltar para cá do rio Leça. Aqui em Lisboa é que está a vida ou a morte de Portugal.

— As más notícias que vos trago confirmam esse vosso parecer. Entrou no Tejo esta madrugada mais outra armada castelhana de vinte e uma naus e três galés. Toram contadas pelas nossas atalaias do rio. Cerco ainda mais apertado, senhor Ruy de Vasconcelos! Até aqui estava a armada castelhana desde Santos a Cacilhas; agora tem outra mais para diante, em frente de Cataquefarás até à Porta da Cruz, de modo que os virotões de bordo podem varar a quem se atrever a passar nas ribeiras da cidade!

— E a nossa armada inútil, varada na praia, cerca de Enxobregas!

— Dezasseis naus e treze galés, que valia metê-las a navegar, se os de Castela têm agora sessenta e uma naus e dezasseis galés, fora uma galeaça e umas poucas de carracas? Pela barra nenhum mantimento poderá entrar, por terra nem um bago de trigo! O pouco que veio do Porto está gualdido e as bocas aumentaram! Se Nuno Álvares não vem por aí fora numa das suas arremetidas de leão, teremos de ir morrer de fome, numa hoste de

desesperados, contra o arraial castelhano, ou rendermo-nos estiraçados por essas ruas! Perder-se-á Lisboa faminta, como loucos de sede se vão perder os defensores do Castelo de Almada.

— Sabia que estava cercado.

— Agora pelos homens de armas do tal Pero Sarmiento, adelantado de Castela. O próprio rei castelhano lá foi para intimar aos nossos a que se rendessem; mas, por mais ameaças e promessas que lhes fez, ninguém se quis entregar. Tem sido uma gloriosa defensa aquela, senhor Ruy de Vasconcelos! Um punhado de homens, e têm saído em arrojadas sortidas contra os sitiadores! E o prisioneiro de mais nomeada que ali fizeram os de Castela foi, logo no princípio, um velho de oitenta anos, foragido que veio para servir o Mestre.

— Um velho de oitenta anos?

— Assim como vos digo. E não há em Portugal quem lhe não saiba o nome de triste fama: Diogo Lopes Pacheco.

— Ah! Sei então quem é. Um dos matadores de D. Inês de Castro, se o foi; um dos validos de el-rei D. Afonso IV, o

grande e intrépido rei da batalha do Salado. Dos matadores da linda e mal-aventurada Castro, ele só conseguiu escapar às iras de D. Pedro I.

— Fugido em Castela, de lá veio quando já estava com os pés para a cova! Mas Almada tem de entregar-se, e assistiremos nós daqui à sua perda, esperando a nossa! Corta o coração dizê-lo, porém é esta a triste verdade!

— Mas então o castelo já não pode resistir?

— Não pode. Vivem lá nos desesperos da sede, piores ainda que os da fome! Tinha o castelo uma cisterna; a estiagem secou-a. Andam lá doidos!

— E o Mestre o que resolve?

— Que se renda aquele punhado de valentes, visto que nenhum socorro se lhes pode levar. O Mestre sabe bem a desesperança em que eles lá estão. Agora até os de Castela levaram para lá um engenho de fogo, que não pesará menos de cinco quintais!

— Mas não poderiam esses pobres sitiados fazer algumas sortidas à noite para irem buscar água?

— Tudo isso fizeram e ainda mais! Havia fora da alcáçova um tanque de água das chuvas, verde, podre, nojosa, onde as mulheres da vila tinham lavado infundices e cueiros, e para onde os Castelhanos, por malvadez, tinham atirado as alimárias mortas. Pois dessa mesma foram buscar para beber, descendo de noite por cordas, ao longo das muralhas! E para trazerem aquele veneno, algumas vezes tiveram de lutar!

— Era bem um veneno de morte!

— Ferviam-na, crentes de que assim seria menos perigosa, e com ela amassavam o pão. Pois essa mesma os Castelhanos lhe disputavam em combate, ao preço de muito sangue, e essa mesma se acabou! Depois, uma noite, desceram pelos barrocais do monte para ir buscar a água salgada e turva do rio. Mas logo o souberam os sitiantes, e na seguinte noite lhe armaram uma emboscada, com uns cem homens de armas. Desceram dezassete dos defensores do castelo e caíram sobre eles os de Castela. Foi uma breve luta. Tiveram muitos mortos e feridos os Castelhanos, e dos nossos dezassete morreram três e todos os outros ficaram feridos de dardos e setas. E tudo isto para levarem apenas

dois odres meios de água! Nem um bochecho para cada um dos que lá estavam em cima loucos de sede! E à míngua de água lá têm morrido alguns!

— Admira como tantas minúcias se sabem aqui, se todas as comunicações pelo rio estão cortadas!

— Tudo isto sabe o Mestre porque um valente homem daquela vila, que veio na armada do Porto, se ofereceu para ir a Almada de noite, cortando o rio a nado para os barrocais do Monte.

— Metendo por entre a armada inimiga!

— E por entre as esculcas da hoste sitiadora. E com todos estes perigos lá atravessou o rio, umas poucas de noites, seis vezes entre ida e volta, com recados do Mestre e informações da gente do castelo.

— Que valente esse homem!

— Filho do povo, senhor Ruy de Vasconcelos. Foi por ele que o Mestre mandou dizer aos do castelo que podiam tratar da honrada capitulação que mereciam.

Bateram à porta brandamente. Era o velho Gonçalo Vasques.

— A que vindes, meu velhinho?

— Senhor, para vos dizer que aí chegaram agora uns poucos de cavaleiros, não menos de vinte serão eles, e todos muito jovens, que vos desejam falar.

— Tantos, e assim cedo para quê?

— Isso é que eles me não disseram, meu senhor.

— Pois ide abrir-lhes a porta da sala de armas, e dizei-lhes que depressa estarei com eles.

— Eu vou, meu senhor.

— E eu saio, se me dais licença — disse o tanoeiro.

— Como vos aprouver.

— Mas antes deixai que vos dê uma notícia. Vai melhorando no hospital aquela mulher animosa...

— Já sei. A tia Lourença.

— Essa mesma. O Condestabre de saias como lhe chamam as outras. Fui a casa dela ver a doida, a quem deu

abrigo no seu casebre. Disseram-me que estava mais sossegada; mas que levava horas e horas a chorar e a falar da filhita que morreu. Fiquei pasmado de a ver! Emagrecida pela fome e pelas amarguras, as faces cavadas, os olhos pisados, e mesmo assim linda! Teima em não querer dizer o seu nome; mas vê logo a gente que é rapariga de boa criação. Aquelas mãos não andavam afeitas ao trabalho rude da gente pobre. Será preciso dar-lhe socorro. Eu pela minha parte farei o que puder.

— Contai também comigo. Aqui tendes o meu primeiro auxílio para essa desventurada — disse, dando-lhe uma pequena moeda de ouro.

— Abençoada seja a vossa esmola e Deus vo-la pague nas muitas venturas que mereceis. Bom ouro este, senhor cavaleiro; mas o do vosso coração é de muito melhor quilate. Agora quero ver se a minhamulher tem por lá algum vestuário que possa servir à desgraçadinha. Traz em cima de si uma farrapagem de brocados ricos, ou dos seus melhores tempos, se os teve, ou talvez recebido de esmola!

— Pois eu falarei dela a minha mãe, que alguma coisa há de ter aí que possa servir à pobre enlouquecida.

— Ah! Isso decerto, e bem empregada esmola será. Fácil vos há de ser trazer para esta obra de misericórdia o coração benfazejo da minha madrinha e senhora, e então nenhuma protetora melhor terá aquela triste mãe, enlouquecida pela morte da filhita. Senhor Ruy de Vasconcelos, até quando quiserdes e mandardes.

— Talvez até logo, que tenho de ir falar ao Mestre, e com ele vos encontrarei, provavelmente.

— Com ele conto estar antes do meio-dia quando se houverem reunido em conselho no paço os da Casa dos Vinte e Quatro.

E disse isto desvanecido aquele glorioso tanoeiro.

Ia Ruy para a sala de armas quando Madalena, furtivamente, lhe saiu ao encontro, muito pálida, num alvoroço de receios. Ninguém passava então no longo corredor.

— Ruy, correis algum perigo?! — perguntou-lhe sumidamente, relanceando olhares inquietos para um e outro extremo do corredor.

— Não, meu amor! Porquê?

— Vi entrar muitos cavaleiros jovens. Casualmente os vi, e sei que estão à vossa espera.

— Nisso não vejo eu o menor perigo para mim.

— É que eu conheço um deles!

— E o que importa conhecê-lo?

— É um jovem assomadiço, brigão, galanteador que há dois anos me requestava e perseguia. É o meu primo e foi sempre muito acarinhado pelo meu pai, que mo destinava para noivo. Receei que soubesse da minha vinda para aqui e aí viesse para vos desafiar!

— Com tantos a guardarem-lhe as prosápias! Mas teve amores convosco? — perguntou, bruscamente afogueado, num tratamento cerimonioso.

— Nunca lhe dei ouvidos, nunca lhe quis escutar palavras de amor. Pela minha mãe vos afirmo e juro!

— Chama-se?

— Antão Gonçalves de Mendonça.

— Fico prevenido. Pena foi que há mais tempo vos não lembrasse dar-me aviso desse requestador!

— Por Deus, sede prudente, se alguma coisa lhe ouvirdes que vos desagrade.

— É promessa que eu não sei fazer — respondeu-lhe com secura.

— Deus meu, que duvidais de mim!

— Eu vos direi depois. Esperam-me, e agora mais pressa a minha de os ouvir.

Deixou-a rudemente. Confrangida por aquela inesperada aspereza, em que o seu instinto de mulher percebia bem porque assomo de ciúme e de dúvida se mudara assim aquele enternecido requestador da véspera, Madalena foi seguindo pelo corredor fora como que estonteada.

Movida de temores por ele, num irrefletido impulso de lealdade, ela própria ingenuamente provocara essa brusca transição que a amargurava.

E, sem saber bem para quê, se foi aproximando da porta cerrada da sala de armas.

* * *

Ruy entrou e saudou-os cerimoniosamente. Dos vinte e dois que o esperavam, cavaleiros juvenis entre os dezassete e os vinte e três anos, alguns notou de relance que lhe eram absolutamente desconhecidos.

Veio logo para ele um cavaleiro de preclara nobreza com quem, havia tempo, travara relações íntimas.

Era um rapaz alto, espadaúdo, extraordinariamente magro, de rosto moreno e feio, azulado pela intensa barba rapada; nas mãos hercúleas uma brenha de cabelos ásperos, negros. Passava pelo mais destemido e audaz entre os jovens da nobreza do reino. Tinham-lhe posto os outros rapazes a alcunha de. Magriço.

— Ruy de Vasconcelos — disse-lhe na sua voz de estentor — perdoai este ousio de que só eu sou o culpado. Aqui vos trago estes meus associados para vos darmos conta do voto de cavalaria que anteontem à noite fizemos, juntos na minha casa. Sois dos mais leais e destemidos que tem Lisboa e porque o sois, homem de aventurosa juventude como nós, me pareceu dever aqui vir informar-

vos do intento em que estamos, para nos dizerdes se quereis ser dos nossos.

— Assentai-vos, senhores. E vós, Álvaro Coutinho, se em nome de todos falais, podeis abertamente dizer o voto de cavalaria que fizestes.

— Primeiro deixai que torne conhecidos vossos alguns companheiros meus com quem não tendes tido trato de amizade.

E o Magriço foi-lhe fazendo a apresentação de uns nove que estavam na primeira fila.

— Aqui tendes um jovem de provado ânimo e boa linhagem, que em gentilezas de esforço promete resgatar do seu apelido a má sombra que nele pôs certo parente seu, muito chegado, que por ter errado caminho se afastou da nossa causa. Este se chama Antão Gonçalves de Mendonça.

Ruy encarou nele duramente e baixou a cabeça com singular frieza. O outro correspondeu-lhe de torvo aspeto, empalidecendo.

A seguir, o filho de D. Dulce foi falar afetuosamente, a todos os outros, seus conhecidos ou seus amigos.

— Assentai-vos, senhores meus — instou, indicando a todos os escabelos de espalda alta, cobertos de couro cordovês com relevos e pregaria amarela, que estavam em volta de uma longa mesa de cedro — Não é a mesa, a távola redonda do rei Artur — acrescentou, sorrindo — mas estou em crer que sereis vós como os companheiros do cavaleiro do cisne branco (*).

[(*) Referência a uma agremiação lendária de cavaleiros romanescos, chamados da Távola Redonda. Foi o seu fundador e o seu chefe o rei Artur do país de Gales, outra figura das lendas e das trovas dos menestréis da Idade Média. Segundo os romances dos troveiros, o rei Artur não podia morrer. Ficara encantado na ilha de Avalon e ali o guardavam nove feiticeiras.]

— Mas com intentos algo diversos — acudiu Magriço, muito prazenteiro, sentando-se.

— E vós — volveu-lhe Ruy de Vasconcelos — valereis por D. Galaaz, embora nenhum profeta e nenhum feiticeiro Merlim vos houvesse anunciado.

— Nem ando cercado de anjos como D. Galaaz — advertiu o Magriço em tom faceto — certamente parque até

destes meus ossos esburgados e áspera cabeladura teriam medo os próprios meninos da celestial família.

Riram todos do gracejo; todos, não; Antão de Mendonça ficara taciturno.

— Mas já estou a adivinhar que esse voto de cavalaria — disse-lhe Ruy afetuosamente — será para a conquista de algum santo lugar...

— Os santos lugares da nossa terra de Portugal — interrompeu o Magriço calorosamente.

— E em vez do santo e glorioso Graal(*), que D. Galaaz buscava, ele o mais destemido e puro dos cento e cinquenta da Távola Redonda...

[(*) Nas lendas da alta Idade Média e no segundo ciclo da Távola Redonda o santo Graal era a taça de esmeralda por onde Jesus bebera com os seus condiscípulos na ceia de quinta-feira santa. Levada pelos anjos para o céu, só ao Mundo seria restituída quando houvesse alguém de tão extremadas virtudes que merecesse a honra de a tomar sob sua guarda.]

— A nossa bandeira com o seu escudo de castelos, as divinas chagas de Jesus e a grande cruz vermelha da Ordem de Cristo. Para chegar à conta dos cento e cinquenta do rei Artur muitos nos faltam ainda; mas espero em Deus que ainda mais havemos de ter. E agora vos darei informação do nosso voto.

— Com grande interesse vos ouvirei.

— Ontem nos juntámos os presentes, e, com licença do cabido, perante o altar de S. Jorge, em Santa Maria Maior, ali acordámos em formar uma hoste de cavaleiros jovens que, pela sua fé, pela sua Pátria e pelas suas damas, se obrigassem a lutar na dianteira de todos, para os mais arrojados feitos e para as mais singulares façanhas.

— Belo e glorioso pensamento! — aplaudiu Ruy — Foi vosso, estou a percebê-lo.

— Agora é de nós todos — respondeu-lhe o Magriço modestamente — De nós todos porque na alma e no coração de cada um foi o voto acolhido fervorosamente e um por um, sobre a cruz das nossas espadas, devotadamente o jurámos cumpri. Nós tornaremos

realidade os rimances de cavalaria, que as nossas mães nos contaram e os troveiros peregrinos andam a exalçar pelo Mundo nos seus cantares. Será Nuno Álvares o nosso Galaaz de sonho e o Mestre de Avis o nosso rei Artur. Não se dirá que só em Inglaterra há grande e gloriosa cavalaria. Aqui a teremos também em prole da nossa gente leal, dos nossos amores pelas damas que nos quiserem, pelas que. Nós sonharmos nossas e até pelas que nos são ou foram esquivas.

— Por uma dessas, em mal-aventurados amores, lutarei eu a par dos que mais ousados forem — interveio Antão Gonçalves de Mendonça, arrebatadamente e talvez com algum clandestino propósito.

Ruy olhou-o com turbado sobressalto; mas logo se aquietou numa delícia íntima de orgulho. O próprio mal sucedido requestador de Madalena por aquele modo solene confirmava a revelação, momentos antes feita pela filha de Gil de Mendonça.

— Dizem que a boa e aventurosa cavalaria está para acabar — continuou o Magriço — Estará lá fora, onde começou e teve brilho maior; mas aqui agora começará

para outros audaciosos cometimentos. Teremos também o nosso tribunal que decida pleitos de amor e a nossa corte de amores com a rainha da beleza, que por maioria de votos elegermos (*).

[(*) Houve cortes de amor e tribunais de amor na Provença e em outros países da Europa durante a Idade Média. E nessas cortes se elegia para rainha a dama de mais esplêndida beleza. Ainda hoje nos jogos florais, em França e na Espanha, principalmente, se elege para rainha a mais formosa das damas presentes e é das suas mãos que os poetas laureados vão receber o prémio de homenagem ao seu engenho. É ainda um reflexo das velhas tradições de galantaria dos tempos medievais.]

— A rainha das mais lindas — interveio outra vez Antão de Mendonça — a conheço eu e, apesar das fundas mágoas que me tem causado, por ela darei meu voto, e mentirá como um cão judeu ou mouro refece quem disser que tal não é.

Ruy fez um gesto de impaciência, bem que as palavras do primo de Madalena lhe lisonjeassem as vaidades de galã preferido.

— Isso não é para agora, Antão de Mendonça! — observou-lhe o Magriço — O tribunal de amor que houvermos de formar, recolherá os votos pela rainha das beldades, e das mãos de quem o for, receberemos o pendão com que havemos de combater, pendão verde, como já acordámos; estandarte de jovens enamorados naquela cor em que a esperança de sonhadores suavemente se representa.

— Que é também a cor do mar — lembrou Ruy — desse mar imenso que nos cinge e requesta a Pátria nos seus beijos de espuma; mar de sonho em que as ondas semelham esquadrões de corcéis brancos; mar de sonho e de ilhas encantadas como as mouras das nossas fontes; mar onde nasceu a deusa pagã dos amores e onde nascem as pérolas com que se toucam os cabelos de ouro e se adornam os colos de alabastro.

— Das mais belas ou das mais feias — gracejou o Magriço — E olhai que nisto falo por interesse meu. Não tive ainda nenhuma dama linda que me quisesse e estou em crer que alguma feiticeira me destinou para paladim de castelã abandonada, que seja feia e magra como eu. Talvez

como certa inglesa fidalga que eu vi no Porto. Éramos de tal arte esburgados e feios os dois, que até as regatonas da cidade lhe deram a alcunha de Magriça, e ela e eu nos ficámos com pavor um do outro!

Uma ovação hilariante retumbou na velha sala de armas.

— Perdoai-me vós, Ruy de Vasconcelos, o desconchavo do gracejo e deixai que vos esclareça quanto ao voto singular da nossa hoste. Nenhum agravo de ciúme, nenhuma contenda por casos de honra será resolvida em torneio ou luta de duelo, enquanto Portugal carecer do esforço e do sangue de todos os seus leais cavaleiros. Ciúmes e agravos hão de vingar-se, ou hão de remir-se, a batalhar por causa da Nação. Entre dois ou mais ao desafio, será julgado vencedor, na vingança ou no desagravo, aquele que maiores façanhas praticar nas hostes de Portugal. Assim o juramos.

— E assim o vou eu jurar, se me quereis entre vós — disse Ruy, erguendo-se com entusiasmo.

— Queremos, sim, pois aqui viemos para serdes dos nossos — acudiu o Magriço, levantando-se também.

— Queremos! — repetiram todos, menos Antão Gonçalves de Mendonça.

Mas ninguém deu por aquela exceção ofensiva. Ruy de Vasconcelos fora buscar a uma panóplia a velha e gloriosa espada com que o seu avô batalhara contra os mouros em Espanha.

Solenemente, radiante de entusiasmo, ainda mais bela agora a sua máscula figura de herói romanesco, o Vasconcelos, destacando-se naquela austera sala gótica em cujas panóplias e troféus se podia ler toda a história épica de Portugal, beijou o punho da gloriosa espada do Salado e com ela nas mãos, religiosamente como um sacerdote com a relíquia de um sacrário, disse numa comovida vibração:

— Diante de vós todos, cavaleiros jovens de uma nova cavalaria, votada à glória e à defesa da nossa terra, honra e ao esplendor das nossas damas; na vossa presença, cavaleiros da aventura, paladins enamorados por quanto há de sublime na paixão da Pátria e de um canto no amor das nossas damas, e sobre a cruz desta velha espada, que foi das primeiras nos campos da Tarifa, naquela maior vitória das Espanhas contra o mais soberbo poder mouro, sobre

ela vos juro, pela minha alma de Português leal e pela angélica beleza da minha dama, que hei de ser convosco para os maiores feitos e para os maiores sacrifícios, nas mais renhidas lutas, nas mais desigualadas batalhas!

— Glorioso cavaleiro enamorado, bem-vindo sejais, e na nossa companhia vos recebemos com alvoroço e orgulho por vós, honrado e ilustre Ruy de Vasconcelos, representante da mais preclara e remota nobreza de Lisboa e de Entre-Douro e Minho! — disse o Magriço.

— Benvindo sejais! — repetiram num fervor de aclamação todos aqueles jovens sonhadores; todos, menos um, de torvo parecer, olhar duro e hostil. Era Antão de Mendonça.

Ruy notou-o e empalideceu numa cara de cólera.

— Que seja para maior honra e lustre do vosso brasão! — disse-lhe afetuosamente um dos seus mais diletos amigos, companheiros da expedição ao Porto.

— Pela glória da nossa terra primeiro — volveu-lhe Ruy numa perturbação violenta.

E logo, propositadamente, olhos turvos de rancor a procurarem o olhar enviesado do Mendonça, acrescentou com arrebatada veemência:

— E com essa glória, pelos meus supremos amores. O da minha mãe e o da minha dama. Mas por esta, maior encargo ainda, porque há de o meu esforço remir-lhe a mácula, que sem culpa sua caiu sobre o seu apelido fidalgo.

Enfiado, numa turbação maior, o Mendonça voltou-se para o Magriço e rouquejou-lhe esta pergunta:

— Vós, que sois a alma guiadora de nós todos, sabei agora se o jovem cavaleiro Ruy de Vasconcelos pelo seu juramento se obrigou a observar todos os preceitos em que ontem concordámos e há pouco lhe resumistes.

— Respondei por mim — acudiu Ruy torvamente, voltado para o Magriço — respondei que todas as obrigações tomei, como se todas conhecesse perfeitamente e uma a uma as houvesse designado no meu juramento. Mesmo alguma que vos tivesse esquecido notar-me. Por essa me obrigo também, pois que nenhuma seríeis capaz de tomar para vós que não fosse de honra insigne para mim.

— Honrada palavra, Ruy de Vasconcelos! — exclamaram entusiasticamente os que eram seus amigos ou com ele tinham tido convivência.

— Uma então vos esqueceu designardes — disse o Mendonça voltado sempre para o Magriço e cada vez mais provocante, já com mal ensombrada estranheza de alguns e do próprio a quem se dirigia.

— Qual?! — perguntou o Magriço.

— Aquela em que nos sujeitamos a declarar o nome da dama dos nossos amores, ainda que fosse para nós somente um amor de sonho, ainda que fosse uma desprezadora do nosso preito. Amor ditoso ou desventurado amor, com obrigação igual. E assim o fizemos.

— Eu não, bem o sabeis — retorquiu o Magriço.

— Lealmente declarastes que nenhuma tínheis, bem que também vos considerásseis enamorado de um sonho todo de aventuras e glórias de cavalaria por qualquer dama que de alguém fosse ofendida.

— Isso disse.

— Eu por mim, com mágoa e lealdade igual, a todos vós declarei a qual dama esquiva, injustamente deprimida por uma culpa que não era sua, votaria os feitos maiores de que fosse capaz.

O Magriço encarou-o de rosto avincado; voltaram-se para ele olhares de surpresa. Compreendiam que alguma coisa extraordinária perturbava o ânimo daquele companheiro; mas não podiam adivinhar o que fosse, nem com que propósito hostil eram feitas aquelas advertências, de que só ele se lembrara.

— Não sei entender-vos! — disse-lhe Álvaro Coutinho.

— Entendo eu! — acudiu Ruy de Vasconcelos, num afogueamento de rancor, sempre voltado para o Magriço — Tenho obrigação de revelar o nome da minha dama. Submeto-me; é um sacrifício, uma quebra de propósito que há dias tinha feito: mas cumprirei o preceito, senhores e companheiros meus.

E aprumando-se, numa soberba atitude, disse lentamente:

— A dama a quem eu quero e me quer, angélica dominadora da minha alma, com tal imenso amor

estremecida, que vivo da luz do seu olhar e buscaria a morte, se para mim nalguma hora se apagasse, é tão nova que ainda apenas lhe alvoreceu a sua primavera de mulher é já de tal modo desditosa, que das suas lágrimas nasceu numa hora o santo amor que lhe tenho. Na minha casa vive sob a guarda protetora da minha mãe.

Naquele silêncio profundo de vinte homens subjugados pela avidez daquela revelação, rouquejou alto a voz de Antão de Mendonça:

— Há dois dias o soube.

— Há mais o sabia o Mestre e com ele o Juiz do Povo e dezenas de homens da plebe — retorquiu Ruy, sem se voltar para o seu interlocutor.

Mas não o sabiam os outros e mais intensa foi a surpresa que estavam a prever naquela revelação.

— Afrontada pelo crime do pai, um bandeado com os de Castela, fugida do seu lar fidalgo, ao desamparo; das ameaças da plebe a defendi e com licença do Mestre a trouxe para esta casa com a sua mãe para que ambas se acolhessem ao amparo da minha mãe. É D. Madalena de

Mendonça, filha de Gil Vasques de Mendonça ao serviço do rei castelhano por traição à Pátria.

Todos os olhares se voltaram para a fisionomia desfigurada de Mendonça.

— Essa contava eu que fosse! — regougou.

— E nada nos dissestes, quando nos dispusemos a vir aqui! — disse-lhe asperamente o Magriço.

— Queria eu próprio vir buscar a certeza. E agora que a encontrei, posso dizer alto ao requestador de Madalena de Mendonça que é a dama por quem eu hei de lutar, remindo por ela a culpa do pai.

— Ao Mestre prometi que em feitos de armas lhe pagaria os direitos do favor que me fizera, concedendo-me que desse abrigo a essa dama.

— Que a plebe difamara, sabendo-a aqui — replicou o Mendonça num desvairo de rancor.

— A plebe sabe o homem de honra que eu sou e a santa e honesta mãe que eu tenho! — retorquiu o Vasconcelos num tom altaneiro, cravando nele um olhar relampejante

de ódio — À ponta da lança — acrescentou, voltando-se para o Magriço — afiancei ao Mestre que havia de conquistar tal dote de noivado para Madalena de Mendonça, que chegasse para tornar esquecido o aviltamento do pai.

— É meu tio. Vede como falais!

— Toda a traição à Pátria é um aviltamento, e lutar contra ela, entre os seus inimigos, é ainda aviltamento de maior infâmia. É esta a verdade das coisas e são estas as palavras que eu mantenho e em qualquer parte repelirei, seja diante de quem for!

— Pois então provai essas bazófias! — rouquejou o Mendonça de mão na espada, indo na sua direção — Cavaleiro, provai-as. A isso vos emprazo!

— E a isso vos hei de eu responder!

— Madalena de Mendonça talvez nunca seja minha pelo seu querer, mas também nunca será vossa porque não vos consinto eu!

— Deveis aos nossos companheiros o agradecimento de eu vos não mandar pôr fora daqui pelos meus cavalariços.

— Miserável! — bramiu o Mendonça numa cegueira de raiva, tirando a espada.

— Cavaleiro, que faltais aos vossos deveres, quebrando o juramento feito! — admoestou o Magriço,. Segurando-lhe a espada — Connosco jurastes que os desagravos de amor e de pontos de honra só em batalha se tinham de pleitear, tendo-se por vencedor o que mais se arriscasse, honrando e defendendo melhor a nossa terra.

— Não lhe faz falta a vida de um homem — replicou-lhe a espumejar ódio e numa tentativa inútil para libertar a espada.

— Tende-vos, Antão de Mendonça! — disse-lhe o Magriço — Para rebater esses lobos de Castela, que nos querem matar a Pátria não é demais o sangue que todos lhe devemos.

— Pois desligai-me do juramento e expulsai-me da vossa companhia — regougou numa cegueira maior de cólera — Hei de ver se um farsante de amores levanta para mim a velha espada do avô.

— Guardai a bazófia e o desafio para quando estiverdes com Ruy de Vasconcelos num campo de batalha — recomendou-lhe o Magriço, indignado — Nem tendes o direito de ver agravo em que outro jovem, cavaleiro ilustre, tenha amores honestos com a dama que vos não quer a vós.

— Eu por mim vos declaro, meus amigos, que teria vergonha, a mais atormentadora vergonha, de alardear ciúmes por mulher que me não quisesse.

— Nem mesmo por aquela que, há dois anos, fugiu do Paço e ninguém soube para onde, enjeitando-os por outro? — interrogou o Mendonça nuns estremeções de raiva.

— Por essa menos ainda do que por qualquer outra — replicou-lhe o Vasconcelos, turbando-se — Desprezei-a; não a persegui como vós perseguis Madalena de Mendonça, que vos rejeita e quer ser, e há de ser minha noiva.

— Voto a Deus que não o será nunca! Nunca! — volveu-lhe, rouquejando, no olhar uma expressão de sanguinário furor — Senhor Álvaro Coutinho — disse solenemente para o Magriço — dai-me por desligado da vossa pequena hoste de cavaleiros enamorados. Quero livres a alma e a espada!

— Ao nosso lado — respondeu-lhe ele com altiva severidade — vossos ciúmes, bons ou maus, os poderíeis pleitear nos campos de batalha com honra vossa e em serviço de Portugal.

— Tarda-me o desforço. Eu sozinho irei para onde fordes, se a Deus não aprouver que a minha espada vá, sem delongas, até onde a minha vontade anseia chegar.

Num arranque de fúria, olhar incendido, as linhas do rosto em violentas contrações, Ruy de Vasconcelos disse para o Magriço:

— Pela amizade com que me tendes honrado, senhor Álvaro Coutinho, vos peço que desligueis da nossa comunidade ao nobre sobrinho de Gil Vasques de Mendonça, aquele famoso cortesão da rainha comborça, agora bandeado por Castela.

— Vilanaz! — regougou o Mendonça, indo para ele.

Retiveram-no.

— Senhores! — verberou Álvaro Coutinho — vexam-me essas afrontas de palavras, indignas de quem sois!

— Desligai-o — insistiu convulsivamente Ruy de Vasconcelos — desligai-o!

— Por minha parte vos considero desobrigado de quanto jurastes, senhor Antão Gonçalves de Mendonça. Dizei vós agora, irmãos e companheiros meus pelo voto jurado, qual parecer é o vosso?

— Que se tenha por desobrigado como dissestes — respondeu um deles.

E todos, com pequena variante de forma, deram igual parecer.

— Obrigado, senhores — acudiu Antão Gonçalves de Mendonça, no rosto a máscara de uma sinistra palidez, a voz a roufenhar-lhe, perturbada.

Sentia a exautoração acabrunhadora daquele acordo.

— Mais vos devo agora, senhores meus — disse-lhes Ruy de Vasconcelos — Maiores encargos tomo para convosco.

— Para qualquer hora e para qualquer recanto da cidade vos emprazo a cruzardes a vossa com a minha espada —

disse diante dele o Mendonça, aprumando-se numa arrogância de desafio.

— Quando vos aprouver. Mas antes que essa hora chegue, corre-me o dever de desagravar esta casa, mandando subir um cavalariço que vos acompanhe à porta.

— Ah! Poltranaz! — bramiu o Mendonça, indo para ele, de adaga em punho.

O Magriço tomou-lhe a frente e fez-lhe vergar o braço sob a sua pesada mão de atleta.

— Esta é a casa de uma das mais nobres e leais famílias deste reino! — admoestou Álvaro Coutinho.

— Gonçalo Vasques! — chamou Ruy, indo para a porta — Um cavalariço que suba para...

Com uma palidez de morte, numa tremura convulsiva, afogados de lágrimas os seus lindos olhos de celestial meiguice, Madalena antepôs-se-lhe suplicante.

— Por quem sois!... Pode ouvir vossa mãe!

Tinha escutado tudo em longos minutos de ansiedade, dobrada contra a porta, numa tremura de febre, numa

irresolução de pavor. Afinal, daquela mesma angústia lhe veio o ânimo com que os seus tímidos dezassete anos não podiam contar e, numa vertigem, como alucinada, se arrojou a fazer o que em outro lance menos grave lhe havia de parecer esforço impossível do seu coração enamorado.

— Senhora! Não devíeis estar aqui! — volveu-lhe Ruy de Vasconcelos com amargura de surpresa.

— Perdoai... Por tanto vos querer! — soluçou.

Ainda contido por Álvaro Coutinho, o Mendonça agitou-se numa agitação de ódio inexcedível, clamando:

— Madalena de Mendonça, por vós, ou ele ou eu!

— Homem de prole, vede que é uma dama! — disse-lhe o Magriço asperamente.

— Justiça de Deus seria que eu matasse — replicou-lhe desfigurado.

— Ruy, não lhe dês ouvidos! — segredava de mãos postas, numa súplica de imensa amargura, aquela pobre Madalena, cuja peregrina beleza produzira uma impressão de deslumbramento naquele grupo de sonhadores.

— Senhor Ruy de Vasconcelos — disse Álvaro Coutinho solenemente — desejo pedir-vos um favor.

— Dizei, mandai — volveu-lhe numa perturbação enorme.

Permiti-me que seja eu quem acompanhe o senhor A mão de Mendonça até à porta desta casa.

— Como se a vossa fosse, e por vós somente, honra e timbre de cavaleiro.

O Magriço tomou do braço de Antão de Mendonça, cada vez mais desfigurado.

Quase à porta da sala o primo de Madalena volveu-se de súbito:

— Amanhã, ao romper da alva nas terras ermas de Santo Antão, por este ódio de morte!

— Por Madalena de Mendonça — rouquejou o desafiado — e lá serei convosco.

— Rui! — murmurou a filha do traidor numa convulsão mortificadora de medo.

* * *

Mal o provocador saiu da sala, todos os cavaleiros pediram a Ruy de Vasconcelos a honra de lhes permitir que apresentassem ali as suas homenagens a Madalena.

Nem eles podiam sonhar sequer no drama torturador que alanceava a alma daquela infortunada mulher, tão cedo levada para o caminho lúgubre de um calvário.

— Coragem, meu amor! — segredou-lhe Ruy quando foi solicitar-lhe a permissão da etiqueta.

— Não sei se posso! — murmurou — Tua mãe em sabendo! E eu, Ruy? Eu, que tudo sei!

— Confia em mim, vida da minha alma! — disse tão baixo, que só ela o podia ouvir.

E logo foi para os jovens cavaleiros, agrupados a um extremo da sala:

— Muito apraz a D. Madalena de Mendonça a honra de vos conhecer, companheiros meus, que sois a flor e a gentileza da boa e ilustre cavalaria da nossa terra.

Desculpai-lhe a turbação. Tão nova, como vedes, era de esperar que este lance profundamente a perturbasse.

— Desculpas só nós as devemos pedir, se esta nossa homenagem lhe for molesta.

— De nenhum modo, senhores meus.

O Magriço entrara e logo os outros lhe deram conta do seu propósito. Ruy afastara-se para ir reanimar Madalena cada vez mais pálida.

— Com todo o entusiasmo irei convosco, pois que no mesmo intento vinha pensando — respondera Álvaro Coutinho.

— E vós o primeiro dentre nós, como em tudo.

— Agradecido. E sabei que nunca na minha vida encontrei formosura igual à desta dama juvenil!

Entretanto, Madalena, a reprimir os soluços, a represar as lágrimas, num confrangimento de alma que fazia dó, a mão tremente apoiada ao braço de uma grande cadeira alta de espalda, dizia sumidamente:

— Ruy, e a tua mãe! O dó e o medo que eu tenho por ela! Pela minha causa! Amanhã! Nossa Senhora tenha compaixão de mim!

— Madalena! — segredava-lhe ele com amorável piedade — Tem coragem. A minha espada será por este amor puríssimo, e Deus por nós.

O Magriço adiantava-se para ela na frente dos seus irmãos de armas.

— Senhora! — disse-lhe, dobrando o joelho num requinte de cavaleirosa gentileza, ao estilo daqueles extraordinários tempos — Deixai que estes homens votados ao culto da beleza e à glória e defesa da sua terra, vos prestem homenagem de admiradores vossos e, como rainha que sois pela vossa peregrina beleza, vos beijem a mão.

— Perdoai... Que vos não saiba agradecer como mereceis a tamanha gratidão das vossas palavras — balbuciou mim fio de voz dolorida, olhos baixos para que lhos não vissem toldados de lágrimas.

— Senhora, recebei-nos como rainha de beldades, nessa cadeira como um trono, assentada como as rainhas e nós

como vassalos vossos.

E nem eles podiam sonhar o contraste esmagador que havia naquelas palavras de supremo preito com as outras de pavor e mágoa que vibravam, como um pregão de luto, no coração daquela encantadora dama de dezassete anos.

— Amanhã! Podem matar-mo! Pobre mãe! A desgraça que para ela veio comigo!

Eram assim as palavras de imensa dor que ela ouvia melhor dentro em si e ninguém mais podia ali ouvir.

A arder em febre, num estonteamento dos sentidos, deixou-se cair na grande cadeira. Não era aquiescência ao pedido lisonjeador de Álvaro Coutinho; era receio de que as forças a desamparassem.

— Senhora, assim. Sois a dama bem-amada de um esforçado e leal cavaleiro de Portugal, e somos nós, seus companheiros e admiradores, quem vos aclama rainha das mais belas que temos visto.

— A mais bela! — repetiram os outros, curvando-se.

E nenhum reparara em certa dama de cabelos embranquecidos, o rosto pálido de doente que, momentos antes, assomara à porta e ali se ficara num acabrunhamento de estranheza.

— Filho, não sabia desta luzida corte na minha sala de armas — disse D. Dulce numa tremura de voz, em que a surpresa se irmanava ao despeito.

— Perdão! Perdão! — soluçou Madalena, levantando-se, desvairada, de mãos postas, e em passos hesitantes, numa crise de choro, tremente como criança espavorida, foi pôr-se de joelhos em frente da mãe de Ruy — Minha protetora!

E caiu desamparada no chão. Todos se acercaram dela, Ruy primeiro que ninguém, num sobressalto de amargura, curvando-se para a levantar nos braços.

— Filho, estou eu aqui! — disse-lhe severamente D. Dulce, curvando-se para aquela pobre desmaiada — Ruy, pede por mim desculpa a estes cavaleiros.

E logo baixo para ele numa dolorida ironia:

— Eu velarei pela rainha.

CAPÍTULO VII

UM COMBATE SINGULAR

O encontro fora aprazado para o alvorecer do dia seguinte, nas terras ermas de Santo Antão, um pouco para os lados da Porta do Jogo da Péla, com a espada de batalha e adaga, até que um dos campeadores ficasse mortalmente ferido. Por armas defensivas somente o bacinete sem viseira descida e sem gorjeira, o loudel(*) e os braçais.

[(*) Nos fins do século XIV era já usado o arnês de pernas, como diz Fernão Lopes, ou o arnês complido, como diziam os Castelhanos, o qual vinha a ser a cota de armas com os coxotes, grevas e caneleiras, peças que defendiam as coxas, os joelhos e as canelas. Mas ainda estavam em uso os saios e camisas de malha de ferro, as solhas e os loudéis, vestimentas de couro revestidas de pequenas lâminas de ferro ou aço, não raro sobre-postas como escamas. Também havia o loudel de pele ou estofo enchumaçado de algodão ou estopa. Davam-lhe os Franceses o nome de jaqueta e chamavam-lhe os nossos jaqueta e os Espanhóis chaqueta.]

Fora isto combinado de tarde no adro da Sé, entre Álvaro Coutinho e outro do grupo dos Namorados, testemunhas e mantenedores por parte de Ruy de Vasconcelos, e dois cavaleiros de prole, escolhidos por Antão de Mendonça para seus apadrinhadores.

Ruy e as suas testemunhas juntar-se-iam ao pé das hortas de Valverde, logo que fossem duas horas da madrugada.

Madalena passara o dia numa tortura de alma horrorosa, agravada ainda pelo propósito mortificador de ocultar a D. Dulce o perigo de morte em que estava o filho.

Escondida na sua câmara, de joelhos diante de uma imagem pequenina da Senhora das Dores, levara horas numa canseira de choro, que parecia cegá-la, e numa convulsão de soluços como arrancos do coração, a espedaçar-se de mágoas.

Orava em súplicas, que se lhe truncavam na garganta, dizendo rezas que lhe tremiam nos lábios, fazendo loucas promessas, que lhe seria impossível cumprir. Uma alucinação de dor.

E quanto maior era o fervor da sua fé, mais intensa a esperança no amparo da mãe de Jesus, simbolizada naquela imagem pequenina de Mãe, alanceada na sua dor suprema de Mulher, mais a sua oprimidora imaginação lhe afigurava lances de trágico desenlace, em que ele, o seu primeiro amor, morria às mãos do outro, trespassado pela sua espada, a relampejar ódios!

E a mãe de Ruy — pensava — que inexcedível angústia a dessa pobre senhora, e que legítimo desafogo não seria o seu, a clamar maldições contra quem lhe pagara em luto, no maior luto pela maior perda, a carinhosa graça com que as recebera na sua casa, a ela e à mãe, a filha e a esposa de um traidor, que toda a cidade odiava!

Chegou a noite e o tormento cresceu. Andava a fugir, a esquivar-se de D. Dulce e da própria mãe, acabrunhada de vergonha pela revelação daqueles amores, que em poucos dias se tornaram doidos, de fascinação irresistível, em audácias e arrebatamentos como se fossem antigos!

Afinal não pôde mais. A febre recrudescera violentíssima. A mãe foi dar com ela na cama, vestida, amarfanhada nas roupas, ardendo em febre!

— Filha, que desvario o teu! Assim desfigurada! Numa tremura de febre! Diz-me o que te amargura. Que foi? Conta-me tudo, filha! Mágoas, se as tens, todas as que tiveres, minha querida! Eu serei por ti, eu estarei sempre contigo. Nunca tive amor maior na minha vida, nem igual a este que eu tenho por ti. Nunca! Não tenho, não quero mais ninguém. Abre-me o teu coração, filha!

Beijou-a enternecidamente.

— Valha-me Nossa Senhora! O teu rosto queima! Mas nem eu atino...

— Mãe, nos vos dê preocupações — interrompeu-a sumidamente, puxando-lhe as mãos para si, beijando-lhas sofregamente.

— Estou a adivinhar, Madalena! Encheu-te de vergonha que D. Dulce viesse a saber dos teus amores com o filho, tão de repente começados, e oprime-te a ideia de não poderes ser sua esposa. Mas é loucura tua, filha. Amores de honesto pensamento nunca mancharam ninguém. O teu sangue é de tanta nobreza como o de Ruy de Vasconcelos.

— Alguém o tornou odiado! — atalhou, soluçando — Mãe, perdoai-me!

Não era nisto que ela pensava, mas nesta explicação supunha ocultar a verdadeira causa daquela sua mágoa enorme.

— Mas, filha, qual culpa tens tu dos erros de alguém? Erros, traições, manchas, até na família dos reis, até nos mais gloriosos brasões, e não sei que, por esses crimes ou por essas máculas, se tornassem de afronta os amores honestos daqueles que não os cometeram! Olha o Mestre de Avis, bastardo de um rei, filho de uma mulher plebeia, e o povo já diz que o há de fazer seu rei. Não te mortifiques assim por culpas que não são tuas. Assim mortificas-me também. As mágoas da tua alma sinto-as e sofro-as eu também, Madalena! Não escondas de mim o teu coração. Não tens no Mundo quem mais te queira. Nem ele, filha, nem ele!

— Mãe e D. Dulce?

— Disse-me que ia falar com o filho e com ele se foi encerrar na sua câmara.

— Se alguma coisa lhe disseram, se lhe teriam ido dar notícia do desafio — pensou, confrangida.

— Queixou-se-me D. Dulce da sua enfermidade, agora a mortificá-la mais.

— Por minha causa! Pela minha causa! — soluçou.

— Jesus! Que desvario o teu! Porque há de ser pela tua causa? Só porque percebeu os amores do filho por ti?

— Somos mais desditosas e mais pobres que as esfarrapadas das ruas!

— Filha, vales tu o mais opulento dote.

— Mãe, sofro muito! — disse num gemido, sentando-se na cama, de repente — Nem podeis sonhar como eu padeço!

— Mas diz-mo, filha da minha alma; é isto o que eu encarecidamente te peço. Pela minha vida, pelo teu amor, por quanto mais prezares. Desafoga comigo, sim! — disse-lhe acarinhando-a, beijando-lhe os olhos rasos de choro — Tu bem sabes que não tens ninguém com quem mais deves contar.

— Mãe, sim — respondeu-lhe em soluços — Cerrai bem aquela porta, fechai-a, mãe da minha alma, para que ninguém nos possa ouvir.

— Madalena, tamanho recato porquê? Assustas-me!

E torturou-a a suspeita de algum segredo que fosse de mácula para a honra da filha.

Foi fechar a porta por dentro, numa opressão de medo.

Voltou e disse com dolorida ansiedade:

— Filha, depressa! — instou numa tremura de voz — Quero ouvir-te e tenho medo!

— Medo, vós?! — disse com estranheza — Vós, que nada sabeis! E então eu, que tudo sei, vede que medo não há de ser o meu?!

— Amarguras-me nessa demora! Vamos, dize; seja o que for, que ainda hei de ter lágrimas para chorar o teu infortúnio.

— Mãe, minha querida mãe, tamanho infortúnio! — soluçou, abraçando-a.

— Filha! De vergonha, de perdição?

— Para morrer de mágoa!

— Perdeu-se nesse amor! — concluiu sumidamente, numa aflição de dó e de vergonha.

— Mãe, pode levá-lo a morte, e D. Dulce não quererá nunca perdoar-me, se lhe matarem o filho.

— Não te entendo, Madalena! Matar-lho quem?!

— Meu primo Antão de Mendonça. De manhã o desafiou, aqui mesmo nesta casa, na sala de armas, e para a madrugada se emprazaram! Mãe, vede que aflição a minha, que dor mortal para a pobre mãe que nos deu amparo, se o matar um parente nosso, pela minha causa! E da minha dor, do que ela pode ser, nem eu sei falar-vos, mãe! Não sei!

Apertou-a muito para si, numa tremura de criança, as lágrimas em fio contra o rosto da mãe, o coração a pulsar-lhe numa violência de terror.

— Filha, Deus será por ele, e a nossa Senhora terá dó de ti! Pedir-lho-emos ambas.

— Mas nem podeis sonhar como eu lhe quero! Amor de poucos dias já tamanho! Suspeitáveis destes amores, mas não podíeis adivinhar o que eles são! Ninguém o podia adivinhar! De tão grande ventura, que nem a vida chegará para sonhá-la ou para tamanho sofrer, que só com a morte se acabe!

— Criança! Minha pobre criança, como tu dizes essas coisas loucas! Olha cá, Madalena. E D. Dulce desconfiará ou sabe já desse desafio?

— Não tive ânimo de lho dizer! Pobre mãe se o sabe, e que loucura de dor se lho matarem! E eu? E eu? Nossa Senhora tenha piedade de mim!

— Não há de querer Deus que seja assim, filha... Mas não estejas nessa mortificação.

— Não posso! Não há vontade que possa ir contra o coração, e o meu está a adivinhar-me umas coisas, que até tenho medo de dizer! Daqui a algumas horas será! Tenho em mim o sonho do que essa batalha pode ser. Falaram um ao outro com um ódio de morte, que nasceu em minutos e parecia de muitos anos, tão súbito e tamanho como estes

meus amores! Vejo e sinto todos esses pavores de morte! Tenho nos ouvidos o ruído das espadas que se cruzam, aquele ruído que eu ouvi uma vez de noite, em frente da nossa casa! Mas neste sonho de amarguras ainda pior, assim como se fosse uivo de morte o tinir daquelas espadas!

Afogou-se-lhe a voz numa golfada de soluços.

— Então, Madalena! Tudo isso afinal são coisas mortificadoras que a tua cabeça está inventando.

— Se até os meus olhos me estão enganando para mais ainda me mortificarem! Estou a vê-lo atravessado pela espada desse que é do meu sangue! Caído, muito branco, olhos cerrados, morto! E uns homens que o trazem numas andas para esta casa! A mãe, coitadinha, de joelhos a gritar contra quem lhe trouxe a sua maior desgraça na perda do filho. Contra nós! Contra mim! Mãe da minha alma, contra mim! — rouquejou, aconchegando-se-lhe ao peito como uma criança tolhida de pavor.

— Jesus! Que doidejar de martírio, filha!

— Mãe, queria dizer-lhe adeus... Antes que ele partisse. Deixai. Esperemos aqui a rezar, iremos ambas quando se perceber que ele vai sair. Não mo negueis. Eu bem sei que tendes dó de mim, nem há mãe que tanto queira a uma filha como vós me quereis; não creio que haja, e isto vos peço, era uma esmola para mim.

Cingira-a nos braços, beijava-lhe os cabelos.

— Sim, filha — respondeu-lhe enternecidamente — O que tu quiseres. Para a boa e para a má fortuna, como sempre fui, a tua maior amiga, com a tua vida presa à minha, porque para mim, Madalena, o único amor tens sido tu.

— Eu sei, eu sei, minha linda santa! — disse a beijá-la.

Bateram brandamente à porta. Madalena ergueu-se de joelhos na cama, numa agitação aflitiva, no rosto uma palidez de terror.

— Quem bate? — perguntou D. Maria de Mendonça.

— Dulce — respondeu uma voz magoada.

— Nossa Senhora me dê animo! — murmurou Madalena, encostando-se ao cabeçal do leito.

D. Maria de Mendonça fora abrir a porta.

— Venho saber da vossa filha — disse a mãe de Ruy.

— Pois bem-vinda sejais, senhora e protetora nossa — volveu-lhe D. Maria numa tremura de voz — Ali a tendes com os seus achaques de outro tempo.

— Ah! Sim; não sabia que era padecimento antigo. Estava preocupado. O meu filho saiu agora.

— Saiu já! — murmurou Madalena num estremeção de medo.

— Eu tinha-o visto entrar para os vossos aposentos — acudiu D. Maria, disfarçando.

— Precisava de lhe dizer umas coisas de confidência.

— Não sabe ainda do desafio! — pensou Madalena.

— Mas agora que ele saiu, não quis deitar-me sem vir ver como estava a nossa doentinha.

Avizinhou-se do leito de Madalena.

— Então? Doença que não é para dar preocupação, não é assim?

— Mal-estar, nem eu sei porquê. Coisa de nada, senhora minha — respondeu-lhe arrastadamente, num fio de voz enrouquecida.

— Antes assim. Até me parece que adivinhei logo a causa — disse, esboçando um pálido sorriso, artificioso e frio — Era natural que muito vos perturbasse o alvoroço da aclamação.

E voltando-se para D. Maria de Mendonça, acrescentou com o mesmo sorriso:

— Haveis de saber já; certamente o sabeis.

— O quê, D. Dulce?! Não vos percebo!

— Pois que o não sabeis, sempre vos direi que nem todas as rainhas são desprendidas de vaidades do Mundo como a vossa linda filha.

— Não vos entendo.

— Esta manhã, na minha sala de armas, a proclamaram rainha das belas não sei quantos cavaleiros jovens, que

vieram convidar meu filho para uma hoste de namorados e de aventurosa cavalaria.

— Meu Jesus, piedade! — suplicou dentro de alma a torturada Madalena.

— Esta noite ou amanhã vos hei de falar de assunto grave, e então vos direi miudamente o que eu vi e o meu filho há instantes me confessou. Agora não. Ruy contou-me que sobre a madrugada se esperava um assalto dos Castelhanos. Parece que um fugitivo do arraial inimigo trouxe de tarde a denúncia do cometimento. Todos os cavaleiros e homens de armas tiveram ordem para estar de vela durante a noite nos muros e adarves das torres.

— Engano para lhe ocultar a verdade! — pensou Madalena com o coração num sobressalto opressor.

— E vós numa inquietação por essa má nova! — disse-lhe arrastadamente D. Maria, de olhos postos na filha.

— Inquietações não faltam! Mas que remédio senão encher-me de ânimo para as suportar? Ruy tem deveres de honra a cumprir; Deus me livre de lhe quebrar o ânimo com os meus receios e os meus choros. Do que eu tenho mais

medo é da sua temeridade para cometimentos de aventura, ideados dos romances de tresloucada cavalaria. Mas é medo que o meu coração lhe oculta, tomando desafogo na minha fé e no amparo que espero da Senhora Mãe de Jesus, aquela das maiores dores — disse comovidamente, apontando a pequenina imagem do oratório — Rezo-lhe e guardo para ela as minhas lágrimas de mãe, que são as contas porque eu lhe rezo. Quereis vós ajudar-me?

— Com toda a nossa vontade.

— Senhora, sim — aquiesceu Madalena timidamente — Se ela sonhasse! — pensou.

— Pois muito da minha alma vos agradeço — disse D. Dulce.

Foi para o oratório e pôs-se a acender os dois pequenos círios que o ladeavam. Tremia.

Madalena, num esforço supremo, tentava descer do leito.

— Tem ânimo, filha — segredou-lhe a mãe, ajudando-a a descer.

D. Dulce ajoelhou-se no genuflexório. Ao lado dela, muito aconchegadas uma à outra, mãe e filha ajoelharam, mortificadas.

De olhos pregados na imagem daquela Mãe a que tinham morto o Filho, olhos num êxtase de devoção e num pasmo de terror, sob a sua névoa de lágrimas, Madalena represava os soluços com as mãos postas à altura dos lábios.

— Ave-maria, cheia de graça, o Senhor seja convosco, bendita sejais entre mulheres, bendito seja o fruto do vosso ventre, Jesus... — rezava D. Dulce.

As outras iam dizendo com ela sumidamente. Assim até ao fim.

— Mãe... Como isto... Custa! — segredou Madalena.

Mais duas ave-marias e D. Dulce disse alto, em voz mortificada, a sua súplica e a dedicatória daquelas rezas.

— Senhora dos que sofrem, Mãe protetora dos que choram as suas dores maiores, Senhora de misericordioso amor de infinita piedade, sede pelos que defendem os seus lares e a sua terra e defendei-me vós, pelo vosso Jesus, a vida daquele filho, que eu tenho em perigo de...

Interrompeu-a um grito convulsivo de angústia. Madalena caíra desmaiada no colo da mãe.

Veio para ela D. Dulce comovidamente e tateou-lhe as fontes.

— A arder em febre!

Foi à porta, chamou. Acudiram logo duas criadas. Levantaram aquela pobre atribulada e a levaram para a cama. Momentos depois D. Dulce mandava-as sair.

* * *

Madalena voltou a si, mas, de instante a instante, mais febril, entrou numa agitação de delírio.

— Eu mandava chamar o físico, se não soubesse que isto é apenas enfermidade de coração enamorado — disse baixo D. Dulce para a mãe de Madalena — Aos perigos inquietadores que pode trazer para vós e para mim, para ela mais talvez do que para ninguém, a esses os não pode evitar nenhum médico. Nem nós, embora seja somente um

mal do coração, infelizmente em poucos dias adiantado e grave! Previa-o e receava-o!

D. Maria de Mendonça entendia bem o tom de amargura destas palavras e oprimiu-se, afogueada.

De olhos cerrados, em estremecimentos nervosos, os seios num arquejar violento, Madalena começou a dizer umas palavras enrouquecidas, que mal se percebiam.

Receosa e confrangida de dó por aquela filha que era tudo para ela, D. Maria de Mendonça debruçou-se muito para lhe compor as roupas, para lhe escutar melhor as palavras e, provavelmente, para ver se evitava que D. Dulce ouvisse alguma inquietadora revelação.

Mas Madalena disse num grito seco e dolorido:

— Rui! Não vás para esse combate de morte!

— Valha-me Nossa Senhora! — murmurou a mãe — Filha! Filha! — chamou como se aquilo fosse um sono de que as suas palavras a pudessem despertar.

— Está em delírio. Mas então já ela sabia do combate que se espera! — disse D. Dulce, aproximando-se muito do

leito.

— Não vás... Rejeita o desafio... Antão Gonçalves pode matar-te!

— Um desafio! D. Maria de Mendonça, que sabeis vós para me explicardes as palavras da vossa filha? — perguntou-lhe asperamente, num sobressalto opressor.

— Bem vedes... Que a pobrezinha delira — respondeu, perturbada, arrastando as palavras — Filha! Filha! — disse a chamar, inclinando-se mais para ela.

— Pareceis interessada em que eu não a ouça! — observou-lhe D. Dulce com estranheza, uma suspeita mortificadora a golpear-lhe o seu grande coração de mãe.

— Eu, D. Dulce!... Senhora... Nenhum interesse.

— Por tua mãe, pelo nosso amor, Ruy, não vás! — disse ainda numa tremura de voz, repassada de lágrimas — Não deixeis que vá... Senhora D. Dulce, não deixeis sair vosso filho... Vai a um combate de desafio... Com o meu primo!... Senhora, não deixeis, que vos podem matar!

E bracejava loucamente, o peito a levantar-lhe as roupas da cama, num ondear aflitivo, as lágrimas em fio daqueles olhos cerrados de adormecida.

A tremer, numa palidez de morta, com uma sequidão de que só era capaz no egoísmo do seu amor maternal, D. Dulce acercou-se mais da esposa de Gil Vasques de Mendonça.

— Sabíeis, e sabia-o vossa filha, e nem uma palavra para mim! Mentiu ele e mentíeis vós calando-vos! A verdade toda, claramente dita por vós, D. Maria de Mendonça! A verdade que me deveis! Que desafio? Com quem?

— Com meu sobrinho Antão de Mendonça — respondeu acabrunhada, de olhos baixos, trementes.

— Por ciúmes?

— Por ciúmes.

— Julga-se com mais direito aos amores da vossa filha?

— Senhora, que faltais ao vosso próprio coração!

— Talvez a esta hora enlutado! O meu coração! E quem aqui se importou com ele?! Desafio para onde? Para

quando? — perguntou já a custo.

Cansava numas sufocações de cardíaca.

— Onde, não sei... Mas ouvi que seria para esta madrugada.

— Tenho tempo. Alguém há de saber para onde ele foi — disse com indefinível amargura, desfigurada — Tempo... Para ir também... Para lhe levar... O meu coração morto... Como ele me trouxe para casa... Os seus amores... De perdição.

Deu uns passos hesitantes para a porta; mas as sufocações saltearam-na com maior rudeza, arroxeou-se, levou as mãos ao coração e, a voltear entontecida, foi cair num escabelo, com a boca escancarada numa ânsia de ar.

D. Maria de Mendonça correu aflita para ela, gritando que viessem acudir-lhe.

As criadas entraram, surpreendidas.

— Senhora, perdoai, que não foi culpa minha! — soluçou Madalena, outra vez em delírio.

— Ide chamá-lo... O meu filho! — rouquejava D. Dulce — Para eu lhe dizer...

E levantou-se, hirta, numa sufocação maior.

* * *

Vinha a romper a madrugada. Ruy esperava com os seus padrinhos na clareira de um olival, dentro das terras ermas que ficavam entre a Porta de S. Antão e a Porta do Jogo da Péla.

— Álvaro Coutinho — disse o filho de D. Dulce, tomando o Magriço de parte — desejo pedir-vos um piedoso serviço de amigo.

— O que mandardes.

— Se a boa fortuna me abandonar, não mandeis que me levem para a minha casa.

— Diz-me o coração que tal não há de ser preciso.

— Mas pode ser. Um dos dois há de ficar mortalmente ferido; poderei ser eu. Mandai-me para o hospital de sangue das Portas de Santa Catarina, se ainda ficar com vida. Para a minha casa, não. Quero evitar a minha mãe essa surpresa de morte. Depois, ide lá e não lhe deis a notícia senão quando lhe tiverdes preparado o ânimo para a receber. Que fui ferido numa escaramuça, dizei-lhe, e fiquei recolhido no hospital. Que será possível que me salvem. E quando já não houver remédio senão contar-lhe toda a verdade, dizei-lhe então que sois confidente de dois pedidos meus, feitos numa súplica ao seu bondoso coração de mãe. Que me perdoe a dor que lhe dou, e que não deixe ao abandono Madalena de Mendonça. E a essa, Álvaro Coutinho, contai-lhe o que se passar... Podeis asseverar-lhe que a sua imagem fica no meu coração morto, assim como se fosse o corpo de uma santa que a terra não consome dentro do seu caixão apodrecido. Dizei-lho, e por tamanho favor vos beijo a cruz desta valente espada.

Curvou-se e beijou-lhe o punho da espada.

Estava profundamente comovido. Homens daquela têmpera não choram nunca nos lances em que o esforço e a vida se

põem em risco. Lágrimas de pesar e de saudade naquela previsão de morte, se algumas tinha, eram das que ninguém vê porque só o coração as pode chorar.

— Heis de ser vencedor — disse-lhe o Magriço, abraçando-o fraternalmente — hei de ter-vos comigo na defesa da nossa terra, na hoste dos Namorados, nos dias das maiores batalhas; porém, se Deus tal não permitir, pela minha fé vos juro que todas as vossas vontades serão cumpridas.

— Aí chega Antão de Mendonça, com os seus — veio avisar a outra testemunha.

* * *

Adversários e testemunhas juraram com solenidade sobre a cruz das espadas, cumprir lealmente os seus deveres de honra e observar com fidelidade os preceitos da boa cavalaria, como homens de prole que eram.

Para juiz de campo fora unanimemente escolhido o nobre e valoroso Álvaro Coutinho; era ele quem tinha de mandar começar o combate.

Colocaram-se os adversários frente a frente, as testemunhas à direita e à esquerda dos seus respetivos apadrinhados, a vinte passos de distância deles, rosto a rosto, espadas desembainhadas, de pontas firmadas no chão, prontos a combater, na sua qualidade de mantenedores, por qualquer deslealdade, ofensa ou desaire contra os seus apaniguados.

— Estais aqui para lutar pela vossa dama, vós que sois cavaleiros da nobreza destes reinos. Que seja convosco a vontade de Deus. Combatei — disse Álvaro Coutinho.

Os contendores saudaram-se com as espadas, mas os relâmpagos de ódio com que os seus olhares se buscaram, desmentiam rudemente aquela cortesia espetaculosa das armas, artifício de uma hipocrisia convencional, em que o aço mentia, disfarçando impaciências de quem lhe dava calor e vida, na têmpera dos seus ódios.

— Por Madalena de Mendonça, dama dos meus afortunados amores! — disse alto Ruy de Vasconcelos, numa vibração altiva e firme.

E logo num brado que parecia um uivo agoirento, Antão de Mendonça replicou:

— Por Madalena de Mendonça, dama dos meus desventurados amores!

E foram um para o outro impetuosamente, lâminas estendidas, olhos cravados na garganta indefesa um do outro como para ensinarem às espadas o caminho fácil da morte. Estavam sem camal e sem gorjeira.

Mas ambos desviaram o golpe habilmente, e então cruzaram as espadas, invetivando-se com rancor mortal.

— Para não mais a perseguirdes! — bramiu Ruy de Vasconcelos.

— Para que nunca seja vossa! — regougou o Mendonça.

As espadas serpenteavam no ar sinistramente, numa vertiginosa fúria de golpes. Às vezes as lâminas resvalavam

pelas cotas.de ferro e pelos braçais, produzindo um ruído seco e áspero, a lembrar o grito enrouquecido de uma ave.

O fito era a garganta, já que tinham o coração escondido no seu arcaboiço de placas de ferro. Mas os golpes eram bem parados. As cutiladas à cabeça valeriam um desperdício louco de esforço. A espada embotar-se-ia na cimeira do bacinete, se não se quebrasse contra ele.

Mendonça vibrou uma estocada ao braço direito do Vasconcelos, a procurar-lhe a parte menos defendida pelas lâminas do braçal.

As armaduras não eram ainda tão completas, nem de tão segura resistência, como as que vieram a usar-se no século XV.

Ruy desviou-lhe a espada com vertiginosa energia, volteou-lha com a sua e fez-lha saltar da mão.

Mendonça tornou-se mais pálido, recuou uns passos e arrancou a adaga da bainha.

— Agora para acabar! — disse o Vasconcelos com serena intrepidez, arrojando ao chão a sua espada vencedora —

pela minha noiva! — exclamou, empunhando a adaga rapidamente.

— Para morrerdes por ela! — rouquejou o Mendonça com a adaga a lampejar-lhe na mão convulsiva.

Seria para a garganta do adversário o seu primeiro golpe. Ruy compreendeu. Disse-lho num relâmpago o olhar felino do rival; confirmava-lho a altura a que ele erguera a adaga.

Mendonça venceu de um salto, como de tigre enraivecido, os sete passos que o separavam do preferido de Madalena. Mas o braço esquerdo de Vasconcelos estendeu-se para ele num ímpeto violento, os músculos como fibras de bronze de uma clava antiga, e conteve-lhe o arranque, cingindo-lhe a garganta com a mão indomável, os dedos aferrados como garras.

No estonteamento da sufocação, Mendonça vibrou-lhe um golpe inútil ao peito. A ponta da adaga resvalou-lhe por entre as placas de ferro, quebrando-se como um pedaço de vidro.

Num supremo esforço, olhos esbugalhados pela sufocação, raiados de sangue, a boca entreaberta, a espumejar

desesperos, Mendonça fincou-lhe o joelho contra o ventre para o afastar de si.

Inutilmente. Ruy era um dos mais possantes rapazes do seu tempo e, em vez de recuar, filou-lhe a garganta com maior violência.

Mendonça deu um rugido roufenho e, numa ânsia de esforço roçou pela face do Vasconcelos a lâmina quebrada da adaga.

— Morres então — clamou Ruy de Vasconcelos, cindindo-se a ele como um atleta de circo. E levou-o a terra debaixo de si.

Deram um baque soturno as costas de ferro do cavaleiro vencido. Ruy pôs-lhe o joelho em cima do peito e a ponta da adaga contra a garganta. Com a mão esquerda oprimia-lhe contra o solo o braço que ele ainda tinha armado com a adaga quebrada.

Mendonça enclavinhava a mão esquerda, num esforço de estonteado contra ao peito do adversário.

— Requestador desprezado, venci-te! — disse Ruy — concedo-te a vida para outro desafio maior, num campo de

batalha contra Castela.

O vencido regougou um insulto que se não pode escrever, por gravemente ofensivo da honra de Vasconcelos como enamorado, e com a mão que tinha livre conseguiu bater-lhe na face.

— Morre enfim, vilanaz! — gritou, convulsivo, cravando-lhe a ponta da adaga no pescoço e erguendo-se de repente.

Ergueu-se porque lhe repugnava aquele desenlace do combate. Apesar do seu ódio ao insultador, seria incapaz de lhe cravar a adaga segunda vez e mais a fundo.

O Mendonça soltou um gemido rouquejante, contorceu-se e cerrou os olhos; duas golfadas de sangue enegrecido se lhe alastraram lentamente pelas placas de ferro do arnês.

— Senhores cavaleiros — disse Ruy de Vasconcelos para os assistentes — está acabada esta contenda de morte.

— Deus vo-la perdoe! — acudiu solenemente o juiz do combate, acercando-se de Antão de Mendonça.

Todos os outros correram para junto do vencido. De joelhos em terra, muito debruçado para ele, Álvaro Coutinho

tateava-lhe o pulso e escostara-lhe o ouvido à boca.

— Creio que o ferimento pode ser de morte; mas ainda lhe sinto a respiração.

— Levemo-lo ao hospital — disse com ansiedade um dos padrinhos do ferido.

— Nós mesmos, nós todos — lembrou Álvaro Coutinho — Se nenhuma dúvida haveis quanto à lealdade deste combate — disse para as testemunhas do Mendonça — e como seus mantenedores nada tendes a reclamar de nós, devotadamente vos ajudaremos.

— Nenhuma dúvida.

— Nada temos a reclamar de vós.

— Pois levemo-lo depressa.

Iam com ele nos braços a caminho do hospital de sangue da Porta de Santa. Catarina. Ali lhe fariam o primeiro curativo e de lá o tinham de transportar para o hospital maior da cidade.

Plena manhã. Uma aleluia de luz e de cânticos por cima da pobre cidade infortunada e por aqueles montes e encostas,

que fechavam o horizonte de Lisboa, para além das muralhas.

Ouviam-se as últimas vibrações das trombetas na alvorada do arraial castelhano.

Lentamente, cabisbaixo, Ruy seguia atrás daquele trágico acompanhamento de quatro homens, distanciado deles por algumas dezenas de passos.

Um pouco além da torre de Álvaro Pais vinha em sentido oposto uma liteira de mãos (andas), seguida por dois servos armados. Na frente um monge peregrino, de barbas brancas.

Assim que descobriu aquele estranho grupo de homens fidalgos com outro nos braços, o monge teve um estremecimento de receio e tomaram sombrio aspeto as suas faces de singular palidez. Voltou atrás rapidamente e mandou aos jovens da liteira que voltassem.

Então uma cabeça branca de mulher assomou à portinhola.

— Mendo, porque voltamos?! — perguntou numa voz sumida, repassada de mágoa.

— Para ali não é provável... Voltem para trás! — repetiu aos jovens da liteira.

Mas a dama de cabelos brancos olhara para cima e vira aqueles homens que desciam, trazendo outro nos braços. Os primeiros lampejos do sol nascente punham um vivo resplendor nos seus bacinetes emplumados.

— Não! Não! — mandou num grito de angústia — Mendo, ampara-me, quero sair! — disse numa tremura de voz, sumidamente, entreabrindo a portinhola da liteira.

O monge aproximou-se, acabrunhado.

— Dulce, voltemos para trás! — pediu-lhe quase em segredo.

— É ele que vem ali nos braços dos outros? É o que tu supões... E eu, e eu também! — soluçou, começando a tremer — Jesus da minha alma! Já aqui vem!

Num ímpeto como de louca se desprendeu dos braços de Mendo e, dobrada para diante como se levasse ao ombro o peso da maior cruz pelo Calvário de mais escarpada subida, avançou uns passos.

— Senhores cavaleiros, quem levais aí?

— A mãe de Ruy de Vasconcelos! — disse Álvaro Coutinho, surpreendido.

— Por piedade, deixai-me ver... Se é Ruy de Vasconcelos!

— Senhora, não é — respondeu-lhe Álvaro Coutinho, parando e fazendo com que os outros parassem.

A cota do Magriço vinha tingida de sangue. Era ele que, numa posição contrafeita, segurava o ombro direito e a cabeça do ferido, descoberta, numa lividez horrível.

— Vosso filho, senhora, aí vem atrás. Deixai-nos seguir. Trata-se de um ferimento que é talvez mortal.

E foram descendo lentamente. D. Dulce caiu de joelhos em estremeções de horror, numa profunda impressão de piedade por aquele desventurado que ia ali por morto. Mendo amparou-a carinhosamente.

De olhos fitos nas manchas de sangue negro que ficaram na rua, D. Dulce soluçou, de mãos postas:

— Pobre mãe a sua, se ainda vive! Nossa Senhora lho salve!

— Dulce — disse-lhe Mendo — Ruy vem aí!

Homens de armas e maltrapilhos do povo que passavam iam parando a inquirir o que sucedera.

— Minha mãe, minha santa, vós aqui! — exclamou Ruy, numa surpresa de mágoa, a beijar-lhe as mãos e a querer levantá-la nos braços.

— A dor que me deste, Ruy! Por essa cidade, ao acaso, a buscar-te!

— Mãe, perdoai!

— Dulce! — interrompeu Mendo, em voz quase segredada — Está-se a juntar gente. Retiremo-nos daqui.

— Sim, sim. Filho, ampara-me. Agora posso menos.

E enquanto a mãe se lhe amparava ao ombro, foi ele saudando o tio a meia voz, na preocupação de lhe manter o incógnito.

— Filho — foi-lhe dizendo ela sumidamente até chegar à liteira — temos coisas graves de que tratar. Mal agourados amores assim começados! Deus me faça a esmola de não

deixar que tu leves para o dote do noivado a mortalha desse que feriste de morte.

— Depois, depois falais — interveio Mendo, instando com a irmã para que entrasse na liteira.

Entrou. Os jovens levantaram os varais nas alças de couro.

— Para casa — mandou Ruy.

Ele e o monge foram seguindo poucos passos atrás.

— Tio, perdoai, e dizei-me: Sabeis se alguma coisa sucedeu a Madalena?

— Não a vi, mas disseram-me que estava de cama, queimada de febre, numa tortura de delírio.

— O meu pobre amor! — disse, confrangido.

— Ruy, ias matando tua mãe! Deste-lhe nalgumas horas a mais longa e intensa dor da sua vida!

— Tio, este combate era inevitável. Fui vilmente insultado; seria o último dos poltrões, se não matasse o insultador ou não morresse às mãos dele.

— Compreendo. Era o teu dever; não serei eu quem te acuse por lhe não teres faltado.

Chegaram ao palácio de Santo Elói. Na sala de entrada D. Dulce disse ao filho:

— Vai repousar. Eu tenho de ir ver se o meu coração pode ter descanso, e se a nossa Senhora me recebe as orações que eu lhe devo por ti, e me ouve outras por esse que... Sabes se ele ainda tem mãe?

— Madalena disse-me que ele vivia com a mãe.

— Tenho então de a ajudar a ela nas súplicas a quem lho pode salvar, se ainda a morte o não levou. Eu te mandarei chamar para tratarmos de coisas que interessam à nossa honra e à de mais alguém.

— Quando mandardes, senhora — volveu-lhe, apreensivo.

Sentia naquele aviso uma fria severidade que o oprimia. Compreendeu claramente que se tratava dos seus amores com Madalena.

CAPÍTULO VIII

ALMAS AMARGURADAS

Maria de Mendonça não se afastara em toda a noite do quarto da filha, sempre a arder em febre, numa agitação de pesadelos.

Sobre a madrugada, Madalena ficou-se num quebramento de modorra e a mãe adormeceu a chorar, sentada num escabelo, a cabeça repousada no cabeçal da filha.

Acordaria, era seu intento acordar antes que a manhã rompesse, para ficar à espera de notícias que chegassem a respeito de Ruy, evitando assim que alguma nova de fúnebre desgraça viesse ferir de surpresa aquela pobre enamorada.

Sabia que D. Dulce tinha ido para os seus aposentos um pouco mais aliviada das sufocações e mais recobrada de ânimo, mas nem sequer podia sonhar que ela houvesse tido alento para sair em busca do filho.

— Jesus da minha alma, o que será para nós ambas — pensara, de olhos cravados na filha — o dia de amanhã, se o luto entrar nesta casa? Atirar-nos-ão para a rua como uns trapos que fazem asco e vaguearemos por aí, famintas, desprezíveis, mais desgraçadas que as mendigas de pior infortúnio! Hão de cobrir-nos de afrontas; a ralé odeia-nos; há de voltar contra nós os desesperos da sua fome e do seu padecer. Desditosa filha! Desditosa!

E foi neste tormento de receios, a pensar naquela madrugada de trágicos prenúncios, que já não tardava e em que ela havia de ser, naquela casa, a maior madrugadora; foi nesta angústia que os olhos se lhe cerraram num torpor invencível de todas as forças.

Mas o dia alvoreceu, o sol surgiu radioso sobre a cidade amargurada, e a madrugadora não despertou. Nem ela, nem a filha, a chorar de olhos cerrados, a sofrer naquele sono de tortura.

* * *

Bateram à porta brandamente. Nenhuma delas ouviu. Segunda vez com mais força. D. Maria de Mendonça despertou então num arrepio de medo.

— Valha-me Nossa Senhora! Quem será?

E ficou de pé, hesitante, numa tremura de receio.

Bateram outra vez. Foi para a porta, pé ante pé, não fosse a filha despertar para alguma horrorosa realidade. Ia num estonteamento de ideias doidas, o coração como se lhe quisesse fugir do peito, a voz represada na garganta. Encostou-se à porta.

— Quem bate? — perguntou baixo, rouquejando, num esforço doloroso.

— Senhora — disseram de fora — perdoai. Venho trazer-vos uma notícia. Não vos sobressalteis.

Era uma voz de mulher.

— Uma notícia! Mãe de Jesus, valei-nos!

Entreabriu a porta brandamente, a tremer. Madalena tinha despertado numa agitação mais violenta, sacudida por um

sonho brutal, ainda em turbações de delírio, na imperfeita consciência da sua situação.

— Mãe! Até vós fugis de mim! — e sentou-se na cama, de repente.

— Filha... Aí vou — respondeu-lhe, passando para lá da porta e puxando-a para si.

— O senhor Ruy já voltou! — disse-lhe a criada que viera bater.

Mãos nos olhos, numa impaciência nervosa como se quisesse rasgar a névoa de lágrimas que lhos turvara, e num supremo esforço da vontade para ver se podia compreender o que se passava, Madalena soluçou:

— Mãe! Deixais-me! É para me não dizerdes a verdade! Mas... Vou eu sabê-la... Não posso! Não posso!

E debruçou-se para o cabeçal a chorar.

Entretanto, a criada tinha informado que Ruy chegara são e salvo e lhe ordenara que viesse dar-lhe aviso e pedir-lhe permissão para vir falar-lhe.

— Filha, minha querida filha! — exclamou D. Maria, entrando e cerrando a porta.

— Mataram-no! — disse Madalena num gemido que parecia um arranco de alma, pondo-se de joelhos, angélica figura de uma inexcedida angústia, trémula estátua de suprema dor, numa semi-nudez escultural.

— Filha, não! — gritou a mãe convulsivamente, abraçando-se nela, a cobri-la de beijos — Voltou são e salvo! Nossa Senhora ouviu-te; teve dó de ti, meu amor, e no seu dó se apiedou também de mim!

Num olhar de pasmo, a cingir a mãe a si fervorosamente, Madalena disse-lhe em murmúrios, com a face muito encostada à face dela:

— Mãe da minha alma! Não pode ser engano para mim, não pode. Tanto me quereis e tanta pena tendes de mim, que não ereis capaz de iludir, ainda que fosse para o meu bem.

— Minha pobre loucazinha! Se era engano que eu pudesse fingir assim! Olha, repara bem. Esta alegria não se finge.

— Sim, sim, perdoai-me! Por tantas mágoas que eu tive, até esta ventura me pareceu engano de sonho! Mas agora não, minha santa! Até Nossa Senhora quis que viesse da vossa boca para mim, mãe que tanto tendes sofrido, essa boa nova, que entra na minha alma como se fosse uma aleluia!

E a beijá-la com louco fervor e um carinho infantil, solicitou-lhe:

— Mãe, ajudai-me a vestir... Mas eu posso.

— Filha, estás muito abatida.

— Deu-me saúde a vossa boa nova. Heis de ver que posso. Muito devagar, como se eu fosse uma velhinha, amparada por vós, para ir ali à janela ver o dia, o sol, que está a querer entrar aqui, todo cheio de ouro, príncipe de encanto, que vem dar-nos parabéns.

— Minha louquinha!

— Ajudai-me. Se eu não puder, se a febre me não despregar, voltarei então para aqui. O dia há de estar lindo, este bem-aventurado dia! O louco do meu coração havia de

achá-lo agora formoso, o mais lindo de quantos eu tenho visto, ainda que viesse todo ele toldado de negrumes.

— E é só para ver o sol que tu queres levantar-te? — perguntou-lhe, sorrindo.

— E para o ver a ele, se a minha querida mãe, a maior amiga que eu tenho, tanto se compadecer de mim, que mo consinta.

— Pois sim, filha. Ele próprio mandou pedir para me falar.

— Bendito Deus! Iremos ambas, sim? Depois de tamanha noite de amarguras é como se ele houvesse ressuscitado!

A mãe ajudou-a a vestir. Estava muito extenuada e aquela sua coragem do coração e dos nervos pouco poderia durar.

— E estou eu a ajudar-te nesta imprudência! Tremes como um vime!

— É do sobressalto. Não vos lembrais de quando eu era pequenita? Punha-me toda a tremer quando vós me levavas

a ver o que a minha mente sonhava, ainda mais lindo que a realidade.

— Isso dizes tu, mas eu conheço que a febre ainda te não largou e é com a febre que tu tremes!

— Pois deixá-la — volveu-lhe de gracejo — pior foi quando o coração tremia, e agora é ele que não faz caso da febre e há de mandá-la embora como quem despede uma visita impertinente.

— Assim seja, mas estou com receio disto!

— Pronto, minha adorada mãe. Está vestida a rainha. Agora até tenho vontade de rir daquela aclamação, que tanto me oprimiu!

D. Maria de Mendonça apagou a grande lâmpada. Madalena sentou-se, extenuada, no escabelo, ao pé do leito.

— Mãe, o sol! Deixai-o entrar. Tenho saudades dele.

— Eu vou, descansa.

Abriu de par em par as portas da alta janela de ogiva. Um jorro de luz dourada inundou a câmara.

— Bendita luz! — exclamou Madalena — Luz para um noivado de sonho — pensou — Ouro divino para um dote de noiva! Sol, assim tu me quisesses dotar!

— Senhora minha — chamou de fora a criada que trouxera a boa nova.

— Entrai — disse D. Maria de Mendonça.

— Santo dia, senhoras minhas! — saudou a serva.

— Santo dia seja para nós todos — volveu-lhe a mãe de Madalena.

— O senhor Ruy, meu amo, pede-vos o favor de o ouvirdes. Está a esperar-vos na saletazita aqui em frente e muito vos roga que não tardeis, porque em breve terá de ir falar com a senhora D. Dulce.

— Ide dizer-lhe que vou já.

A criada saiu e D. Maria de Mendonça voltou-se para a filha, sorridente:

— Tens ânimo?

— Mãe, ainda que fosse preciso ir de rastos! — respondeu, beijando-lhe a mão e amparando-se a ela,

enternecidamente.

— E depois? — ia perguntando D. Maria de Mendonça de si para si — Pobre criança, quem sabe o que será o teu dia de amanhã?

* * *

Ruy acabara de receber a resposta. Esperava com impaciência.

Queria que D. Maria de Mendonça lhe desse informações completas a respeito de Madalena, e estava no propósito de pedir que lhe permitisse vê-la, ao menos da porta do seu aposento. Sabia já que ela estava levantada.

Sentiu passos lentos e encaminhou-se para a porta. D. Maria entrou com a filha amparada a si.

Quebrando os rigores da etiqueta do tempo, numa surpresa perturbadora, de imenso júbilo, Ruy deu uns passos atrás, como deslumbrado.

— Vive Deus, que vos traz aqui, dama e senhora minha, rainha angélica, de beldades!

— Rui! — murmurou ela a tremer, encostando-se mais à mãe, de maior rubor as rosetas da febre na sua alvura de alabastro, cheios de lágrimas os seus olhos estonteadores, daquelas consoladoras lágrimas que são como um divino orvalho em que as mais intensas mágoas se desfazem.

— Senhora, perdoai! — disse Ruy, curvando-se diante de D. Maria de Mendonça — Não pode já haver disfarces neste profundo e honesto amor. É vossa filha a noiva da minha alma; respondem pela segurança do noivado, em face do Mundo, seja quando for, a minha honra e a minha vida.

— Creio em vós — respondeu-lhe — mas não poderá o vosso coração sozinho vencer infortúnios e injustiças do Mundo!

— Bem vos compreendo, senhora, e peço licença para vos repetir: O esforço ajudará o coração.

— Vossa mãe espera-vos — veio dizer a aia Marta Vicente.

— Eu vou. Senhora D. Maria de Mendonça — disse-lhe, curvando-se.

E a seguir, de joelho dobrado, diante de Madalena, tomou-lhe a mão e beijou-lha levemente.

— Rainha de sonho, rainha da minha alma! — murmurou enternecidamente.

* * *

Na sua antecâmara, D. Dulce mandara sentar o filho ao pé de si.

— Ruy, escuta-me. Não vou falar-te da noite de amarguras que passei por ti.

— Minha santa!

— Mãe apenas, com o defeito de todas as mães que muito querem aos filhos e não vivem senão por eles. Isto me basta. Defeito lhe chamei, pois que, até por este amor assim somos injustas para outras mães e detestamos outros amores. Tive ontem momentos — Deus mo perdoe! — em

que cheguei a sentir alguma coisa que parecia rancor a alguém que é digno de dó e a mim me tem merecido carinhosa simpatia!

— Senhora minha, estou a entender-vos com mágoa minha!

— Rancor que foi desvario daquela tamanha dor que eu sentia! Ias morrer por ela. Aqui tens a minha fraqueza. Mas não vale a pena falar-te do que padeci, nem foi para isso que te chamei. Importa às honradas tradições desta casa, à honestidade de Madalena de Mendonça e ao teu próprio nome que, sem demora, se tome resolução a respeito de um assunto grave. Os teus amores por essa menina caminharam depressa, chegaram em poucos dias a uns excessos de enfeitiçamento que não são vulgares e podem tornar-se desonesta injúria.

— Mãe e senhora! Pela vossa vida e pela minha honra...

— Filho, não faças juras por esse enlouquecimento de amor! Muitos se têm quebrado. Pergunta-o ao teu tio Mendo. O cavaleiro honroso que tu és sei eu que de boa fé jurava; podia, porém, faltar-lhe o enlouquecido enamorado,

e tu és, ao mesmo tempo, o cavaleiro incapaz de faltar aos seus deveres de fidalgo e o louco perdido de amores por ela. Não me oponhas sonhos a essas tantas realidades que o Mundo conhece. Escuta-me serenamente. Vem de ilustre sangue essa menina de quem te enamoraste; creio firmemente nos teus castos escrúpulos, lê-se-lhe a bondade no olhar; nenhuma de mais cativante formosura que eu ainda visse, nenhuma, e não foram lisonjeadores esses jovens cavaleiros que nesta casa a aclamaram rainha de beldades. É digna de ti, filho, firmemente o creio. Mas já o Mundo o não entende assim.

— O Mundo! Com que fundamento, mãe e senhora minha?

— Ouve. Quero eu lembrar-to, já que tu pareces esquecido do que há pouco tempo me disseste, quando me pedias lhe desse guarida nesta casa. Para o Mundo, para a gente do povo, é a odiada filha de um traidor, que agravou a sua infâmia vindo com os invasores da sua terra, para lutar contra os nossos, abastardando os brasões da sua cota de cavaleiro português com os outros da nobreza de um rei estrangeiro.

— E em que pode Madalena ser culpada dessa infâmia?

— A gente do povo não sabe distinguir essas coisas, e para essa gente não é senão a filha de um traidor. Tu próprio o sabes melhor do que eu.

— Nuno Álvares, flor dos cavaleiros, a mais valente espada que há hoje em Portugal, tem irmãos bandeados com o rei de Castela, e o povo adora-o como se ele fosse um santo e resplandecente cavaleiro, igual ao do Santo Graal dos rimances e trovas, quase igual ao S. Jorge de Inglaterra.

— Ruy, eu sei. Mas Nuno Álvares, tu o disseste, é a mais valente espada de Portugal, e haverá três meses, aqui festejou Lisboa a batalha que ele venceu aos Castelhanos. Já não pode cair sobre o seu loudel de batalhador vitorioso a mácula dos irmãos traidores.

— Mãe, farei eu também que sobre a minha cota de armas não possa cair a infâmia de Gil Vasques de Mendonça.

— Já estava a esperar que me repetisses por outras palavras o que prometeste ao Mestre e me disseste a mim.

Mas ouve lá: não se provocam batalhas como se provocam duelos, e esse de hoje não podes tu contar para o dote da noiva, nem para desviar de ti os ódios injustos da plebe contra a filha do traidor. Nem o aceitará o Mestre em guisa de abonação para noivado. Feriste de morte um cavaleiro, que todos julgavam leal, e será menos um — Deus tal não permita! — entre os poucos leais que tem Portugal. Fará falta. Esse desvairado combate há de ser a esta hora sabido por toda a cidade e dará fama de escândalo a esses amores com a filha do Mendonça. Maior ódio contra ele, tamanho que chegue para o repartirem comigo, filho!

Ruy sentia a profunda verdade destas palavras e já se não atrevia a opor-lhe devaneadoras alegações de namorado. Aquela era a razoável previsão dos acontecimentos. Dizia-lho a sua própria consciência.

— O que esperas tu que a má-vontade e o ódio inventem contra esses amores de tão arrebatados excessos? E dos meus escrúpulos o que podem supor tendo-a aqui na minha casa tão em intimidade comigo?

— Senhora, quem se atreverá?

— Não te assomes em farroncaria de cavaleiro andante. As más aparências infamam tanto como as ruins ações.

— Mãe, onde quereis chegar?! — disse, erguendo-se, de rosto avincado, extremamente pálido.

— Mandei que te assentasses! Não é tempo ainda de te levantares; tenho mais que te dizer, sem ser preciso que mo perguntes.

— Senhora, perdoai — volveu-lhe, acabrunhado por aquela áspera admoestação com que não contava — Amargurou-me a suspeita de que o vosso intento fosse negar amparo a essas infortunadas mulheres.

— Não será negar-lho, mas afastá-las desta casa por honra sua e minha. Pela nossa bastaria.

— Uma crueldade, senhora!

— Mas o que entendias tu, dom cavaleiro enamorado? Ias com a tua espada retalhar as línguas danadas que a ousassem caluniar a ela, caluniando-me a mim? Mandavas lançar pregão pela cidade, afirmando a tua honesta lealdade de cavaleiro e o voto de esperar com o noivado até que se desse batalha em que, a poder de esforço,

resgatasses do nome da noiva o infamado apelido do pai? Repara bem que se ririam de ti até os menos incrédulos da cidade.

— Mãe, não vos mereço essa desdenhosa suposição! Magoa-me imensamente mais que todas as possíveis injúrias da plebe! Quase me julgais um louco truanesco!

— Não julgo, filho. Seria eu a última pessoa a fazer semelhante suposição. O que eu quis foi mostrar-te o que podia haver de risível em alegar à gente caluniadora umas coisas, em que ela não havia de acreditar porque não as saberia compreender.

— Quereis então, senhora, que Madalena e a mãe saiam desta casa?! — disse, oprimido — Que vão para a rua? Com todos os seus bens sequestrados, a ralé odienta que lhes dê esmola, se não preferir arrastá-las pela rua para espiarem o crime do traidor! Ou que as vá eu defender da arraia e da soldadesca brutal e lhes dê abrigo em qualquer casa de aluguel para que digam então, com melhores fundamentos, que pelo benefício comprei eu o direito de chamar-lhe minha?!

— Agora a injustiça e a ofensa é para mim, Ruy! — disse, erguendo-se a tremer — Para mim nessas loucas palavras! Perdoo-tas, perdoo, porque entendo e sinto a amargura com que as disseste. Apesar de tudo, fazem-me pena tu e ela! Depressa me negaste a lisonjeadora santidade com que às vezes te aprazia engrandecer-me! Agora até me supunhas capaz de uma crueldade, que ainda seria maior pela vileza do propósito do que pelo desapego de toda a humana caridade!

— Senhora, nenhum intento de vos magoar, mas se falou de mais esta surpresa de amargura que me causastes, dai-me por arrependido e considerai-me digno do vosso, perdão Adivinhasse eu, mãe e senhora minha, qual era o vosso intento e, por Deus, que vos não molestaria agora com este desafogo.

— O que queres dizer, Ruy?

— Senhora, não voltaria.

— Deixavas-te matar! Entendo.

— Para não chegar à dor e à vergonha de mandar abrir as portas desta casa para daqui serem expulsas, como

importunas mendigas, duas damas de nobreza, a quem eu, pela minha honra de cavaleiro e pelo vosso coração de mãe, prometi defesa e guarida, porque não têm lar, nem pão nem amparo de ninguém!

— Mas saio eu — acudiu amargamente — para que o meu filho não falte à sua promessa de cavaleiro e para que o Mundo me não suponha desonesta protetora de uns amores que podem ser de má fama! Valha-nos Deus, filho, que nem tu me queres entender, nem eu já posso merecer-te a confiança de outros tempos melhores! E não tenho porque me surpreender! Era isto o que o meu coração receava e previa! Só não podia adivinhar que fosse tão cedo! Paciência, filho — disse-lhe com um gesto de resignada amargura — Ouve o resto, que me não deixaste dizer, e faz depois o que entenderes, e quiseres como homem livre que és. Não me faltará em Lisboa casa de parentes que me receba, se for eu quem deva sair.

— Mãe e senhora! — rouquejou, convulsivo.

— Ouve. Não é por um propósito de desprezo que eu desejo afastar daqui essas desventuradas senhoras. Devias tê-lo percebido; decerto o percebeste; mas não quiseste

poupar-me ao dissabor de te ouvir injustas alegações de namorado, que teimosamente fecha os olhos à realidade. O meu dó por elas não as abandonaria à porta da rua; iria com elas. Eu mandaria procurar casa que fosse condigna da sua condição, dar-lhes-ia a minha aia, dos nossos criados os que lhes fossem necessários e mais lealmente as pudessem defender e servir, e dos nossos rendimentos quanto fosse preciso para viverem como quem foram. Bem vês, Ruy, que não era desampará-las à fome nas ruas, entre os ódios da ralé e as brutalidades da soldadesca! Só tu o podias supor, meu filho! Defendidos por este modo os meus escrúpulos e os créditos desta casa, a ti pertenceria, como homem de honra que és, defenderes dos dizeres do Mundo a honesta fama dessa que pretendes para noiva. Defendê-la, abstendo-te de intimidades suspeitas, até que pudesses conseguir licença do Mestre para a tornares tua esposa. Em tudo isto, filho, bem vês, nem sequer a minha sombra se atravessaria no teu caminho. Ao teu encontro só as lágrimas que eu chorasse de alegria pela tua felicidade e pela tua glória... Ou as outras... Que nem terias de agradecer-me... Porque não as poderias ver!

Sentou-se, afogada em soluços.

— Mãe, tinhas razão! — disse comovidamente, ajoelhando em frente dela — Perdoai que um momento duvidasse do vosso coração de santa. Turbaram-me as amarguras, e fui rudemente injusto. Aceitai-me a contradição no esquecimento de quanto disse.

— Filho, não precisas de mo pedir.

— Tudo se fará como mandardes. Abençoai-nos, a ela e a mim.

— Deus vos abençoe como eu vos abençoo.

— Com que fervor de alma vos agradeço! — disse, beijando-lhe a mão branca e trémula, que ela lhe poisara na cabeça, carinhosamente, abençoando-o — Completarei eu os vossos honestos escrúpulos. Serei doravante para Madalena um tímido requestador, exposto aos olhos do Mundo. Irei pedir a Afonso Eanes que dê guarida na sua casa, a expensas vossas, àquelas duas infortunadas mulheres.

— Excelente coisa seria e até eu própria lho peço. Em casa desse honrado homem do povo ficariam honestamente

abrigadas.

— E seguramente defendidas, pois que não tem Lisboa plebeu de mais alto prestígio e de mais acatada autoridade entre a gente do seu sangue.

— Mas talvez seja sacrifício para ele e para elas. A casa de Afonso Eanes pareceu-me acanhada. D. Maria de Mendonça e a filha não poderiam viver lá nas condições em que foram criadas.

— Que remédio senão aceitá-la tal como é?

— Pois seja assim, filho. Vai dizer a D. Maria que lhe peço o favor de vir falar-me. Que traga consigo Madalena e que me desculpem de não ir eu ter com elas. Estou muito quebrada de forças e seria sacrifício ir lá. Mas, nem me lembrava! Madalena estava de cama, a arder em febre; não poderá vir.

— Pode. Já se levantou. Eu vi-a.

— Pois então vai. É preciso primeiro ouvi-las.

— Creio bem que nenhumas dúvidas hão de opor-vos. Entretanto, posso eu ir procurar Afonso Eanes para lhe

fazer o pedido e trazer-vo-lo cá. E de caminho irei ter com o Mestre, a quem preciso de expor o que esta madrugada se passou.

— Oxalá que ele te perdoe a desgraça desse desvairado combate. Vai.

* * *

Ruy fez o pedido a D. Maria de Mendonça e a Madalena, e em poucas palavras de confidência as pôs ao facto do assunto, resumindo os escrúpulos de honestidade que impunham aquela resolução da mãe, e instando para que aceitassem confiadamente o novo abrigo que desejavam dar-lhes.

Prometeram-lho e foram ambas para os aposentos de D. Dulce. Ruy preparava-se para sair quando um criado veio dizer-lhe que o mestre tanoeiro Afonso Eanes tinha chegado e mandava pedir licença para lhe falar.

— Ainda bem. Que entre já. Acompanhai-o aqui.

O tanoeiro entrou.

— Benvindo sejais, senhor Afonso Eanes. Estava para vos ir procurar.

— Pois bom foi então que eu viesse e com boas notícias para vós.

— Boas notícias para mim?! Dizei-as.

— Logo de manhã cedo se soube na cidade do vosso combate com Antão de Mendonça e do ferimento mortal que vós lhe fizestes.

— Sabeis se morreu?

— Há coisa de duas horas ainda não tinha falecido.

O Mestre teve logo quem o fosse informar do caso e ficou muito assomado e em grande irritação contra vós. Listava eu presente e olhai que não foi pequena a minha surpresa! Protestava o Mestre que havia de pôr cobro às brigas que alarmavam a cidade e roubavam defensores à nossa causa, quando chegou aquele cavaleiro, alto como um pinheiro, forte e cabeludo como um toiro...

— Álvaro Gonçalves Coutinho o Magriço.

— Esse. Só por tal alcunha o conhecia. Percebi que o Mestre o havia em grande estimação e com ele se afastou a conversar muito irmãmente.

— Álvaro Coutinho foi meu padrinho no combate desta madrugada.

— E depois do combate ainda melhor padrinho, pois de tal arte falou com o Mestre, e tão dedicadamente por vós lhe contou as coisas, que logo as iras do senhor D. João de todo se acabaram. O próprio Mestre nos disse, a mim e aos da Casa dos Vinte e Quatro, que o Magriço lhe contara como as coisas se tinham passado e, pelo que dele ouvira, se julgava juiz do feito, como se ele próprio o tivesse presenciado, tanta era a fé que punha nas palavras daquele leal homem de bem, a quem chamou espelho de cavaleiros.

— E de valentes. Não se engana o Mestre. E depois?

— Declarou sua senhoria que por justificado vos dava daquele combate e com maior lustre para os vossos dotes de cavaleiro enamorado. Que pela vossa honra tínheis combatido leal e generosamente, e em mais alta conta vos passava a ter entre os destemidos e preclaros homens da

nobreza do reino. Regalei-me de ouvir estas palavras justiceiras do Mestre, e logo me dispus a vir trazer-vo-las. E olhai que sem mira nas alvíssaras.

— Que vos eu dou já num abraço de profunda gratidão, honrado Afonso Eanes! E agora deixai que vos peça um grande favor.

— Mandai, senhor Ruy de Vasconcelos.

— Receio que seja coisa de sacrifício para vós!

— Seja o que for, meu ilustre cavaleiro.

— É também pedido da minha mãe.

— Bastaria que fosse vosso. Dizei francamente, e contai comigo para quanto for do vosso agrado e eu puder.

Ruy expôs-lhe os escrúpulos da mãe, a situação melindrosa das duas senhoras e o propósito em que estava de fazer de Madalena a sua esposa no dia em que a sua alma e a sua espada houvessem contribuído gloriosamente para a defesa da Pátria.

O tanoeiro ouviu-o comovidamente, mas não era difícil perceber-se-lhe uma certa expressão de enleio e de pesar.

— Por minha mãe e pela honrada memória do meu pai e senhor, que Deus tenha consigo, vos afirmo, senhor Afonso Eanes que a vossa casa não irei senão quando mo permitirdes e na vossa companhia há de ser. E ninguém com autoridade igual à vossa para explicar ao povo os meus leais intentos e para as defenderdes a elas dos ódios caluniadores da arraia-miúda. Que me dizeis, senhor Afonso Eanes?

— Que da minha casa podeis dispor como se a vossa fosse e que lá hão de ter amorável acolhimento essas damas que protegeis, e a mim para as servir e defender dedicadamente; mas sabeis que é uma casa acanhada de gente rústica em que hão de viver constrangidas e mal acomodadas senhoras, que em tão diferentes condições viveram e em opulentos palácios se criaram.

— Não digais tal, meu honrado amigo. Nas circunstâncias presentes, nenhum palácio de Lisboa valeria para abrigo dessas desventuradas damas o que vale a vossa honesta casa de caudilho do povo. É este o serviço de mais alto apreço que eu podia pedir-vos e que vós podeis prestar-me. Agradeço-vo-lo de toda a minha alma e aperto

nas minhas essas mãos gloriosas de mesteiral, que tem sido uma das mais poderosas forças da revolução contra os traidores e contra as ambições do monarca de Castela.

E apertou-lhas com enternecida gratidão.

— Obrigado, meu valente cavaleiro. O caso está decidido pela minha parte. Na minha casa serão recebidas essas damas com as honras que merecem, qualquer que seja o nosso pesar pela rudeza e mesquinhez da hospedagem. Mas bem vedes que é dever meu ir dar conta disto ao Mestre, pois que para aqui vieram com a sua permissão.

— Certamente. As suas circunstâncias são excecionais. Daqui irei convosco e, depois de falardes ao Mestre, lhe irei eu apresentar as minhas desculpas pelo triste acontecimento desta madrugada.

— Fazei-me então um favor.

— Dizei.

— Guardai para depois a vossa ida ao paço de Apar S. Martinho. Eu vou já e cá virei com a resposta. A respeito do que houver, aqui falaremos à nossa vontade. Pode muito bem ser que depois tenhais de juntar às desculpas pelo

combate desta madrugada os agradecimentos pela sua anuência e favor ao nosso propósito, que irá talvez além do que nós esperamos.

— Pois que assim o desejais, ide vós e aqui vos ficarei esperando.

— Não tardarei, se encontrar o Mestre, como creio. Até já, senhor Ruy de Vasconcelos.

— Deus vos traga depressa, meu grande amigo.

* * *

Ruy esteve esperando que D. Maria de Mendonça e Madalena saíssem dos aposentos de D. Dulce.

Não foi longa a demora. Voltaram de lá comovidas, olhos afogueados de chorar.

— Senhoras minhas — disse-lhes, indo ao seu encontro — pareceis mortificadas!

— Vossa mãe tem razão e foi generosa para nós — respondeu D. Maria — Foram de reconhecimento as lágrimas que nós chorámos. A mortificação vem do nosso infortúnio e já ia connosco para os aposentos da vossa mãe e senhora.

— Uma santa, uma generosa santa! — acudiu Madalena enternecidamente.

— Senhoras, a minha promessa não se quebrará nunca, por mais que a má fortuna se empenhe em nos separar. O meu braço, o meu esforço, a minha alma para vos defender e velar por vós. Fora desta casa, seja onde for, a não ser que a vida me falte ou a gloriosa causa da nossa terra me leve para longe de vós, serei o mais fervoroso mantenedor do vosso honesto nome. Por este noivado das nossas almas, Madalena, por ele será o santo direito e o maior dever de proteger-vos, enquanto por outro amor de santa origem, este que eu tenho à nossa terra, a minha lança e a minha espada não houverem conquistado direito de maior honra: o de chamar-vos minha esposa!

Madalena pôs toda a gratidão da sua alma no olhar acariciador, de angélica suavidade, com que buscou o olhar

dele.

— Muito vos devemos, senhor Ruy de Vasconcelos — disse-lhe D. Maria de Mendonça — O mais que podíamos dever-vos! Com a vida, este generoso amparo em que a vossa honra de cavaleiro se empenha em defender a nossa. Podemos sair quando entenderdes que é tempo.

— Aguardo uma resposta e, se vier como espero, à noite será a saída.

— Como quiserdes — volveu, baixando-lhe a cabeça com uma grande expressão de afeto.

— Rui! — murmurou Madalena, ficando um pouco atrás da mãe.

E naquele nome tal intenção de amor, como se num monossílabo se pudesse resumir todo o poema de sonho de uma alma, que o jovem paladino lhe volveu perturbado, numa tremura de voz quase velada:

— Minha vida!

* * *

O Juiz do Povo, aquele tanoeiro épico, iniquamente apagado na História, chegou num alvoroço de júbilo.

— Boa nova, meu amigo e senhor! — disse do fundo da escada para Ruy de Vasconcelos, que da janela o tinha visto entrar — Um grande coração o do nosso Mestre! Bons olhos os seus para conhecerem homens e honrada consciência para os galardoar!

— Estou a perceber que vos acolheu bem o pedido?

— O melhor acolhimento que eu podia esperar! Mandou que fosse levantado o sequestro ao palácio do traidor e dele vos faz paga em prémio dos vossos serviços, para dele dispordes como quiserdes.

— É uma distinção gratíssima, que eu tenho no maior apreço, mas preferia que fosse restituído a essa pobre senhora, que nenhuma culpa tem da traição do marido.

— Pois restitui-lho vós, que lho podeis restituir e com esse intento vos dá o Mestre. Bem vedes que o povo miúdo não sabe distinguir certas coisas e não levaria a bem que se fizesse paga de exceção à filha de um renegado de tão

vilíssimo feito, tendo sido confiscados ou transferidos para a posse dos fidalgos leais os bens dos outros traidores de menos afronta para nós. Assim, por paga do prémio aos vossos assinalados serviços, o povo achará justa a resolução do Mestre, pois que toda a gente sabe como tendes exposto a vida na defesa da nossa terra. É preciso que o povo não tenha nunca a sombra sequer de uma suspeita a respeito do ânimo leal e justiceiro do Mestre. No dia em que a tivesse, a nossa causa estaria perdida, pois que valem muitíssimo as lanças dos cavaleiros leais, que são poucos, mas nada podem sem as bestas e as chuças do povoléu, que é a nossa força maior.

— Acertadamente falais como sempre, senhor Afonso Eanes. Farei a restituição desse palácio, que por nenhum preço quereria para mim, e será ele para a minha noiva, o primeiro quinhão do seu dote. Antes, porém, que o vá agradecer ao Mestre, a vós o agradeço, meu honrado amigo.

— O vosso ânimo o ganhou; agradecereis a quem vos fez valer.

— Vós.

— Eu quase entrei nisso como Pilatos no Credo.

— Estou a perceber como as coisas se passaram. Falastes vós da paga com pedidos de quem pede um alto favor para si. Não nego que o Mestre se inclinasse benevolamente ao meu respeito; mas o que eu sei é que não podia esquecer-se de quem era o homem que lhe fazia o pedido. Quem pôs o Mestre à frente do povo fostes vós e quem levou o povo para uma cega e devota obediência ao Mestre foram as vossas palavras e a resolução do vosso ânimo naquelas cortes do alpendre de S. Domingos, em que houve um só brado poderoso — o do povo, movido por vós (*).

[(*) As antigas cortes constituíam-se com os representantes do Clero, da Nobreza e do Povo. Eram os três braços, ou os três Estados da Nação. Nas primeiras cortes da monarquia só o Clero e a Nobreza tinham representação. Levou mais de um século a conquista da representação popular, por intermédio dos procuradores dos concelhos (municípios), organizados no reinado de D. Afonso III. Foi em Leiria que pela primeira vez se reuniram cortes com os eleitos do Povo — O terceiro estado (1254).]

— Não posso, nem desejo passar de mestre tanoeiro que não quis nem quer ser vassalo de el-rei de Castela. O mais é favor vosso de amigo, que muito vos agradeço.

— A revolução fizeste-la vós, condestável do povo, como ele próprio vos chama.

— Dizeres de pessoas da minha condição — volveu-lhe modestamente — O que importa agora, senhor Ruy de Vasconcelos, é que me digais quando essas damas saem, pois desejo-as acompanhar e dispor as coisas para que fiquem lá defendidas de qualquer arremesso da arraia-miúda.

— À noite parece-me melhor.

— À noite o quê? — perguntou D. Dulce, que, momentos antes, chegara à porta.

Foi para ela o filho amoravelmente e deu-lhe conta da concessão do Mestre, obtida pelo tanoeiro.

— Contai-me por isso entre as pessoas que mais do coração vos agradecem — disse-lhe D. Dulce com extremada amabilidade — Entendo que D. Maria de Mendonça e a filha devem sair daqui, não de noite como

quem foge para mudar de abrigo a ocultas, mas à luz do dia como quem volta honestamente à posse do seu lar. Protegidas por ti, Ruy, acompanhadas por mim, e pelas pessoas da minha confiança que eu ponho ao seu serviço.

— Mãe e senhora! — disse-lhe o filho comovidamente.

— Agora tenho razões especiais para desejar que assim se faça. Deu-mas há pouco a tua noiva na dor com que me supôs afrontada pelos seus amores por ti. É preciso que todos saibam porque elas saem, para onde vão e quais honestos escrúpulos as levam daqui. Ninguém ousará supor que vão expulsas desta casa, porque hei de ir eu acompanhar a prometida noiva do meu filho.

— Mãe, a santa que sois!

— A mãe que eu sempre fui é que é.

E no seu alvoroço de surpresa, mal podia Ruy de Vasconcelos adivinhar que palavras simples e que lágrimas adoráveis de Madalena tinham sugerido ao coração da austera fidalga aquele requinte de amorável generosidade. A informação a respeito da gratidão do Mestre de Avis mais ainda lhe engrandecera e afervorara o bendito propósito.

— Vai agora dar-lhes a boa nova.

— Se me dais licença, madrinha e senhora minha... — disse o tanoeiro, despedindo-se.

— Como quiserdes, e cada vez mais vossa esta casa.

— Senhora, é honra e favor para se não esquecer nunca! Agora, senhor Ruy de Vasconcelos, se fordes ter com o Mestre...

— Lá irei dentro em pouco.

— Então com ele nos encontraremos e lá me direis a hora a que vão, para eu vos esperar no palácio das Portas da Cruz (*).

[(*) Aquelas portas eram das muralhas novas da cidade, abaixo do Postigo do Arcebispo e a curta distância do Tejo. A designação das portas valia apenas uma referência de local em relação às antigas edificações que lhe ficavam na vizinhança.]

— Mãe e senhora, o vosso afilhado tinha tido a intenção de nos acompanhar, mas agora, como sabe que vós ides também...

— Pois por eu ir lhe peço que nos acompanhe. Homem assim leal e honrado, será bom que o veja o povo com essas damas e muito me apraz tê-lo ao meu lado. Não tendes porque me agradecer — disse, voltando-se para ele — De sangue real é o Mestre e não tem amigo maior do que vós nem quem mais o honre. Demorai-vos um instante, afilhado. Ruy, vai dar-lhe a notícia, e vem cá dizer ao senhor Juiz do Povo a que hora havemos de sair.

Ruy foi logo para os aposentos de D. Maria de Mendonça. D. Dulce ficou falando com o glorioso mecânico.

— É a verdade conhecida por todos — dizia-lhe ela, continuando a conversa a respeito dos altos serviços do tanoeiro ao bastardo do rei justiceiro e de Teresa Lourenço — O povo tanto vos quer a vós como ao próprio Mestre.

— Talvez por sermos ambos mestres, madrinha e senhora minha — volveu-lhe Afonso Eanes neste gracejo de homem modesto — Mas a grandíssima diferença está em que a sua senhoria é Mestre dos cavaleiros da Ordem de S. Bento de Avis, e eu dos aprendizes de tanoeiro da minha loja.

Ruy voltou.

— Não queriam marcar hora; que a marcásseis vós, mãe e senhora. Afinal com elas combinei que fosse de tarde, para evitar a torreira do sol. Vós estais de acordo?

— Estou. Não vos quero demorar mais, senhor Afonso Eanes, e aqui vos esperaremos.

— Aqui terei a honra de vir procurar-vos, madrinha e senhora minha.

Ia o prestigioso tanoeiro a sair, quando D. Maria de Mendonça entrava com a filha.

— Senhor Afonso Eanes, Deus dê a vossa mulher e aos vossos filhos a paga do benefício com que nos ajudastes.

— Senhora, eu não fiz mais do que lembrar um caso de justiça, assim como quem dá um recado.

— Já sabemos como foi — respondeu — e porque o soubemos, para sempre nos havemos de lembrar de vós agradecidamente. Para vós, D. Dulce, para vós só de joelhos — disse comovidamente, indo para ela.

— Assim, beijando-vos a mão protetora de santa, como vosso filho vos chama — disse-lhe Madalena com adorável meiguice, beijando-lhe a mão a chorar.

D. Dulce inclinou-se para ela e beijou-a.

Foi um beijo misericordioso que o jovem paladino sentiu no coração.

* * *

Pelas quatro horas saíam para o velho palácio dos Mendonças.

Na frente, Ruy de Vasconcelos dando a direita à sua futura noiva; a seguir, entre D. Dulce à direita e o Juiz do Povo à esquerda, a esposa do renegado que traiu a Pátria.

A larga distância duas antigas criadas e um criado velho de D. Dulce, que iam provisoriamente para o serviço de D. Maria de Mendonça.

— Vou com saudades da tua casa; é linda e alegre; estavas lá tu! — ia dizendo Madalena ao noivo num fiozito

de voz — A minha é muito antiga. Tem salas aonde eu nunca fui!

— Para mim há de ser como um palácio de encantamentos porque lá estarás tu, Madalena!

— Dizem que foi a casa de um mouro de grandes riquezas quando aquele sítio ficava muito fora da cidade!

— Conheço essa tradição. Conta-se que foi sobre as ruínas da casa sarracena que se edificou o paço dos teus avoengos, vai para trezentos anos.

— À noite faz-me pavor! Em pequena tinha sonhos de pesadelo! Via mouros que me levavam por um caminho debaixo do chão! Eram sonhos por causa dos contos de mouros penados e de mouras encantadas, que uma criada velha do meu pai me dizia aos serões.

— Agora a encantada será uma linda rapariga cristã — gracejou — Há de ir certo cavaleiro, que nós conhecemos, quebrar-lhe um dia o encanto para a tornar sua esposa.

— Deus ajude esse cavaleiro — volveu, sorrindo.

— O pior é que o pobre cavaleiro tem o dever de honra de não entrar lá senão de companhia, enquanto o encantamento se não tiver quebrado. E nem sequer lhe será dado beijar — disse muito baixo, num murmúrio de voz — a dama que perdidamente adora!

— As almas noivas sempre se encontram aonde o sonho as leva — respondeu-lhe num fio de voz que tremia e numa doçura de olhar que estonteava.

E, toda afogueada, acrescentou num ciciar de palavras, que só ele podia ouvir:

— Os beijos voam das janelas como as borboletas; pousam onde querem pousar como elas.

— Encontram-se como as pombas no ar.

Tinham chegado. Era realmente um edifício velhíssimo, de torvo aspeto, em que uns lanços e vestígios de construção moura contrastavam com a pesada arquitetura da reconstrução, que vinha já dos meados do século XIII.

Um homem da confiança de Afonso Eanes abriu o portão chapeado, de grandes argolões de bronze.

Vários curiosos, que de longe tinham acompanhado aquela gente fidalga, farejando caso singular, pararam em frente do portão, dali a pouco cerrado para eles.

— A mulher e a filha de um dos maiores traidores que tem tido Portugal! — comentava uma mulher idosa.

— Conheço-as como aos dedos das minhas mãos.

— O que admira é que o Mestre todo se torça por elas!

— Ora, o Juiz do Povo está na mesma! Olhai como ele ia todo ancho ao pé da abelha-mestra!

— E o galo pimpão, ao lado da rapariga, com a asa de rastos!

— Eu já ouvi que é por causa dele, que é leal à nossa terra e tem febras de seiscentos demos, que é só por causa dele, cavaleiro destemido, que o Mestre e Afonso Eanes dão amparo àquelas desgarradas.

— E tal amparo, que até lhe fazem restituição daquele paço!

— Afonso Eanes já me contou como o caso tinha sido. O paço foi dado ao rapaz em prémio dos seus feitos, e vai ele

deu-o àquela carinha de anjo com quem tem o casamento tratado.

— Sim, sim! — acudiu o nosso conhecido sapateiro Bernardo, maliciosamente, pondo num assobio o comentário gaiato do caso — Noivos de avença, será por causa da avença que os mudam de casa!

— Não estejais a pôr maldade em coisa de que nada sabeis! — repreendeu o que se ufanava de viver na intimidade do Juiz do Povo — Afonso Eanes tudo me contou pelos miúdos. Aquela menina sai de casa de D. Dulce para não dar que falar às ruins línguas badaleiras como a vossa. E o jovem cavaleiro prometeu não entrar nunca sozinho naquela casa.

— Ora, de noite até nos conventos de freiras têm entrado!

— Os vaganaus como vós sois... Mas o filho de D. Dulce não se compara.

— Se é por ser fidalgo que se não compara — recalcitrou o casmurro maldizente — podeis limpar a mão à parede pelo remoque. Tomara eu tantas libras de ouro inglês como

deles podiam trazer no gorro o enfeite de Lourenço da Cunha, primeiro marido da rainha boneja, e como delas deviam de encobrir o rosto com o véu açafroado.

— Não tenho nada com esses dizeres. Falo de um jovem, que é um dos mais destemidos da nobreza leal e a quem na sua honra ninguém tem nada que abocanhar.

— Mas olhai lá — interveio uma mulher nova — Então o Mestre há de dar licença para esse belo cavaleiro casar com a filha de um tredo de má alma, bem que ela tenha o mais lindo palminho de cara que eu ainda vi em Lisboa?!

— Dará, pois que a filha não tem culpa da vileza do pai, como o senhor Nuno Álvares não tem culpa da traição dos irmãos, bandeados por Castela. E para além disso, contou-me o nosso Juiz que Ruy de Vasconcelos fez voto de não pedir licença ao Mestre para casar, senão depois de ter praticado um grande feito em campo de batalha. Não sei se entendeis bem?

— Não lá muito bem! — acudiu o refilão de má língua, o famoso Bernardo Pingueiro.

— Pois não tem muito que perceber. Com o seu feito em serviço da nossa terra fará ele o dote maior da noiva, para que o povo lhe não leve em mal a ela a infamação do pai.

— Isso vos terá dito Afonso Eanes — retorquiu-lhe o Bernardo — pois que do vosso bestunto não sairia sem ajuda, ainda que estivésseis dez anos a discorrer.

— Sois um asno chapado — replicou-lhe o outro a embespinhar-se, voltando-lhe as costas de repente — Ora a seca do tolo! — disse para as mulheres — Eu sei tudo. Levou meia hora a contar-mo o nosso honrado Afonso Eanes. O voto do rapaz foi tal como vos disse. E ainda sei mais. Formou-se aí uma companhia de fidalgos jovens, de sangue na guelra, e logo aclamaram rainha das belas aquela noiva.

— E para que é essa companhia? — perguntou uma rapariga.

— Para batalhar pela nossa terra e para morrer pelos seus amores. Foi o voto que fizeram.

— Toma Tomé, que vais para Sé! — comentou uma velha chocarreira.

— Para conquistarem glórias e corações — acrescentou o informador.

— Corações! — repetiu a rapariga ingenuamente.

— Não te fies em cantigas, rapariga — disse-lhe o Bernardo, fazendo-lhe tagatés — Hão de ser galos doidos, de crista emproada e esporões dourados. Pobres das franganotas perseguidas por eles, sempre com a asa de rojo!

— Irra, que é burro teimoso! — rouquejou, insultante, o amigo de Afonso Eanes, afastando-se.

— Pois sim, mas cá os da nossa condição — disse a rapariga — é que não são capazes de idearem essas coisas!

— Não te desconsoles, pequena — volveu-lhe o tunante com ademanes cómicos — Arranjo eu também uma hoste de andorinhões, de capa rota, com votos de amor, e pela minha fé que te aclamarei rainha das moreninhas da Alfama.

— Vá, esteja quieto!

— E mesmo nas desavergonhadas barbas dos castelões, com chuça e escudo, te aclamaria eu pela minha dama.

— Arreda! Ora o demo do escariote rucilho e sem dentes! — gritou-lhe entre ofendida e escarninha.

Mas com os mesmos ares cómicos, de mão na cintura, o chocarreiro prosseguiu:

— Senhora D. Ausenda, troveiro sou para vos cantar e cavaleiro de ida para mandar os meus arautos à ponte levadiça do vosso castelo do Beco das Galinheiras, no grão-condado da Alfama, a fim de reptarem vossos adoradores, a um por um ou às parelhas, para liça de campo aberto ou estacada. Pero se jueren hombres de Castilla, caracoles! Que ni Dios vendrá por ellos.

Riram perdidamente e até a própria rapariga riu dos gatimanhos e do mascavado castelhano do farsista.

— Schiu! — avisou um mesteiral — Aí vem Afonso Eanes.

— Viva o Juiz do Povo! — clamaram dezenas de vozes.

— Vinde comigo — disse-lhes Afonso Eanes — Parece de ofensa este juntamento de gente pasmada diante daquele paço, que desde hoje deixou de ser o solar de um fidalgo traidor, para se tornar pertença e galardão de um jovem cavaleiro a quem o Mestre honra e estima como quem é, pelo muito que vale! Eu vos afianço; e, se preciso fosse, o defenderia contra quem quer que para ele arremetesse. Vinde.

— Para aonde quiserdes.

— Para aonde mandardes.

— Como se o Mestre fosse.

— Mais ainda, porque sois mais nosso.

— O Condestabre da arraia-miúda.

E lá foram de roldão atrás do prestigioso tanoeiro, que era uma das mais soberbas figuras daquele extraordinário período da História portuguesa.

CAPÍTULO IX

A BANDEIRA DOS NAMORADOS

No dia seguinte àquele em que D. Maria de Mendonça e a filha voltaram ao paço abandonado dos Mendonças, apareceram logo de manhã uns grandes grupos de cavaleiros fidalgos, todos juvenis, em frente do velho solar medievo.

Destacava-se de todos aqueles jovens um de alta estatura, magro, espadaúdo, feio, de mãos cabeludas. Era Álvaro Coutinho, o Magriço.

Pareciam águardar alguém e não esperaram muito.

Ruy de Vasconcelos assomou à embocadura de uma rua que vinha dos lados de S. Vicente.

Foram todos para ele em chusma, jovialmente, com o Magriço à frente.

— Ora viva quem é a flor do esquadrão dos enamorados, noivo da rainha ias belas — disse-lhe, prazenteiro, o Álvaro

Coutinho.

— Perdoai a demora.

— Nenhuma demora que nos fizesse dano. E depois, nós é que chegámos mais cedo do que a hora ontem aprazada.

— Para o pedido de mistério que me não quisestes revelar!

— Diante da vossa dama o ides saber. Certo a avisastes?

— Avisei; ficou muito enleada.

— É que também as rainhas se perturbam com as homenagens que merecem. Vamos lá, se vos apraz.

— Vamos.

— Ah! Mas primeiro deixai que vos dê apresentação de três novos companheiros.

Apresentou-lhe os recentes iniciados, fidalgos também juvenis.

— Como vedes, a nossa ordem aumenta. É que, apesar de todas as calamidades destes nossos tempos, o número dos amorosos é cada vez maior! Explica-se — acrescentou,

sorrindo — Têm lindos olhos enfeitiçadores as damas de Lisboa.

— Sem ofensa para as de Entre-Douro e Minho, que eu tive a fortuna de admirar e achei encantadoras — acudiu Ruy calorosamente.

— E mais para as da Beira e do Alentejo — lembrou um, mais próximo.

— Não esquecendo as lindas raparigas do meu Algarve — acudiu outro — São morenas de olhos mouros por quem a gente se enfeitiça e perde. Não mas deixeis esquecidas.

— Decerto que não — respondeu Álvaro Coutinho, sorrindo — Reparai. Éramos há quinze dias menos de vinte e já somos quarenta e cinco! E porque as há lindas em todas as comarcas do reino e nós, Portugueses, somos do nosso natural amorosos, aqui tendes, meu querido Ruy, a razão deste meu vaticínio. Daqui a umas semanas teremos o dobro de homens e não haverá sala no paço da nossa rainha em que possamos caber juntos. Vamos lá — concluiu, pondo-lhe o braço pelo ombro.

Ruy bateu ao portão do palácio. Vieram logo abrir. Eram esperados. Ao topo da grande escada antiga os águardava D. Maria de Mendonça e lhes deu gentil acolhimento. Ao lado dela Madalena, num enleio adorável, muito afogueada.

Foram conduzidos para a vasta sala de armas dos Mendonças, antigo salão mouro de janelas estreitas com colunelos floreados, e de silhares altos de preciosos azulejos. Com os rendilhados de pedra amarelecida, em puro estilo árabe, e com os silhares a representarem trechos de Meca de Bagdade, lances da vida de Maomé e combates dos califas gloriosos, contrastavam os troféus de pendões com a cruz de Cristo ou com umas ingénuas imagens de Jesus e da Virgem, e as panóplias de espadas largas e retilíneas, a sobrepujarem altos escudos com grandes cruzes vermelhas e verdes, floreteadas, de antigos freires de Tomar e de Avis (*).

[(*) Das ordens militares que Portugal teve na Idade Média, comunidades de guerreiros monges, que por algum tempo foram a mais brilhante escola de guerra e o mais sólido poder militar do País, as de maior renome eram então a de Cristo, que substituirá a extinta ordem dos Templários, e a de S. Bento. A primeira tinha a sua sede principal em Tomar, e a segunda em Avis.]

A meio da sala cadeiras largas e altas de cedro com grosseiras esculturas, e a um e a outro lado tamboretes de madeira dourada e estofo desmerecido, de veneranda longevidade.

D. Maria honrava-os com inexcedível delicadeza.

Ficaram de pé, apesar de todas os pedidos da dona da casa.

Ruy procurou um lugar modesto ao pé de um dos cavaleiros com quem tinha maior intimidade, um tal Vasco Eanes da Costa, rapaz de vinte e três anos e de preclara linhagem, notável pela sua musculatura de atleta, pelo génio aventureiro e por várias proezas do seu pulso de fenomenal rijeza.

Ficaram os dois de pé no desvão de uma arcaria, ao fundo da qual pendia um velho pano marroquino, de seda e ouro, em guisa de reposteiro de alguma porta que totalmente encobria.

Álvaro Coutinho adiantou-se à frente de duas filas de iniciados, aqueles que o tinham sido depois da reunião em

casa de Ruy, e apresentou-os a um por um a D. Maria e à filha.

— Estes companheiros meus, senhora minha — disse o Magriço para Madalena — como nós votados à defensa da nossa terra e aos maiores feitos em honra das nossas damas, muito comigo instaram para que vos trouxesse aqui. Vêm dar preito à vossa realeza entre as mais belas damas que tem Lisboa, e da fervorosa admiração com que de vós lhes falámos dão eles agora manifesto testemunho. Aceitai-lhes o preito, senhora.

Madalena levantou-se, perturbada, num constrangi-, mento de modéstia.

Um a um, solenemente, como homens daqueles tempos num país onde a juventude fidalga e sonhadora parecia ressurgir os requintes da velha cavalaria, dando realidade aos amores romanescos da Provença e às lendas galantes da Távola-Redonda, os apresentados foram beijar, de joelho dobrado, a mão branca, escultural, da noiva de Ruy de Vasconcelos.

Por fim, curvando-se diante dela, Álvaro Coutinho disse-lhe:

— Senhora, por todos nós, deixai que vos faça um pedido.

— Senhor cavaleiro, dizei.

— Carece de uma bandeira a companhia dos Namorados. Da cor do mar, que é grande alentador de sonhos, e da cor em que a gente nova figura a esperança dos seus amores sonhados. E sobre essa cor, senhora rainha de belas, as letras de umas palavras em que o nosso voto de Portugueses e de namorados se resuma. Tem de vir das vossas mãos essa bandeira, para que a levemos à nossa primeira batalha campal. E primor seria que no-la bordasse a mais linda namorada.

— Senhor, tão generosas palavras favorecedoras! Receio não saber...

— Por alguém, muito nosso, porque muito vos quer, soubemos que admiravelmente e com rara presteza bordastes a fio de ouro, por certo voto do vosso coração, o frontal de seda de um altar.

— Assim foi — confirmou, perturbada, buscando no olhar o seu bem-amado inconfidente — Mas foi para um

altar pequenino, recatado.

— Pois seja a bandeira outra promessa vossa. Fazei de conta que é para outro altar, por outro milagre, e pela santa causa da nossa terra, para voar alto como as nossas almas. E, com os olhos nela, no maior fragor das batalhas, um de nós lerá nas letras que vós lhe bordardes o mais belo e orgulhoso sonho do seu noivado.

Volveram todos um olhar em busca de Ruy de Vasconcelos, a quem Vasco Eanes chamara a atenção para qualquer rumor estranho por detrás do velho pano marroquino.

— Senhor, sim — respondeu Madalena.

— Pois bendita e gloriosa promessa seja então a vossa. Por todos nós, fervorosamente vos agradeço — disse, beijando-lhe a mão — Poucas palavras bastam, senhora minha, à volta de certa imagem pequenina da Virgem (*), em pintura de Itália, que eu hei de ter a honra de vos trazer. Estas palavras: Pela nossa terra e pelas nossas damas.

[(*) Estava muito nas ideias da época e vinha já de outros séculos aquela devoção das imagens de santos apostas aos pendões, bandeiras e estandartes. O estandarte de D. Nuno Álvares Pereira era esquartelado por uma grande cruz e tinha as imagens de Jesus crucificado e da Virgem, de S. João, de Santo António, de S. Jorge e de S. Tiago. Umas pequeninas imagens estas das bandeiras; algumas pintadas na própria seda da insígnia, outras presas a cercaduras bordadas.]

— Em duas semanas, vo-la terei bordada, pois que só essas palavras lhe quereis.

— Senhora, Deus vos pague, e que seja para o melhor serviço de Portugal e para a nossa maior glória essa bandeira, que das vossas mãos hemos de receber.

E todos, entusiasticamente, lhe foram agradecer a gentileza.

— Parecia que alguém estava falando perto daquela porta — dizia baixo Vasco Eanes para Ruy de Vasconcelos.

— Engano vosso havia de ser. Com franqueza vos digo que não tinha ainda visto semelhante porta, e não é para admirar, pois que toda ela se encobre com aquele velho pano marroquino.

— E se não fosse o ruído que eu ouvi, e as vozes sumidas...

— Eu nada ouvi, talvez por ter a atenção voltada para o que dizia Álvaro Coutinho.

— Ou antes porque foi na ocasião em que Nuno da Cunha vos estava segredando não sei quê.

— Sim... Mas o certo é que, se me não avisais, nunca eu teria sonhado sequer com semelhante porta!

— Baixa, estreita, toda chapeada como se fosse a porta de uma prisão numa torre!...

— Pois seja como for, deixai, que daqui a pouco hei de eu saber de D. Maria de Mendonça para onde essa porta dá comunicação.

A fila dos que se despediam ia já no fim e Vasco Eanes da Costa afastou-se de Ruy para ir despedir-se também.

O filho de D. Dulce foi acompanhar até ao portão todos aqueles seus companheiros.

— Esperai vós aqui uns instantes — disse para Vasco Eanes — Pequena demora terei.

— A que vos aprouver.

Subiu e foi ter com D. Maria, que ainda estava na sala de armas com a filha.

— Agora venho eu agradecer-vos a gentileza, rainha das belas, rainha santa da minha alma! — disse para Madalena, beijando-lhe a mão.

— E vós o meu valido — volveu-lhe a sorrir.

— Senhora minha — disse a D. Maria — concedei-me que, por simples curiosidade, vos peça um esclarecimento.

— Todos os que eu souber dar-vos.

Ruy falou-lhe do rumor de vozes abafadas que o seu amigo Vasco Eanes tinha notado do lado da porta encoberta.

— Lembrei-me que algum dos vossos servos estivesse escutando por detrás daquele pano; mas vi que não estava lá ninguém! O meu amigo disse-me ter-lhe parecido que ouvira passadas cavas e vozes sumidas. Em boa verdade eu nada ouvi.

— Engano havia de ser — respondeu D. Maria numa perturbação em que Ruy não reparou — Nunca no meu

tempo se abriu aquela porta. Uma criada velha, que já morreu, contava uma história de certa moura que por ali se sumira com um xerife negro de Marrocos com quem tinha amores, a que o pai se opunha por ódio à família do negro. Dizia-se que ele e ela ali tinham ficado emparedados e que ainda, em certas noites, se ouvia soluçar, dando ais e clamando palavras que se não entendiam!

— A mim mo contou uma vez a criada velha e nunca mais aqui entrei senão hoje! Fazia-me pavor esta sala! — disse Madalena ingenuamente, num arrepio de nervos.

— Contos de gente velha, em que eu nunca me fiei, mas a verdade é que sentia um certo horror em aqui vir de noite! — comentou D. Maria.

— E não sabeis então, senhora minha, aonde a porta vai dar?

— Ao certo não sei, pois que nunca à minha vista foi aberta. O meu marido é que uma vez me disse que no tempo do avô ali tinham ido, mas que logo, a uma vintena de passos, esbarraram com um muro em ruínas.

— Sem encontrarem o xerife negro e a sua bem-amada, os aflitos emparedados que passaram séculos a soluçar amarguras por horas mortas da noite! — gracejou o Vasconcelos — Pois muitos vos agradeço o conto da velhita, vossa criada, e daqui o vou já dizer ao meu amigo Vasco Eanes para o convencer de que sonhou acordado. Hei de rir com ele desse caso que o deixou suspeitoso, nem eu vos sei dizer de quê!

Despediu-se, desceu. Reproduziu o conto a Vasco Eanes, dizendo-lho a rir.

— Pois sim, seja o que for, mas o que eu vos afirmo é que não estava o sonhar — teimava o jovem atleta, que de um murro abria o toutiço a um homem ou deitava a terra um bezerro — Levantei o pano disfarçadamente, encostei-me à porta, e ouvi umas vozes sumidas.

— Só se eram do xerife negro e da sua malfadada moura — volveu-lhe Ruy de gracejo.

— Não vale a pena falar mais em tal — disse-lhe secamente — A teima podia azedar-se, e eu não quero perder um amigo por coisa de tão pouca valia e com a qual

nada tenho. Ficai com o vosso conto, que eu cá vou com a minha teima.

— Homem de Deus, o caso não é para tanto! Até logo, ou até amanhã como bons amigos.

— Até logo seja, e não falaremos mais no caso.

— Está dito, Vasco Eanes. E se quiserdes aparecer lá por casa, com muito prazer vos agradecerei.

— Talvez logo. Adeus.

Vasco desceu para os lados do rio; Ruy tomou para os lados de S. Vicente.

* * *

Dias depois Mendo Rodrigues, o antigo cavaleiro, o misterioso peregrino da Palestina, chegara apreensivo ao paço de D. Dulce como se fosse portador de más notícias.

Mandou chamar o sobrinho e meteu-se com ele numa salazita, à porta fechada.

— Tive hoje a má hora de encontrar esse nojento homem que se chama João Lourenço da Cunha!

— O primeiro marido de Leonor Teles!

— Dos dois maridos da loba o mais atraiçoado e o mais asqueroso. Ele! Não o supunha cá! Duvidaria que lhe houvessem aceitado os serviços, se eu próprio o não tivesse encontrado! Por assinalados feitos que ele aí praticasse, a vergonha de o receberem seria a mesma! Adivinha-lhe a gente por debaixo do bacinete aquelas pontas douradas com que ele enfeitava a gorra para alardear na corte de Castela, com desavergonhamento de bobo, a sua má sorte de marido. Mas é isto o que menos vale. Quando o encontrei, ia comigo certo frade que sabe os segredos da minha vida e os dele. Falou ao frade e a mim me não conheceu. Um pouco se afastou com ele e soube depois que lhe esteve dando graves notícias de perigos.

— De perigos para a nossa causa?!

— Sim, de perigos para Lisboa e para Portugal! O frade confiou-me as más notícias que o bandalho fidalgo lhe deu, mas pediu-me que por agora as guardasse em recato e me

limitasse a dizê-las a quem pudesse acautelar o Mestre, sem levantar grande alvoroto de maiores desesperos para essa pobre peonagem, que vai para os muros e para as torres a cair de fome, com as mulheres e os filhos em casa a roerem as raízes secas das ervas com que há dois meses se banqueteiam ou a enganarem a fome, bebendo água podre, que dia e noite os envenena.

— Uma horrorosa miséria, que nos vencerá primeiro que a hoste de Castela, se Deus não tiver dó de nós!

— Talvez não tenha, que ainda temos cá ciganagem de má consciência e pior coração! Mas o que o frade soube vem de má fonte empeçonhada e seria uma imprudência entender as coisas à letra e tomar já à conta de verdades seguras umas suspeitas que saíram daquela boca sem escrúpulos É dever estar acautelado contra os mais estranhos casos, sem divulgar pela gente miúda, que em tudo crê, boatos que podem ser calúnias. Um deles, não — acudiu com turbada veemência — Nesse acredito eu piamente, que tudo posso e devo acreditar de mais perverso e de mais torpe ambição, por parte dessa que foi rainha e boneja, vergonha de todas as esposas.

— Leonor Teles.

— Não tinhas que errar. Sei agora quanto ela tem feito depois que daqui me afastei. Chamou o genro no seu auxílio contra a revolução do povo, chamou-o para invadirem Portugal, a terra onde a loba nasceu, mas logo se desaveio com ele e com a filha, como era de esperar; procurou então parciais com as suas torpes blandícias de Messalina e conspirou contra Castela como conspirou contra Portugal. Cansou-se de tanta perfídia o real invasor, seu genro, e afinal a mandou prender e levar para Castela (*).

[(*) Averiguou-se que D. Leonor Teles e o Conde de Trastâmara, primo do rei de Castela, tinham uma conspiração ajustada contra o monarca invasor. Teria saudades do trono a rainha viúva, e desvairado por ela, o conde haveria sonhado talvez com uma coroa real. Seria então o terceiro marido de Leonor Teles, com o primeiro ainda vivo! Supõe-se que a conspiração não hesitaria diante de um regicídio.]

Está lá encerrada em não sei que mosteiro de monjas, e de lá mesmo irá tramando a ocultas. É o primeiro marido

quem o diz, o primeiro e o mais digno dela! Se puder, fugirá para vir entregar-se ao primeiro aventureiro que se ponha ao serviço das suas ambições. Virá para tentar o Mestre, que foi um dos iludidos que ela ia enfeitiçando.

— Como quis enfeitiçar Nuno Álvares, pajem e escudeiro seu de austera honestidade.

— Como enfeitiçou outros — acudiu Mendo Rodrigues amargamente — outros que tinham obrigação de conhecer o Mundo e por ela se perderam!

— Quando ela podia enfeitiçar.

— Resistem ao tempo os seus amaldiçoados encantos. Mais do que o mármore das estátuas. Ouvi que ainda era de estonteadora beleza. Aquelas mulheres assim não envelhecem! E se viesse lançar-se nos braços do Mestre com as falsas e pungidoras lágrimas que ela sabe chorar, o cunhado bastardo, o Defensor do Reino, hesitaria em mandá-la pôr fora do seu paço de Regedor do Reino ou da sua tenda de batalhador. Coisa que não seria para grandes estranhezas. Nem vós sabeis ainda que certos homens de Lisboa, alguns que levantaram a revolução, o próprio

Álvaro Pais, pensaram em casá-la com o Mestre e neste sentido se empenharam!

— Não sabia! Por Deus, que seria essa a suprema infâmia de Portugal! Então antes derrotados pela gente de Castela. Antes! Já vi agonizar um leão; sente-se admiração e dó. Mas o cão medroso, a arrastar-se na lama para lamber os pés que o fazem ganir, não pode causar senão desprezo.

— Tal detestável pensamento o justificavam no empenho de apaziguar o Reino, pois que ainda se não tinha por certa a invasão dos Castelhanos.

— Por tal preço, ignóbil paz!

— Mas se Leonor Teles voltar de Castela e alguém desta terra tiver o impudor de a receber como receberam o primeiro marido, algum homem haverá que lhe faça a ela o que o Mestre fez ao conde galego. Ruy, pela minha fé o juro!

— Tio e senhor, tal não digais! Ninguém seria agora capaz de lhe dar aqui, nem sequer de esmola, o canto de um lar.

— Não sei, Ruy, não sei! Andam numerosos traidores de cá na hoste do rei castelhano, mas suponho que ainda alguns ficaram aí. João Lourenço da Cunha o deu a entender ao carmelita, meu amigo. Não disse nomes, não mencionou indícios seguros, mas deu a perceber que os havia! E talvez aqui mesmo em Lisboa, lidando convosco, os fidalgos leais, iludindo-vos como falsos amigos vossos, no fingimento de defender com igual devoção a causa que vós defendeis!

— Tio, custa a crer!

— Talvez até ele próprio, o que deu aviso da suspeita, ele mesmo, se lhe chegarem ao preço... É manha velha fingirem-se escrupulosos aqueles que mais empenhados andam no encobrimento da sua consciência de ciganos e do seu coração de ladolhos. Pelos modos, el-rei de Castela promete sedutoras recompensas à ciganagem brasonada e não lhe faltam punhados de ouro para mercadejar traidores! Seja como for, vê se tens alguém mais chegado ao Mestre, que o ponha de sobreaviso para estar precatado. Ainda se não sabe de certeza donde a traição virá, mas

suspeita-se que, de uma para outra hora, aqui mesmo em Lisboa, pode surdir!

— Pessoa muito chegada ao Mestre, e a quem eu possa falar abertamente em tal assunto, só de uma sei.

— Qual?

— Afonso Eanes.

— O Juiz do Povo, o glorioso tanoeiro, como tu dizes?! Está bem. Seja esse. Mas repara então. Eu não quero sobre mim nem a sombra de uma suspeita de denunciante. Não se fala em João Lourenço da Cunha. Desconfia-se, há rumores de que alguma traição se esteja urdindo dentro da cidade. Mais nada. O Mestre que esteja precavido e ponha em gente de provada lealdade o encargo das roídas e sobre-roldas (*). E vós, os rapazes da companhia dos Namorados, começai a cumprir o vosso voto, vigiando de dia e de noite os muros e as portas da cidade, como coisa vossa de segredo.

[(*) Rondas das torres e muralhas.]

— Tio e senhor, isso hemos de fazer devotadamente.

— Entretanto, eu levarei o carmelita, meu amigo, a sondar bem João Lourenço da Cunha e a instigá-lo a ir declarar abertamente ao Mestre quanto sabe de perigo para Lisboa e para a causa de Portugal. Vai falar quanto antes a Afonso Eanes.

— Sem nenhuma demora, pois daqui vou já a casa dele.

O Mestre foi avisado pelo tanoeiro, naqueles termos vagos que já conhecemos.

Quase duas semanas depois, um jovem cavaleiro, Ruy Freire, pôde saber alguns pormenores do trama traiçoeiro e foi dizê-los ao Mestre, de quem era dileto, por ser filho de D. Nuno Freire, que teve o mestrado da Ordem de Cristo e fora aio daquele bastardo de D. Pedro I e de Teresa Lourenço, ao tempo em que ele era criança. (*)

[(*) O Fernão Lopes, Crónica de El-rei D. João I, capítulo CXXXVIII. Homem de claro espírito e honrada consciência, Fernão Lopes escreveu cinquenta anos depois daqueles acontecimentos e pôde, portanto, ouvir o testemunho dos que

eram jovens naquela agitada época. E como foi o cronista-mor do reino, teve à sua disposição os mais ratos e preciosos documentos oficiais.]

* * *

No dia 14 de Agosto de manhã, Ruy de Vasconcelos avisou Álvaro Coutinho de que a bandeira dos Namorados tinha já concluídos os seus dizeres em letras de fio de ouro.

Foi uma notícia de grande alvoroço para os rapazes, e logo se combinaram para irem receber a bandeira, todos reunidos solenemente por volta da tarde.

Assim foi. Cerca das 3 horas, mais de cinquenta fidalgos jovens (porque já tinha havido mais adesões), de bacinetes emplumados e cotas de armas, caminhavam unidos para o vetusto palácio dos Mendonças.

Seguia-os uma turbamulta da plebe, de curiosos na estranheza e na incompreensão daquele inesperado espetáculo. Mortificados, famintos, e ainda podiam ter curiosidades e entusiasmos! Estavam já afeitos àquelas miserandas condições.

E lá ia com eles o sapateiro gracejador e tunante, o beberrana certo na vanguarda das súcias, presente sempre em todos os juntamentos, como desfrutador que se divertia, divertindo os outros.

— E vão a casa da família do tredo? — perguntava uma linheira.

— Pois está bem de ver que vão — afirmou outra.

— Sempre esta gente de fidalganças tem ideias que fazem dar volta à mioleira de quem os não entende! — observou uma toucinheira do mercado do Rossio.

— Figas, que não os percebe a gente! — acudiu uma hortaliceira de Valverde — Pois andam esses galos novos na prosápia de batalhar pela nossa terra, na dianteira de todos, e vão buscar a sua bandeira a casa de um traidor? O demo os entenda, nemja eu!

— Ora eu vos vou pôr aqui tudo em pratos limpos — interveio o Bernardo solenemente — e mais não sou letrado, nem doutor como João das Regras.

— Se vindes com chocarrices, calai-vos lá com elas! — atalhou, espevitada, uma gordalhuça, criada de um cónego

da Sé.

— Por minha fé que não, querida Bentinha do Menino Deus. Tirante o latim, que só mastiguei em rapazote para ajudar à missa, no vesso de escorropichar a galheta do vinho, tirante essa língua de matracas, em que vos não posso falar, ides ver que pareço um chantre na gravidade do meu aranzel. Escutai. A donzela daquele palácio, a filha de um traidor, é, como já decerto sabeis, a prometida noiva de um daqueles namorados e foi por eles todos aclamada rainha das belas.

— Andai cá, rainha, que vos quero ver! — interrompeu, escarninha, a hortaliceira.

— Schiu! Attendite. Aquilo é rainha que eles trazem lá na sua mioleira. Maluqueiras de cavalaria que vêm nos contos. Mas se fosse eu quem aclamasse rainha, cá, para o meu uso, certa rapariga que eu sei, não haveria regatonas do Rossio e da Ribeira que se não largassem logo a berrar: «Aquilo é bebedeira do Bernardo Pingueiro». Pois naqueles meninos, o caso estranho é galanteio de rimance e de cavalaria andante! O Mundo é assim desigual e retorcido

como os chifres de um carneiro! — filosofou, de mão na ilharga.

— E ao outro, o noivo, não se lhe dá disso? — perguntou a criada do cónego — Tantos galitos junto na mesma capoeira!

— Está bem de ver que não dá. Também vós, Bentinha de olhos negros e covinha no queixo, também vós podeis ser rainha das cuvilheiras eclesiásticas no pensamento de todos os reverendos cónegos da Sé, a hoste que se engalfinha em Belzebu, a resmungar latim, como aqueles se querem engalfinhar nos castelões, a lamberem nos beiços o nome da sua amada, e nem por tal motivo...

Risos da multidão.

— Mau! Mau! — interrompeu, embespinhada, a rechonchuda Benta do Menino Deus.

— Queria eu dizer na minha que, nem por vos terem no pensamento, como rainha das clérigas, quantos senhores cónegos há na Sé, nem por isto com tal realeza parece afrontado o vosso cónego e amo, bem que seja o mais carinhoso do cabido, naquela idade em que o bicho do

caruncho mais rói o coração e menos préstimo dá à madeira.

Novas risadas.

— Ide para o diabo que vos oiça e vos retalhe essa língua danada! — gritou sacudidamente a Bentinha, voltando-lhe as costas e afastando-se.

— É má sina minha! — exclamou o sapateiro numa cómica tristeza — Têm birra comigo as raparigas, muito principalmente as que estão ao serviço do cabido!

Os da companhia dos Namorados tinham entrado já no palácio dos Mendonças.

— Mas lá vai o resto para vós, pios ouvintes — continuou o Bernardo — Aqueles frangos de esporões dourados pediram à sua rainha lhes bordasse a ouro na bandeira o voto dos seus corações, e agora lá vão recebê-la. E foi a pé até à porta da rainha aquele esquadrão de asa tufada, porque nesta nobre cidade de Lisboa os poucos ginetes existentes trazem a pele furada pelos ossos, mas estão na birra de se não deixarem morrer antes de nós.

— Porquê, mestre Bernardo? — perguntou um mecânico, por entre as risadas dos curiosos.

— Porque não querem tirar aos cães a herança dos seus canelos, que nós seríamos capazes de lhes roer, se eles morressem primeiro.

Revoaram novas risadas.

— Nós, é modo de falar — emendou o gracioso — Cá por mim, enquanto o vinho durar, perdem os castelões o seu tempo. A fome não entra comigo. E se entrar, afogo-a e não me rendo!

— O Juiz do Povo! Aí vem Afonso Eanes!

— E traz cara de caso!

Abriram-lhe passagem.

— Guarde-vos Deus, boa gente — disse o tanoeiro, de rosto avincado.

— E a vós ainda mais, mestre Afonso Eanes.

— Entraram para ali uns fidalgos jovens? — perguntou, indicando o palácio.

— Há instantes para lá entraram.

— Ide para os muros e portas, vós os que tendes posto marcado.

— Desconfia-se de novo assalto?

— Não é desconfiar; é mostrar-lhes a eles que os esperamos.

E foi apressadamente para casa dos Mendonças.

— Vá, vá, arraia-miúda! — disse o sapateiro, galhofando atrás da multidão — Das ameias dos muros e quadrelas, ao menos podereis ver que sobras ficaram do jantar dos castelões, bem comidos, bem folgados, e bem bebidos, lobos os trinquem!

Ninguém lhe ouviu a truanice. Uma voz de mulher ia gritando na frente:

— Deus seja connosco, e nós pela nossa terra!

— Para que sempre viva entre as nações!

* * *

Fora enternecedor o momento da entrega da bandeira, dada a Magriço pelas mãos pequeninas de Madalena, numa tremura de emoção.

Tinham lágrimas os olhos de celestial bondade daquela rainha de belas.

Pois se também os olhos dos rapazes estavam rasos de água!

O Magriço disse alto, comovidamente, o moto da bandeira e. Todos o repetiram com devotado fervor:

Pela nossa terra e pelas nossas damas!

Neste lance entrara um homem que vestia uma armadura toda negra; repuxada contra a gorjeira pelo canal do bacinete uma barba longa e alva e sobre o arnês um escapulário branco de monge.

— Jovens cavaleiros! — disse-lhes solenemente — Um velho, que foi batalhador, vos abençoa em nome de Portugal antigo e convosco se apraza para vos seguir à

primeira batalha campal que se lutar nesta nossa terra contra o povo de Castela.

Foi um momento de estonteadora surpresa.

Para D. Maria e Madalena um lance de apavorada estranheza. Tinham-se erguido a tremer, procurando num relancear de olhos o olhar de Ruy, sereno, impassível, como se nenhum sobressalto lhe houvesse causado aquela entrada.

— Dizei-nos quem sois? — pediu Álvaro Coutinho.

— Um monge e um cavaleiro. O nome vos não posso dizer, mas pela minha lealdade poderá responder um de vós.

— Eu — acudiu Ruy de Vasconcelos, adiantando-se comovido e solene — eu, que pela minha honra e pela minha dama vos juro aqui que este cavaleiro tem uma alma grande e leal, e valente batalhador foi. Já pela nossa terra.

— Monge peregrino! — disse um, crendo reconhecê-lo pelas compridas barbas brancas.

— O que chegou da Terra Santa! — esclareceu outro.

— Alguém que não quer revelar o seu nome — atalhou Ruy de Vasconcelos — alguém que eu vos afirmo lealíssimo.

— E tanto nos basta — acudiu logo Álvaro Coutinho.

— Certamente que sim — confirmaram uns poucos.

— Agora deixai que eu vos beije essa pequenina imagem da vossa bandeira e essas letras em que está o voto pela nossa terra — pediu o misterioso cavaleiro.

— Senhor, aqui a tendes — disse o Magriço, estendendo nas suas grandes mãos cabeludas o retângulo de seda franjado de ouro, em cujo centro estava emoldurada por uma cercadura de flores bordadas, a imagem da Senhora da Conceição, pintada em cetim e havia mais de meio século trazida de Itália por um cavaleiro de aventura, parente de Álvaro Coutinho.

O velho beijou a imagem com religioso fervor, depois as letras que diziam — Pela nossa terra.

— A estas não as devo beijar pois que só foram de perdição os meus maiores amores!

E apontava as letras do outro dizer do lema votivo:

— Pelas nossas damas.

— Mas vou beijar as mãos da rainha de quem as bordou.

E foi.

Entretanto Magriço chamou a atenção dos companheiros para o primor da cercadura bordada, que era para eles uma surpresa.

— Que lindas florzitas de madressilva aqui imitadas!

— E a madressilva quer dizer constância para sempre — explicou um dos jovens — Para amar, para combater. Lindo pensamento foi e formosas mãos as bordaram!

— Senhor Ruy de Vasconcelos, senhoras, perdoai — disse do limiar da porta o Juiz do Povo — Trago para vós um recado urgente do Mestre.

— Nós sairemos — acudiu Álvaro Coutinho — se outra coisa vós não mandardes, senhoras minhas.

— Senhor Ruy de Vasconcelos — disse o tanoeiro — em nome do Mestre pedi aos vossos companheiros que fiquem, pois para todos eles é o recado que trago, bem que tenha encargo de segredo.

Todos alvoroçadamente declararam que ficavam.

Ouvindo que se tratava de assunto reservado, D. Maria e a filha despediram-se por entre homenagens dos jovens cavaleiros e retiraram-se. O velho campeador seguiu-as.

* * *

Sempre suspeitoso da tal porta encoberta, Vasco Eanes da Costa, mal ouviu declarar ao Juiz do Povo que se tratava de um segredo, que todos ali deviam guardar, propôs logo, sem declarar porquê, que se juntassem para um dos extremos da sala, de modo que bem ouvissem o recado sem haver necessidade de altear a voz. Ruy percebeu-lhe a desconfiança e sorriu.

— A rijeza da caturreira ainda lhe excede a rijeza do pulso! — comentou de si para si.

Mas todos concordaram com a proposta e lá se foram apinhando ao topo da sala.

— Senhores cavaleiros — disse o tanoeiro a meia voz — não chega o tempo para rodeios. Empeçonhado, talvez por conluiados seus, que da sua lealdade duvidaram, a escabujar com dores que lhe queimavam as entranhas, João Lourenço da Cunha, esse que foi primeiro marido de D. Leonor Teles, esta manhã mandou chamar certo frade carmelita para que o ouvisse de confissão em artigos de morte. E confessou-lhe, atendei bem, senhores, confessou que estava urdido na cidade um trama de traição por conta de el-rei de Castela!

— Traição de quem?! — perguntou o Magriço.

— De D. Pedro de Castro, filho do Conde de Arraiolos, Álvaro Pires de Castro, a quem Deus lá tem. E com ele todos os seus cavaleiros e homens de guerra.

— Aqui nenhum há que seja da sua gente — disse com desafogo Álvaro Coutinho.

— Nenhum! Nenhum! — repetiram cinquenta vozes.

— D. Pedro vendeu-nos pelo muito ouro e prata que el-rei de Castela mandou oferecer-lhe — acrescentou Afonso Eanes — Isto confessou João Lourenço da Cunha, talvez

desavindo com quem o empeçonhou, por desacordo no preço daquela desalmada infâmia! O frade não quis absolver João Lourenço, sem ele tudo isto dizer ao Mestre. O moribundo acedeu, e logo foram chamar o senhor D. João para o ir ouvir. Foi, e ele tudo lhe declarou. O Mestre há pouco chegou de casa de João Lourenço, e tudo está a precaver para a defesa da cidade, debaixo de todo o segredo. A mim me encarregou de vir ter convosco, pois aqui lhe disse que haveria de encontrar-vos.

— E qual propósito punham nessa traição? — perguntou o Magriço, torvamente.

— Abrir a porta de Santo António aos homens de armas de Castela e dar-lhes a mão para a escalada do muro de Santo André. Enfim, entregar-lhes a cidade, quem nem a fome, nem o poder das armas e da hoste de Castela ainda puderam render!

— O cigano vilíssimo! — rouquejou o Magriço.

— Mas, por Deus, que a traição foi descoberta e não hesitará o Mestre em mandar para o brasido de uma

fogueira esse cão traiçoeiro, e quantos com ele se vendiam ao rei de Castela!

— Primeiro que o queimassem, deveria ser espicaçado pela ralé como foi o Andeiro e o bispo castelhano!

— Isso, e de modo pior! — regougaram outros.

— Senhores cavaleiros, tal não é o pensamento do Mestre. É seu intento e mandado que nada se declare ao povo para não o sobressaltar mais, e que só aos cavaleiros de mais provada lealdade se confie este segredo e com eles, recatadamente, se apreste a defensa. Prevenidos, nenhum receio podemos ter de surpresas e bom aso haverá de mostrar a el-rei de Castela que estamos acautelados e que a cidade se não entrega, por mais dinheiro que ele desbarate na compra de traidores. Os que ficam leais, os que se não vendem, valem sempre pelo dobro daqueles que ele compra. Deixai que os Castelhanos venham afoitamente, muito fiados nos vendidos, e boa hora será para lhes darmos outra lição de escarmento. Têm já nos seus arraiais a peste negra e estão com pressa de mudar de ares cá para dentro da cidade. Pois nós os enxotaremos outra vez.

— Bom pensamento, em verdade, é esse do Mestre; mas o que se faz então ao traidor refece D. Pedro de Castro e aos seus homens de armas?

— O chefe dos vendidos será preso quando chegar a hora que para a traição havia aprazado, e a sua gente cercada nos próprios muros que os Castelhanos hão de querer escalar. Lá estará outra gente que os receba.

— E para quando está aprazada a investida do inimigo? — perguntou Ruy.

— Para esta noite.

— E com que gente podia contar o traidor?

— Tem ao seu mando para cima de cem lanças e uns seiscentos homens de peonagem, contando os besteiros, e todos eles na sua mor parte Castelhanos, que nos cá ficaram desde os tempos de el-rei a quem Deus perdoe.

Fizeram uma impressão enorme de raiva estas informações de Afonso Eanes.

— Perdia-se a cidade, se não é a confissão de João Lourenço da Cunha!

— Ele próprio metido na traição, ninguém me tira desta ideia, e desavindo afinal com o cigano-mor no tocante ao quinhão porque se havia de vender.

— Certamente — confirmou Ruy — Não é crível que tantas particularidades soubesse do conluio, se não estivesse nele, nem os outros lho teriam exposto, se não contassem com ele pelo seu lado. Havia de ser o preço a causa da desavença, como assisadamente presumis, e no empeçonhamento lhe puseram o desfecho.

— E, por graça de Deus — disse o tanoeiro — não tanto a tempo que o empeçonhamento se não pudesse vingar denunciando-os.

— Tempos vilíssimos estes nossos! — comentou Álvaro Coutinho — Milagre será que a Nação venha a salvar-se, mudada em outra de melhor fortuna!

— Oxalá! Oxalá!

— Mas nós a ajudaremos a salvar! — prometeu calorosamente o Magriço.

— Dando-lhe para remissão o maior amor das nossas almas sonhadoras e o maior esforço da nossa juventude

aventurosa — disse Ruy comovidamente.

— Sim, sim! — apoiaram com frenesi todos eles.

— E isto podeis vós repetir ao Mestre, honrado Juiz do Povo.

— Não é preciso dizer-lho, senhor Álvaro Coutinho. Tanto convosco, senhores, contava sua senhoria, que até para vós reserva o maior encargo no cometimento desta noite.

— Pois viva o Mestre de Avis! — exclamou o Magriço a conter o seu vozeirão formidável — E por Deus, que não terá de arrepender-se.

E todos entusiasticamente disseram baixo como numa prece:

— Que Deus o guarde e seja por ele! E nós para o ajudar.

— Quer sua senhoria — continuou o tanoeiro — que desde esta hora fiqueis precatados, sem dar alvoroço ao povo, ao qual só depois do feito se dirá a verdade. E que, mal comece a escurecer, vos vades juntando com as vossas

armas de combate, disfarçadamente, e a pouco e pouco vos encaminheis para os lados da Porta de Santo Agostinho, da qual, ao toque de alarme, sereis a guarda e a melhor defensa mesta noite santa da Assunção da nossa Senhora.

— Pois senhor Afonso Eanes, por nós todos agradecei ao Mestre o favor insigne com que lhe aprouve honrar os jovens do esquadrão dos Namorados — disse o Magriço — Boa estreia terá a nossa bandeira e benditos sejam os valentes que morrerem por ela.

— Benditos sejam! — repetiram unânimes, numa ardente devoção de fanáticos.

— O esquadrão é pequeno, dizei-lhe, mas não se vende, nem se rende. Se os Castelhanos entrarem pela porta que ele vai defender, pode sua senhoria afirmar, sem falsidade, que foi porque os Namorados morreram.

— Pode!

— Ide dizer-lho.

— O nosso pesar é que seja por agora a hoste de um punhado de homens.

— Paladins do amor e do sonho, hoje apenas uns poucos — acudiu Ruy arrebatadamente — Mas um dia talvez com a nossa alma a Nação inteira!

Saíram, de bandeira erguida.

* * *

Anoitecera. Afonso Eanes, com um troço de besteiros e gente armada do povo águardava qualquer sinal de alarme dentro de um casarão abandonado, numa travessa muito vizinha da residência de D. Pedro de Castro. Sabia-se já que lá estavam com ele alguns dos conluiados, os de mais subida importância.

A pequena distância do muro de Santo André se tinham reunido, numa cerca do convento próximo, oitenta lanças e duzentos besteiros e peões, prontos a correr à muralha logo ao primeiro aviso.

Nos outros muros e em todas as torres as guarnições estavam a postos. Passavam as quadrilhas de ronda

frequentemente. No paço de Apar S. Martinho, o Mestre esperava de armadura vestida, entre o seu conselho político de fidalgos e de mecânicos da Casa dos Vinte e Quatro.

Num grande pátio interior, os pajens com as lanças e os escudos dos seus amos, alguns cavalariços com uns pobres cavalos escanzelados e umas muares à mão. Nove ao todo, pois que na cidade já não havia senão uns quinze que pudessem servir para levar alguém a qualquer ponto distante das fortificações.

Do esquadrão apeado dos Namorados fora destacado Ruy de Vasconcelos para ir sondar, disfarçadamente, a disposição de ânimo da gente de D. Pedro de Castro e observar se no acampamento inimigo havia algum movimento grande de tropas.

Ruy percebeu que a gente do traidor estava hesitante e receosa e como que estranhando a demora do chefe.

A noite pusera-se escura. A lua nasceria tarde e era para antes da lua nascer que a investida estava aprazada.

Ainda assim, a tenuíssima claridade das estrelas deixaria perceber confusamente o movimento das grandes massas de gente.

Correu o sino das 9 horas na Sé. Uma hora depois, a cidade parecia adormecida. Ouviam-se claramente os brados monótonos das sentinelas nas muralhas e os uivos dos cães famintos vagueando pelos monturos onde nada achavam para roer.

De súbito, Ruy notou um movimento maior no acampamento dos Castelhanos. Duas enormes manchas escuras se moviam lentamente.

Alguém de cá, na torre sobranceira à Porta de Santo Agostinho, acendera uma luz e agitara-a no ar, lentamente, por quatro vezes.

— É o sinal — disse consigo Ruy de Vasconcelos — Não vêm dali menos de quatro ou cinco mil homens.

Desceu da muralha rapidamente e correu para os seus companheiros.

— Depressa! Já lhes fizeram sinal. Vêm para escalada tantos como toda a melhor gente de armas que tem Lisboa.

O Era a luz de uma candeia, segundo Fernão Lopes.

Estava com os Namorados uma quadrilha de besteiros, homens ágeis em quem podiam confiar.

Álvaro Coutinho escolheu três para irem de corrida levar aviso ao Mestre, ao comandante da gente de armas que estava na cerca do convento e ao Juiz do Povo.

Partiram de carreira. O esquadrão dos rapazes foi-se embora de corrida para a porta de Santo Agostinho. Na frente o Magriço, levantando alto a bandeira verde dos que se votaram à morte pela sua terra e pelas suas damas.

Tinham chegado em frente das portas.

— Eh! Gente vendida! — clamou o Magriço no seu vozeirão formidável — Arreda, que vem aqui quem essa porta vai defender contra a traição do vosso chefe. Por Portugal contra Castela!

Acudiu o chefe daquele posto, seguido de vinte homens armados, e ladeado por dois maltrapilhos de tochas acesas.

Vinha enfiado.

— Não podeis passar! — disse-lhe em castelhano.

— A minha espada não se desonra matando-te, cão vendido! — vociferou o Magriço.

E atirou-lhe tal pontapé ao ventre, que o chefe do posto foi cair enrodilhado a uns poucos de passos, dando um grito de dor que parecia o urro de uma fera.

— Um virote para acabar com esse vilão galego! — mandou a um dos besteiros que o acompanhavam — Entregai-vos, ou morrereis antes que os Castelhanos cheguem! — gritou num tom formidável para os homens de armas daquela guarda — Armas abaixo!

Numa cobardia de surpresa baixaram os piques e desarmaram as bestas, atirando-as ao chão.

Ouvia-se um ruído cavo como dos passos de milhares de homens do lado de fora da muralha.

— Senhor Ruy de Vasconcelos, ide vós às seteiras com estes besteiros. Derribai-os da escalada — gritou o Magriço.

Ruy correu para o muro à frente de quinze besteiros.

A escabujar nas lajes fronteiras à porta, o chefe do posto expirou num arranque. Um dos besteiros tinha-lhe cravado um virote no peito.

— Estais preso, ralé de vilanagem! — bramiu o Magriço, transpondo o grande arco de abóbada, a vinte passos da porta de enormes ferrolhos de bronze e largas chapas de ferro.

— Nós não queremos ser por Castela! — alegou um velho da guarda.

Afonso Eanes chegou, açodado.

— Está preso D. Pedro de Castro e nove dos parciais que encontrámos com ele.

Sentiu-se tropel de muita gente. Eram homens de guerra que vinham da cerca do convento e iam subindo para as muralhas.

— Ficai vós aqui como chefe, Vasco Eanes — disse-lhe o Magriço — Eu subo à torre para ter mão na ciganagem. Voltarei quando a Porta for atacada.

— Ides sozinho?

— Não; vou com a nossa bandeira para a erguer lá à espera do sol.

E foi.

— Eh! Gentes! Que fazeis aqui de braços cruzados?

— Esperamos nosso amo e chefe, D. Pedro de Castro.

— O chefe é o Mestre. D. Pedro está preso por traidor vendido a Castela. Vá, por Portugal, disparai esses virotes sobre aquela multidão de inimigos ou eu vos baldeio daqui, a um por um, sobre eles. Vamos! Pela honrada terra de Portugal, azêmolas galegas que o cigano-mor tinha vendidas. Depressa! Já!

Acabrunhados de vergonha, retesaram as bestas e trinta virotes esfuziaram contra a massa escura dos Castelhanos, já numa algazarra espantosa.

— Assim, para serdes como os outros que se não vendem, por mais que a fome os aperte e a miséria entre com eles.

Disparados ao acaso, os virotões dos Castelhanos esvoaçavam por entre as seteiras ou batiam contra os

muros como um bando de aves estonteadas.

Na torre caíram quatro homens feridos, um deles varado do peito às costas.

E o Magriço a descoberto, e com serena intrepidez, sobre o degrau de um ângulo da torre, com o estandarte dos Namorados erguido ao alto, a exceder pelo dobro aquela estatura de gigante.

Ruy chegara ao lanço do muro contíguo à Porta, quando já umas filhas de Castelhanos estavam encostando as escadas de assalto até meia altura das ameias e pediam para cima que lhe deitassem cordas com que mais facilmente as alteassem, firmando-as.

O jovem cavaleiro mandou desarmar as três sentinelas que havia naquele lanço e com doze besteiros se debruçou do muro, ele próprio armado também com uma besta grande de garrucha.

Em dois ou três minutos se estorciam em baixo, em gritos doloridos, os homens que seguravam uma das escadas, a que já estava mais alta.

Colhidos de surpresa, tomados de medo, considerando-se traídos por aqueles de quem esperavam auxílio, os Castelhanos das primeiras filas enovelaram-se estonteados, bramindo pragas e obscenidades contra os chamorros que tinham atraiçoado a venda.

Duas escadas foram a terra, abandonadas. Mas alguém, um chefe certamente da altiva nobreza das Espanhas lhes falava, incitando-os a voltar à escalada.

Logo uma chuva de virotes veio bater contra a muralha e enquanto uns fingiam reerguer a primeira escada, fazendo uma grande gritaria, para iludir os besteiros portugueses, outros, muito abaixo daquele lanço do muro, sem alarde e sem fogachos, em profundo silêncio, tentavam levantar outra escada.

— Santiago y Castilla! — clamavam aqueles que pretendiam enganar os de cima.

E à mistura as mais pitorescas pragas e os mais sonorosos insultos que tinham Leão e Castela, o Aragão e a Andaluzia.

Tinham subido à muralha mais besteiros e homens de armas e caiu sobre os Castelhanos uma verdadeira chuva

de virotes, dardos e pedras. Estrugiram nos ares pragas enfurecidas em quase todos os dialetos dos antigos reinos de Espanha e até ameaças mirabolantes no francês da Gasconha, pois que na coluna dos assaltantes vinha um troço de Gascões, daquela hoste de dois mil Franceses de aventura que tinha acompanhado o exército de Castela.

Bramiam ameaças, praguejavam, mas os gemidos e gritos dos feridos ouviam-se alto, apesar da algazarra dos farronqueiros.

— Estão a recuar! — disse alto Ruy de Vasconcelos, apontando a densa massa escura que se ia afastando.

Vinha nascendo a lua e já se distinguiam melhor as coisas; a paisagem destacava-se, branquejava o ferro brunido, tinha brilho o aço das lanças, o vulto dos cavaleiros recortava-se, parecia maior na melancólica penumbra; alvejavam as pedras novas das torres e das muralhas, moviam-se no chão, ao longo dos muros, as sombras esguias dos homens de armas.

Até se percebiam as dezenas de atacantes que tinham ficado estendidos ao fundo das muralhas, os que se

arrastavam feridos para fugir do alcance dos virotes e das pedras, e os que a peonagem levava em braços, quase agonizantes.

Sumidamente vibrou um grito de alarme e de desespero:

— A subirem por ali!... Os de Castela!

Efetivamente uns poucos de homens de capacetes emplumados saltavam para dentro por entre as ameias, numa reentrância do muro, a baixo do lanço onde os assaltantes tinham feito as primeiras tentativas.

— Temos a cidade perdida! — rouquejou um besteiro.

— A mim, homens de Portugal! — gritou Ruy de Vasconcelos.

E correu de lança em riste para os mais audazes daquela escalada bem sucedida.

Seguiram de carreira atrás dele quinze besteiros e outros tantos homens de piques.

Estavam subindo mais assaltantes, protegidos por cerca de trinta que já tinham saltado para dentro.

— Disparai sobre eles! — mandou Ruy aos besteiros.

Sibilaram quinze virotes e três dos atacantes foram a terra feridos no rosto, porque traziam a viseira levantada. Outros virotes se partiram, como se fossem de vidro, contra os arneses dos Gascões.

— Seis besteiros que se debrucem daquelas ameias para deitarem a terra os que sobem.

Correram uns poucos a debruçar-se das ameias para disparar de revés contra os assaltantes; mas, entretanto, mais cinco tinham já saltado para dentro e com os outros avançavam para a gente de Vasconcelos.

Um deles, soberba figura de fidalgo campeador, vinha na frente, incitando os companheiros.

— Vamos enfiar nas lanças estes pigmeus chamorros! — gritou arrogante, no seu francês de gascão, e desceu a viseira.

— Homens dê Portugal, vá contra estes farfantes de França! — replicou o Vasconcelos.

Ouviam-se já, numa vibração frenética, os sinos de todas as igrejas e de todas as torres das muralhas dando o sinal de rebate.

— Havemos de levá-los salgados para os nossos cães de Gasconha! — berrou o bazofiador, avançando mais.

Reboaram gritos do lado de fora da muralha. Gritos em francês gascão de dois que os besteiros tinham ferido, quando já estavam empoleirados nas ameias.

Ruy tinha avançado intrepidamente para o caudilho gigante.

— Por esta gloriosa terra de Portugal, farfantão francês!

E arremeteu para ele às lançadas. O Gascão defendia-se e atacava admiravelmente.

Entretanto, os homens dos piques, com as únicas defensas do bacinete sem camal e de um frágil escudo, recuavam perante a bravura impetuosa dos Franceses, fortemente protegidos pelas armaduras.

Apesar da sua luta desesperada com o chefe Gascão, Vasconcelos percebeu que os seus recuavam e que já uns tinham ido a terra golpeados.

— Tende-vos! — gritou-lhes, atirando fora a haste da lança curta que se acabava de quebrar contra o peito de

ferro do adversário — Tende-vos! — repetiu, arrancando da espada — Pela honra desta abençoada terra que nos querem tirar!

Mas a pobre gente bisonha recuou mais diante da fúria da arremetida e Ruy estava já isolado entre seis ou sete dos atacantes e ia perdendo terreno naquele combate desigualíssimo.

Foi retrocedendo para o lado das ameias, por forma que só os tivesse pela frente e de flanco.

— Rende-te! Rende-te! — bradavam-lhe os Gascões.

— Nunca! — volveu-lhes num grito de rancor convulsivo.

— Morrerás aí espetado como um sapo!

— E fica sabendo que Lisboa será tomada pelos barões da Gasconha.

— Por traição, e nem assim — rouquejou o Vasconcelos, defendendo-se com febril energia.

Os besteiros não se tinham podido aguentar junto das ameias para deitarem a terra os que vinham subindo, e

mais uma dezena de Franceses saltara para dentro do muro.

Uma lança golpeara o braço esquerdo do jovem cavaleiro entre o braçal e o punho quebrado da manopla.

Ruy confrangeu-se numa impressão de dor violenta, mas logo, tomado de mais furioso arranque, vibrou uma série de golpes aos três adversários que tinha mais próximos de si. Um deles foi a terra com um golpe fundo no pescoço, pois que a gorjeira mal fechada lho não podia defender.

— Por minha terra e pela minha dama! — bradou, lembrando enternecidamente o moto da bandeira dos Namorados, que talvez nunca mais tornasse a ver.

Nem a bandeira nem aquela rainha de beldades que a bordara e cuja imagem queridíssima trazia dentro da alma como em santo relicário.

Ouviam-se para cima uns gritos de guerra que o encheram de orgulho.

— Portugal e S. Jorge!

— Morrerei, ao menos, mais perto dos meus! — pensou, sem um momento deixar de combater.

Mas a batalha era extenuadora e pela ferida dolorosíssima do braço lhe golfava o sangue e se lhe iam apoucando as forças.

Sentia-se o ruído de espadas batendo em armaduras, revoavam imprecações de desespero e de dor, vinha de cima o rumor cavo de muitos passos.

— Pela nossa terra e pelas nossas damas!

Era a voz do Magriço. O Vasconcelos sentiu um consolo imenso, maior febre de lutar, mais intensa ânsia de viver.

— Rende-te! — insistiu o colosso, apertando com ele — Sou eu o chefe dos Gascões.

— De focinhos para o chão, trangalhadanças da Gasconha! — trovejou o vozeirão do Magriço, já a dois passos deles.

E o gigante foi derribado de borco sobre as lajes da muralha. A sua brilhante armadura de relevos e arabescos dourados produzira nas pedras um ruído sonoro e áspero.

Os Namorados traziam agora o troço dos Gascões diante de si.

Vasco Eanes da Costa, o pulso de ferro, o arranca pinheiros como alguns lhe chamavam, vinha ao lado do Magriço e logo se debruçou para o chefe Gascão.

— Vais de salto para onde vieste de escada — disse-lhe, tomando-o pelos braços.

E assim o foi arrastando até junto das ameias.

Os rapazes levavam os Gascões contra o muro, mas num supremo esforço e com graves perdas de sangue.

Aqueles Gascões não eram homens que se rendessem aos primeiros reveses.

— Ruy, a nossa bandeira! — disse o Magriço enternecidamente — Estais ferido! Dois homens para amapararem este cavaleiro — gritou para um troço de peonagem que viera atrás deles.

A trinta passos para baixo, a briga tomara proporções medonhas. Já muitos dos Gascões estavam feridos ou mortos, mas também sete dos Namorados e nove besteiros

e homens de armas tinham ido a terra golpeados e agonizavam ao abandono.

Num maior esforço, Vasco Eanes levantara nos braços o caudilho Gascão, quase examine em consequência de violentas sufocações.

— Vais dentro da tua armadura amolgada, javardo gascão! Dá lá notícias nossas aos teus amigos de Castela.

E baldeou-o da muralha abaixo.

Tinham chegado cirurgiões e enfermeiros da ambulância postada às Portas de Santa Catarina.

Os homens da ambulância fizeram o primeiro curativo a Ruy de Vasconcelos.

— Vencemos nós! Vencemos! — bradavam os Namorados e os besteiros, seus auxiliares.

E voltaram com três prisioneiros, dizendo alto o moto da bandeira verde: Pela nossa terra e pelas nossas damas!

— Cumpriu-se a jura; está sagrado o moto! — dizia o Vasconcelos enternecidamente para o Magriço enquanto o

cirurgião acabava de lhe atar a ligadura.

— E para alguns foi jura de morte! — observou-lhe Álvaro Coutinho.

O Mestre chegava à frente da sua comitiva de fidalgos e de mecânicos. Ao lado dele Afonso Eanes.

— Álvaro Coutinho — disse o bastardo de D. Pedro I e de Teresa Lourenço — os Namorados ganharam o feito desta noite.

— Mestre, aqui tendes o primeiro de todos no cometimento — volveu-lhe, indicando Ruy de Vasconcelos.

— Ferimento grave? — perguntou o Mestre, acercando-se dele afetuosamente.

— Senhor, dez ou quinze dias de braço ao peito — respondeu-lhe numa voz que fraquejava — e mais nada.

— Mais talvez, e de cama, que já estais a arder em febre — acudiu um dos cirurgiões.

— Pois que Deus vos dê razão, Ruy de Vasconcelos, visto que sois alto exemplo de cavaleiros leais — acudiu o Mestre.

Chegou o troço dos Namorados. Álvaro Coutinho foi pôr-se à frente deles de bandeira erguida.

— Senhor, vencemos! — clamou um deles para o Regedor do Reino.

— E defendeu-se Lisboa! — acudiu outro.

— E honrastes a vossa bandeira nova, que doravante fica sendo um glorioso pendão nesta guerra santa em que andamos empenhados — disse-lhes o Mestre calorosamente.

— Batizou-se de noite, Senhor, esta nossa bandeira — alegou o Magriço — e veio a lua pela sua madrinha.

— Com esta luz branca de sonho — murmurou Ruy num quebramento de forças, olhos marejados de lágrimas fitos na bandeira.

— Senhor, este jovem cavaleiro — disse o cirurgião para o Mestre — não pode ficar aqui. Perderá o alento, por mais que o ânimo lhe teime em ficar.

— Tragam umas andas para o conduzir.

— Senhor, deixai que vá a cavalo, se aqui próximo houver algum.

— Naquele em que eu vim podeis ir vós.

— Senhor, insigne favor o vosso!

— Mas vede bem se podeis.

— Senhor, posso. A perda de sangue foi avultada, mas sem armadura como estou e agora a cavalo...

— Sempre será com sacrifício vosso — acudiu o cirurgião — mormente se a febre apertar convosco. Mas irei eu também.

O Mestre acercou-se mais do Vasconcelos e disse-lhe a meia voz afetuosamente:

— Assim que estiverdes curado, tratar-se-á do vosso casamento com Madalena de Mendonça... Se, como espero em Deus, a cidade repelir de si os de Castela.

— Mestre e Senhor! — murmurou num afogueamento de júbilo.

— E o vosso padrinho serei eu.

— Senhor! Que tamanha honra!

* * *

O esquadrão dos Namorados quis acompanhar a casa o seu intrépido companheiro.

— Lá vos irei ver, Ruy de Vasconcelos — disse-lhe o Mestre.

— Viva o senhor D. João, Mestre de Avis! — aclamaram fervorosamente os jovens cavaleiros, desvanecidos por aquela distinção concedida a um dos seus.

O povo repetiu o brado como se fosse um pregão triunfal, e pelas muralhas fora os homens de armas, lhe foram dando uma repercussão que parecia interminável.

Puseram-se a caminho os cavaleiros da bandeira verde. Na frente, montando o cavalo em que o Mestre viera do paço, o filho heroico de D. Dulce. Ia ao lado dele Afonso Eanes.

Estava a cidade alagada de luar. Via-se como se fosse de dia.

O povo abria passagem, comovidamente, àquele punhado de sonhadores de grande alma e indomável coragem.

— Vivam os Namorados! Os valentes!

— Abençoadas mães as vossas! — clamou a nossa conhecida regateira, a tia Lourença.

— E mais a vossa bandeira de amores — acrescentou enternecidamente uma linda dama das Linheiras.

E a pavonear a bandeira, a toda a altura dos seus braços enormes, para que ela voasse na aragem daquela madrugada luarenta, o Magriço dizia jovialmente:

— Perdeu el-rei de Castela o seu mercado de ciganos e demos nós uma trepa nos farronqueiros da Gasconha!

CAPÍTULO X

CÉU DE LUTO

A rija têmpera de Ruy de Vasconcelos desmentira com espanto de toda a gente o prognóstico pessimista do cirurgião Teve uma ligeira febre durante o dia 15, mas logo sobre a madrugada de 16 se lhe despegou totalmente, e não houve pedidos que o retivessem na cama.

O apetite era admirável e a disposição de ânimo excelente. O ferimento ia tomando um aspeto animador e prometia cura completa dentro de quinze ou vinte dias.

— É da carnadura rija que ele tem e do sangue boníssimo que Deus lhe deu — explicava o cirurgião, sofrivelmente embaraçado com o malogro do seu prognóstico.

Não fosse o braço ao peito e uma leve palidez, e ninguém seria capaz de adivinhar o rude ferimento que lhe tinham feito.

Logo no dia 16, o Mestre o foi visitar, felicitando D. Dulce por aquele destemido filho. Afonso Eanes, o Magriço, Vasco Eanes e os rapazes do estandarte verde, esses então tinham lá ido frequentes vezes.

No dia 16 levantou-se logo de madrugada no alvoroto deste plano: combinar-se com o seu velho Gonçalo e sair de noite, às escondidas da mãe, para ir pagar a Madalena a visita que ela e D. Maria lhe tinham feito na antevéspera.

Pelas 11 horas apareceu-lhe o glorioso tanoeiro.

— Melhor como pareceis, senhor Ruy?

— Ora, até parece que me dá Deus mais força no braço direito para que o outro me não faça falta — respondeu-lhe a rir — Se fosse canhoto é que era o demónio; mas assim bem posso já voltar aos muros, se os Gascões e os Castelhanos tiverem vontade de tornar à escalada ou aparecerem mais traidores para lhes dar as mãos.

— Para os ajudar cá dentro não sei; mas para eles já foram mais dois dos nossos!

— Dois dos nossos! Quem?

— Afonso Anriques, que esta madrugada fugiu para o arraial inimigo, enganando João Rodrigues de Sá com o qual fora a passeio e a quem levou o cavalo.

— Escumalha hedionda, vilíssima ralé da gente fidalga! — disse Ruy numa cara de nojo.

— E não foi só esse. Do hospital desapareceu ontem à noite o maior e talvez o único inimigo vosso!

— Qual?!

— Antão Gonçalves de Mendonça.

— Ele! Mas então não foi longo o tratamento!

— Ainda não estava curado.

— Ainda bem que o ferimento não era mortal como supunham. Tinha-me esquecido desse homem! Mas sabem se fugiu para o arraial castelhano?

— De certeza não, porém desconfia-se, pois que muito o ia visitar, há coisa de quinze dias para cá, um criado de Afonso Anriques, e este mesmo lá esteve ontem de tarde a falar em segredo com ele.

— Apenas suspeitas, afinal! Não percebo bem como ele poderia fugir, estando ainda por curar e decerto muito quebrado de forças!

— Talvez com a ajuda do tal criado, e de noite, pelo lado do rio, as galés castelhanas estão muito próximas de terra e em qualquer batel o poderiam levar.

— Se não está dentro da cidade! — lembrou apreensivo — Tenho-o por homem sem nenhuns escrúpulos, capaz de alguma torpe vingança!

Lembrara-lhe qualquer possível cilada para infamar Madalena.

— Vingança contra vós?

— Contra mim, cobardemente, afrontando a filha de D. Maria de Mondonça!

— Por essa não vos preocupais. Dois homens destemidos, em quem muito confio, estão lá para as defender, e esses não deixarão entrar pessoa que não seja desta casa ou da minha.

— Há disfarces e a casa é grande... De janelas baixas para o lado da cerca. Até estou a estranhar que de lá não viesse ainda nenhum recado! Ontem mandaram cá duas vezes.

— Pois descansai, que por lá irei daqui a pouco.

— Muito vos agradeço.

Bateram à porta.

— Está ali um criado da senhora D. Maria de Mendonça, que vem saber das vossas melhoras, meu senhor e amo.

— Ainda bem — disse jubilosamente para o tanoeiro.

Deu à criada o recado de agradecimento com a afirmação das suas grandes e progressivas melhoras.

Ficou ainda por instantes a conversar com Afonso Eanes.

Apareceu então à porta, muito alvoroçado, o velho Gonçalo Vasques.

— Senhor Ruy, o Mestre vem outra vez visitar-vos e agora entrou para a sala grande aonde vossa mãe e a minha senhora o foi receber!

— Eu vou. Vinde também, senhor Afonso Eanes. Sei bem quanto apraz ao Mestre ver-vos ao pé de si.

* * *

Conversavam. O Mestre referia-se com mágoa à situação da cidade.

— Mas há de querer Deus que a todos os males se dê remédio, e outros maiores oprimam os inimigos da nossa terra. Que já começaram para eles como se fosse um castigo do céu!

— Senhor, de nada sabia! — disse Ruy, disfarçando neste dizer a interrogação que se não atrevia a fazer-lhe.

— Nem admira. Eu mesmo só há coisa de uma hora o soube por um trânsfuga do arraial castelhano. Vão para lá grandes esmorecimentos, pois que, apesar de todas as recomendações e ameaças, já a própria peonagem de el-rei de Castela sabe apavorada qual flagelo a está dizimando. Entrou mais com eles a peste negra. Está lá desde Julho.

— Senhor! — exclamou D. Dulce — que desgraça tremenda, se para cá lavrasse, agravando a tamanha miséria que vai pela cidade!

— Não há de querer Deus que tal suceda — volveu-lhe — Pelo arraial de el-rei de Castela é que ela vai lavrando como um fogo de morte, que os traz horrorizados. Conforme os dizeres do trânsfuga, já não anda só com a peonagem. Ateou-se mais desde que entrou Agosto e parece que são muitos os grandes senhores que para Sintra e Alenquer têm levado mortos.

— Senhor, porque os levarão para esses sítios, embora seja por Deus que daqui os afastem?! — perguntou D. Dulce respeitosamente.

— O Castelhano que veio entregar-se em muito breves palavras mo explicou. Aos da peonagem os lançam ao rio ou enterram em fundos covões; mas à gente nobre, aos grandes das duas Castelas, das Astúrias, de Leão e da Galiza, a esses os levam para Sintra e Alenquer, e lá ficam esperando nos seus ataúdes que chegue a hora de os transportarem para os seus opulentos solares e castelos, onde os estão águardando jazidas de mármore e de pedra

lavrada. O Castelhano alguns me. Nomeou de que mandei tomar nota e me ficaram de memória. Disse-me que para. Aqueles sítios tinham já levado os cadáveres de D. Pedro Fernandez de Velasco, do almirante Tovar, dos manchais Pedro Ruiz Sarmiento e Fernão Alvarez de Toledo, de D. Pedro Nunez de Lara, do comendador-mor de Castela D. Pedro Ruiz Sandoval, do mestre de Santiago D. Pedro Fernandez Cabeza de Vaca e de Ruy Gonzalez de Mexia. Estes são dos maiores que a peste já matou.

— Senhor, Deus, que tudo podem empestar! — lamentou D. Dulce.

— A uns os cozem e salgam; a outros os abrem, enchem de sal e põem ao sol dentro dos ataúdes, para os levarem mirrados, quando houverem de voltar a Castela. Parece que vão a caminho muito para duzentos os que por todo o arraial morrem em cada dia.

— Jesus!

— Já que a nossa aliada, a Inglaterra, nos tarda com auxílio, vem a peste por aliada nossa de mais perto e com maior presteza!

— Que de uma hora para outra poderá ser também contra nós! — observou D. Dulce.

— Como Deus quiser e mandar, mas então se acabará o cerco a ferro e fogo.

E reparando que o sol esmorecia nos vitrais das janelas e punha no pavimento uns lívidos reflexos, como se estivesse a apagar-se, o Mestre com um pouco de gracejo disse para Afonso Eanes:

— Vede lá, senhor Juiz do Povo, se a peste castelhana também já chegou a esse afogueado sol com que o dia começou.

O tanoeiro aproximou-se de uma das janelas.

— Parece que vamos ter grande volta de tempo! Mas é estranho! Não vejo nuvens no céu e o sol está a sumir-se!

— Assim é — disse o Mestre, já ao pé do tanoeiro — Escurece!

— Mãe de Jesus, a fazer-se noite! E os sinos a darem as badaladas do meio-dia!

Ruy lembrou o que uma vez ouvira acerca dos eclipses do sol ao velho astrólogo, que havia anos predissera o grande futuro de Nuno Álvares, e mais era ele então uma criança.

Jovem bem do seu tempo, o Vasconcelos resumiu o fenómeno como a astrologia o entendera e aproveitara para as suas artimanhas de adivinhação. E na Idade Média era aquela a suprema ciência e a maravilhosa arte que sabia ler no céu como em livro aberto de divinos mistérios, os astros figurando caracteres de uma linguagem, que só os magos e astrólogos sabiam entender.

As estrelas diziam a sorte das criaturas e os destinos das nações. Ou se tratasse de um rei, cercado de esplendores, ou de um mendigo coberto de farrapos; de um império na plenitude do poder e da glória ou de uma aldeia mesquinha, perdida nas bravezas da serra; os astros diziam tudo, o futuro fosse de quem fosse; mas só os astrólogos, malucos de ingénua crença ou farsantes de gananciosa ambição, só eles sabiam entender e explicar os avisos que apareciam no céu.

Crendice de superstição ou embuste de ganhões velhacos, era remotíssima e de grandes créditos a tradição daquela

ciência adivinhadora. Nasceu do olhar sonhador dos pastores caldeus e nas mãos dos mágicos egípcios se foi mudando, sem eles próprios darem por isso, numa ciência de investigação, de arrojada investigação dos fenómenos celestes. Desta evolução proveio a astronomia, como de um ninho rústico de penhascos pode erguer-se e voar uma águia noviça para as maiores alturas e para a mais intensa luz.

A Idade Média reacendeu o culto da astrologia com todo aquele fervor religioso e aquela impetuosa energia, ardente e semi-bárbara, que punha em tudo, no amor e no ódio, na fé e nas torpezas, nas abnegações e nas ignomínias, na sua galanteria heroica ou na sua desalmada ferocidade.

Reacendeu-o, mas logo o subtraiu a influição lendária dos deuses pagãos, para lhe dar vassalagem na corte do céu católico apostólico-romano.

E para os tenebrosos destinos nenhum cartaz-aviso de mais trágica significação de que um eclipse de sol ou um cometa de cauda.

Ora aqui está porque, apesar de todas as suas explicações de homem corajoso, Ruy não conseguiu serenar o ânimo espavorido da mãe.

Ficou-se numa lividez assustadora, de mãos postas, a soluçar rezas, cheios de lágrimas aqueles seus olhos magoados.

Mas o terror já por toda a casa se desvairava em clamores de piedade e em choros altos de aflição. Corriam em todas as direções numa alucinação de loucura as criadas e os servos antigos como crianças estonteadas de medo.

O velho Gonçalo Vasques assomou à porta a tremer.

— Senhora! Faz-se noite ao meio-dia! — disse, gaguejando.

Mas já o alvoroto nas ruas era enorme. Sentia-se o tropel das multidões a redemoinharem pelas ruas na vertigem de fugir, nem elas sabiam de quê e para onde! Ouviam-se, numa vibração alanceadora, os gritos pungitivos das mulheres e das crianças.

— Até o céu nos desampara! — percebia-se que iam dizendo na rua amarguradamente.

— Luzes! Tragam luzes! — mandava o jovem Vasconcelos à porta da sala.

Inútil mandado. As criadas vieram de roldão pela porta dentro em clamores, em súplicas de misericórdia, e foram cair de joelhos ao pé de D. Dulce.

Até se ouviam os sinos a dobrar!

Por momentos, cabisbaixo, o Mestre sacudiu de si, numa cara de ânimo, toda aquela sugestão de pavores supersticiosos, e disse alto, com serena firmeza, para Afonso Eanes:

— É preciso ir realentar o povo e ter mão nos nossos homens de armas dos muros e das torres. Sinal de castigo celeste, se o é, não será para nós, que estamos pela boa causa, senão para os nossos inimigos, que vieram para nos matar Portugal. Ficai confiante na misericórdia de Deus, senhora minha — disse para D. Dulce — Vinde vós, Afonso Eanes.

— Mestre, deixai que vos acompanhe — solicitou Ruy.

— Não podeis, não deveis — respondeu-lhe, já no limiar da porta.

— Para dar conselho ao povo nem as pernas me fraquejam, nem a voz me falta — alegou, mas o Mestre já tinha saído.

— E da tua mãe e dos nossos te esqueceste, filho!

— Vós não estais no caso dessa gente crédula que anda aí apavorada e pode desamparar os muros e a defensa da cidade.

— Assim enfraquecido! Mas faz o que quiseres. Adivinho as preocupações que te levam daqui.

— Pela Nação, que a bem dizer está dentro de Lisboa... Depois por Madalena. Senhora, perdoai e deixai-me ir.

— Deus vá contigo — disse sumidamente.

* * *

Não chegou a durar oito minutos o ofuscamento da luz solar, mas a penumbra, que para os olhos dos espavoridos parecia ter negrumes de noite caliginosa, essa durou um

pouco mais, por causa do fenómeno a que os modernos astrónomos dão o nome de sombras ondulantes.

O Mestre começou a sua tarefa de apaziguador de ânimos, mal que transpôs a porta do palácio de D. Dulce.

— Gentes, escutai! — ia gritando à turbamulta — Castigo de Deus será esta escuridade, não para nós, mas para os cercadores de Castela, católicos cismáticos do antipapa de Avinhão (*).

[(*) Havia então dois papas; um em Roma e outro na cidade de Avinhão — Urbano IV e Clemente VII. Este era o papa dissidente, o pontífice cismático. E Castela tinha-o reconhecido por legítimo chefe da Igreja Católica. Os Portugueses ficaram fiéis ao outro de Roma.]

E assim, como astuto político, ia aproveitando a oportunidade de robustecer a coragem e o sentimento patriótico do povo, deixando-lhe entrever que a proteção divina favorecia a causa de Portugal.

— Senhor, o sol foge-nos como os tredos têm fugido! — volveu-lhe chorosa uma esfarrapada com o filhito ao colo,

louco de medo.

— Mulher, também lhes fugiu a eles, também se enegreceu para eles com dobrado castigo, pois que, vai em dois meses, lá têm a peste negra a matar-lhes a melhor gente.

— E nós aqui a fome negra! — replicou um velho.

— Gentes! — exclamou a nossa conhecida tia Lourença, intervindo com ânimo varonil — acreditai nas palavras do Mestre, que mais sabe dessas coisas a dormir que nós outros acordados, e deixai-vos de alanzoar parvoeiras.

— Pois nele cremos e nele confiamos, depois de Deus e da sua Mãe Maria Santíssima.

— Dizeis bem e ficai assossegados — acudiu o Juiz do Povo, aproveitando o realento dos espíritos para abrir caminho por entre o povo.

Foram indo para diante. As mesmas lástimas, terrores iguais e o Mestre na necessidade de repetir idênticas palavras de acalmação e de estímulo patriótico.

As igrejas estavam com os altares iluminados cheios de gente que soluçava preces.

No Rossio um mar revolto de povo em clamores de angústia.

Foi difícil tarefa serená-lo.

Ali o Mestre teve outro argumento para exaltar os ânimos. Deu-lho o próprio sol, já com um largo disco de luz dourada a brilhar por cima da cidade. Era um sinal de que o sinistro aviso de cólera celeste não era para Lisboa.

E naquela altura o auxiliou valiosamente o velho astrólogo Pedro Afonso, que por ali andara a dizer palavras de boa profecia, que ninguém lhe queria ouvir.

Valeu-lhe o prestígio do Mestre naquela conjuntura, e lá o deixou recomendando ao povo que o escutasse. D. João seguiu rapidamente para as Portas de Santa Catarina.

Lembrara-lhe que dos Castelhanos alguns de mais ousadia e menos crendice poderiam aproveitar a consternação da cidade para uma investida de surpresa. As suas arremetidas eram mais frequentes por aquele lado da linha de fortificações.

Entretanto, o astrólogo, de guedelhas sobre os ombros, contra o uso em Portugal, e garnacha preta cingida ao seu corpo alquebrado de velho, explicava com largos gestos qual sentido devia dar-se àquele anúncio do céu.

— Este sol que está no signo de Léo e foi criz (*) ao pino do meio-dia, perdendo a sua clara luz vem a significar grande mortandade no povo de Castela.

[(*) Vocábulo antigo indicando ofuscamento que amedronta; eclipse.]

Desta vez ouviu bem o povo. O sol reaparecia numa aleluia de ouro.

— Pois que Deus mande o castigo para esses que aí estão a cercar-nos com o fito de nos roubar a terra que é nossa — gritou a tia Lourença — Portugal dos Portugueses, e nunca do rei castelão!

— Por Deus, nunca! — bradaram milhares de vozes na vibração de uma só alma.

* * *

Eram infundados os receios do Mestre. No acampamento dos sitiantes o pavor ainda fora maior, para que pudessem pensar num assalto, que o terror supersticioso do povo tornaria talvez fácil e de bom êxito.

Para alguns de Castela o acabrunhamento de ânimo chegara a umas alucinações de medo louco. Estava já o sol em pleno resplendor e ainda a gritaria e o reboliço dos espavoridos eram estonteadores, enormes.

Vimos este de 1905 numa pequena povoação da beira-mar, para além do grande pinhal de Leiria. Foi muito sensível o escurecimento e, embora não fosse total, produziu uma estranha impressão de frio e de tristeza. Houve uns momentos em que todos os aspetos da paisagem tomaram um tom lívido que fazia esmorecer. As aves agitavam-se num mal-estar evidente.

A Lisboa do século XVI tinha visto em 1379 um eclipse total do sol, e portanto, de maior pavor que o de 1384, mas o seu estado de alma nos angustiados dias de Agosto deste ano

havia de engrandecer-lhe pelo dobro as impressões de terror supersticioso. Para os olhos daqueles amargurados teria negrumes de agouro trágico.

Devemos à gentileza do Sr. Frederico Oom, ilustre subdiretor do Observatório Astronómico da Tapada da Ajuda, os esclarecimentos acerca do dia, hora e fases do eclipse de 1384.

Tão supersticiosos como os Portugueses, e afinal como todos os outros povos da Europa medieval, ainda os mais cultos, os Castelhanos tinham motivos especiais para maior terror e mais facilmente acreditar num aviso de cólera celeste.

Com os melhores guerreiros de quase toda a Espanha e um corpo auxiliar de aventureiros de França, dos mais ilustres e dos mais bravos da Gasconha e do Bearne, com o triplo da gente de armas que tinha Lisboa e a mais soberba esquadra que ainda entrara no Tejo depois das Cruzadas, e só em reveses se tinha assinalado para eles aquele mal agourado cerco.

E para mais aflitiva depressão moral e mais aterradora suspeita de que até o céu lhes era adverso, aquele flagelo hediondo e lúgubre da peste, que já lhes tinha morto os mais brilhantes e os mais famosos dos seus caudilhos e tanta gente como se houvessem perdido uma porfiada batalha.

Agora sobre esse acampamento por onde a peste negra vagueava, aquele céu de súbito enegrecera como se as mãos omnipotentes, as mãos de Deus, o houvessem velado de crepes!

Estava o Mestre em frente do postigo interior das Portas de Santa Catarina, quando lhe apareceu Ruy de Vasconcelos no seu andar vagaroso de convalescente.

— Sois imprudente! — disse-lhe.

— Senhor, o dever era sair. Não me faltam as forças; embora um pouco mais quebradas. Para dar alento a gente espavorida a voz bastava, e ela poderia combater, se tal fosse preciso. De cercos antigos tenho ouvido que até os enfermos fugiam dos hospitais para se arrastarem aos

muros de defesa, quando era mais bravio o assalto dos sitiadores. Senhor, nada pode valer o que fiz.

— Pois bem; dais honroso exemplo. Quando vos aprouver, voltareis a casa.

— Mestre! — veio dizer o anadel-mor dos besteiros. — um arauto com o pendão real de Castela, seguido de um cavaleiro com bandeira branca, pede para vos entregar uma mensagem de el-rei.

— Ide recebê-lo com escolta e aqui mo trazei de olhos vendados.

— Senhor, sem nenhuma delonga — volveu-lhe o anadel, retirando-se.

— Não consigo atinar com o que possa querer de mim el-rei de Castela — disse para Afonso Eanes.

— Talvez proposta de trégua por causa da peste — lembrou o Juiz do Povo.

— Não lha dou — acudiu secamente — Que volte el-rei para Castela, se tem medo da peste. Também nós temos cá dentro a fome e a sede, e ainda não fomos pedir tréguas.

Veio o cirurgião do hospital de sangue, ali estabelecido a duzentos passos das portas, num casarão que fora albergaria de forasteiros e ficava contíguo a uma ermida em ruínas.

Apresentou-se ao Mestre e deu-lhe conta dos doentes que tinha. Depois lhe pediu uns momentos de confidência e com ele se afastou para junto das ruínas da ermida.

— Senhor, ontem se deu um caso que tenho conservado em segredo. Às portas veio apresentar-se fugido um Castelhano que pedia guarida, entregando as suas armas. Deram-lhe acolhimento, e mau foi que lho dessem!

— Porquê?

— Porque vinha atacado de peste, não com um daqueles achaques lentos, que levam uma ou duas semanas a decidir, mas dos que matam num dia!

— E depois? Dizei — mandou o Mestre numa grande inquietação de ânimo.

— Mal que o receberam, se começou a sentir nauseado, a tremer de frio, a cambalear, e assim mo foram levar ao hospital. Logo me sobressaltei com aquele doente, que já

vinha com os olhos toldados de sangue e o rosto a desfigurar-se-lhe e a fazer-se negro. Levei-o comigo para uma barraca de madeira que tinha ali ao lado do hospital com barricas de alcatrão, e ali mandei que lhe fizessem a cama. Observei-o sozinho, atentamente. Tinha tumores nos sovacos, ardia em febre, estavam a inchar-se-lhe os beiços e a língua.

— Estava com a peste?!

— Senhor, estava! Horas depois, entrava com ele um delírio louco, um desespero como se o estivessem queimando as chamas do inferno!

— Dizei o resto.

— Direi o resto em vida! A ninguém contei as aflições que me estavam mortificando! Se a peste viesse dar as mãos à fome, Lisboa teria de entregar-se, e ficaria perdida a causa de Portugal! Não quis ali ninguém comigo. Disse ao enfermeiro que se tratava de um homem envenenado com uma peçonha mortal, cujos efeitos queria observar. Não era preciso que me acompanhasse, faltando aos outros doentes.

— E depois?

— Lancei fogo às barricas de alcatrão. O Castelhano agonizava, apodrecido. Eram altas horas da madrugada. Estavam adormecidos no hospital; só as sentinelas velavam. Iam para dar alarme: evitei-o, alegando que o fogo pegara por descuido meu e não valia a pena alvorotar ninguém, pois era útil que a barraca ardesse, visto que a peçonha que tinham dado ao Castelhano de todo o apodrecera e seria funesto levá-lo dali.

— De nada sabia! — observou o Mestre com áspera estranheza.

— Senhor, foi propósito meu não dar importância ao caso, para que se não levantassem desconfianças de alvoroto. Na cidade já se sabe que a peste está nos arraiais dos Castelhanos e não faltaria quem suspeitasse da minha bem intencionada falsidade...

— Sim... Fizestes bem. E parece-vos que haverá perigo de cá entrar por causa dessa imprudência?

— Senhor, talvez não. O que importa agora é evitar que se dê guarida a qualquer outro.

— Mandei receber um parlamentário de el-rei de Castela e aqui o espero.

— Logo se perceberá que vem já tocado do horroroso flagelo. Irei eu vê-lo primeiro, se mo consentirdes.

— Não serão precisas tantas cautelas, doutor Domingos Afonso.

— Senhor, até por traição vos podem meter a peste cá dentro, mandando em disfarces de parlamentário quem já a traga consigo, bem que ainda muito incubada.

— Isso me parece demasiada desconfiança, senhor físico da Universidade de Salamanca! — volveu-lhe o Mestre, sorrindo.

Domingos Afonso fora estudar medicina e cirurgia na Universidade de Salamanca no ano anterior àquele em que João das Regras fora cursar direito, para a Universidade de Bolonha. Salamanca tinha então a mais famosa das universidades de Espanha e muitos jovens portugueses ali se tinham doutorado.

— Senhor — veio dizer o anadel-mor — ali está a dentro das portas, entre a minha escolta, a pé e vendado, o

mensageiro de el-rei de Castela.

— Trazei-mo. Ali no adrozito daquela ermida o ouvirei. Não quero entrar em negociações de mistério com D. João de Castela.

O anadel retirou-se.

— Ruy de Vasconcelos — chamou alto o Mestre — e vós, Afonso Eanes, honrado Juiz do Povo, acercai-vos para saberdes também da mensagem de el-rei de Castela.

Os dois vieram e foram com o Mestre para o adrozito da ermida em ruínas.

Na preocupação dos seus receios de profissional, o doutor Domingos Afonso escapara-se à socapa e lá fora ver o parlamentário, a quem observou e fez diversas perguntas no puro castelhano que aprendera em Salamanca.

— Por este não virá perigo — concluiu de si para si, após aquele brevíssimo exame — Só se a traz muito embuchada consigo.

Trouxeram o mensageiro à presença de D. João. Antes de lhe entregar a carta, o escudeiro disse alto os títulos de

quem o enviava:

— Del sefior D. Joan el primero, Rey de Castitta, de Leon, de Toledo, de Gallizia, de Sevilla, de Cordoba, de Murcia, de Jaen, de Algeciras, Senor de Soria, de Viscaya y de Molina, Rey herdero de Portugal y del Algarbe.

D. João acudiu logo de má sombra:

— De todos esses reinos e grandes terras será rei D. João I de Castela, menos de Portugal e Algarve, porque não o há de querer Deus e não o queremos nós. Disto vos não esqueçais, escudeiro. A carta de el-rei.

O mensageiro entregou-lha, curvando-se.

O Mestre quebrou o selo de cera e desatou as fitas que envolviam o rolo de pergaminho da mensagem real.

Leu. Atrás dele Estêvão Afonso Eanes e Ruy de Vasconcelos. Em frente do Mestre, a dez passos, ao lado do anadel-mor de besteiros, o parlamentário de Castela, de elmo emplumado e, por cima da sua armadura resplandecente de Toledo, um curto loudel de damasco vermelho com os brasões reais de Leão e Castela, bordados a ouro e prata.

O Mestre acabava de ler.

— Dizei a el-rei de Castela que nem Lisboa se entrega, nem Portugal aceita a regência de qualquer estrangeiro em nome da senhora D. Beatriz, rainha de Castela. Eu por mim serei o Regedor e o Defensor do Reino, enquanto o povo, o clero e os fidalgos leais de Portugal quiserem que o seja. E mais lhe dizei que tal resposta lhe não mando por escrito para vos não dar demora aqui, visto que vindes de um arraial infestado de peste. Afirmai-lhe que foi paga de exceção receber-vos, sabendo, como sei, que o flagelo negro está assolando o seu acampamento real e cobrindo de luto as mais ilustres famílias do seu reino. Tendes a vossa missão cumprida. Mais não tenho a dizer-vos. Anadel-mor, conduzi para fora dos muros o mensageiro de el-rei de Castela.

* * *

O Mestre seguira para baixo com o pequeno grupo de fidalgos que o tinham acompanhado e despedira-se de Ruy

de Vasconcelos, recomendando-lhe que se recolhesse a casa.

Prometeu-lho, mas em consciência lhe fez a promessa com a restrição de ir primeiro a casa de Madalena.

Afonso Eanes ficara com ele para o acompanhar ao palácio dos Mendonças.

Tinham dado uns passos apenas, quando avistaram o velho Gonçalves Vasques, acompanhado por um homem corpulento do povo.

— O meu aio naquela azáfama para aqui! — exclamou Ruy num sobressalto resultante de vagos pressentimentos.

— E com ele um dos homens que eu tinha de guarda ao...

Não concluiu. O plebeu de atlética estatura adiantara-se para ele nuns grandes passos, que o septuagenário não podia seguir.

— Mestre Afonso Eanes, as senhoras desapareceram! — disse numa voz oprimida, a poucos passos dele.

— Desapareceram? — repetiu Ruy, lugubremente pálido, num grito enrouquecido, tocado de angústia, lento como se cada sílaba daquela palavra trouxesse o peso de um supremo infortúnio e o pedaço de uma coisa imensa na derrocada do seu maior sonho.

— Isso há de ser desvario vosso! — acudiu o tanoeiro numa hesitação perturbadora de incredulidade e de dó.

— Mas dizei tudo, tudo a claro! — rouquejou o Vasconcelos, tomando febrilmente o braço do plebeu, que era o mais possante dos mecânicos de Lisboa.

— Uma grande infelicidade, meu amo e senhor! — disse, ofegante, num compungimento de alma, o pobre do Gonçalo Vasques.

— Mas como soubestes que desapareceram? — perguntou Afonso Eanes.

— Foram os criados que deram pela falta das senhoras, mal que o sol tornou a descobrir.

— Mas teriam ido espavoridas para algum aposento oculto do palácio — lembrou sacudidamente o Vasconcelos.

— Corremos tudo e ninguém as viu!

— Sairiam?

— Ninguém saiu de casa.

— Deixaram lá entrar alguém suspeito? — perguntou Afonso Eanes.

— Ninguém lá entrou!

— Aqui tendes a infâmia que eu previa! — disse Ruy em repelões de cólera, voltando-se para o Juiz do Povo — Vingou-se o vilão ignóbil de Antão de Mendonça. Entrou lá de noite, ocultou-se por lá... Levou-as durante os momentos de pavor do eclipse... E essa gente bronca não viu nem percebeu nada! Tolhidos de terror como os outros! Vamos lá, senhor Afonso Eanes. Quero compreender como isso foi. A vida inteira para o encontrar, e matá-lo-ei, seja onde for, como alguém que tudo perdeu mata o ladrão que tudo lhe roubou. Ainda que fosse nos degraus de um altar!

Estava desfigurado, fazia gestos violentos de enlouquecido desespero.

— Acalmai-vos, senhor Ruy de Vasconcelos.

— É aconselhar impossíveis, mestre Afonso Eanes. Vamos, ou vou eu sozinho, já que não estando lá Madalena, o meu voto por si próprio se quebrou.

— Eu vou também — volveu Eanes, pondo-se ao lado dele.

— Levo o inferno dentro em mim! — regougava, dando uns largos passos, que o tanoeiro dificilmente podia acompanhar — Vai a minha vida mudar-se noutra, horrorosamente diferente!

— Perdoai, mas eu não creio nisso que vós já tomais como desventura certa e segura.

— Boa piedade vossa por mim.

— Não posso crer.

— Já em tudo creio. Nos piores fingimentos, nas mais hediondas torpezas! Trazia na alma um sonho de mais dourada luz que a desse ardente sol que há pouco se encobriu — ia dizendo baixo, doloridamente, para aquele plebeu que era dos seus maiores amigos — agora leva mais sombras do que teve o céu por instantes! Sombras talvez para sempre, escuridão para não acabar nunca!

Tinham chegado em frente do torvo palácio medievo.

CAPÍTULO XI

DOLOROSA SURPRESA

Estavam os criados numa consternação, que mais provinha do pavor supersticioso das suas almas crédulas do que de piedade por aquelas senhoras que se tinham sumido como por feitiçaria, naqueles momentos de terror em que o sol se velara ao pino do meio-dia.

A lamuriar, as criadas afiançaram a Ruy de Vasconcelos que já umas poucas de vezes tinham corrido as casas todas e nenhum indício tinham encontrado do paradeiro das senhoras.

Em arrepios de pavor, o velho, que para ali tinha ido de casa de D. Dulce, confirmava as declarações das criadas.

Num estonteamento de amargurado e nuns estremeções que lhe vinham do coração, torturado de dúvidas e de suspeitas, Ruy fazia perguntas sobre perguntas.

— Ontem ou esta manhã notaram aqui alguma pessoa estranha ou suspeitaram que houvesse entrado cá alguém desconhecido?

Unanimemente responderam que ninguém tinha entrado e nada suspeito tinham visto. De manhã tinham falado com as senhoras; pareceram-lhes alegres; a menina levantara-se a cantar um modilho mouro que a mãe lhe ensinara, pormenorizou a criada das câmaras de dormir.

— Daí é que vem o mal todo! — disse, confrangido o criado antigo.

— Daí, de quê? — interrogou secamente o jovem cavaleiro.

— Da senhora D. Maria ter sangue mouro e de haver sido esta casa habitação da mourama, que é raça de encantamentos e feitiçarias!

— Tonteiras de velho! — retorquiu-lhe asperamente — Quando o sol se começou a encobrir, onde estavam as senhoras? — perguntou às criadas.

— Estavam na casa da costura — respondeu a mais idosa — e eu com elas. Eu digo tudo como foi. A gente

começou de estranhar o clarão do sol, a modo a esmorecer. A luz que entrava cá dentro vinha tão triste como se fosse de um tocheiro grande nalgum enterro que lá houvesse no céu! E no pátio a criação toda num reboliço e a recolher-se assim como se fosse a anoitecer! Os cães puseram-se a uivar lá fora e o sol a morrer, a morrer! Fui à janela com a Menina. Até já fazia frio! O sol era já assim como quem diz uma brasa que se ia apagando e fazendo negra, negra! Deus de misericórdia! Do casarão velho veio uma revoada de corujas e mochos bater contra a janela. Julgavam que era já noite velha! E os sinos a darem as badaladas do meio-dia! Pusemo-nos a rezar numa agonia. Ouvimos gritos na rua, gritos em toda a casa, os cães uivavam mais, como se eles também estivessem a chorar. Foi um pavor! Fugimos à doida, nem nós sabíamos para onde! A Menina nuns soluços que cortavam o coração, e a chamar por vós, amo e senhor meu, como se naquela hora lhe pudésseis acudir!

— Depois? Vamos!

— Senti uns passos vagarosos, assim como de quem não tinha medo, e umas vozes que vinham daquela grande sala

onde estão armaduras!

— A sala de armas. E as senhoras?

— Aquela sala faz pavor, fugi então pelo corredor fora, a apalpar as paredes, a gritar, numa loucura de medo, e foi então que de todo me perdi das senhoras! (*).

[(*) Nenhuma estranheza nos devem causar aqueles pavores de gente supersticiosa dos fins do século XIV. Quatrocentos anos depois ainda era preciso encarregar os párocos de precaverem o ânimo dos seus paroquianos para que não os tolhesse de pavor o espetáculo assombroso de um próximo eclipse de sol.]

Mas António Mendes — disse, apontando o criado antigo — contou que ouviu aqui um grito abafado, que lhe pareceu ser da Menina, e logo uma restolhada de passos na dita sala.

— É verdade isto? — perguntou o Vasconcelos ao velho criado.

— É, meu senhor!

— E tão poltrão, velho tímido como uma criança, que nem vos atrevestes a ir ver o que era!

— Fui lá, meu senhor, assim que o sol descobriu e não vi senão um tamborete derribado e um saio de malha de ferro caído no chão. Dizem que aparecem ali mouros encantados! — acrescentou, acabrunhado, numa expressão de terror supersticioso.

— Vou lá eu — disse Ruy para Afonso Eanes — Quero ver se compreendo o que este velho tonto não soube compreender!

Deitou pelo corredor fora, como enlouquecido.

— A porta oculta de que Vasco Eanes suspeitava! — ia pensando — Mas por ali quem?! E para quê?!

Abriu a porta da sala numa cara violenta. Correu para o pano marroquino que ocultava a outra porta pequena de chaparia de ferro e ferrolho de bronze, como se fosse de um castelo.

Deu um puxão ao velho reposteiro, que se lhe estiraçou na mão.

— Olhai que se vos pode agravar o ferimento do outro braço — lembrou-lhe Afonso Eanes, que viera atrás dele.

— Foi por aqui! — rouquejou — Mas o ferrolho estava corrido deste lado e alguém houve então cá de dentro que abriu a porta. Quem? — perguntou sumidamente ao seu coração alanceado — Elas próprias, talvez... A mãe? — interrogou ainda numa dor de alma indefinível, com esta suspeita a enroscar-se-lhe no coração e a matar-lho como se fosse uma serpente enorme a instilar-lhe o veneno dos supremos desesperos — Mestre Afonso Eanes, hemos de abrir esta porta.

— Deixai, que vou eu experimentar se a posso abrir.

Experimentou. Estava fechada do outro lado.

— Só arrancando-lhe a chaparia para depois a escavacar a machado ou consumi-la a fogo.

— Seja como for, é preciso abri-la — volveu-lhe lugubremente — E dai conhecimento ao Mestre deste caso, que pode ser de perigo para a cidade.

— Vou mandar que me tragam aqui dois ferreiros.

— Não, não! Isso daria grande alvoroto na cidade.

— Tenho aí esses homens que estavam de guarda a esta casa. Um deles é serralheiro. Esses hão de bastar.

— Sim, esses.

— E com certo recato para não dar alarme, que mais venha atribular o ânimo do povo. Se mo permitis, darei ordem para daqui não sair ninguém.

— Mandai o que entenderdes. Eu fico de guarda a esta porta maldita.

— Vós não podeis.

— Tudo posso, tudo agora devo poder! A culpa é toda minha. A minha penitência há de ser de morte.

— Corre-se este ferrolho de bronze e ninguém aqui poderá entrar enquanto não viermos derrubar a porta.

Correu o ferrolho.

— Isto não dará mais largura que a de dois homens a par. Daqui quatro ou cinco homens resolutos fazem frente a trezentos, que se tivessem encafuado por aí dentro.

— Basto eu, e que me tomem o lugar quando a vida me faltar.

— Estou a perceber que suspeitais daqui alguma traição!

— Suspeito.

— Mas de quem?

Do miserável Antão Gonçalves, combinado com o pai de Madalena. Já temos visto como do arraial inimigo facilmente se têm combinado com alguns traidores de cá.

— Entrando por esta porta para se apossarem da cidade?!

— Para espalharem o pavor entre o povo, auxiliando algum novo assalto de surpresa, pela calada da noite.

— E para que tinham de levar então essas duas pobres senhoras?

— Essa terá sido a vingança infame de Antão Gonçalves contra mim! — rouquejou, torvo de cólera — Para que Madalena seja dele, compreendeis, mestre Afonso Eanes? — disse numa convulsão de ódio, olhos marejados, fitos no

mecânico — Para que seja dele a minha malograda noiva, entendeis? E dando a vitória ao Castelhano, ele o Português de hedionda alma, dando-lha por uma traição que os meus amores tornaram fácil, viria para a cidade vencida alardear a sua ventura de amante e roer de rastos, como um sabujo, o osso de el-rei de Castela! Mas hei de eu ter morrido primeiro, aqui, atravessado nesta porta! Mandai chamar os vossos homens, mandai aviso ao Mestre.

— A esse só eu mesmo lhe hei de ir dar conta disto, e em segredo há de ser. Quanto a vós, aqui não sois necessário. Lê-se bem no vosso rosto o muito que sofreis. Há de estar em grande preocupação a vossa mãe e senhora.

— O dever é ficar. Por favor, mandai recado a minha mãe, dizendo-lhe que me não espere.

— Aqui virá mortificada!

— Embora, aqui hei de ficar. Por ela e pelos meus pobres sonhos mortos, vos juro!

— Pois seja como quereis. Voltarei depressa.

O tanoeiro a sair e as lágrimas a saltarem-lhe dos olhos.

— Homem, podes agora chorar como as crianças e como as mulheres! — disse de si para si, sumidamente — Não! Não! Seria grotesco chorar nesta hora!

E logo num grito rouquejante:

— Ódio! O mais entranhado e profundo ódio a esse infame roubador! Duas vezes já atravessado no meu caminho! Boa fortuna há de ser a dele para que eu o não encontre!

* * *

Um quarto de hora depois revoava pela sala de armas o ruído, ora cavo, ora vibrante, de umas fortes pancadas que faziam tremer as velhas panóplias, os lorigões (saios grandes de malha de ferro), os capelos e as gorjeiras dos primeiros tempos da monarquia.

Um serralheiro despregava lentamente a chaparia da porta; dois homens com alavancas procuravam deslocar os gonzos; um outro, encostado a um grande machado de

mateiro esperava ocasião de golpear a madeira a descoberto.

Atrás deles, a poucos passos, Ruy de Vasconcelos, de olhos cravados na porta, num torvo emudecimento, de instante a instante em estremeções como de epilético.

Ao seu lado, cabisbaixo, silencioso, o Juiz do Povo.

Ninguém mais naquela casa soturna cuja grande porta de entrada o tanoeiro aferrolhara por dentro.

— Como se fosse a porta do inferno que eu tenho comigo! — pensava Ruy, de momento para momento mais desfigurado. ?

— Uma doida aventura! — murmurou o tanoeiro tristemente.

— Mãe de misericórdia, que mo enlouqueceram! — soluçou D. Dulce, caindo sobre um tamborete.

— Tomé João — disse Eanes para o serralheiro — se quereis, vinde comigo.

— Para aonde quiserdes, mestre Afonso Eanes.

— Ide então buscar outra luz. Senhora — disse, aproximando-se de D. Dulce — ficai descansada, que eu seguirei vosso filho. Mas fazei-me agora o favor de vos afastardes daqui.

— Deixai-me ficar. Aqui esperarei que ele volte.

— Senhora, então como for da vossa vontade.

O serralheiro voltou com uma candeia grande de dois bicos.

Afonso Eanes tomou duas lanças de uma panóplia, uma para ele e outra para o serralheiro.

— Vamos nós também — disse o do machado, indicando os outros dois das alavancas.

— Vós, não — acudiu Afonso Eanes — Ficai de guarda aqui. Um que vá chamar os cinco besteiros que estão à porta da rua e guardareis todos esta passagem. A qualquer ruído suspeito, dai sinal de alarme e, dos que primeiro acudirem, alguém que vá logo dar aviso ao Mestre.

— Assim se há de fazer — respondeu o mais velho dos três.

D. Dulce erguera-se com supremo esforço e fora numa tremura convulsiva para a cadeira maior, junto da grande mesa de cedro.

Ouviu como estonteada todas aquelas recomendações de Afonso Eanes. Pareciam-lhe palavras de estranho e lúgubre sentido num sonho de pesadelo.

Encostou a cabeça às mãos para que não vissem como ela chorava. Ardia em febre.

* * *

Passaram duas horas de suplício para aquela pobre mãe.

Os homens de guarda à porta falavam baixo. De bestas armadas, os cinco chamados por ordem do Juiz do Povo esperavam em fila em frente da porta escancarada. O homem do machado estava encostado a uma ombreira, um outro como esculca fora postar-se a uns vinte passos para além deles, à escuta no corredor mergulhado em sombras.

— Tardam! — disse o do machado.

E, dando uns passos para o corredor, perguntou:

— Nada ouvis?

— Nenhum rumor! — respondeu o que estava de vedeta.

— Já tinham tempo de chegar à Outra Banda, ainda que o caminho, ou que demo é este escaninho negro, fosse dar lá, por baixo do rio!

— Dizem que isto foi casa do tempo dos mouros! — explicou baixo um dos que trabalhara com alavanca — Uma vez ouvi eu contar que tinha havido aqui mouros e mouras encantadas!

— Histórias da vida! Não foram mouros que sumiram por ali as tais duas damas que estavam cá! A gente bem percebe as coisas. Caminhos debaixo do chão já eu tenho ouvido falar de uns poucos em Lisboa, até na alcáçova do Castelo: mas o pai daquela linda rapariga que enfeitiçou o Vasconcelos.

— Schiu! Olhai se a mãe, que para ali está amarfanhada, vos pode ouvir!

— Não ouve.

— Dizei mais baixo, mas dizei o resto.

— O pai da rapariga está com os castelões, passou-se, vendeu-se, e o que o Vasconcelos e o Juiz do Povo receiam é que ele viesse buscar a mulher e a filha e por aqui volte com os de Castela para nos tomar a cidade, se isso é caminho que vá dar ao rio ou a sítio por onde os cercadores possam andar à sua vontade. Por isso eles foram-se por esse cacifo dentro. Ora aqui tendes o que é.

— Mas por aqui só se cá viessem a dois, e bastariam quatro ou cinco homens resolutos com bestas e lanças para os ir chacinando, mal que eles assomassem.

— Reparai. Lá está a mãe do rapaz a engrilar para aqui a ver se percebe alguma novidade.

— Há de estar cansada de esperar.

— E de chorar, que a gente bem percebe que tem chorado às escondidas. E não tardará que nos pergunte, pela quinta ou sexta vez, se não temos ouvido passos.

D. Dulce levantara-se. Tinha os olhos encovados, pareciam mais fundas as rugas das faces.

— Meu dito, meu feito — bichanou o que tinha acabado de falar.

— Dava cinquenta dobras — disse numa tremura de voz, indo para eles — dava-as a quem me quisesse acompanhar para ir ter com o meu filho. E ficar-lhe-ia em tamanha obrigação como se lhe não houvesse dado nada.

— Senhora, nem é preciso tanto dinheiro. Vou eu, se vós quereis.

Alguém entrara na sala.

— Mestre Afonso Eanes! — exclamou com alvoroço um dos besteiros.

D. Dulce voltou-se num movimento febril e foi para ele entontecida.

— Rui?!

Era uma pergunta como um grito, uma palavra em que vibravam todas as fibras do seu coração de mãe.

— Senhora, sede tranquila. Cheguei, pouco depois do vosso filho, ao cabo desse caminho oculto.

— E ele, onde ficou?

— Foi à presença do Mestre.

— E não veio ter comigo!

— O Mestre tão turbado o viu, tão gasto de forças, que lhe deu ordem formal de voltar ao vosso palácio, e pelo seu físico o mandou acompanhar lá.

— Senhor Afonso Eanes, por piedade não me enganeis!

— Senhora minha, pela boa fortuna da nossa terra vos juro, e não tenho agora jura maior para a minha alma. O cirurgião achou que o ferimento um pouco se lhe agravara, e da febre que lhe encontrou sabeis vós, senhora, e sei eu a causa.

— Febre de perigo, dizei?

— Febre grande, que em alguns dias há de passar, por Deus o creio.

— Vou ter com ele. Dos criados desta casa algum que vá comigo.

— Senhora, serei eu, se tal honra me quereis dar.

— Mas depressa.

— Dai-me uns instantes para dizer um recado àqueles homens.

— Sim... A demora que for precisa.

— Podeis retirar-vos, meus amigos e muito vos agradeço o auxílio que me destes. Ao sol-fosco aparecei na minha casa. Há trabalhos que se agradecem, ainda que seja dever pagá-los.

— Mestre Afonso, não é preciso. Mas vede lá se não haverá perigo em deixar esta porta sem alguém de guarda a ela!

Eanes compreendeu o receio expresso nestas palavras. Era dever seu dissipá-lo para que, ao cabo de algumas horas, se não volvesse em suspeita e alarme da cidade.

— Nenhum perigo — disse-lhes — A coisa de cem passos desse corredor há uma estreita escada que dá para um caminho debaixo do chão. Vai ter à borda do rio, muito para cá de Enxobregas e lá se lhe disfarça a embocadura entre as ruínas de um casinhoto, meio oculto por silvedos. Ninguém encontramos. Quem por ali entrou não voltará. Lá

ficaram a entulhar-lhe a entrada, e lá o guarda a gente de armas de duas galés. Podeis retirar-vos descansados.

— Senhor Afonso Eanes — interveio D. Dulce — dizei-lhes que, pelo meu filho e por mim, muito lhes agradeço o que fizeram e de outro modo lhes darei agradecimento maior pela vossa mão, senhor Juiz do Povo.

Os mesteirais e besteiros entenderam bem a espécie de agradecimento a que D. Dulce fizera referência e disseram-lhe umas jubilosas palavras de reconhecimento.

— Madrinha e senhora minha, mandai-me.

— Vamos — disse-lhe, apoiando-se ao braço robusto do tanoeiro.

* * *

— Aquele meu pobre filho! — ia-lhe dizendo, oprimida — Mas quem supõe ele que lhe levou a noiva?

— Antão Gonçalves de Mendonça...

— O rival que ele feriu no duelo e todos julgavam à morte?

— Era de má alma, escapou e, ainda mal curado, fugiu do hospital.

— Antão de Mendonça? — repetiu D. Dulce com imensa amargura.

— Conluiado com o tio, que está, como sabeis, com os sitiadores. Tem encontrado artes, malas-artes, de se entender de lá com alguns vilões, fidalgos de cá. Perdoai, senhora minha.

— E Antão levaria Madalena para se vingar de Ruy e fazer dela a sua esposa... Ou a...

Não concluiu a frase.

— E o traidor-mor viria no intento de sondar o caminho para traição maior e para levar a esposa. É isto o que o vosso filho supõe e o que eu acho provável; que ao certo nada se pode afiançar.

— E dentro daquela casa não haveria quem os ajudasse? A própria mulher do traidor?

— Talvez, senhora minha.

— Madalena atraiçoaria esses amores de enfeitiçamento como o pai atraiçoou a nossa terra?

— Estou a crer que a levaram à força.

— E isso credes porquê?!

— Porque à boca do caminho oculto se encontrou quebrado no chão um colarzito de pérolas com uma cruzita toda cravejada de rubis. O vosso filho logo o reconheceu.

— Era de Madalena. Trazia-o sempre. Muitas vezes lho vi. Mas podia ter caído e quebrar-se casualmente.

— Dizeis bem, senhora, e assim teria sido, se outros indícios se não houvessem encontrado.

— Quais?!

— Bordaduras esfrangalhadas de um vestido de dama, bordaduras (*) com umas nódoas de sangue, bem vivas ainda, e no chão fundas pegadas de uns chapins pequeninos de senhora, sem dúvida nenhuma, mas a indicarem que procurara resistir para que dali não a levassem. E em frente das pegadas dos chapins outras

grandes de homens, que se houvessem firmado bem no chão para arrastar alguém consigo.

[(*) As bordaduras a fio de seda ou a fio de ouro estavam muito em uso na Europa medieva, desde o tempo das Cruzadas. Os bordados à agulha vinham da alta antiguidade egípcia, e nos fins do século XI estavam em muito apreço os que eram feitos a ponto de Veneza.]

— E chegaram à boca desse caminho escondido, sem ninguém ter dado por eles?!

— Três ou quatro homens facilmente se disfarçavam e metiam num batel, talvez já ontem à noite. O sítio é ermo e não estava guardado. Só muito para cá é que estão as nossas galés, e essas varadas na praia.

— Suposições, somente suposições! Só o que não é suposição, Deus da minha alma, é que me desvairaram o filho e agora mo perderam!

— Senhora, não digais tanto!

— Perderam, sim. Eu bem o conheço, mestre Afonso Eanes. Tinha-lhe amor enlouquecido, talvez de enfeitiçado,

e irá em busca da morte para matar o outro, ou para morrer por ela. Há mães que leem claro no coração dos filhos, outras que lhes adivinham as desgraças, e o meu coração logo no começo desses mal-aventurados amores lhes adivinhou o infortúnio!

— Senhora, eu creio bem que o vosso filho por nenhum desalento de amor será capaz de faltar às suas promessas de cavaleiro e à sua alma de Português.

— Não faltará, isso creio eu; mas faltar-me-á a mim, indo além do que deve à sua honra e à sua terra, para que a morte se não esqueça dele.

— Quis-me parecer que o deixei convencido de que a sua prometida noiva o não atraiçoou, e era esta suspeita o que mais o mortificava. Das suas palavras percebi que se lhe mudou em ódio maior a dor de ciúme que ameaçava enlouquecê-lo.

— O ódio também faz loucuras. Tem um exemplo na família. Talvez nunca mais encontre essa que era o seu maior amor!... E que encontrasse? Esposa ou suspeita

amante do outro, será para ele a noiva que morreu. Ai de mim por ele! — disse num soluço.

Tinham chegado em frente do palácio. D. Dulce estremeceu.

— Parece que vou entrar numa casa onde alguém morreu! — disse sumidamente — A sua felicidade e a minha!

* * *

Depois de ter obrigado Ruy a meter-se na cama, invocando as recomendações do Mestre para autorizar o seu mandado, o cirurgião fizera-lhe o curativo ao ferimento, que um pouco se lhe agravara com os esforços violentos daquele dia, e para lhe acalmar a excitação febril dera-lhe uma beberagem, em que entrava uma forte dose de dormideiras.

Esperou que adormecesse e saiu, deixando-o muito recomendado ao velho Gonçalo Vasques, que o ficou

velando sentado à cabeceira do leito.

Tinha saído minutos antes de D. Dulce chegar.

A oprimida senhora correu logo para a câmara do filho, seguida por Afonso Eanes.

— Está pior? — perguntou da porta, convulsivamente, e como se tivesse medo de entrar.

— Senhora minha, adormeceu — disse-lhe o velho, de pé — Deu-lhe o físico um remédio para dormir.

D. Dulce acercou-se da cabeceira do leito. Ruy tinha uma respiração torturada. Notou-lhe extraordinária palidez.

— Senhor Afonso Eanes — disse, voltando-se para o Juiz do Povo — não prendais agora o vosso tempo connosco. E por tudo quanto vos devemos, ele e eu, sereis sempre a pessoa mais gratamente lembrada na minha alma.

O tanoeiro respondeu-lhe em modestas palavras de devoção pessoal, e retirou-se.

— Meu irmão? — perguntou D. Dulce ao velho aio.

— Saiu também quando o sol se encobria e ainda não voltou.

— Podeis retirar-vos. Eu ficarei aqui. O físico prometeu voltar?

— Antes do sol-posto me disse que voltaria.

— Está bem. Eu chamarei, se de vós precisar.

Gonçalo Vasques dobrou-se, reverente, e saiu.

D. Dulce inclinou-se então carinhosamente para o filho e beijou-o num desafogo amorável.

— Meu pobre enfeitiçado! Que má sina de amores a tua! — pensou — Perderam-te, e de mim hás de fugir para morreres na loucura da tua dor!

Chorava. Compôs-lhe as roupas brandamente. Sobressaltou-se. Ruy tinha na mão direita, contra o peito, o colarzito quebrado de Madalena.

— O que tu mais sofregamente guardas! E talvez tenham sido maiores do que essas pérolas e mil vezes mais as lágrimas que eu tenho chorado por ti, filho! Sem contar as outras que eu não sei ainda como hão de ser!

E ficou-se de olhos cravados na cruzita cravejada de rubis, a lembrar-lhe gotas de sangue que se houvessem

cristalizado.

Cobriu-lhe o peito e foi ajoelhar-se diante de um oratoriozito da Senhora das Dores, que havia na câmara sobre um contador precioso de talha dourada.

Esperaria que ele despertasse, enquanto os seus olhos punham aos pés da Mãe de Jesus a conta das suas rezas nas contas grandes das suas lágrimas.

Não chegou a durar duas horas aquele sono de pesadelo. Acordou num sobressalto de sonho.

Levou à boca, enternecidamente, a cruzita de rubis, murmurando:

— Cruz pequenina do meu tamanho calvário! Foi no seu colo... Alvo como os arminhos das rainhas e como a plumagem do cisne branco do cavaleiro de Santo Graal... Que te dei o primeiro beijo!

Não reparou na mãe, que orava, chorando tão sumidamente, que mais se lhe podia ouvir o coração do que o murmúrio das rezas.

CAPÍTULO XII

A LOUCA

Ao cabo de cinco dias, o ferimento de Vasconcelos estava completamente curado. O da alma, esse é que de dia para dia mais se agravava e talvez nunca tivesse cura.

Os rapazes do esquadrão dos Namorados tinham ido visitá-lo várias vezes. As adesões tinham sido importantes; o número dos filiados aumentava consideravelmente, e das províncias já tinham recebido mensagens de alguns jovens de famílias fidalgas, pedindo a admissão na hoste do estandarte verde como por lá lhe chamavam já.

Em uma das suas recentes visitas, o Magriço dissera-lhe:

— Se Lisboa puder aguentar-se até que Nuno Álvares chegue, e nos não desamparar Deus, virão a ter os Namorados o tresdobro de lanças e, na primeira batalha campal que houver, vereis que já podemos formar uma ala, uma arrojada ala em que haveis de ser dos primeiros.

— Para morrer — volveu-lhe Ruy tristemente.

— Não digais tal. Para glória vossa e da nossa terra é que há de ser.

— Pois por ela será. Para mim já não pode haver senão metade do moto da nossa bandeira, o primeiro — Pela nossa terra. Outro hei de ter, mas esse, todo ódio, vai só comigo e só o meu coração o há de sentir.

— Quem sabe lá, Ruy de Vasconcelos? Quem vos pode afirmar que é certo o que supondes? Talvez as coisas vão tão depressa, que às terras de Castela tenhamos de ir buscar vossa dama; para tal podeis contar comigo e com outros mais dos nossos.

— Boa intenção de amigo para se agradecer como eu vos agradeço. Iria eu encontrá-la então já esposa ou amante do vilão bandalho! — disse numa violenta cara de cólera — Antes há de querer Deus que eu o encontre a ele. Assim os Castelhanos arremetam outra vez contra a cidade! Irei sobre ele, ainda que na sua tenda real lhe dê abrigo D. João de Castela. E assim se fechará a nossa conta, a minha e a dele!

— De outro modo há de ser, bem o creio. Deixai que o tempo vos cure, que para os males do coração é às vezes o melhor remédio — disse-lhe afetuosamente, no empenho de o acalmar — De outros amores sois digno e outros vos hão de merecer.

— Foram os segundos de má fortuna; não quero outros. Na fila dos Namorados irá um só campeador desterrado do país dos sonhos, viúvo de alma, um desengano ainda preso ao Mundo por uma santa devoção a sua mãe e à sua terra; eu, Álvaro Coutinho. Eu só, assim entre vós todos!

— Pois nós veremos que tal não há de suceder — objetou-lhe o Magriço — Se não fosse o respeito que tenho pelas vossas mágoas, respeito piedoso como se as sentisse um irmão meu, muito dileto, dir-vos-ia que da nossa hoste a única exceção, o único namorado falso, hei de ser eu, sempre eu, cavaleiro de grã fealdade, por quem nenhuma formosa dama se prende e só uma cegonha inglesa, da comitiva do Duque de Lencastre, teve o capricho de namorar-se. Porém a essa não a quis, porque, em consciência vos afianço, ainda era mais feia do que eu!

Sorriram os outros que tinham ido com ele. Ruy não sorriu, bem que lhe perdoasse o gracejo pela boa intenção evidente de lhe revigorar alentos, pondo-o assim a ele, jovem esbelto, de radioso prestígio, em contraste consigo, o paladino de uma hoste de namorados, a quem as mulheres bonitas rejeitavam desdenhosas.

— Mas perdoai o gracejo, que em bom propósito foi dito, e aparecei lá por aquela vossa casa.

Despediu-se. Sem que do olhar se lhe dissipasse a lúgubre tristeza e o rosto um momento perdesse as duras linhas que o ódio vincara, Ruy abraçou-o com sincero afeto.

* * *

Havia saído frequentes vezes o filho de D. Dulce e tinha longas demoras por fora. Ninguém em casa sabia por onde nem porquê.

Uma vez, casualmente, o viu Afonso Eanes num armeiro notável, o mais estimado em Lisboa.

Entrou, falou-lhe e notou que o armeiro logo de afogadilho levou para dentro um bacinete e um escudo, em que estava trabalhando.

Nenhuma significação especial deu a este pormenor, realmente insignificante. Ficou-lhe, todavia, a impressão de que o bacinete e o escudo eram pretos, como só por exceção os usavam aqueles que se presumiam desenganados do Mundo, ou tinham feito voto de buscar a morte em torneio ou em batalha campal.

Ouvira contar alguns destes raros casos, sucedidos nas Cruzadas.

— Talvez para ele! — pensou o tanoeiro — E daí, para outro qualquer poderá ser.

Se o armeiro assim pressurosamente ocultava aquelas peças de armadura era porque para isso tinha recomendação, e absteve-se de qualquer pergunta ao amargurado filho de D. Dulce.

Falaram da situação da cidade e afinal Ruy perguntou-lhe:

— E de Nuno Álvares que sabe o Mestre?

— Que o jovem vencedor dos Atoleiros deve ter saído da fronteira do Alentejo para vir em socorro de Lisboa.

— Se for a tempo, se Lisboa puder resistir, se a fome deixar que resista e a peste dos Castelhanos não entrar cá primeiro do que eles!

— Não há de querer Deus que tal suceda — volveu-lhe Afonso Eanes.

— E do arraial de el-rei de Castela o que sabeis?

— Que vão por lá grandes desalentos e desesperos. A mortandade cada vez maior; a peste negra dizima-os! Não descansam na faina de fazer ataúdes os carpinteiros que o rei Castelhano mandou para Sintra e Alenquer!

— Bem sei; é lá que fazem a salga da gente nobre da Espanha, apodrecida pela peste.

— Contou ontem um fugido das naus de el-rei que vão já em mais de quatro mil os que têm morrido e que uma boa parte da peonagem anda na faina de abrir covais para os seus.

— Deram em coveiros esses soberbos invasores! Pois oxalá que a peste enjeite um que eu sei e mo não salguem lá, para que eu tenha o gosto de me encontrar com ele.

Pela voz torva, rouquejante, em que disse isto, logo o Juiz do Povo percebeu para quem era a referência.

— A esse, ainda que a peste o matasse, o não salgariam para o levar, porque não é de Castela — volveu-lhe Afonso Eanes.

— Dobradamente mais vil e torpe que os vilões de lá! — acudiu Ruy numa contração de ódio.

— Com razão o dizeis, senhor Ruy de Vasconcelos. Agora dai-me licença que vos deixe para ir a certa incumbência de caridade, em que ponho a minha maior devoção.

— Convosco sairei também.

Saíram juntos.

* * *

— Vou a casa daquela velha regatona, que vale o mais destemido dos nossos homens de guerra — ia-lhe dizendo Afonso Eanes.

— Já sei então quem é.

— Aquela tia Lourença...

— Que foi ferida. Dela me recordo perfeitamente.

— Levo-lhe aqui escondidos uns pedaços de pão duro de bagaço que ainda lá tenho em casa. Coitada! Há quatro dias que não come senão as ervas ressequidas dos muros e o musgo das oliveiras mortas. Ela e uma pobrezinha enlouquecida, que por caridade acolheu no seu casebre. Esta manhã, mo vieram contar. Uma tamanha miséria de cortar o coração!

— Pois se mo consentis, irei também convosco visitar essa valente mulher, e da minha casa mandarei que lhe levem algum socorro.

— Então bem-vindo sejais e grande consolo dareis àquela animosa defensora de Lisboa E será prémio do que ela tem feito o auxílio que lhe derdes. Vontade tinha eu de Vo-lo pedir, e com tal propósito entrei na loja do armeiro,

mas tive receio de que vos parecesse impertinência. Avultadas esmolas tendes vós dado já à pobreza da cidade.

— Minha mãe bem mais.

— Pois sim, ela e vós. Que afinal, se fossem a querer acudir a toda essa gente ao desamparo, nem as tulhas e as bolsas de todos os fidalgos de Lisboa chegariam para um dia de fartura a tantos mil famintos que tem a cidade.

— Na tulha da minha casa sei eu que já não há trigo para uma semana.

— E nas outras dos mais ricos o mesmo há de ser.

— Mas desse pouco alguns punhados hemos de ter para a tia Lourença.

— Deus vos pagará e em boa hora vindes.

* * *

Tinham chegado ao casebre daquela regatona, a quem a populaça chamava o Condestabre das mulheres.

Veio abrir a própria tia Lourença. Pálida, emagrecida, olheiras fundas de quem velara as noites chorando, parecia que nalgumas semanas se lhe aumentara a velhice como se houvessem decorrido longos anos!

E, todavia, o mesmo ar resoluto, a mesma excecional energia no olhar, nas palavras, no másculo aprumo do seu arcaboiço de lutadora!

Depois de umas saudações de surpresa, a regatona retomou o seu feitio de desassombrada franqueza.

— Isto é o casinhoto de uma velha que já não tem em que possa ganhar a vida. Desculpai a trapagem e os cacaréus. Mas sabei, mestre Afonso Eanes, e vós também, meu guapo fidalgo, sabei que mesmo assim, tal como é, o defenderei dos castelões, se o demo houver de meter cá dentro cães gadelhudos, que má peste mate por tanta miséria que têm feito passar à nossa pobre gente! Agora, perdoai o aranzel, e mandai no que entenderdes que vos posso servir.

— Viemos por vos fazer uma visita de homenagem, tia Lourença.

— A mim, Santo António do Menino Deus!

— A vós, que tão devotadamente haveis servido a nossa causa, ajudando a defender Lisboa.

— Ah! Por tal intento muito vo-la agradeço, porém olhai que nem valia a pena chegardes até aqui. A obrigação é de todos os que têm ânimo para arremeter com esses malvados que aí estão para roubar a terra que Deus nos deu. Não faço nenhum milagre. O coração puxa por mim, as febras são rijas e o sangue é bravio. Nem todas as mulheres assim podem ser, mas cada qual faz o que pode e quem é das minhas ganas, temos aí umas boas dúzias delas; mal parecia que se ficasse a fiar na roca enquanto os homens arriscam a vida.

— Mas vós como nenhuma outra! — disse-lhe Ruy, numa voz arrastada de entristecido — Eu sei com que admirável coragem derramastes o vosso sangue, tia Lourença.

— Sangue da ralé, mal pecado que chegasse para afogar essa maldita gentiaga que aí veio para nos oprimir! Não chega, mas ainda cá tenho mais para quando for preciso, bem que seja agora sangue pior, pois que feito de ervas,

que os burros enjeitariam torcendo o focinho, se ainda houvesse burros para o lado de cá dos castelões!

A té Ruy abriu um sorriso naquela sua boca ensombrada de pesares.

— Pois é também por causa da miséria em que viveis que nós cá vimos.

— Boa vai ela! Sabeis então!... Alguém vos foi contar, mestre Afonso Eanes?

— E aqui vos trago um pedaço de pão.

— Pois pelo amor de Deus seja e pela boa fortuna da vossa mulher e mais da vossa filha. Ele vos tome em conta essa esmola.

— Não lhe chameis assim, mulher de Deus, pois que tal não é. Quinhão que eu trago é que deveis dizer; quinhão que nem merece falar-se nele. Ao paço real e à mesa do Mestre o iria pedir para vós, que a muito mais tendes direito. Mas tal não é preciso, pois que de vós se condoeu o senhor Ruy de Vasconcelos, e da sua casa vos mandará algum trigo com que façais o pão.

— Ah! Meu glorioso fidalgo, isso é que é para se agradecer de mãos postas, não por mim, que já estou acostumada ao mau trato; mas pela desgraçadinha que aí tenho a mirrar-se-me! Uma linda arveolazita, que foi criada em palácios, mimosa e farta, e já de todo enjoou o musgo das oliveiras e as ervas secas dos muros.

— E como sabeis vós que foi criada em palácios?! — perguntou-lhe Ruy, no vislumbre de uma suspeita, que logo enjeitou por absurda.

— Meu senhor, assim linda e formosa logo se percebe que não é flor rasteira, medrada ao Deus dará, para todo o vento, como as outras dos montes e das charnecas! Isso sim! Até pelos farrapos com que eu a encontrei se via logo que era de gente fidalga. Eram farrapos de brocado e de veludo! Mas ela própria o dá a entender nas suas palavras desvairadas, quando a loucura lhe dá maior rebate.

— E porque enlouqueceu? Por amores talvez?

— Pelo seu grande amor de mãe. Morreu-lhe nos braços uma filha pequenina que tinha. Foi mesmo em frente do adro da Sé que eu topei com ela na sua dor de mãe

enlouquecida! Vai para três meses que isto foi. Era noite velha, mas o luar era tanto, que até as lágrimas se lhe viam em fio a caírem daqueles lindos olhos que o nosso Senhor lhe deu!

— Grande mistério haverá então na vida dessa desventurada dama! — disse o Vasconcelos.

E sem saber porquê, o oprimia agora a lembrança de uns mal-afortunados amores, os primeiros que teve e aos quais por várias vezes aludira, como sabemos.

De súbito, alguém abriu de repente a porta estreita e carunchenta, que dava para a cozinha do casebre, e uma singular figura de mulher, aconchegada em trapos, mulher nova de extrema palidez, cabelos desprendidos, revoltos, assomou como se fosse a imagem da amargura numa visão de lenda.

— Mãe Lourença! Vamos por essas ruas pedir esmola! — solicitou em voz sumida e dolente, encostando a sua bela cabeça mortificada à decrépita ombreira, enegrecida de fumo — Tenho fome! — soluçou. E afoguearam-se de

lágrimas os seus lindos olhos espavoridos, numa cegueira de enlouquecimento.

Em mais ninguém reparou como se mais ninguém tivesse percebido ali.

— Coitadinha! Disse a tia Lourença, indo para ela compungida — Não é preciso pedir esmola — segredou-lhe, tomando-lhe as mãos-e acarinhando-a — Já temos pão. Lembraram-se de nós, minha querida Menina.

E pôs-lhe nas mãos um pedaço de pão que Afonso Eanes lhe trouxera. A desditosa levou-o à boca numa avidez que parecia insaciável.

— Que tendes, senhor? — perguntou sumidamente o tanoeiro, reparando inquieto na palidez e na dolorosa perturbação do jovem cavaleiro.

— Vêm as mágoas umas após outras! — respondeu-lhe baixo numa tremura de voz — Aquela desventurada foi dama da Rainha — segredou-lhe — quando eu era pajem apenas. Se eu podia sonhar esta amargura. Ou eu estou mais louco do que ela!

— Não quiseram que eu morresse de fome! — disse adentanhando o pão com sofreguidões de irracional.

E logo, numa crise de lágrimas, entregando a Lourença o pedaço que lhe ficara:

— E foi de fome que a minha pequenina morreu!

— Nossa Senhora a tem lá consigo entre os seus lindos anjos — disse-lhe a tia Lourença — Agora todas das preocupações têm de ser para vós. Olhai, aqui estão as pessoas que tiveram dó de nós.

Leonor não tinha ainda reparado neles.

Volveu para Afonso Eanes um doce olhar de resignação, a contrastar com o desvario que, momentos antes, lhe transparecia no rosto.

E foi para o tanoeiro o seu primeiro olhar calmo e lúcido, porque o filho de D. Dulce um pouco se encobriu, acabrunhado, por detrás dele.

— Foi esse quem nos trouxe o pão — indicou Lourença — É um bom e honrado homem do povo. Mas ali está

também um jovem cavaleiro, que veio aqui para nos socorrer.

Leonor foi de mãos postas para o tanoeiro, num andar hesitante e nuns passos que se torciam.

— Nossa Senhora seja por vós! — disse-lhes, tremendo.

Curvando-se profundamente comovido, como se numa sala do paço cumprimentasse alguma ilustre dama da corte e não naquele casebre miserando uma pobre enlouquecida, embrulhada em trapos, Afonso Eanes deixou a descoberto o perturbado filho de D. Dulce.

A infortunada pôs nele um olhar de pavor e todo o seu corpo se agitou numa tremura convulsiva.

— Ruy de Vasconcelos! — disse num grito de alma, agudo e trágico, expressão suprema de uma enorme surpresa e de uma imensa dor, assim como se fosse o grito selvático de alguma ave ferida de morte ou a vibração de um cristal espedaçado.

— Leonor de Gusmão! — rouquejou Ruy com um gesto, que era talvez o comentário incoerente de uma confrangida piedade e de uma atormentada repulsão.

De mãos no peito, a tremerem como se fossem de criança e enclavinhadas como garras, Leonor buscou o amparo da tia Lourença.

E de joelhos, abraçada nela, em golfadas de soluços, disse num timbre de angústia, arrepiador e lúgubre:

— O meu primeiro amor! O primeiro, mãe Lourença! Uma traição, uma violência do outro! Eu não o atraiçoava. Não! Não! Tamanho amor, tamanho!... E não era dele... — disse alanceada, a sumir a voz — não era dele a pequenina... Que morreu de fome!

Num estonteamento de surpresa por aquele extraordinário lance, que nem sonhado poderia inventar, a velha regateira puxava-a para si piedosamente, a dizer-lhe palavras de resignação, que vinham a escorrer lágrimas.

Afonso Eanes sabia vagamente de uns amores de má fortuna que Ruy tivera com uma dama do paço. Depois, havia mais de dois anos, nos tempos revoltos que vieram com a morte do rei Fernando, ouvira falar por alto no súbito desaparecimento de certa fidalga nova e formosa, de quem nunca mais houvera notícia.

Homem do povo, alma iniciadora da revolução, pouco importavam então ao glorioso tanoeiro os dramas e os escândalos do paço, pois que, no escândalo afrontoso da rainha comborça e no enorme drama de uma Nacionalidade em perigo, todos os outros se sumiam como apagadas miniaturas.

Agora entendia e ligava a essa desventurada o caso esquecido daquela dama desaparecida, e aos primeiros amores de Ruy de Vasconcelos este lance de um drama pungidor, que parecia um pesadelo de sonho.

— Eu saio, Mestre Afonso Eanes! — disse-lhe baixo o Vasconcelos numa voz que se lhe estrangulava.

— Uns instantes mais de piedade — solicitou-lhe o Juiz do Povo, quase em segredo.

— Não posso com esta amargura rediviva sobre o coração que outra espedaçou! — alegou-lhe sumidamente.

Entretanto, nos braços da regateira como uma criança encolhida de medo, Leonor soluçava-lhe confidências, a espaços truncadas pelos desvairamentos da sua loucura intermitente de resignada.

— Minha querida Menina — dizia-lhe a tia Lourença num intuito benfazejo — nem que fosse vossa a culpa, Deus Nosso Senhor vos negaria perdão pelos tamanhos infortúnios que tendes padecido!

— Só ele me não perdoará! Não sabe que foi a Rainha quem ajudou a perder-me! Não sabe! Não perdoa!

Sufocou-se e logo lhe voltou o desvario. Afastou-se da velha bruscamente e num olhar de terror por alguma coisa que só ela via, o gesto largo, numa atitude trágica, foi dizendo com vertiginosa rapidez em golfadas palavras:

— A Rainha no trono... El-rei doente. Pobre enganado, pobre rei! Sorri para o Conde galego a real adúltera. Depois, para o outro. Para o outro, enviesando um olhar... Para Leonor de Gusmão... Aquela que eu fui! O Rei morreu a deitar golfadas de sangue... Ralado de ciúmes, ralado de vergonha! Pobre rei! Pobre marido! Bocas suspeitas dizem pelos recantos do paço que el-rei foi empeçonhado... Para acabar mais depressa! Estão a amortalhá-lo. Numa alcova do paço a Rainha viúva beija o Andeiro... Na sala grande, dentro do caixão, que vão levar para a igreja de S. Francisco, el-rei apodrece! Leonor de Gusmão passou...

Viu, deitou um grito de horror... E de vergonha! A rainha turvou-se... Desprendeu-se dos braços do galego valido. Vingou-se a loba real! Quando foi das exéquias do rei, Leonor de Gusmão foi dada por traição ao outro.

— Leonor, ao outro, qual? — perguntou Ruy numa estranha vibração, indo lentamente para ela como alguém no aturdimento de um sonho desesperador.

— Então Gonçalves — disse-lhe sem olhar para ele, como se estivesse a responder a alguém distante.

— E tem uma vida só esse ladrão de mulheres!... — rouquejou o Vasconcelos numa alucinação de cólera — Por traição de Leonor Teles, não é assim? — perguntou-lhe.

— Adormeceram-na, levaram-na, perderam-na! — disse numa onda convulsiva de soluços — Foi mãe, fugiu, embrulhada em trapos, a pedir esmola... Uma pequenina nos braços! Mãe Lourença, a que morreu de fome naquela tamanha noite em que me acudistes!

E foi para ela, numa crise de choro, de braços abertos, o andar arrastado e trôpego de uma octogenária. Como se

toda aquela visão evocadora se houvesse sumido na levada de lágrimas dos seus olhos.

— Só ele me não perdoa! O meu primeiro amor! O segundo... E o último foi o da pequenina. O último!

— Senhor cavaleiro, tende dó — suplicou a chorar aquela velha extraordinária, que se tornara caudilho das mulheres batalhadoras de Lisboa.

— Leonor! — exclamou o Vasconcelos numa tremura de pajem noviço, como cinco anos antes nas salas do paço de Apar S. Martinho — Alguém que de vós duvidou — disse-lhe, dobrando o joelho — pede agora lhe perdoeis a suspeita em que vos teve!

— Rui! Ruy! — soluçou.

— E pela santa alma da sua mãe vos jura nesta hora que sereis vingada.

Beijou-lhe a mão. Leonor agitou-se numa convulsão nervosa.

— Apartados para sempre desse caminho onde para ambos se fez noite cerrada, irmã de lúgubre destino, chorai

pelo que algum dia fomos, que eu já não tenho coração que não seja para este imenso dó por vós e para um ódio imenso por ele.

— Noivo da minha alma noutro tempo que se acabou! — gemeu num arranque de saudade.

E tombou, desfalecida, nos braços da regateira.

Tinha perdido os sentidos. A tia Lourença levantou-a nos braços musculosos como se ela tivesse a leveza de uma pomba morta e levou-a para a sua camazita de farrapos no cubículo sem luz que lhe servia de quarto.

Os dois ficaram esperando.

— Vede que hora de infernal angústia esta minha hora! — disse Ruy para o tanoeiro — Como se as outras não bastassem!

— E, todavia, bendita hora para serdes misericordioso e justo — volveu-lhe Afonso Eanes, comovidamente.

— Para dar-lhe amparo de irmão, certo será. Por favor ide saber se voltou a si ou se haverá necessidade de ir chamar um físico para a ver.

O tanoeiro bateu brandamente à porta do tabique e logo lhe veio falar a tia Lourença.

— Não vos preocupeis — disse-lhe tranquilizando-o — Tem daqueles desmaios, mas de pouca dura, louvores a Deus. Volta a si e fica-se depois num sono de pesadelo, que às vezes dura horas. Foi o que lhe aconteceu agora.

— Mas voltou a si?

— Voltou, mal que a deitei. Coitadinha! Abraçou-me a chorar e logo se ficou tão adormecida, que nem parece a mesma! Dormir de doente, dormir de cansada por tanto sofrer é que é.

— Mestre Afonso Eanes — chamou Ruy.

— Dizei.

— Dai a essa benfazeja criatura — segredou-lhe — estas moedas para quanto ela carecer e for possível comprar nesta pobre cidade faminta.

E pôs-lhe na mão três dobras pé-terra (1*) e alguns reais brancos.(2*)

[(*) 1- Moedas cunhadas no reinado de D. Fernando. Chamavam-lhes pé-terra porque no cunho a figura do rei vinha a corpo inteiro, apeado, contrastando assim com outras, anteriores, em que o rei era figurado a cavalo. 2- Baixa moeda de estanho e cobre.]

— De minha casa lhe mandarei tudo o que for possível e, entretanto, procuraremos nós, para ela e para a sua protetora, outro melhor abrigo.

— Está encontrado — volveu-lhe o tanoeiro consoladoramente — Na minha casa será, se quiserdes.

— Grande coração o vosso, meu honrado amigo! — disse-lhe, abraçando-o.

O tanoeiro foi ter com Lourença e deu-lhe o dinheiro com a modéstia quase humilde de quem solicita um favor.

— Daquele nobre senhor, não é assim? — perguntou-lhe a velha com enternecido alvoroço.

— Para Leonor de Gusmão — interveio Ruy — como se fosse do honrado e glorioso Juiz do Povo. Para que não se oprima e envergonhe por esse dinheiro.

— Bendito seja, bendito! — exclamou a regateira, beijando o cunho de uma das moedas — Bendito seja por ela, que eu por mim cá irei vivendo enquanto pelos muros se não mirram de todo as ervas.

— Para ambas — retificou o jovem cavaleiro.

— E amanhã cá virei eu buscar as duas para lhes dar pousada na minha casa.

— Também muito vos agradeço por ela. Andava a ter medo de a deixar aqui ao desamparo, coitadinha! Sim, porque nossinos dando alarme para corrermos para os muros, já me não posso ficar aqui; fujo para onde os homens vão lutar e morrer, e os virotes de Castela sei eu já que entram bem nas minhas carnes de velha. Numa hora pode ser de vez.

— Tendes uma alma heroica de mulher e um coração de santa!

— Mercê das vossas palavras, meu senhor.

— Homenagem que mereceis.

— Pois se alguma coisa entendeis que mereço, rogai vós no meu nome ao Mestre que atire com a nossa gente contra os castelões para se acabar com isto de vez. E a velha Lourença lá irá com a sua ala de saias, chuça na mão, para golpear esses lobos de Castela, que estão a uivar em redor da cidade. Perdoai o ousio, e Deus vá convosco e vos pague a caridosa benfeitoria, senhor fidalgo e honrado Juiz do Povo.

E assim, neste feitio desassombrado e chão, em que transpareciam nitidamente a sua forte alma de lutadora e o seu generoso coração de mulher, se despediu daqueles dois homens de tão diversa condição, irmanados pela mesma devoção de patriotas e por igual esforço de ânimo.

CAPÍTULO XIII

A ÚLTIMA INVESTIDA

O dia seguinte, ainda não era sol fora, saiu Afonso Eanes da sua casa com um servo seu, antigo mouro saloio, e tomou para o casebre da tia Lourença.

A regateira já tinha aviso para os esperar. O tanoeiro cumpria a promessa da véspera. Levaria para sua casa a desventurada Leonor e aquela que misericordiosamente lhe dera abrigo.

Pelo caminho ia Afonso Eanes pensando nas condições angustiosas da cidade, naquela situação horrorosa de um povo faminto, que teria de capitular, ao desamparo de qualquer oportuno auxílio.

— E o reino, tirando o Porto e uma dúzia de povoações maiores — pensava — todo na sujeição dos Castelhanos ou dos traidores Portugueses que estão por Castela! Nuno Álvares talvez não chegue a tempo! Um assalto de quinze ou dezoito mil Castelhanos e Franceses, e não será com

oitenta ou cem homens de prole e a peonagem esfaimada e rota, que Lisboa lhes poderá resistir. E aqui, dentro da cidade tomada, se enterrará para sempre este pequeno reino com tanto esforço criado! Doutro modo, só se for por um milagre de Deus, a ajudar outro milagre que venha do sangue da nossa gente!

Deitou para trás de arremesso o capelo do seu saio de grã. Atormentavam-no aquelas esmorecedoras previsões.

— Até me parece de mau agouro esta quietação dos Castelhanos! Há quatro dias nem uma escaramuça às portas de Santa Catarina ou dos lados do rio! Só se a peste entrou mais com eles e andam agora mais esmorecidos. E esta pobre cidade adormecida como se não tivesse dobrados perigos de morte em volta dos seus muros!

Encontrou logo dois lúgubres desmentidos. Lisboa, com a sua gente de maior infortúnio, já tinha despertado. A fome e as mágoas davam-lhe a sua trágica alvorada primeiro que o sol.

Bandos de criancitas semi-nuas vagueavam já pelas ruas, pedindo esmola, ou esperando a chorar que se abrissem as

portas das casas onde ainda podia haver a opulência de uns pedaços duros de pão negro de bagaço.

Ao dobrar uma esquina, quatro pequenitos correram para ele, e de mãos postas, ajoelhando a chorar, lhe pediram esmola numas palavras que as mães lhes tinham ensinado e eles ainda mal sabiam dizer, de pequeninos que eram.

O Juiz do Povo levantou-os, fez-lhes carícias e disse ao servo mouro que os guiasse a casa para lhes darem lá alguma coisa. E que voltasse depressa.

Mas ainda os pequenos não iam distantes, e logo outra cena pungidora se lhe deparou.

Uma procissão de penitência, exclusivamente de mulheres. Esposas que tinham os maridos feridos nos hospitais, viúvas que tinham deixado em casa os filhos roídos de fome, mulheres juvenis numa viuvez da alma pelos noivos mortos nos muros e às portas da cidade, defendendo-a.

Uma ladainha dolente, rezas numa enternecedora melopeia de soluços.

Iam para a Senhora da Escada, que era, naqueles dias trágicos, a Senhora de mais incendida devoção para as

mulheres de Lisboa.

Afonso Eanes apressou o passo, confrangido.

E o sol lá vinha a romper, por entre as suas magnificências de oiro rutilante na mesma triunfal indiferença por essa terra de tão lancinantes dores e de tamanho infortúnio, onde para tantas almas seria sempre noite cerrada e lúgubre, por mais luz que ele trouxesse.

* * *

A tia Lourença esperava-o à porta.

— Santo dia, mestre Afonso Eanes — disse-lhe mal que o avistou.

— Para nós todos seja. E a desventurada?

— Levou a noite toda numa grande inquietação, nuns ais abafados e num choro que ela queria encobrir; mas eu estava a sentir-lho como se fosse de uma filha minha.

— Já sabe que vai mudar de casa?

— Logo ontem de tarde lho disse, quando a vi numa daquelas suas horas em que o juízo lhe volta, assim como se nunca o tivesse perdido! Disse-me que estava com vergonha de ir dar a saber a sua desgraça a pessoas que talvez não quisessem crer na traição que a perdeu.

— Em minha casa ninguém lhe falará em tal.

— E fez-me muitas perguntas a respeito... Daquele jovem cavaleiro que veio aqui.

— E olhai cá, já está erguida?

— Vestida com os seus trapos de seda e a dormitar em cima do almadraque(*) de estopa, que foi a coisa melhor que eu tive para lhe dar.

[(*) Enxerga de palha. Também assim se denominavam os colchões e os coxins das casas ricas.]

— Pois vamos então lá dentro buscá-la.

Mas não foi, porque o surpreendeu a gritaria dos mareantes e galeotes da Ribeira.

E logo na ruazita próxima uns alvissareiros correndo, nuns clamores de alarme:

— Gentes, arriba! Arriba, que vêm aproando à Ribeira as galés de Castela!

Um pouco enfiado pela surpresa, o tanoeiro correu para a escada exterior do eirado de uma casa próxima, desabitada e em ruínas.

Subiu rapidamente. Dali via-se bem a Ribeira e a praia onde as galés portuguesas estavam varadas, por não haver guarnições para as trazer no rio, opondo-as à numerosa frota das galés castelhanas.

O sol subia, doirando a cidade, e nas águas vivas da maré que enchia, vinte galés inimigas vinham arrancando rio acima.

Percebia-se bem a chusma dos homens de armas amontoados nos pequenos castelos e no convés baixo das galés, metendo de proa para aonde estavam as de Portugal, imobilizadas na areia.

E nos flancos da frota um enxame de batéis com gente armada, provavelmente os batéis das sessenta naus

atracadas em frente de Santos.

Até se distinguiam os fidalgos pelo resplendor das armaduras, pelos pendões multicores, pela arrogante plumagem dos bacinetes.

— Vêm tomar-nos as galés! — pensou Afonso Eanes.

Desceu rapidamente.

— E daí, senhor Juiz do Povo? São os lobos gadelhudos de Castela?

— São. Ide vós com o meu servo mouro, que não pode tardar. Eu vou avisar o Mestre.

E deitou de corrida para o paço do Limoeiro.

* * *

— Não, pois aqui é que eu me não fico — dizia consigo a tia Lourença — Vou ver se ela adormeceu, e a nossa Senhora que vele por ela. A minha chuça não há de ficar ao

canto da lareira enquanto esses malditos javardos vêm às focinhadas contra a cidade.

Foi para dentro. Leonor dormia profundamente.

— Nossa Senhora seja contigo, que tanto tens padecido! E até a dormir chora! — disse comovidamente, reparando em duas lágrimas, soltas das pálpebras cerradas de Leonor de Gusmão.

Saiu do cubículo pé ante pé e foi a um recanto da lareira buscar a chuça, longa haste de tojo com uma ascuma de ferro como as lanças curtas.

— Vamos lá, rapariga, que temos hoje bailado com os dançadores de Castela — disse de galhofa para a chuça — Eia, como estão já a badalar os sinos da Sé!

Correu à porta. Já não eram só os sinos de Santa Maria, mas os de todas as igrejas da cidade e as sinetas das muralhas e de quantas ermidas tinha Lisboa.

— Vamos lá ver se arrebanho a minha ala de saias.

Não era preciso. Mais de sessenta mulheres, armadas de chuças ou com arregaçadas de pedras, vinham de corrida

gritando, numa gesticulação violenta. Eram das ruas altas da cidade.

— Eh! Mulheres de Deus! — exclamou a tia Lourença, indo ao encontro delas — Assim é que eu gosto de vos ver, animadas! E em jejum, raparigas?

— Desde ontem — disse uma.

— Pois pudera — acudiu outra.

— Em os sinos badalando assim, parece que fica a gente cheia e farta como no tempo em que havia pão! (*)

[(*) Refere-se ao repicar dos sinos dando sinal de alarme para que a gente válida corresse aos muros e portas da cidade.]

— Dá-nos a febre no sangue — explicou a tia Lourença — e a febre também sustenta.

— Os castelões às portas de Santa Catarina! — gritou um homem que vinha correndo de cima — E ouvi que também apareceram muitos para outros lados da cidade!

— Pois vamos lá para as portas de Santa Catarina a dar-lhes os bons dias — resolveu a regateira — Mas vede-me primeiro se aí vem alguma criatura caridosa, que me queira ficar em casa a tomar conta de uma doentinha que eu ali tenho.

— Aqui está esta, que anda doente e mal pode consigo — disse uma rapariga desempenada e forte, apresentando uma mulher de cabelos brancos, ressequida, as faces da cor do pergaminho antigo.

— Quereis ficar, que vos agradeço eu e vos pagará Deus? — perguntou-lhe a tia Lourença.

— Se nisso vos dou aprazimento, fico — volveu-lhe em voz dolorida.

— É uma obra de caridade para eu ir descansada.

E fez-lhe umas breves recomendações.

— Olhai os sinos que estão a chamar por nós! — disse uma das mais impacientes.

— Vamos já — respondeu-lhe a regateira — Sabei que mais os estou eu sentindo no coração que nos ouvidos. Vá,

mulheres! S. Jorge e Portugal! E cada uma fará de conta que defende a sua casa e os seus filhos.

— Viva a tia Lourença!

— Viva a nossa capitã!

— Para as portas de Santa Catarina, mulheres! — gritou a regateira.

Mas do lado de baixo da rua um barqueiro velho clamava:

— Correi à Ribeira, que está lá o poder maior de Castela! Querem tirar-nos as galés, as nossas! Já se aferraram a uma!

— Pois seja lá para a Ribeira — clamou a tia Lourença — Calai-vos lá, velhinhos, que nós cá vamos para eles — disse de mão espalmada no ar, voltada para as torres da Sé.

E lá foram todas de golfada pela rua abaixo.

* * *

Resumamos nós agora o plano dos Castelhanos, segundo a sincera informação desse grande e adorável cronista que foi Fernão Lopes, patriarca dos historiadores portugueses.

Não podendo levar a cidade de vencida, el-rei de Castela planeou tomar-lhe as galés, varadas então na praia fronteira às Portas do Açougue.

Seria cometimento para levantar os ânimos da gente castelhana, a quem a intrépida constância da cidade e, muito mais ainda, os horrores da peste, tinham amortecido a coragem.

Não o diz Fernão Lopes, mas parece plausível que fosse este o objetivo de D. João de Castela.

A el-rei pesava-lhe despegar-se dos arredores de Lisboa e não faltava já da alta nobreza quem o instasse para levantar o cerco. O próprio príncipe Carlos de Navarra lho aconselhava insistentemente.

Compreende-se que o bom êxito do feito — o apresamento das galés — levando o esmorecimento aos sitiados, daria ao rei um argumento triunfal contra os pedidos daqueles que pediam o levantamento do cerco.

E, provavelmente, lhe haveria de ter parecido cometimento fácil e de segura realização, vista a grande superioridade naval da sua armada.

E tanto que, num conselho em que o plano se estudou e resolveu, lhe propuseram os alcaides e patrões das suas galés, como façanha rápida, a queima das galés de Lisboa e el-rei lhes rejeitou o alvitre, pois queria para aumento do seu poder aqueles navios como coisa sua, adstrita à herança da coroa de Portugal.

Assentou-se então neste plano: Que durante a noite de 26, cautelosamente, sem ruído que desse alarme aos sitiados, se fossem metendo a bordo das galés quantos besteiros e homens de armas elas pudessem conter, depois de reduzida a tripulação de galeotes. Que em todos os grandes batéis da armada se fizesse o mesmo, para acompanhar as galés e que as naus, apercebidas para combater, dessem apoio à frota de ataque.

Ao romper da manhã, com águas vivas e a maré a encher, as galés e batéis meteriam rio acima para a investida.

Entretanto, o conde de Mayorga, à frente de um forte corpo de tropas, talvez não menos de cinco mil homens, atacaria as portas de Santa Catarina até Cataquefarás para dividir os esforços dos sitiados. Para a Ribeira destacaria um troço de homens que ajudassem a arremetida dos outros das galés.

Vamos nós agora ver como este plano se executa e a gente de Lisboa se defende.

* * *

Mal recebeu aviso de Afonso Eanes, o Mestre mandou chamar a sua gente de prole e armou-se. Vestiu a cota de armas com a cruz floreteada da Ordem de Avis, os braçais, cingiu a espada de combate e a adaga, entregou a um pajem o bacinete, a outro a lança e subiu de afogadilho ao eirado do paço donde a amplidão do Tejo se descobria perfeitamente.

Já então as galés castelhanas e os grandes batéis arrancavam de proa contra a Ribeira.

Desceu rapidamente a estreita escada de mármore grosseiro, em que as sapatas ferradas e as rosetas dos acicates dourados faziam um ruído estridente, e foi montar o negro corcel de batalhador.

Não esperaria por ninguém. Iria com os cavaleiros que já tinham chegado, quase todos eles a pé, porque em toda a cidade já não havia senão vinte cavalos de batalha.

Entre os poucos cavaleiros de preclara linhagem que ainda não tinham chegado, notou que um deles era Ruy de Vasconcelos.

— Muito me admira! — disse baixo ao Juiz do Povo — Quereis ver que adoeceu de amores! — acrescentou, pondo o bacinete e tomando a lança das mãos do pajem.

— Senhor, certo não tardará — respondeu-lhe Afonso Eanes.

— Ides vos lá ter — disse para os cavaleiros a pé e, fazendo sinal para o seguirem aos catorze que estavam a cavalo, deitou a galope para a Ribeira na direção das tercenas.

Já duas galés inimigas tinham aferrado duas das nossas, e dos batéis, muito próximos da praia, os besteiros castelhanos crivavam de virotes o arcaboiço dos navios portugueses, pondo em risco de vida os poucos galeotes que as guardavam e tornando difícil que alguém se lhes metesse dentro para as defender.

E a investida com uma gritaria ensurdecedora de fanfarronadas, de insultos, de obscenidades, como se neste desafogo tivessem já o antegozo da vitória!

Os galeotes portugueses faziam esforços desesperados para rebater os atacantes; muitos, porém, já feridos, mal podiam aguentar-se dentro dos navios.

E do lanço da muralha, por cima da Porta do Açougue, dos terraços, dos mirantes, dos quintais altos da pinha de casaria, quase empoleirada no monte do Castelo, a populaça bramia cóleras inúteis.

— E a gente aqui presa! — gritava a tia Lourença, do alto do muro, agitando a chuça no ar — Pois vai mesmo daqui à pedrada sobre esses gadelhudos. Vá, mulheres, para cima deles, mas tende cuidado não vades ferir os

nossos pobres galeotes. Mão firme e certeira e gana contra os das gadelhas!

E foi ela quem atirou a primeira pedra com tal pulso e destra pontaria, que deitou a terra um besteiro inimigo, que mais se aproximada do muro a fazer-lhe gestos de provocação insultuosa.

Mas o Mestre chegou, mandou abrir a porta que dava para a tercena e atrás dele, em brados de aclamação, correram para a Ribeira, com a ala ia tia Lourença, cerca de trezentos homens armados e uma centúria de besteiros com o anadel-mor.

Era tempo. Com os seus virotes e dardos esbraseados, a gente dos batéis varejava a curta distância os defensores dos navios encalhados, e já a galé castelhana de Vasco Martins de Meira tinha arpoado e segura a galé de que era patrão Fernão Nunes Homem, comendador da Ordem de Avis.

Também era esta a única em maior perigo de se perder, apesar do heroico esforço com que a sua gente a defendia; e, excedendo a todos, o Castelhano Alfonso Gutierres de

Padilla, que havia tempo se passara, tornando-se parcial do Mestre de Avis.

Outra que estava sendo rudemente investida por duas galés castelhanas — a de Afonso Furtado — essa com bom êxito se defendia, porque, estando varada de través com uma das bordadas para o rio, mandara o patrão que à força de peso, com toda a sua gente sobre a outra borda, a fizessem adornar para o lado da cidade e deste modo lhes servia de trincheira o costado volvido para o Tejo e de parapeito a respetiva amurada.

O Meira da galé castelhana, com o rosto golpeado por quatro virotões, tinha-se de pé já à sobreposse, mas ainda lutava, e foi ao enristar a lança para um supremo esforço que um dardo esbraseado lhe entrou por debaixo do braço.

Aquele era de morte. O Meira levantou os braços numa agonia que o desfigurara e tombou da proa da galé sobre a areia húmida, embebendo-se nela com a sua pesada armadura, como se no derradeiro alento quisesse ser o seu próprio coveiro.

O Mestre andava pela Ribeira dirigindo a defesa contra a gente dos batéis, que a espaços fazia tentativas de desembarque. E com os fidalgos e a peonagem que D. João opunha aos batéis, lá estava a tia Lourença com as suas mulheres de armas.

— Machados de arrombar! — gritou um galeote ferido — Ou dali nos levam aquela nossa galé.

— Machados de arrombar! — bradaram homens e mulheres para os que estavam nas seteiras da muralha — Baldeai-vos cá para baixo.

— Para fazer em lenha aquela galé maldita, que vai arrastar consigo a outra, a nossa!

— Mas enquanto os machados não chegam se perde a galé! — bramiu João Rodrigues de Sá, o famoso Sá das galés.

E saindo da sua, que ainda não fora atacada, deitou a correr para a que estava já com os Castelhanos dentro, numa batalha doida de alucinados.

Apenas quis trazer consigo um homem. Já pela proa da galé, segurou nos dentes a haste da lança e marinhou como

se fosse um embarcadiço. E assim que firmou o pé na tolda, investiu de lança em riste contra a chusma dos inimigos, num arranque leonino.

Houve um reboliço louco a bordo. De cima do muro a populaça via-o bem e aclamava-o febrilmente. Os Castelhanos disparavam-lhe insultos e dardos, mas a lança do Sá das galés levava-os diante de si, num ímpeto de assombro, como se da ascuma de aço fuzilassem relâmpagos fulminadores.

Era a empreitada épica de um batalhador de lenda!

Assegurada a defesa contra a gente dos batéis, o Mestre, a conter a algazarra dos mais expansivos e as imprudências dos mais destemidos, metera o cavalo na água até aos peitos, muito na dianteira de todos, gravemente exposto.

Alguns de Castela teriam percebido quem ele era, outros o adivinharam. A grande cruz de Avis da sua cota de armas era quase uma denúncia, e o caso foi que para ele convergiram os tiros dos besteiros castelhanos.

Subitamente, a tia Lourença gritou para os que estavam empenhados na luta contra as tripulações dos batéis:

— O Mestre! A sumir-se na água!

— Afoga-se! — clamou outra.

— Talvez o ferissem de morte aqueles malditos! — lembrou a velha regateira, metendo-se à água.

Houve uns momentos de desânimo e muitos ficaram num estonteamento de mágoa.

Por instantes se lhe não descobriu ao de cima daquelas águas, em que o sol se espelhava, senão a cimeira do bacinete e as plumas adejando como as asas de alguma ave marinha.

Mas de repente, num impulso que às mulheres se afigurou miraculoso, o bacinete do Mestre emergiu de chofre e todos viram o rosto de D. João e em todos se fixou o seu olhar dominador.

— Não o mataram! — disseram as mulheres num grito de júbilo.

— Vamos todos para ele! — exclamou a tia Lourença.

— Tende-vos! — mandou D. João, com admirável serenidade de ânimo, a água a dar-lhe pelo pescoço.

Sob uma impressão de ansiedade e de pasmo, viram então que o Mestre vinha avançando para a praia.

Acorreram para ele alguns homens de armas.

— Senhor, estais ferido?

— Não. Olhai os batéis de Castela que com mais audácia vêm para aqui! — avisou.

— Viva o Mestre, o Defensor da nossa terra! — exclamou a arraia-miúda.

— Não desperdiceis tempo em vozearias — recomendou, já todo a descoberto, apoiado à rija haste da sua lança.

De uns poucos de batéis que abicavam à praia revoaram brados de afrontoso desafio e com estridor formidável o famoso grito de guerra da gente inimiga:

— Santiago y Castilla!

— Gentes, vá! O nosso brado e apertai com eles! Não os deixeis pôr pé em terra — gritou o Mestre na sua voz de comando, já na praia, a cota de armas a escorrer água, os coxotes e os sapatos de ferro sujos de limos.

— S. Jorge e Portugal! — clamaram centenas de vozes.

Uma chuva de virotes e uma saraivada de pedras caíram sobre as tripulações dos batéis que mais se tinham aproximado da praia.

— Vá, mulheres, mais pedras sobre eles! — incitava a regateira velha.

E a cada grito de Santiago y Castilla opunha a tia Lourença este seu repto de patriota:

— E mais o demo que vos leve, canzoada gadelhuda! Mulheres, olhai que de Castela nem os santos!

— Aí! — excitava o Mestre — Mais com eles, que já lhes tendes ferido muitos.

Efetivamente as tripulações dos batéis castelhanos tinham tido já avultadas perdas, pois que os besteiros e a gente da plebe, empoleirados nas galés encalhadas e um tanto no resguardo dos castelos de popa como por detrás de uma trincheira, muito ao seu salvo visavam os atacantes por forma que raras pedras e virotes se perdiam.

Com tal energia se manteve a defesa, que os batéis se fizeram ao largo; os remadores num esforço desesperado, as guarnições a ulularem bravatas e ameaças pueris.

— Pois sim — comentava a regateira — ide alanzoando, mas o caso é que vos pondes ao largo.

Tinham ido buscar uma mula para o Mestre montar e, enquanto esperava por ela, singelamente contou a um dos seus fidalgos como lhe sucedera afundar-se. Um virotão lhe ferira o cavalo; endoidecido pela dor, o animal nadara de repente, sem obedecer ao freio, mas a ferida era de morte e em pouco o sentira estrebuchar entre os joelhos. Segurara contra si a haste da lança e logo se destribou, auxiliando-se com as mãos nos joelhos para se aliviar do peso das grevas. Depois, firmando o couto da lança numa cascalheira do fundo, que afortunadamente encontrara, se pudera erguer ao lume de água e assim fora tomando pé.

A batalha continuava com acesa fúria do outro lado da praia, não só contra a galé portuguesa que estava de través, tombada sobre a areia, mas, principalmente, dentro da outra que fora aferrada pela do Meira e a sua gente abordara e tinha quase tomada quando Rodrigues de Sá lá entrou.

O Mestre montou na muar que um cavalariço lhe trouxera da cidade numa arrancada.

Daquele lado o combate fora favorável à sua gente; mas era ali ainda o posto de maior perigo por ser o local da praia aonde mais facilmente os batéis podiam aproar. Um desembarque dos quatrocentos ou quinhentos homens de luta que traziam a bordo bem podia valer o bom êxito do cometimento inimigo e a perda inevitável das galés de Portugal.

Ia o Mestre para acudir ao navio em perigo com um reforço de besteiros, quando chegou esbaforido um pajem de armas, que vinha trazer-lhe informações.

— De onde vindes e que notícias trazeis? — perguntou-lhe D. João, numa impaciência de receios.

— Da galé que os Castelhanos tinham tomado.

— E daí? Dizei depressa!

— De lá expulsou os Castelhanos aquele vosso cavaleiro, a quem o povo chama o Sá das Galés. Correndo sobre eles, entrou já na outra galé de Castela.

— Pois grande nova me trazeis! — disse-lhe, num alvoroço de júbilo.

— Senhor Mestre, mas vem com a boa nova outra que é de mágoa.

— Dizei.

— Está-se a esvair em sangue João Rodrigues de Sá, tantos são os ferimentos que lhe têm feito naquela sua arremetida! — disse com pesar.

— Pois vamos lá ajudá-lo ou acabar a sua tarefa.

Ia meter a mula a trote, quando dos lados da cidade veio para ele um cavaleiro à desfilada.

— Mestre e Infante — disse o cavaleiro, sofreando o cavalo de repente.

— Vós, Ruy de Vasconcelos!

Voltou-se para o anadel-mor dos besteiros e disse-lhe rapidamente que fosse com o seu troço de gente a socorrer o Sá das Galés. Lá seria com ele em breve.

E logo, a meia voz, para o Vasconcelos:

— Tanto haveis tardado, que cheguei a supor-vos enfermo!

— Mestre, vinha a buscar-vos quando, em grande gritaria, uma multidão, correndo, avisava que o povo de Castela estavam atacando as portas de Santa Catarina e que outra hoste mais numerosa se acercava da torre de Álvaro Pais. Soube que para lá tinham ido os meus companheiros do esquadrão dos Namorados e para lá corri, crendo que o perigo seria ali maior.

— E era?

— Mestre, não. Breve foi a escaramuça com os de Castela e há pouco desceram como se o seu propósito fosse atacar as estacarias da Ribeira. Aqui venho trazer-vos aviso, e dali vêm chegando os meus companheiros.

— Está bem — respondeu-lhe o Mestre, sorrindo — Razão de honra havia de ser a vossa para não estardes aqui de princípio.

E alongou o olhar para onde Ruy lhe indicara.

Vinham já para aquém das portas, em filas cerradas, a pé, os cavaleiros do esquadrão dos Namorados. Na frente

destacava-se bem a figura do Magriço com o pendão verde, a haste aprumada, a esvoaçar alto na aragem da manhã.

— Pois agora ide para os vossos companheiros e com eles acorrei à estacaria.

— Mestre, para lá vamos e, pela minha fé, que por ali não hão de entrar os de Castela enquanto Deus nos der vida para combater.

Deitou o cavalo a trote para a frente dos Namorados.

Percebia-se o ruído da investida nas estacarias da Ribeira; revoavam alto,, de parte a parte, os reptos de afronta e o brado pelos santos padroeiros de Portugal e de Castela.

O Mestre fizera recomendações a um dos seus capitães para que se não desguarnecesse e desacautelasse aquela orla da praia e meteu a trote para o lado da galé castelhana do Meira.

Na arremetida de aferrar a nossa de Fernão Homem, o navio inimigo chegara a roçar a proa pela areia e à outra se prendera para a levar consigo, desencalhando-se à força de remos.

Mas dera-se o feito em revés. Da galé aferrada varrera João de Sá a chusma que a tivera pela sua presa e agora a levava de vencida, já dentro do próprio navio inimigo e com meia dúzia de homens atrás de si, como se fosse um batalhador romanesco.

A escorrer sangue, numa palidez cadavérica, sem bacinete, o rosto arregoado, o Sá chegara quase ao castelo da popa da galé inimiga, abrindo uma lúgubre clareira na tripulação, que o terror fora amontoando à ré.

— A ello! — gritou um Castelhano, tomando alento.

— Santiago y Castilla! — bradaram setenta vozes.

— S. Jorge e Portugal! — replicou o herói num grito enrouquecido.

Mas tinham chegado do outro extremo da praia os besteiros do anadel-mor, e trinta virotões que foram cravar-se de revés naquela pinha de Castelhanos. Vibraram gritos de dor e imprecações de desespero.

Alguns se atiraram à água numa alucinação de pavor por aquele ataque, absolutamente inesperado.

— João de Sá! — chamou o Mestre, de pé nos estribos, a uma dezena de passos da galé — Cavaleiro de gloriosa alma, sois o nosso orgulho!

Iluminou-se de súbito o olhar amortecido do herói. Tinha-lhe conhecido a voz.

— Mestre! — disse num supremo esforço — A minha vida pela nossa terra.

Saíram-lhe sumidas, numa trágica intonação, estas últimas palavras.

Deu uns passos para diante como para uma nova arremetida, mas a vista desvairou-se-lhe, os joelhos dobraram-se-lhe, e o batalhador de lenda caiu exausto, com a mão ainda enclavinhada no punho da espada.

Acudiu-lhe o pajem de armas e dos inimigos ninguém ousou arremeter para ele, como se um grande terror os houvesse imobilizado.

A galé roçagava pela praia dentro puxada pela outra a que se aferrara e à qual o povoléu tinha amarrado cabos e ia arrastando, para que a dos Castelhanos viesse com ela.

Homens e mulheres puxavam os cabos com aporfiado esforço.

E para mais espavorida surpresa dos Castelhanos, com este arrastar sinistro do navio, à trela da outra galé pelo areal dentro, coincidia uma segunda batida dada pelos nossos besteiros.

Não tiveram ânimo para mais. Atiraram-se abaixo pela borda fora como enlouquecidos. Muitos foram feridos na fuga e alguns se afogaram.

Revoou pela praia uma atroadora gritaria de triunfo e o mulherio combatente veio de roldão para junto da galé apresada, enorme tumba de muitos mortos.

— Esta cá fica pelas custas! — gritava a tia Lourença — E hemos de lhe dar varejo, pois que lá terá dentro algumas côdeas do almoço desses ladrões, que vieram para nos roubar a terra.

As outras aplaudiram freneticamente em brados febris.

Entretanto, de bordo da galé castelhana vinham três galeotes e um pajem de armas trazendo nos braços João de Sá.

— Acudi à estacada! — veio clamando um esfarrapado, que levara uma lançada no rosto.

Correram muitos para lá. O Mestre chegou as puas dos acicates aos ilhais da muar e deitou à desfilada para a estacaria da Ribeira.

— Vamos nós lá, atrás do Mestre! — gritou uma das mulheres combatentes.

— Esperai lá, que, entrementes se reza um credo, para ele iremos — disse-lhe a tia Lourença com os seus ares de capitoa.

Estava então a descer da galé tomada o corpo desfalecido de João de Sá, retalhado de golpes, a escorrer sangue.

A tia Lourença ajoelhou na areia esbraseada de sol. E todo o mulherio da sua hoste ajoelhou enternecidamente.

— Destemido cavaleiro de Portugal! — invocou a regateira — Nossa Senhora vos dê vida, homem de prole, que assim honrastes e defendestes a nossa terra!

— Ámen! — entoaram as outras como num cantochão das suas almas tocadas de piedade e de mágoa.

Os galeotes passaram com o herói para o levarem ao hospital. A tia Lourença ergueu-se de repente e exclamou:

— Mulheres! Acorramos à estacada, que não hão de faltar lá pedras contra os javardos de Castela.

Soltaram os brados de guerra como gritos agudos de aves selváticas e partiram de carreira.

Entretanto, do rio vinham vozes altas dos Castelhanos, clamando:

— Ala! Ao largo, que vai minguando a maré!

* * *

As forças do conde de Mayorga tinham descido das portas de Santa Catarina para a Ribeira, depois de umas escaramuças em que os da cidade facilmente os rebateram. O intento era apenas sobressaltar e dividir a gente dos sitiados, evitando que a maioria dos homens de armas deixasse os muros e as portas para ir ajudar os que defendiam as galés.

Na estacada, atacando os nossos de revés, é que os cinco ou seis mil homens do conde podiam auxiliar com eficácia os esforços dos seus que vinham a bordo da armada para tomar os navios portugueses.

E contra este poderoso reforço seria quase certa a derrota do nosso punhado de homens, se os batéis e as galés sé não houvessem já feito ao largo com os seus dois mil homens de desembarque.

Todavia, a batalha estava travada com enfurecido ardor e à soberbia do conde repugnava uma retirada logo às primeiras investidas, que os chamorros tinham repelido intrepidamente. Quem sabe até se, alguns dos traidores portugueses que vinham com ele, lhe não teriam lisonjeado a vaidade, lembrando-lhe a empresa de entrar na cidade por aquele lado?

O caso era que, nas suas arremetidas, os Castelhanos redobravam de fúria à medida que o ardor e a intensidade de defensa iam sendo maiores.

De parte a parte com maior rancor os impropérios e com mais fervoroso entusiasmo a invocação dos santos

batalhadores, seus patronos, e da pátria pela qual jogavam a vida.

Os jovens cavaleiros do pendão verde faziam prodígios, expondo-se temerariamente. Empoleirado num barrotão da estacada, o Magriço agitava a signa dos Namorados, desafiando os de Castela a que lha viessem tomar.

Ruy batia-se como se fosse um enlouquecido. Ao lado dele, bacinete sobre os longos cabelos brancos, arnês curto sobre um burel de monge, um velho de compridas barbas lutava também. Era Mendo Rodrigues.

De repente vibraram para trás da estacada uns gritos doloridos de mulher e rumorejaram vozes feminis numa expressão de surpresa.

Os combatentes não ouviram e, ainda que ouvissem, não poderiam atendê-los, pois que a batalha recrudescia violentamente.

O Mestre havia chegado e animava os besteiros e a peonagem de farroupilhas. Maravilhava a energia daqueles homens, que andavam a cair de fome!

Num arremesso maior, os Namorados treparam ao troço da estacaria para uma sortida de desvairados.

— Jovens, menos alardo de valentias! — recomendou o Mestre na sua voz dominadora, de pé nos estribos.

Eles podiam lá ouvi-lo? Nem sequer tinham dado pela chegada desse a quem o povo chamava o Messias de Lisboa.

— Para aqui, Antão Gonçalves! — bramiu Ruy de Vasconcelos, de olhos fitos num cavaleiro que andava a incitar o esquadrão dos mouriscos de Andaluzia a galgarem com os seus ginetes, ágeis, nervosos, de ardente sangue, por cima daquela estacaria, que não chegava a dar pelos ombros a um homem de meã estatura.

— Para aqui, para mim, ralé dos traidores, cobarde ladrão de mulheres! — gritou-lhe ainda numa voz convulsiva, áspera e rouca, suprema expressão do ódio inexcedível que o turbava, desfigurando-o.

— Um virote contra aquela boca — mandou Antão Gonçalves aos besteiros.

E logo para os mouriscos:

— Vá, ginetes de um salto para tomarmos aquilo!

— Deixa os mouros, poltranaz vilíssimo! Vem tu, homem para homem, cachorro que te vendeste ao rei castelhano.

Uma chuva de virotes foi bater no bacinete e na cota de armas do infortunado jovem. Nenhum, porém, logrou feri-lo.

— Jovem, tende-vos! — gritou o Mestre.

— Ruy, que é uma loucura! — admoestou Mendo Rodrigues, procurando contê-lo.

— Tio, deixai-me! Está a fugir-me!

— Mouriscos, vamos! Aquele dom cavaleiro quer morrer por desenganos de amor — gritava Antão Gonçalves.

Numa alucinação de cólera, Ruy saltou para fora da estacaria de espada erguida.

— A mim! Para mim só! — gritou-lhe — Antão Gonçalves, vergonha de poltrões!

Uma mulher nova, que momentos antes se havia aproximado da estacada, desprendendo-se dos braços da tia Lourença, recurvou as mãos brancas, nervosas, no topo

agudo de duas estacas de pinho e alteou o corpo como se também quisesse saltar.

— Namorados! — gritou o Magriço — Pelo mais valente dos nossos!

E todos eles saltaram fora da estacada.

— Loucos! Loucos! — rouquejava o Mestre, de rosto avincado.

Entretanto, de olhar fito no Gonçalves, soltos, revoltos os seus cabelos de madona, o seio a arquejar sob os farrapos de damasco, a mulher juvenil gritava para as outras mulheres que tentavam desviá-la dali:

— Deixai-me. Aquele! Aquele!

E cada vez alteava mais o busto com uma energia nervosa, que lhe dava forças excecionais.

A cavalaria dos ginetes da Andaluzia fora de arrancada para o troço dos Namorados, à frente dos quais Ruy de Vasconcelos avançava com arrogância leonina.

— Estão perdidos aqueles loucos! — disse consigo o Mestre de Avis, entre desesperado e pesaroso — Besteiros!

— gritou — Sobre aqueles mouriscos os vossos virotes!

— Mulheres, à pedrada contra aqueles chamuscados! — gritou a tia Lourença — Querida Menina, qual é ele, o bilhostre? — perguntou à desventurada.

— Aquele! — respondeu, apontando-o com a sua mão de fidalga, mimosa, escultural.

Uma forte coluna dos Castelhanos corria a reforçar os ginetes da Andaluzia. Os Namorados batiam-se como leões, rodeados pelo enorme esquadrão inimigo, de turbantes com cimeiras pontiagudas de ferro e albornozes brancos adejando como asas.

— Requestador infeliz! — gritou o Gonçalves, metendo o seu morzelo espanhol direito a Ruy de Vasconcelos — Madalena será minha!

— Primeiro te matarei eu, vilanaz! — replicou-lhe, abrindo caminho a golpes de espada.

Os mouriscos apertavam com eles numa algazarra de brados, que lembravam uivos de feras.

De repente um calhau bateu na boca de Antão Gonçalves, que, como quase todos os cavaleiros portugueses, trazia bacinete sem cara, conforme o dizer de Fernão Lopes.

E logo um virote ao acaso se lhe foi cravar na face.

A dor violentíssima entonteceu-o; desequilibrou-se e foi a terra, sem poder falar.

— Menina, aquele já não torna a morder — disse a tia Lourença para Leonor.

— Rui! Não o vejo!

— Estão de volta dele aqueles lobos tostados a ladrar! — respondeu-lhe a tia Lourença.

Tinham chegado mais besteiros à estacada, iam pelos ares nuvens de virotes; centenas de pedras, arremessadas pelas mulheres, voavam contra os mouriscos. Os Namorados defendiam-se com admirável intrepidez, mas agora, na desigualdade de um para vinte, eram forçados a recuar contra a estacada.

Do lado dos Castelhanos uma voz espavorida gritara:

— As galés vão rio abaixo!

E outras vozes de timoratos acrescentaram:

— Vão fugindo!

Estes dizeres vieram repetidos por muitas bocas e foi então que o conde de Mayorga mandou tocar as trombetas, dando o sinal de retirar.

Já com enormes perdas, os mouriscos foram sacudidos pela doida suspeita de que estavam cortados, e meteram para a retaguarda numa desfilada fantástica, enovelando consigo uma parte das outras tropas castelhanas.

* * *

— Vencemos nós! Vencemos nós! — bradavam os da Ribeira.

— Pela nossa Pátria e pelas nossas damas! — clamava o Magriço, agitando o pendão verde dos Namorados, entre os quais havia nove gravemente feridos, três deles com ferimentos de morte.

— Namorado viúvo — disse-lhe sumidamente Ruy de Vasconcelos — pela nossa Pátria somente.

E de si para si:

— E foge-me ainda aquele bandalho da minha raça!

Mas da estacada as mulheres tinham acudido aflitivamente a alguém que a tia Lourença, de joelhos no areal, amparava nos braços.

Era Leonor de Gusmão. Um virote dos Castelhanos em retirada viera cravar-se-lhe num ombro.

— Coitadinha da minha querida Menina! — lamentava a regateira com os olhos rasos de lágrimas.

— Não choreis por mim, mãe Lourença.

E logo, sumidamente, com os olhos nela:

— Bendito sangue, se for... Para ele ter maior dó de mim.

— Valha-me Nossa Senhora! Eu podia lá sonhar que a Menina havia de ir de casa, por aí abaixo!

— Tia Lourença — avisou uma das mulheres — olhai que está a velar-se.

— Com ela já de caminho para o hospital e eu com ela — disse numa grande mortificação — Ajudai-me.

Mais três a levantaram nos braços, carinhosamente.

O esquadrão dos Namorados passava. Ruy de Vasconcelos reparou naquela mulher de formas gentis, que a velha regateira e mais três mulheres levavam nos braços desmaiada, e reconheceu quem era.

Apartou-se dos seus e foi para elas tristemente surpreendido. Em poucas palavras lhe resumiu a tia Lourença o que tinha sucedido.

— Levai-a para casa de Afonso Eanes, que muito conto com a sua boa vontade em lhe dar amparo e gasalhado. Eu depressa mandarei lá o físico da minha casa ou outro que primeiro tenha a fortuna de encontrar.

E foi meter-se nas filas do seu esquadrão.

— Aquela pobre dama, linda e desventurada, que o vilanaz perdeu! — pensava em estremeções de raiva — Mas

o amor que eu lhe tive para sempre se apagou. Para sempre!

E num confrangimento de alma se lembrou de Madalena, a sua malograda noiva de celestial beleza. Por essa o amor maior da sua vida, o que se não podia apagar, por mais que o coração se lhe espedaçasse e a onda vermelha do ódio lhe alagasse a vida! Como se fosse uma estrela de suave fulgor no recanto azul de um céu caliginoso, lâmpada de ouro de miraculosa luz por cima de um altar profanado, ermo, a desfazer-se em escombros.

* * *

O Infante bastardo, defensor do reino e Messias do povo, falava ao esquadrão dos Namorados, que lhe fora prestar homenagem.

Palavras ásperas de reprimenda pela sua bravura indisciplinada, e louvores enternecidos para aqueles ânimos juvenis, que eram uma das supremas esperanças da Pátria.

Entretanto, o mulherio da hoste da tia Lourença tinha invadido a galé castelhana em busca de despojos com que matasse a fome.

Encontraram alguns pães duros e celhas de peixe salgado. Mas outra coisa acharam, que foi de jubilosa surpresa. Em ferros, no fundo do porão, foram dar com alguns portugueses, prisioneiros do combate de Sortelha e entre os papéis dos Castelhanos se lhes depararam várias cartas de Sevilha para alguns dos tripulantes.

Leu-as um frade dominicano que entrara com elas. Em Castela contava-se com a tomada de Lisboa como coisa segura e até se faziam encomendas e pedidos aos supostos triunfadores.

Um desses pedidos levantou clamores de indignação e protestos frementes.

Pediam algumas pessoas de Sevilha que lhes levassem "jovens chamorras que eram boas servidoras" (*).

[(*) Citação do cronista Fernão Lopes.]

Assim como quem dissesse raparigas da terra dos chamorros para serem lá criadas e serviçais, como cativas, como escravas brancas de baixo preço.

— Ora os farfantões! — comentava uma das mais loquazes — Pois deixai estar, que nós, as chamorras, vos iremos servindo de avença, a sacudir o pó aos vossos namorados e aos vossos maridos. Até essas delambidas de lá queriam servas de Lisboa! Pois lá tereis notícia da barreia que nós demos hoje à vossa gente. E há de querer Deus que não seja a última, pois que têm bom pulso os servidores de cá!

Riram as outras do gracejo e o frade, já filado a um soberbo naco de presunto andaluz, o melhor troféu dos despojos inimigos, sorria das indignações daquelas filhas de Eva, que por momentos tinham esquecido a fome para ouvir o que as cartas diziam.

* * *

O Mestre andava a ver os feridos, a dizer palavras consoladoras a uns, a fazer promessas de galardão aos que sabia mais assinalados na luta daquele dia e a tomar providências para que os socorros cirúrgicos se lhes não demorassem.

E pela cidade faminta, onde a água envenenava e as ervas já escasseavam, o sol espargia dadivoso o ouro magnífico da sua luz e revoavam as vibrações triunfais no arranque febril de todos os corações e no repique louco de todos os sinos.

CAPÍTULO XIV

PLANO FRUSTRADO

Três dias depois, ao anoitecer, apareceram na torre maior do Castelo de Palmeia uns grandes fogachos, que a princípio amedrontaram a gente supersticiosa da cidade. Do terraço do paço do Limoeiro também se viram bem e o Mestre disse logo, com um clarão de fé a iluminar-lhe o rosto, subitamente prazenteiro:

— Sinal será para nós e de boa nova acerca de Nuno Álvares, que já com pesar me estava tardando!

Não se enganou o Mestre. De madrugada, um batel que atravessou o Tejo dos lados de Aldegalega, trouxe a bordo e desembarcou abaixo de Sacavém, um pajem de armas, que Nuno Álvares mandara de Palmeia com recado para D. João.

O jovem paladino abandonara a sua áspera campanha do Alentejo, eriçada de perigos e dificuldades, para vir de arrancada aproximar-se de Lisboa. Era pequena a hoste

com que saíra de Évora, porém, tal como era, ali estava para ajudar os defensores de Lisboa. Mas antes de intentar a travessia do Tejo, fora das vistas da armada castelhana, iria atacar Almada para limpar de inimigos aquele lado do rio.

Isto soube-se logo e a cidade teve tão jubiloso alvoroço como se a chegada do ilustre bastardo do Prior do Hospital, à frente do seu punhado de homens de armas, valesse a vinda de um poderoso exército aliado ou a boa nova de uma grande batalha vencida.

Quem primeiro deu a notícia a Ruy de Vasconcelos foi Afonso Eanes, que chegava com ela do paço na ocasião em que o filho de D. Dulce ia a casa dele saber do estado de Leonor.

— Tenho duas boas notícias para vos dar — disse-lhe o tanoeiro.

— Dizei — volveu-lhe o mancebo com aquela profunda tristeza que nunca mais o abandonara, desde que lhe tinham levado Madalena.

— O físico-mor veio esta manhã ver aquela desventurada dama e achou que o ferimento não tinha gravidade.

— Ainda bem.

— E a tia Lourença, que lá está sempre ao lado dela, contou-me que a pobrezinha já não tinha os rebates de enlouquecimento que dantes, hora a hora, a desvairavam.

— Louvores a Deus!

— Agora a outra boa nova: O senhor Nuno Álvares já está em Palmeia e esta manhã fez uma arremetida de reconhecimento contra os Castelhanos que senhoreiam Almada. Por informações recebidas de um Português que se arrependeu da sua traição e fugiu dos arraiais de el-rei de Castela ontem de noite, sabe-se que a chegada do senhor Nuno Álvares deixou de muito má sombra as pessoas da comitiva real. Conta-se que o próprio monarca dissera aos grandes da sua intimidade: «É uma lança e uma espada que valem por duas mil».

— Avaliou-o muito por baixo el-rei de Castela. Ele verá que vale muito mais esse que nos Atoleiros venceu a primeira batalha campal desta guerra. Não porque a lança

e a espada de Nuno Álvares sejam diferentes das outras lanças e das outras espadas, senão porque a alma daquele batalhador não tem outra igual aqui.

— Por isso estou, bem que não hesite em também contar com a vossa.

— Mercê de amigo. À minha a tomaram para si o ódio e o ciúme, e estou a ver quê ma perdem!

— Tal não há de acontecer, senhor Ruy de Vasconcelos. Tenho eu esperança de que ainda voltará para vós, pura como era, essa a quem tanto quereis.

— E quero ainda, por mal dos meus pecados! Mas não vos empenheis em dar-me ilusões que eu nem já seria capaz de sonhar, por muito que me quisesse iludir. Para vingar e para morrer é que esta minha vida se destina. Para vingar-me no mesmo lance em que a Pátria se vingar, e para morrer pelo sonho desfeito, se antes não for preciso que morra por esta nossa oprimida terra.

— Credo! Tal não será.

— Não vejo outro desfecho, pois que, abaixo da minha devoção de Português pela sua bandeira, nenhum outro

amor igual posso nem quero.

— Tudo o tempo há de mudar.

— Há mudanças com que o tempo não pode! Madalena estará em poder do pai, que é como estar em poder desse vilanaz de Antão Gonçalves, de quem será esposa, se a esta hora não é já sua amante — rouquejou, torcendo as mãos uma contra a outra violentamente.

— Esposa talvez, senhor e amigo, pois que à outra afronta se oporia ela, bem o creio, ainda que a mãe e o pai de todo a desamparassem; mas se o é, se em tão pouco tempo a lograram obrigar a tal sacrifício, é bem possível então que não tarde em ser viúva.

— Porquê, dizei?!

— Porque uma pedra britou a cara a Antão Gonçalves. Arremessou-a a tia Lourença e ela própria o viu cair em terra.

— Não seria coisa para o matar.

— Mas o Português, de quem vos falei e de lá veio, nomeou ao Mestre os principais homens que o rei de

Castela tinha perdido no combate de sábado, e entre esses tais indicou Antão Gonçalves.

— O quê! Morto da pedrada de uma mulher?

— Foi já levado para Almada por causa do seu estado grave. O trânsfuga que deu estas informações conhecia-o bem e ouviu dizer a um dos cirurgiões castelhanos que, pelo choque da pedrada e por causa de um virote que lhe atravessou a face e golpeou a língua, lhe veio à cabeça uma febre que supunham de morte.

— Ora, os cirurgiões! Tantas vezes se enganam e dizem coisas impossíveis, que ninguém pode tomar por seguro o que eles a cada passo afiançam. Oxalá que desta vez também falhem!

— Oxalá, dizeis?!

— Teria imenso pesar e um horroroso desespero se soubesse que uma pedrada e um virote tinham arredado de mim, para sempre, esse verdugo de mulheres. A sua vida a quero eu para lha tirar num desforço de homem fidalgo, de que ele seria incapaz.

E logo, como se uma súbita ideia o dominasse, lhe perguntou:

— Seria possível que eu falasse a esse traidor arrependido, que tantas informações trouxe ao Mestre?

— Nada mais fácil, pois que esse homem o tenho eu à minha conta como Juiz do Povo. Assim que foi observado pelo físico-mor e se reconheceu que não estava empestado, logo o Mestre ordenou que mo entregassem.

— Aonde lhe poderei ir falar?

— Na cadeia da cidade onde o mandei o tivessem vigiado. Podia tornar-se a arrepender e fugir para lá no intento de referir o que houvesse visto aqui.

— Dais então licença que eu vá lá para lhe fazer umas perguntas?

— E terei eu a honra de vos acompanhar.

— Tanto melhor.

* * *

No cubículo do carcereiro, ao nível do pátio interior da cadeia, Ruy de Vasconcelos interrogava um homem novo com traje de escudeiro serventuário e aspeto de quem não tinha vivido a vida rude e inclemente da plebe.

A poucos passos, de pé em frente da porta, ficara o Juiz do Povo.

— Éreis então escudeiro desse nobre cavaleiro que se bandeou com os de Castela?

— Senhor, era e pelo muito que lhe devia me fui também com ele para terras de Castela vai em dois anos, afastando-me desta, que era a da minha mãe, Deus a tenha consigo. Tantas vezes ouvi que Portugal viria a tocar de herança à senhora Infanta, rainha de Castela e ao rei seu marido e que tal não contendia com o ser a gente ou deixar de ser Português, tanto isto ouvi, que me não deu remorso acompanhar meu amo e senhor, a quem muito devia desde pequenino e quase diria mesmo antes de nascer, pois que a minha mãe era uma pobre de Cristo, que na casa do fidalgo fora muitas vezes matar a fome.

— E então agora vos arrependestes?

— Já o andava há tempo, dês que vi as coisas diferentes do que me tinham dito!

— E só ontem à noite vos decidistes a fugir para cá?

— Só ontem de noite, pois que de manhã falecera meu amo e senhor.

— Faleceu de quê?

— De um golpe de espada que lhe deu certo cavaleiro jovem, na batalha de sábado, e ouvi que isto foi do lado de fora de uma estacada que há na Ribeira.

Ruy afogueou-se.

— Dizei-me agora quais homens de prole desta nossa terra conheceis lá no arraial de D. João de Castela.

— Senhor, quase todos os que lá estão. Mas a um mais que a todos, pois era o maior amigo do meu amo e senhor.

— Quem?

— Um que se chama Gil Vasques de Mendonça.

— Esse?! E não destes fé de que alguém da sua família estivesse lá com ele?

— Senhor, dei, mas só há pouco mais de uma semana é que eu lá vi a esposa desse fidalgo e a filha, de tal rara beleza que foi maravilha para as damas da senhora Infanta, rainha de Castela, e para os grandes fidalgos que estão com el-rei.

Ruy volveu um longo olhar entristecido para o Juiz do Povo.

— A elas as conhecia eu bem aqui de Lisboa. A dama ficou sendo a estrela mais linda, entre quantas damas da sua corte a rainha portuguesa dos Castelhanos trouxe consigo.

— E quando foi que primeiramente as vistes?

— Logo no dia seguinte àquele em que o sol se apagou.

— E logo com as damas da senhora infanta D. Beatriz, rainha de Castela?

— Não, meu senhor. Com as damas da rainha só há quatro dias foi que eu a vi. Quando o pai a pôde roubar

aqui de Lisboa, por não sei qual caminho encoberto e de segredo, ouvi que ia mais morta do que viva.

— Junto do pai, entre as damas da rainha, admirada pelos grandes de Castela e de Gasconha — dizia-lhe com um grande travo de amargura — certo devia de estar leda e prazenteira.

— Senhor, não. Bem se percebia que estava ali por obediência. Muito desmaiada, os seus olhos pisados pareciam dizer que tinham chorado muito. Ninguém sabia lá porquê, mas olhai que tanto se admiravam daquela sua formosura como da sua tamanha tristeza. Eu vi-a bem, meu senhor. Muitos carinhos lhe fazia a senhora Rainha, ainda muito mais nova do que ela, como haveis de saber...

— Sei — rouquejou, como se este monossílabo fosse o desafogo de um soluço.

O preso não lhe notou aquela amargurada perturbação e continuou:

— Pois nem com os afagos da Rainha se lhe mudou a tamanha noite de tristezas que trazia no olhar! É verdade que também a senhora D. Beatriz é a mais entristecida

menina que eu tenho visto! Por lá se dizia que até a própria Rainha a pedira ao pai para sua dama. Não passaria de boato mas o certo é que lá a vi nos outros dias, sempre com ela como se muito se entendessem as suas almas, cheias de tristeza.

Profundamente impressionado com estas notícias do preso, Ruy ficou por instantes emudecido, de olhar vago, como se fosse atrás de um sonho.

De súbito sacudiu os ombros e disse-lhe bruscamente:

— Antão Gonçalves é parente muito chegado de D. Madalena. Sabeis?

— Primos direitos, ouvi eu contar que eram.

— A filha de Gil Vasques havia de ter sentido grande pesar pelo desastre desse homem. Era natural que tivesse — disse numa voz abafada, que parecia tremer.

— A isso não vos sei eu dar resposta — volveu-lhe o preso, pondo no Vasconcelos um olhar de estranheza — Sois talvez parente de Antão Gonçalves, senhor cavaleiro?

— Não! — replicou asperamente — Dessa ignomínia me livrou Deus! Alguma vez ouvistes que o pai de D. Madalena estivesse no intento de casar a filha com Antão Gonçalves?

— Senhor, nunca em tal ouvi falar, e só uma vez o vi ao pé dela, que nem para ele erguia os olhos.

— Está bem. Por essas respostas vos darei todo o amparo que for possível.

— Favor pelo qual muito vos ficarei agradecido.

— Pero Domingues, aqui tendes pelas vossas informações — disse dando-lhe umas moedas de prata.

— Senhor cavaleiro, aqui vos recebo o vosso dinheiro, pois que só comigo trouxe algumas moedas castelhanas, que ninguém me aceitaria cá em paga de uma sede de água que fosse. No que vós quiserdes me podeis mandar como a criado vosso.

— Talvez um dia seja. Resgatai lealmente a traição que fizestes a esta nossa terra.

— Senhor, por acompanhar o amo a quem tanto devia foi que eu fui para Castela, como já vos disse, e não sabia

então as voltas que as coisas tinham de dar! Meu amo dizia que era pela senhora infanta de Portugal, rainha herdeira da coroa do seu pai, e contra os parciais de D. Leonor Teles. Eu sabia lá, meu senhor, de que lado estavam aqueles que maior mal podiam fazer à nossa terra?!

— Os que foram para Castela e com o povo do rei castelhano invadiram Portugal, esses foram os que maior mal lhe fizeram, como os filhos malditos, aparceirados com bandoleiros para matarem sua própria mãe — a Pátria.

— Senhor, eu não passava de um escudeiro sem nobreza e nunca peguei numa espada ou numa lança contra a nossa gente! — alegou, comovido.

— Pois pela vossa terra o podeis e deveis fazer, agora que ela precisa de todos os seus neste perigo de morte em que está.

— Senhor, homem de armas serei quando quiserem que o seja. Pela alma da minha mãe vos juro.

— Eu tomarei para mim o encargo de vos tornar fácil o cumprimento dessa jura. Aqui virão buscar-vos, dentro de poucos dias.

Fez sinal a Afonso Eanes para mandar chamar o carcereiro.

Minutos depois saía da cadeia com o tanoeiro. Vinha menos acabrunhado. Dir-se-ia que um consolo íntimo lhe estava rarefazendo no rosto as enormes sombras de tristeza que lho traziam desfigurado; assim como, em certas noites de Inverno, as nuvens de imenso negrume um pouco se rarefazem, sob a luz branca e fria do luar, que é, todavia, a mais acariciadora luz dos sonhos.

* * *

— Vede agora, senhor Ruy de Vasconcelos, como eu estava adivinhando a verdade! — ia-lhe dizendo pelo caminho mestre Afonso Eanes.

— Uma parte da verdade, que me foi alívio consolador. Sinceramente vos confesso.

— Já podeis tomar para vós o mote completo do pendão verde dos Namorados:

— Madalena está em poder do pai e nos arraiais castelhanos.

— Em tal pesar que a todos dá na vista. Tristeza por vós, mortificada porque vos tem amor. Logo se entende.

— O pai pode obrigá-la a casar com o vilanaz do sobrinho.

— Isso dizeis, porque já vos esqueceu a informação de Pero Domingues. Antão Gonçalves estava desenganado, e morrerá, se não morreu já.

— Às vezes parece que o diabo se compraz em fazer milagres ao seu modo, salvando essa ralé de homens como aquele! E agora até eu desejo ardentemente esse milagre do diabo para ter depois o prazer inexcedível de o desafiar, sem que ele se possa afastar da minha lança ou do gume da minha espada. Mas dado que o infame faleça, não faltarão fidalgos de Castela que fiquem a cobiçá-la para esposa.

— A peste anda com eles; não terão ânimo para tratar noivados.

— A peste que ma pode matar também!

— Se está com a Rainha, se é sua dama, como Pero Domingues deu a entender, então andará mais resguardada da pestilência que os fidalgos das hostes reais. E se a levarem para Castela, talvez Deus permita que possais ir buscá-la, dado que a nossa gente haja de lá entrar.

— Estais sonhando acordado, mestre Afonso Eanes!

— Não era coisa de milagre que os nossos não tenham já feito, desde os tempos do senhor rei D. Afonso Henriques.

— Bem sei, mas a poucas léguas para além da raia. E agora porque milagre, com um punhado de homens de armas para ir sobre essa grande hoste que tem o rei invasor, levando-a de batida até ao coração de Castela?! Eu iria, fosse como fosse, outros iriam também; mas o mais seguro será ir buscá-la ao arraial do rei castelhano.

— Isso agora é que eu julgo pior sonho, e perdoai a ousadia de vos dizer!

— Veremos, mestre Afonso Eanes. Talvez encontre quem não ponha dúvida em seguir-me neste sonho.

— Que pode apressar a perda da cidade, senhor Ruy de Vasconcelos. E agora, meu senhor e amigo, perder Lisboa seria perder Portugal, sem nenhum remédio. Nenhum!

— Quarenta ou cinquenta homens de bom ânimo para morrer, bastariam pela calada da noite. E se lá ficassem, não era por eles faltarem que Lisboa se perdia.

— Se fossem de bom ânimo, então muito grande e grave seria a sua falta.

— Aqui teremos em pouco os homens de armas de Nuno Álvares, e ele valendo por muitos. Mas veremos, e deixai-me sonhar. Até de tarde ou até amanhã, se os Castelhanos não quiserem que nos juntemos antes.

— Ides já para vossa casa?

— Não; vou daqui a casa do Magriço saber notícias dos meus companheiros que ficaram feridos naquele rude combate de sábado.

O tanoeiro afastou-se dele, dizendo consigo:

— Vai com o seu louco intento para o outro, um temerário, e serão capazes de alguma grande loucura os dois e todas aquelas cabecinhas de vento que andam a idear glórias e amores. Será dever de lealdade e ação benfazeja para eles próprios ir pôr o Mestre de sobreaviso. Ele saberá como há de tomar as suas precauções, sem dar a perceber que foi prevenido.

E tomou apressadamente para o paço do Limoeiro.

* * *

O Magriço estava em casa. Ruy contou-lhe abertamente as informações que tinha colhido a respeito de Madalena.

— Pois iremos lá tirá-la numa arrancada, em qualquer das noites que indicardes — disse-lhe com a mais admirável singeleza deste Mundo.

Alma romanesca de cavaleiro andante, naquela época em que a lenda cavaleirosa se apagava nos próprios países onde fora criada com mais enlouquecido amor, como na

Alemanha, na Inglaterra e na França, aquele feio paladino, um gascão pela palavra e um espartano pela intrepidez, morria por qualquer arrojo aventuroso, sem lhe importar muito em que trágica insensatez podia desfechar.

— Oh! Que seria para mim a suprema ventura! — acudiu Ruy calorosamente, tomando-lhe as mãos e abraçando-o num ímpeto de júbilo — Ainda que eu lá ficasse, morrendo por ela!

— E eu convosco.

— Eu, primeiro que ninguém, nem aceito o vosso generoso auxílio, sem a condição de ser para mim o cometimento de maior risco e para vós somente o de prestardes apoio.

— Sim, isso depois se veria na balbúrdia da batalha — disse-lhe, sorrindo.

— Que grande e destemido homem sois.

— E feio, louvores a Deus, pois que assim me é dado lutar pelas damas dos meus amigos, à míngua de alguma que aos seus encantos lograsse acorrentar-me o ânimo.

Mas deixemos de gracejos e apreciemos o cometimento. Vossa dama está então com a Rainha?

— Assim mo deu a entender o preso.

— Ouvi que a Rainha e as suas damas tinham tomado pousada no convento das monjas de Santos.

— Assim o disseram os que de lá têm fugido. Mas eu irei sabê-lo do preso que me informou.

— O tal Pero Domingues de quem me falastes. É pena que de algum modo se não possa prevenir vossa dama.

— Talvez possa.

— Então bastará falar a uns tantos dos nossos de mais desamor à pele.

— O pior será não termos por onde nos deixem sair de noite!

— Temos, sim. Um dos nossos tem à sua guarda o postigo da torre de Álvaro Pais. Não é tão estreito que não deixe passar um homem a cavalo e por onde um passar facilmente poderão segui-lo vinte ou trinta, e depois o Mestre que nos perdoe e a Nação que conte connosco para

outros feitos, se a Santo António da Sé aprouver que voltemos à cidade.

— E encontraremos companheiros nossos que nos queiram ajudar?

— Todos os do esquadrão dos Namorados, iria jurá-lo.

— E quem lhes há de pedir esse sacrifício, que pode ser de morte?

— Eu, que fui o da lembrança. Mas nem será preciso pedir-lho. Bastará que eu lhes dê conta do nosso intento para que muitos deles se disponham a seguir-nos.

— E quando tencionais falar-lhes em tal?

— Dentro em pouco será, pois estamos aprazados para aqui nos juntarmos e já não podem tardar.

— Esperarei então. Virão muitos?

— Vinte e três dos sessenta e quatro que já somos.

— Ainda poucos! Não para essa empresa de amor, para essa os vinte e três chegam, mas para os grandes cometimentos em prole da nossa terra. O meu desejo seria que tantos fôssemos, que chegássemos para formar ala

numa qualquer batalha em que a sorte de Portugal se houvesse de decidir.

— Lá hemos de chegar, meu querido Ruy. Sessenta e quatro só em Lisboa. Na hoste de Nuno Álvares alguns jovens hão de vir que desejem ser dos Namorados pelo coração e pelo esforço. Do Porto e de todo o Norte conto eu com algumas dezenas deles e de toda a Estremadura, do Alentejo e Algarve muitos quererão ser dos nossos. Assim Lisboa veja pelas costas os sitiadores, assim a gente os escorrace daqui e, por Deus, que em pouco chegaremos a ser alguns centos. Jovens namorados, muitos há de ter e tem a nossa terra, e em eles sendo de sangue limpo e de ânimo destemido, pouco importará que não venham de godos ilustres ou não tenham brasão de grande e remota nobreza.

— Certamente. Aos de menos preclara linhagem não faltará ocasião de engrandecer, servindo e honrando a Pátria, e os que nenhuma tiverem, plebeus que sejam, grande e singular brasão podem conquistar agora na santa guerra em que andamos empenhados. Salvar a Nação, não deixar que no-la esmague o estrangeiro de Castela, golpear

na batalha essas mãos que vieram cá para nos rasgar uma bandeira que tem mais de dois séculos, tão honrada e santa cruzada será como as outras contra o mouro e o turco. Para os nossos corações ainda maior.

— Sim, maior! — apoiou o Magriço calorosamente.

* * *

Um quarto de hora depois entravam os vinte e três que tinham combinado reunir-se em casa do Magriço. Encheram-lha.

Cautelosamente, o dono da casa foi correr o ferrolho da pesada porta da sala.

Juntavam-se ali àqueles rapazes para discutir minúcias da sua agremiação e acordar no tocante ao ingresso de alguns mancebos de honrada origem; porém sem nenhuns pergaminhos nobiliárquicos. Naquele extraordinário ciclo de uma democracia que o sentimento da Pátria afervorava, até por aquele modo se ia democratizando essa pequena

ordem de cavalaria dos Namorados, à qual nenhum monarca organizara e nenhum pontífice dera consagração. Aquela tinha votos de amor, ao passo que as outras impunham votos de castidade aos seus freires.

Já que a traição à Pátria tanto havia rareado as fileiras da velha nobreza com que Portugal poderia contar, outra nova se havia de ir criando ao serviço da Nação ameaçada de morte, naquela excecional conjuntura da vida portuguesa.

Todas aquelas cabeças devaneadoras e todas aquelas almas de radiosa juventude encheram de vida buliçosa e de ideais fulgores a velha e sombria sala do palácio em que o Magriço habitava.

— Antes de entrarmos no assunto que vos traz aqui — disse-lhes o famoso cavaleiro que era seu caudilho — tenho uma informação de segredo a confiar-vos.

— Podeis dizer — acudiu logo um com alvoroço, de curiosidade.

— Certo prometeis não a divulgar, pois que, do segredo com que a guardares dependerá o bom ou mau êxito do empreendimento de que vou falar-vos.

Ainda mais impressionadora curiosidade em todos eles por aquelas palavras.

— Pelos meus votos de Namorado e pela minha honra de cavaleiro, vos prometo — disse solenemente o atlético fidalgo de Tavira, Vasco Eanes da Costa.

— E eu como vós — acudiu o trasmontano Pero de Magalhães.

— E nós todos! — disseram os mais próximos do Magriço.

— Todos! — prometeram os outros.

— Pois bem. Sabei que Ruy de Vasconcelos teve informação de que a sua dama, levada pelo traidor do pai para o arraial de el-rei de Castela, está no convento das monjas de Santos com a senhora infanta D. Beatriz, esposa do rei nosso inimigo. Sabe-se que à força para ali a levaram e lá vive oprimida, bem que muito amorável acolhimento lhe tenha dado essa excelsa dama, que é de Portugal pelo sangue e de Castela pela sua coroa de rainha. Ruy de Vasconcelos está no propósito de ir buscá-la de surpresa, e

eu na decisão de ir com ele, levando os homens de guerra que tenho ao meu serviço.

— E eu convosco — disse Vasco Eanes, calorosamente.

E todos eles, a um por um, afirmaram a mesma solidariedade de resolução. O Magriço pôs em Ruy de Vasconcelos um olhar jubiloso por aquela confirmação das suas previsões.

— Muito vos agradeço, destemidos cavaleiros e os meus honrados irmãos de armas — disse-lhes o filho de D. Dulce, comovidamente — Comigo podeis contar para tudo quanto eu for capaz em serviço vosso.

— Nada haveis porque agradecer-nos — objetou Vasco Eanes — Temos de nos ajudar uns aos outros, e para além do mais, a essa dama nós próprios aclamamos rainha das belas, rainha nossa de namorados, e as bordaduras do nosso pendão de batalha pelas suas mãos gentis foram feitas. Iremos resgatá-la desse dourado cativeiro como vassalos e admiradores seus, ajudando um dos mais esforçados e ilustres dos nossos companheiros. Não há porque hesitar e nenhum de nós certamente hesita.

— Nenhum! Nenhum! — clamaram todos numa vibração entusiástica.

E nenhuma daquelas cabeças sonhadoras podia pensar na grandeza temerária e certamente trágica daquela enorme loucura!

O Mestre tê-los-ia mandado prender ali mesmo, se pudesse ouvir os desvarios daquela juventude tresvariada pela febre romanesca da cavalaria aventurosa, precisamente quando em outros países essa louca excitação medieva ia já a declinar.

Mas nenhum deles um momento sequer refletiu nos desmesurados perigos do cometimento e logo passaram a combinar minúcias para a execução do plano.

Um dos mais considerados prometia entregar as chaves do postigo da torre de Álvaro Pais e comprar as sentinelas, para não darem alarme nem conta do feito às rondas que passassem.

Ia tudo às mil maravilhas e logo instaram os mais impacientes para que naquela mesma noite, pelo quarto de modorra, fosse para o convento de Santos com os

necessários rodeios, pelas veredas dos montes, de modo que mais facilmente se esquivassem aos vigias do exército inimigo.

O caso era cair de surpresa sobre a guarda do convento, espalhar o terror na gente estremunhada do arraial e persuadi-la de que era uma investida de toda a gente de armas da cidade. Na confusão e no estonteamento da surpresa, enquanto vinte com os seus escudeiros e pajens arremetessem às lançadas e à espada contra os que mais ânimo houvessem recobrado, Ruy, o Magriço e Vasco Eanes entrariam no convento, arrancariam de lá Madalena e com ela deitariam à desfilada para a cidade, avisando os mantenedores para retirarem pelas quebradas e caminhos mais escuros.

Se fosse preciso, se pelo escuro da noite os cavaleiros de Castela ousassem persegui-los, ao postigo o defenderiam eles tenazmente até que a cidade despertasse ao alarme da luta.

Estava tudo disposto e assente. Para aquelas cabeças juvenis nenhum plano mais seguro e de melhor êxito!

Trocavam impressões num alvoroço jubiloso, fantasiavam façanhas, ideavam glórias e alguns até lembravam a possibilidade de trazer também a rainha portuguesa, quando um bater pressuroso à porta da sala os despertou daqueles devaneios.

— Quem bate aí?! — perguntou o Magriço torvamente.

— Agora chegou e vos quer falar sua senhoria o senhor Mestre e Defensor do Reino! — responderam numa voz cheia de perturbação.

Entreolharam-se surpreendidos e um pouco empalideceram de surpresa aqueles galos loucos, que tinham acabado de resolver, como a coisa mais fácil deste Mundo, o plano de maior audácia que ainda estouvados brigões tinham podido conceber.

— O Mestre aqui!: — disse o Magriço, indo para a porta.

Puxou de repente o ferrolho, e D. João assomou logo de sorriso nos lábios.

— Mestre e senhor, esta vossa casa vindes honrar! — disse Álvaro Coutinho, curvando-se.

— Aqui venho para vos dar uma nova e para vos confiar um encargo de honra.

— Mercê, mandai!

O Mestre veio até meio da sala, pondo em todos um olhar perscrutador. Com ele vinham apenas o arcebispo de Braga, o batalhador que já conhecemos, o doutor João das Regras, o anadel-mor dos besteiros e dois pajens.

Coado pelos vitrais de uma alta janela, o sol iluminava de vivas cores a figura austera do Mestre.

Todos, a um por um, vieram saudá-lo e para todos teve afetuosas palavras de apreço.

— Convosco é que eu não contava aqui! — disse D. João para Ruy de Vasconcelos — Mas ainda bem que estais, pois que ao meu intento sois também preciso pelo ânimo sisudo e pelo esforço inexcedido.

— Senhor, grande e generosa são as vossas palavras.

— Tinha perguntado pelos meus cavaleiros enamorados, pois que nenhum hoje me aparecera, e ninguém a princípio me soube dar notícias deles! Afinal um dos meus pajens me

foi levar a boa nova de que um grande número viera para vossa casa, Álvaro Coutinho.

O Mestre punha nestas palavras uma leve ironia de gracejo, que os Namorados estavam sentindo com perturbada surpresa. Não alcançavam perceber-lhe o intento.

— Tinha de sair para estes lados e logo me resolvi a entrar aqui para que, sem delongas, eu próprio vos desse conhecimento do encargo que vou confiar-vos. Embora os meus deveres de chefe e os perigos em que está a causa que defendemos, me deem taciturno aspeto de homem idoso, homem novo sou, para que me não praza aparecer entre a juventude, por muito sonhadora que seja como a vossa, leais e destemidos Namorados. E por isso aqui vim, e quase seria capaz de jurar que foi para devaneios de cavalaria aventurosa que viestes aqui juntar-vos.

— Mestre e senhor — volveu-lhe o Magriço, afogueando-se — para a conversa e desafogo de gente jovem aqui nos juntámos, por não termos agora cometimento em que tivéssemos de entrar, em serviço vosso e da nossa terra.

— Por essa, principalmente, por essa, que do esforço de todos está carecendo, para que as hostes de Castela não logrem torná-la sua. Por esta cidade, em que Portugal se resume agora, por ela, depois de Deus, é que todos nós devemos empenhar toda a fé da nossa alma e o amor maior dos nossos corações. Não por desvairamentos de temerária cavalaria, senão por defendê-la de um jugo estranho, que seria a morte de Portugal e a perpétua vergonha do nosso nome. Também nós temos um sonho, abençoado sonho, mas esse é de todos, velhos e jovens, homens de prole ou esfarrapados da plebe, sonho refletido e justo, que não vem de novelas de cavalaria andante e pode tornar-se realidade pelo supremo esforço da nossa vontade. Vós o sabeis, e vós o tendes no primeiro moto da vossa bandeira de campeadores e no mais santo voto da vossa alma de Portugueses. Salvar a Pátria, tirá-la da herança de el-rei de Castela para a erguer maior e mais gloriosamente diante do Mundo. O sonho é este.

A palavra do Mestre, que a princípio os enchera de acabrunhado espanto, porque parecia a censura benévola de quem tudo adivinhara ou tudo sabia, tal dominadora e

calorosa vibração tinha agora, que lhes mudou o retraimento em comovida exaltação.

— Mestre e senhor! — exclamou Ruy de Vasconcelos — Perdoai aos Namorados o seu sonho de outros amores, mas o vosso é também o deles, o mais santo, o maior, o que está no primeiro dizer do seu pendão de batalhadores, e por ele hão de morrer, se todo o seu esforço não for bastante para anular a herança da rainha de Castela e erguer Portugal até onde vós entenderdes que deve erguer-se.

D. João comovia-se A alma do infante cavaleiro, juventude sonhadora como a deles, agitava-se jubilosa sob a máscara de disfarce do homem político. As palavras daquele jovem de admirável intrepidez, ardentes e sinceras, a saírem-lhe dos lábios numa golfada convulsiva, tinham um poder de sugestão enternecedora, como hoje se diria.

— Eu sei, Ruy de Vasconcelos! — disse-lhe D. João, simulando severidade de ânimo.

— Mestre, e nisto falo eu por todos.

— Por todos! — confirmaram os outros, calorosamente.

— Isso esperava de vós, e porque em tais sentimentos confiava e sabia quanto valeis, aqui vim para vos dar encargo digno de quem sois.

— Senhor, o que mandardes.

— Vou mandar meter ao rio as nossas galés. É preciso que subam até Sacavém e ali sustentem a passagem da hoste de Nuno Álvares, que vem a trazer-nos o grande auxílio da sua lança vitoriosa e dos seus esforçados homens de armas. Para evitar que os navios ligeiros de Castela cheguem até lá e com o seu maior poder levem de vencida as nossas galés, importa que a bordo delas estejam homens de excecional valia de ânimo, para darem maior alma aos outros. Sois vós os que prefiro para tal defensa.

— Mestre e senhor, para tudo! — acudiu o Magriço.

— Para tudo! — apoiaram os outros num grito de entusiasmo.

— Mandai, senhor! — disse-lhe Ruy de Vasconcelos — Ou contra o próprio arraial inimigo, se quereis pôr em prova o primeiro moto do nosso pendão.

— Não é preciso! — volveu-lhes serenamente — Nas galés será de maior serviço e de menos louca empresa o vosso coração intrépido. Depois será o resto, depois. Mandai aviso aos restantes do vosso esquadrão que faltam aqui e ide vós já para junto das galés que esta noite, ao encher da maré, irão rio acima.

— Mestre, dai-nos só o tempo que baste para irmos pôr nossas armas de combate.

— Decerto. Ao pôr do sol vos irei ver à Ribeira.

— Como se alguém o tivesse prevenido do nosso intento — pensava Ruy de Vasconcelos — ou ele próprio tudo houvesse escutado.

Não podiam adivinhar como, por lealdade patriótica, o tanoeiro Afonso Eanes havia levado ao Mestre o aviso de segredo a respeito do projeto que julgara surpreender duas horas antes, em conversa com o seu grande e desvairado amigo, Ruy de Vasconcelos.

A si próprio o prometera o honrado Juiz do Povo, para evitar uma trágica temeridade, cujas consequências podiam ser funestíssimas para os próprios destinos da Pátria.

— Ah! — disse o Mestre, ao pé da porta, como recordando-se — Ia já esquecido da nova que vos prometera. Fugindo à peste, el-rei de Castela ontem à noite se passou para a vila de Almada e para lá o acompanhou a senhora Infanta de Portugal, rainha de Castela, com todas as suas damas.

Entreolharam-se os Namorados com uma grande expressão de espanto. Ruy baixou o olhar amargurado.

Agora cada vez era mais fugidia a esperança de buscar a sua malograda noiva.

— Parece que a Rainha foi para lá enferma e no receio de estar também atacada de peste — acrescentou o Mestre, observando-lhe a perturbação.

Confrangeu-se a alma do infortunado Vasconcelos.

Com um sorriso afetuoso, o Defensor do Reino deu-lhes a despedida e saiu.

— Meu Deus, para derradeira tortura só faltava agora que a morte ma levasse! — disse de si para si o Vasconcelos esmorecida mente.

CAPÍTULO XV

A DESPEDIDA

O aviso confidencial que Afonso Eanes levara ao Mestre acerca de qualquer aventura dos Namorados, aviso vago e de simples suspeita por umas palavras de Ruy de Vasconcelos, inspirara a D. João aquele ardil bem intencionado.

O caso das galés era apenas um pretexto, um estratagema para segurar o esforço temerário dos jovens aventureiros. Mas no invento do ardil achara o Mestre a noção de um plano a seguir, logo que as galés estivessem suficientemente preparadas para a defesa do rio, acima de Sacavém, e fossem oportunidade apropriada para se efetuar a passagem da hoste de Nuno Álvares Pereira.

Muito propositadamente, para ir moendo tempo, no desencalhe e nos aprestos das galés se gastaram dois dias. E o esquadrão dos Namorados lá esteve de noite e de dia acampado na Ribeira como sua guarda.

Nem era preciso afinal manter o estratagema por causa dos rapazes. O Mestre soubera mudá-los, falando ao seu coração de patriotas e, ainda que os não houvesse chamado à razão e ao dever, eles próprios desistiriam do louco intento, mal soubessem, como souberam, da transferência da Rainha com as suas damas de Santos para Almada.

Ainda João das Regras manifestou ao Mestre o receio de que os rapazes pudessem idear loucura maior, assim que se rissem a bordo das galés; mas de tal insubmissão e desvario os não supôs capaz o grande bastardo de el-rei D. Pedro.

Seria transpor as raias da mais doida aventura ir arremeter contra Almada dentro de meia dúzia de galés mal guardadas, tendo a certeza de que lhas meteriam a pique as sessenta e duas naus e vinte galés de Castela com os seus quatro mil tripulantes e homens de guerra. Seria a desvairada arremetida de um contra setenta.

* * *

O rei de Castela fez ainda nova tentativa para alcançar do Mestre um armistício, avenço como lhe chama Fernão Lopes; mas o defensor de Lisboa energicamente lhe rejeitou a proposta.

Conta o nosso glorioso cronista que, às perguntas do rei de Castela a respeito da resposta dada pelo chefe dos chamorros, o mensageiro lhe dissera:

— Dai-o ao demo, senhor, que nunca em ele outra razão pude achar de quantas coisas lhe falei, nem outra resposta que respondesse, salvo não, não, não!»

E não só o despachou desta forma, mas em conselho com os seus capitães de maior representação e com os mecânicos da Casa dos Vinte e Quatro deliberou dispor para mais demorada resistência todos os meios de defesa que a pobre cidade faminta e já oprimida de sede, ainda lhe poderia dar.

Tal não foi preciso, por fortuna dos sitiados.

Parece que o bom conselho dos prudentes e o pavor da peste lograram enfim quebrar a soberba teimosia do rei de

Castela, e movê-lo a buscar no afastamento de Lisboa a trégua que os chamorros lhe não queriam conceder.

Vencia afinal o voto insistente do infante D. Carlos de Navarra, talvez por causa da doença da Rainha, que a 2 de Setembro manifestara sintomas de empestada.

Deram os vigias e atalaias das torres por certos movimentos do exército sitiante, e logo pela cidade se espalhou com febril alvoroço que dos lados de Santos já os Castelhanos estavam retirando.

Os sinos repetiram a nova em repiques festivos, e os homens de armas, o povoléu, os esfarrapados e as mulheres correram para as portas das muralhas, numa ânsia belicosa de ir saldar as contas do cerco num combate final.

O Mestre soube logo daquele alvoroço, e saiu do paço no temor de alguma ida funesta. É que podia ser um movimento de concentração, para alguma investida a qualquer ponto mais fraco da cidade, aquele deslocamento de forças que o povo supunha o começo de uma marcha de retirada.

O Mestre lembrou-se logo dos Namorados e mandou a um dos seus capitães que fosse dar-lhes ordem terminante para não abandonarem as galés. A bordo delas deviam de estar precavidos para qualquer investida da armada inimiga.

Ia já na rua Nova quando um anadel de besteiros veio de corrida para ele.

— Mestre e senhor!

— Que há?

— Está o povoléu todo às portas de Santa Catarina, e quer por força que o deixem ir para ir contra o arraial dos Castelhanos.

— Não saem, que não quero eu! — disse, de rosto avincado, metendo o cavalo a galope para a ladeira que ia dar às portas de Santa Catarina.

Já ali se ouvia distintamente a vozearia convulsiva da multidão. Uma galopada mais e logo esbarrou com as primeiras ondas da populaça. Frades em filas com as mais variadas armas, esfarrapados bramindo impaciências, bandos de mulheres em gritos como uivos.

— O Mestre! O Mestre! — exclamaram os que primeiro o viram.

E todo aquele mar revolto um pouco se acalmou.

— Que tendes e quereis? — perguntou-lhes numa voz dominadora.

— Senhor Infante e Mestre — disse um mesteiral — pedimos que nos mandem abrir as portas para irmos dar as nossas despedidas aos castelões.

— Heis de ir quando eu entender proveitoso que vades — respondeu-lhe com firme energia.

— Mas não é bem que eles se vão escapulindo, sem que a cidade se vingue do tanto mal que esses cães lhe têm feito — replicou o mesteiral.

À frente da sua hoste de mulheres, todas elas com arregaçadas de pedras ou molhos de lenha debaixo do braço, a tia Lourença interveio respeitosamente acercando-se do Messias de Lisboa.

— Senhor Infante, senhor Mestre, deixai que o povo saia a vingar as tantas misérias e o tanto mal que tem padecido.

E nós, as mulheres, Mestre e senhor, o mar de lágrimas que temos chorado.

— Pelo voto de todos fui escolhido para vosso Defensor...

— E nenhum outro queremos! — interrompeu a regateira num arrebatamento entusiástico.

— Nenhum outro! — clamou a multidão.

— Pois que o sou, o mando é meu! — disse o Mestre com benevolente energia.

— Mestre, mandais vós e nós pedimos! — instou a regateira.

— Gentes, o que pedis?

— Que nos deixeis-ir lá matar a fome e matá-los. Se vão retirar ao seu salvo, hão de queimar primeiro a fartura que têm, e então antes nós lha vamos tomar. E para lhes deitar fogo ao arraial aqui trazemos a lenha.

— Deita-se fogo a tudo aquilo! — clamaram outras.

— E acaba-se com a peste que eles lá têm no choco.

— Isso é desvario! Quem vos afiança que eles vão retirar e que não é ardil contra nós isso que vos parece retirada?

O Mestre antes queria impor-se-lhes pela persuasão do que por alguma dura energia do seu mando, e neste propósito conciliador os ia ouvindo. Era aquele o seu povo e tinha sido ele a vida, a força, a esperança da Nação ameaçada de morte. Bem sabia que só por um milagre de constância e de intrepidez, feito por aqueles esfaimados, por aqueles rotos, por aquelas mulheres de tão admirável abnegação, que tocava as raias da heroicidade, Lisboa se pudera manter diante do poder formidável de Castela.

E Lisboa era naquela conjuntura o coração e o cérebro de Portugal.

Compreendendo e sentindo isto, o Mestre comprazia-se em prestar a grata homenagem da sua benevolência àquela soberania de farroupilhas, multidão faminta que não regateava à Pátria o seu sangue vermelho de plebeus!

— Mestre, deixai — solicitaram muitos.

E logo, muito para a frente, revoaram gritos rouquejantes de ameaça da gente que tumultuava ao pé das portas.

— Gentes, arredai-vos! Aquela porta a vou eu guardar.

A plebe abriu-lhe caminho respeitosamente, e numa galopada o Mestre chegou junto das portas, cuja guarda de besteiros e homens de lanças começava a oprimir-se diante da populaça irrequieta.

* * *

Conta Fernão Lopes que D. João ali se manteve por largo tempo, contendo os assomadiços.

Não deixou sair a multidão, não consentiu que as portas fossem abertas e por elas se efetuasse um reconhecimento ao arraial inimigo; mas, para dar desafogo às impaciências da multidão, permitiu que por outra porta menos exposta aos ataques dos Castelhanos e mais arredada das maiores forças do arraial inimigo — as de Santo Antão — num extremo quase ermo da cidade, saíssem para observar o movimento dos sitiantes uns vinte e tantos cavaleiros que ali tinha montados nuns esfaimados corcéis e muares.

Foi a turbamulta atrás deles e pelos adarves do muro se aglomerou, seguindo em olhares impacientes aquele punhado de temerários, que arrancara das estreitas portas de Santo Antão para sondar as intenções dos sitiantes.

O Mestre subira à quadrela de Santa Catarina. Dali poderia observar um pouco a marcha daqueles cavaleiros de aventura.

Ora se lhe escondiam à vista nas pregas do terreno acidentado, ora os divisava em galopadas pelas clareiras dos olivedos nas ásperas encostas. Por instantes os perdeu de vista.

— Estou a desconfiar que o povo foi adivinho e que os Castelhanos vão realmente em retirada! — disse para o anadel-mor.

Desceu e foi outra vez montar a cavalo.

— Fernão Rodrigues — disse para o Comendador de Juromenha, que tinha então o comando da guarda do posto de Santa Catarina — por aqui ninguém sai, sem que eu esteja convosco. Vou à torre de Álvaro Pais para ver o que é feito dos nossos cavaleiros que saíram.

— Senhor Mestre, podeis ir confiado na minha obediência. Por aqui ninguém sairá, pois que estas portas a ninguém se hão de abrir enquanto vivo for.

— Está bem.

E deitou numa galopada para o sítio onde é hoje o Largo de S. Roque. Apeou-se e subiu à torre de Álvaro Pais.

Mas ele a chegar ao pé das ameias e a estrondear de lá de um outeiro o brado de alarme dos Castelhanos, chamando às armas, gritando o seu pregão de guerra. E logo o toque vibrante de muitas trombetas, num tocar mal seguro, truncado, como se estivessem gaguejando a surpresa dos tocadores.

— Deram por eles! — disse o Mestre — Mas tantas trombetas como se para ali, por detrás daquele outeiro, estivesse toda a hoste de el-rei de Castela! — acrescentou apreensivo.

E o que ele não podia saber então era que para aquele lado se concentrara a maior parte do exército sitiante, no seu primeiro movimento de retirada.

D. João de Castela cedera ao conselho dos prudentes e à evidência do perigo, mas custava-lhe a despegar-se dos arredores de Lisboa, que as suas tropas tinham assolado. Ainda aquela demora ali, não tanto por esperar a chegada da Rainha enferma e o préstito de cadáveres dos grandes de Espanha trazidos de Sintra, como por homenagem ao seu orgulho de rei e de Espanhol. Não fosse parecer que fugia.

Em breve o Mestre viu os seus cavaleiros retirando à desfilada, na direção das portas de Santa Catarina, pois que para a de Santo Antão lho impediam mais de mil cavaleiros de Castela, que os vinham perseguindo de lança em riste.

Desceu rapidamente ao terreiro da torre, montou de um salto e numa breve desfilada chegou ao pé das famosas portas da cidade.

— A mim, homens de guerra! — gritou aos grupos de gente armada que ali estacionava.

Juntou-os em frente da porta numa formatura concentrada, que dava o aspeto de uma cunha.

— Com todos os vossos besteiros para os muros — ordenou ao anadel-mor.

Vibrava alto do lado de lá da muralha a algaraviada dos cavaleiros de Castela e os brados convulsos dos cavaleiros portugueses, pedindo auxílio.

— Fernão Rodrigues, mandai abrir essas portas e ide com a vossa gente a dar amparo a esses vinte cavaleiros nossos, se tantos são ainda, que os Castelhanos vêm perseguindo.

Abriram as grandes portas chapeadas de ferro e o Comendador de Juromenha saiu com cerca de trezentos homens. Era tempo. Quase encostados às muralhas, com os cavalos a espumejarem suor, os vinte mal podiam já defender-se das primeiras filas da cavalaria inimiga.

Corria pelas muralhas fora, como um rastilho de ódios,, gritaria fremente dos homens de armas e da populaça que subira às seteiras.

De Santo Antão refluíam ondas de povo esbravejando. A hoste de mulheres da tia Lourença correra também para os muros com as suas arregaçadas de pedras.

O Mestre contava com uma investida em forma. Enganava-se. Apenas uns seiscentos cavaleiros se tinham aproximado daquela parte da muralha.

A pequena hoste de Fernão Rodrigues avançou intrepidamente e a uns trezentos passos da porta tomou uma formatura semelhante à dos quadrados modernos. As primeiras filas puseram joelho em terra com os piques apoiados no solo, tal como tinham feito, cerca de cinco meses antes, na batalha dos Atoleiros, os fidalgos e a peonagem de Nuno Álvares.

Choviam das muralhas sobre os cavaleiros inimigos os virotes e garruchas dos besteiros e com não menos eficácia as pedras arremessadas pelas mulheres.

Já com algumas perdas de homens e cavalos, os Castelhanos desistiram da investida e meteram a galope para os lados de Santo Antão.

O mulherio fez-lhes dos muros uma assuada estonteadora e a hoste de Fernão Rodrigues recolheu, trazendo de rastos os cavalos dos inimigos que tinham caído feridos ou mortos em volta do seu cerrado.

— Gentes! — gritou a tia Lourença, indicando os nove cavalos que traziam de rastos — Temos açougue com carne fresca. Cavalos de Castela ruins hão de ser para o nosso dente, mas quem tem fome cardos come. Olhai, se o Mestre der licença, repartem-se em quinhões, irmãmente; mas primeiro para quem tiver criancinhas e doentes.

E dali a pouco a multidão faminta esquartejava os cavalos, cantando a trova revolucionária:

Esta es Lisboa presada:

Miradla e deijadla,

Se quizieredes carnero,

Qual dieron al Andero.

* * *

Aquela refrega foi a despedida de um cerco em que Lisboa padeceu misérias imensamente maiores que nos outros,

muito mais breves, de 1373 e 1382.

Aquele durava havia aproximadamente cinco meses, depois que fora completamente fechado, e sete meses desde que tinham começado as hostilidades dos lados do Lumiar.

Em terra, vinte e cinco mil Castelhanos e aventureiros ilustres de França (os de Gasconha e do Bearne), no Tejo sessenta e duas naus e vinte galés com outros navios ligeiros e, provavelmente, uns quatro ou cinco mil homens a bordo; mas Lisboa não se rendera, antes brasonou com aquele feito a primeira grande página épica da sua história, para um dia servir de prólogo à maior odisseia das civilizações modernas.

CAPÍTULO XVI

O PRÉSTITO DE CASTELA

Por alta madrugada, de 3 para 4 daquele trágico mês de Setembro, os vigias das torres deram sinal de alarme e os sinos tocaram a rebate.

Ouvia-se um cavo tropel dos lados de Santo Antão como de muitos cavalos e um ruído de carros que fossem rodando lentamente pelos caminhos.

E logo, de súbito, se afogueou todo o horizonte e uns grandes rolos de fumo, que a brisa do mar rasgava nos ares, vieram esfrangalhar-se contra os altos adarves das torres.

Uma enorme faixa de labaredas ondeou sinistramente por aqueles outeiros e quebradas, a subir de Santos até Santo Antão e de lá até em frente do monte da Graça.

Sentia-se o estalido das madeiras a desfazerem-se em, carvão, divisavam-se pedaços de pano a voejar

chamejantes, milhares de faúlhas, como enxames de abelhas rubras, morrendo nos ares.

— Os castelões deitaram fogo aos seus arraiais! — bradavam os da torre de Álvaro Pais.

— Ou se lhes pegou por descuido — lembrou alguém.

— Qual! Aquilo foi deitado por todo o arraial a um tempo!

— Temos as fogueiras do S. João em Setembro!

— Já que em Junho ninguém as pôde acender cá na cidade.

— Assim o Mestre nos deixasse ir saltar aquelas fogueiras!

— Mas o caso é que esses cães gadelhudos nos deixam!

— Para voltarem mais danados será que eles nos deixam agora!

Vinha clareando a manhã e as labaredas cada vez mais altas.

O Mestre chegou às portas de Santa Catarina e ordenou que Fernão Rodrigues saísse com a sua gente de armas em observação para os lados de Santos.

Foi, e com ele saiu uma multidão de curiosos. Os palanques e barracões reais da encosta de Santos estavam já reduzidos a brasido. No mosteiro encontraram muitos doentes, uns agonizantes, outros a arrastarem-se pelos corredores e pelas escadas abaixo num pavor louco, numa ânsia enorme de fugir.

Apesar do ódio intenso que tinham a Castela e do seu natural impulso de vindicta, os homens de armas e o populacho obedeceram às intimações de Fernão Rodrigues para não cevarem nos pobres doentes as fúrias vingadoras que, sem a prestigiosa autoridade daquele chefe, seriam de horrenda atrocidade, conforme as tradições e os hábitos barbarescos da guerra daqueles tempos.

A multidão voltou à cidade sem nenhuns despojos. Apenas um ou outro trazia como insignificantes relíquias alguma lança abandonada ou alguma espada perdida.

Na véspera, o Mestre dera ordem para que duas galés subissem o rio e lançassem ferro para cima de Enxobregas.
%

Protegeriam assim quaisquer batéis que viessem da Outra Banda com bandeira portuguesa e vigiariam os movimentos dos sitiantes por aquele lado, dando aviso de qualquer suspeita de concentração de forças. Dez galés ficariam de atalaia em frente da Ribeira.

O Mestre dispunha os navios da sua pequena armada para cobrirem e defenderem a travessia da hoste de Nuno Alvares, se a sua passagem fosse possível na madrugada do dia seguinte.

A bordo das duas galés que tinha subido para cima de Enxobregas estavam nove dos Namorados e, entre eles, Ruy de Vasconcelos, o Magriço e Vasco Eanes.

Alta madrugada, tinham sido despertados pelos vigias dos navios. Estavam a arder alguns grupos de barracas do acampamento castelhano, dos lados de S. Vicente e da Penha.

Não sabiam se era incêndio casual ou propositado e, neste caso, com que fim; mas logo os patrões das duas galés resolveram que imediatamente largasse para a Ribeira um batel em que um dos fidalgos fosse levar a notícia ao Mestre. Ofereceu-se para ir um dos Namorados, que não é ainda nosso conhecido.

O mensageiro embarcou e partiu. A madrugada rompia com uma intensa lucidez. Percebia-se já no rio o movimento de algumas forças inimigas, afastando-se do acampamento em chamas. Daquele lado da cidade, o arraial era formado de pequenos núcleos de barracas onde se abrigavam forças diminutas. A maior parte do exército sitiante estivera do lado de Santos até Santo Antão, com o seu flanco direito apoiado na esquadra.

— Seria de conveniência que três ou quatro homens de ânimo fossem a terra para ir observar cautelosamente o que se passa deste lado da cidade — propôs o Magriço ao patrão da galé em que estava.

— E para que seria isso bom? — perguntou o patrão, homem idoso e de bons serviços, que era ali o chefe superior das duas galés.

— Para se poderem mandar ao Mestre informações completas. Quem nos pode dizer aqui o que houve no arraial inimigo? Se aquele fogo foi casual ou tem algum fim que desconhecemos?

— E quem se aventura a esse risco? — perguntou o patrão.

— Eu — respondeu o proponente.

— E eu — acudiu Ruy de Vasconcelos.

— E eu também — disse Vasco Eanes.

E outros Namorados se iam oferecer, mas o patrão atalhou logo:

— E mais nenhum, que não quero a responsabilidade de enfraquecer a guarnição desta galé. Vão os três e não se desacautelem, se não querem ficar por lá.

— Nós chegamos — respondeu o Magriço.

Estava radiante. O seu sangue de aventureiro puxava-o dali para fora. Nem a proposta tivera outro intento que não fosse procurar alguma aventura em que, por uma hora ao

menos, se livrasse daquela vida inativa e monótona de bordo, que o estava aborrecendo mortalmente.

Meteram-se os três num batel a dois remos e em dois minutos chegaram à praia.

— Apre! — exclamou o Magriço, resfolgando ruidosamente — Foi como se saísse de um poço onde me faltava o ar! Agora, meus queridos cavaleiros andantes — disse de gracejo, indicando as pernas — é contar apenas com estes magros corcéis, visto que não temos outros. Mas importa ser cauteloso como esculcas, ter olhar astuto de raposa e orelhas finas de lebre. Vamos lá. O que eu queria era apanhar-me em terra, que o demo da galé até me cheirava a ratos.

— Vou eu adiante, que sou prático destes sítios — propôs Ruy de Vasconcelos.

— Está dito. Por todas as razões, adiante — volveu-lhe o Magriço — E se for preciso arrancar algum pinheiro que estorve ou mover algum penedo para o pôr onde nos apraza, aqui levamos os pulsos de Vasco Eanes.

E a rir, regaladamente, como se fosse para o mais suave divertimento do Mundo, acrescentou:

— Ruy, sabei que já lhe vi deitar a terra um bezerro de três anos com uma punhada, que valia por trinta das nossas.

Atravessaram o areal, meteram por carreiros e azinhagas a pequena distância dos abarracamentos, já quase em cinzas.

— E os sinos de S. Vicente a tocarem a rebate! Mas porquê, se já se não topa aqui nem a sombra de um Castelhano!

— Só se a dança é lá para o outro lado da cidade — lembrou Vasco Eanes.

— Pois se for — volveu-lhe o Magriço — lá iremos para bailar, e o Mestre que nos perdoe e o patrão da galé que passe por lá muito bem.

— Olhai que já ides esquecido do vosso propósito da prudência — observou-lhe Vasco Eanes de brincadeira.

— Prudência enquanto bastar que espreitemos e ouçamos; mas no caso de haver bailado grande, a minha

espada não é dama que se fique embiocada a ver como as outras dançam.

Ruy não dizia palavra. A alma voara-lhe para longe dali.

Meteram pelo aceirozito de um pinhal alto e denso, empoleirado numa áspera encosta.

— Mais cuidado agora — recomendou baixo o Vasconcelos — Ao cabo deste pinhal há uns barrocais sobranceiros ao caminho que vai para Torres Vedras.

— Escutai! — avisou o Magriço, moderando o vozeirão e os passos — Os sinos agora estão repicando como se fosse em manhã de aleluia!

— Então qualquer coisa boa aconteceu aos nossos! — disse Vasco Eanes.

— Talvez dessem alguma trepa nos Castelhanos. E se assim é, pela minha vida, que nunca perdoarei ao Mestre a lembrança de nos meter naquela capoeira das galés, em guisa de galos velhos que podiam estragar a semeadura do quintal.

— Schiu! — preveniu da frente o Vasconcelos — Ouvi passos ali para diante. Vamos indo. Agora um tropel de cavalos!

— Que relincham, talvez tão satisfeitos como eu quando me vi em terra — gracejou o Magriço sumidamente.

— Vou morto por saber o que houve! — disse Vasco Eanes.

Foram caminhando. Já percebiam bem as vozes da gente que ia no caminho e a chiadeira monótona dos carros de bois.

— São de Castelhanos aquelas vozes — observou Ruy.

— Quereis vós ver que vão mudar de ares? — comentou o Magriço naquele feitio jocoso que retomou desde que lograra safar-se da galé.

Tinham-se ocultado por detrás de uma penedia que limitava o pinhal e ficava a cavaleiro de uma ribanceira sobre a estrada antiga, irregular, de escassa largura, ladeada de silvedos e muros baixos de pedra solta, extremando vinhedos, que os sitiantes já tinham vindimado.

Era a estrada para Torres Vedras. Tinha passado para a frente de galopada um grande esquadrão dos ginetes mouriscos de Andaluzia. Agora estavam passando lentamente carros de bois e liteiras de varais com os doentes e feridos. As bagagens iam já para diante em longas récuas de muares.

— Retiram! — segredou o Magriço — Ah! Que se aqui estivessem todos os nossos! Seria dos Namorados a vitória final.

— São os doentes e os feridos — disse Vasco Eanes — Lá deitaram dois para trás do silvado; provavelmente morreram naquele carro parado.

— Safam-se os malditos, e hão de deixar Portugal empestado! — observou o Magriço quase em segredo.

— Olhai agora aquela liteira que parou. Tiram de dentro um homem todo ensanguentado. Um ferido que morreu. Lá o baldearam para além daquele muro.

— Se ali irá Antão Gonçalves! — pensou Ruy de Vasconcelos numa cara de ódio — Ainda que fosse —

emendou mentalmente — Para o matar, só quando ele se puder defender.

Repugnava-lhe que o seu imenso ódio até numa ideia se pudesse confundir com a cobarde cilada de um homicida.

Depois começou a passar um préstito estranho e lúgubre como não havia memória de outro semelhante na retirada de um exército.

Pajens, escudeiros e homens de armas com os brasões das cotas de armas velados de preto em sinal de pesado luto, ladeavam, muito cingidos a ela, uma extensa fila de muares, que levavam a dorso caixões mortuários, cobertos de pendões com panos fúnebres.

Eram pendões de damasco e cetim, brasonados a ouro e matiz, signas de guerra dos grandes de Castela e dos fidalgos da Navarra, da Gasconha e do Bearne, que tinham falecido de peste ou de ferimentos em combate. Dos mais soberbos brasões e dos mais altivos nomes da velha nobreza das Espanhas.

Os pajens levavam brandões acesos. Alguns choravam.

— Os grandes que morreram! — disse o Magriço.

— Hão de ser esses que salgaram e secaram em Sintra — observou Vasco Eanes.

— Retiram também! — disse o Vasconcelos, tocado por um sentimento de generosa piedade — Vão para os soberbos jazigos das catedrais e dos seus velhos palácios de Castela. Os outros talvez cá voltem. Esses nunca mais. É o préstito de Castela!

— E lá mais para diante se lhe juntará o outro dos que foram salgados em Alenquer.

— O dos nossos não seria muito menor, se os tirassem das sepulturas de Lisboa — disse gravemente o Magriço.

— E as lágrimas das mães, das viúvas, dos órfãos — acudiu o Vasconcelos, tristemente — chegariam para lhes encherem os covais.

A trote moderado passaram, a dois e dois, umas poucas de dezenas de cavaleiros castelhanos.

— E tão esmorecidos vão — notou Vasco Eanes — que se o Mestre tivesse trezentos cavalos como tem só vinte...

— Teve — emendou o Magriço — Agora nem isso.

— Pois se tivesse os trezentos, mudava-se-lhe a esta gente a retirada em desbarato, e nem os seus fidalgos mortos voltariam a Castela.

— Reparai agora. Aqueles hão de ser cavaleiros da Gasconha e do Bearne — disse o Magriço, indicando umas longas filas, a dois e dois, que vinham a passo — Conhecem-se bem pelos altos pendões e pelas armaduras — explicou.

Levaram uns largos minutos a passar. De vez em quando, reprimiam a impaciência dos cavalos e voltavam-se para trás como para observar uma fila extensa de liteiras, a uns mil passos distanciada deles.

Seguiram largando a trote. Em breve, do fundo da ribanceira, começaram a surdir com estranha lentidão as liteiras, trazidas por muares possantes com magníficos jaezes.

A primeira, de obra leve de talha dourada, com cortinas de cetim franjadas de prata, tinha no topo do tejadilho dois anjos de ingénua escultura, segurando ao alto uma coroa real.

— A Rainha e as suas damas, talvez! — rouquejou sumidamente Ruy de Vasconcelos, empalidecendo.

Não se enganava. Na liteira dourada ia enferma D. Beatriz de Portugal, a mal-aventurada rainha de Castela. Esposa de doze anos trazia-a no colo, carinhosamente, uma das aias de Toledo.

Ladeavam aquela liteira real pajens de dalmáticas bordadas a ouro e prata com os castelos e leões heráldicos da mais altiva nação das Espanhas. Muito achegados a ela, um à direita e outro à esquerda, montados em nédias muares, o físico-mor da corte e o capelão do rei.

Uma voz de mulher disse de dentro da liteira umas sumidas palavras ao físico-mor, que as ouviu muito debruçado para a portinhola e logo mandou aos jovens e aos pajens:

— Parai. A Rainha carece de socorros.

Apeou-se rapidamente, entregou a mula a um cavalariço, tirou dos alforges uma caixa de prata, abriu-a, escolheu um frasco entre vários que lá trazia, levantou o fecho dourado da portinhola e pelo estribo pendente, formando dois degraus, subiu e entrou na liteira.

As outras liteiras tinham ficado em fila. Ao longe, numa curva da estrada, um grande esquadrão de cavaleiros juvenis da Espanha e de aventureiros franceses do Bearne e da Gasconha parara esperando.

— Provavelmente a Rainha piorou — disse baixo o Magriço.

— Que bom lance para irmos buscar essa infanta que é nossa — disse Vasco Eanes — pondo em fuga esses pajens e abatendo as prosápias daqueles cavaleiros de além.

— Somos três, sem lanças e sem cavalos — observou-lhe o Magriço com um estranho brilho no olhar.

No emudecimento de quem sonha nalgum passado de saudades e de amarguras, Ruy parecia absolutamente alheio ao que os seus companheiros estavam dizendo.

— Ali, em qual? — perguntara mentalmente.

Entretanto, de todas as liteiras se tinham apeado as damas para irem ver o estado da Rainha. Algumas envelhecidas senhoras da alta nobreza de Castela, outras peregrinas belezas juvenis de Toledo e de Sevilha. Da quarta liteira apeara-se uma dama de cabelos embranquecidos e fundos

vestígios de sofrimento no rosto ainda belo, a lembrar o tipo das formosuras mouras da Península. Deu a mão e amparou a si, carinhosamente, a uma dama gentil, esplêndida juventude com uma alvura de açucena e uma suave tristeza de santa.

De súbito, Ruy de Vasconcelos levantou-se do esconderijo numa cara de alucinado e numa ternura de pajem noviço.

— Madalena! — murmurou, espantosamente pálido.

E antes que os dois companheiros houvessem reparado naquela excitação de surpresa, deitou desvairadamente pela ribanceira abaixo.

— Rui! — chamou o Magriço, estupefacto, erguendo a espada.

— Como se enlouquecesse! — exclamou tristemente Vasco Eanes, arrancando também da espada e descendo de carreira.

Foram uns segundos apenas, mas de tão violentas e opressoras impressões, que encheriam horas enormes em qualquer drama agitador da alma humana.

A descida abrupta daquele jovem produzira uma enorme alucinação de pavor nas damas e uma irresolução de pasmo na criadagem e nos pajens.

Com ares espavoridos, nuns gritos aflitivos, as damas tinham fugido para ao pé da liteira real, numa palidez de terror, numa tremura de crianças, os seios a arquejarem violentamente.

— Madalena! Linda noiva da minha alma! — exclamou o filho de D. Dulce, tomando-a nos braços e beijando-a nas faces como se já não houvesse loucura de que não fosse capaz.

— Ruy, que te perdes! — soluçou ela numa doçura de submissão e num confrangimento de medo.

Lívida, convulsiva, quebrando as hesitações que um momento a tinham imobilizado e emudecido, D. Maria de Mendonça inclinou-se para o temerário enamorado e disse-lhe a tremer:

— Tendes de fugir, ou levai-nos!

Era já alto o alarido dos criados pedindo socorro e frementes os brados de uma dezena de pajens e escudeiros,

que vinham para o Vasconcelos de lanças em riste ou de espadas ameaçadoras.

Ao lado deles fazia uma chiada medonha de alarme o bobo real, o grotesco Annequim, com a sua gorra de lhama de prata, emplumada de penas de faisão, uma gorjeira de guizos dourados e um saio de cores berrantes.

Na cidade o conheciam bem todos os cavaleiros do Mestre de Avis, pois que o bufão, antes de começar o cerco e estando el-rei de Castela em Santarém, propusera de gracejo vir a Lisboa desafiar o Mexias para o deprimir nas chocarrices do seu repto.

Achou-lhe graça o conde de Mayorga e aplaudiu-lhe a lembrança. O bobo veio como parlamentário e falou ao Mestre, defendido pelas imunidades que tinham os parlamentários.

Fora uma cruel afronta.

Correu o Magriço, para os pajens e escudeiros a tomar-lhes o passo com a sua enorme espada.

— Eh! Lá jovens fedelhos de Castela! Se vos atreveis, faço de vós uma enfiada de cabozes!

Os escudeiros e os pajens recuaram, enfiados, diante daquela bisarma de homem.

— Tu, truão bilhostre — disse, agarrando o Annequim pela gorja e levantando-o no ar — toma a paga daquela tua mensagem de escárnio.

E atirou-o fora com dois tremendos pontapés, que o fizeram ir de ventas ao chão, a ganir como um cachorro medroso.

Mas da retaguarda, avisados pelos gritos de alarme, dezenas de cavaleiros castelhanos e franceses tinham deitado a galope.

— Amor da minha alma, que vão matar-te! — soluçou Madalena, abraçando-se nele.

— Por ti será, se for! — volveu-lhe.

— Senhor, salvai-vos, ou levai-nos daqui! — solicitou outra vez D. Maria de Mendonça num espasmo de terror.

— Sim, levai-as. Ajudai-me! — gritou aos seus dois companheiros — Pela nossa terra e pela minha dama! — gritou, repetindo com leve modificação o moto da bandeira verde dos Namorados.

— Aqui para vos defender, Ruy de Vasconcelos! — gritou o Magriço.

— Pelo nosso moto! — disse-lhe Vasco Eanes, a poucos passos dele, de face para o lado do caminho donde vinha a galopada.

Ruy tomara as duas damas pela mão no intuito de as ajudar a subir para um socalco da ribanceira. Dali subiria ao pinhal por uma estreita vereda, batida na terra argilosa pelos pés descalços dos pastores e pelo calçado grosseiro dos jovens do monte de uma quinta de fidalgos, circunvizinha do pinhal.

O terreno favorecia aqueles arrojados aventureiros. Os corcéis dos inimigos não eram galgos que trepassem a ribanceira, nem pelas baixas do pinhal, denso e bravio, poderiam investir facilmente com aqueles temerários.

Abatida pelas mortificações, numa grande debilidade, a arder em febre, oprimida de susto, Madalena mal podia arrastar-se, e Ruy teve de a levar nos braços, a poder de esforço, até meio do socalco, firmando o passo em pegadas que lhe serviam de degraus. D. Maria seguia-os, atribulada.

O marido estava na hoste de el-rei, e o requestador que traíra a Pátria ia muito para a frente, com os feridos e os doentes, ainda em perigo de vida.

Mas foi preciso parar porque Madalena desmaiara.

Pelo caminho, atravancado de liteiras, os cavaleiros só podiam avançar a um de fundo.

Os dois da frente, Gascões de soberbo aspeto, gritaram uma bravata atroadora, e logo o primeiro enrista a lança contra Vasco Eanes. O outro procurava ladear por entre duas liteiras para investir de flanco ou pelas costas o possante guerreiro que lhes fazia rosto.

— Eh! Bragantão (*) de Gasconha, que tens homem para ti! — clamou-lhe Vasco Eanes, opondo ao golpe da lança o arnês que lhe defendia o arcaboiço de atleta.

[(*) No sentido de ser um aventureiro libertino.]

Contava com a sua força excecional e com aqueles músculos de ferro, que eram o assombro de todos os seus

companheiros.

A haste da lança do Gascão quebrou-se com a violência do choque. Vasco Eanes aguentara-se, com a perna direita retesada para trás como a servir-lhe de espeque.

E logo, enquanto o Gascão oscilava na sela, deu um salto para a frente e cravou nos peitos do cavalo a adaga que empunhava na mão esquerda.

O animal foi a terra arquejante, tocando com a testeira de ferro (*) no peito de Vasco Eanes.

[(*) Peça de armadura que defendia a cabeça dos cavalos de batalha.]

— Gascão, a pé como eu!

Ladeou pela esquerda e foi para o cavaleiro derrubado. Na precipitação de se destribar, por tal modo o Gascão se desequilibrou, que foi abaixo para o mesmo lado em que o cavalo caiu, ficando debaixo dele, numa agonia lancinante.

— Agora outro! — gritou o jovem algarvio.

Não era preciso o repto, porque a lança do segundo Gascão, errando o golpe que lhe dirigira ao rosto, sem viseira que lho defendesse, deu-lhe em cheio no bacinete, fazendo-o recuar, estonteado.

A este tempo estava o Magriço rebatendo diante da sua formidável espada um grupo mais audaz de escudeiros e pajens, mas já para a frente chegara aviso daquele conflito e os Gascões e Bearneses que iam como batedores voltavam para trás a galope desfechado.

Vasco Eanes lograra segurar-se de pé, graças à sua longa espada, que fincara no chão para se apoiar durante instantes de estonteamento.

O Gascão apertava com ele e alguns dos outros, que se lhe seguiam, tinham metido por entre as liteiras, vista a impossibilidade de passar para a frente de outro modo.

Numa tremura de pavor, dando gritos e chorando, confrangidas, as damas castelhanas tinham fugido ainda mais para a frente, já para além da liteira real, que o físico mandara encostar à esquerda do caminho para seguir como fosse possível. Muito acabrunhados de medo, porque a

primeira impressão foi de que estavam sendo atacados pelas avançadas da hoste de Lisboa, os jovens das outras liteiras, os menos timoratos, iam seguindo o movimento daquela em que ia a rainha; algumas, porém, estavam imobilizadas no meio da estrada porque os condutores tinham fugido.

Era agora gravíssimo o lance em que se viam comprometidos os nossos três aventureiros.

Vasco Eanes ia já recuando para a ribanceira porque eram três os cavaleiros franceses que o acometiam de frente e de flanco; a poucos passos do Algarvio, o Magriço, não já a conter os escudeiros e os pajens, mas a defender-se de um grupo de bearneses que viera da frente à desfilada; grupos de cavaleiros castelhanos, metidos pelos vinhedos e carreiros marginais da estrada, corriam a rebater a investida e a defender as damas da corte.

Ruy viu tudo isto de relance numa cara de remorso.

De joelho em terra com a sua pobre noiva nos braços, ali estava numa inatividade humilhadora de pajem adolescente, enquanto os seus dois valentes companheiros

expunham a vida e iam talvez perdê-la por causa de um louco arrebatamento seu.

Vibrando por entre o estridor das armas, a tropeada dos cavalos e a vozearia de Castelhanos e Franceses, ouvia-se distintamente a voz formidável do Magriço:

— Pela nossa terra!

E, já ferido, ia recuando também para o lado da ribanceira a resfolgar como um leão embravecido, o espadagão a escorrer sangue e já meio embotado nos peitos de ferro do inimigo.

— Pela nossa terra! — repetiu num grito Vasco Eanes, também já ferido no rosto e no braço.

— Senhora, ânimo; velai por ela! — disse Ruy convulsivamente, pousando nos braços de D. Maria de Mendonça o corpo inerte da filha.

Arrancou da espada e correu para baixo, bradando:

— Namorados! Pela nossa terra e pela minha dama!

Foi um ímpeto leonino, que logo um pouco desafrontou os seus dois companheiros e deu oportunidade a que se

agrupassem, opondo mais enérgica resistência.

Um jovem de liteira, empoleirado no tronco de uma oliveira morta, à qual trepara, apavorado, anunciou que vinham já de carreira muitos peões. Eram os besteiros das avançadas do exército real, que marchavam a cerca de um quarto de légua atrás dos esquadrões, na cauda do préstito.

Em cima, no socalco da ribanceira, de joelhos, olhos afogados de lágrimas, D. Maria chamava a si a filha e agitava-a nos braços, numa tremura aflitiva.

— Filha! Filha da minha alma!... Ânimo!... Para fugirmos!

Ruy fazia prodígios de bravura, a rivalizar e já a exceder os seus intrépidos companheiros, a quem o cansaço e a perda de sangue um pouco iam já quebrando aquela admirável intrepidez, que nos primeiros arranques parecera indomável.

Três cavaleiros inimigos estavam em terra e dois deles feridos de morte.

De repente, a espada do Vasconcelos quebrou-se contra as grevas de um Bearnês. O aço estilhaçou numa vibração

aguda e seca a lembrar o grito de morte de uma ave selvagem.

Ruy enfiou. Ouvira a voz suplicante de Madalena, chamando por ele.

De relance, baixou-se para apanhar a lança quebrada de um inimigo agonizante e com ela se defendeu ainda uns instantes, intrepidamente.

— Ruy, temos de subir! — disse o Magriço, mima, voz já um pouco enfraquecida — Enquanto podemos.

— Eu ainda vos posso ajudar — acudiu Vasco Eanes, cujos ferimentos não tinham gravidade.

Mas em cima, do socalco, vibraram trementes dois gritos aflitivos como de duas almas que se espedaçassem.

— Por piedade! A minha filha!

— Rui!

Num movimento arrebatado, o Vasconcelos voltou-se. Já pelo carreiro da ribanceira iam besteiros de Castela e dois deles tinham deitado as mãos às pobres senhoras, tolhidas de pavor.

— Companheiros, para cima! — gritou, aturdido, galgando de salto as primeiras pegadas que iam dar ao socalco a cinquenta passos acima.

— Por minha...

Não pôde concluir o moto. O virote de uma besta dos Castelhanos fora cravar-se-lhe no pescoço, e caiu de bruços, a golfar sangue.

Quatro besteiros levavam quase de rastos D. Maria de Mendonça e a filha, em tal pavor, que nem já podiam gritar.

E logo, como se fosse alcateia de lobos a farejar a presa, o bando dos besteiros desceu para se apoderar daquele que parecia mortalmente ferido.

Num supremo esforço Vasco Eanes conseguira dar a mão esquerda ao Magriço para o ajudar a subir e com a direita ensarilhava aquela formidável espada, a que a sua força hercúlea dava uma agilidade prodigiosa. O seu propósito era alcançar a ribanceira por onde os cavaleiros não poderiam segui-lo.

— Vasco Eanes, o nosso Ruy caiu! — avisou amarguradamente o Magriço.

A este tempo já os besteiros tinham levantado o corpo do Vasconcelos, que não dava sinal de vida.

— Não está morto — disse um deles.

— Leva-se.

Mas quatro homens de armas, de bacinetes emplumados e cotas de armas de cavaleiros fidalgos, tinham aparecido na extrema alta do pinhal.

— Ali... Os nossos! — disse um deles.

— Pela nossa terra e pelas nossas damas! — bradaram os de cima, correndo para os companheiros, de espadas erguidas.

— Eh! Ralé de castelhanos! — clamou um deles, investindo com os besteiros.

— A nós, Namorados! — gritou Vasco Eanes com todo o alento da sua alma.

Tinha-os adivinhado naquele brado de guerra, que não podia ser de outros.

E enquanto, a meio da ribanceira, um deles dispersava às estocadas os besteiros que se tinham apossado de Ruy de

Vasconcelos, os outros, em baixo, protegiam a retirada do Magriço e de Vasco Eanes.

— É preciso sair daqui — avisou rapidamente um dos recém-chegados — Foi uma loucura!

Supondo que tudo aquilo fosse ardil para um ataque em forma das forças de Lisboa contra o exército em marcha, os cavaleiros franceses e castelhanos desistiram da perseguição, e uma parte deles se concentrou à retaguarda das liteiras, já todas em movimento para a frente, e outra parte retirou a galope a levar aviso ao grosso da hoste.

Os besteiros, esses tinham fugido como corças, mas os primeiros que tinham descido levaram consigo a desventurada Madalena e a sua mãe.

* * *

Subiram os do esquadrão dos Namorados e meteram-se ao pinhal, levando nos braços o Vasconcelos, que ainda não tinha voltado a si.

Ninguém do inimigo os perseguiu, talvez pela suspeita de que no pinhal outros houvessem preparado alguma emboscada.

Iam profundamente entristecidos. Todos eles percebiam que era gravíssimo e podia ser de morte aquele ferimento do seu brilhante companheiro. Já por duas vezes tinham procurado estancar-lhe o sangue e afinal lhe tinham improvisado uma ligadura.

— Ali acabaríamos, se não viésseis! — ia dizendo Vasco Eanes, depois de lhes ter resumido o que sucedera.

— Saímos com ordem de vos procurar e levar para bordo sem delongas. A vossa demora causava preocupação e o patrão da galé está com receio de que o Mestre o venha a saber.

— Isso se há de evitar com auxílio vosso — disse sumidamente o Magriço, muito amparado a um daqueles companheiros que lhe tinham acudido.

Ia ferido no braço esquerdo e numa perna.

— Dizei vós a todos — pediu-lhe — que fomos apanhados de surpresa na extrema do pinhal... E não tivemos remédio

senão combater. O que vos pareça melhor... Contanto que o Mestre não saiba, nem ele nem outrem... O motivo porque foi esta briga. O nosso pobre Ruy!

— Já falta pouco para chegarmos à praia.

— Para o hospital — disse Vasco Eanes — ou para casa da mãe é que nós o devemos levar!

E logo muito baixo:

— Cuidado quando ele voltar a si. Não lhe digais de chofre que levaram Madalena. Avisai em segredo esses que o trazem. Pudesse eu ter visto que as levavam, e de bom grado as defenderia, ainda que a vida me ficasse lá.

— Meu Deus! — disse baixo para o outro, Gil Eanes da Costa, indicando o Vasconcelos — Se o virote que o feriu estaria ervado?! (*)

[(*) Era costume ervar as garrochas, os virotes ou virotões das bestas com ervas venenosas e, principalmente, com helleborus foetidus, a que chamavam ervabesteira ou dos besteiros. A besta foi a arma de mais mortíferos efeitos nos últimos séculos da Idade Média pois feria e matava de longe.]

Ruy deu sinal de si, descerrou os olhos lentamente, e murmurou um nome, que por duas vezes foi truncado por golfadas de sangue.

— Madalena! — disse a dizer mais claramente.

— Ide tranquilo disse-lhe, carinhosamente, um deles — Aqui vos levam os vossos companheiros, como irmãos vossos.

Tornou a cerrar os olhos e não falou mais. Tremeluziam lágrimas, a desprenderem-se-lhe das coisas humanas, vibravam então mais intensamente os sinos da cidade em repiques triunfais.

* * *

O rei de Castela fora prevenido do sucedido e mandara numerosa peonagem para flanquear o exército e observar o terreno de um e outro lado da estrada. Tardia precaução; ninguém tinham encontrado.

Era lenta a marcha. Na frente, o préstito de Castela maiores vagares impunha naquela retirada.

O sol, já por cima das montanhas, tinha fulgores de apoteose que se espelhavam nas armadura magníficas dos grandes de Castela e dos fidalgos de aventura da Gasconha e do Bearne.

Iam acabrunhados os soberbos invasores e, mais talvez do que nenhum, porque era um doente, aquele poderoso rei das Espanhas (*).

[(*) O Aragão e a Navarra constituíam ainda Estados independentes. Granada era um reino muçulmano de tradições brilhantes, com o qual as armas espanholas ainda isoladamente se não atreviam; era aquele o derradeiro domínio político dos mouros na Península.]

E quando, num alteamento da estrada a colear o dorso de uma colina, mal se viam já as torres da cidade a esfumar-se no horizonte, el-rei sofreou o seu soberbo alazão de jaezes rutilantes e, voltando-se para o lado da insubmissa capital do país que julgava seu, disse num gesto teatral, erguida no ar a destra ameaçadora, os olhos rasos de lágrimas:

— Lisboa, tanta graça me faça Deus, que ainda te eu veja lavrada do ferro dos arados!

CAPÍTULO XVII

A VINDA DE NUNO ÁLVARES

O mês de Setembro quase se passou em procissões de penitência e em festas de igreja, num fervor piedoso de ação de graças pela constância heroica do povo de Lisboa, em tantos trabalhos e misérias durante aquele cerco, do qual providencialmente se vira livre.

A mais comovedora das procissões penitenciais foi logo no dia 6, quer dizer, no dia seguinte àquele em que o exército de Castela se afastou de Lisboa.

A procissão saiu da Sé para o mosteiro da Trindade, que ficava então muito chegado ao lanço da muralha, entre as portas de Santa Catarina e a torre de Álvaro Pais.

Iam todos descalços, desde o bispo com o seu pontifical magnificente e do Mestre com o seu manto branco de freire de Avis, até à ralé esfrangalhada que padecera mais fome durante o cerco. E naquela penitência igualitária, as damas que tinham uma preclara estirpe de condes, príncipes

godos até às mulheres sem avoengos, rústicas sem apelidos e sem sapatos, as que tinham combatido nas muralhas, ombro a ombro com os homens de armas, essas cujos pés, sempre nus, já se não podiam magoar na terraça das ruas nem ferir nos calhaus soltos das calçadas.

Os sinos dobravam pelos que tinham morrido nas misérias e nas lutas do cerco.

Entre as penitentes de mais insigne hierarquia e de mais angustiada devoção, dava nas vistas de todos e punha dó em todos os corações certa dama de cabelos embranquecidos, a soluçar rezas com os olhos afogados de lágrimas, numa trágica palidez o seu rosto ainda formoso. Iam ao seu lado, comovidamente, como para lhe serem amparo, um monge de longas barbas e um aio antigo, de trémulo andar e arcaboiço dobrado.

A penitente chamava-se D. Dulce de Vasconcelos. Na véspera lhe tinham levado para casa o filho gravemente ferido. Estava em perigo de vida. Era por ele que ia rezando aflita, com os olhos a escorrerem em choro e os seus pés nus de fidalga a escorrerem sangue.

Para que a Mãe de Jesus se lhe apiedasse dele e lho salvasse.

Entrou a procissão na igreja daqueles padres que mais tinham ajudado a defesa da cidade, e D. Dulce, quase a arrastar-se, já não pôde ir além do último degrau do templo. O terreiro em frente estava apinhado de gente que não pudera entrar.

Tinha subido ao púlpito um padre da ordem de S. Francisco. Mestre Rodrigo de Sintra lhe chama Fernão Lopes.

— Misericordiam fecit nobiscum — gritou o frade numa voz cava e pungidora.

E logo traduziu em vulgar aquele tema do sermão:

— Grande misericórdia fez Deus connosco.

Foi longamente erudita a pregação do franciscano, mas D. Dulce mal pôde ouvir metade do exórdio. As forças de todo lhe faltaram, e Mendo Rodrigues teve de chamar os jovens da liteira brasonada com o escudo heráldico dos Vasconcelos.

E quase desmaiada a levaram para o seu velho palácio, onde entrara um das maiores dores humanas que uma mulher pode sentir. A sua dor de mãe pelo filho em perigo de morrer.

Que a outra maior, de suprema angústia, que a mais nenhuma se compara, seria a de o ver levar morto para essa ausência que se não acaba nunca.

* * *

Dias depois chegou ao paço de Apar S. Martinho um escudeiro português, que estivera prisioneiro dos Castelhanos, logo desde o começo do cerco e em Torres Vedras lograra fugir-lhes.

Contava que o exército inimigo ocupava a vila e todos os seus arredores e já tinha uma parte avançada das suas forças a caminho de Santarém. Mas a notícia mais importante que ele trazia era a de estar el-rei de Castela enfermo em Torres e a Rainha ainda em perigo de vida, por

causa da peste que a salteara em Santos com carácter benigno, mas depois se lhe agravara durante a jornada.

Além destas informações, que podiam tornar-se públicas, trazia o escudeiro outras de carácter reservado e de observação pessoal, que só em particular queria comunicar ao Mestre.

Seria preciso que esperasse, pois que o infante bastardo estava então nos seus aposentos com o doutor João das Regras e o Juiz do Povo.

Não foi longa a demora.

Afonso Eanes saía atrás de João das Regras, mas a poucos passos o chamou o Mestre como se alguma coisa lhe houvesse lembrado.

Foi com ele para o vão de uma janela.

— Dai-me cá uma informação, que de todo me ia esquecendo pedir-vos por causa destas tantas coisas de gravidade em que é preciso pensar. Ruy de Vasconcelos como está?

— Ainda bastante mal, Mestre e senhor! Pequenas melhoras; o físico ainda a torcer o nariz quando por ele lhe pergunto.

— Mas não dá esperanças de o salvar?

— Isso dá, porém muito fugidias e em palavras tão sumidas, que eu por mim até mais me oprimo quando sucede ouvir-lhas dizer, pois que o seu rosto como que lhas está desmentindo.

— E a pobre mãe?

— Só dele se afastou no dia da procissão de penitência, em que a vossa senhoria também ia. Com uma dor de alma que a todos faz dó, mas, coitada da pobre senhora, ainda com uma grande esperança a segurá-la ao pé do filho! O ferimento foi muito mais grave do que os outros companheiros julgavam!

— Tenho de tomar maiores, cautelas com o ânimo louco desses amores! Três dos mais destemidos e dos mais leais dos meus cavaleiros feridos na tal cilada em que eu não creio!

— Gil Eanes se curou e o outro depressa estará curado.

Referia-se ao Magriço.

— Bem sei, mas podiam ficar prisioneiros ou mortos naquele seu louco feito de desobedientes.

— Saber, Mestre, só sei o que eles contaram. Ruy de Vasconcelos ainda não pode falar e mal consegue rouquejar uma vez por outra, quando a febre mais aperta com ele, o nome da mãe... E outro nome...

— Que eu sei, mestre Afonso Eanes. O nome de certa peregrina dama que ia acompanhando a Rainha de Castela. Por ela seria o feito; razões de sobra tenho eu para o afirmar. Na hoste de Castela também há traidores que fogem para cá e esses tais muito informam para ganhar as boas graças de quem lhes possa fazer favor. Mas eu sou de segredo — acrescentou, sorrindo — e ninguém por mim saberá o modo como os meus cavaleiros amorosos se iam perdendo temerariamente. Que talvez lho diga a ele um dia sozinho, e que Deus faça o favor de lhe dar vida para me ouvir. Ficará no recato deles e no meu esse caso de desobediência por amores, na conjuntura em que a Nação carece de todo o esforço dos seus homens para se não perder! Nenhum escrevedor de contos poderá revelá-lo a

quem vier depois de nós. Feito assim temerário me tinha pedido licença para intentar com a sua hoste o meu grande amigo e dileto irmão Nuno Álvares, e daqui lhe neguei a permissão que me solicitava com os maiores pedidos. E era para honra de Portugal e proveito desta nossa causa que ele me fazia o pedido!

Estava a referir-se aos pedidos que Nuno Álvares lhe mandara fazer no dia 5 para o autorizar a transpor o Tejo com a sua hoste sob a proteção das galés, e ir da margem de cá a investir de flanco o exército inimigo em retirada.

— Era tresloucado arrojo — continuou o Mestre — ir com dois ou três mil homens de guerra e uma centena de cavalos sobre um exército, que não levaria ainda menos de dezoito mil com poderosa cavalaria! Pois a outra dos nossos loucos Namorados ainda foi pior! Enfim, o desvairo já lá vai e tudo se há de esquecer, pois em Deus espero que Ruy de Vasconcelos seja connosco em outras conjunturas graves, que talvez não tardem muito. Até depois, mestre Afonso Eanes. Dizei a D. Dulce que em dia próximo lá irei levar-lhe os meus votos pelas melhoras do filho.

— Assim lho direi, Mestre e senhor.

— E também amigo vosso. Que vos não esqueça este título com que me ufano, senhor Juiz do leal povo de Lisboa.

— Não se atreve a dizê-lo a boca, Senhor, mas quem mais o diz e lembra é o coração. Um tanoeiro como eu não deve nem sequer esquecer que o seu maior amigo é o filho de um rei.

— Certo é que o sou, Afonso Eanes — disse-lhe a sorrir, pondo-lhe a mão no ombro — Mas também eu me não esqueço que pela minha mãe sou muito da vossa condição. E ainda que assim não fosse, homens como sois só por afronta se podiam comparar a esses de gloriosos avoengos, que para o rei estrangeiro se passaram ou venderam como ciganos ou pelo seu maior interesse mudaram de bandeira como renegados vilões que são.

— Agradecido, amigo e senhor meu! — disse comovido, beijando-lhe a mão arrebatadamente.

— Juiz do Povo, que vos enganais! — volveu-lhe de gracejo e num estremecimento de surpresa.

— Senhor, não. Em nome do povo foi que vos beijei a mão e um dia, breve ele vos dirá que o seu juiz se não enganou.

— Boa intenção de amigo é que foi — replicou-lhe, abraçando-o num alvoroço que o afogueara.

— Eu o contarei ao povo e ele doutro modo vos dirá a vós, senhor Infante.

Curvou-se e saiu. Instantes depois, o Mestre estava em conferência à porta fechada com o escudeiro fugido de Torres.

Quando o trânsfuga saiu, D. João dizia consigo:

— Outro a confirmar o que eu já sabia! Ruy e os dois loucos que iam com ele chegaram a ter a dama por sua! E de um lado, para a frente, duzentos cavaleiros de França e de Castela, do outro lado não menos seriam, afiança o escudeiro, e toda a hoste em marcha! Loucos! Loucos! Muito debaixo da sua mão misericordiosa os teve Deus! Mas, enfim, boa notícia me trouxe o escudeiro para eu dar ao jovem Vasconcelos quando ele melhorar.

E ficou por momentos a refletir encostado ao peitoril da esguia janela gótica. O sol iluminava alegremente as montanhas da Outra Banda e fazia cintilar as vagas miudinhas do rio, arrepiado por uma brisa áspera da barra.

— O pior é a outra nova do escudeiro. El-rei de Castela não desiste da herança e está no propósito de ir buscar às Espanhas maior poder de homens para voltar! Pois se me não faltarem os homens leais de Portugal, cá o hei de receber, e de vez ficará arrumado o negócio da herança e o pleito de vida ou de morte em que está Portugal.

Pouco depois chegava o Arcebispo de Braga.

O Mestre confiou-lhe uma parte das informações que o escudeiro João Aires lhe trouxera.

Entre as que já conhecemos, esta outra, que tinha importância.

Às récuas de muares que para Torres tinham levado os caixões, os ataúdes como diz Fernão Lopes, com os mortos ilustres, salgados em Sintra, juntaram-se outras, não menores com os despojos fúnebres dos que estavam depositados em Alenquer.

Não eram somente grandes nas Espanhas aqueles mortos, senão também os mais experimentados capitães que tinha Castela.

O próprio rei confessara com os olhos rasos de água, diante de muitos e até de João Aires, que lhe faziam falta para quando chegasse a hora de acabar a contenda no desbarato dos rebeldes chamorros.

— Pois tanto melhor, e por tal fortuna para nós, maiores louvores a Deus — volveu-lhe o Arcebispo — Quando voltar com os seus capitães noviços, Mestre, aqui estaremos nós para lhe ensinar como as batalhas se ganham de cá e se perdem de lá, e bom mestre já eles sabem que o hão de ter em Nuno Álvares, se de todo não houvessem esquecido a valente sabatina dos Atoleiros.

E dizia esta farroncaria a sorrir aquele príncipe da igreja metropolita de Braga, caudilho e condestável de quantos frades e clérigos brigões tinha Lisboa.

* * *

Estava a entrar Outubro e chegara a notícia de que o rei de Castela deixara poderosamente reforçadas as guarnições de Alenquer, Torres, Santarém e outras povoações muralhadas que tinha por si. Dizia-se mais que ia ir para Santarém com os restos do seu exército.

Parecia finda aquela campanha de 1384.

Em cinco anos era a quarta na guerra com os Castelhanos e tudo estava indicado que não seria a última!

Apesar das guarnições castelhanas de Almada, de Sintra, e das outras de Alenquer e Torres, a pequena distância de Lisboa, aquela invasão abortara; mas as condições materiais da capital em pouco tinham melhorado.

A ralé ainda passava fome. Os arredores tinham sido devastados pelos sitiantes, e por mar nem um bago de trigo nem uma pitada de farinha poderiam trazer à pobre cidade, porque as naus e galés de Castela bloqueavam a barra e oprimiam Lisboa desde o Rasteio até Santos e dali, numa linha ameaçadora, até Almada, com a bandeira castelhana a flutuar alta no seu castelo secular.

Nas suas impaciências de caudilho inativo, Nuno Álvares mandava da Outra Branda (praia do Montijo), por alta madrugada ou pela calada da noite, emissários seus com pedidos ao Mestre para lhe consentir que passasse o rio com a sua hoste; mas nos pequenos batéis os emissários voltavam com recados dilatórios ou vagas promessas de D. João.

O Mestre hesitava em deixar Almada livre dos receios que lhe causava a gente de armas do jovem vencedor dos Atoleiros, forte na sua posição formidável de Palmeia, e tinha em muita dúvida o bom êxito de uma travessia de dois ou três mil homens a tão pequena distância da poderosa armada inimiga, cujos navios ligeiros podiam subir rapidamente até Sacavém, sem que lho conseguissem impedir com seguro êxito as nossas poucas e mal guarnecidas galés.

Mas o leão juvenil sentia-se opresso no cerro acastelado de Palmeia, e resolveu ir para Lisboa a falar ao Mestre no tocante a essa futura campanha, que todos entendiam inevitável e previam próxima.

E apesar de quantos rogos lhe fez o seu devotado escudeiro Vasco Martins do Outeiro, desceu de Palmeia para ir meter-se num batel, era já noite adiantada (30 de Setembro).

Saiu o escudeiro com aquele jovem paladino que sabia vencer batalhas, mas não raras vezes também cometia loucuras de temeridade na febre do seu irrequieto sangue e nos sonhos deslumbradores da sua fé religiosa, mística e assoberbadora.

E pelo caminho lhe foi reiterando as súplicas e fundamentando-as em certo sonho horroroso que tivera.

E já na praia instava ainda como apavorado:

— Senhor Nuno Álvares, eu por favor vos peço que não entreis nesse batel para irdes a Lisboa!

— E porquê, amigo meu? — perguntou-lhe, sorrindo, enquanto os remadores iam empurrando o batel para a água no silêncio daquela noite calma de Setembro.

— Senhor e amigo meu, por causa daquele pesadelo de que já vos falei.

— Ora, sonhos! Também eu já sonhei que estava numa grande batalha real e que, em menos de meia hora, a nossa gente comigo desbaratava a maior hoste que ainda algum dia aqui viera de Castela! Vede lá se em tão pouco tempo havia de estar acabado tão grande feito! Só se a nossa Senhora estivesse por nós e S. Jorge a batalhar connosco. Ou os Castelhanos fugissem intimidados como borregos.

— Mas olhai que os sonhos maus são a mor parte das vezes os que nos saem certos. Os meus sempre assim foram! E este de agora tinha coisas certas! Que saíamos de Palmeia e eu convosco, que entrávamos num batel como este, o céu todo cravejado de estrelas pequenas, mas de sumida claridade como está agora. Que da armada de Castela nos tinham percebido e de lá viera uma chusma de galés contra nós e nos tomara o batel. E vós, ferido e prisioneiro, e eu em tamanha angústia por vós, que todo o meu intento era matar-me!

— Pois vou eu desfazer-vos o sonho. Irei só com os meus pajens de armas e esses dois trombeteiros que aí vêm. Vós ficareis para desmentir o mau agouro.

— Senhor, tal não querereis, porque eu convosco desejo ir, seja para qual perigo for!

— Mas agora o não consinto eu. Dentro do batel sereis ave de mau agouro, meu querido Vasco Martins. Heis de ficar.

— Dais-me por isso uma grande mágoa, senhor e amigo!

— Embora. Acabará quando vos cá chegar a notícia de que cheguei a Lisboa são e salvo.

— Podemos largar já, senhor — avisou o mestre do batel.

— Vamos então. Vasco Martins, olhai de madrugada para o castelo de Lisboa. E se lá vires ao cimo da torre albarrã três fachos acesos, ficai seguro de que lá estou eu, e à igreja dos freires de Palmeia ide a dar graças pela minha boa viagem.

E saltou lesto para o batel aquele herói de vinte e quatro anos, que já tinha em volta de si uma lenda popular como os velhos heróis de eras remotíssimas.

Imobilizado na praia, o coração numa amargura de receios por aquele jovem temerário, Vasco Martins ia acompanhando com o olhar entristecido aquele vultozito negro do barco a sumir-se na alvura confusa das espumas.

— Mestre, de voga arrancada para baixo! — mandou Nuno Álvares.

— Senhor, mas em vez de atravessar para Lisboa, iremos cair na boca do lobo! — observou-lhe o mestre do batel a duvidar do que ouvira — Daqui se divisam já as luzes das naus e galés de Castela, que mais têm subido para dentro do rio!

— Bem sei, mestre. Mas para lá mesmo é que é meu intento ir.

— Mas, senhor, bem que eles lá estejam mal acautelados e pegados no sono, pois que já vai além de meia-noite, as vigias que lá hão de ter bondarão para pôr tudo em alarme. Metem-nos o barco no fundo ou nos apresam a todos!

— Tendes grande apego à vida mestre! Vá, remadores, mais pulso, e para baixo é que é.

Obedeceram, estarrecidos, mas não se atreviam a julgar enlouquecido aquele jovem de tamanho prestígio, cuja espada fazia milagres como se lha iluminasse uma estrela bem-fadada e todo o favor do céu lhe houvesse marcado o destino.

— Homem criado no mar, hás de saber nadar, não é assim, mestre? — perguntou-lhe baixo Nuno Álvares.

— Senhor, sei, e tanto como eu esses quatro que aí vão aos remos.

— Pois quando vires que o barco vai em perigo, atirai-vos à água, e Deus se amerceará de nós todos.

Estavam já muito próximos dos vultos negros das naus.

— Por entre elas, mestre — ordenou baixo Nuno Álvares — Quero ver como estão apercebidos, já que falta aqui el-rei de Castela para as passar em revista.

Iam confrangidos, numa tremura de apavorados, os tripulantes do barquito.

Cedamos agora a palavra ao velho cronista Fernão Lopes: Os das naus, quando isto viram, começaram de se

alvoroçar, bradando todos: Armas, armas! E uns saltavam aos batéis, e outros vinham à borda, não sabendo que era aquilo».

Continuemos agora nós, sem abandonar as indicações históricas do cronista.

O barquito meteu por entre os grandes navios, a bordo dos quais ia uma barafunda espantosa. Alguns, supondo talvez que seria batel dos navios mais afastados da armada, perguntavam da amurada, numa grande estranheza, quem vinha e insistiam pela senha de reconhecimento.

— Nuno Álvares, o dos Atoleiros! — respondeu a voz alta e serena do batalhador, de pé à popa do barco — S. Jorge e Portugal! É a senha para a vida e para a morte! Homens, tangei as vossas trombetas! — mandou aos dois trombeteiros — Tangei-as para acordardes bem esses dorminhões de Castela. É preciso dizer-lhes que vamos nós aqui.

Veio um vendaval de ameaças palavrosas de cima das naus, mas já as duas trombetas vibravam alto, estridentes, como se fossem para uma alvorada triunfal.

E numas arrancadas de susto, pondo a alma nos pulsos, os remadores meteram o batel por entre as linhas das naus, sob cachões de espuma, com rapidez vertiginosa, como se fosse um peixe sobrenatural dos contos fabulosos.

Enorme barafunda a bordo, uma vozearia de insultos e de pragas naquela viva e pitoresca linguagem que tem a gente espanhola!

Ainda uns batéis tentaram perseguir o outro dos Portugueses, mas logo desistiram ou porque o nosso arrancava já no rumo da cidade, ou talvez pela sugestão de temor com que o nome de Nuno Álvares dominava o ânimo do povo rústico de Castela.

E, todavia, só a História sabe e pode dizer a perda enorme e talvez irreparável que seria para os insubmissos chamorros o aprisionamento ou a morte daquele rapaz de vinte e quatro anos, que expunha a vida como se ela fosse um brinquedo pueril ou como se uma promessa do céu lha houvesse algum dia assegurado!

Com as voltas no rio, Nuno Álvares chegou já de madrugada à Ribeira e logo ali foi acolhido com assombro

pelos vigias da praia, que a princípio o não tinham reconhecido e estiveram quase a repulsá-lo, suspeitosos de que fosse algum traidor no projeto de os surpreender.

Mas, por fortuna, um dos vigias o conhecia bem do tempo do segundo cerco de Lisboa e logo completamente dissipou as suspeitas dos outros.

— Deixai, que é bem D. Nuno Álvares, o maior ânimo e a mais rija espada que tem Portugal! Em boa hora o traz Deus à cidade.

O campeador saltou em terra e logo os vigias e a ronda que chegara da Porta do Açougue começaram a vitoriá-lo freneticamente.

— Viva D. Nuno Álvares!

— O jovem capitão dos Atoleiros.

— O destemido do outro cerco da cidade!

E velozmente, de boca em boca, até às sentinelas dos muros, esta nova de alvoroço a voejar jubilosamente como se fosse o pregão de uma alvorada gloriosa.

— É Nuno Álvares que está aí!

— Foi Nuno Álvares que chegou, atravessando ao som de trombetas por entre a armada dos castelões! — pormenorizavam os que na praia tinham já ouvido contar o arrojo aos pajens e aos trombeteiros.

E todos estes dizeres iam penetrando na cidade, correndo de rua em rua na voz dos madrugadores, acordando de sobressalto os adormecidos, fazendo escancarar as adufas, pondo um rumor alto nos terreiros, trazendo para as portas da Ribeira uma multidão de povoléu na ânsia de rever aquele jovem batalhador, que lhe dava a imagem e o símbolo de uma Pátria remoçada e forte com que as almas da plebe andavam sonhando.

Todos queriam saudá-lo de perto, vitoriá-lo e revê-lo bem, no receio de que ali, subitamente, se lhe sumisse ou a estrela de alva lho levasse como a certo cavaleiro de um remoto conto de prodígios, que todos os velhos sabiam de cor.

E naquela receção, simples e glorificadora, ao vencedor dos Atoleiros, que havia largos meses não tinham visto, lhe foram tomando o tempo até que a madrugada clareou mais e as estrelas, como lâmpadas, se foram apagando no céu.

As mulheres rodeavam-no carinhosamente, e na sua alma devaneadora o supunham ver com as semelhanças de um arcanjo triunfador, que Deus houvesse mandado para acudir ao pobre Portugal amargurado e quase reduzido às duas altivas cidades de Lisboa e Porto.

Esta ilusão supersticiosa, que todas elas sentiam e nenhuma ousava dizer, como que se lhes volvia em realidade material nos fulgores daquele bacinete emplumado que ele trazia, naqueles seus olhos azuis de luz vaga e suave, que pareciam mergulhados numa atmosfera de sonho e de místicos ideais, naquele aprumo viril de paladino triunfador que nunca duvidara de si.

Parecia-lhes o recém-chegado de um país de lenda cujas fronteiras se extremassem nas estrelas.

Menos idealistas, os homens viam nele o mais destemido dos seus caudilhos e alguns se iam ficando a contemplar a bandeira que um dos pajens tinha erguido.

— É a sua bandeira das batalhas! — explicava um velho aos galeotes noviços — Olhai esta grande cruz vermelha ao meio, de alto a baixo, de lés a lés, e deste lado, entre os

braços da cruz, do lado de cima o Senhor crucificado e à beira dele Nossa Senhora e o discípulo S. João. E aqui, do lado de baixo, nas outras duas quadrelas, os santos batalhadores de joelhos — S. Jorge e S. Tiago.

E em outro grupo o pajem que tinha ao ombro um montante, quase da altura de um homem, esclarecia que ao seu senhor D. Nuno mandara o Castelhano Pedro Sarmiento aquele espadão em gages de desafio para a batalha de Évora e agora o trazia sempre consigo o jovem cavaleiro, para com aquela boa e rija folha de Toledo honrar e responder ao repto, combatendo os castelões em defesa de Portugal.

Tinha passado mais de meia hora quando trouxeram da cidade para Nuno Álvares uma possante muar, lindamente ajaezada.

O paladino montou e entrou em Lisboa tomando para a rua Nova (aproximadamente na mesma direção da moderna rua dos Capelistas), dali seguiria direito ao Rossio para ir em devoção à capela da nossa Senhora da Escada, que era então, como já tivemos ocasião de dizer, a Senhora dileta dos Lisboetas.

Tinha de ir lentamente. O povo tomava-lhe o passo num frenesi louco de entusiasmo.

Na rua Nova, a mais faustuosa de todas as ruas de Lisboa, damas juvenis se debruçavam das janelas para o vitoriar.

Entretanto, na multidão, iam-se memorando as façanhas e gentilezas do recém-chegado.

Acolheu-se ao alpendre de uma casa grande, numa reentrância da rua, um grupo de conversadores, avessos aos encontrões da multidão e mais dispostos a desenferrujar a língua, contando casos, do que irem na onda dos curiosos, pondo em risco as carnes e os ossos.

Ali poderiam conversar tranquilamente. Ouçamo-los nós. É das proezas de Nuno Álvares que estão falando.

— E há três anos, quando foi do cerco de Elvas, tinha entrado por Castela, se o irmão mais velho e el-rei D. Fernando não têm mão nele!

— E nesse mesmo ano foi que ele mandou desafiar para combate de morte o filho do Mestre dos cavaleiros de Santiago.

— Foi, sim, mas também dessa vez o rei e o irmão Pedro Álvares lhe não consentiram que fosse lutar com o castelão.

— Bom sangue de Português antigo lhe anda a referver naquelas veias!

— E no segundo cerco de há dois anos?

— Esse foi também de grande padecimento para esta nossa terra!

— É verdade que sim. A arrancada que ele fez então pelas Portas de Santa Catarina!

— E foi dar consigo à ribeira de Alcântara para fazer uma espera à gente da armada de Castela, que desembarcavam para nos roubar. Deu-lhes uma boa esfrega, louvado Deus!

— Ah! Mas na volta, ali em Santos, é que esteve perdido! Vieram duzentos da armada contra os vinte e quatro de cavalo e os vinte e tantos de pé que ele levara consigo.

— Trinta é que foram.

— Pois foram; mas alguns tinham ficado feridos e já não podiam combater.

— Aquilo é que foi um aperto! Os nossos acobardaram-se e Nuno Álvares investiu sozinho contra os duzentos, numa tamanha fúria, que parecia um toiro enlouquecido! Quebra-se-lhe a lança e arranca da espada. Os castelões a fazerem-lhe cerco, a apertarem com ele, e aquele valente, que parecia ter em si todas as destemidas almas de Portugal, a ensarilhar a espada e a derrubá-los, que era um louvar a Deus.

— Foi antão que lhe mataram o cavalo.

— E foi esse o maior perigo! Tinha-lhe ficado um acicate preso à cilha do animal; porém, mesmo assim, se defendia para acabar ali como quem era.

— E os outros que fugiram a verem-no de longe, os bandalhos!

— Já o não podiam ver. Estava sumido na multidão dos castelões, a ladrarem-lhe pragas e a cerrarem mais sobre ele o cerco das suas lanças e espadões.

— Os que fugiram — interveio, afogueado, um dos Ouvintes esses fugiram porque um deles gritou que de todas os lados nos vinham cercando os da armada, depois tiveram remorso da sua fraqueza e, com o clérigo Vasqueanes do Couto, de besta em punho, foram socorrer Nuno Álvares e ao seu lado lutaram. Eu era desses. Mas sabei também que afinal, com Nuno Álvares adiante de nós a pé, de lança em riste, rompemos o cerco e de arrancada levamos os castelões até à praia. Parecia que os demos levavam asas nos pés, e foi de cambulhada que eles se escapuliram para os batéis! E lá se foram como galinhas chocas para as suas capoeiras embreadas, que é como quem diz, para as suas naus e galés. Setenta eram elas, que as contei eu quando entraram no rio e bem me lembro que foi pelos começos de Abril que elas entraram.

— E por meados de Agosto é que foi o feito de Santos.

— Coisas são essas que nunca a gente esquece, ainda que hajam passado muitos anos, quanto mais ao cabo de dois, feitos há um mês.

— Pois sabei lá — interveio um velho, que fora jovem cavalariço do paço no tempo de el-rei D. Fernando — que

também de Nuno Álvares eu tenho algo que contar.

— Dizei, dizei — instaram.

— Ouvi lá! No meio do ano que passou fomos daqui para Elvas a levar ao rei de Castela a noivazinha que lhe tinham contratado.

— Maldito contrato foi!

— Maldito, que por ele vieram ainda mores desgraças para esta nossa terra!

— Dizeis bem, mas o que não tem remédio remediado está, e agora é resgatar a poder de sangue o mal que outros fizeram. A noiva de onze anos lá ia, coitadinha, com a loba da mãe e a melhor fidalguia de Portugal.

— E el-rei?

— Esse não foi. Tinha ficado doente ali em Almada; a deitar golfadas de sangue, a vida por um fio. Desgraçado rei e ainda mais desgraçado marido! A Nação não lhe podia querer bem e a mulher nunca lho quis! Mas, como eu ia dizendo, aquela senhora infanta D. Beatriz lá foi por essas terras fora. Triste como a noite, a rapariga real! E em cada

sol-posto, de pousada, e em cada manhã de partida, cada vez mais longe de Lisboa, percebia a gente que os seus olhos mais tinham chorado as mágoas que a ninguém dizia. Eu a acompanhava, eu via-a. E sempre ao pé da Rainha aleivosa, o amante Galego, o Andeiro, que o Mestre depois matou!

— Só por isso ele merece que o façam rei.

— Enfim, chegamos à margem de cá do rio Caia e ali pusemos arraial, não longe dos muros de Eivas. Armou-se uma grande tenda de campo. Nela seria o banquete real para festejar aquela noivazinha, que levava em dote para o rei castelão, com a corça do pai, se de el-rei era filha, esta nossa terra de Portugal e a nós todos para vassalos do marido.

— Assim não há de querer Deus que seja!

— Nem ele, nem nós! — disse calorosamente o narrador — mas assim foi que esteve para ser por culpa de muitos fidalgos e por contrato e combinação em que o povo não foi ouvido! Mas agora é que chega o caso de Nuno Álvares. Veio o rei dos castelões dos lados de Badalhouce com a sua

corte, de tal luzimento que fazia inveja ao sol!. E mal avistou a rainha de cá, Flor de altura e vergonha de mulheres honestas, logo se apeou e foi para ela, tomando à mão as rédeas da mula em que ela vinha e levando-a assim para em frente da tenda grande, em que se ia dar o banquete. Cavalariço como eu, real cavalariço aquele soberano de Castela e Leão, gente da ralé, porquê?!

— Por galante cavaleiro seria — acudiu uma mulher que estivera escutando — ou porque já Leonor Teles o houvesse enfeitiçado.

— Não, certo não, mulher de Deus! Com a noiva tamanina, filha da comborça, ia o dote cobiçado pelos reis de Castela, e a mão que segurava a rédea daquela mula um dia viria a segurar as rédeas do governo desta Nação, que à força de armas ainda não fora tomada. Aí está o que era. Bem sabia el-rei que prenda de criatura era a mãe da senhora Infanta, mas o dote era de estontear e por tal lhe depressou a sua homenagem como se em cima da mula fosse ali a santa rainha D. Isabel, que foi exemplo de mulheres casadas! Velhacarias do rei castelão, mas adiante. Entraram na tenda de campo el-rei com a linda boneja pela

mão. A infantazinha ia triste e sumida ao pé da mãe. Foi de novelo por ali dentro aquela fidalgaria toda com as suas damas, donzéis, pajens e escudeiros, e mal a rainha e el-rei se assentaram à mesa logo cada qual buscou lugar que mais lhe aprouvesse, em guisa de pegureiros que dos cercos houvessem chegado famintos. Atrás de todos entrou Nuno Álvares com outro jovem da sua idade e da sua condição. Ia assim como quem fosse amotinado e vergonhoso. Nenhum lugar lhe tinham deixado os outros, e vai ele antão todo se curvou e disse para o companheiro, por modo que todos o ouvissem:

— «Não somos de prole para ter lugar ali! Pois maior honra para nos; porém ides ver que outros vão ficar sem lugar e hão de comer em terra». Com o rumor de tanta gente e a algaraviada das conversas poucos teriam dado tento destes dizeres. Eu ouvi, pois que me tinham mandado ali para dar ajuda aos outros, que iam servir aquela gente. E não éramos de mais. Mas também Iria Gonçalves, mãe de Nuno Álvares, que tinha ido como cuvilheira da senhora Infanta, também essa ouviu e pôs os olhos no filho, muito velada e receosa. Vai antão Nuno Álvares acercou-se da

mesa dos fidalgos jovens de Castela e a eles lhes disse num trovão de voz: «A minha prole não troco pela vossa e muito honrado fico saindo; mas o vosso banquete o heis de comer no chão!» Deitou aquela sua mão, que maneja uma lança grande como se fosse um caniço, deitou-a com ganas de homem façanhudo a um pé da mesa e ela, e quanto em cima tinha, tudo foi bater em terra!

— Anda-me assim! — aplaudiu uma das ouvintes.

— Aquele é que é um jovem desenganado! — comentou um mesteiral.

— Boas febras do lado da mãe! — disse uma velhita.

— E mais do lado do pai, que não podia ser casado.

— Deixai lá, que temos aí um par de bastardos, que valem a olhos fechados metade de Portugal. O senhor Mestre e o senhor Nuno Álvares! E as mães de um e de outro muito pendem cá para a nossa condição — disse uma padeira, batendo com as mãos espalmadas no peito, orgulhosamente.

— Mas deixai lá contar o resto — interrompeu um mesteiral.

— Dizei o resto — pediu um alfageme velho.(*)

[(*) Alfageme era o barbeiro e também o que fabricava, consertava e polia espadas, lanças e adagas. Alguns exerciam cumulativamente os dois ofícios.]

— O mais foi que, nem eu sei porquê, toda aquela fidalgaria se encolheu, a fingir que não entendia o desafio! — continuou o narrador — Ficaram todos de pé, assim a modos pasmados daquele ousio. A pobre Iria Gonçalves deu um grito de pavor no receio de que logo ali lhe matassem o filho; e o Mestre, que lá estava também, ainda chegou a dizer numa tremura de voz: Nuno Álvares! Mas ele ia já a sair e então se voltou de arremesso para os fidalgos jovens de Castela: «Quem do meu feito se haja por ofendido, a mim me encontrará daqui fora, e quem eu sou o sabeis todos vós». E saiu. El-rei estava enfiado; a real comborça parecia de cera, mas os seus olhos deitavam lume. Só a infanta menina que ia ser rainha parecia estar num sonho, alheia a tudo aquilo, com o choro a luzir-lhe nos olhos, tristes como a noite. Foi o rei castelão quem primeiro deu desculpa a Nuno Álvares, considerando aquele feito como

sinal de desvairo ou ciúme do jovem cavaleiro por alguns dos de Castela.

— Boas engolideiras tem o rei castelão — comentou um dos ouvintes — que de tal guisa desculpou o caso!

— E o banquete lá foi por diante, ledo e farto, bem falazado, e bem comido.

— Ora, pudera não! E Nuno Álvares?

— Todo aquele dia se ficou por ali próximo, a ver se alguém o buscava, e, como nenhum tal fizesse, com os seus pajens, escudeiros e jovens fugiu para as terras do Minho.

— E depois voltou para cá — acrescentou o alfageme — e em toda a parte aparece, tal como o nosso Santo António de Lisboa! Zurziu os castelões do Alentejo, que é o enxame de mais povo que tem Portugal, veio investir com eles em Almada e aqui o temos agora para algum outro feito maior.

— Reparai como repicam os sinos de S. Domingos! — disse a velhita — É que também os sinos estão com a tanta alegria que a gente sentiu de ver cá o nosso batalhador bem-querido e bem-fadado, benza-o Deus!

— E vamos indo para cima a ver quando ele sai da missa, ou aqui nos ficaremos pegados a falazar pelo dia adiante — propôs o antigo cavalariço do paço.

Concordaram, e todo o grupo que se aninhara no recanto do alpendre, a contar casos do herói, seguiu para o Rossio grande.

* * *

O frade celebrante acabara a missa e descia os degraus do altar da Senhora da Escada.

Nuno Álvares erguera-se.

— Mulheres — disse alto uma velha de voz dominadora — três ave-marias a Nossa Senhora para que Ela seja em todos os dias a divina guarda do senhor Conde D. Nuno Álvares, em bem da nossa terra e da sua glória.

Sentiu-se um rumorejar de jubilosa aquiescência.

A proponente era a nossa conhecida tia Lourença.

Ao pé dela, de rosto embiocado, estava ajoelhada uma mulher nova. Era Leonor de Gusmão.

Nuno Álvares ajoelhou, comovido. A regateira rezava alto, na sua voz máscula, a parte evocadora da oração; a parte rogativa, a Santa Maria como o povo lhe chamava, era entoada por todas as mulheres numa triste melopeia.

— E pelas melhoras de Ruy rezaremos sós, nós ambas — segredou-lhe Leonor, mal acabaram de dizer a terceira ave-maria.

— Todas é que há de ser, que lho vou eu pedir — volveu-lhe baixo.

E logo no seu vozeirão solicitou:

— Mais uma ave-maria por caridade, para que a nossa bendita Senhora e Mãe dê melhoras a certo jovem cavaleiro, destemido defensor desta cidade, que pelos castelões foi ferido e às portas da morte tem estado e estará, se lhe não acudir a divina misericórdia. Eu muito vos peço, mulheres de Deus.

Algumas sabiam, ou presumiram quem era, e logo murmuraram o nome de Ruy de Vasconcelos.

Feita aquela piedosa reza, todas elas se ergueram e foram em fila à pia da água-benta para se benzerem ali, aspergindo-se umas às outras.

Nuno Álvares saiu. O terreiro estava apinhado de gente. Montava a mula que um pajem lhe trouxe pela rédea, quando uma voz lhe clamou febrilmente.

— Viva quem é a maior alma e a melhor lança que tem Portugal ao lado do Mestre!

— Viva! — clamaram centenas de pessoas, que se enovelaram para verem melhor o herói.

E a repercutir-se de onda para onda, naquele mar irrequieto de gente, o brado glorificador foi altear-se com mais intensa vibração no Rossio grande, já apinhado de madrugadores.

Ascendendo desafrontado pela crista dos montes, o sol punha fulgores radiantes no bacinete e no peito polido do jovem campeador quase envolto em nimbos de sonho e de lenda.

Já montado, Nuno Álvares tomou das mãos do pajem de armas o seu pendão branco recamado de imagens, e

ergueu-o.

Iria com ele por entre o povo até ao paço do Limoeiro, deixando-o voejar alto na aragem daquela manhã glorificadora.

Mil pessoas como se tivessem uma só na alma romperam em gritos trementes de saudação, olhos rasos de água naquele pedaço de damasco, a simbolizar o paladino de miraculoso esforço.

— Senhor D. Nuno! — disse a tia Lourença, acercando-se dele à frente de um magote das suas mulheres batalhadoras.

— Dizei — volveu-lhe afetuosamente.

— Deixai que em louvor da vossa mãe, bendita mãe que tal filho deu ao Mundo, nós, as mulheres, beijemos a vossa bandeira. São estas da minha hoste que iam aos muros da cidade, como os homens, para combater os negregados de Castela.

A sorrir, o leão dos Atoleiros inclinou para elas o seu pendão de batalha.

Beijaram-no fervorosamente, a duas e duas, na orla franjada a ouro.

— Olhai cá — disse Nuno Álvares para a velha Lourença enquanto as outras iam beijando o pendão — Por qual jovem cavaleiro pedistes vós aquela ave-maria?

— Pelo valoroso Ruy de Vasconcelos, filho de D. Dulce Rodrigues de Vasconcelos.

— Ah! Que a esse bem o conheço eu!

— Pois por esse foi a intenção.

— Ferido dissestes que estava?

— Em perigo de vida, e daqui me vou a saber dele.

— Pois dizei lá a D. Dulce que muito lhe desejo as melhoras do filho e em pouco lá irei saber dele, e levar-lhe a ela as minhas homenagens.

— Senhor, sim, o vosso recado lá será entregue.

Nuno levantou o pendão e deu um sinal aos trombeteiros, que logo abriram caminho, tocando as longas trompas reluzentas.

— Ai, mulheres — dizia a tia Lourença — aquele é o anjo da guarda desta terra, tal qual esse arcanjo que ali têm os frades, todo de armadura doirada e espada de fogo!

— A bendita imagem do senhor S. Graviel — acudiu uma linheira nova, estropeando o nome do arcanjo Gabriel, que os escultores antigos representavam de capacete emplumado, couraça dourada, no ar, fulminadora, a espada flamejante.

— E a esganar debaixo dos seus benditos borzeguins de ouro a excomungada pescoceira de Belzebu — acrescentou outra, benzendo-se.

— Que é isso mesmo o que Nuno Álvares ainda há de fazer um dia ao leão gadelhudo de Castelha. E adeus, que eu tenho de ir agora saber de um ferido que está muito mal.

— Sim, mãe Lourença, vamos — disse-lhe Leonor na sua voz dolorida, como se vibrasse nela um timbre de mágoas que não tinham fim.

Afastaram-se as duas e lá foram a caminho do velho palácio de D. Dulce.

— Aquela embiocada é a tal que enlouqueceu? — perguntou uma rapariga a uma velha que era muito da tia Lourença.

— É, sim. A vida dela dava um conto de fazer chorar as pedras!

— Mas agora já não faz desatinos!

— Coitadinha! Quis Nossa Senhora que ela melhorasse, e foi talvez nas tantas lágrimas que tem chorado que a loucura se lhe afogou! Que a sua loucura nunca foi de toda a hora e daquelas que não têm cura.

— Não foi ela que ficou ferida na estacaria da Ribeira?

— Foi, sim, mas dessa ferida em poucos dias se curou. A pior é a outra, já antiga, que ela tem no coração, que essa talvez nunca tenha cura!

E foram seguindo com outras para o terreiro de Apar S. Martinho.

* * *

O Mestre de Avis já estava prevenido da chegada de Nuno Álvares. Logo ao romper da manhã o fora avisar o anadel dos besteiros que estavam na guarda das Portas do Açougue.

Esperava-o com fraternal alvoroço. Bem sabia que tinha naquele seu irmão de armas a melhor lança e a maior alma de Portugal, como o povo dizia.

As suas excecionais virtudes e os seus altos méritos em muito lhe resgatavam as temeridades de cavaleiro andante, já um pouco deslocado do seu tempo, e os arrebatamentos de sonhador místico nas incongruências da sua condição de batalhador. A fé religiosa era realmente a suprema força na alma crente de Nuno Álvares e o sonho a suprema poesia do seu coração de patriota.

Como os grandes homens de guerra de todos os tempos, Nuno Álvares acreditava no seu destino; mas para ele o destino vinha do céu na vontade de Deus. Como Napoleão, quatro séculos depois, o vencedor dos Atoleiros tinha também a sua estrela; mas esta era a estella mater dos místicos e dos ascetas, a estrela feita do olhar doce e piedoso da Mãe de Jesus.

O Mestre sabia compreender aquele jovem, quase da sua idade, e estimava-o como um poder prestigioso de que se não pode prescindir e como um irmão dileto cuja ausência nos enche de saudade.

Irmão de armas dissemos já que era. Irmanava-os o esforço, ainda que não os germanassem os corações. Pela causa da mesma Pátria lidavam, tinham idêntico ideal político, era a terra portuguesa o lar sagrado de ambos, e tão irmãos os fizera o acaso do nascimento e uma coincidência de circunstâncias, que até ambos eram bastardos e a mesma armadura infantil com que o Mestre recebera a sua iniciação de cavaleiro aos doze anos, servira também ao pequeno Nuno Álvares, pajem da rainha D. Leonor Teles, que pelas suas próprias mãos lhe cingiu a espada de cavaleiro.

Ao lado do homem político e do astuto e refletido diplomata que devia de ser e era o filho natural de Teresa Lourenço nas suas condições de chefe de um estado, convinha e era um poder de estímulo e de prestígio a alma imaculada e crente e o ânimo intemerato e rútilo daquele bastardo de Iria Gonçalves.

O próprio Mestre assim o entenderia, e eis aqui porque ele o estava esperando no paço do Limoeiro com aquele fraternal alvoroço, perdoando-lhe a insubmissa e temerária impaciência que o trazia a Lisboa. Que já não era a primeira insubmissão nem seria, provavelmente, a última.

E assim que o jovem natural do Alentejo entrou no terreiro do Paço, logo o Mestre desceu a grande escadaria exterior para ir ao seu encontro. Foi uma receção enternecedora.

— Amigo e irmão meu! — disse-lhe o Mestre, abraçando-o fervorosamente e beijando-o na face.

— Mestre e amigo meu! — exclamou D. Nuno, apertando-o contra si, comovidamente.

E logo dobrou o joelho e tentou beijar-lhe a mão como se ele já fosse rei.

O Mestre escusou-se insistentemente a semelhante homenagem e procurava erguê-lo, chamando-lhe irmão e o seu igual.

— E até vós, Nuno Álvares, muito mais fizestes do que eu, aqui encerrado. A mão vos devem de beijar a vós, que

vencestes uma batalha, e por tal vos devo eu quantas graças me for dado conceder-vos em nome da Nação.

A insistência de Nuno Álvares venceu afinal, e como a um soberano lhe beijou a mão.

A ambos os vitoriaram então os fidalgos, com os olhos rasos de água, e como eles o povoléu, que enchia o terreiro.

Depois, o Mestre subiu com ele e lá foram os dois conferenciar acerca do que importava fazer naquela conjuntura de enormes dificuldades e gravíssimos perigos, pois que os recursos do País eram pobríssimos em homens de guerra, em navios, em dinheiro e até em armas.

Nem com algum socorro que viesse de Inglaterra se poderia reunir armada que valesse metade da que tinha Castela, nem exército que pudesse lutar com os Castelhanos, se não em perigosa desigualdade de número, tal como já sucedera nos Atoleiros.

* * *

Minutos antes, no paço de D. Dulce, uma velha heroica da ralé, a tia Lourença, subia a grande escada antiga para ir saber notícias de Ruy de Vasconcelos. Ao fundo da escadaria, num recanto escuro, ficara uma mulher que não quisera subir. Ninguém lhe poderia ver o rosto, que fora encantador e era ainda formoso, e ninguém lograria adivinhar em que tremura do coração e em que silencioso choro ela estava ali esperando.

Assim, como pedinte envergonhada à espera de uma esmola, aquela que fora dama da rainha e enlevo dos galãs da corte, quatro anos antes!

Veio falar à regateira o velhinho Gonçalves Vasques.

— Ah! Sois vós — disse, reconhecendo-a, porque ela ia lá todos os dias.

— Venho à minha devoção. O senhor Ruy, vosso amo?

— Poucas melhoras, se algumas tem! — respondeu-lhe tristemente — Parece que não quer Deus ouvir-nos, nem àquela amargurada mãe e senhora minha, que tanto tem padecido pelo filho!

— Já hoje eu rezei por ele, eu e outras, depois da missa das almas no altar da nossa Senhora da Escada, e a ela assistiu o senhor Nuno Álvares.

— Nuno Álvares! Então ele está agora em Lisboa?!

— Chegou cá esta madrugada.

— Não sabia! E não admira. A tristeza encheu esta casa e não há cabeça nem coração para pensar noutra coisa e senti-la, que não seja na doença daquele nosso querido e mal-aventurado fidalgo!

— Pois Nossa Senhora nos ouça a todos e vos melhore. Eu trazia um recadinho do senhor Nuno Álvares para a nobre senhora desta casa.

— Ninguém a arranca de ao pé do filho. Só no dia da grande procissão de penitência quis sair, pois tamanha devoção e esperança era a sua, que lhe pareceu traria de lá a saúde daquele filho!

— Pois então dai-lhe vós o recado, que tanto monta como dar-lho eu.

— Sim, dou; dizei.

— O senhor Nuno Álvares manda-lhe o seu voto pelas melhoras do filho e prometeu vir cá brevemente para prestar sua homenagem à nobre senhora.

— Está bem, e muito obrigado por ela. Ide descansada, que o recado lhe será entregue.

A tia Lourença desceu. Leonor veio logo ao seu encontro, numa aflitiva impaciência.

— Mãe Lourença, dizei — pediu-lhe sumidamente — Piorou?

— Não; louvores a Deus. Vão as melhoras indo devagar, muito devagar para o que a mãe e nós desejávamos — respondeu-lhe com intenso dó.

E logo saíram.

CAPÍTULO XVIII

REI ELEITO

Estamos a 2 de Outubro. Era de manhã cedo e já o Mestre e Nuno Álvares ficavam em nova conferência acerca dos negócios do reino e das precauções para uma outra guerra, que se podia considerar inevitável.

O glorioso jovem do Alentejo conseguira que o Mestre perfilhasse, como de exclusiva iniciativa sua, alguns alvitres que lhe havia proposto. Entre outros, o de receber juramento de preito e menagem aos fidalgos de qualquer categoria, cavaleiros e escudeiros, que ainda o não tivessem prestado, como tinham feito os de Entre Douro e Minho. Assim os seguraria melhor e com maior e mais devotada lealdade adstritos à sua autoridade, quase soberana, de Regedor e Defensor do reino, ou regente como hoje se diria.

E tão de alma tomou D. João este conselho, que logo naquela mesma manhã, mal o sol despontava, ouviu o

parecer do doutor João das Regras e, com o seu voto de aplauso, mandou aviso aos fidalgos e cavaleiros para o acompanharem do paço ao alpendre de S. Domingos onde era preciso se tratassem assuntos urgentes do Reino.

Marcou-lhes o meio-dia para a reunião no paço.

E ao Juiz do Povo o mandou chamar para vir sem delongas falar-lhe ao Limoeiro.

Mas o emissário do Mestre encontrou o tanoeiro logo ao adro da Sé. Vinha já no propósito de falar a D. João.

— Ora bem-vindo seja o honrado Juiz do Povo de Lisboa.

— Senhor, agradecido, e muita glória queira Deus conceder ao ilustre Regedor e Defensor destes Reinos.

— Assim cedo vos mandei chamar para um caso de subida importância.

— Mestre, dizei e mandai.

— Quero agradecer ao povo de Lisboa o muito ânimo e constância com que defendeu a cidade, os donativos e empréstimos que por amor da Nação têm feito os de mais teres, para acudirmos às despesas da guerra e, enfim, o

muito que todos se têm esforçado por salvar Portugal. Sou pela Nação, como seu procurador bastante e principal devedor, e quero fazer o ajuste das contas diante do povo de Lisboa, e tratar da paga que se lhe pode e deve dar e do mais que a Pátria ainda tem de lhe pedir.

O tanoeiro sorriu com um clarão de júbilo no olhar, como se aquele propósito do Mestre viesse ao encontro de algum plano seu.

— Mandai-me avisar já os da Casa dos Vinte e Quatro para que convidem todos os homens dos ofícios e mesteres a irem juntar-se consigo e com os fidalgos e cavaleiros da cidade, meia hora depois do meio-dia, no alpendre de S. Domingos, onde muito me apraz vê-los e falar-lhes.

E, a sorrir para ele, acrescentou:

— Ali se fizeram as nossas cortes de gente humilde em que tão graves coisas se decidiram, e vós, mestre Afonso Eanes, o sabeis melhor do que ninguém, pois lá fostes a alma e a vontade que me fez Regedor destes Reinos.

— E por fortuna de Portugal me deu Deus ânimo para aquela ousadia de vos tomar as rédeas do cavalo para que

vos não fosseis de Lisboa — volveu-lhe também sorrindo.

— Iria para buscar auxílio em Inglaterra.

— Que tanto podia tardar, que chegasse fora de tempo à cidade, já vencida e talvez já queimada pela gente de Castela!

— Da minha sorte decidistes vós, Afonso Eanes, e muito vos devo e deve Portugal, pois que bem se podia dizer que a vida da Nação estava em Lisboa. Sem as vossas palavras de homem leal, e a vossa rija vontade de homem de espada, que também sois, nem o povo se decidiria a tomar deliberação pela sua própria causa, nem eu podia ficar sem ter confiança no povo. Lembro-me bem de quanto se passou — disse, pondo-lhe a mão no ombro — A poder de boas e calorosas palavras, movestes os mais indecisos e de mão na espada fizestes calar os que de mim duvidavam.

— Mestre e senhor, o coração estava a dizer-me que éreis vós o chefe de que o povo precisava, para que as espadas dos Castelhanos o não levassem diante de si como rebanho de carneiros sem zagal. O meu coração fez o seu dever e já está visto que não errou.

— Veremos, veremos! Ainda agora a jornada vai nas suas primeiras horas e ninguém pode adivinhar o que hão de ser as outras! Mas ide-me depressa fazer o aviso e mandai deitar bando para que da cidade vá lá quem quiser.

— Mestre, o aviso está feito.

— O aviso feito?! Como assim, se eu vos não posso crer adivinhador do meu propósito, ainda há uns instantes tomado?!

— Mestre, eu já tinha falado ontem à noite aos da Casa dos Vinte e Quatro para nos juntarmos em S. Domingos com o povo e dali nos fomos para este paço.

— Para quê, mestre Eanes?

— Para que o povo da cidade aqui viessem agradecer-vos a vossa honrada tutoria como de pai e o vosso bendito esforço, a fazer lembrar de má sombra a cobardia de certos reis. O povo ainda se não esqueceu de outro, que de Lisboa fugiu para Santarém, levando oculta debaixo do seu manto real a espada que fazia falta na cidade, de todo abandonada aos seus inimigos de Castela (*).

[(*) Era referência a el-rei D. Fernando, que na desastrosa invasão de 1373 fugira de Lisboa para Santarém, deixando a cidade ao desamparo e sem socorro contra as arrogâncias e a selvajaria destruidora dos invasores.]

O Mestre afogueou-se. O tanoeiro percebeu, e acudiu logo pelo resgate da irreverente evocação:

— Perdoai, senhor, porque vosso irmão era o rei que abandonou esta cidade, por vós com tamanha dedicação e grandeza de ânimo há pouco ainda defendida com glória vossa e honra de nós todos.

— Sim, sim... Águas passadas, mestre Afonso Eanes. Ide-me vós lá para S. Domingos a receber o povo como seu juiz e dizei-lhe agora que sou eu quem o vai visitar e lhe quer dizer quanto lhe deve o Regedor do Reino e o mais que ainda será preciso fazer para ver se, com a ajuda de Deus, podemos salvar Portugal. Ide, que lá naquele alpendre onde as mores causas se têm decidido, sois vós o maior.

E, voltado para Nuno Álvares, acrescentou, sorrindo:

— Já o povo lhe tem chamado o seu condestabre (*).

[(*) É a forma arcaica de condestável, categoria militar criada e definida em Portugal no reinado de D. Fernando.]

Um dia, que não tardará, haveremos outro novo Condestável para o Reino, jovem glorioso que todos conhecem. Ia jurar que o nosso Juiz do Povo certo adivinhou já quem há de ser.

— Mestre e senhor, nem é preciso adivinhar. Está no vosso e no coração de todos. Para o mando, abaixo de vós — disse calorosamente — a Nação não vê outro que não seja o senhor D. Nuno Álvares Pereira, Conde de Ourém.

O tanoeiro dissera isto solenemente, tratando o jovem campeador por um título que o povo ainda se não costumara a dar-lhe. Era título recente. O Mestre agraciara-o com ele em 1 de Julho, daquele ano, em prémio dos seus assinalados feitos nas longas e porfiadas campanhas do Alentejo e com o título lhe dera os bens que tinham sido do amante e valido de D. Leonor Teles, o famoso Galego João Fernandes Andeiro, assassinado no desvão de uma janela daquele mesmo paço do Limoeiro.

Por ser recente e talvez por ser o título que o Andeiro tivera por favor de el-rei D. Fernando e a pedidos prováveis da rainha adúltera, e mais talvez pelo odioso precedente, repugnaria à plebe substituir pela designação do condado aquele nome radioso de Nuno Álvares, que de lés a lés de Portugal, em toda a Espanha e na própria Inglaterra soava já como se cada uma das suas letras fosse a nota épica de um clarim de batalha.

D. Nuno afogueou-se. Aquele louvor, claro e chão, na boca do mesteiral afeito a dizer as mais duras verdades aos grandes e privilegiados, valia mais, tinha mais envaidecedora significação e era menos suspeito do que se, por iguais palavras, lho dissesse o Mestre, seu amigo de infância e o seu irmão de armas.

Agradeceu-lho comovidamente, pondo nele com afetuoso desafogo os seus olhos azuis de sonhador.

Eanes despediu-se e disse ao Mestre com particular intenção:

— O povo de Lisboa aguardará vossa real senhoria.

O Mestre estremeceu. Dava-lhe o tratamento a que só tinham direito os reis.

— Lá estarei com o povo à hora que vos disse.

* * *

— E mal sonha ele a grande e justiceira hora que vai ter em S. Domingos! — ia o tanoeiro dizendo de si para si a caminho do Rossio grande, o olhar num imenso fulgor de júbilo — Que pesar por aquele desventurado Ruy não poder assistir! O seu coração entenderia o meu.

Assim que chegou ao Rossio, tomou logo apressadamente para o edifício próprio que tinham os seus colegas da Casa dos Vinte e Quatro.

A casa daqueles deputados, artífices eleitos pelos seus pares, era de modestíssimo aspeto e ficava do lado oriental do Rossio, a uma dúzia de passos, a bem dizer, do convento de S. Domingos.

A mediania da casa contrastava profundamente com a alta preponderância social da corporação (*).

[(*) Naquela época, excecionalmente democrática, foi tal a preponderância dessa coletividade de mesteirais, que ficou de tradição e ainda, há vinte ou trinta anos, era corrente entre a nossa gente das províncias mais aferradamente tradicionalista, esta expressão indicadora do prestígio e influência pessoal de alguém de baixa condição: Aquele é da Casa dos Vinte e Quatro!]

Afonso Eanes entrou e subiu para a casa maior, a sala do conselho. Estavam reunidos os mecânicos; esperavam-no evidentemente.

— E daí, mestre Afonso Eanes? — perguntou o mais idoso, calafate da Ribeira — Vamos lá ao Mestre?

— Não; vem ele cá.

— Ele! A esta casa?

— Ao alpendre de S. Domingos com os seus prelados e nobres e cavaleiros para se entender com o povo lá numas coisas do seu coração e do seu ofício de Regedor do Reino.

E resumiu-lhes em brevíssimas palavras as intenções de D. João.

— E então nós?

— Lá iremos para outra vez. Há de querer Deus que não faltem ocasiões.

— E vai daí põe-se agora de lado aquele vosso propósito?

— Quem fala em tal! Para diante com ele é que é. E agora ainda melhor, porque haverá mais povo e ali, a céu aberto e fora do paço, parece que tem a gente a língua mais desemperrada e o coração mais à boca. Mas olhai cá, mestre Leonardo e vós todos, bons e honrados mesteirais da Casa dos Vinte e Quatro, no tocante ao nosso segredo bico fechado e nem pio, que é para depois termos mais alma na voz e mais aprazimento com a surpresa dos fidalgos e com o alvoroço do povo. Há de a gente fazer de conta que são ali as cortes, naquela alpendrada de S. Domingos. Já que há tanto se não convocam por mandado de reis, nós as convocamos, nós os dos ofícios, pela nossa conta e risco, e desta vez, bem o creio, com mais proveito e

para maior justiça que algumas das antigas de que há memória.

— Pois assim será — apoiou o mestre Leonardo.

— Homens, olhai que o povo tem subido! Já não vai atrás de prelados e ricos-homens como rebanhos de borregos, nem é já pertença de gente privilegiada, dentro do seu pedaço de chão cativo, como foi no tempo dos nossos primeiros reis. Em tudo alguém. Outro poder com o qual há duzentos anos certo se não contava. Ganhou-se à custa de resignação, de sacrifícios, de amarguras, de contendas, de sangue; mas foram os nossos maiores que ajudaram também a formar a Nação e obtiveram dos reis os forais dos concelhos e, pela sua valia, a entrada dos seus procuradores em cortes.

Estavam os mesteirais a ouvi-lo numa tremura de comoção. Sentiam na alma as palavras calorosas de sugestivo orgulho e de justiceira verdade, daquele mesteiral glorioso de Lisboa.

— Já a gente sabe de quem vem — continuou Afonso Eanes — Também somos filhos de algo. O meu terceiro avô,

tanoeiro como eu, foi da peonagem de Portugal que pelejou contra a mourama das Espanhas e de Marrocos em certa grande batalha, que se chamou das Navas de Tolosa (*).

[(*) A batalha das Navas de Tolosa (1212), das maiores e mais sanguinolentas da Idade Média, pode considerar-se por si uma cruzada da Península, como, no século seguinte, a outra do Salado. Todas as principais forças dos mouros da Espanha se tinham reunido a um potentíssimo exército expedicionário, vindo de Marrocos. Contra este poder formidável se congregaram as hostes de Castela e de outros Estados cristãos da Península, com exclusão do reino leonês, que preferiu continuar as suas hostilidades na fronteira de Portugal! Até de França chegaram auxiliares para opor àquela invasão temerosa. Apesar da guerra que tinha da gente leonesa, Portugal mandou também uma pequena hoste para aquela cruzada, e essa quase toda de infantaria, peonagem. O poder mouro foi desbaratado, e a infantaria de cá, a plebe da hoste, tais prodígios fez, que em muito contribuiu para aquele desbarato, que salvou a Península e talvez uma parte da França.]

— Em socorro de Castela, ouvi eu contar a um frade antigo — acudiu mestre Leonardo.

— De toda a cristandade das Espanhas e de França é que foi, consoante certa velha crónica existente no convento de S. Francisco. Leu-ma um tio meu, que é frade

daquela casa. E sabei que, se os fidalgos com razão se ufanam da batalha do Salado, em que os cavaleiros de Portugal se assinalaram, nós, os do povo, muito nos podemos orgulhar da outra de Navas, em que a peonagem portuguesa fez coisas de assombro! Assim o diz a tal crónica velha que eu ouvi ler.

— Bem falado, mestre Eanes! — aplaudiu o velho calafate entusiasticamente.

— Boas e honradas palavras! — disseram os outros, envaidecidos nas suas prosápias de plebeus e mesteirais preponderantes.

— Contam os velhos — prosseguiu o tanoeiro — contam de o ouvir dizer, que a certas cortes que se reuniram em Leiria, nos tempos do senhor rei D. Afonso, terceiro do nome, pela primeira vez foram chamados os procuradores dos concelhos, que é como se disséssemos os procuradores do povo, e lá se juntaram com os prelados e fidalgos. Pois daqui a duas horas se hão de reunir outras cortes, que não têm antecedentes e sem nenhum cerimonial as heis de ver. Nem bancos marcados (*), nem procuradores a falarem pelo povo, porém o próprio povo pela sua conta e todos de

pé, alto e baixo, filhos de reis e filhos de britadores de pedra, e cada um para dizer o que no seu coração sentir. Assim, certo nunca houve nenhumas cortes nesta nossa cerra!

[(*) Nas antigas cortes os procuradores dos concelhos, deputados do povo, tinham bancos numerados segundo a importância, antiguidade e regalias do concelho que representavam.]

— Honrada coisa há de ser, por vida minha! — comentou o mestre Leonardo — Mas olhai que se corre o perigo de algum desmando do mulherio e da arraia-miúda.

— Tal não receeis. Ali não haverá que diferençar mulheres e arraia-miúda; haverá povo, o povo de Lisboa, e esse não se desmandou nunca diante do Mestre. E que algum houvesse para tal, que eu saberia ter mão nele. Já sabem que, para conter onzeneiros e assomadiços, nem preciso da minha vara de juiz. Já não estranham o punho de uma espada estas mãos calejadas no cabo da enxó. Mas nem vale agora perder tempo com tais receios; pelo povo de Lisboa fico eu e ficais vós.

— Sim, sim! De tal modo há de ser! — apoiaram todos.

— Está bem. Tínheis falado ao povo para se nos juntar em S. Domingos, por volta do meio-dia, não é assim?

— A quantos eram do nosso conhecimento e encontrámos lhes fizemos o pedido — respondeu o mestre Leonardo — E todos ficaram de vir.

— Antes do meio-dia, como se combinou?

— Antes, e alguns prometeram trazer outros consigo. A esta hora iria jurar que já não haverá na cidade pessoa que desse juntamento não saiba. Um frade de S. Domingos me disse a mim que havia de mandar tanger os sinos para chamar ainda mais povo.

— Hão de tanger todos os sinos, que disso vou eu tratar, antes que chegue a hora de lá estarmos. Muitos curiosos certamente vos tinham de ter perguntado o fim do juntamento?

— Todos a quem nisso falávamos, e a todos respondíamos que era para irmos ao paço do Limoeiro dar os agradecimentos ao Mestre. Do resto nem palavra.

— Pois agora ainda coisa maior há de ser e com mais luzimento.

* * *

A igreja de S. Domingos era então, como é hoje na sua feição moderna, um dos mais sumptuosos templos de Lisboa. O convento dos frades é que naquele tempo se reduzia a uma singela e humilde edificação, a contrastar com a igreja de esguios colunelos góticos, altas janelas de vitrais e extravagantes ornamentações esculturadas, numa profanada reconfusão de arcanjos e sátiros, de centauros escandalosamente nus e demónios grotesca-, mente hediondos. Era assim o estilo arquitetónico dos templos medievos, apesar da altivez monumental das suas linhas e da grandeza melancólica das suas naves, mergulhadas numa penumbra de misticismo sonhador, que apenas as luzes dos altares ou algum raio de sol, através dos vitrais de figuras bíblicas, um pouco logravam rasgar.

O mosteiro, de janelas estreitas como seteiras, tinha um só pavimento, a que servia de fronteira uma larga alpendrada sobre o terreiro, contíguo à grande praça irregular que era então o Rossio.

Do lado do oriente se lhe avizinhavam as hortas mirradas e os pomares mortos da baixa Mouraria, e do norte quase se extremava com os primeiros hortejos de Valverde, revolvidos durante os primeiros tempos do cerco por mãos de famintos que buscavam os talos e as raízes secas de hortaliça.

Diante daquela alpendrada de altiva história esperara inutilmente o alfaiate Fernão Vasques à frente de uma multidão revolta, que el-rei D. Fernando viesse dar conta ao povo, como prometera, do propósito infamador que lhe atribuíam, qual era o de casar escandalosamente com D. Leonor Teles, esposa legítima de João Lourenço da Cunha.

O rei faltou, fugiu de Lisboa para Santarém e o ignominioso casamento fez-se no Porto, na igreja de Leça do Bailio. A estátua de carne tentadora e entranhas de tigre logrou depois vingar-se do atrevido plebeu, que ousara ter vergonha e pudor por conta do rei enfeitiçado.

Aquela revolta de 1371 pagou-a com a vida o intrépido Fernão Vasques. Ele e outros homens principais do motim. Leonor Teles não esquecia; aquele alfaiate fora o malogrado zelador da honra e da fama de uma coroa que ela conspurcava.

Mas os Castelhanos largaram o cerco de Lisboa, o de 1373, todo crueldades e assolações, o rei voltou com ela de Santarém, onde cobardemente se tinham aninhado, e pouco depois o ódio vingativo da real adúltera saciava-se, conseguindo que o segundo marido infamado entregasse ao carrasco os maiorais da revolta.

Foram enforcados; mas para Fernão Vasques, porque tinha sido o mais audaz, o caudilho da multidão protestante, para esse houve uma fúnebre distinção. Antes de o enforcarem, deceparam-lhe as mãos. Foi para o cepo ainda mal restabelecido de um ferimento grave, que lhe tinham feito os Castelhanos numa das suas arremetidas maiores pela rua Nova acima.

Provara o alfaiate decepado que, se tinha boca para dizer alto duras verdades de plebeu honesto, também lhe não

faltava rijo pulso de lutador para rebater os inimigos da Pátria.

Depois, como já sabemos, foi naquele Fórum da alpendrada de S. Domingos que se fez a revolução redentora contra o herdeiro castelhano, e se abriram os maiores destinos da terra portuguesa. E foi Afonso Eanes uma das principais figuras daquele movimento, que mais tarde havemos de ver a qual épico desenlace pôde chegar.

* * *

Mal passava das onze horas e já o terreiro de S. Domingos estava apinhado de povo, a transbordar até ao Rossio. Na alpendrada, Eanes e os da Casa dos Vinte e Quatro conversavam com dois velhos frades dominicanos. Parecia que estavam combinando alguma coisa de alvoroço. Um dos frades encerrou a palestra com esta promessa:

— Ficai na certeza, mestre Eanes, de que essa hora de justiça há de ter o luzimento e a solenidade que merece. Heis de ver como no vosso intento vos ajudamos.

— Nisso creio e de todo o coração vos agradeço, senhor Frei João do Nome de Deus.

Os frades retiraram-se. Estava-se numa impaciência em que os minutos parecem longos como horas.

Tinham um triste aspeto os trajos daquela populaça, homens e mulheres vestidos de grã e burel pardo ou de almáfega de luto pelos que lhes tinham morrido no cerco. Alguns tons de cores vivas apenas nas saias de valenciana e nos saiotezinhos de jovens garridas. Os carapuços escuros e os chapeirões ingleses (à inglesa) punham manchas ainda mais soturnas naquele imenso quadro, a que servia de fundo o velho paço gótico do almirante.

Mas a mobilidade da multidão, sacudida e irrequieta, o alvoroço das fisionomias, numa expressão de insofrida curiosidade, e a loquacidade vibrante e pitoresca das mulheres, vivamente contrastavam com o aspeto sombrio dos trajos.

Era enfim meio-dia. Anunciavam-no as badaladas das torres; de súbito, a multidão emudeceu. Os homens descobriram-se reverentemente e toda aquela gente, de

mãos postas, rezou três ave-marias num rumorejar intenso como de carvalheiras que uma aragem forte de repente houvesse agitado.

Benzeram-se, saudaram-se.

— Santo dia, e para bom fim no-lo dê Deus — diziam as mulheres.

E todos os sinos da cidade desataram em repiques festivos como se fosse um dia santificado aquele calmo e doce dia de Outubro, cheio de sol.

Um velho de samarra de burel, corda de esparto a cingir-lha na cintura, cabeção e capuz recamado de conchas, veio atravessando por entre a multidão, a pedir mansamente que lhe abrissem caminho.

— Só cá faltaria este pelegrino com o seu bordão e as concheias! — observou uma rapariga.

— E as suas barbas mais brancas do que uma estriga de linho bem curado! — disse outra.

— As conchas são do santo rio Jordão onde Nosso Senhor recebeu o seu divino bautizo — explicou uma velha.

— Mas já o vi eu a lutar numa galé contra os castelões como qualquer dos melhores cavaleiros! — acudiu um galeote.

— Fidalgo será e cavaleiro de outros temos que ande na remissão dos seus pecados — alvitrou a velha — Já eu conheci um, Deus lhe perdoe, que, por amores de pecado e morte de homem, fugiu para a Terra Santa e de lá voltou, sem nunca deixar o burel e o bordão. E nunca a ninguém quis dizer quem era! Morreu ermitão entre os fraguedos da serra de Sintra! Só eu sabia quem ele era. Deus o tenha consigo!

— Pois deste um dia se virá a saber quem é ou quem foi.

— Teve boa pousada no paço de D. Dulce de Vasconcelos e por lá se deixou ficar.

— A tia Lourença talvez saiba quem ele é. Vai muito a casa dessa tal dona. Ide perguntar-lho.

— Não estou agora para isso. Há de vir a saber-se, sem que a gente ande por aí a indagar quem vem a ser esse monge barbudo, que, pelos modos, não é peco para arremeter nas lutas.

E com estas e outras conversas se iam entretendo para que lhes não parecesse tão longa a demora.

— Mas porque espera Afonso Eanes? — perguntavam os mais impacientes.

— Ele e os Vinte e Quatro!? Pois se este juntamento foi para irmos ao Mestre a dar-lhe os nossos agradecimentos, porque ficamos aqui pasmados?

— Agora ouvi dizer — interveio um alfageme — que já não é a gente que vai dar os agradecimentos ao Mestre; porém é ele quem aqui vem para nos falar e agradecer, e por tal modo o estão esperando os dos Vinte e Quatro e mais o nosso juiz.

Aquele alfageme era mais rapador de barbas que armeiro e, na sua tendência histórica de alvissareiro e rebuscador de novidades, mantinha galhardamente as tradições da sua classe, as únicas talvez com maior tenacidade mantidas ainda neste nosso tempo. Sabia as coisas primeiro que o resto do Mundo, parecia farejá-las quando não as podia colher de fonte segura, e até tinha a arte insigne de contar

como notícias recentes as que todo o Mundo já supunha velhas.

Mas aquela nova, que ainda não era sabida de muitos, encheu de consolo e de ingénuo desvanecimento as almas dos seus ouvintes, gente rústica na esperança de um novo destino, de que o Mestre seria o penhor e o símbolo.

— Vem cá então!

— Há de saber-lhe bem vir a este sítio falar ao povo.

— Aqui foi que, em boa hora, o alçámos para nosso Defensor e Regedor do Reino.

— O nosso Mexias que Deus nos mandou! — disse a velha carinhosamente.

— Messias, mulher de Deus, Messias para redimir a Nação — emendou o alfageme, uma das ilustrações da sua classe, por erudição vária que apanhava de ouvido aos cónegos da Sé, os seus fregueses de mais alto coturno.

* * *

Veio dos lados da Sé uma vibração intensa de trombetas. A multidão remoinhou comovidamente e um ruído alto de vozes esvoaçou por todo o terreiro até ao Rossio.

— Olhai que é o Mestre!

— Certo será ele!

— Lá está já à frente dos mesteirais o nosso Afonso Eanes.

— E eles com a sua bandeira e as suas varas vermelhas.

— Vão sair ao encontro do Mestre.

Vinha de mais perto a vibração das trombetas, respondiam-lhe as torres de S. Martinho e da Sé em loucos repiques; mas os gritos dos vivas estrugiam frementes, esfuziando nos ares por entre o arruído festivo daquela hora.

Repicaram também os sinos de S. Domingos e as grandes portas antigas da igreja foram abertas de par em par. A comunidade começou a sair processionalmente, de cruz alçada.

O Juiz do Povo e os da Casa dos Vinte e Quatro tinham ido ao encontro do Mestre.

É pequena a distância entre o paço do Limoeiro e S, Domingos e por isso o Mestre vinha a pé, e como ele todos os da sua comitiva. Avultavam no séquito de D. João, por categoria e renome, o arcebispo de Braga; D. Lourenço; D. João, bispo de Lisboa; D. Paio de Meira, bispo de Silves; o conde D. Gonçalo; o prior da Ordem do Hospital; D. Frei Álvaro Gonçalves; Nuno Álvares Pereira, o do Alentejo; Diogo Lopes Pacheco, senhor de Ferreira, e o doutor João das Regras. Não importa aqui levar mais longe a designação dos outros fidalgos cavaleiros, escudeiros de prole e pajens de armas que vinham com o Defensor do Reino.

Os feixes de plumas dos bacinetes, as cotas de armas, e os laudéis bordados, divisas e brasões de vivas cores com refulgências de fio de ouro e prata, davam aspeto triunfal à comitiva do infante bastardo, sangue de rei caldeado com o da mulher plebeia que fora sua mãe.

Foi um deslumbramento para as almas sinceras da plebe aquele cortejo quase real. Envaideciam-se por esse homem eminente, que era, por assim dizer, o filho dileto do seu coração de patriotas.

Mal o cortejo assomou ao terreiro, logo a multidão se remexeu febrilmente para ver bem, para ver melhor os dois homens que trazia figurados na alma como dois paladinos de lenda, numa visão miraculosa de sonho.

E em pouco estrondearam vivas comovidos, febris e soberbos como se valessem ali por um alardo de guerra e por uma aclamação de triunfo.

— Viva o Mestre!

— O Messias de Lisboa!

— E mais de Portugal, que por ele será livre!

— Em boa hora ficou!

— E em boa hora venha!

— Viva! Viva!

— E com ele o senhor D. Nuno Álvares!

— A mais forte lança e a maior alma que têm consigo o Mestre e o povo! — gritou a tia Lourença, bracejando à frente das mulheres.

Entretanto, o Mestre recebia as homenagens dos representantes da Câmara, do Juiz do Povo, dos homens da Casa dos Vinte e Quatro e dos frades dominicanos.

Depois encaminhou-se para o alpendre com os prelados, os fidalgos do seu conselho e os letrados. E logo após eles Afonso Eanes com aqueles homens dos ofícios, que constituíam um como conselho de Estado plebeu, prestigioso e preponderante.

Era como se a população, a arraia-miúda, consubstanciada naqueles seus representantes, entrasse também com as classes privilegiadas nesse modestíssimo recinto, já tão assinaladamente famoso nos anais de Lisboa. A revolução nascera e alentara-se ali, entre aqueles pilares de enegrecidas cantarias e sob aquele teto de velho castanho, Fórum pobríssimo sem colunatas monumentais e sem estátuas magnificentes, como o outro de Roma, truncado agora entre as ruínas da metrópole de uma grande e pujante civilização antiga.

Quem podia saber então se daquela alpendrada, que nenhum vestígio deixou na moderna Lisboa, não sairia também, com a revolução de uma nacionalidade, a alvorada

épica de um soberbo dia na História de outra grande civilização?

* * *

Subia o Mestre os degraus do alpendre e Afonso Eanes a dizer de si para si:

— É como se fosse a subir os degraus do trono!

Calaram-se os sinos de S. Domingos, mal que a comunidade voltou à igreja. O Mestre fez um sinal ao Juiz do Povo. Eanes compreendeu-o e foi logo para a entrada do alpendre. Do mais alto degrau fez um gesto de prevenção às cinco ou seis mil pessoas que o podiam ver.

— Povo, escutai, que vai falar-nos o senhor Mestre de A vis, nosso Regedor e Defensor.

— Escutai, escutai, que vai falar-nos o Mestre! — clamaram os das últimas filas do terreiro, avisando a multidão que ficava para trás, até o paço do almirante.

O mar de gente ondeou opresso; houve ainda um rumor como de floresta que uma nortada açoitasse; mas, poucos momentos volvidas, aquelas ondas de povo imobilizavam-se numa emudecida mansidão e apenas se percebia o tenuíssimo rumorejar de milhares de pessoas respirando num alvoroço de surpresa.

Levemente pálido, o Mestre tomou o lugar em que estivera o Juiz do Povo e começou comovidamente numa vibração alta, sonorosa, que ia acarinhar os ouvidos e os corações da plebe.

E os mais distantes, os que não podiam ouvi-lo, de olhos cravados nele, tentavam adivinhar-lhe o sentido das palavras, lendo-lho na expressão do rosto.

— Gentes! Sois o povo honrado e leal da mor cidade que tem Portugal e com esforçada coragem e resignação heroica vos encontrei sempre comigo para a defenderdes do poder de Castela. Bem sabíeis vós que defender Lisboa o mesmo era defender a Nação; Portugal aqui tinha a alma e a vida. Boa conta destes de leais Portugueses, lutando e sofrendo e assim com generoso ânimo me pagastes o cargo, que por vós e a pedidos vossas tomei, quando já comigo

tinha entrado o desalento de ver tanta gente ilustre bandeada por Castela e tantas vilas e castelos com bandeira e menagem pelo rei estrangeiro. Então me vi decidido a partir do reino, que tantos julgavam perdido e eu supunha numa agonia de morte, sem remédio. Era engano meu. Quem tinha a verdade no coração éreis vós, bem que dos vossos alguns tivessem também muito desfalecido na esperança de que Portugal se salvasse. Salvo não está ainda, mas agora creio que a maior agonia terá passado. Outra virá, porém, com perigo de morte, e essa nos poderá levar a Pátria, se nós faltarmos ao que ainda lhe devemos e Deus nos desamparar por tal criminosa falta. Aqui vim para vos agradecer e louvar e o tanto que fizestes ajudando-me, e para que livremente me faleis de coração aberto, no tocante ao vosso ânimo para os outros maiores sacrifícios de haveres e de sangue.

— Mestre! — gritou a tia Lourença, já nas primeiras filas dos ouvintes — Quantos sacrifícios vós mandardes que se façam e de quantos Portugal precisar para não ser de el-rei de Castela!

— Tal qual assim!

— Boa palavra de mulher a dizer o que todos nós trazemos no coração!

E todos apoiavam estes dizeres calorosamente, numa singeleza de forma enternecedora. Mas da comitiva do Mestre alguns houve que se turvariam, como se aquele voto os houvesse contrariado.

D. João esperou que o sussurro se acalmasse. Para além do terreiro alguns iam resumindo as palavras do Mestre e a resposta da tia Lourença, elucidando assim aqueles que nada tinham podido ouvir.

— Isso esperava de vós — continuou o bastardo serenamente, mas numa voz ainda mais vibrante e com uns grandes fulgores de júbilo no olhar — Muito se tem sofrido e muito ainda se há de sofrer, para que a Nação se veja salva dos tamanhos perigos que a estão cercando. Toda a verdade que entendo e sinto vos hei de dizer aqui, para que ninguém se iluda e cada um vá para diante, sabendo e pensando bem os encargos que toma. El-rei de Castela está ainda em Portugal com os seus cavaleiros e peões das Espanhas, da Gasconha e de outras terras de França. São dois os poderes que contra nós vieram e hão de voltar e

somos nós tão poucos e empobrecidos que, embora el-rei de Inglaterra nos dê algum socorro, sempre há de ser pequeno, para acudir ao muito que nos falta e para opor aos muitos que sobre nós hão de vir. Para mais nos apoucar as forças e estreitar a terra, estão Portugueses de grandes haveres com os de Castela e são por eles, estrangeiros e traidores, setenta e uma vilas e castelos, reduzindo Portugal a menos de metade do que era quando todos o julgavam pequeno! Para fazer frente às armadas e às hostes com que a contenda se há de resolver, será preciso que deis mais sangue e maior tributo das vossas migalhas. Depois, para vencer e despejar daqui a multidão armada dos estrangeiros e dos traidores, cada um de nós pela sua terra contra cinco ou seis que lha querem roubar e envilecer, será preciso um milagre de Deus feito pelo esforço do vosso braço e das vossas almas. Pensai e dizei-me como a irmão vosso, se para tanto vos sentis resolutos.

— Mestre — acudiu outra vez a velha batalhadora — está pensado e dito. Mais sangue e mais fome, só por não sermos de Castela, e seja pelo amor de Deus e por este tamanho amor que a gente tem à nossa terra.

Milhares de frases tocadas de santa devoção revoaram de lés a lés no terreiro, aclamando aquela menagem do povo, sem o cerimonial da outra dos cavaleiros e alcaides dos castelos e sem o juramento dos Santos Evangelhos.

— Amém — disse o Mestre — Povo temos nós e é ele um braço com que Portugal pode contar. Agora dizei se para maiores encargos me desejais convosco ou se outro quereis escolher que melhor vos mande a deferida.

— Nenhum outro! Nenhum que tanto valha! — gritaram muitas vozes.

— Nenhum!

— Pois pela minha fé que, ou Deus me falta, ou eu hei de ser o Regedor que vos mereça e o Defensor que vos mereceis.

— Senhor, perdoai, mas para o que valeis é pouco! — gritou Afonso Eanes, aprumando, no último degrau, em frente do Mestre, a sua bela e pujante figura de plebeu.

D. João afogueou-se.

— Gentes! — clamou o Juiz do Povo para a multidão surpreendida — Em nome de todos deixai que eu fale pelos vossos corações, irmãos do meu.

— Falai! Falai!

— Já não há porque hesitar. Os letrados que averiguem da herança da senhora infanta que é rainha de Castela. Mas para que a herança tenha validade é preciso que Portugal se faça castelhano, e isso é que nós não queremos, por mais homens de armas que de lá venham o por mais traidores que de cá se afastem. Gentes, dizei se assim não é, e se o meu coração errou por não sentir o vosso.

— Não queremos!

— Bem o dissestes: não queremos!

— Não e não!

Como se uma áspera ventania subitamente houvesse sacudido toda a gente e a multidão tivesse uma só alma a vibrar pelo mesmo santo amor, toda aquela floresta humana ramalhou violentamente e todas as bocas se abriram para a mesma comovida afirmação.

Mais se tinham perturbado agora os fidalgos, três ou quatro, que a princípio apenas se tinham turvado, contrariados. Pela sua fortuna ninguém reparara neles.

— Pois que assim o queremos — acudiu o Juiz do Povo entusiasticamente — a herança real a damos nós por nula, e da coroa de Portugal, que ainda não tem dono, pode a Nação dispor!

— Pode.

— É de ver que pode.

— Gentes, e nós, o povo, alguma boa parte somos da Nação para termos voto nas doações e partilhas do Reino, com tanto direito e tão grande dever como para lhe dar os braços, o sangue e até um quinhão mais das nossas migalhas. Onde tivemos direito e força para fazer do senhor Mestre de Avis o Regedor destes reinos, com mais razão pela nossa parte, podemos mudar o regedor em rei.

Retumbou nos ares uma explosão de aclamações frementes. Entrava aquela audácia tanto no coração de todos, que nem lhes deu surpresa.

— Real! Real! Pelo senhor Mestre de Avis, rei e defensor nosso!

Um pouco enfiado, o Mestre procurava Nuno Álvares num olhar turbado como a buscar o voto daquela grande alma e daquela soberba espada.

O jovem batalhador respondeu-lhe no seu mais afetuoso olhar, a valer uma altiva e fervorosa aclamação.

Mas os fidalgos de maior prosápia fizeram rosto carrancudo àquele atrevimento da populaça, que lhes parecia escandalosa violação dos direitos e privilégios da sua classe. Dantes eram os prelados e eles quem nas cortes representava os primeiros votos e o maior poder.

Afonso Eanes notou e percebeu a transfiguração.

Enquanto esperava que a vozearia das aclamações o deixasse rematar a sua fala ao Mestre, foi ideando a forma de aplanar os remordimentos daquelas prosápias, sem humilhação do povo e com proveito da causa patriótica.

— Senhor — exclamou o famoso tanoeiro, aproveitando moa aberta daquele vendaval de brados entusiásticos, a

vibrarem o júbilo das almas a arderem na febre daquele sangue rubro e forte da populaça.

— Juiz do Povo! — atalhou o Mestre na sua voz cheia, dominadora, levemente comovida — Muito agradeço o galardão que o bom e leal povo de Lisboa me dá nas suas aclamações; porém é dever meu recordar-vos que só em cortes se pode alçar novo rei, quando outro falte, que para tal tenha direito de herança. Regedor e Defensor do Reino continuo a ser.

— Quem para esse cargo vos elegeu foi o povo e aqui mesmo fez a escolha. Agora, ainda com maior direito, vos pode alçar ao trono, pois que vós e ele defenderam Portugal a dentro dos muros de Lisboa.

— Falta o voto do reino — objetou-lhe D. João.

— Senhor, a Nação, por ora, a bem dizer, se reduz a Lisboa e Porto.

— Falta ouvir os poderes do Estado que têm representação em cortes.

— Com o meu maior respeito vos lembro que a um desses poderes muito o diminuiu a traição, e não será fácil

que à maioria dos seus representantes os mandeis ouvir nos arraiais de Castela. Agora o poder maior, Senhor, filho de rei e irmão do povo, é esse que traz pela sua cota de armas um pedaço de burel com remendos em guisa de insígnias, esse que padeceu mais fome e derramou mais sangue e vos quer para rei.

— De muito vale o seu voto e no meu coração o guardo com amorável gratidão, mas para breve há de a nobreza leal deste reinos prestar-me sua menagem como a Regedor do Estado, e em cortes, que não tardarão a reunir-se, os votos do clero, dos homens de prole e do povo pelos seus procuradores de cada concelho, dirão quem há de ser erguido rei.

— Senhor, ouvi então o clero e a nobreza. O voto do povo vai daqui adiantadamente para as cortes e nem precisa de ir amparado a procuradores; pois tão alto saiu de todos os corações que, onde quer que as cortes se reúnam, lá se há de ouvir mais sincero, com mais desafrontada verdade que nunca. Senhor, mais do que nunca! Dos vossos nobres cavaleiros heis de receber menagem. Pois a do povo a tendes vós já, bem que não seja

uso receber-lha, nem sobre os Santos Evangelhos precise de jurá-la. Pelo povo de Lisboa, por ele aqui vo-la dou, Senhor, e com ela contai para que Portugal seja dos Portugueses e nunca outra bandeira diferente da nossa ponha sombra nos seus lares. Preito e menagem sem prazo. Para a vida e para a morte!

E a multidão, até ali atenta, silenciosa, num supremo esforço de vontade para não quebrar o encanto de ouvir como o tanoeiro, seu juiz, sabia dizer o que eles tinham no coração e não poderiam exprimir daquele modo, outra vez se alvorotou em frémitos de entusiasmo.

— Sim! Sim!

— Assim é. Para a vida e para a morte!

— É a menagem dos nossos corações!

— Mais segura que a outra dos castelos!

— Senhor, aqui tendes menagem — disse o tanoeiro — como os reis de coroa herdada raras vezes teriam recebido outra igual (*). Para o povo, de hoje em diante, o rei sois vós. Se as cortes outra coisa pudessem votar, o povo seria por vós contra elas.

[(*) A menagem, forma ampliadora do preito, era o acto solene de vassalagem em que os nobres senhores da nação e os altos representantes do Estado tomavam perante o soberano o compromisso e o encargo jurado de o servir, lealmente e com inteira obediência, conforme os seus direitos, imunidades e privilégios, na paz ou na guerra, por si ou pelo seus dependentes, em qualquer lugar ou dentro dos seus castelos, terras e senhorios.]

— Quem vos chamou Messias de Lisboa — gritou alguém — agora vos chamará rei de Portugal.

Foi a tia Lourença quem isto clamou e todo o mulherio lhe foi repetindo o dizer freneticamente.

— Real, real, pelo Mestre de Avis nosso rei! — clamaram por ali fora em vibrações atroadoras.

— Senhor, perdoai — dizia o tanoeiro a meia voz para o Mestre.

— Era então esta a surpresa de que me tínheis falado, mestre Eanes!

— Esta era a justiça que se vos devia — volveu-lhe, dobrando o joelho — Senhor! — disse, beijando-lhe a mão

— Eu agora pelos tantos milhares de homens que aí estão a aclamar-vos.

* * *

Ainda houve umas breves discussões em que tomaram parte os fidalgos; mas pouco depois o Mestre, rei eleito da plebe, seguia para o paço do Limoeiro com a sua luzente comitiva.

Nuno Álvares ia radiante. Nem todos assim. Dois fidalgos da comitiva se tinham deixado ficar para trás.

Eram daqueles a quem a manifestação popular mais perturbara. Iam falando em voz baixa e com as cautelas de quem faz confidências.

— Mal irá ao Mestre por estar dando tão grandes voadeiras à ralé insolente!

— É o sangue da mãe a levá-lo para baixo!

— Nas cortes se há de ver quem vence e se a Nação quer pelo seu rei quem tanto desce para se irmanar com a

gentalha das ruas.

— Que talvez nem seja preciso esperar pelas cortes — disse o outro, quase por entre dentes, torvamente — Há coisa mais segura e mais breve que o voto das cortes. Ao rei da arraia-miúda não durará muito o reinado, apesar da boa vontade dos seus vassalos esfarrapados.

— Esse tanoeiro falador, que tanto se emproa e a tanto se atreve, está a pedir o fim que teve aquele outro vilão atrevido...

— O alfaiate Fernão Vasques. Anda a escumalha a querer subir e este, que faz tonéis, já tem chegado muito mais alto do que o outro, que talhava saias e ponteava calças.

Entretanto, muito para trás da comitiva, com o seu magote de mulheres, numa grande e expansiva alegria, a velha Lourença ia dizendo em tom galhofeiro:

— Ora graças às cabaças, que o povinho cá da nossa condição já elegeu um rei, e se os castelões o não vararem, bom e glorioso rei será, e talvez tudo isto haja de ter uma grande mudança, mulheres de Deus! É cá um sonho do meu

coração, e vós lá, que ainda sois novas, heis de ver se o meu coração se enganou.

— E vós, tia Lourença, isso heis de ver também, louvado Deus.

— Hum! Oh raparigas, em se entrando na ladeira dos sessenta, já se não caminha senão a descer, e ainda que a gente queira parar, não pode e lá vai de escantilhão para baixo.

— Ora, umas poucas conheço eu que vão já para cima dos noventa, e não parece que a morte queira entrar com elas.

— Pois sim, sim. Mas reparai como os sinos cantam, e em vez de irmos a falazar de coisas tristes, vamos lá acompanhando os vivas dessa gente que alçou a rei o Mestre de Avis.

E na vozearia atroadora das aclamações se embeberam, como num coro enorme, os gritos patrióticos da tia Lourença e do seu mulherio batalhador.

CAPÍTULO XIX

MENAGENS DE CAVALEIROS E DE AMARGURADOS

Tinham passado quatro dias. Em casa de D. Dulce de Vasconcelos não podiam entrar os fervores e os entusiasmos em que estava Lisboa, desde aquela memorável reunião do terreiro de S. Domingos. A tristeza como que a isolava da cidade; as mágoas cerravam-lhe as portas a todos os júbilos e a todas as agitações do grande drama em que a capital vivia.

Da extraordinária manifestação do dia 2, só o velho escudeiro soubera por umas breves informações do monge, que dela casualmente houvera conhecimento naquele mesmo dia e com o povo se misturara como sabemos.

E, todavia, Ruy tinha tido melhoras de bom indício desde o primeiro dia do mês. Lentas, mas sucessivas melhoras. Menos intensa febre, a razão mais clara, mais inteligíveis as palavras que a espaços dizia sumidamente, e nisto as mais acentuadas melhoras, pois que chegara a estar como

que emudecido, rouquejando apenas umas coisas inarticuladas, que nem davam sequer monossílabos.

Lia-se no rosto do físico assistente a anunciadora satisfação por aquelas melhoras; mas as suas palavras, cautelosamente vagas e como para conter exageradas esperanças, deixavam perceber que o perigo de morte ainda não tinha passado. Prometera, todavia, que, a continuarem assim as melhoras, em três ou quatro dias consentiria que algum dos seus amigos o fosse ver, mas com a promessa formal de lhe não falar.

Quis, porém, a má fortuna que o tenuíssimo consolo por aquelas melhoras logo tristemente se ensombrasse com a doença de D. Dulce, agravamento dos males antigos nas suas fadigas de enfermeira, em longas noites veladas à cabeceira daquele doente, imensamente amado. E para a sua precoce velhice de valetudinária maior mal ainda na dor moral, inexcedível, do seu coração de mãe, já por outras amarguras antigas tão profundamente ferido, que dele, em qualquer instante, de surpresa, lhe podia vir a morte.

E, mesmo assim, não queria D. Dulce abandonar a cabeceira do filho e só no dia 2 à noite, quando de todo lhe faltaram as forças, acedeu aos pedidos e recomendações do irmão, e do físico. Levaram-na em braços para os seus aposentos e ali ficou de cama, entregue aos cuidados da sua aia e de uma criada, por expressa determinação do próprio assistente. Que não a deixassem nunca sozinha, recomendara.

Ficariam então com o pobre Ruy, para se revezarem, o velhinho Gonçalo Vasques, que já mal podia consigo, coitado, e Mendo Rodrigues, que era naquela casa a única pessoa que totalmente se não despreocupava dos factos exteriores, especialmente dos que tinham carácter político.

No dia 4, a tia Lourença foi saber de Ruy como era de costume e deixou ao fundo da escada, como de outras vezes, aquela mulher delicada e jovem, que noutro tempo se chamava no paco D. Leonor de Gusmão.

Mendo Rodrigues estava naquela manhã à cabeceira do sobrinho e foi Gonçalo Vasques quem falou à famosa regateira.

Contou-lhe as melhoras de Ruy, que encheram de alegria a intrépida mulher, falou-lhe consternado da doença de D. Dulce e, a propósito da falta de boas servas a quem se confiassem doentes, lhe pediu indagasse de alguma mulher que tivesse prática de velar doentes e fosse carinhosa e de bom trato.

Mercê seria, se lhe encontrasse alguma, pois logo naquela casa seria recebida para ficar e ter boa paga.

A Lourença disse-lhe que de nenhuma tinha conhecimento, mas que de muito boa vontade iria fazer a indagação e no dia seguinte voltaria com a resposta.

Desceu a escada e, quando Leonor vinha para ela numa impaciência mortificadora, atirou-lhe a boa notícia como quem atira um beijo.

— Melhor, melhor, filha de Deus! Ouviu-nos Nossa Senhora, e pediu por ele ao seu Filho Jesus!

— Mãe Lourença, o tamanho consolo que eu sinto! — segredou-lhe quase num soluço.

E pelo caminho lhe foi dizendo:

— É amor para se resignar e sofrer sem nenhuma esperança este meu, que nem as maiores desgraças puderam matar! Irá servindo para a remissão de uma grande culpa que não foi minha! Amor de irmã, já que ele, no seu dó por mim, vos disse que seria como irmão meu!

E a encaminhar-se para casa de Afonso Eanes, onde ainda estavam como pessoas de família, lhe falou Lourença nas más notícias a respeito de D. Dulce.

Recebeu a notícia com sobressalto, afogueando-se muito e logo no rosto e no olhar lhe transluziu a mágoa por aquele novo infortúnio.

— Há de fazer falta ao filho! — disse-lhe, comovida — Não creio que possa haver melhores e mais carinhosas enfermeiras do que as mães para os filhos.

— E então aquela, que bebe os ares pelo seu!

— Coitada da pobre mãe! O que ela se não terá ralado separada do filho! Para maior sofrimento seu!

Estavam já em frente da casa de Afonso Eanes. A mulher do tanoeiro falou-lhes do murozito do quintal, à beira do poço, e assim se interrompeu a conversa a respeito de D. Dulce.

* * *

Voltemos nós ao velho paço das imediações de Santo Elói. Subamos e entremos por ali dentro como pela nossa casa.

Mendo Rodrigues sai da câmara de Ruy e o velho Vasques vai ao seu encontro.

— Repousa, adormeceu profundamente. Ficou lá a olhar por ele a tia Tomásia. Faz-lhe lá falta a mãe. Aquilo não é tarefa para servas broncas da laia daquela.

— Já eu pedi que me indagassem de alguma criatura que fosse mais azada e carinhosa para me ajudar a velar por aquele meu desventurado senhor.

— Assim apareça alguma de jeito.

— Ficaram de me trazer a resposta amanhã.

— E da minha irmã e senhora D. Dulce, o que soubestes?

— O físico saiu de lá há pouco. Esperei-o para lhe falar.

— E ele que disse?

— Que as forças daquela santa estavam muito abatidas e aquele seu coração muito ralado de mágoas. Pelos modos, a febre ainda lhe não despegou, bem que seja menor do que foi esta madrugada.

— A minha pobre Dulce!

— O físico disse-me que o seu pior mal lhe vem do coração, mas a aia contou-me que, depois da madrugada, a senhora tinha tido menos sufocações e dormia aos pedaços; porém sempre com o filho na ideia, até quando está adormecida, pois que dele fala sonhando.

— Meu velhinho, tem paciência com estas canseiras.

— São de boa mente e entraram na conta das maiores devoções da minha alma.

— Bem sei; mas já não podes com tantas noites veladas.

— Aos poucos me vou deixando dormir no escabelo grande, e assim as noites me parecem mais pequenas.

— Sim, sim, como tu é que os homens vão sendo raros! Olha, eu quero ver se chego ao paço. Os homens de nobreza vão dar preito e menagem ao Mestre...

— Rei, senhor Mendo Rodrigues, conforme vós mesmo me dissestes.

— Dos maiores reis, será, de toda a Nação há de ser, se contra o poder de Castela formos nós os vencedores; mas por agora é rei somente no coração do povo de Lisboa.

— Quantos terá havido que o foram por nascimento e nem essa menagem do coração do povo teriam tido sinceramente.

— Alguns. Mas olha cá: eu quero lá chegar para dar ao Mestre o preito e menagem pelo meu sobrinho. É como se ele próprio fosse.

— E mais também por certo destemido cavaleiro de outro tempo, honrado e leal Português: por vós, senhor Mendo Rodrigues.

— Esse, Gonçalo Vasques, deslustrou-se por malfadados amores — disse-lhe com uma grande tristeza cheia de saudade e de mágoa — e há muito acabou amortalhado num burel de monge.

— Monge que luta como o antigo cavaleiro lutava...

— E para isso voltou em hora tal, que não há esforço que se possa perder, nem sangue que seja de mais. Mas, voltando ao caso, entendes que eu posso ir ao paço do Limoeiro, sem que faça aqui falta?

— Senhor, podeis. E sem preocupação deveis ir, que me vou eu ali para dentro e lá estarei de guarda ao vosso sobrinho, assim como se fosse um pai à cabeceira do filho, com perdão vosso e dele.

— Com agradecimento para durar sempre é que é, meu querido Gonçalo Vasques. Tenho para mim que a demora será pequena e depressa hei de voltar.

— Deus vá convosco. E se a gente da minha condição houvesse de prestar menagem, muito vos pediria que também por este velho a désseis lá ao Mestre, ao Rei. Quem já não tem para dar braços que levantem uma espada ou arremessem uma lança, dá o coração, que para os reis alguma valia há de ter.

— Como o teu, o valor é sempre grande, seja para quem for. Até daqui a pouco, meu querido Gonçalo Vasques.

* * *

Tinha sido aquele o dia aprazado para o juramento solene de preito e menagem ao Mestre.

Quando Mendo Rodrigues, com o seu hábito de monge peregrino, entrou no terreiro do paço de Apar de S. Martinho ou do Limoeiro, estavam já pelo corredores que davam para a antiga sala do trono todos os fidalgos cavaleiros e escudeiros de prole, que lealmente eram pela Nação e tinham residência em Lisboa e o seu termo.

Todas as províncias ali tinham representantes; uns que antes do cerco tinham acorrido à cidade, outros que tinham vindo da armada do Porto, sendo a maioria destes dos senhores solarengos nas terras de Entre Douro e Minho. E da sua hoste aquartelada em Palmeia mandara vir Nuno Álvares alguns dos principais cavaleiros.

No topo da escadaria grande tinham ficado os homens bons da cidade, como ainda se dizia. Os da câmara, os da Casa dos Vinte e Quatro e, com as suas altas prerrogativas, o Juiz do Povo, a lembrar um pouco o lord-mayor de Londres,

figura primacial do povo, o alto representante da City, quase como um soberano dentro do vetusto paço municipal de Guildhall (*).

[(*) Alguns foram homens de ofício, outros eram filhos dos mesteirais da mais humilde origem.]

O Paço não estava defeso a ninguém. Mendo Rodrigues subiu e ficou por instantes a falar com Afonso Eanes.

— O Mestre já está recebendo as menagens?

— Ainda não, venerando monge.

Importa observar aqui que muita gente supunha algum grande e tormentoso mistério sob o burel daquele monge que tinha uma fisionomia admiravelmente distinta e se batera como um paladino ilustre no último período do cerco; mas ninguém ainda reconhecera nele o altivo e preclaro cavaleiro da corte, que ele fora onze anos antes. Do fidalgo Mendo Rodrigues, ensanguentado num conflito pessoal, fugido da corte e do País, todos se tinham

esquecido porque todos tinham tido por segura a notícia da sua morte.

A velhice precoce e de amargurada transfiguração completamente lhe guardava o mistério.

O monge sem nome lhe chamavam porque a alguém dissera que o havia perdido ou dele se esquecera.

A época, agitada e revolta pelo drama trágico em que a Nação se debatia, não era de molde a favorecer a insistência das curiosidades individuais. Entretanto, os mais tenazes no descobrimento da vida alheia tinham chegado a fantasiar que o monge seria algum cavaleiro de aventura dos que andavam correndo terras, e da Palestina teria vindo, trazendo à família Vasconcelos alguma relíquia e as últimas vontades do outro que morrera.

Era até esta a versão que no paço tinham dado ao Mestre.

— Sabeis se ainda haverei tempo de ir falar com esse que vós fizestes rei, antes que a sua senhoria comece a receber as menagens?

— Isso vos não sei eu dizer. Há pouco ouvi que o Mestre estava encerrado com os do seu conselho da clerezia e da

nobreza e mais o doutor João das Regras, assentando no que se havia preciso de fazer para reunir as cortes o mais cedo possível.

— Já se diz onde é intento reuni-las?

— Em Coimbra ouvi eu que seria.

Nisto um pajem abriu a porta da sala grande e anunciou alto:

— Sua senhoria, o Mestre de Avis, Regedor e Defensor destes reinos, por graça de Deus, pelos votos do clero e da nobreza e pela vontade do povo, manda que venhais entrando, segundo vossas procedências, para lhes dardes preito e menagem.

— Ficarei então para o fim — disse consigo Mendo Rodrigues.

E um dos da Casa dos Vinte e Quatro, mais mordido de curiosidade, cochichava para os outros:

— Que demo de negócio terá pressa de tratar com o Mestre este monge sem nome, que ainda ninguém me soube dizer de que lados surdiu e quem venha a ser?! Não

fosse a casa em que está, e muito havia eu de pôr suspeitas em tal criatura!

— Ora, deixai lá o pobre velho, que, se não fosse bem arreigado a esta nossa terra, não viria cá para arriscar a pele como já arriscou.

— Afonso Eanes talvez saiba. É muito da casa dos Vasconcelos.

— Pois se o sabe, não larga o segredo do bico. Já o experimentei, e ficou-se que nem um pato mudo.

* * *

Entremos na larga sala de arcaria alta sobre pilares de lavores góticos e esguias janelas de ogiva com vitrais de quadros bíblicos, aquelas ingénuas pinturas de vivo e inalterável colorido cujo segredo se perdeu. Era aquela a sala do trono, tal como a deixara a rainha Leonor Teles, na sua fuga para Alenquer, em meados de Dezembro de 1383.

No topo, em frente das grandes portas de pregaria reluzente, sob um dossel de damasco lavrado e de franjas de ouro, duas cadeiras de carvalho, de espalda alta e lavores de talha dourada, representando baldaquinos, santos e monarcas, anjos e profetas, como se cada espalda fosse miniatura da frontaria de alguma catedral gótica.

Eram aquelas as duas cadeiras do trono; a que ficara vaga pela morte do mais funesto rei e infortunado homem que Portugal ainda tivera e a outra, abandonada à revolução pela mulher torpe e cruel, conspiradora e barregã real, que D. João I de Castela tinha presa entre as monjas de um convento de Castela. Assentavam sobre um estrado coberto de alcatifas mouriscas de Granada.

Em volta daquela sala nua e de sombria austeridade, argolas de bronze, cravadas ma parede de espaço a espaço, amparando grandes tochas semigastas.

Por ordem do Mestre tinham posto a alguns passos do estrado e em frente dele uma ampla mesa de cedro com chaparia de prata e um escabelo alto, o único da sala. Nele se sentou o Messias de Lisboa, de costas para o trono.

Em cima da mesa estava um livro de pergaminho velho com lindas iluminuras, todo escrito em caracteres góticos. Era o dos Santos Evangelhos, aberto na página em que uma iluminura de cores vivas e emaranhados ornatos a ouro e prata representava o lance trágico do Calvário.

Pediremos agora ao cronista insigne, ressurgidor daqueles homens e daqueles tempos no drama histórico da sua obra admirável, que nos dê na sua linguagem vivamente singela, de grato sabor arcaico, o resumo deste acto oficial.

Depois de se referir às pessoas ali reunidas, Fernão Lopes diz assim: «Os quais juntamente, e cada um por si, juraram aos Santos Evangelhos, corporalmente tangidos e fizeram preito e menagem ao Mestre, como ao seu senhor, de o servir e o ajudar com todas as suas forças, assim contra el-rei de Castela, como contra qualquer outro que lhe algum nojo fazer quisesse, e lhe beijaram a mão por senhor deles, do coração e obra, outros fingidos e não de vontade, como depois se mostrou, e ele prometeu e jurou de guardar todos os seus privilégios e liberdades e que havia de manter o reino em direito e justiça».

Os vereadores da câmara, o Juiz do Povo e os da Casa dos Vinte e Quatro prestaram por forma diversa o seu juramento de fidelidade.

Depois o Mestre levantou-se e disse para os do povo:

— Homens bons deste concelho de Lisboa, vós, leal e devotado Juiz do Povo e honrados mesteirais da Casa dos Vinte e Quatro; agora me apraz dar-vos cargo de irdes dizer ao povo que, pela minha livre e boa vontade como Regedor do Reino e com o voto dos prelados, ricos-homens, fidalgos cavaleiros e letrados do meu conselho, lhe vou conceder por carta régia e mandar pôr em registo de escritura pública, os favores e os muitos privilégios e isenções que ele merece, acrescentando assim as outras que há pouco tempo lhe fiz.

Era esta a surpresa com que D. João pagava a outra dos mesteirais da Casa dos Vinte e Quatro e do Juiz do Povo, quatro dias antes, em S. Domingos.

Estavam os mecânicos num alvoroço de júbilo e numa impaciência de curiosidade por saber que privilégios e isenções o Mestre concedia ao povo. E mais que todos eles,

com maior surpresa e mais intenso consolo, o honrado Afonso Eanes. Orgulhava-se por aquele chefe e quase rei consagrado, que era, a bem dizer, um filho da sua rija vontade de revolucionário e da sua grande alma de patriota.

O Mestre chamou um dos letrados que estavam ao lado de João das Regras e mandou-lhe ler a carta régia que em conselho fora rascunhada pelo chanceler.

O letrado leu com lentidão solene: D. João, filho do muito nobre rei D. Pedro, mestre da cavalaria da Ordem de Avis, Defensor e Regedor dos reinos de Portugal e do Algarve. Considerando como a muito nobre cidade de Lisboa é a maior e a mais principal de todos os ditos reinos, e como os moradores dela a defenderam contra el-rei D. Henrique e el-rei D. João de Castela, ao tempo em que as suas frotas e homens de armas vieram sobre ela, e quando D. Leonor, mulher que se dizia de el-rei D. Fernando, a quis sujeitar ao jugo de Castela, assim como a estes reinos; e considerando mais que tudo isto fizeram à custa do seu sangue e haveres e muitos serviços nos têm prestado e prestaram aos reis de quem provimos...».

Não fatigaremos o leitor com a longa lista dos privilégios e isenções enumerados neste diploma oficial, naquela forma pesada e cheia de fastidiosas repetições, que foram sempre as características desta espécie de documentos.

Bastará uma breve indicação para se fazer ideia da rede de arrastar que era já o sistema tributário daqueles tempos.

Ficaram os habitantes de Lisboa, dentro do seu município e em todo o País, com privilégio de isenção dos tributos denominados portagem, usagem, costumagem, alcavala, mealharia, açougagem, relego, jugadas do pão e o vinho, salaio (imposto sobre o pão cozido), lombo (tributo de um lombo por cada porco exposto à venda), Anadava e outros cuja origem e espécie se não podem hoje determinar (*).

[(*) A portagem, usagem e costumagem eram direitos e impostos locais de vária espécie e elasticidade; alcavala denominava-se o imposto pago em dinheiro pela carne levada ao mercado ou aos açougues e também, segundo Viterbo, se chamava assim o direito pago pelos vassalos ao património real, segundo os gados ou fazendas que possuíam. A mealharia era o imposto municipal pago pelo lugar público em que se expunha alguma coisa à venda. O relego seria o tributo especial que o vassalo pagava ao senhorio direto das terras ou à coroa pelo vinho da sua colheita.]

Uma variedade estonteadora com que o pobre povo andava acabrunhado!

E com estes privilégios de isenção tributária, ainda outros concedia o Mestre à cidade de Lisboa como ampliação dos seus foros e regalias.

Quando o letrado acabou de ler a carta régia, estavam os mesteirais da Casa dos Vinte e Quatro do povo e o seu Juiz com os olhos rasos de água.

Aquilo era um bendito alívio para a gente faminta da cidade, um prémio aos que tinham perdido com a guerra uma boa parte dos seus recursos ou tinham ficado sem trabalho e sem granjeio de vida; era para todos os da capital um galardão enobrecedor.

Não fossem as regras da pragmática, e de boa vontade teriam fugido da sala numa carreira doida, para irem gritar ao povo o pregão daquela gente.

— Senhor! — disse-lhe Afonso Eanes, indo para o Mestre comovidamente — Pelo povo da vossa leal cidade vos beijo a mão como a legítimo soberano da sua escolha. Graça de

rei justiceiro e benfazejo foi a vossa. No seu coração a registará o povo e em melhor guarda e mais firme escritura ficará do que em qualquer tombo da chancelaria real. Rei de boa memória sereis, e como a filho seu, muito querido e muito ilustre, Lisboa será convosco para a vida e para a morte. Senhor rei, pelo povo que eu aqui represento, vos beijo esta generosa mão.

E beijou-a.

— Outras maiores regalias merece e há de ter Lisboa. E vós, Afonso Eanes, como Juiz do Povo que sois e pelo vosso cargo seu procurador perante quem tiver o governo do Reino, lembrai e proponde o mais que souberdes e eu possa fazer-vos com aprazimento dos da vossa classe.

— Senhor, eu sei que o povo muito desejava derribado esse velho castelo, que parece o padrasto ameaçador da cidade, o ninho alto e forte donde os falcões reais podem algum dia vir roubar às pessoas humildes os seus direitos e privilégios.

Ouviu-se um surdo rumor de vozes como de desaprovação. Eram dos cavaleiros fidalgos. Pouco importava que as

palavras murmuradas se não percebessem; o torvo aspeto dos fidalgos dizia mais que as palavras. Achavam insuportável audácia aquela proposta do Juiz do Povo.

Hábil político e avaliador perspicaz dos homens e do seu tempo, D. João acalmou com um relancear de olhos o ânimo turbado dos nobres e respondeu serenamente ao tanoeiro:

— Agora, senhor Juiz do Povo, como filho da mesma Pátria, nossa gloriosa mãe, e como irmãos na mesma crença e no mesmo propósito, bem que em diversas condições, não nos é dado recear outros falcões daninhos que não sejam os de Castela, e esses muito mais querem roubar-nos do que direitos e privilégios de uma classe; mas os nossos direitos e privilégios de nação.

— Senhor, assim é — acudiu Eanes, percebendo o intuito conciliador do Mestre — e ninguém do povo desconhece e tem em menos apreço os outros braços de honrado sangue com que a Nação se há de defender... Vós sois fiador e juiz dos direitos e serviços de uns e outros; porém, olhai, Senhor, que há morrer e viver; levará a morte os que hoje irmãmente são por esta nossa terra, e uns certos perigos hão de ficar! Não foi o Castelo que salvou Lisboa, melhor

do que eu o sabeis vós; mas nalguma hora poderá servir para apavorar a gente de menos avaliamento que tem a cidade, e os castelos duram séculos, enquanto nós, os irmãos de agora, só algumas dezenas de anos poderemos durar. Perdoai, Senhor, mas quisestes vós que eu vos dissesse os desejos do povo, e assim lealmente vos disse.

As palavras do tanoeiro tinham acalmado um pouco os ânimos dos fidalgos, de relance o percebera o Mestre de Avis.

— Está bem. Visto que o Castelo pertence ao património real, que é meu cargo reger, e a ele se não prendem quaisquer direitos ou privilégios de preclara nobreza destes reinos, razão de ofensa não haverá em que eu o mande derrubar na parte em que mais possa ameaçar um dia o povo de Lisboa e menos valha para a defesa da cidade.

Dava deste modo uma solução conciliadora e guardava para si o direito e a latitude da execução, conforme a oportunidade das circunstâncias. O homem político superintenderia nas concessões do rei popular, durante os mais belos e gloriosos tempos da democracia que ainda teve Portugal.

Os mesteirais beijaram-lhe a mão e saíram nuns arrebatamentos de alegria e de legítima vaidade, que mal podiam disfarçar.

O povo de Portugal levara mais de dois séculos para conquistar, dia a dia, numa lentidão resignada e numa tenacidade inquebrantável, os seus foros municipais e a sua representação em cortes. Embora algumas vezes violenta e de carácter local, esta conquista fora principalmente pacífica, a poder de firmeza e de sagacidade, com uma estratégia admirável dentro de cada concelho, de cada comarca ou no Reino todo, espiando as horas de desfalecimento de qualquer dos três poderes que o avassalavam — o da coroa, o do clero e o da nobreza — pondo a sua força como a espada de Brenno na balança das cobiças, das rivalidades e dos ódios que por tantas vezes trouxeram desavindos e em luta esses poderes; comprando a troco de abnegações e de sacrifícios de sangue a concessão de mais algumas linhas nos seus forais e de mais alguns dizeres nos seus privilégios. Assim foi criando o seu direito escrito, as suas imunidades locais e a categoria de terceiro poder do Estado, abaixo do poder real.

Ninguém hoje pode avaliar bem o drama de desespero e de sofrimentos, de heroicidades e de constância, que simbolizam os brasões das nossas vilas concelhias e os pedaços de pergaminho dos seus remotos forais (*).

[(*) O foral era a carta régia em que se consignavam os direitos, isenções, privilégios e usos locais das grandes e pequenas povoações, concedidos ou aceitos e reconhecidos pelo rei. A carta de foral considerava-se uma espécie de carta constitucional dos municípios, especial, para cada um, sem nenhuma sujeição a normas igualitárias. Por algumas analogias entre eles, agrupou Alexandre Herculano os forais portugueses em três categorias; mas poucos haveria absolutamente iguais.]

Pois aquele povo de Lisboa, ao mesmo tempo que defendia a cidade com glória sua e da Pátria, conquistava em meses uma preponderância política e social como nunca tivera e talvez se possa afirmar que nunca mais voltou a ter!

* * *

Mendo Rodrigues entrou na sala mal que os mesteirais saíram. Fez impressão a sua extraordinária figura, que naquele meio parecia antiga.

— Mestre e senhor! — disse gravemente diante de D. João.

— Monge, dizei — volveu-lhe o Mestre, pondo nele um olhar de estranheza.

— O fidalgo cavaleiro Ruy de Vasconcelos não pôde vir dar-vos seu preito e menagem. Ainda está em perigo.

— Sei, mas a mim me vieram dizer que tinha melhoras.

— Senhor, algumas. E por ele, como se o seu coração estivesse no meu e a minha boca falasse pela sua, aqui venho eu para jurar.

— Monge! Vós? Porquê? Quem sois, que já uma vez me negastes o vosso nome!

— Senhor, isso um dia se há de saber. Já mostrei que sou dos vossos porque vós sois pela Nação, e tanto bastará para que não tenhais suspeitas de mim. O mais pouco vale, e vós perdoareis que esse mais vos não diga ainda. Não se pode

quebrar em homenagem aos homens, ainda que sejam como vós, que tanto valeis, as promessas que se fizeram a Deus.

— A mim me vieram dizer que ereis parente chegado de Dulce.

— Amigo leal daquela casa e tão sabedor do pensar e sentir daquela família, que, por assim ser, aqui venho jurar-vos o preito e menagem de Ruy de Vasconcelos, entre os mais devotados e os mais leais, senhor Mestre de Avis.

— Não era preciso; mas vosso juramento vos aceito por ele. Sei que lhe sois querido e de vós me falou ele por modo a desvanecer suspeitas, respondendo com a sua palavra de cavaleiro pela lealdade do monge peregrino que não diz o nome.

— Como se o houvesse esquecido, ou como se fosse o nome de um morto que viesse a Lisboa, nestes angustiados tempos representar um Portugal antigo, que a vossa juventude já não chegou a conhecer.

— Pois que assim é, jurai.

E com as mãos sobre o livro aberto dos Evangelhos, o monge disse a fórmula completa do preito e menagem como quem por mais de uma vez a houvesse jurado.

— Pelo fidalgo cavaleiro Ruy de Vasconcelos o juro e por este juramento respondo perante Deus e os homens. Ele o ratificará perante vós, senhor Mestre, ou neste paço, mal tenha saúde para aqui vir, ou na primeira batalha em que se possa combater, a par dos primeiros entre os vossos.

— Monge, pagais-lhe com igual moeda. Ele empenhou a sua palavra de cavaleiro por vós.

— E eu agora jurei de alma por ele. Mestre e rei, Deus convosco e com a Nação a glória do vosso nome — disse, curvando-se, e saiu.

No terreiro era atroadora a gritaria da plebe.

O Juiz e os mesteirais tinham acabado de contar tudo o que o Mestre mandara pôr na carta régia e o mais que lhes prometera.

Coitada da pobre gente! Era como se fosse de um sonho aquela notícia de tantas promessas juntas: de um raro e

mentido sonho se não fosse a palavra honrada do seu Juiz e as caras de páscoas dos Vinte e Quatro.

* * *

Assim que chegou ,a casa, Mendo Rodrigues foi logo à câmara do sobrinho. Lá estava com ele o bom do Gonçalo Vasques. Fez-lhe um sinal e o velho veio para o lado da porta, muito de manso, cautelosamente.

— E daí? — perguntou-lhe Mendo sumidamente.

— Vão as coisas indo a bom caminho — segredou-lhe.

Mendo puxou-o afetuosamente para o lado de fora da porta.

— Tem descansado, está menos inquieto, não é assim?

— Dormiu um grande sono. Esteve a querer falar comigo, mas eu não deixei porque lhe podia fazer mal. Pôs os olhos muito fitos em mim, aqueles seus entristecidos olhos em que luziam lágrimas, disse-me umas poucas de palavras e, com as minhas mãos nas suas, ainda a escaldarem de febre, se ficou outra vez adormecido. E eu,

de olhos nele, a sonhar, tão acordado como estou agora, a sonhar com o tempo, que já parece antigo, em que ele era pequenino e eu o ajudava a adormecer, dizendo-lhe os contos que aprendi de pequeno!

Tinham um timbre de magoada saudade estas palavras evocadoras do velho.

— Mas olhai, senhor Mendo, que duas coisas se lhe não tiram do sentido! E era delas que ele me queria falar e ainda umas palavras me disse naquela sua voz sumida de fraqueza e tão dolorida, que parece feita de mágoas!

— Perguntou pela mãe?

— Ah! Isso foi logo, mal que abriu os olhos e eu disse-lhe que estava com os seus ataques do costume, porém sem coisa de maior preocupação.

— E ele?

— Ficou-se a olhar para mim assim como se quisesse ler-me no rosto a verdade das minhas palavras, porém logo perguntou se os Castelhanos já tinham saído para fora do Reino e se havia chegado alguma nova daquela linda que lhe levaram. O amor que ele lhe tem! Dei-lhe a resposta

que me pareceu melhor, e os olhos arrasaram-se-lhe de água. Foi então que eu lhe pedi que não falasse mais e foi dali a instantes que ele se ficou outra vez adormecido. Meu senhor, aquilo é amor para não acabar senão com ele!

— Nisso também eu creio, meu velho amigo. É aquele dos amores que ficam para sempre, ainda que o coração se tenha espedaçado por eles, assim como se fossem um clarão de luar sobre um altar derribado, entre as ruínas de um templo ermo. Eu sei! Eu sei!

— Mas quando um homem tem saúde e forças para se aguentar com essas mágoas... E aquele, Deus sabe quando voltará a ser o homem que foi!

— Deus o permitirá, Gonçalo Vasques. Seria uma grande perda para nós, se o não permitisse, e faltaria à nossa terra uma das suas almas de maior dedicação e uma das melhores lanças para a sua defesa.

— Ah! Isso o podemos nós jurar! — acudiu o velho com fervoroso desvanecimento como se falasse de um filho seu.

— Eu vou ver minha irmã e voltarei depressa. Ficai vós, que não tardarei a vir render-vos.

— Quando vos aprouver. Nisto, sobre a obrigação que eu tenho, a devoção é muito maior. Muito!

E foi para dentro a enxugar os olhos e a dizer consigo:

— Só eu sei quantas vezes maior!

* * *

Já noite cerrada apareceu a tia Lourença para falar ao Gonçalo Yasques. Trazia consigo uma pobre monja daquelas que em certos conventos não tinham votos nem sequer noviciado, porque eram como serventuárias das outras e às vezes saíam da clausura para esmolar por casas honestas, como sucedia, especialmente, nas ordens que tinham voto de pobreza e se denominavam mendicantes.

Consentiam-lhes o hábito da Ordem, mas não traziam toalha em volta do rosto como as freiras, nem escapulário nas confrarias que o tinham. Algumas, por voto seu de penitência ou por maior recato, usavam uma espécie de bloco da mesma fazenda do hábito, de modo que lhes cingia

a cabeça e de tal maneira lhes emoldurava o rosto, que dele apenas se via uma parte entre as sobrancelhas e a boca.

Para algumas era esta condição de serventuária uma espécie de penitência votiva das muitas que havia naqueles tempos, entre as quais a mais horrorosamente desumana e trágica, sendo ao mesmo tempo a mais imunda, era a das emparedadas (*).

[(*) Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo dá no seu Elucidário uma larga notícia a respeito daquela monstruosidade fanática da baixa Idade Média. Basta-nos aqui este curioso trecho: «Foram mulheres varonis, que, desenganadas inteiramente do Mundo, se sepultavam em vida numa estreita cela, cuja porta no mesmo ponto da entrada, se fechava com pedra e cal, e só por morte da inclusa se abria, para ser levada à sepultura. «No lugar da porta, e ao mesmo tempo de a tapar, ficava só uma pequena fresta por onde se lhe ministrava o indispensável alimento necessário para a vida, que poucas vezes passava de pão e água, etc.». Houve-as em todo o País desde o século XII ao século XV.]

O velho Vasques veio à casa de entrada falar com a Lourença. A monja ficou-se afastada deles, timidamente, no recanto de uma janela.

— Arranjei o que vós me pedistes.

— Sim? Ainda bem!

— É aquela monja serventuária do mosteiro das franciscanas. Conheço-a de vista e dela me deram muito boas informações. Eu era quem ia levar o pescado ao convento e algum lá deixava sem paga àquelas pobrezinhas de Cristo.

— Será criatura de boa caridade?

— Isso me afiançaram que é.

— Pois se der boa conta de si, a soldada será das maiores.

— Não quer soldada. Vem só pelo voto que fez, e por isso é serventuária das freiras, que lhe deram licença para esta obra de caridade.

— É mulher nova ou já idosa?

— Ainda nova... Parece que teve um erro de amores na sua vida e assim o anda a querer remir neste Mundo, na esperança de que Deus lho perdoe. Tem muita prática de tratar pessoas doentes.

— Está bem, e muito vos agradeço. Tende paciência de esperar aqui uns instantes, que eu vou ver se posso falar à senhora. Bem que me tenha dado autorização para decidir estas coisas da casa, não desejo tomar qualquer resolução sem a ouvir. É consulta de pouca demora.

— Ah! Escutai cá uma coisa que me ia esquecendo. Ajudará em tudo o que for preciso, mas era da senhora D. Dulce que ela mais desejava ser enfermeira.

— Pois sim, sim, tudo isso se combinará.

Foi para dentro a arrastar os passos e a Lourença aproximou-se da monja com quem esteve a falar em voz baixa.

Poucos minutos volvidos e voltava o Gonçalo Vasques. A Lourença foi logo para ele.

— A senhora quer, e até estima que seja uma pessoa assim de boa caridade cristã pelo voto do seu coração.

— Ora pois, e ainda bem. Assim Deus queira que vos não seja precisa cá por muito tempo, que é sinal de se terem ido embora as doenças, e grande alegria será para as

freiras, que lá hão de estar a suspirar pela sua irmã serventuária.

Foi buscar a monja e apresentou-a ao velho. O Vasques encarou muito com ela e falou-lhe por alguns minutos. Parecia muito nova, humilde e recatada, pois que não despregara os olhos do chão. Nas poucas falas que ela lhe deu notou o velho que tinha uma voz docemente carinhosa, um pouco velada e tremente, e isto o atribuiu ele a natural acanhamento de pessoa desconhecida, naquela casa grande, fidalga, absolutamente estranha para ela.

Ficou decidido que a monja seria, principalmente, a enfermeira de D. Dulce, e a tia Lourença despediu-se muito ufana com os calorosos agradecimentos do Gonçalo Vasques.

* * *

Passaram dois dias. Todos naquela casa estavam satisfeitos com a caridosa serventuária, e D. Dulce, apesar das torturas da sua doença, sentia certo consolo ouvindo a voz

acariciadora da monja. Que também só ela de relance lhe vira bem os olhos, uns lindos olhos mortificados com uma suave expressão de resignada.

Uma vez somente entrara na câmara de Ruy, muito constrangida, com um recado de D. Dulce para o irmão.

Ao entardecer daquele dia, quase ao sol-posto, chegou um pajem com um recado que Gonçalo Vasques teve de ir receber. Para os estranhos e até para os próprios criados, Mendo era apenas um amigo misterioso daquela família, na hospedagem íntima do seu velho palácio.

O velho afogueou-se com o recado e assim que despediu o pajem foi ter com o tio de Ruy.

— Recado de quem? — perguntou-lhe Mendo Rodrigues.

— Do senhor D. Nuno.

— Para quê?

— Mandando perguntar se podia vir aqui saber da senhora D. Dulce e ver o nosso querido doente, se isto for possível.

— Mas ainda hoje?

— Dentro em pouco, pois que esta noite haverá de atravessar para a Outra Banda, a juntar-se com a sua hoste em Palmeia.

— E que respondestes?

— Que a senhora D. Dulce continuava de cama e que o meu amo, bem que algumas melhoras tenha tido, ainda estava em perigo; porém que nesta casa havia um velho servidor para lhe agradecer em nome dos nossos queridos doentes a tamanha honra da sua visita.

— Certamente assim devias de responder. Hei de eu aparecer-lhe também, mas eu sou aqui o hóspede, e as honras da casa serás tu, meu velho amigo, quem lhas há de prestar. Quanto a Nuno Álvares ir ver meu sobrinho, isso me dá algum receio. Pode causar-lhe alvoroço que venha a fazer-lhe mal.

— Só se o avisarmos da visita com certos rodeios, a experimentá-lo, e pedirmos a D. Nuno que lhe não fale em assuntos da guerra e na aclamação do Mestre.

— Sim, dizes bem, isso se há de fazer, e ainda tenho receio dessa visita!

— Ontem de manhã vieram cá uns poucos de Namorados com o sentido de o ver e a um deles, um arganaz... Um cedro alto...

— O Magriço, como lhe chamam os outros.

— Esse foi a quem eu fiz o pedido de entrar só, mas depois de prevenir meu amo e do tal cavaleiro me prometer que pouco lhe diria. E assim foi.

— Ruy conheceu-o logo, não é assim?

— Logo, com uma grande alegria e umas grandes lágrimas a bailarem-lhe nos olhos.

— É dos Namorados aquele com quem mais e melhor se liga. Foi até esse quem o acompanhou naquela arrancada doida em que o meu sobrinho ia perdendo a vida... E Deus sabe ainda... Ruy ficou muito turbado?

— Estava eu a temer que muito se abalasse com a visita, porém tal não sucedeu, por felicidade. Eles tinham cá vindo muitas vezes...

— Bem sei.

— Mas nenhum o fora ver, porque eu, a escudar-me com as recomendações do físico, nunca lho quis consentir. E ontem, esse tal Magriço honradamente cumpriu a sua promessa. A demora não foi além de uns instantes e só lhe disse meia dúzia de palavras.

— Pois então mais tranquilo fico. Irás tu receber D. Nuno; irei eu depois falar-lhe, e alguém ficará a tomar conta em Ruy no pouco tempo em que ambos estivermos afastados dele.

— Senhor, assim será bem.

CAPÍTULO XX

UMA VISITA DE NUNO ÁLVARES

Entrava pelas janelas aquele sol de Outubro com o seu resplendor suave de ouro antigo. Ia já a desmaiar para os lados do mar.

Vibrou alta a sineta do portão. Já prevenidos, os jovens do monte logo o foram abrir de par em par. O Gonçalo Vasques desceu a tremer os últimos degraus da escadaria nobre. Um pouco a tremura da sua velhice, mas muito mais a outra daquela comoção imensa que todos os crentes e patriotas de alma sonhadora sentiam sempre diante do jovem lidador, suprema esperança da Nação.

Nuno Álvares entrou, seguido de um escudeiro e de dois pajens. Vinha como havia de partir, mal que a noite cerrasse e desta vez sem a farroncaria temerária de se ir meter por entre a esquadra castelhana.

— Senhor conde e glorioso cavaleiro! — disse o velho, curvando o joelho como se estivesse diante de um príncipe

de conto ou de um santo lá muito do calendário da sua alma — Perdoai que seja este humilde amigo quem aqui venha a receber-vos.

— Velho, bem vos conheço, eu e bem sei quem sois — disse-lhe Nuno Álvares afetuosamente — Aqui vos têm os vossos ilustres amos como se mais um fosse da sua família. O monge que tem sido hóspede da vossa ama e senhora, está cá?

— Senhor conde, está. Dignai-vos subir e antes deixai que vos beije a mão.

— Vós, um velho!

— Senhor, aos príncipes, ainda que sejam meninos, até os velhos, dobrados para a cova, lhes vão beijar a mão.

— Isso é aos príncipes e aos santos.

— Velho Português — acudiu Gonçalo Vasques, numa tremura de maior comoção — velho que muito quer à sua terra, para mim sois príncipe de cavaleiros e batalhadores e às vezes me lembrais certo rei Artur de Inglaterra de quem falam os contos antigos. Deixai que vo-la beije, e perdoai.

Tomou-lhe a mão de surpresa e beijou-lha com os olhos rasos de lágrimas.

— E também sabem os Castelhanos o que ela vale! Tem ganhado muitos combates e a primeira batalha venceu, aquela dos Atoleiros.

Enternecidamente, Nuno Álvares apertou aquela mão engelhada que tremia na sua.

— Vamos a ver vosso amo.

Subiram. Ao cimo da escada, Mendo Rodrigues esperava-o.

— Senhor D. Nuno, ilustre Conde de Ourém — disse-lhe o monge — à nobre senhora desta casa muito lhe está pesando faltar aqui a receber-vos.

— E a mim, venerando monge, sinceramente me penaliza que, por doença da excelente senhora, me não seja dado prestar-lhe homenagem que merece pela sua alta nobreza e admiráveis virtudes. Isto vos rogo lhe digais, e ainda mal que me não seja possível maior demora em Lisboa, para que me fosse dado vir dizer-lho em outra melhor ocasião.

Gonçalo Vasques fora adiante correr o reposteiro da sala de armas onde um criado já tinha posto as tochas acesas nos argolões das paredes.

Em nome de D. Dulce, o monge convidou o conde a entrar naquela sala. Era um testemunho de honrado apreço a que nenhum fidalgo daquele tempo devia escusar-se.

— Será breve a minha demora — disse Nuno Álvares entrando — pois que o meu fim agora é ver Ruy de Vasconcelos, esforçado jovem que eu conheci no Paço e tenho em boa conta de amigo.

— Depressa o vereis, senhor conde. Tinham ficado a dar-lhe os remédios quando eu saí da sua câmara, para vir também prestar-vos homenagem como ao maior Português destes atribulados tempos.

— Mercê das vossas palavras. O primeiro é o Mestre.

— Pelo cargo, eu sei. Pela alma, vós.

E ofereceu-lhe a cadeira da espalda alta, que era ali a cadeira de honra. D. Nuno sentou-se por instantes. O monge insistiu em ficar de pé diante dele.

— Se dais licença, senhor conde, peço a este honrado aio nos vá saber se o senhor Ruy de Vasconcelos já está prevenido para vos receber.

— Sim, mas que não tenham preocupação pela minha causa.

Mendo afastou-se um pouco para fazer um pedido a Gonçalo Vasques, fez-lho em voz alta, mas logo acrescentou baixo:

— Não venhas sem o ver em boa disposição de ânimo.

E voltou para em frente de Nuno Álvares.

— Ouvi, senhor conde, que esta noite partireis para a vossa hoste.

— Assim é. Não me apraz esta vida quieta da cidade, sabendo que no Alentejo e por todo o reino ainda enxameiam Castelhanos com os traidores seus parciais.

— Segundo ouvi, quase todo o reino está em poder deles! Portugal por agora se resume em meia dúzia de castelos.

— Pois por isso o meu voto e o meu desejo maior era ir de Palmeia com a minha hoste e ir de arrancada a Chão do coice bater a alcateia dos lobos reais, que devem estar a sair de Santarém para irem repousar nas suas serranias de Castela.

— E voltarem depois com mais fúria e em maior bando.

— Já não poderiam voltar, se lhes saíssemos ao caminho para dar acabamento à contenda. Era de uma vez.

— Senhor conde, seria cometimento de grande proveito e glória, porém de muito arriscada temeridade, permiti que vos diga. E vós, senhor conde, quantos tereis na vossa hoste?

— Mil e duzentos homens.

— Bem pouca gente, ainda que todos se pudessem parecer convosco e tivessem bravezas de leões.

— Pois sim, mas o Mestre iria também com a sua hoste. O pior será que daqui a dias já seja tarde para uma arrancada bem sucedida.

— A mim me disseram que el-rei de Castela teria ainda consigo não menos de três mil lanças, soberbos ginetes e uns doze mil homens de peonagem (*).

[(*) A lança, como unidade de agrupamento, representava nos exércitos medievos quatro ou cinco homens de peonagem. Algumas vezes apenas três nos países de menos poder militar ou em circunstâncias especiais. Dizer uma lança o mesmo valia que indicar um combatente fidalgo, cavaleiro ou escudeiro a cavalo, e só por exceção o homem de armas da cavalaria plebeia, a dos cavaleiros vilãos dos municípios, auxiliar da outra.]

— Bem; seja — disse Nuno Álvares, erguendo-se — Quinze mil homens. Aí está.

— E o Mestre e vós juntamente, quantos podereis levar?

— Trezentas lanças do Mestre com mil e quinhentos de peonagem; eu duzentas e tantas lanças e novecentos peões que tenho em Palmeia.

— Senhor conde, perdoai, que isto apenas é falar de quem muito toma a peito as coisas da sua terra; mas aí teríamos uns três mil dos nossos com uns quinhentos cavalos, se tantos, para os catorze ou quinze mil

Castelhanos e Franceses que ainda terá reunido consigo el-el de Castela. Um contra cinco, e cinco dos melhores homens de armas que têm as Espanhas e a Gasconha, segundo dizem os entendidos.

Nuno Álvares fitou-o com estranheza.

— Um contra cinco fomos nos Atoleiros e foi nossa a vitória!

— Em Chão do coice defenderiam eles o seu rei. Tinham de lutar com desvairada bravura.

— Vão muito esbandalhados e esmorecidos, contam os que de lá têm vindo. Aos melhores e mais experimentados capitães que tinham os levam eles nos ataúdes em cima de azêmolas. É uma verdadeira romaria de mortos.

— Nada mais me atrevo a dizer-vos, senhor conde, senão que talvez Deus fosse por vós para vos dar razão.

— Esbandalhar aquela hoste numa algarada, sumi-la na terra que eles queriam tornar sua, e trazer para Lisboa as suas bandeiras reais, as signas e pendões dos nobres senhores das Espanhas, da Gasconha e do Bearne! E como despojo, não as baixelas de ouro e prata daquele rei e

daqueles. Senhores, senão os ataúdes em que vão salgados os mais soberbos mortos de Castela!

Falara num arrebatamento de alma, afogueando-se, fazendo uns gestos largos; tinha deslumbramentos de visionário o seu olhar de sonhador.

— Estou em crer, senhor D. Nuno, que o Mestre e rei, que já assim se lhe pode chamar, na sua prudência de chefe e com as responsabilidades do seu cargo, hesitará em deixar Lisboa sem gente de armas, tendo alguns milhares de Castelhanos em Almada, em Sintra, em Alenquer, em Torres, a bem dizer às portas da cidade, e aí no Tejo ainda outros milhares deles, na mais poderosa armada que ainda cá mandou Castela.-

Nuno Álvares compreendeu e sentiu a lucidez e a boa razão destas palavras do monge a dizerem-lhe sem rodeios o que o Mestre se abstivera de lhe expor, talvez para lhe não ir a crença numa vitória próxima ou, mais ainda, para lhe não irritar o ânimo, incitando-o a qualquer insubmissa temeridade.

Alma aventurosa e cândida de paladino romanesco, cavaleiro andante de sonho a visionar prodígios, com as austeridades de um asceta e a cega devoção de um santo, Nuno Álvares era um irascível como todos os impulsivos, um insubmisso quando sentia contrariada a sua crença de protegido do céu, um alucinado de espantosa bravura quando tinha nos olhos a visão de um milagre no seu favor ou quando a atmosfera dos combates lhe embriagava os sentidos e lhe queimava o sangue, numa febre devoradora de glória e de sacrifícios.

Com as suas bravezas de leão e as suas ingénuas mansidões de pomba, com todos os desequilíbrios e contrastes psicológicos dos homens extraordinários, era, todavia, nos campos de batalha mais reflexivo que nos remansos da corte, e foi, sem nenhuma dúvida, no seu tempo o chefe de mais lúcida intuição das coisas da guerra que Portugal teve. Trazia em si a inspiração adivinhadora de quanto os seus vinte e quatro anos não tinham podido aprender, nem ainda tinham visto.

A batalha dos Atoleiros provou-o. Encontraremos depois outras provas ainda maiores e de concludente confirmação.

O que Nuno Álvares não quis dizer ao monge foi que o astuto do Mestre, com a sua cautelosa habilidade de homem político, se lhe fingira sabedor de que el-rei de Castela ainda por algum tempo continuaria em Santarém. O que lhe não disse foi que D. João lhe opusera à temerária insistência a promessa dilatória de se lhe ir juntar com a sua hoste em Palmeia, mal que tivesse tudo disposto para deixar a cidade em segurança e pelo seus esculcas houvesse informação de que os invasores tinham enfim abandonado a formidável posição de Santarém.

Indicando muito ao de leve o plano pelo qual Nuno Álvares insistia, Fernão Lopes resume assim o hábil estratagema de D. João: O Mestre entonce respondeu que lhe prazia muito, e que para tal obra ele queria ser seu companheiro, e que porém se tornasse ele para Palmela e que o águardasse ali: e que se passaria além com os mais que pudesse e dali partiriam a ir buscar el-rei e lutar com ele...».

Compreende-se o ardil. Fingindo aceitar-lhe o plano, segurava-o melhor, e mandando-o para Palmeia com a promessa de ir ter com ele para irem juntos ao feito arrojado, evitava que Nuno Álvares fosse insubmisso com

os seus mil e tantos homens para um desbarato quase certo.

* * *

Gonçalo Vasques, demorado por um pequeno incidente na câmara de Ruy, voltara à sala e dissera que o seu amo podia já receber o senhor conde.

Nuno Álvares tinha reparado em certa armadura que estava coberta com panos de dó.

— Por que tem luto aquele arnês?

— Contaram-me, contou-mo este honrado velho — disse Mendo Rodrigues, indicando o Gonçalo Vasques — que foi por ter morrido o cavaleiro que usava levá-lo para a guerra. Era o irmão querido da senhora desta casa.

— Mendo Rodrigues, eu sei. Grande cavaleiro era, rijo batalhador, ao que ouvi, e bem desgraçado foi!

— Conheceste-lo, senhor conde?

— No paço o conheci, era eu ainda muito jovem, e já pouco me lembro dele. Há quem suponha que fostes vós, monge, quem nas longes terras por aonde ele peregrinava lhe recebestes as últimas vontades.

— E não se engana quem tal supõe. Só eu sei como o cavaleiro que foi Mendo Rodrigues morreu de dor! Conde e senhor meu! — disse à porta, dando-lhe passagem — Eu já me ia esquecendo um aviso, um pedido.

— Dizei.

— O físico tem recomendado muito que por agora se fale o menos possível com o senhor Ruy de Vasconcelos.

— Já sei. Descansai. Pela minha parte se não há de faltar a tal recomendação.

Seguiram pelo corredor. O escudeiro e os dois pajens que tinham acompanhado Nuno Álvares estavam no vestíbulo esperando.

Chegaram à porta da câmara e Gonçalo Vasques correu a cortina brandamente. Entraram de manso.

Ruy tinha fitos na porta os olhos mortificados, aos quais a febre e o alvoroço davam agora um brilho intenso.

Ao fundo da câmara, muito na penumbra, junto de um genuflexório, a monja serventuária) que trouxera os remédios pedidos pelo físico um quarto de hora antes, ficara na ânsia de saber como se passaria a entrevista entre D. Nuno e o pobre namorado. D. Dulce dera-lhe o encargo de ficar ali.

Nuno Álvares adiantou-se comovidamente para o catre de Ruy, olhos marejados de lágrimas postos naquele rosto esmaecido, emoldurado agora numa barba crescida e inculta, que até por estar fora do uso português daquela época lhe dava um aspeto ainda mais triste e comovedor.

— Ruy de Vasconcelos — disse-lhe o conde enternecidamente — aqui venho para certificar-me pelos meus próprios olhos das melhoras que me diziam terdes.

Procurou-lhe a mão e apertou-lha afetuosamente.

— D. Nuno... Benvindo sejais! — disse-lhe Ruy sumidamente, com os olhos rasos de lágrimas.

— Vejo que tendes melhoras, louvores a Deus!

Cavaleiro jovem, que tendes sido dos mais leais e destemidos da nossa terra, a Mãe de Jesus fique na vossa guarda e vos dê saúde para nós vos tornarmos a ver onde haveis ser dos primeiros...

— Na maior... Batalha... Em que tudo se decida — disse-lhe Ruy numa tremura de comoção.

— Paladim do esquadrão dos Namorados, como já sei que sois...

— Pela nossa terra — acudiu o Vasconcelos num murmúrio, dizendo esta primeira parte do moto do estandarte verde que Madalena bordara.

— Não faleis, não deveis falar. Adeus!

— Batalhador... Glorioso... Adeus!

Nuno Álvares debruçou-se para ele e beijou-o na testa com fervorosa piedade fraternal.

— E os... Homens de Castela?

— Retiram, e, quando voltarem, sereis vós connosco para os vencermos, que nas minhas orações o hei de rogar

à Virgem, minha padroeira. Ruy de Vasconcelos, adeus, adeus! Até à batalha real que hemos de ter um dia.

E atravessou direito à porta. Foram com ele, para o acompanhar até à rua, Mendo Rodrigues e Gonçalo Vasques.

E lá da penumbra da câmara, a espreitá-lo, arquejante, a monja serventuária murmurou doloridamente:

— Está chorando! Pela outra há de ser que ele chora!

CAPÍTULO XXI

O DRAMA DE UMA NOITE

Por volta das 11 horas, já noite velha naqueles tempos, em que a gente morigerada se deitava das 8 para as 9, o pobre do Gonçalo Vasques, a quem pertencera velar até à madrugada, estava à cabeceira de Ruy num confrangimento de dores. Eram da sua gota a adivinhar-lhe o Inverno que estava à porta.

Mendo quisera substituí-lo, mas na sua dedicação pirrónica, o velhinho insistira em ficar e, só depois de muito instado, prometera ir chamar o irmão de D. Dulce, se as dores o torturassem mais.

A monja serventuária estava na câmara de D. Dulce para velar por ela. Mas pelas 9 horas, numa trégua de sufocações, como adormecidas as dores do coração, e num grande alívio moral por saber das melhoras do filho e do apreço fraternal com que D. Nuno o honrara, D. Dulce

sentiu que podia repousar e lhe chegaria enfim o sono reparador de tantas noites angustiadamente passadas.

— Olhai, Joana — fora este o nome dado pela monja — parece-me que poderei dormir.

— Nossa Senhora o permita, que bem precisais de descanso — disse-lhe na sua voz docemente acariciadora.

— Pois então ide vós também deitar-vos, que tanta lida tendes tido e já contais umas poucas de noites mal dormidas.

— Senhora, o meu voto de penitência é esse. Cansar o corpo em proveito dos que sofrem, para que Deus me tenha dó da alma.

— Pois sim, mas agora muito convém que aproveiteis esta aberta de tratos para o repouso de que tanto haveis de precisar.

— Na minha idade custam menos as fadigas.

— Bem sei. Mas também se quebram as forças e também a gente se cansa. Olhai que é também por mim que eu desejo o vosso repouso. Far-me-íeis muita falta se

ficásseis doente. Convosco nesta casa estou mais tranquila pelo meu filho; ides ver como ele passa e a toda a hora eu saberei o seu estado, como se eu própria o estivesse vendo. Ides vê-lo com os vossos olhos de mulher e ninguém como vós me sabe contar o que viu, ninguém o sabe dizer melhor em palavras com que o meu coração se console! Olhai que é um alívio para mim. Provavelmente não sabeis, não podeis avaliar bem o que as mães padecem quando têm um filho em perigo de vida.

— Faço ideia, senhora! — disse-lhe numa voz que parecia arrastar-se por um calvário de saudades, a escorrer lágrimas.

— Como vós dissestes isso! — notou D. Dulce com estranheza.

— Foi porque me lembrou certa mãe, ainda jovem, que eu vi com uma filhita nos braços, a morrer-lhe de fome.

— Pequenino?

— Muito pequenina.

— Devia de ser dor para matar ou para enlouquecer essa pobre mãe.

— Ouvi que enlouqueceu.

— Mas quando os filhos são já grandes, como aquele meu, a dor há de ser maior. Maior!

— Senhora, que vos estais mortificando com essas lembranças! O vosso filho parece livre de perigo. Em pouco tempo estará bom para tornar a ser o que o senhor D. Nuno lhe disse ao despedir-se.

— O que foi que Nuno Álvares lhe disse à despedida, que ainda mo não tínheis contado?! Só me dissestes que o beijara.

— Por esquecimento meu vos não disse. Chamou-lhe paladim e orgulho do esquadrão dos Namorados, e dele se despediu até o dia de uma batalha real com os de Castela.

— Pois, minha querida, aí está o medo maior do meu coração. Por aqueles de quem venho e por esta infortunada terra, mãe nossa para se não esquecer nunca, o dever de alma será deixá-lo ir, afogar o coração para lhe dizer que vá, para que ele lhe não sinta os receios; mas dessa batalha que Nuno Álvares espera muitos haverá que nunca mais voltem! E desses um pode ser ele! Antes Deus me leve

primeiro; antes! E isto lhe peço eu de todo o meu coração em cada dia.

— Senhora... Que vos afligis — disse-lhe piedosamente como se o mesmo receio a mortificasse também.

Ficaram por instantes silenciosas; o olhar melancolicamente posto na lâmpada a bruxulear.

— Ide ver se adormeceis — instou D. Dulce.

— Ali, naquele recosto do costume, dormirei bem.

— Mas vestida?

— Pronta para o que seja preciso.

— Pois já que assim o quereis — disse-lhe com os olhos meio cerrados — ide alguma vez saber do meu filho, quando quer que acordardes... E se houver coisa de preocupação... Chamai-me... Sim?

— Senhora, sim.

E logo de si para si, a ver como ela adormecia:

— Por seres mãe dele como se também fosses minha mãe.

Passaram minutos. D. Dulce dormia profundamente.

A monja foi espreitar a uma porta lateral, que estava aberta. Dava para o compartimento em que a aia dormia.

— Também adormecida — disse de si para si a serventuária penitente — Ouvirá, se D. Dulce acordar.

Foi para a outra sala e saiu pé ante pé.

* * *

— Senhor Gonçalo Vasques bem se vê que estais mortificado de dores e a tremer com frio — dizia-lhe a monja, quase em segredo para não sobressaltar Ruy, ainda num dormitar inquieto.

— O frio é o menos. É do sangue velho, que já não tem calor para esta vida que se gastou.

— Das noites perdidas é que é. Ide descansar ali próximo, naquela alcova, em melhor agasalho. Eu não tenho sono e aqui ficarei de vigia. Em sendo preciso, irei chamar-vos.

— Vós, não. Se o soubesse minha ama e senhora, talvez me levasse a mal que vos aceitasse o oferecimento!

— Ela própria foi quem me aqui mandou para ver como o filho estava.

— Pode não parecer bem... — alegou o velho num quebramento do seu propósito.

Coitado, tinha tanto frio como se estivesse curtindo sezões. Não porque estivesse desabrida aquela noite de Outubro, mas porque os seus setenta anos se lhe tinham enregelado mais com as noites veladas.

Com dó dele e para o convencer, a monja disse-lhe esta mentira:

— Ainda não vai longe o tempo em que eu ia tratar dos feridos ao hospital e lá estavam outras por caridade, e ninguém achou que parecesse mal.

— Pois sim, então, pois sim — disse-lhe, transigindo com amorável reconhecimento — Fraquezas de velho! Ficai então vós um bocado, enquanto eu vou ver se este meu sangue toma calor. Mas olhai que é com a condição de chamardes, mal que ele acorde.

— Sim, chamarei; ide descansado.

— Ele agora parece que vai a sossegar. Não vos parece também?

— Agora mais sossegado que há instantes. Bem parece que dorme.

— Pois então Deus vos pague a caridade que me fazeis, e até daqui a pouco.

— Até quando quiserdes — volveu-lhe num alvoroço que o velho não percebeu.

Gonçalo Vasques ainda relanceou para o doente um olhar de paternal carinho, e lá se encaminhou para a alcova arrastando os trambolhos das pernas.

* * *

Esteve a monja desventurada a contemplá-lo por largos minutos, numa evocação de sonho pelo passado e numa crise de lágrimas, silenciosamente choradas, por esse tempo que já não podia voltar.

— Bendita hora esta! — disse consigo — Bendita para este desafogo de te ver. Perdoaste-me chamando-me tua irmã, mas já não és, já não podes ser o noivo de sonho que eu tive, naquele primeiro amor que outros infamaram, por traição da real comborça. Não podes! Fui doutro, mãe de uma pequenina que não era tua filha, e não podes, não deves! E eu nunca te atraiçoei, nunca! E a minha alma ficou pura da mácula sem remédio, que já não pode senão merecer-te dó, a esmola do teu dó! E por esta esmola, Ruy, bem hajas!

Acercou-se-lhe mais do catre e beijou ao de leve a mão que ele tinha fora da roupa.

— Deus te melhore, Deus te dê a ventura que mereces, e tão cedo seja, que me não falte a vida para saber que vives ditoso.

Murmurou isto de rosto avincado, numa expressão dolorida, e foi para o genuflexório no passo incerto de alguém estonteado.

Ajoelhou. Orava com o fervor das grandes amarguradas que por este vale de lágrimas muito amaram e sofreram. E

sob as orações que os lábios murmuravam caía a levada convulsa dos seus choros.

Era por ele que rezava. As lágrimas por ela, pelo que fora, pelo que era.

— E se os pequeninos que a morte nos leva são anjos que vão para vós, Senhora, por aquela pequenina que me morreu, fruto desta minha desgraça sem remédio, por ela, Mãe de Jesus, vos rogo também que deis vida e ventura a este jovem, que foi o meu primeiro amor e é honra e esperança desta pobre terra, tão atormentada de inimigos e traidores! Senhora, sede por ele! Atendei-me. Não me desprezeis também vós!

Ouviu um rumor de palavras rouquejantes, veladas.

— Jesus, se acordou! — disse, erguendo-se num sobressalto.

Adiantou-se para o catre, muito de manso, como se fosse mãe no receio de acordar o filho pequenino. Mas sempre buscando as manchas de maior sombra para que ele não pudesse dar por ela.

Encostou-se à cabeceira do catre.

— Tem os olhos cerrados — disse consigo, espreitando-o — Estaria talvez sonhando.

Ouviu outro rumorejar de palavras truncadas, e de tal modo desfeitas nos lábios, que se lhe não podiam entender.

— Ainda na labutação do sonho. E pela outra será que ele sonha!

— Nuno Álvares! — murmurou Ruy, de olhos cerrados, agitando-se — Nesta batalha real... Os Namorados... Aqui os tendes... Pela nossa terra... Metade do moto deste pendão verde... O nosso. A metade porque eu pelejo.

— Não é com outra mulher que ele sonha! — pensou num consolo de egoísmo — A visita de Nuno Álvares ficou-lhe na alma, está ideando batalhas o belo pajem que eu amei... Que eu amo! Orgulho de fidalgos, flor de cavaleiros, que eu algum tempo sonhei é que ele é! E eu perdi porque me perderam!

Abeirou-se mais da almadraquexa (1), numa solicitação de alma irresistível para o ver melhor.

O Cabeçal, travesseira.

— Portugal e S. Jorge! — rouquejou Ruy, agitando-se outra vez — Senhor rei, vencemos nós... Esta batalha real! Os Namorados na ala da vanguarda! Os Namorados, senhor... Na Ala dos mais valentes!

— Meu Deus, que faz mal esta labutação! Era um bem acordá-lo. Mas eu não, eu tenho medo!

— Agora... Nuno Álvares... Sobre Castela... E pela minha dama.

— A outra! — disse de si para si num confrangimento do coração — Era de esperar. Doida que eu sou! A mulher que outros perderam já não pode ser senão a irmã, caridosamente perdoada; fingida monja serventuária para lhe sacrificar a vida, se ele não tivesse vergonha de lhe aceitar o sacrifício. Mais nada! Mais nada!

E pareceu-lhe que estas palavras, apenas pensadas, lhe tinham saído dos lábios, numa repercussão alta pela câmara como um grito louco de amargura, e iam ecoando por aquele velho palácio como se fossem o pregão enorme da sua desgraça.

— Madalena! — exclamou o sonhador — Esposa do outro... A tudo cedeste!

A monja inclinou-se mais para ele, numa alucinação do seu espírito atormentado. Para ouvir melhor, para não perder uma palavra daquele sonho pela outra.

— Volto para ti, Leonor... O meu primeiro amor... A minha pobre irmã!

Como desvairada, a sentir o deslumbramento de uma acariciadora esperança, que em outro, momento de serena reflexão enjeitaria revoltada contra si própria, ela a sonhar também um sonho louco, tanto se inclinou para ele que sentia no rosto aquela respiração angustiada.

— Volto para ti... Para morrer. Reza-me a oração do nosso amor perdido... Somos dois náufragos... A mesma onda nos mata.

— Não! Não! — murmurou ela num desvairamento.

E os seus lábios tocaram os do sonhador, num beijo tão leve como se fosse o roçar de uma asa branca de borboleta.

Mas logo, num estremeção de pudor, se afastou bruscamente e caiu de joelhos ao pé do catre.

— Mãe de Jesus, não me deixeis outra vez enlouquecer!

Naquele instante de desvario nem pôde ouvir os passos que se arrastavam pelo corredor, brandos, incertos, nem podia ver a mão branca e afilada que apanhara o reposteiro depois de ter levantado cautelosamente o fecho da porta.

Estava toda ela no aturdimento e na cegueira daquele instante.

Soluçava encostada ao catre, a cabeça entre as mãos, num ardor de febre.

E ele no seu pesadelo:

— Leonor! Leonor! Também tu me desamparas!

— Ruy, não! — disse como a responder-lhe.

E tomando-lhe a mão, que ele deixara tombar para a borda do catre, beijou-lha fervorosamente.

— Para morrer por ti, se a minha vida quisesses! Se ma quiseres!

Então uma figura mortificada de mulher, com um pasmo de olhar que parecia demência, roupagens em desalinho, cabelos brancos soltos sobre os ombros, acercou-se dela em passos vacilantes como de octogenária, e disse-lhe baixo, a tremer, pousando-lhe a mão no ombro:

— Que mulher sois então?!

Voltando-se ainda ajoelhada, numa convulsão de terror, a fingida serventuária pôs em D. Dulce um olhar espavorido.

E a primeira ideia que lhe lampejou no cérebro entontecido foi que ela haveria suspeitado do seu disfarce e tudo dispusera para aquela surpresa. O que Leonor não podia adivinhar era que a mãe de Ruy, despertada de um pesadelo em que vira o filho agonizante, sozinho; abandonado de todos, a clamar por ela, se erguera num supremo esforço, com a energia fenomenal que dão as grandes dores morais, e sem chamar ninguém, sem pensar em mais ninguém, envolvida nas primeiras roupas que encontrara à mão, viera num desvairamento, arrastando-se ofegante, para ver o filho.

— Senhora, perdão! Tende dó. Perdoai! — suplicou-lhe de mãos postas, as palavras a torcerem-se-lhe na tremura dos lábios.

D. Dulce relanceava olhares para o filho, como a certificar-se de que o seu pesadelo fora apenas uma opressora mentira.

— Que mulher sois? Quem vieram meter-me em casa? Respondei para sairdes!

— Senhora, por piedade, mais baixo, que 0 podeis despertar! Vosso filho falava sonhando e eu sou... Mas tremeis de frio, faz-vos mal estardes aqui! — disse, erguendo-se a custo.

— Tantos contra este meu coração!

— Senhora! — disse-lhe carinhosamente, a reprimir soluços — Vamos daqui. Eu vos irei amparando e tudo vos hei de confessar... Antes que me expulseis da vossa casa.

— Para o deixar sozinho? — disse-lhe amargamente, envolvendo-a num olhar de estranheza.

Suspeitas vagas, encontradas e até insensatas, se lhe atropelavam no cérebro, aturdindo-a.

— O vosso filho está melhor e eu chamo ali Gonçalo Vasques. O pobre velhinho já não podia mais. Mas afastemo-nos daqui para que o vosso filho não ouça.

Amparou-a nos braços, piedosamente, e foi-se afastando do catre com ela.

— Não me repulseis, sem saberdes quem sou... A triste desventurada que eu sou! Assentai-vos aqui — disse-lhe ao pé de um escabelo, a poucos passos do genuflexório — Eu chamo Gonçalo Vasques. Depois vos irei amparando para a vossa câmara — segredou-lhe, acarinhando-a docemente — Até lá, como se fosse uma filha a amparar a mãe doente, a santa mãe doente que vós sois. Em poucos momentos vos contarei tudo, e então sereis a ama que põe fora da sua casa... Uma serventuária que lhe deu escândalo.

— Aquele pesado sono do meu filho inquieta-me!

— Senhora, assim está há muito tempo adormecido, e daquela turbação dos sonhos agora me parece acalmado. Eu vou chamar Gonçalo Vasques. Mas, senhora, fazei-me o

piedoso favor de nada lhe contardes. Pelas minhas recomendações é que ele foi repousar.

— Sim, depressa, ide — respondeu-lhe — Não posso atinar quem seja! — pensava.

O velho tinha-se deitado vestido e levantou-se assim que Leonor o chamou. A fingida serventuária preveniu-o da vinda de D. Dulce e pediu-lhe que de nada lhe falasse, pois que já de tudo lhe tinha dado conta.

Cheio de estranheza e de receio por aquela inexplicável imprudência da sua ama e senhora, como ele lhe chamava, o velho foi saudá-la um pouco acobardado de ânimo pela sua ausência daquele posto de devoção.

Notou-lhe o rosto mais desfigurado e os olhos mais sumidos e mortificou-se por vê-la com uns rebates de sufocação.

D. Dulce respondeu-lhe em duas ou três palavras, sem nenhum azedume, e encostou-se à misteriosa serventuária.

— Vamos. Mais junto da sua cama… Para o ver.

Amparando-a, mais trémula do que ela, Leonor passou rente do catre de Ruy, agora num sono tranquilo e

profundo.

— Nossa Senhora tenha dó de ti, filho! — suplicou mentalmente.

— Adeus, e agora talvez para nunca mais te ver! — disse consigo Leonor, pondo nele os seus olhos rasos de lágrimas.

No corredor D. Dulce teve uma sufocação maior.

— Por minha causa, senhora! — disse-lhe Leonor, encostando-a muito a si para que ela lhe não caísse nos braços.

— Isso... Não... — volveu-lhe a custo — Não foi... Por vossa causa.

* * *

Estavam as duas sozinhas naquela câmara, que uma lâmpada de prata esclarecia tenuemente com a sua luz doirada e branca.

D. Dulce sentada em cima da cama, recostada a um grande cabeçal de frouxel, feito de propósito para ela; Leonor, de mãos cruzadas sobre o peito, quase encostada ao catre.

A falsa monja contara o que fora e o que era.

D. Dulce, num incidente da conversa, revelara-lhe o angustioso pesadelo que a levara a ir à câmara do filho, com louca imprudência.

Via-se bem que ambas tinham chorado.

— Aqui tendes, senhora minha, quem foi e quem é a pobre de tamanha desventura, que vos trouxeram para casa no fingimento de monja serventuária e fostes surpreender a beijar a mão do vosso filho. Em desconto de tanta desgraça, dai-me o vosso perdão, se podeis. Pela saúde e pela boa fortuna do vosso filho vos peço. Perderam-me e, ainda para maior infortúnio, me caluniaram dando por volúvel namorada a miseranda vítima de uma traição no paço! Se até vosso filho acreditou e eu... Tinha-lhe um amor puro, tamanho... Que foi o maior da minha vida! Mas bem sabeis já que ele me perdoou, chamando-me sua irmã. Mandai embora a serventuária, e se alguma soldada

mereceu, dai-lha, por tanto maior valor que nenhum dinheiro a pudesse igualar, dai-lha, senhora, no vosso perdão.

— Dou, sim — respondeu-lhe comovidamente, inclinando-se mais para ela — Leonor de Gusmão, quem podia adivinhar-vos aqui?!

— Senhora, o consolo que me dais! Deus vos pague nas tantas venturas e glória que o vosso filho merece! Há de ser já madrugada e pouco poderá demorar a manhã. A serventuária sairá para nunca mais voltar, para nunca mais o tornar a ver.

— Leonor!

— Ainda enlouquecida, depois que a minha pequenina me morreu de fome nos braços, teve Nossa Senhora dó de mim e melhorou-me. Enlouquecimento foi também este de aqui vir, mas será o último, por Deus o espero, senhora.

— Mas pedia-vos eu que por uns dias esperásseis, até ver se eu melhorava mais. Sois alívio consolador para mim, Leonor de Gusmão. Muito da alma aqui vos teria comigo

para sempre, mas, bem o compreendeis, desde que sei quem sois, não pareceria honesto que vos tivesse aqui.

— Senhora, nem eu queria!

— E tenho pena e dó de me afastar de vós! Entendem-se bem dois corações que muito padeceram.

— O meu padecendo ainda nesta amargura que não tem remédio!

— E o meu nos receios pelo dia de amanhã. Olhai que não hei de esquecer-me de vós, onde quer que estejais, e irei ver-vos sempre que mo consintam estes meus ataques.

— Senhora, como sois piedosa! — disse, tomando-lhe a mão e beijando-lha — Mas não sei se poderá ser! A serventuária podia aqui estar enquanto não a houvessem reconhecido; mas a mulher que foi Leonor de Gusmão, essa tem de sumir-se. Não pode ficar onde quer que saibam quem ela é.

— A mim me dissestes, há pouco ainda, que tínheis pousada de favor em casa de Afonso Eanes.

— E a verdade vos disse. Lá me receberam caridosamente, a pedido do vosso filho, porém então ainda a minha pobre cabeça tresvairava. Mas daquela casa só Afonso Eanes sabe quem sou, quem fui; a família não.

— Voltareis para lá certamente.

— Não devo, senhora. No meu empenho de vir para vos ajudar ou ao vosso filho, enquanto o disfarce não fosse percebido, a ele também o enganámos, aquela minha misericordiosa protetora que tem sido a velha Lourença e eu. Ela, dizendo a Afonso Eanes que nos mosteiros das monjas franciscanas tinha eu uma parenta que me queria para si; eu, declarando-lhe que para lá queria ir naquele mesmo dia em que o engano se combinou.

— E para aqui viestes então! A Lourença estava por tudo quanto vós quisésseis, não é assim?

— Por tudo como se fosse mãe indulgente.

— Mas para onde ireis então?! Haveis de voltar para o casinhoto miserando de que me falastes?

— Nem eu sei ainda, senhora minha! Talvez faça o engano certo e vá pedir abrigo a qualquer comunidade de

monjas em que me queiram como serva.

— Isso não, Leonor! Tal vos peço eu que não façais. Eu posso pedir que vos recebam nalgum convento onde vos tratem como pessoa que tem direito a viver estimada, embora se guarde o segredo desse vosso nome.

— Senhora, hei de ver, mas para o agradecimento de tanta generosidade é que eu não tenho de esperar e aqui vos afianço — disse, beijando-lhe outra vez as mãos a chorar — Que o melhor será sumir-me enquanto a morte não chega.

— Desvario vosso, Leonor!

— Desvario, senhora! É que ainda não reparastes bem na desgraçada que eu sou. Perderam-me e até na minha perdição me caluniaram! Até esse que foi o maior amor da minha vida! Fui quase noiva, e já não posso ser senão isto que sou! Fui mãe, e a minha filhinha morreu-me! Sumida de todos é que eu devo de esperar que a vida se me acabe!

E ajoelhou-se contra o catre a soluçar.

— Não, não há de ser assim! — acudiu D. Dulce num impulso de dó — Heis de estar aqui ainda uns dias e

quando eu puder mais... Combinaremos o que se há de fazer. Ruy chamou-vos irmã, deixai que eu vos chame filha, e ainda mal que, por causa do Mundo, haveis de ser uma filha que precisa de viver oculta e de quem eu tenho de afastar-me.

Procurou-lhe as mãos para a levantar e cingir a si.

Leonor ergueu-se, abriu-lhe os braços e beijou-lhe os cabelos fervorosamente, numa crise de lágrimas.

— Por aquela mãe que Deus há tanto me levou — soluçava — santa que de mim vos compadeceis, benditos sejam os vossos cabelos brancos!

E só lhe não disse que naqueles beijos ia também uma enternecida homenagem, a maior talvez, à mortificada mãe de Ruy de Vasconcelos.

— Mas ficais aqui mais uns dias, até que eu possa combinar convosco o que se há de fazer, prometeis?

— Senhora, sim.

— Leonor! — exclamou numa aflição — As sufocações... Voltam!

Amparou-a nos braços em requintes de carinhos, ajudando-a por modo que lhe tornasse a respiração menos difícil.

— Hão de passar-vos breve — dizia-lhe — Nossa Senhora há de ter dó.

E, por felicidade, foram muito menos violentas do que as outras, quando voltara do quarto do filho; mas ficou em grande abatimento e numa transpiração copiosa.

— Faz-vos mal falar mais — dizia Leonor, aconchegando-lhe as roupas e ajeitando ó cabeçal — Vou dar-vos o remédio e agora é preciso repousar, dormir por essa manhã adiante, a manhã que eu já vejo luzir — disse, volvendo um olhar para a janela, um quase nada entreaberta, para que o ar não faltasse à doente.

* * *

Adormeceu, mas foi sono de curta duração. Às 7 horas já estava acordada. Leonor dormitara sentada ao pé dela.

Instou D. Dulce com a sua desvelada enfermeira para que se fosse deitar: respondeu-lhe que não era preciso porque já tinha dormido bastante.

A aia levantara-se e viera receber as ordens de D. Dulce. Disse-lhe que fosse saber de Ruy e depois então iria olhar pelas coisas da casa.

Pouco depois, Marta voltava com a boa nova de que Ruy tinha passado tranquilamente e levara a madrugada de um sono.

— Bendita Mãe de Jesus! — exclamou D. Dulce de mãos postas, volvendo para Leonor um olhar de intenso júbilo.

— Bendita seja! — disse-lhe ela, baixando os olhos rasos de água.

— Está bem, minha querida Marta, agora ide-me olhar por essa gente e por essa casa. Ah! O nosso monge? Estava no quarto do meu filho?

— Não estava, senhora minha. Mas ouvi dizer que, logo de madrugada, se erguera e havia mais de meia hora fora falar a um homem que vinha procurar o senhor Ruy.

— Está bem; está bem-

Marta saiu.

— As melhoras daquele filho são as minhas maiores melhoras — disse para Leonor.

— Compreendo, senhora. Já soube o que era esse amor assim! — volveu-lhe sumidamente.

Instantes depois, Gonçalo Vasques perguntava à porta se a senhora estava acordada. Era Leonor quem lhe falava.

— Está melhor, louvores a Deus.

— Pois então dizei-lhe vós que o monge, nosso hóspede, muito deseja saber se lhe pode falar.

— Eu vou saber.

Foi e voltou com resposta afirmativa.

— Componde-me estas roupas, minha filha. Aquele monge — disse-lhe, baixando a voz — também não é o que parece. Preciso recebê-lo aqui... Como se fosse um irmão meu.

— Um venerando velho que infunde tanto respeito como simpatia! Parece que também muito haverá padecido.

— Muito.

— Eu retiro-me, senhora.

— Não; deixai ver. Pode não ser coisa de segredo.

— Senhora minha, dais licença? — perguntou Mendo à porta.

— Podeis entrar — disse-lhe D. Dulce na sua voz enrouquecida.

Leonor afastou-se para o vão da janela. O monge entrou e falou a D. Dulce, mantendo o seu disfarce.

— Vosso filho melhor e vós também, por favor de Deus.

— Um pouco melhor. Assentai-vos.

— Senhora, não posso. Tenho de sair já a levar informações ao Mestre; mas um encargo tomei para vós e não quis retardá-lo.

— Coisa particular que seja de segredo?

Mendo relanceou um olhar para a monja e respondeu:

— Coisa que todas as pessoas desta casa podem saber. Coisa que me causou estranheza — acrescentou, baixo para ela.

— Dizei então.

— Acabo de estar com um campino de Santarém que aqui veio de propósito e, ao que ele próprio me disse, bem pago para trazer esta carta para vós e esta outra para vosso filho. Ambas vo-las entrego — disse, dando-lhas para as mãos — O homem deu-me interessantes informações a respeito de el-rei de Castela e da sua corte e gente de armas, já nas disposições de irem para as suas terras.

— Ainda bem.

— Vão, mas para tornar com maior poder.

— E estas cartas quem as manda? — perguntou D. Dulce, remirando os pedaços de pergaminho, enrolados e atados com fitas, que uns pedaços grossos de cera e resina uniam e seguravam como lacre do melhor deste nosso tempo.

— Não me disse o portador de quem eram, ou por não querer ou porque realmente o não sabia, e só me contou

que um pajem da própria senhora infanta D. Beatriz, rainha de Castela, o fora convidar recatadamente para as trazer, e boa paga lhe dera.

— Da senhora infanta de Portugal, rainha de Castela! — exclamou D. Dulce num alvoroço de surpresa — Muito bem me conheceu e muito a conhecia eu do paço. Mas um pajem dela com uma carta para mim e outra para o meu filho! Para quê ou porquê?! Eu com a senhora rainha de Castela nada tenho, nada quero ter. Agora vos peço o faavor de abrirdes esta que é para mim e de a lerdes para sabermos se alguma coisa diz que possa pôr suspeita de deslealdade em alguém desta casa.

Deu-lha para a mão.

— E até desejo que a leveis ao Mestre, se alguma coisa trouxer que ele deva de saber. O portador poderá contar o que viu e eu nem a sombra sequer de uma desconfiança quero em volta de mim e dos meus! Monja, vinde ouvir — chamou, voltando-se para a janela.

Leonor aproximou-se com um pressentimento, que ela própria considerava louco e teria vergonha de revelar, mas

que afinal lhe sobressaltava o cotação tristemente.

Mendo estava plenamente de acordo com os escrúpulos da irmã pois que naquele tempo de tantos traidores, de tão descarados enredos políticos e tal mercancia de consciências, não bastava ser leal, mas importava também parecê-lo, para que as suspeitas não manchassem os que tinham de ser lição e estímulo para os mais desalentados e não levassem às turbas mais um incentivo a desesperos e esmorecimentos.

Quebrou os fechos de cera, desatou e desdobrou o pergaminho e com avidez de curiosidade foi procurar a assinatura.

— Não é da senhora Infanta! — disse — Tem aqui apenas um nome assinado: Madalena.

— Madalena! — disse D. Dulce, relanceando um olhar para Leonor.

Estava de olhos baixos, muito pálida. E mais já não pôde ver-lhe o estremeção violento que a desventurada teve quando o monge leu aquele nome. Era o mesmo de quem Ruy falara no seu sonho.

— Já entendo de quem é — disse D. Dulce para o monge — e então não vos demoreis para a ler. Depois será.

O seu intento era poupar à pobre Leonor o sacrifício de a ouvir ler.

Sem perceber o intento piedoso com que a irmã queria retardar a leitura dá carta, Mendo objetou-lhe:

— Bem que seja longa, em menos de um quarto de hora se lê, e não é tanta a minha urgência de sair, que me cause transtorno ler-vo-la agora.

D. Dulce ainda procurou dar-lhe aviso num olhar, mas o monge não reparou e leu: Senhora minha e muito presada benfeitora. Perdoai-me e tende piedade de mim pelo tanto que tenho padecido e padeço por este amor de má fortuna que tem sido o meu. Nem podeis sonhar, senhora minha, a tortura horrorosa da minha alma nesta corte onde todos me estimam e parece que tudo me falta, menos a dor que veio comigo e já se não acaba, por mais lágrimas que eu chore para que elas me afoguem ou para que a nossa Senhora tenha dó de mim! Mas não quis a minha desgraça que esta dor bastasse, e logo veio outra maior que a de todas as

mágoas e saudades com que daí violentamente me trouxeram! A mim me vieram dizer que o vosso filho tinha ficado gravemente ferido na arremetida em que me quis salvar deste cativeiro. Senhora, que horror de tormento em tantos dias e em tantas noites, desde que isto me disseram! Noites em que a minha alma teve sonhos de morte, na maior amargura desta viuvez, na qual o meu sonho de noiva para sempre se perdeu! E ninguém que me trouxesse uma nova de consolo ou uma notícia de verdade ainda que fosse pior que o sonho! Alfim, senhora, a Rainha entendeu a minha amargura e teve dó de mim. Com a sua proteção é que esse mensageiro aí veio com esta carta para vós e a outra para o vosso filho, porque em Deus espero que ele a possa ler».

Mendo voltou a lauda do pergaminho. D. Dulce, que não tinha desfitado Leonor, avaliava bem a tortura moral daquela maior infortunada e aproveitou a interrupção para lhe dizer:

— Monja, se quereis retirar-vos...

— Senhora, deixai... Sairei depois — respondeu-lhe a fingir uma tranquilidade de ânimo, que a voz dolorida

estava desmentindo.

O monge levantou para ela um longo olhar de estranheza.

Fizera-lhe impressão aquele tom de mágoa da serventuária, como se fosse a música dolente de uma alma que estivesse sentindo as palavras da carta.

— Salvo se mandais que saia — acudiu Leonor.

— Isso não. Como isto é coisa de nenhum interesse para vós...

— O meu coração tem sempre um interesse de dó por todos os que por este Mundo vivem infortunados.

— Então, meu venerando monge — disse D. Dulce, confrangida — fazei-me o favor de lerdes o mais que aí vem.

Mendo relanceou um olhar de maior surpresa para a monja e continuou a ler: Santa mãe de um noivo de sonho que eu tive, fazei de conta que estou aí de joelhos diante de vós e de mãos postas a pedir-vos, pelo tamanho amor que tendes a esse vosso filho, a esmola de algumas palavras em que me digais como ele está. Sejam como forem, senhora. A

alegria ou a dor que me trouxerem, a receberei eu no meu coração pelo dobro do que elas disserem. E não julgueis que nesta súplica ainda pode ir alguma ousada esperança. Nenhuma. Anoiteceu já sobre esta minha juventude. É noite para não ter fim! O sonho da noiva finou-se e vai boiando como se fosse uma flor morta sobre a levada de lágrimas que os meus olhos choravam. O que eu não desejava, o que eu não queria, era que se volvesse em remorso meu a saudade de uns dias, que já parecem distantes e já nunca mais voltam! E tal remorso viria para mim com o infortúnio ou com a perda do vosso glorioso filho por causa de uns amores, que hão de viver comigo para sempre, mas que ele tem o direito de julgar acabados. Onde quer que viva, serei sempre como certas monjas emparedadas, de que eu ouvia falar com horror. O Mundo será estreito e frio em volta de mim, por mais largueza que tenha a felicidade dos outros e por mais carinhoso sol que os meus olhos vejam no céu. Como a cela funerária daquelas desenganadas que nada esperam! Senhora, perdoai e mandai-me a esmola de algumas palavras vossas. Eu sei bem como sois misericordiosa e fico esperando por elas ansiosamente. Pela minha mãe e por mim vos beijo as mãos, e ambas

daqui pedimos a Deus que em boa fortuna vos pague os tantos benefícios que vos devemos — Madalena».

Fazia dó o rosto mortificado de Leonor. Estavam cheios de choro os olhos de D. Dulce. Era de piedade por aquelas duas mulheres novas de tão diverso destino: a que escrevera a carta e essa que a ouvira ler.

— O portador dessa carta ficou de voltar? — perguntou ao monge.

— Disse-me que ao fim da tarde voltaria e mesmo de noite se meteria a caminho.

— Pois então se lhe dará a resposta.

— A demora que hei de ter não será longa — disse-lhe Mendo — e muito a tempo voltarei para vo-la escrever, senhora minha.

— Sim, eu mal podia.

* * *

— Leonor de Gusmão, que má fortuna a vossa, até nisto que uma casualidade enredou assim!

Como se despertasse de um pesadelo, a serventuária foi para ela numa convulsão de soluços.

— Perdoai, senhora da minha alma, mas tenho de faltar à minha promessa!

— À vossa promessa!

— Não posso ficar. Não posso!

— Leonor, mas vede que nenhuma culpa tenho disto! Eu bem quis ver se evitava... Não podia adivinhar...

— Senhora, por amor de Deus vos não desculpeis, pois que não há culpa senão da minha má fortuna. Senhora, como essa amargurada que vos escreveu, também eu vos peço uma esmola de dó. Deixai-me sair e perdoai que vos deixe.

— Mas sair para onde?

— Seja para onde for. Para me sumir.

— Mas olhai cá, minha filha — disse-lhe carinhosamente, puxando-a mais para si.

— Não me trateis assim, que me faz remorso ouvir-vos, porque eu tenho de sair, porque eu não posso já ser a enjeitada do Mundo que o vosso coração misericordioso quer perfilhar.

— Oh! Meu Deus, mas como tudo parece apostado a amargurar-me!

— Senhora, bem vedes que não posso ficar! O vosso coração há de compreender o meu. Não vos amargureis por mim, de joelhos vos peço. Até será um bem para vós que eu saia. Maior tormento seria o vosso, se eu ficasse. Eu é que sou no Mundo a emparedada de que fala a noiva do vosso filho. Sepultada em vida para morrer de pé, sem ninguém ver como esta desgraçada acaba, sem ninguém que não sejam as pedras de um muro para chorarem por mim.

— Leonor, que desvairamento o vosso!

— Senhora, se aqui ficasse, amanhã, depois, seria pior! Não mo leveis a mal; é dever sair. Endoidecia outra vez, endoidecia, que bem o sinto! Chega a ser esmola deixar-me sair.

— Minha filha, na vossa vontade não posso eu mandar; mas deixais-me grande mágoa, até pela culpa que não tive...

— A culpa foi toda minha, que vim aqui mortificar-vos na louca ideia de vos ajudar ao peso da vossa cruz de mãe. Não posso; perdoai! O meu coração mentiu-me. Fraquejou, senhora minha; está cansado de sofrer. Mas o vosso filho melhorou, vós também; que nenhuma falta vos faça. Deixai, deixai! Prometei que não ficais ressentida contra mim.

— Eu, porquê! Pesarosa é que eu fico, Leonor!

— Isso passa. Hão de vir os dias de boa fortuna, os dias de glória para o vosso filho, até da noiva distante Nossa Senhora há de ter dó, e a emparedada no Mundo serei eu.

— E não quereis que se mande aviso à velha Lourença para ir convosco, ou a Afonso Eanes? Ao menos que alguém daqui vos acompanhe — disse-lhe num constrangimento de mágoa.

— Senhora, nenhum aviso; irei só e não tenhais preocupação por mim. Andei sozinha por essas ruas, naquela noite em que a minha pequenina morreu. E só da

sua morte eu tive medo! Senhora da minha alma — disse convulsivamente, ajoelhando-se-lhe em frente do catre — tantas horas vos dê Deus de boa fortuna para vós e para o vosso filho como de lágrimas eu tenho chorado, ainda que seja maior a conta de outras que eu levo comigo.

Ergueu-se, debruçou-se para ela. E beijou-lhe as mãos fervorosamente. D. Dulce abraçou-a e beijou-lhe a face numa tremura de comoção.

— Adeus! — rouquejou.

— Leonor, que a nossa Senhora vos abençoe e vá convosco. E não quereis que eu saiba de vós? Nunca mais vos tornarei a ver?

— Senhora, só Deus o sabe!

Correu para a porta num estonteamento de mortificada.

Atravessou o corredor e passou em frente da câmara de Ruy.

— Deus te salve, e Deus te leve para a noiva que mereces! — disse num estrangulamento de voz — Cavaleiro enamorado, boa glória seja contigo!

Desceu a grande escada a tremer. E lá foi a trambolhar pela rua fora naquela rútila manhã de Outubro.

SEGUNDA PARTE

A EPOPÉIA

CAPÍTULO I

OITO MESES DEPOIS

Estamos em meados de junho de 1385. Tão agitados por grandes acontecimentos políticos foram os meses decorridos desde aquela manhã de outubro, em que Leonor de Gusmão saiu do palácio de D.

Dulce, num estonteamento de amargura, que não podemos deixar de resumir aqui os factos justificadores da situação em que vamos encontrar o país e algumas individualidades preponderantes, que são já do nosso conhecimento.

A 14 de outubro, el-rei de Castela passara a fronteira, entre aquele tresmalhado exército que não pudera tomar Lisboa.

Com o seu admirável poder evocador, Fernão Lopes dá-nos numa dúzia de linhas, de singelo e dramático esboço, todo o quadro sugestivo daquela retirada.

Referindo-se à vanguarda dos mortos naquele préstito funerário, escreveu: Eles iam todos diante sem mistura de

outra gente de armas e cada um levava o seu senhor no seu ataúde coberto de dó, posto em cima de uma azêmola, e ao redor dela todos de pé, vestidos de grande luto, e detrás os de cavalo, que o acompanhavam na vida, com a bandeira das suas armas. Logo outros acerca dele, e assim, iam todos juntos um perante outro, por grande espaço de caminho, a qual procissão era triste e dorida de ver. El-Rei de Castela ia detrás com as suas companhas assaz de bem anojado...»

Para lá da fronteira afastaram-se as mesnadas(*) e os ataúdes cada uma para as suas terras e cada um para as jazidas das suas capelas solarengas ou das catedrais da sua terra natal.

[(*) Os contingentes de homens de armas e de peonagem dos grandes senhores e fidalgos, na maior parte ao soldo do rei.]

De Ciudad Rodrigo, em fins de outubro, escreveu el-rei de Castela uma carta à cidade de Leão, dando-lhe conta do

apertado cerco em que tivera Lisboa e das razões porque se vira forçado a levanta-lo.

Indica-lhe o grande número de vilas e castelos que tem por si em Portugal (nada menos de 71) e pormenoriza que naqueles lugares deixou guarnições castelhanas. Mais de nove mil homens de Castela, afora os parciais portugueses da rainha D. Beatriz.

Notava-lhe el-rei que, no espaço de oito ou dez léguas em volta de Lisboa, não havia castelo nem vila importante que não fosse por ele, e prometia-lhe que, depois de trocadas as suas tropas e reunidas outras, voltaria a Portugal no próximo verão, para acabar aquela demanda que tinha começado. E com este orgulho otimista se referia à famosa demanda, *en la cual, con la merced de Dios, hai muito poco de acabar segun el estado en que queda*...

Queria isto dizer claramente que el-rei de Castela se ia preparar para outra invasão, e no estio de 1385 contava ter arrumada a fácil conquista da herança da sua esposa.

Entretanto, sempre era bom alcançar o patrocínio celeste, e a 19 de novembro lá estava el-rei em Santa Maria de

Guadalupe, aonde fora em piedosa romagem com D. Beatriz de Portugal, a esposa de onze anos, que ele tutelava.

Lá foram para “*rendir gracias à nuestra Senora de haberles librado de la epidemia, y à implorar su protecion para la siguiente conipana*.”

A 24 o Mestre de Avis fora de arrancada contra a guarnição castelhana do castelo de Sintra; mas a fortaleza, empoleirada em abrutas penedias, não se tomava de arremesso, e o empreendimento malogrou-se.

Quatro dias depois a esquadra castelhana levantava o bloqueio e desaparecia do Tejo. Era oportunidade favorável para atacar os castelhanos que guarneciam a vila e o castelo de Almada. E com tão boa vontade o aproveitou o Mestre, que a guarnição capitulou.

Para limpar de invasores as terras vizinhas de Lisboa, partiu o Mestre com outra expedição sobre Alenquer, que também capitulou.

Veio uma revés parcial ensombra estes cometimentos bem sucedidos. Pondo cerco aos castelhanos que guarneciam Torres Vedras, o mestre da ordem de cristo e o prior da

ordem do Hospital (*) foram vencidos numa impetuosa sortida dos sitiados e ficaram prisioneiros.

[(*) Ordem militar dos cavaleiros chamados hospitaleiros. Tivera assinalada origem nas ordens do Santo Sepulcro e de S. João de Jerusalém, fundadas na Palestina, e de onde derivou a dos cavaleiros da ilha de Malta.]

Foi então cerca-la D. João I com as maiores forças de que podia dispor. Entretanto, passado já a oportunidade de pôr em prática o seu temerário plano de ir ao encontro do exército castelhano em retirada, Nuno Álvares cansara-se de esperar em Palmela que o Mestre chegasse com a gente de armas de Lisboa, e partira com a sua hoste para uma nova campanha no Alentejo. Apoderou-se de Portei e foi cercar Vila Viçosa, que se lhe não rendeu.

Entrara o ano de 1385. Nuno Álvares viera a Lisboa e fora com um troço de homens de armas ajudar o Mestre no cerco de Torres.

Alguém do lado dos portugueses conspirava ali contra o Mestre, alguém da nobreza; mas a conspiração descobriu-

se a tempo, malogrou-se, e os chefes do abominável conclui foram presos e justificados.

Torres não capitulava, e o Mestre largou do cerco para ir a Coimbra reunir as cortes. Por esse tempo os partidários da filha de D. Leonor Teles, rainha de Castela, conseguiam outra vez que Alenquer se voltasse contra o Mestre.

Em Coimbra a receção ao Messias de Lisboa foi entusiástica e com arrebatamentos de enternecimento filial como nenhum rei ainda teria visto ali.

Houve uma aleluia doida de júbilos quando a procissão dos patriotas de Coimbra, com o clero à frente, de cruz alçada, foi ao encontro do Mestre, a uma légua da cidade, uma avultada légua de caminho por onde enxameava gente de todas as condições.

E as mulheres com mais afincado enternecimento e mais calorosa expansão de entusiasmo por aquele chefe que defendera Lisboa e por aquele paladino de lenda que vinha ao lado dele e trazia à cinta a espada que mais se temia em Castela — Nuno Álvares.

Até ás crianças aclamavam os dois na sugestiva comoção daquele lance!

Antes que as cortes decidissem o caso da sucessão ao trono e os legistas esmiuçassem a questão de direito, já os beirões de Coimbra tinham confirmado em brados febris de aclamação a realeza que o povo de Lisboa, meses antes, outorgara ao Mestre no famoso comício do largo de S. Domingos.

Foi demorada a discursão em cortes; os legistas falaram demasiado, mas João das Regras, valendo mais que todos eles, sustentou magistralmente a questão de direito em favor do Mestre, e a vontade insubmissa de Nuno Álvares, arrastando consigo a juventude fidalga, consolidou-lhe o triunfo.

Também ali havia oposição, e por parte de Martim Vasques da Cunha, representante da nobreza com assento no 8.° banco, foi de verdadeiro obstrucionismo, como hoje se diria, o seu teimoso propósito de esmiuçar legitimidades.

Chegou mesmo a referir-se ao Mestre, à sua vida pública e ás suas condições sociais com tal audacioso desassombro,

que talvez causasse estranheza nos parlamentos mais livres do nosso tempo!

* * *

Merecem o resumo de algumas linhas aquelas extraordinárias cortes, que levaram largo tempo a discutir uma coisa que o povo de Lisboa já tinha resolvido e, com ele, a parte da nação firmemente portuguesa.

Bem sabemos já como em S. Domingos o Mestre de Avis foi aclamado rei pelo terceiro estado; o Porto não ficou em desacordo com a capital e o povo de Coimbra, quando foi em procissão esperar o Regedor do Reino, também fervorosamente o aclamou como reinante, sem que lhe importasse o que viriam a decidir o alto clero e a nobreza nas cortes convocadas.

Refere Fernão Lopes que os da procissão bradavam pelo caminho alegremente:

Portugal! Portugal! Por el-rei D João, em boa hora venha o nosso rei.

Que lhe importavam à arraia miúda os ajustes feitos em Salvaterra em abril de 1383, as juras e menagens dos fidalgos a D. Beatriz e ao marido, um mês depois em Badajoz, ou a controvertida legitimidade dos filhos de D. Ignez de Castro?

Para o povo, que não queria ser de Castela, só havia um português com direito a ser rei de Portugal. Era aquele, o Mestre de Avis. Não fundamentalmente por ser um filho de D. Pedro I, como era o falecido monarca D. Fernando ou como eram os dois infantes nascidos dos amores com Ignez de Castro; mas por ter sido ele o defensor da pátria e o chefe do povo na conjuntura em que Portugal esteva a pique de se perder.

Para o coração patriótico das multidões, a bastardia, na sua pior aceção, estava do lado daqueles que se presumiam herdeiros. D. Beatriz era a esposa do rei estrangeiro que invadira Portugal para o tornar vassalo seu, e aos dois filhos de D. Ignez de Casiro os considerava o povo uns desnacionalizados. Tinham entrado à mão armada no seu

país, um deles com o rei Henrique de Castela, o outro, numa parceria criminosa, com os castelhanos de D. João i, em desalmada hostilidade contra os seus compatriotas.

Não havia direito hereditário que pudesse resgatar perante a alma portuguesa a má fé e a iniquidade do rei estrangeiro, nem a rebeldia odiosa dos dois filhos dessa infortunada amante, que D. Pedro I levantara da sepultura para uma coroação teatralmente trágica.

A alma do povo compreendeu a funesta e ingrata iniquidade que seria antepor os contestáveis direitos dos pretendentes que estavam em Castela aos outros que o Mestre ganhara, lutando pela causa santa da nação.

As cortes teriam afinal de sancionar o voto das multidões para não perder Portugal. Como o terceiro estado, uma parte do clero e da nobreza levara para a assembleia constituinte do paço de Alcáçova de Coimbra a previsão dos largos destinos nacionais que o Mestre simbolizava.

A assembleia organizou-se com uma pequena parte do alto clero, em que entravam um arcebispo e seis bispos, com mais de cinquenta representantes da nobreza e da alta

magistratura e com cinquenta procuradores das vilas e cidades fieis de Portugal.

Os Vasques da Beira opuseram-se com incendida pertinácia à eleição do Mestre, não por abastardamento de sentimentos patrióticos, mas um pouco talvez por causa das suas antigas relações de amizade com um dos filhos de D. Ignez de Castro e, mais, provavelmente, pelas suas prosápias de homens preponderantes, num empenho de oposição pessoal a D. Nuno Álvares Pereira e aos seus parciais, defensores inabaláveis da candidatura de D. João.

Voluntariosos, assomadiços, de indomável orgulho, é provável que um pouco os mordesse o ciúme pelo valimento, que tinha Nuno Álvares e lhes desse estímulo para aquela contenda obstrucionista a sobranceira firmeza com que o jovem vencedor dos Atoleiros mantinha as suas opiniões.

E tanto esta hipótese é aceitável, que se não fora o intervenção conciliadora do Mestre, a discussão entre as duas parcialidades fidalgas desfecharia num conflito deplorável de batalhadores. Pouco faltou.

João das Regras empenhou devotadamente todo o seu talento de letrado e todas as suas argúcias de aumentador em prol do Mestre de Avis.

Ninguém ousara ali defender os direitos da herança de D. Beatriz e do marido, mas o famoso causídico, um pouco talvez por amor da arte, porfiadamente os rebateu, demonstrando a nulidade do segundo casamento de D. Leonor Teles e, portanto, a condição ilegítima de D. Beatriz e alegando o perjúrio com que D. João de Castela quebrou e anulou os encargos tomados em Salvaterra e em Badajoz.

Mas contra os supostos direitos hereditários dos filhos de D. Ignez de Castro, acanhadamente mantidos pelos Vasques da Beira, foi que o Dr. João das Regras pôs em ação todo o seu arsenal de argumentador. Discutiu o suposto casamento clandestino da amante de D. Pedro, a sua legalidade» dado que se tivesse realizado, e legitimidade dos filhos como herdeiros, leu cartas pontifícias, evocou testemunhos jurados e gastou nisto largas sessões, pondo os miolos em água aos Vasques e em fervuras de impaciência o sangue insubmisso de Nuno Álvares.

Entretanto, o argumento de efeito seguro para os repulsar da herança da coroa estava afinal dentro deste facto público e incontestável — um e outro, D. Diniz e D. João, tinham entrado à mão afinada no seu país, acompanhando os invasores castelhanos. Pouco valia dirimir as razoes pessoais porque tinham vindo cá.

Foi, porém, a torva atitude do batalhador Nuno Álvares que mais quebrou a teimosia dos soberbos fidalgos beirões, e afinal se decidiu que o Mestre fosse aclamado rei.

Foram levar-lhe a notícia oficial da decisão e nesse lance apresentou D. João admiravelmente o seu papel de homem político. Esquivava-se modestamente àquela investidura de tão alto encargo. Com igual dedicação e fervor continuaria a empenhar-se na defesa do reino, simples cavaleiro como até ali — prometia; pois que, se como chefe tivesse de ficar vencido nalguma decisiva batalha, menor desdouro seria para a nação e de menos alarde para Castela que o fosse na sua qualidade de Mestre de Avis do que levando consigo a coroa de Portugal..

Alegou os seus votos de cavaleiro professo a impedirem-no de contrair matrimónio como cumpria a um monarca, e

aconselhou os delegados das cortes a que pusessem de parte a questão da coroa e deliberassem com urgência no tocante aos recursos extraordinários para manter a guerra.

Pois tiveram as cortes de lhe vencer os escrúpulos e de instar com ele para aceitar a coroa! Era sem dúvida nenhuma aquele batalhador de vinte sete anos um hábil diplomata e um grande ator de alta comédia política, tão necessária ás vezes nas conjunturas mais trágicas de uma nacionalidade.

A aclamação fez-se a 6 de abril nos paços da Alcáçova de Coimbra. As cortes votaram o alteamento das sisas para fazer face aos encargos da guerra, e o novo rei atendeu e deu validade aos capítulos(*) apresentados pelos procuradores do povo.

[(*) Capítulos chamavam-se às propostas, pedidos, queixas ou reclamações apresentadas ás cortes. O rei respondia ou não a esses capítulos, e atendia-os ou deixava de os atender conforme a sua vontade.]

Os de Lisboa, esses então obtiveram quase tudo quanto pediram, assinalando uma alta preponderância como o terceiro estado nunca até ali tivera.

Os procuradores da cidade bem sabiam já o muito que podiam esperar da grata e amorável dedicação do novo monarca.

Logo em 10 de abril se tornara pública uma carta régia, que é bem o mais soberbo e glorioso atestado dos heroicos serviços prestados pela capital e do galardão magnânimo, com que o rei os premiou.

El-Rei, ouvidas as cortes, da sua própria autoridade, liberdade, livre vontade e poder absoluto, lhe dá, aprova, outorga e confirmo todos os privilégios, liberdades, bons usos, foros e costumes que os seus antecessores lhe tinham concedido e mais as graças, prémios, doações, liberdades e privilégios que os seus procuradores tinham pedido nos capítulos propostos ás cortes.

Era uma larguíssima ampliação das concessões e doações que tinha feito aos habitantes de Lisboa e o seu termo em 6 de outubro do ano anterior, já por nós resumidas.

Apontaremos apenas as novas concessões que temos por mais altiva afirmação da soberania popular e das imunidades municipais.

Dava à cidade, pelas suas autoridades próprias, jurisdição em certos casos, até ali exclusivamente sujeitos à autoridade do almirante ou de capitão-mor das galés. Jurisdição perpétua nos conda dos de Alverca o, Barcarena e nos reguengos.(*) Aplicava as isenções e privilégios dos lisbonenses àqueles que tivessem vindo para defesa da cidade e nela fixaram moradia. Para eles e os seus descendentes.

[(*)Terras do património real. Reguengueiros eram os que pagavam tributos à coroa pelo usufruto dessas terras.]

Aceitava que os selos públicos estivessem sempre confiados a pessoa da escolha do rei, mas que fosse natural de Lisboa.

Assegurava à cidade o direito consuetudinário de eleger anualmente os juízes do seu foro, pois que este costume

fora postergado no reinado anterior.

Concedia aos moradores de Lisboa, que fossem portugueses, o uso das suas armas em qualquer lugar do país, e defendia que em qualquer parte do reino lhas tomassem as justiças.

Deferiu que as chaves das portas da cidade fossem confiadas aos representantes do município, dispondo que dois homens bons à escolha dos munícipes as tivessem sob sua guarda numa arca da casa da câmara. (*)

[(*) Havia três chaves para cada porta das muralhas, uma ficava em poder do alcaide, delegado do rei, e as outras duas na arca da câmara. Dali as levavam ao amanhecer para abrir as portas e para lá voltavam logo. À noite tornavam-nas a levar para fechar as portas e reconduziam-nas para a casa da câmara. Isto, é claro, em condições normais.]

Prometia que os serventuários da rainha D. Leonor Teles não seriam reintegrados nos empregos da cidade, que em outro tempo tivessem exercido.

Que não haveria couteiros nem proibição de caça no termo de Lisboa.

Que nada resolveria quanto ás coisas da guerra em que o reino estava empenhado, sem ouvir conselho e tomar acordo com os representantes da cidade, pois que neste empenho tinha sido ela a primeira.

Que poria cobro aos abusos dos fidalgos e cavaleiros no to cante à sua hospedagem na capital, pois que alguns arbitrariamente dispunham, como de propriedade sua, das casas, roupas e mantimentos dos moradores a quem tocava dar-lhes pousada; mas que o município se obrigaria a preparar albergues para os que viessem a Lisboa receber os seus dinheiros.

Mantinha à cidade o direito de escolher os procuradores e advogados que lhe cumpria eleger, ficando a escolha subordinada à confirmação régia.

Anularia o privilégio concedido por el-rei D. Fernando aos estrangeiros residentes, para terem cônsules com o cargo de juízes seus privativos, afrontando assim a jurisdição e os direitos da cidade.

Dava privilégio aos oficiais da coroa, que fossem ou tivessem sido juízes, almotacés, corregedores ou vereadores do concelho, e aos seus filhos e netos, para que não fossem postos a tormento por castigo, senão nos casos em que o deviam ser os fidalgos, visto que pelo foro antigo de Lisboa os cavaleiros da cidade tinham honras iguais aos infanções. (*)

[(*) Os infanções constituíam nos primeiros tempos da monarquia uma classe privilegiada abaixo dos ricos homens, que assim se dominavam os de mais enobrecida linhagem.]

O Rei juraria manter ao povo os seus direitos, fazer-lhe justiça, guardar-lhe os foros e costumes, e conservar-lhe todas estas graças, direitos e prerrogativas.

E depois destas concessões, que representavam outras tantas conquistas do terceiro estado, ainda D. João I alargou consideravelmente o termo de Lisboa, incluindo nele as vilas de Sintra, Alenquer e Torres Vedras.

Também se não esqueceu da leal e valorosa cooperação do Porto e das heroicas provações de Almada, e a uma e outra deu graças de honroso galardão.

* * *

D. João I nomeou Condestável e o seu Mordomo-mor (*) ao jovem vencedor dos Atoleiros e deu provimento definitivo a outros cargos do estado.

[(*) "Condestável" e "Mordomo-mor" Eram os dois mais altos cargos do estado no exército e na corte.]

João das Regras continuaria a ser chanceler-mor do reino, em substituição de Lourenço Anes Fogaça, que fora numa embaixada a Inglaterra, para lá tratar de obter socorros militares e o estreitamento da aliança entre os dois estados.

Agora esse que fora Mestre de Avis tinha de ir defender nos campos de batalha, com a bandeira de Portugal, a coroa que as multidões e as cortes lhe tinham dado.

Dias depois, por meados de abril, o rei de Castela, já em Córdova, depois da longa enfermidade que o retivera em Sevilha, ordenava que a armada voltasse a bloquear Lisboa e que a hoste do arcebispo de Toledo invadisse a Beira, ao mesmo passo que a hoste real ia contra Elvas para a cercar.

Pela sua parte os homens da Galiza outra vez tinham invadido o Minho e era preciso ir rebate-los de lá.

Sem ter ainda conhecimento dos aprestos para a invasão da Beira e do Alentejo, o novo rei partiu para o Porto. O Condestável precedera-o. Era lá que ele tinha a esposa e foi naquela cidade que o monarca lhe fez doação do condado de Barcelos, para o juntar ao outro de Ourem.

Foi um coisa vertiginosa aquela campanha de Nuno Álvares contra as forças da Galiza e os parciais portugueses de D. Beatriz. Tomou os castelos de Neiva, Darque, Viana, Cerveira, Caminha e Monção; depois por ordem do rei, retrocedeu para tomar Braga, e com o monarca foi bater o

castelo de Guimarães, que se lhes entregou em maio. Dias depois tomavam o castelo de Ponte-do-Lima.

* * *

Voltemos ao paço de D. Dulce. Logo em fins de outubro teve o filho uma recaída gravíssima, que outra vez o pôs em perigo de vida. O ferimento da garganta inflamara-se-lhe e tomou tão mau aspeto, que o físico chegou a prevenir a pobre mãe do fúnebre desenlace com que contava. A febre era violentíssima, uma febre maligna como a diagnosticava a medicina daquele tempo.

Ao cabo de longos dias de tortura para ele, e mais decerto para a mãe, a doença deu volta, como o físico dizia, e as boas esperanças voltaram.

A convalescença foi longuíssima e Ruy soube da partida do Mestre e dos seus companheiros do esquadrão dos Namorados para o cerco de Torres e depois para as cortes de Coimbra. Soube-o com profunda e indefinível tristeza de alma.

Mas não podia ir. Não lhe dariam as forças para as longas jornadas e, menos ainda, para voltear nos ares a sua pesada lança.

Fazia dó. Tinham-se lhe cavado os olhos e as faces e sobre a palidez baça do rosto como que se derramava o clarão febril do seu olhar entristecido.

— Esperarei, — disse um dia com amarga resignação ao tio Mendo — esperarei que Deus me de alento e então irei resgatar este muito tempo perdido.

Em meados de junho, já mais refeito de forças, mais a prumo aquele corpo que lhe andara dobrado como se fosse de velho, soubera Ruy do êxito brilhante da campanha do Minho por uma larga carta em que o Magriço lhe referia as audácias felizes dos Namorados, cada vez em maior número, mas ainda sem constituírem hoste independente e distinta das outras, como era desejo de todos. Parte com a hoste d’el-rei, outra parte com o Condestável, e assim andamos espalhados com grande desgosto de todos nós, meu querido Ruy — dizia-lhe Álvaro Coutinho.

— Um dia será, talvez muito breve — comentou o convalescente há de ser hoste que se não confunda com outra qualquer e, tantos hemos de ser, que nalguma grande batalha haveremos de formar ala que dê nome e de alguma glória seja para esta nossa terra. Hei de eu ir fazer o pedido a El-Rei e ao Condestável. Antes a Nuno Álvares talvez, que tem mais sonhos e mais coração jovem que o rei. Ainda sou capaz de ir ter com eles ao Minho. Mais uns dias e vou.

* * *

A tia Lourença ia de vez em quando a casa de D. Dulce para saber dela e do filho.

Se ia de manhã cedo, era quase sempre o velho Gonçalo Vasques quem lhe falava, ao vezo de saber notícias; mas, se ia mais tarde, a ilustre dona do paço mandava-a entrar para os seus aposentos e ficava-se a conversar com ela por largo tempo.

Ás vezes era a respeito da desventurada Leonor de Gusmão que as duas mais conversavam.

Desde que saíra daquela casa nunca ninguém mais soubera dela, apesar das constantes indagações que D. Dulce mandara fazer e das reiteradas pesquizas que a intrépida regateira tinha feito pela sua devoção particular.

Naquele dia, era pelo S. João, a Lourença foi lá por volta das 11 horas e então não esperou que D. Dulce a mandasse entrar para conversarem, pediu ela para lhe falar. A ilustre senhora mandou-a logo conduzir para a saletazita de costura.

— Deus vos salve, senhora minha.

— E a vós, senhora Lourença. Vindes com cara de caso!

— De dois casos é que é, minha nobre senhora.

— Querem ver que destes vós com o paradeiro da infortunada?

— Dar não dei, mas estou na suspeita de que posso dar.

— Pois assentai-vos aí e dizei.

— Já me não inclino a crer que a desgraçadinha, tão linda e tão mimosa, mal empregada! Se tivesse deitado ao rio para morrer!

— Disso também eu me lembrei com grande mágoa da minha alma, pois seria o maior pecado da sua vida!

— -Não, senhora minha; agora já não é para aí que vai o meu sentido. Quis Deus que ontem à noite me fosse lá dar ao casinhoto o hortelão velho decerto convento de monjas, que ao depois vos direi. O velhote vinha cheio de mágoa e de queixas contra as madres, que o tinham despedido, e, como era meu conhecido antigo, lá me surdiu para desabafar comigo. Palavra puxa palavra, as palavras são como as cerejas, e com a má vontade que trazia ao mosteiro, e mormente à abadessa, o homenzinho começou a descoser-se a respeito das coisas que lá se têm passado.

— E deu-vos alguma nova de D. Leonor, estou já adivinhar!

— Não foi bem assim, senhora minha. Notícia certa não me deu nenhuma; mas eu ajudei-o disfarçadamente a despejar o saco, e o velho falou-me de uma linda jovem que

pra lá tinha entrado, vai em oito meses, muito chorosa e mortificada. Ele por acaso a viu entrar e, bem que não saiba dar sinais certos, pois que só reparou que era jovem e bonita, alguma coisa disse que me fez desconfiar...

— Que fosse aquela desditosa dama?

— Isso mesmo foi o que eu logo pus na minha ida.

— E o dia?

— Disso é que o velho se não recorda. Que foi em outubro é que ele tem bem na ida.

— E nunca mais a tornou a ver?

— Nunca mais. A ordem é muito apertada de rigores. Criaturinha que lá entre para se entregar ao nosso Senhor, nunca ninguém mais, que não sejam as outras monjas, lhe põe a vista em riba! Basta que eu vos diga, senhora minha, e isto me contou o velho como se fosse o segredo maior de mosteiro, que até lá têm um nicho em certa parede oculta onde em tempo esteve uma emparedada. Lá com o seu desgosto e com aquela espinha de o terem mandado embora atravessada no coração, o velho pôs tudo em pratos limpos.

— Admira que o tivessem despedido, sabendo ele de tudo isso!

— Mas as madres é que não sabiam que ele tinha dado casualmente com o tal nicho de meter gente. Santo nome de Deus, que até faz arrepiar! Eu já tinha ouvido dizer o que era, e uma vez fui ver o nicho daquele Fr. João que estava emparedado numa barroca, do lado de fora das portas de Santa Catarina. Havia lá uma casinha de pedra e vai o santo frade, que viera de Jerusalém, onde pelos modos já tinha estado emparedado, foi ali meter-se e pediu que lha tapassem toda a pedra e cal e só no alto da porta lhe deixassem aberta uma fresta por onde lhe entrasse o ar e lhe pudessem meter lá pra dentro o pão e a água! Credo! É uma sepultura posta a pino para alguém morrer aos poucos, de pé! E era da tal fresta que ele falava à gente que lá ia pela sua devoção. Até lá foi um dia ouvi-lo o Mestre de Avis, agora o nosso rei. Haveis de ter ouvido falar.

— Ouvi... Creio que ouvi — respondeu-lhe como quem está a pensar nalguma coisa inquietadora.

Lembrara-lhe a carta em que Magdalena se considerava uma emparedada no mundo e, associada a esta lembrança,

agora se recordava do modo como Leonor notara aquela comparação e a tomara para si.

— Quem sabe? — perguntara à sua própria alma, oprimida de dó.

— Nos conventos das freiras também há emparedadas, ou houve — continuou a tia Lourença. Uma mulherzinha do Porto, que era muito minha vizinha, contou-me uma vez, que sabia de algumas que lá tinha havido como fama de santas.

— Mas olhai cá: o velho disse-vos que estava alguma monja emparedada nesse tal convento?

— Disse-me que não estava lá nenhuma, que ele tivesse percebido. Senhora, perdoai, mas porque mo perguntais?

— Por uns receios só meus, em que não vale a pena falar.

— Já entendo. Receios de que a pobrezinha, tão amargurada do mundo afinal se quisesse lá sepultar em vida?

— Sim, talvez isso. Eu tratarei de ver se posso procurar o Senhor Bispo ou pedir a quem no meu nome lhe fale, para se evitar algum desvairo daquela mortificada dama, dado que se trate de D. Leonor, como creio.

— E eu agora, como se já tivesse a certeza! Fez-me muito dó e tomei-lhe amizade. Só Deus sabe o que eu tenho chorado por ela!

— E nada mais sabeis?

— Senhora, sei o outro caso em que vos queria falar.

— E esse também a respeito de D. Leonor ou dalguém desta casa?

— Minha nobre Senhora, disse-lhe numa súbita mudança de rosto, um intenso fulgor de júbilo nos seus olhos de pálpebras engelhadas — este agora é caso de outra laia; é a respeito de nós iodos, pois que da nossa terra se trata! Estou a perceber que ainda nada heis ouvido acerca dele!

— Não sei a que vós quereis referir, — volveu-lhe alvoroçada — nem a mim me vieram contar nada de novo! Querem ver que algum desastre sucedeu na guerra do

Minho? — disse sem lhe ter notado a expressão radiante do olhar.

— Isso sim, senhora minha! Pôs-se Deus do nosso lado, e a alma da nossa gente está merecendo bem que o nosso Senhor lhe dê boa fortuna. Agora foram os beirões que deram uma esfrega mestra nos negregados de Castela Estava o povo todo alvoroçado no Rocio a ouvir um escudeiro jovem, que esta manhã chegou de Trancoso com mensagem do fidalgo Martim Vasques da Cunha para os vereadores e para os da Casa dos Vinte e Quatro. Também venceram a sua batalha os fidalgos da Beira e, pelo que o dito escudeiro conta, foi uma batalha desenganada a que eles venceram! Bom S. João trouxeram eles à nossa terra e com maior gana hão deste ano saltar as fogueiras os rapazes e as meninas beiroas! E os castelões gadelhudos perdoai me esta gana com que eu deles falo, apanharam aquela tosquia depois de março! Foi para seu castigo! Contava o escudeiro, estava a conta-lo ao mestre Afonso Eanes, contava que os malvados tinham deitado fogo a Celorico e Viseu, a fora o mais de roubalheira e

desonestidades que eu ouvi muito por alto! Talvez ainda o senhor Ruy não saiba desta boa nova?

— Provavelmente não sabe, porque ainda hoje não saiu, mas vou eu levar lhe a notícia.

— Pois ide, ide, senhora minha, que o vosso filho é um dos que têm mais alma para dar a esta nossa terra. Ficai com Deus e perdoai alguma palavra que fosse de menos respeito para vós. Não foi com má intenção.

— Isso sei eu bem.

— As mulheres da minha ralé trazem o coração muito ao pé da boca, e dizem as palavras sem irem embiocadas, pão pão, queijo queijo, e chamam ás coisas pelos seus nomes. E eu cá por mim, em se tratando daqueles malditos castelões, até a língua me parece espada contra eles!

— Bem sei, bem sei — volveu-lhe a sorrir. Ide com Deus e aparecei para combinarmos o que se há de fazer para encontrar o paradeiro de D. Leonor. Ide com a melhor vontade do meu coração!

— Minha nobre senhora, amanhã voltarei cá, se Deus Nosso Senhor quiser.

— Pois sim. Até amanhã.

* * *

Ruy estava na sala de armas com o tio Mendo e o Gonçalo Vasques.

— Ora vai o tio ver se eu ainda não tenho forças para brandir nos ares, por meia hora seguida, esta lança grande com que o meu avô se fartou de golpear mouros na batalha do Salado.

E arrancou a da panóplia.

— Grande batalha foi e boa e desinteressada glória ganharam lá os nossos, ajudando a salvar da invasão moura todos os reinos das Espanhas — memorou Mendo Rodrigues.

— Das maiores, segundo contam — dizia Ruy a sopesar a lança.

E o Gonçalo Vasques, de olhos nele, a sorrir, com um grande enlevo paternal.

— Que a outra das veigas de Santarém, contra o poder do Miramolim de Marrocos, no tempo do senhor D. Sancho i, não foi menos terrível — recordou Mendo Rodrigues — e nessa esteve o bisavô da tua mãe, já homem idoso de noventa anos como aquele grande cavaleiro de Beja...

— Que foi Gonçalo Mendes da Maia, no tempo do senhor rei D. Afonso Henriques — acudiu Ruy, floreando a lança formidável. Já a aguento bem. Falta experimentar se serei capaz de fazer o mesmo com a armadura vestida.

— Para que batalhas se está então preparando o meu dom cavaleiro da hoste dos Namorados? — perguntou da porta D. Dulce com um pálido sorriso.

— Minha mãe! — disse indo para ela enternecidamente. Estava a experimentar forças — explicou, beijando-lhe a mão.

Ainda é cedo, Ruy. O físico já me disse que só daqui a duas ou três semanas poderás ir juntar-te à hoste do senhor D. João i.

Ensombrou-se-lhe o rosto de tristeza e logo, por disfarce, acrescentou:

— Falavam de batalhas antigas; eu ouvi ali da porta. E já agora, que é da guerra que mais se fala, até eu venho trazer-vos noticia de uma batalha, não de há séculos, mas tão nova, que é já deste mês e talvez da semana que passou.

— No Minho? — perguntou Ruy com alvoroço.

— Não, na Beira foi que ela se deu e muito perto de Trancoso.

— E quem venceu?

— Venceram os nossos.

— -Mãe e senhora minha, como soubestes vós de tal batalha, e quem nos diz que não seja algum boato falso?!

— Alguém o ouviu a pessoa que de lá veio, não decerto para nos trazer uma falsa notícia.

Um criado apareceu à porta e disse:

— Senhor Ruy, meu amo, mestre Afonso Eanes chegou e muito deseja falar-vos em companhia de um desconhecido, que se diz escudeiro do nobre senhor de Trancoso.

— Pois que entre para aqui com esse escudeiro, se é do vosso agrado, Mãe e senhora.

— Decerto que é. E vais ter agora quem te conte bem o mais que eu te não sabia dizer.

* * *

Afonso Eanes entrara com o escudeiro, jovem de vinte anos, pertencente a uma honrada família de Trancoso.

Breves saudações, a apresentação do recém-chegado em meia dúzia de palavras, e logo o Juiz do Povo expôs o intento com que viera.

— Quis parecer-me — disse para Ruy de Vasconcelos — que muito vos havia de aprazar ouvir contar uma honrada batalha que os da Beira, há poucos dias, venceram a gente de Castela, e por tal pensar foi que pedi a este senhor escudeiro o favor de me acompanhar à vossa presença, para que ele vos dissesse como o feito se praticou.

— Com o maior aprazimento do meu coração ouvirei as vossas notícias, senhor escudeiro, e muito vos agradeço a lembrança de aqui vires com tal agradável mensageiro, mestre Afonso Eanes, honrado Juiz do Povo.

D. Dulce sentara-se no escabelo alto de espalda e os homens em escabelos rasos, em volta da grande mesa. O escudeiro, beirão moreno, esbelto, de rija musculatura, figura atraente de lutador aventuroso, pediu licença à ilustre senhora para ficar de pé e foi resumindo por esta forma, com sugestivo desvanecimento, a proeza dos beirões, seus conterrâneos:

— Senhora minha, perdoai se não souber contar bem como o feito se deu naquela comarca da Beira e bem nas vizinhanças daquela terra de Trancoso onde eu nasci e minha, mãe morreu. Mal chegou este mês do S. João, soubemos nós que os de Castela tinham entrado na Beira pelos lados de Almeida, que está por eles, e tudo vinham devastando, sem piedade para ninguém. Eram homens de prole com a sua peonagem esses que D. Pedro Tenório, arcebispo de Toledo, convocara e em Ciudad Rodrigo se juntaram para aquela investida. De quatrocentas lanças,

distintos cavaleiros, duzentos ginetes e dois mil besteiros e peões, soubemos que era a hoste que vinha ao mando de um tal Castanheda, fidalgo de grandes ousadias e de farroncas ainda maiores que os feitos. Isto afora outra gente de menor valia, que os vinha acompanhando para os roubos e devastações. Por má fortuna da minha comarca, andavam desavindos e pareciam inimigos de figadal rancor os dois mais poderosos e valentes senhores daquelas terras. Eram eles Gonçalo Vasques Coutinho, alcaide-mor de Trancoso, e Martim Vasques da Cunha, senhor de Linhares. Nem um nem outro se queria descer do seus ressentimentos, e por tal desavença se não juntavam para ir tomar o passo aos de Castela, pois que a um deles havia de pertencer o mando da hoste e nenhum dos dois queria ser o segundo. Vieram então chegando pessoas espavoridas dos lados de Pinhel e Viseu, e o que essa pobre gente contava dava horror! Os campos estavam arrasados, as aldeias desertas, as searas a arder, tudo roubado, igrejas, solares, casebres, e a cidade de Viseu a sumir-se nas suas próprias cinzas!

— Meu Deus, que horror de guerra! — exclamou D. Dulce num confrangimento de dó.

— Essa hoste do Castanheda não passava afinal de um bando de malfeitores! — disse Ruy de Vasconcelos num impulso de rancor.

— Dos piores malfeitores, senhor cavaleiro! — confirmou o narrador. De tal empedernida crueza e danado ânimo, que violavam mulheres e matavam pobres velhos inofensivos, só para fartarem o ódio que nos têm por este grande crime de não querermos Portugal sujeito a el-rei de Castela! E aos que eram de famílias nobres ou homens novos e fortes do povo os tomavam por cativos, no sentido de vender os fidalgos pelo preço do resgate, e tornar servos seus os outros de condição humilde!

— E por causa de uma desavença entre dois homens da mesma raça e da mesma terra, se deixava o passo livre a esses salteadores de balsões fidalgos! — comentou Ruy com profunda repulsão.

— Assim foi por desgraça nossa! E ao desamparo uma tão antiga e ilustre cidade como Viseu! Lá houve ainda

quem a defendesse e da Sé fizesse uma torre de menagem para a derradeira luta; mas o templo ficou alagado de sangue, os altares foram roubados e a cidade entregou-se quase reduzida a cinzas! Alfim quis Deus que os dois desavindos senhores da Beira viessem a entender-se como homens de honra e leais portugueses.

— Talvez na mágoa e no remorso de verem assim devastada e em tais horrores a terra que os dois podiam e deviam defender? — disse Ruy.

— Assim o creio também. O que os fugitivos de Viseu e das pobres aldeias mortas, tresmalhados e a monte pelas vizinhanças de Linhares e Trancoso, vinham contar confrangia de dó e queimava de vergonha e desespero! Mas sabei que o nobre alcaide de Ferreira Daves, João Fernandes Pacheco, muito fez e muito de alma se empenhou para que melhor e mais facilmente se entendessem e perdoassem Gonçalo Vasques Coutinho e Martim Vasques da Cunha. E então, o de mais alta prosápia e maior poder, que era Martim Vasques, rejeitou o mando que lhe cabia e quis que fosse dado ao outro, seu inimigo da véspera!

— Mais assim se enobreceu! Falou tarde, mas falou alto, o seu coração de homem leal! — disse Ruy calorosamente.

— Depois era ver como os dois andavam ao desafio em qual havia de empregar maiores esforços e pôr mais alma no resgate e no desforço daquela funesta invasão! De afogadilho e como era possível, se juntaram umas trezentas lanças e uma multidão de peonagem mal armada, lavradores bisonhos muitos deles. Ao todo uns dois mil para rebater a hoste de Castanheda! Soube-se então que os de Castela, avisados de que havia enfim alguém que fosse contra eles, se iam meter nas suas terras para pôr a salvo os avultados roubos que levavam. Da nossa parte se resolveu que lhes fôssemos ao caminho cortar a retirada. E como se não queria faltar ás — boas regras da cavalaria, nem que a alguém parecesse que só de surpresa nos atreveríamos a ir combatei os, a João de Castanheda foi mandado um. Escudeiro com cartel de desafio para lutar em campo aberto. Castanheda recebeu o desafiador com os seus alardes de farfante e com ares de generosidade, a fingir-se paladim como os dos antigos romances de cavalaria andante, ao escudeiro mandou dar de alvíssaras o

seu mais soberbo cavalo. Simulava assim que muito lhe aprazia lutar connosco, mas a verdade é que os seus não ajudavam o fingimento, pois estavam na impaciência de pôr os despojos da ladroeira a bom recato. O escudeiro aceitou a oferta com um riso de escárnio, dizendo-lhe que pelo caminho rebentaria o cavalo de presente para chegar mais cedo com a boa nova, de modo que a batalha não se demorasse e os roubadores e incendiários topassem enfim diante de si homens de armas com quem todas as contas se ajustassem.

— Boa e destemida resposta a desse escudeiro! — disse Ruy entusiasticamente. Estimaria conhecê-lo.

— Diante de vós o tendes. O escudeiro desafiador era eu.

— Pois por amigo meu vos desejo — acudiu, erguendo se e indo para ele — e por tal destemido desafio vos abraço.

Abraçaram se com fervoroso entusiasmo.

— Dizei-nos agora como foi a batalha, de que há pouco ainda ouvi falar muito por alto.

— Em busca deles saimos de Trancoso, e numa veiga, cerca de certa ermida da invocação de S. Marcos, os esperámos. Ao cabo de pouco tempo os descobrimos com as suas récuas de setecentas azémolas, ajoujadas de despojos das grandes povoações e aldeias roubadas. Percebia-se bem que não estavam com grande vontade de vir sobre nós, e muito cozidos de um lado à ribeira que chamavam das Frechas e do outro à lomba de um monte, se nos queriam escapar manhosamente.

— Estavam com receio de perder as récuas de azémolas — observou Ruy.

— Por isso era, e não por falta de ânimo, que se nos queriam escapar, pois bem sabíamos nós que vinham ali homens de armas com larga experiencia de guerra e fidalgos cavaleiros de boa fama. A nossa gente tinha-se formado em cerrado (*) para melhor resistir à excelente cavalaria que eles traziam, e as três centenas de cavaleiros que tínhamos, ali se apearam para que todos lutassem de pé em terra, com as lanças de conto fincado no chão. Dizem que assim foi nos Atoleiros e assim era preciso que fosse

ali, para opor aquele sedeiro de lanças e chuças ás arrancadas da sua poderosa cavalaria.

[(*) Formação militar em quadradura ou quadrado]

E para os esforçarmos a combater ou a fugir vergonhosamente para as suas terras de Castela, nos fomos acercando mais da ermida no intento de lhes tomar o passo. Enfim se decidiram. E vendo que os nossos estavam todos apeados, os seus quatrocentos cavaleiros de lanças se apearam também. Mas ainda lhes ficaram para as maiores arremetidas os duzentos da cavalaria dos ginetes. E foram destes as primeiras arrancadas de fúria bravia, não contra os que pelas suas armaduras se via bem que eram homens de armas, mas contra aqueles que, de barretes e saios de burel, sem peitoral de ferro e sem braçais, chuças e foices em vez de lanças, lhes pareceram arraia bisonha dos campos. E era. Coitados dos pobres lavradores e ganhões de jorna, que nunca tinham visto um combate! Em alaridos e apupos, as trombetas a darem o sinal da arrancada, os pendões a esvoaçarem no ar, os bacinetes de plumas e os arneses polidos a reluzirem ao sol, os duzentos

ginetes com tal soberbia largaram à desfilada sobre os rústicos das chuças e foices, que logo os tresmalharam espavoridos e foram chacinando na fuga. Ficou o cerrado roto! Assim como se um lanço de muro se tivesse esbarrondado naquela quadrela feita dos nossos peitos.

— Maus princípios! — notou Ruy.

— Maus. Mas enquanto os ginetes iam sobre os bisonhos que fugiam, o cerrado fazia o que não podem fazer as muralhas das cidades. O boqueirão fechava-se e os homens de armas ali ficavam firmes e animosos para vencer os três a quatro mil de Castela ou para lá morrerem pela nossa terra.

— Eram muitos os bisonhos?

— Cerca de dois mil seriam.

— E os que ficaram?

— Trezentos bem armados de lanças e uns restos da peonagem bisonha.

— Contra três ou quatro mil, só por um milagre de esforço podiam vencer!

— Pois fez-se o milagre, senhor cavaleiro! E olhai que foi ao custo de muitas vidas dos inimigos que ele se fez naquela encarniçada luta, que durou desde manhã até à boca da noite!

— Soberbo feito esse dos trezentos homens dai mas beirões! Dos bisonhos que ficaram nem vale a pena fazer a conta.

— Dos fugidos alguns voltaram, mas eram os trezentos que lhes davam alma a eles. Por fim os castelhanos já batalhavam como enlouquecidos. Enchia os de desespero aquele cerrado que se não rendia. Da nossa parte era para ficar ali ou pô-los a eles em fuga. Estavam bem juntos os corações e os braços, e até parecia que uma só alma gritava dali: S. Jorge e Portugal! E após este brado, cada companha a gritar o apelido do seu chefe como se fosse um pregão de guerra. Cunha! Vasques! Coutinho! E eles sobre nós, a bradar: Santiago y Castilla!

— Benditas horas as desse glorioso dia! — exclamou Ruy num arrebatamento de entusiasmo, numa vibração sugestiva, que agitava o coração dos dois velhos e punham enternecidas lágrimas nos olhos magoados de D. Dulce.

— Caíam varados, a escabujar em volta do cerrado os que de lá vinham com mais alma e maior nomeada. Eu vi ir a terra os mais ilustres e assinalados dos seus chefes, os de mais alta prosápia, os que traziam brasões dourados nas suas cotas de armas. Nem as quatrocentas lanças fidalgas nem os virotes dos seus mil besteiros puderam derrubar aquelas pequenas muralhas de homens. Enfim o sol sumia-se, e deles, os que menos obrigações de fidalguia tinham para ali morrer, como o sol se nos sumiram, fugindo! Ficaram no nosso poder os despojos que traziam e, de muito mais subida valia, a pobre gente que eles levavam cativa. De quantos deles tinham nomeada só ali colhemos vivo o capitão dos ginetes Pedro Suares de Quinhones, que foi quem nos deu informação de quantos eram eles ao todo e dos mais insignes que ali morreram. Assim foi aquela batalha de Trancoso e assim lhe chamamos nós os da Beira. Não sei se alguém achará demasiada honra chamar-lhe batalha, pois que era pequeno o número dos que ali lutaram.

— Tal nome lhe fica bem pela grandeza do esforço. Valentes homens de armas são os de Castela para que se

não tenha por assinalado feito essa vitória dos trezentos contra mais de três mil.

— Batalha de onze horas sem descanso e os de Castela com a morte de tão experimentados capitães que, por eles, se pode dizer que valeram a perda de muitos milhares de homens.

— Com razão o dizeis. Das vossas palavras se entende que também vós fostes dos trezentos.

— Desses fui, senhor cavaleiro, e com tal ajuda de Deus, que só de leve uma lança inimiga me feriu neste braço.

— Mãe e senhora, muito seria do meu agrado que este valente escudeiro aqui fosse connosco nos dias de demora que houver de ter em Lisboa.

— Filho, por mim e por ti lhe oferece a pousada da nossa casa.

— Senhora minha, tamanha honra! — disse o escudeiro, curvando-se reverente.

— De muito mais sereis merecedor — volveu lhe D. Dulce afetuosamente.

— Quando contais pôr vos a caminho da vossa Beira? — perguntou-lhe Ruy.

— Uns dias espero demorar-me em Lisboa, pois me não parece urgente voltar a minha casa. Não creio que tão cedo tornem à veiga de Trancoso os castelhanos de D. Pedro Tenório, arcebispo de Toledo.

— Nisso também eu creio — disse-lhe Ruy sorrindo, como se naqueles seus deslumbramentos de homem de guerra um pouco se lhe tivessem amortecido as mágoas dos seus mal aventurados amores.

CAPÍTULO II

O MENSAGEIRO DOS NAMORADOS

O escudeiro de Trancoso deixou-se ficar em Lisboa e, a pedidos de Ruy, se conservou na carinhosa hospedagem do paço dos Vasconcelos. Era ele até um dos companheiros diletos do jovem cavaleiro nos seus passeios de exercício para enrijar e adestrar os músculos, emperrados e enfraquecidos pela demorada doença.

Por sua parte D. Dulce andava cada vez mais afervorada na devoção caridosa de encontrar o paradeiro da infortunada Leonor. Não era empresa fácil. Dado mesmo que tivesse ido acolher-se ao mosteiro, a que a velha Lourença fizera alusão e depois lhe designara, e tudo levava a crer que fosse, grandes e pacientes diligências era preciso fazer, movendo influências preponderantes, para obter das monjas a confirmação daquela suspeita.

A regra do mosteiro tinha excecionais severidades e os segredos e mistérios daquela clausura eram afincadamente

guardados e com inquebrantável tenacidade defendidos da gente profana.

* * *

Chegara notícia de que o rei de Castela retirara do cerco de Elvas. Com as suas hostes e em Ciudad Rodrigo estava concentrando todas as forças de Castela para uma nova e maior invasão de Portugal.

E até se afirmava que o príncipe herdeiro de Navarra ajudaria o cometimento com a sua hoste, e que de Gasconha e do Bearne esperava el rei de Castela avultados reforços de fidalgos campeadores, de insigne estirpe, com os seus cavaleiros vassalos e escudeiros excelentemente armados.

Entretanto, para Portugal o socorro que os seus aliados ingleses lhe tinham mandado com destino à nova campanha era em verdade muito pequeno, certamente por causa das disseções internas e da guerra que, há largos anos, a Inglaterra mantinha com a França. (*)

[(*)As sanguinolentas e longuíssimas campanhas que toem na história a designação geral de «Guerra dos cem anos».]

Pela Páscoa tinham chegado ao Tejo, apesar do bloqueio, uma nau e uma barca de Inglaterra com duzentos daqueles famosos frecheiros ingleses que traziam consigo a tradição altiva das batalhas de Crécy e de Poiters (1346 1356) em que os franceses tinham sido vencidos pelas hostes britânicas de Eduardo III e do seu filho o Príncipe de Gales, conhecido na história pelo Príncipe Negro por ser preta a sua armadura de batalhador.

E com aquele diminuto reforço de homens viera também uma importante carregação de víveres e de algum armamento, lanças principalmente.

Dez galés castelhanas tentaram opor-se à entrada dos navios ingleses, mas foram repelidas depois de um breve combate.

Entretanto, no Minho, o Mestre e o Condestável supuseram que el-rei de Castela estaria no propósito de empreender a

invasão pelo Alentejo, e apressadamente vieram com as suas hostes pelo caminho do Porto a Coimbra. Desta cidade seguiram para tomar e Torres-Novas, no intento de ir marchando pelo vale do Tejo até à Golegã. Ali atravessariam o rio para irem tomar o passo aos invasores.

Em um dos seus largos passeios, Ruy de Vasconcelos tomara relações com um velho cavaleiro francês de aventura, que viera com os ingleses e esperava oportunidade de ir juntar-se ao exército português em operações. Chamava-se João de Monferrat.

Falava o inglês e um pouco a língua castelhana, que lhe tornava fácil o convívio com os portugueses.

As antigas relações comerciais com Inglaterra, a aliança política dos dois países, mais íntima desde o tratado de 1378, e principalmente a camaradagem entre os guerreiros de Portugal e os ingleses do Duque de Cambridge, durante a campanha de 1381, tinham tornado conhecida a língua inglesa, especialmente entre os mercadores e embarcadiços e alguns cavaleiros da corte de D. Fernando, que mais tinham estado em contato com os capitães do Duque, um pretendente à coroa de Castela.

Ruy entrara naquela campanha, mas era então um cavaleiro noviço da comitiva de uns dos seus ilustres parentes, e raras vezes tivera convivência cora os ingleses para que lhes ficasse entendendo a língua.

Percebia apenas uma outra palavra, mas conhecia bem o castelhano e um pouco sabia falar o francês da Provença, como alguns lhe chamavam. Era esta ainda a doce linguagem dos troveiros enamorados, em que por todos os países latinos se tinham contado os rimances e as canções das maiores aventuras de amor e dos mais assinalados feitos da cavalaria andante. Se era até a que mais aparentada parecia com a língua portuguesa.

Assim não foi difícil a Ruy de Vasconcelos entender-se com o ilustre cavaleiro Monferrat, a quem o nosso Fernão Lopes mudou o nome para Monferrara. O aventuroso Monferrat fora também apaixonado cultor da poesia provençal como bom gascão que era.

* * *

Iria longe o simples resumo do que foi a Provença nos tempos medievos com os seus poetas de aventura. Não cabe aqui esse grande e peregrino capítulo da literatura e da civilização nos famosos séculos da Europa cavaleiresca.

Mas dentro da ação deste romance alguma coisas temos que se relaciona com esse país de trovadores e não será, portanto, divagação inútil bosquejar nalgumas dezenas de linhas o muitíssimo que poderia dizer se acerca da influência provençal na Europa latina.

Sob um céu de lúcido azul, acarinhada pelas brisas do Mediterrâneo e pelos perfumes dos seus laranjais em flor, muito vizinha das cumeadas brancas dos Alpes e desse ninho de flores em que Nice nasceu para a sua interminável primavera, a Provença foi a terra santa da poesia e do sonho, desde os períodos trágicos da baixa Idade Média até aos primeiros alvores dessa madrugada soberba em que a alma europeia se agitou no pesadelo da sua devoradora fé e na febre das suas insaciáveis aspirações.

Estado suserano do velho reino de Aries, depois adstrito ao condado de Barcelona, mais tarde condado autónomo e ainda depois um estado minúsculo da dinastia de Anjou, o

país provençal encheu a Europa de poesia e de sonho e ajudou a criar na alma latina essa visão resplandecente donde irradiaram os primeiros clarões da Renascença.

Na sua boémia de menestréis, cantores e improvisadores errantes, vagueando de castelo em castelo e de país em país, e na sua odisseia de trovadores de aventura, a memorarem em verso os supremos amores, as mais encantadoras lendas e os mais altivos feitos, os líricos de Provença fizeram a cruzada romanesca da sua poesia devaneadora e puseram em volta da mulher, como doce idealidade, o fervor das almas rudes como um culto.

Sobre a epopeia cavaleiresca, amorosa e trágica, fulgia o suave luar das suas almas sonhadoras e na melodia dos seus cantares levavam a todos os países europeus a lenda, a história, as esparsas ambições da consciência humana, a voejarem para novos destinos.

Através de uma longa noite este fulgor de consolo, um ideal de generosidade, uma aspiração de benemerente confraternidade, que a civilização não deve esquecer.

Acolhidos em toda a parte como bem-vindos mensageiros da alegria e do sonho, nos paços dos reis, nos solares e castelos dos barões feudais e até nos mosteiros de monjas; aceitos como idealistas e como galhofeiros jograis à mesa dos nobres e no convívio das cortes, não raras vezes falou nas suas canções o coração torturado da plebe, e foram eles também os propagandistas de uma evolução social, que os despostas e os privilegiados só tarde alcançaram perceber.

Tal dominadora influência tiveram, que os próprios batalhadores e até os próprios reis se fizeram troveiros.

Quando os grandes senhores os quiseram repulsar de si, por audazes forasteiros e atrevidos idealizadores, a sua cruzada estava feita.

Os trovadores, tantos deles cavaleiros fidalgos tinham uma categoria distinta, muito acima do menestrel, cantador assalariado, entre comediante e bufão, a quem os reis e os senhores toleravam ousadias pujentes, por entre esgares cómicos nos salões e cantares libertinos nas orgias.

João Froissart, o grande cronista francês, foi um menestrel.

Poeta medíocre e cantador de aventurosa fortuna, viveu das boas graças e dos dadivosos favores de Filipa de Hainaut, rainha de Inglaterra. E tanto se afez ao parasitismo de menestrel, que até nos cinquenta anos que levou a escrever as suas crónicas se deixou sugestionar pelas opiniões dos seus sucessivos protetores, desde Roberto de Naumur, irmão da rainha de Inglaterra, a Joan na de Brabante; desde o senhor de Chimai (Gui de Blois) a Aubert de Baviera.

Sujeitara a sua pena de cronista a uma servidão quase igual à do seu alaúde de menestrel.

* * *

Ruy levou Monferrat ao paço de Santo-Eloy, apresentou o a D. Dulce e, ao fim de dois ou três dias, era o gascão uma das pessoas mais afetuosamente recebidas naquela casa.

Em uma das radiosas manhãs daqueles fins de junho, estava Monferrat a contar na sala de armas as sete grandes

batalhas em que tinha entrado, quando Gonçalo Vasques apareceu muito alvoroçado.

— Que trazeis de novo, meu querido velhinho?- perguntou-lhe Ruy de Vasconcelos.

— Está ali aquele cavaleiro-fidalgo dos Namorados, que é muito amigo vosso e o maior de todos.

— Álvaro Goutinho?

— Esse logo me pareceu que era. O mais alto de quantos eu conheço! E disse-me que vinha de Alenquer a trazer-vos recado dos vossos companheiros.

— De Alenquer! Por vida minha, que nisso provavelmente vos enganastes, meu Gonçalo Vasques.

— Bem podia ser, meu senhor; porém Alenquer foi que eu lhe ouvi bem claramente.

— Pois a tempo estamos de tirar essa dúvida. Eu vou já ter com ele. Ide lá dizer-lho.

Gonçalo Vasques fez um gesto de homenagem e saiu.

— Senhor João de Monferrat, desculpai-me. Trata-se de um grande e valoroso amigo meu, daquele esquadrão de

Namorados, gente jovem, aventurosa e sonhadora, de quem já vos falei. Aqui vos hei de trazer para o conhecerdes.

— Com o meu maior aprazimento — respondeu-lhe em castelhano.

Ia Ruy a voltar-se, quando à porta assomou a singular figura do Magriço.

— Pela nossa terra e pelas nossas damas! — disse no seu vozeirão, sem ter reparado no cavaleiro francês.

— Oh! Meu querido Álvaro! Exclamou Ruy indo para ele de braços abertos.

— Flor e glorioso lume de cavaleiros! — disse-lhe ele, abraçando o ferverosamente.

Mas reparou de relance no francês e logo acrescentou baixo:

— Demo de olhos os meus, que não deram por aquele desconhecido e entrei assim estouvadamente!

— Não tem dúvida. Eu já vos dou a saber quem ele é — disse-lhe a meia voz.

E encaminhou-se com o Magriço para o velho estrangeiro.

— Nobre e honrado cavaleiro João de Monferrat, este é o grande amigo de quem já vos falei, preclaro sangue da nobreza destes reinos, dos maiores ânimos e das melhores espadas que tem Portugal.

— Muita honra e agrado me dá conhecer-vos, senhor fidalgo cavaleiro — disse-lhe em castelhano o aventuroso batalhador.

— Álvaro Continho, — continuou Ruy concluindo a apresentação — estais diante de um experimentado guerreiro, que tem lutado em famosas batalhas. Francês da nação, fidalgo e cavaleiro de honradas aventuras, aqui veio de Inglaterra para nos ajudar na defesa desta nossa terra de Portugal.

— Senhor cavaleiro, — disse o Magriço para o gascão — em boa hora nos trazeis o auxílio da vossa lança e do vosso esforço. Que para maior glória do vosso nome venha a ser tão valioso apoio, e muita honra será a minha tendo-vos por amigo e por exemplo.

Apertaram as mãos afetuosamente e dali a instantes já os três conversavam desafogadamente, sem preocupações de

etiqueta, como se o velho Monferrat fosse um íntimo e um jovem devaneador como eles.

— Podeis falar-lhe ao modo de Provença — dizia Ruy a Monferrat, indicando-lhe o Magriço — pois é de nós portugueses quem mais sabe de cór trovas e rimances provençais, de amor e de cavalaria.

— Aprendi esse modo de falar — explicou o Magriço — com certo troveiro de Provença que, na sua vida de aventuras, foi dar à cidade do Porto e por lá se ficou enamorado de uma menina de boa linhagem, que os pais aferrolharam num convento por causa dele. Canta como um rouxinol amoroso e é, ao mesmo tempo, tão destro e gentil homem de espada como se tivesse sido ele também um dos cavaleiros da Távola Redonda! Ainda há um mês o encontrei no Porto a cantar saudades e a envelhecer de mágoas, em farrapos o seu manto branco de menestrel, alaúde a tiracolo e espada à cinta, para morrer de amores cantando ou para cair trespassado por algum virote ás portas do invento onde lhe aprisionaram a dona da sua alma. Chama-se Frederico Marival. Ainda eu hei de ser um

dia aventureiro assim, quando esta terra de Portugal, já não precisar de quem lhe defenda a bandeira.

— E também de alaúde a tiracolo? — perguntou-lhe Ruy sorrindo.

— Não, isso não.

— Ah! Que seria um alaúde dependurado de um cedro.

— Com a espada será que eu hei de tanger meus rimances.

— Cantados?

— Dessa me livrará Deus! — volveu-lhe galhofeiro. Não que eu já experimentei os meus cantares e não quero que os cães da Europa tenham as aflições que tiveram os de entre Minho e Douro, que se largaram a ganir e a uivar como se estivessem a ouvir as trombetas de Jericó.

O gascão ria perdidamente. O Magriço falara em castelhano e Monferrat entendera-o perfeitamente.

Até o Vasconcelos riu, a despeito dos seus pesares de amor.

— Está bem, meu futuro dom cavaleiro andante, mas olhai que neste prazer de vos ouvir, de todo me esqueci de

vos pedir notícias dos nossos Namorados e o favor de me dizerdes porque milagre vos tenho aqui e me anunciam que vindes de Alenquer!

— Tal qual. De lá cheguei há pouco mais de uma hora e la tem o nosso Rei o arraial da sua hoste.

— E eu a julgar-vos para os lados de Santarém, a golpear ás lançadas os homens de armas de Castela e os traidores de cá!

— Pois visto que não sabeis a razão porque eu venho de Alenquer, escutai, que em poucas palavras vou pôr-vos ao corrente de tudo.

— De mais serei então aqui e dai licença que me retire — disse o gascão.

— Só se vos apraz sair, — respondeu-lhe Ruy, continuando a falar em castelhano — pois me parece que de nenhuma coisa de confidência irá tratar este meu amigo.

— Em coisas vou falar que todos podem ouvir, mormente vós, senhor meu e venerando cavaleiro, que sois por nós e em pouco havereis de lutar ao nosso lado. Até vos dará interesse saber o que se tem passado no tocante à guerra.

— Pois que assim é, de muito bom agrado ficarei para vos ouvir.

Sentaram-se em volta da grande mesa.

— Provavelmente já sabeis — disse o Magriço para o Vasconcelos — o mais Importante do que se fez na guerra do Minho, que tive-mos há pouco.

— Sei. Aqui chegou notícia de todos os principais cometimentos e deles falei a este venerável companheiro nosso — informou indicando Monferrat.

— Pois então muito menos será o que tenho para vos dizer, j Estava a hoste real em Braga e o Condestável com os seus repelões de ir para uma nova arremetida pela Galiza dentro, quando, súpito, nos chegou a nova de que el-rei de Castela entrara outra vez em Portugal pelos lados de Elvas, que já estava cercando. Entra-nos agora a invasão pelo Alentejo, pensou El-Rei D. João, e foi isto o que nós todos pensámos. Logo, pressurosos, nos fomos para o Porto, e de lá para Coimbra, em jornadas com que a pobre da peonagem mal podia aguentar-se. E de lá para tomar, e a seguir sobre Torres-Novas, que estava por Castela e foi

tomada; depois seguimos pela borda do Tejo para irmos passar o vau de Santa Iria-Pequena, quase nas barbas dos castelhanos, que, desde o ano que passou, se tinham ficado aninhados em Santarém. Passou-se o rio, topámos com uma avançada de castelhanos, que pusemos em fuga, e só em Mugem soubemos que el-rei de Castela havia já levantado o cerco de Elvas e em Ciudad Rodrigo estava reunindo todo o seu poder de homens de armas para com ele nos entrar pela Beira.

— Pois eu só cá sabia — observou Ruy — que os castelhanos tinham levantado o cerco de Elvas e que a nossa hoste real havia passado em Coimbra, para ir dar a Santarém.

— Assim foi como vos disse. E mal daquele intento soubemos, logo nos tornámos para traz e fomos assentar arraial em terras de Alenquer. Ontem de madrugada lá chegámos e ali se espera que mais alguma gente de armas se nos reúna.

— Qual número de homens terá toda a hoste d’El-Rei? — perguntou Montferrat.

— Eu vos digo. Homens de luta, mais não serão por agora que uns quatro mil.

— Escasso número para defender um reino! — observou o gascão. E cavaleiros, quantos?

— Pouco mais talvez de mil e quatrocentos.

— Falta-vos a maior força com que as batalhas se vencem, bem que eu já visse o Príncipe Negro ganhar uma grande batalha por causa dos seus arqueiros. Em poucas horas tinham dizimado a bela e soberba cavalaria de França! Mas esse tinha consigo uma poderosa hoste de cavaleiros e muito numerosa peonagem para lhe segurarem a vitória.

— Nós temos fé — acudiu o Magriço — que em pouco se nos possam juntar mais uns dois a três mil, ao menos de peonagem. Uma grande parte do Reino está pela rainha de Castela, e não se podem juntar para uma batalha todos os nossos homens de armas, sem deixar as fronteiras em perigo e ao desamparo. E aqui está porque a hoste real assim é pequena.

— A peonagem, segundo ouvi, bisonha e mal armada. — Observou Montferrat. E afinal, ao todo, uns seis ou sete mil! Com que poder entrará el-rei de Castela?

— O ano passado cá veio com bem mais de trinta mil homens. E só aqui, a cercar Lisboa, teve vinte e cinco mil, não contando os da armada, e a cidade aguentou-se.

— Gloriosa façanha foi, por vida minha, mas combater nos muros e torres de uma cidade muita diferença faz de batalhar em campo aberto. Se el-rei de Castela voltar agora com poder igual ao do ano passado, aí teremos um dos vossos para cada quatro ou cinco dos valorosos homens de guerra que tem Castela.

— Os boatos que chegaram a Alenquer davam a entender que o poder castelhano seria agora muito maior, e com os de Castela muitos de Navarra; gascões e bearneses ainda talvez em maior número que o ano passado.

— Pois trinta mil somente, vamos que sejam, e muito será Deus pelo Reino e vós por ele, para que tenham alma e esforço que baste a rebater tão desigual poder! — voltou-lhe o gascão.

— Nos Atoleiros também foi um contra cinco dos de Castela e D. Nuno Álvares Pereira venceu — alegou o Vasconcelos. Em Trancoso, foi já neste mês, trezentos de lanças com insignificante peonagem, lutaram longas horas com mais de três mil e foram os nossos que venceram.

— Bons antecedentes são esses, por vida minha; mas raras vezes se vence com tal desigualdade, quando de um e outro lado há quem saiba mandar e os homens de guerra têm alma para morrer pela sua bandeira. Enfim, eu não vos digo isto para vos apoucar o ânimo nem porque essas informações me deem esmorecimento. Irei para aonde os vossos forem. Em batalhas tenho visto muitas surpresas; verei mais uma, e oxalá que seja das maiores.

— Que ainda se não sabe informou o Magriço — se o nosso Rei quererá arriscar-se a uma batalha com tão diminuto poder. Há iá quem seja de parecer que o mais seguro seria esperar os castelhanos nos muros de Lisboa e só lhe dar batalha em campo aberto, quando tivessem chegado mais auxílios de Inglaterra.

— Então alguns meses haveis de esperar. A Inglaterra traz a sua gente de armas muito dividida por causa da

guerra de França e, por agora, o socorro certo que tendes são esses duzentos arqueiros e essas armas que aí chegaram há dois meses.

— Eu sou de parecer que se dê batalha — disse Ruy.

— E eu — acudiu o Magriço e todos os do esquadrão dos Namorados..

— Já maior, não é assim? — perguntou Ruy com devotado interesse.

— Ora! Nem sois capaz de adivinhar quantos mais! O Norte deu-nos muitos e agora, em Alenquer, ainda nos chegaram mais do Alentejo e do Algarve. Da Beira bastantes nos mandaram dizer que podíamos contar com eles.

— Mas quantos, dizei? — instou o Vasconcelos.

— Cento e quarenta lanças de gente jovem, cavaleiros namorados todos eles. Menos eu, acudiu, voltando-se para o gascão menos eu, que tenho na minha sina amar ou ser amado por inglesas, e algum dia terei de ir a Inglaterra buscar alguma que seja do meu gosto e do mau gosto dela. Foi um velho astrólogo judeu do Porto quem leu esta minha

sina de amores em não sei que desvairada estrela, que ele lobrigou dos lados de Inglaterra. Se até chegou a vaticinar-me que eu havia de ser cavaleiro andante em cata de mulheres feias! A princípio me quis parecer que seria profecia de escárnio e estive vai não vai para o esganar; porém depois me lembrou que o bisbórria do judeu estaria bêbedo, e lá o deixei em paz. O que ele tem é uma filha linda como as estrelas, e se não lemos de ir do Porto para vir dar gasalhado aos castelhanos, por aquela estrela é que eu também me fazia astrólogo.

— Sois ditoso com esse vosso feitio e não vos ralam preocupações e mágoas de amor como a outros, pobres loucos que andaram atrás de um sonho, como crianças atrás de uma borboleta, e afinal por ele hão de morrer! Homem venturoso sois — disse-lhe Ruy.

— Homem feio é que eu sou, benza me Deus.

Montferrat ria com desafogado regalo.

— Mas, voltando aos nossos Namorados: Olhai que dão já uma linda hoste, em que eu me não meto na conta, e dentro em pouco darão já para uma formosa ala. Ideie-vos

uma grande batalha que os nossos vencessem e em que os jovens da bandeira verde formassem uma das alas! Costaneira se chamava dantes, porém ala fica melhor, tratando-se de gente jovem. E as damas de todas essas nossas terras, donzelas com os olhos cobiçosos de amor e a cabecita cheia de sonhos, a falarem na Ala dos Namorados e todas elas a invejarem para si um quinhão naquele mote da bandeira verde: Pelas nossas damas.

— O que aí vai de sonho, meu querido Álvaro! — disse lhe o Vasconcelos num travo de amargura.

— Pois vereis que há de ser assim. Já entre os nossos se combinou pedir a El-Rei ou ao Condestável que, na primeira batalha, nos deem a vanguarda, ou sequer a honra de formarmos nós ossinhos uma ala. Já se vê, com um cavaleiro de menos verdura de anos para nos mandar. E porque assim foi decidido pela Ala dos Namorados, já lhe vou chamando assim, é que eu aqui venho em guisa do mensageiro, para de tal vos fazer ciente e saber por todos os nossos se estais recobrados de forças para serdes connosco na primeira batalha que houver.

— Para a primeira batalha que haja — respondeu-lhe calorosamente. Quando voltais a Alenquer?

— Amanhã será, depois de saber com que peonagem a cidade poderá reforçar a hoste real.

— Está bem. Irei convosco.

— E eu, se mo permitirdes — acudiu Montferrat.

— Com muita honra para nós, senhor cavaleiro disse-lhe o Magriço. Creio que irão também alguns cavaleiros e frecheiros ingleses.

— E sabei que vou com pena?

— De quê, senhor cavaleiro?

— De uns vinte anos que tive, amorosos e aventureiros. Iria pedir um lugar na vossa ala. Mas assim, para vencer convosco ou para morrer seguindo-vos, só me será dado estar tão perto de vós, que a vossa juventude valorosa me dê o sonho da minha.

— Honrada lição há de ser a vossa para nós, ilustre batalhador de Gasconha, e como leais companheiros e amigos amanhã nos partiremos para Alenquer — disse-lhe o

Magriço. — Valente cavaleiro sei já que o sois. Boa estrela vá connosco e que ela seja anunciadora de glória para a vossa terra portuguesa.

— Até amanhã, querendo Deus. Por volta das 11 horas aqui estarei ou onde mandardes que vos espere.

— Aqui vos peço que seja, se a ambos não causar desprazimento voltardes aqui — disse Ruy.

— Da melhor vontade — acudiu Montferrat.

— Por mim nem vale a pena falar. Em nenhum lugar de Lisboa estaria com maior regalo da minha alma do que nesta vossa rasa, Ruy de Vasconcelos.

— Eu vos direi depois a razão do meu pedido.

— Cavaleiro Montferrat! Disse o Magriço, despedindo-se e abraçando-o. Como se fôssemos velhos amigos, e perdoai me algumas palavras de gracejo, que por desenfadamento aqui disse diante de vós-

— Velho sou, mas olhai que muito bem me sabe lidar com gente jovem e vê-la folgar, ágil como eu fui. E como sei já que destemidos sois, vós os do esquadrão dos

Namorados, boa e sonhadora cavalaria como a da Távola Redonda pois que dele me tem falado o nosso nobre amigo Ruy de Vasconcelos, ainda maior prazer o meu em conviver convosco.

— Senhor, por tanta paga, grande obrigação de amigos é a nossa! — disse Ruy.

— Até amanhã — disse o Magriço.

— Nobre cavaleiro. Álvaro Coutinho — disse da Porta D. Dulce, com um sorriso afetuoso, que era disfarce de amargos receios. A mim me disseram que vínheis por mensageiro dos Namorados e logo o meu coração adivinhou que seria para me levardes o filho. Ainda que para isto seja a vossa mensagem, não quis que desta casa vos fôsseis sem convosco falar, ao menos, para vos per doar que mo leveis.

— Dona e senhora minha, desculpava-se o Magriço um pouco perturbado — por maior pecado havereis de perdoar-me, pois que, neste nosso falar de coisas da guerra, se foi espaçando a homenagem que era dever e desejo meu ir prestar-vos.

— Pela mensagem é que eu aqui estou e pelo grande apreço em que vos tenho como valoroso cavaleiro e devotado amigo do meu filho.

— Senhora minha, grande consideração para mim nessas vossas palavras; mas não me culpeis porque o vosso filho haverá de afastar-se desta casa.

— E dever seu, e a ninguém posso culpar. Não é aqui que se defende agora o Reino e o Rei. Cada qual tem de cumprir o seu dever. Até as mães, não estorvando que os filhos partam, antes dizendo-lhes de olhos enxutos que vão para acudir a outra mãe, que é de nós todos, primeiro que nenhuma: a nação. E a essa a não podem salvar as nossas lágrimas.

Numa grande surpresa por esta intervenção da mãe, Ruy não lhe percebia o intento; mas compreendia-lhe perfeitamente o sacrifício velado naquelas palavras de abnegação, que só ele sabia interpretar e sentir pelo quanto valiam de amorável devoção. Vibravam-lhe na alma com um timbre de amarguras, que os estranhos não podiam ouvir, e vinham a escorrer lágrimas, que a ninguém mais era dado ver.

— Estou a entender que adivinhei o fim da mensagem — continuou esboçando um gélido sorriso. Pois em boa hora seja que mo leveis e honrada e leal companhia terá, indo convosco. Agora vos direi, senhor Álvaro Coutinho, que de muito aprazimento seria para mim ver-vos à nossa mesa e nesta casa como se a vossa fosse para a honrardes.

— Senhora, por muito honrado e agradecido me julgo, mas amanhã, muito antes do meio dia, conto partir para o arraial de Alenquer.

— Amanhã já! — disse turbando-se. Pois que a vossa hospedagem aqui seja então pelo tempo que tiverdes livre até amanhã.

— Vosso favor recebo com insigne distinção e por ele vos beijo as mãos, ilustre senhora minha.

O Magriço dobrou o joelho como se fosse diante de uma rainha, e beijou-lhe e mão.

No seu penoso disfarce, D. Dulce disse em castelhano umas palavras obsequiadoras a Montferrat, com quem já naquela manhã linha falado.

— Cá vos espero a ambos para o nosso jantar de hoje, senhores cavaleiros — disse lhes num cumprimento de despedida.

CAPÍTULO III

A PARTIDA

Na véspera, o carairo-mor de Lisboa, Fernão Rodrigues de Sequeira, afirmara ao Magriço que, dali a dois dias, estaria no acampamento de Alenquer com os homens de lança e a peonagem que era possível juntar e meter a caminho, sem deixar indefesa a cidade e o concelho. E que isto mesmo podia ele afirmar a El-Rei.

Também o chefe do contingente inglês lhe afiançou que no mesmo dia havia de partir com os frecheiros e homens de lança que se tinham demorado em Lisboa.

Assim ficava concluída a missão oficial do Magriço, e do seu encargo de mensageiro dos Namorados já nós sabemos como ele se desempenhara. Com tal êxito, que até podia levar aos rapazes aquele seu dileto e arrojado companheiro, por tão largo tempo ausente com pesar de todos eles.

Bem sabia o alvoroço louco em que iam ficar e, para os ter prevenidos, lhes mandou adiante, logo de madrugada, muito em segredo, um escudeiro seu com um aviso da boa nova.

Montferrat e Álvaro Coutinho tinham jantado e ceado em casa de D. Dulce e de madrugada saíram ambos no propósito de dispor umas coisas para a jornada.

A família do Magriço estava então para uma quinta sua da província.

A hora da partida seria mais cedo do que a princípio tinham combinado, para assim evitarem a maior torreira do sol. Partiriam ás 7 horas, e pouco depois das n horas, a trote largo, teriam vencido as oitos léguas até Alenquer.

* * *

Naquela casa só uma pessoa não pudera dormir — D. Dulce teve uma noite de inquietação a pobre mãe, e todos os seus antigos padecimentos se lhe agravaram.

Alta madrugada, ainda antes de terem saído o Montferrat e o Magriço, levantou-se numas tremuras convulsivas, as lágrimas a correrem-lhe em fio pelas faces.

— Valha-me Nossa Senhora! Eu dantes não era assim! Tinha mais ânimo. Quebraram-mo as doenças e as amarguras — dizia consigo. E este meu pobre coração cada vez mais acobardado! O medo que ele tem de outras dores maiores! E eu quero e hei de ter ânimo para lhe encobrir as fraquezas, linda que ele depois me mate.

Estava vestida; foi para o aratório; rezou febrilmente, olhos afogados de choro postos na imagem da Mãe de Jesus com o filho morto nos braços, naquela hora de suprema angústia, que foi decerto a de maior dor no lance trágico do Calvário.

Interrompeu se num instante de desalento e sentou-se no estiado do oratório.

— E tem de ser, e assim havia de ter sido sempre! — murmurou quase afogada em soluços. As mais infelizes ainda não são as mães que podem perder os filhos; são as outras que não os devem chorar senão sozinhas,

ocultamente, para que ninguém saiba que choram e para que nem eles próprios as vejam chorar. Como eu! Como eu agora, Mãe de misericórdia!

Pôs as mãos e ergueu-se outra vez de joelhos num fervor de súplica.

— Mãe, vós no Calvário pudestes chorar pelo vosso filho morto, sem que à vossa dor importasse quem podia ver-vos. Agora o meu vai talvez para a morte e eu tenho de fingir que me não dói vê-lo partir! Para não afrontar com as minhas lágrimas o brasão do meu solar e para que eu não pareça mais cobarde do que as outras mães que já perderam os filhos na defesa da sua terra. Senhora, ao menos ânimo para este fingimento até ao fim, e dai lhe a ele em amparo o dó que tiverdes de mim.

Levantou-se e foi buscar a um contador de cedro com embutidos de prata certa carta de pergaminho, cujo timbre de cera ninguém ainda quebrara.

— Agora é tempo de lha entregar — disse consigo. Sabendo que não foi preferido por outro, terá mais apego à vida e não irá malbaratar pelos desesperos de uma

vingança o esforço que for preciso ao seu nome e à honra da sua terra «O namorado não levará o cavaleiro a doidas aventuras de morte.

* * *

Montferrat e Álvaro Coutinho já tinham voltado.

Vinham de bacinete e arnês. Era precaução justificada. Não raro as avançadas da gente castelhana que ocupava Santarém se adiantavam até ás proximidades de Alenquer.

No pátio do palácio os cavalariços esperavam com os cavalos à mão. Na sala de entrada os pajens e escudeiros águardavam o momento da partida.

Vinha subindo o sol, um belo e rútilo sol daqueles fins de junho.

D. Dulce tinha dito ao Gonçalo Vasques que fosse chamar o filho e viesse com ele.

Ruy estava já pronto e foi. D. Dulce esperava-o nos seus aposentos.

— Mãe e senhora, dais licença? — perguntou da porta, metendo debaixo do braço o bacinete de plumas negras.

— Filho, entra.

Mas logo lhe reparou no arnês todo preto e na plumagem do bacinete.

— Porquê mau agouro, filho, vais tu partir com essa estranha armadura, como se fosses algum descrido paladim de romance?! — perguntou lhe numa tremura de voz, o rosto a desfigurar-se-lhe cada vez mais.

— Mãe, porque entre os N-morados é esta a cor que melhor cabe a quem teve uma noiva, e se lhe perdeu.

— Vais então como um campeador entristecido para te juntares a esses jovens, teus companheiros, assim como se levasses o intento de lhe agoirentar o coração por conta das tuas mágoas! Já vejo que melhor e mais generoso ânimo é o meu.

— Mãe, dizei-me porquê?!

— Porque dentro da minha alma há maior negrume que no peito desse arnês e nas plumas desse elmo, e vê que te

falo de olhos enxutos, para que as minhas lágrimas te não mortifiquem e para que ninguém suponha que houve em Portugal uma mãe tão esquecida das suas tradições de família, que se ficou a chorar o filho, cavaleiro fidalgo, jovem batalhador, preso ao mote de uma bandeira e votado à vida de uma nação. Olha que o dó pintado nessa armadura ainda é de maior fraqueza do que seriam as lágrimas nos meus olhos de mulher! E se eu não quero que as mulheres esfarrapadas, a quem levam os filhos, tenham vergonha da minha fraqueza, não queiras tu também, Ruy de Vasconcelos, que os mesteirais e os rôtos sem peito de ferro, e só Deus sabe quantos deles amargurados como tu, tenham o direito de estranhar que vista armadura de enlutado quem vai para salvar a sua terra.

— Mãe e senhora, dizeis bem; — volveu-lhe numa comoção perturbadora — mas este negrume vem da minha alma, é só meu, e quer dizer que nos dois motes que tem a bandeira verde dos Namorados só um me cabe, o primeiro. Pela nossa terra diz e por ela serei apar dos que mais fizerem, enquanto a vida me durar.

— Pois esse mote o escolhi eu também para mim e por ele te hei de ver partir como se fosses apenas para uma caçada de falcoeiros. Mas, diz-me cá, porque não é já para ti o segundo mote da lua bandeira?

— Mãe, não pode ser! Pelas nossas damas diz o voto jurado, e a dama que eu tinha, ou já de mim se esqueceu ou doutro será na corte de Castela.

— Então, se é por isso, passa pelos olhos esta carta que eu recebi de Toledo e esta outra, que veio para ti, quando estavas enfermo aí verás que não fostes esquecido.

Recebeu-lhas num alvoroço de surpresa.

— De Magdalena as duas?

— Sim, ambas. Essa para ti a guardei no propósito de só ta entregar quando te visse de ânimo seguro para a leres. A minha, que é a segunda que dela recebo, antes de ontem aqui ma veio trazer, escondidamente, um besteiro dos nossos, que lá estava cativo — E como alcançou libertar-se e chegar até cá?!

— A mim me disse que foi com a proteção da Rainha que se pode escapar, e que para cá trazer essa carta lhe tinham

dado boa paga.

— A Rainha?!

— Sim. Vai para a tua câmara, lê as duas, e despe essa armadura de mau agouro. Meia hora será de sobra e, entretanto, vou eu falar com os teus dois companheiros, para que a demora lhes não pareça grande. Vai. O teu tio Mendo é provável que esteja com eles.

Creio que sim — respondeu-lhe já para sair, as cartas a tremerem-lhe nas mãos.

— Olha cá. A despedida tem de ficar feita — disse-lhe a sufocar-se. É melhor agora. Filho, adeus!

Ruy curvou se enternecidamente e beijou-lhe a mão. E ela com as mãos abertas sobre a cabeça do filho para uma carinhosa bênção, aquelas mãos brancas de rainha, que ele não via tremer, disse-lhe num esforço heroico da vontade, para que a sua pieguice de mãe se não traísse:

— Eu te abençoo, filho! Deus faça boa esta minha bênção para glória e salvação da nossa terra, e seja pela tua vida, Ruy de Vasconcelos!

— Mãe, santa mãe da minha alma, que seja vosso amparo a Mãe de Jesus! — murmurou, beijando-a com fervorosa devoção.

— E a mim me dê vida para te eu ver na volta, filho!

Beijou-o na face, mas então o propósito de fria coragem fraquejou-lhe e tanto se lhe alteou do peito uma onda maior de amargura, que lhe chegou aos olhos desfeita em lágrimas como as ondas do mar se desfazem em espumas.

— Não faças reparo, filho, e não contes a ninguém esta fraqueza de mulher. Destas bagas se fazem as letras de um mote que eu trago no coração, e que não é nenhum dos dois da tua bandeira de namorado. O tempo foge. Vai ler essas cartas. Estamos despedidos, fi lho. Vai.

Ruy beijou-lhe outra vez as mãos, queimadas da febre, e saiu precipitadamente para não fraquejar também.

— Vamos, mulher! — disse consigo D. Dulce numa ironia de amargurada. Faz de conta que é um filho de outra que tu vais ver partir para a guerra. Olhos bem secos. Chega bem para chorar este grande dia de junho. E os outros, os outros que hão de ir passando, Deus sabe quantos!... E para que

outra dor maior de uma saudade que se não acabará senão comigo?!

Enxugou os olhos e saiu, tão desfigurada que fazia dó.

* * *

Na sala de armas estavam com Álvaro Coutinho e João Montferrat, o Monge que não dizia o nome, Afonso Eanes, que tinha chegado momentos antes, e a um canto, sumido, na humildade da sua dedicação, o velhinho Gonçalo Vasques.

Oprimia-se o bom do aio com pena do seu querido Ruy, que assim com esta atrevida familiaridade é que ele o tratava nas conversas que ninguém podia ouvir, entre o seu coração e a sua alma.

— Há quarenta e cinco anos — recordava o Gonçalo Vasques lie lábios cerrados — me fui eu para essas terras de Castela à cata da mourama; era rapaz, cá deixava mãe velhinha e irmãos, e pouco me custou ir. Agora...Bem certo

é que os velhos ás vezes se fazem mulherengos, ou será então porque mais custa ficar!

D. Dulce entrara com a aia e ficou-se a conversar com o Juiz do Povo, simulando uma frieza de ânimo que a ninguém iludia. E com as rugas de amargura, entre as quais tremiam uns lábios embranquecidos, supunha ela que fingia os vincos de um sorriso.

— Coitadinha! Dissera de si para si o Gonçalo Vasques, de olhos nela. Com aquele rosto de desenterrada e aqueles olhos que estão mesmo a pedir a esmola de os deixarem chorar, e a crer que engana a gente!

Minutos depois entrava Ruy. A carta de Magdalena tivera o condão de o transfigurar. Iluminara-se lhe a fisionomia em fulgores de juventude forte e aventurosa; via-se lhe no olhar a expressão triunfal de um galã profundamente amado. Substituíra já pela armadura dos seus tempos ditosos aquela outra negra, que havia largos meses, num esmorecimento de alma, tinha mandado fazer.

— Perdoai a demora — disse desculpando-se.

— Filho, assim melhor vais e não serás como cavaleiro de noite agoirenta entre os jovens teus companheiros. Agora essas tuas garridas plumas hão de dizer bem com o estandarte verde dos Na morados. Não vos parece também assim? — perguntou em castelhano, voltando-se para o gascão e para o Magriço.

— Senhora, muito bem o dizeis respondeu-lhe Montferrat.

— Fazia-me pesar que ele fosse com aquela armadura negra, de dó, para essa hoste onde não há olhos para ver senão as cores com que se figuram esperanças de amor e sonhos de gloriosa fortuna.

E, de si para si, com os olhos nele:

— Como aquelas cartas o mudaram! Parece agora outro, e ainda bem.

— Creio que vai sendo tarde — lembrou Ruy.

— Em boas trotadas — volveu o Magriço cedo chegaremos à veiga de Alenquer.

— Melhor será que evitem as horas de maior calma disse D. Dulce numa secura de voz artificiosa, que tremia. Filho, adeus! — acrescentou indo para ele. Dou-te a minha bênção e Deus seja pela tua vida, que pelo teu esforço fico eu.

Ruy beijou lhe a mão e notou como ela estremeceu, tornando-se ainda mais tristemente branca.

— Honrado Juiz do Povo, meu grande amigo, até à volta — disse-lhe abraçando-o. À volta — acrescentou baixo se a nação se não perder!

— Mas eu vou também pra baixo convosco — acudiu o tanoeiro numa comoção que o enrouquecia.

D. Dulce recebia as despedidas de Montferrat e do Magriço.

— Meu venerado Monge — disse Ruy, tomando lhe a mão e beijando-lha.

Mendo curvou-se para ele enternecidamente e segredou-lhe:

— Lá serei contigo. A tua mãe está num disfarce que a mortifica. Ruy, afasta-te daqui sem maior detença.

Ruy foi dizer umas palavras afetuosas a Marta Vicente e correu de braços abertos para o seu velho aio.

— Gonçalo Vasques, até à vinda. Velhinho, foram os teus braços o melhor berço que eu tive.

— Senhor Ruy... Vossa mãe está com os olhos em nós! — soluçou baixo, e beijou-lhe a tremer a cruz verde da sua cota de armas — Dá-lhe tu ânimo quando a vires chorar por mim — segredou — e diz-lhe que havemos de vencer e serei eu dos Namorados que hão de voltar.

— Sim, sim, meu queri... Mas eu vou também pra baixo convosco.

Estavam as despedidas feitas. Desceram a grande escada. Em baixo, em alas, os pajens e escudeiros dos três batalhadores. A um e outro lado do portão nobre, aberto de par em par, os criados com uma grande expressão de pesar. Os cavalariços já tinham levado os cavalos do pátio para o terreiro.

— Deus da minha alma! Parece que vai a gente num enterro! — disse consigo o Gonçalo Vasques, confrangendo se com uns pensamentos de mau agouro.

Já fora do portão, Ruy apertou as mãos do glorioso tanoeiro.

— Lá heis de ter convosco a arraia miúda — disse-lhe Afonso Eanes.

O Vasconcelos foi abraçar outra vez o Gonçalo Vasques.

— Então, meu querido Gonçalo, que é isso?!

Aludia ás lágrimas que o velho tinha nos olhos.

— São as que eu trazia comigo escondidas, para que a vossa mãe não desse por elas — volveu-lhe.

Montaram a cavalo.

A tia Lourença apareceu no terreiro à frente de um grupo de mulheres e de curiosos.

— Moças, ali tendes dois galos batalhadores. Galos contra Castela; pombos arrulhadores para as lindas raparigas fidalgas da nossa terra.

E adiantando-se para eles, bradou:

— Nobres cavaleiros! Lá irá a ver-Vos a gente miúda, com a sua farrapagem em guisa de cota de armas e o seu mote no peito: Pela nossa terra. E por ela, senhores, é que o povo é tal qual um namorado como vós.

Ruy e o Magriço fizeram à velha um gesto de afetuosa despedida e meteram a trote para fora do terreiro.

— Moças, dai-lhes um viva.

— Vivam os Namorados! — gritaram as raparigas numa voz calorosa e aguda como vibrações de um clarim.

E lá em cima, na sala de armas, D. Dulce, a soluçar no escabelo de espalda alta, o irmão ao pé dela, animando-a carinhosamente. Ouvira bem a tropeada dos cavalos e o grito vibrante das mulheres novas.

— Mendo, agora é que é chorar.

CAPÍTULO IV

À PROMESSA D’EL-REI

Alenquer estava outra vez pela rainha herdeira, ou como se disséssemos por Castela. Era alcaide da vila, um casmurro parcial de D. Beatriz, fidalgo de Galiza, que no reinado de D. Fernando viera para o serviço de Portugal. Chamava-se Vasco Pires de Camões.

Naqueles tempos singulares, de extremadas lealdades, que iam até à heroicidade, e de torpíssima versatilidade, que chegava até ao descaramento da venda e à infâmia da traição, o ideal da pátria não tinha para todos igual significação e era vulgar que se apelidassem traidores os que defendiam uma nação, se tinham faltado à menagem a um príncipe, ou se considerassem leais os que serviam estranhos interesses dinásticos, sob color de não quebrar o seu juramento de vassalos. E por este modo, e até por um simples estímulo de cavalaria aventurosa, se encontravam batalhadores fidalgos, de diversa procedência, de raças e

nacionalidades antagónicas, ao serviço de uma nação inimiga da sua, ou como campeadores de um rei em guerra aberta com aquele a quem tinham jurado vassalagem.

Em Portugal como em Castela, na França como na Itália e na Alemanha. Assim se explica o facto daquele gascão Montferrat estar com os portugueses, ao mesmo passo que a Gasconha dava ao rei de Castela, contra Portugal, o poderoso auxílio dos seus brilhantes homens de armas.

Batalhadores por amor da arte e pelo simples prazer das aventuras, havia muitos assim naqueles tempos.

Vasco Pires nem se intimidou com a chegada da hoste real, nem cedeu à intimação para entregar aos portugueses a vila e o castelo. Fechou se no seu recinto de muralhas e resistiu.

Também El-Rei se não importou muito com a temeridade do alcaide, e estabeleceu o acampamento real distante da vila, ao fundo dos hortejos da veiga.

Ali águardaria que se lhe reunissem as forças de Lisboa e o seu termo, as outras que esperava do Alentejo, e depois se poria em marcha para ir ao encontro dos invasores.

* * *

Ainda não era 11 horas quando os nossos três cavaleiros começaram a avistar o acampamento real, com as suas tendas garridas da gente fidalga e dezenas de pendões e bandeiras multicores e esvoaçarem na aragem quente daquela manhã.

A caminhada tinha sido um encanto por entre deliciosos trechos de paisagem, a um e outro lado da velha e mal cuidada estrada.

Os vinhedos davam um lindo esmalte ás lombas dos montes, coroados pelos moinhos à mourisca, de altas velas brancas a lembrarem grandes azas. Árvores pequeninas estavam já engalanadas de frutos, que o sol de junho começara a amadurecer. As cerejeiras, essas pendiam avergadas pelos seus formosos cachos a lembrarem contas grandes, vermelhas como rubis.

Ondeavam os trigães cor de oiro, tocados pela aragem; nos tapetes nas planuras branquejam boninas e pelas árvores

altas os melros assobiavam o seu estribilho de boémios, enquanto no recato nos silvedos, mais próximo dos regatos, rouxinóis devaneadores gorjeavam o poema dos seus amores e dos seus sonhos, numa suave música de enlevo, que nenhum maestro inventaria melhor e nenhuma cristalina garganta de mulher seria capaz de imitar.

E mais passara por ali a guerra em arrancadas assoladoras, na campanha do ano anterior, e já, de dias a dias, naquele ano, quando chegavam àquela planura as algaradas dos castelhanos que tinham ficado aninhados nas escarpas de Sintra ou iam à descoberta os outros de Alenquer, entremeados com os portugueses bandeados por Castela.

Os nossos três cavaleiros um pouco tinham sofreado os cavalos para melhor admirar as belezas da paisagem.

— Lindo país o vosso! — ia dizendo o velho Montferrat para Ruy de Vasconcelos. Terra de flores como nas mais formosas planuras da minha Gasconha; sol carinhoso, todo oiro como no céu azul de Itália; país de perfumes e encantos como aquele país bem-dito da Provença onde os meus dezoitos anos sonharam e tiveram amores! Boa terra

esta, por vida minha, para idear canções e amores, jovens cavaleiros da hoste dos Namorados!

— E tal como é, para a gente lhe querer, assim no-la pretendem para si el-rei de Castela e os seus grandes fidalgos de todas as Espanhas — volveu-lhe Ruy calorosamente. Mas, por Deus, ilustre João de Montferrat, que os sonhadores e namorados também. São batalhadores, e se a contenda não puderem ganhar, hão de morrer por ela, que por esta linda terra e que são os nossos maiores desvelos, e por ela o mote principal da nossa bandeira.

— Os maiores amores! — acudiu o Magriço entusiasticamente Ergueu se de súbito uma nuvem de poeira ao longe, num grande torcicolo do caminho, e ouviu-se a tropeada de muitos cavalos.

Num agitado alvoroço, o Magriço pôs-se em pé nos estribos.

Percebiam-se já muitas plumas brancas, como bandos de pombas num vôo.

— Rui! — gritou Álvaro Coutinho comovidamente: Os Namorados!

— Sim, eles, com a nossa bandeira verde! — rouquejou o Vasconcelos num grande enternecimento de saudade, olhos rasos de lágrimas.

E sem se lembrarem já de Montferrat, meteram os dois a galope desfechado para os outros, mais de cem que vinham a trote largo.

— Pela nossa terra! — gritou o Magriço no seu vozeirão retumbante.

— E pelas nossas damas! — respondeu-lhe caloroso, esporeando o cavalo, aquele Hércules algarvio que era Vasco Eanes da Costa.

— Ruy de Vasconcelos! — aclamaram dezenas de vozes.

— Em boa hora vindes!

— Flôr de cavaleiros!

— Orgulho e lição de nós todos!

Foi uma coisa enternecedora aquele encontro.

Todos os que já conheciam o Vasconcelos se iam acercando dele, a um por um, para lhe dizer palavras afetuosas. Os

outros, os recém alistados na hoste, esses o saudavam fraternalmente.

— Já sabíeis então que eu vinha e adivinho já quem vos mandou dizer — gracejou Ruy pondo o olhar no Magriço.

— Pois está bem de ver que fui eu.

— E bom foi que nos mandasse dizer — acudiu Vasco Eanes. A Ala dos Namorados, nós já lhe vamos chamando assim por conta da primeira batalha em que entrarmos; a nossa ala devia-vos este preito, pois de nós todos vós sois o que tendes maiores feitos.

— Os maiores! — confirmaram uns poucos.

— Favores de boa amizade, que tudo engrandecem — respondeu-lhes com singela modéstia. El-Rei e o senhor Condestável é que tinham de estranhar esta vossa...

— Qual! — atalhou Vasco Eanes. El-Rei muito de vontade nos concedeu a licença que nós lhe fomos pedir e logo tomou oportunidade de vos fazer os louvores que mereceis. Quanto ao senhor Condestável, connosco viria também, se ontem não fosse para o Alentejo, para nos trazer mais cavaleiros e mais peonagem.

* * *

Feita a apresentação de João de Montferrat, todo aquele brilhante esquadrão juvenil se meteu a caminho para o acampamento — Somos já muitos! — disse Ruy para Vasco Eanes.

— E faltam aqui sete que ficaram feridos nas últimas duas escaramuças com os da vila, e trinta que foram com as duzentas lanças de escolta que El-Rei mandou com o senhor Condestável até Mugem e de lá devem estar já de volta.

— E de lá para diante?

— Vai o Conde D. Nuno só com as suas trezentas lanças e respeitava peonagem.

— De el-rei de Castela o que se sabe?

— Chegaram boatos de que ia entrar breve pela Beira com tom o seu poder, o maior que ainda pôs em campo.

— Pois em boa hora seja para nós a sua entrada, que estou ansioso por ver a nossa ala, como lhe chamais, numa batalha real em que a contenda se decida.

— E eu, e nós todos. Linda e valente ala há de ser, e a mim me não quero meter na conta — interveio o Magriço.

— Mas nessa conta vos metemos nós.

— Pois seja como quereis, mas o que decerto não adivinhais é o pesar que eu já estou sentindo por alguma coisa de encanto que nessa almejada batalha nos há de faltar.

— Não adivinho. Dizei vós o que há de faltar, senhor dom profeta.

— Dois grandes palanques, tais como nas justas e torneios, e neles, para nos verem, quantas lindas damas tem Portugal e Castela, o Bearne e a Gasconha.

— Não vos contentaria que fossem as da nossa terra somente? Disse-lhe outro a sorrir.

— Não. As outras também, para verem como nós pelejávamos com os seus namorados.

— Ainda que pudesse ter realidade isso que imaginais, uma dama certo havia de faltar — disse o Vasconcelos melancolicamente.

— A vossa, a que vos levaram, a rainha das belas, que os Namorados aclamaram.

— Há de ver a minha alma no fragor maior da batalha.

— E dela alguma coisa tendes sabido?

— Tenho.

— El-Rei está a esperar-nos — veio avisar um dos que iam na frente.

* * *

Entraram na veiga enfileirando-se. Belo esquadrão aquele, de plumas brancas como um luar de sonho e de estandarte verde como símbolo de amor primaveril.

Efetivamente, D. João I esperava os a poucos passos da sua modestíssima tenda real, a pé, à frente dos seus fidalgos,

tendo à direita aquele príncipe da igreja que nós já conhecemos, o arcebispo batalhador, D. Lourenço.

Em magotes pelo arraial, toda a peonagem disponível daquele pequeno exército, cujo efetivo total não daria hoje para uma brigada mobilizada dos exércitos de agora.

D. João recebeu com afeto quase paternal as homenagens que lhe foi prestar Ruy de Vasconcelos.

Depois Montferrat esteve a falar com uns cavaleiros ingleses que já estavam no arraial, e Ruy teve uma conferência particular com um dos seus nobres parentes, homem ainda novo, mas de grandes créditos e de boa fama de experimentado no mando da gente de guerra. Era conhecido pela sua admirável intrepidez, nunca abatida em arremetidas de temerário arrojo.

A meio da tarde chegaram as duzentas lanças que tinham acompanhado a Mugem a hoste do Condestável.

* * *

Com autorização de Álvaro Pereira, marechal da hoste, (o “marichal” como então se dizia) os Namorados reuniram-se naquela tarde em certo casarão velho, celeiro abandonado, que ficava à retaguarda, a poucos passos do arraial.

Tinham de discutir um caso importante para eles, embora aos experimentados de menos verduras juvenis se afigurasse coisa prematura e quase pueril.

Eis o caso: Tratava-se de quem tinham de escolher para ir pedir a El-Rei a promessa de com eles formar uma ala de batalha, ou costaneira, como ainda diziam os velhos na sua tecnologia militar já antiquada, e quem para o mando deveriam propor, que para tal encargo merecesse a inteira confiança de El-Rei.

Por alvitre do Magriço e de Vasco Eanes, todos eles votaram entusiasticamente que a missão e o mando fossem para Ruy de Vasconcelos.

— Generosa favor e honra insigne é a vossa, — disse-lhes comovidamente — mas eu não; eu de modo nenhum!

— Não deveis escusar-vos!

— Não podeis!

— E direito nosso escolher-vos.

— Isso é, e por muito honrado me dou com a escolha. Mas olhai que, se eu tiver o mando, não quererá El-Rei que o nosso esquadrão forme por si só uma das alas na primeira batalha em que entrarmos.

— Não quererá porquê, se em tão grande apreço vos tem pelos vossos feitos e destemido ânimo?

— Assim é! Assim é! — confirmaram muitas vozes.

— Assim será, — replicou o Vasconcelos — mas olhai que para chefe má fama criei naquele duro lance da estacada da Ribeira, que alguns de vós conheceis, e ainda pior no outro daquele dia em que os castelhanos retiraram do cerco de Lisboa.

— Isso terá já esquecido a El-Rei. São coisas do tempo do Mestre de Avis — objetou o Magriço num certo tom de gracejo.

— Pois, meus amigos, no meu ânimo confiará talvez a sua real senhoria, — volveu-lhes sorrindo — mas na minha cabeça é que eu sei que ele não confia. Ainda esta manhã mo deu a entender, bem que muitas palavras de favor me

tivesse concedido. Parece-me que ainda o estou a ouvir, e olhai que o conceito é para nós todos: Pela possa lança iria eu pôr as mãos no fogo, a vossa e a dos vossos companheiros; mas pelas vossas cabeças de namorados, Deus me livrará de tal! E logo acrescentou de gracejo: Para arremetidas vos tenho por leões novos da minha hoste; porém para em vós confiar a sorte de uma batalha, andais muito na lua dos namorados e tendes o coração a mandar mais do que a cabeça para a levar consigo. Mais palavra, menos palavra, isto foi o que El-rei me disse, e já vedes que nos não dariam a honra de um lugar distinto, em que ficássemos entregues a nós mesmos, e muito menos se fosse eu o chefe. Só para formarmos ala nalguma batalha nos reinos da lua, — acrescentou sorrindo — pois é lá que nós temos o juízo, conforme o conceito de El-Rei. E olhai que o mesmo sei eu que ele já tinha dito ao meu primo Mem Rodrigues.

As razoes do Vasconcelos tinham calado no ânimo de todos.

— Quem há de ser pois, não de tal madureza danos que pareça o avô da ala, mas de tais créditos de sisudez, que não duvide El-Rei entregar-lhe a tutoria das nossas cabeças

de vento? — perguntou o Magriço, entre solene e gracejador.

— Se Mem Rodrigues quisesse, visto a sua fama de homem sisudo e sem dama que lhe dê volta ao juízo... — lembrou Vasco Eanes.

— Assim ele quisesse, e estava achado o chefe para refrear os ginetes rinchões dos Namorados — acudiu o Magriço com regalada jovialidade.

— E tão d’el-rei como é, ele próprio lhe poderia fazer o pedido por todos nós — lembrou Vasco Eanes.

— Certamente e bom padrinho seria — aprovou o Magriço. E vós o que dizeis, Ruy de Vasconcelos?

— Que daqui o vou já consultar e depressa voltarei com a resposta.

— Assim será bem.

Todos aprovaram e Ruy saiu.

— Depois lá na batalha — disse um dos mais jovens, ainda sem ponta de barba — lia de ser o que Deus quiser e o nosso coração mandar, e tanto hemos de fazer, que até o

próprio Mem Rodrigues não terá remédio senão parecer também um namorado jovem.

Riram da farroncaria do noviço e muito lha aplaudiram os mais estouvados daquele esquadrão singular, que faria honra aos tempos longínquos da cavalaria devaneadora.

* * *

Ruy voltou com a sua missão excelentemente cumprida e, o que mais era ainda, com o próprio Mem Rodrigues ao seu lado.

Os rapazes fizeram uma receção entusiástica ao fidalgo ilustre, a quem El Rei prezava pela admirável lucidez do conselho e pela serena intrepidez do ânimo. Tinha a calma reflexão de um velho e pouco ia além da primeira juventude.

Mem Rodrigues agradeceu-lhes modestamente a honra da escolha e a homenagem do recebimento e afirmou-lhes que

do melhor grado iria fazer o pedido a El-Rei, pondo porém uma condição.

— Mandai como chefe — disse o Magriço com assentimento de todos.

— Proponho simplesmente, propor é que é, propor como vosso irmão de armas, que outra coisa não sou ainda. Para que eu tenha o direito de apresentar o vosso pedido a El-Rei, fazer-lho tomando-o pelo meu e compartilhando por vós responsabilidades, que podem ser de extremada gravidade em qualquer batalha real em que haja de decidir-se a sorte de Portugal, será preciso que pela vossa juventude aventurosa responda à palavra jurada de nobres cavaleiros que sois. Heis de jurar-me pela vossa bandeira e pelo vosso nome, como se em presença de Deus o jurásseis, que na batalha em que formardes ala, escrupulosamente obedecereis ás ordens que eu tiver d'El-Rei, evitando rompantes de cavalaria que possam prejudicar a santa causa de nós todos. Decidi, e dizei o que decidirdes.

Entre olharam-se num relancear de consulta.

Como se os tivesse entendido claramente, o Magriço falou em nome de todos.

— Jurar pela nossa bandeira e pelo nosso nome o mesmo será que jurar por tudo o que for dever de lealdade para a nossa consciência. A Ala dos Namorados estará convosco para obedecer-vos e com a sua bandeira para acabar onde quer que a batalha fique perdida para a nossa terra. Mandai tudo o que for esforço e valer sacrifício, ainda que previsto e certo sacrifício da próprio vida. Pelo primeiro mote da sua bandeira a ala tem um só coração e uma só vontade, e dentro dela a alma responde pela juventude de todos, os mais noviços e os de mais sonhos. A ala morrerá onde a Portugal for preciso que ela acabe. Creio que é isto o que todos nós sentimos e queremos!

— Todos! — Todos! — exclamaram unanimes.

— Deixai que vos lembre uma coisa, que é preciso aclarar, para que o juramento que houvermos de fazer agora não vá quebrar o outro com que uns aos outros nos juntámos — disse Ruy. Como um só corpo a ala obedecerá ao seu chefe, mas ressalva o direito dos votos pessoais e cada qual dará conta dos seus a quem tiver o mando de

todos. O chefe decidirá quais votos se podem cumprir livremente, sem limite de ocasião e quais nos será dado realizar, somente quando a vitória for por nós ou a derrota for para os nossos.

— Assim tem de ser.

— Assim queremos que seja.

— Em batalha campal — continuou Ruy de Vasconcelos — o voto de todos, que no primeiro juramento se compreende, é que a ala fique, ainda que a hoste real haja de retirar ou de se render cercada. Ficará para morrer e morrerá para se não entregar.

— E eu com a ala — acudiu calorosamente Mem Rodrigues de Vasconcelos numa vibração comovida.

Os rapazes vitoriaram-nos a ambos com um fervor arrebatado, o sangue a afoguear-lhes o rosto, o coração a esvoaçar-lhes no peito, um fulgor de febre nos olhos cheios de lágrimas.

— E será esta, senhor Mem Rodrigues, meu nobre e honrado primo — continuou Ruy — a única desobediência da Ala dos Namora dos, prevista, certa, lealmente

confessada. Vede vós agora e dizei se, em tais condições, nos aceitais o juramento de obediência.

— Aceito.

— Pois glorioso chefe teremos — exclamou o Magriço entusiasticamente.

Todos o apoiaram em palavras calorosa homenagem a Mem Rodrigues.

— Então podemos jurar disse Ruy.

— Todos à uma!

— E agora sobre a cruz da espada de quem nos há de mandar — propôs o Magriço.

— Já o não entendo preciso. Falou a vossa alma e eu senti que falou a verdade. Esta noite me entenderei com El-Rei e amanhã cedo sabereis a sua resposta.

Fizeram-lhe o que hoje se diria uma ovação. À saída cruzaram-se os dichotes alegres daquelas aventurosas juventudes, que juravam morrer com a mesma despreocupação de ânimo com que poderiam combinar

uma batida aos javardos nas brenhas da serra mais próxima.

— Não vos dizia eu que Mem Rodrigues ainda havia de parecer um namorado, tal como nós? Aí o tendes já mudado e com o seu voto em favor do nosso.

Isto dizia para Vasco Eanes aquele noviço que já tivemos ocasião de ouvir. De dezassete anos incompletos, olhar ingénuo de adolescente, figurinha gentil de galã fidalgo, mais parecia o pajem, donzel de alguma castelã de lenda do que um campeador votado ao sacrifício da vida.

E no seu feitio gracejador, o Magriço a dizer ao Ruy de Vasconcelos:

— E há de El-Rei ver, e à custa dos castelhanos será, como as nossas cabeças de vento lhe ajudam a segurar a coroa.

* * *

Ao outro dia de manhã, mal que o sol rompeu, todos os cavaleiros e escudeiros fidalgos se foram reunir, como era costume, em frente da tenda real, para saudar D. João I e receber-lhe as ordens.

Os Namorados foram dos primeiros.

Iam com a ideia de saber o que se teria passado entre o Rei e Mem Rodrigues.

A um lado da tenda real, encimada por uma bandeira branca em que sobressaía a cruz verde, floreteada, da ordem de Avis, uma fila de trombeteiros águardava o aparecimento d'el-rei. Vestiam cotas de damasco com bordaduras de prata, como as tinham usado no tempo do rei D. Fernando, e empunhavam alto longas trompas de prata, as famosas trompas do reinado de D. Pedro I.

Para uma extrema do arraial se juntara muito peonagem a ver como os nossos besteiros e alguns arqueiros ingleses faziam barreira, ou, como hoje diríamos, exercício ao alvo, que ali se reduzia a uns barrotões velhos, cravados em fileira no solo. Contra eles disparavam frechas, virotões e

virotes com os arcos, as bestas de roldana ou de polé e as de garrucha.

Causava pasmo aos nossos a pontaria certeira e a mão firme dos frecheiros ingleses. E tanto como esta justeza de pontaria, os admirava a rapidez dos tiros, pois que um arqueiro destro podia disparar dez frechas durante o tempo que um besteiro levava a arre*! Messar três ou quatro virotes.

Volvidos instantes, apareceu El-Rei com o Arcebispo de Braga, e atrás deles o Marechal da hoste e Mem Rodrigues de Vasconcelos.

Todos os cavaleiros fidalgos e escudeiros o vieram saudar a um por um. As trompas vibravam com agudo estridor.

Acabada aquela homenagem, El Rei deu ordem a Mem Rodrigues para se juntar aos Namorados e trazer-lhos à sua presença em formatura.

Assim se cumpriu, e poucos minutos depois avançavam todos eles em quatro filas, à frente o chefe e à sua direita o Magriço com o estandarte verde, que a Rainha das belas

bordara. Vinham radiantes os rapazes, certamente porque Mem Rodrigues alguma boa nova lhes dera.

Fizeram alto a dez passos do rei.

— A mim me veio pedir Mem Rodrigues — disse-lhes D. João com afetuosa singeleza, quase paternal — lhe fizesse válido o cargo do vosso chefe, pois que para tal o havíeis escolhido, e por favor vos desse a promessa de formardes ala na primeira batalha que tivesse de se lutar em campo aberto contra o poder de Castela. Jovens de grande verdura danos, sonhadores de aventurosas cavalarias, sois vós todos, mas também de leal coração e arrojo de ânimo já provados. Ao chefe que escolhestes o tenho eu no mais alto apreço e vos dou por válido; responderá ele pela vossa juventude, em alguns inexperiente e em todos vós de temerária condição. Pela galhardia do vosso esforço respondo eu e com ela pode contar Portugal. Sereis uma das alas da minha hoste na primeira batalha. Está feita a promessa.

E toda aquela pequena coluna de valentes devaneadores estremeceu e todas aquelas almas vibraram em brados frementes de aclamação ao rei.

E com tal entusiasmo febril foi aquele preito de reconhecimento, de tamanho ruído, que de todos os lados do arraial acudiu gente num alvoroço de curiosidade. Até os frecheiros ingleses largaram o seu exército para saber o que era aquilo.

— Real! Real! Por D. João I, nosso glorioso rei! — bradava o Magriço no seu vozeirão triunfal, agitando na atmosfera doirada aquela manhã de junho o estandarte verde da nova ala.

E todos, num aprumo encantador, o sol a beijar os de frente como numa apoteose de lenda, foram desfilando por diante do monarca, repetindo alto, como se fosse um grito de guerra, o primeiro mote da sua bandeira.

— Pela nossa terra! Pela nossa terra!

E os outros cavaleiros fidalgos e escudeiros que tinham estado ali como espetadores, alguns já encanecidos nos combates, lhes aluíam caminho aclamando-os:

— Ala dos Namorados! Ala do estandarte verde! Boa glória vos dê Deus e carinhoso sol vos ilumine na primeira batalha em que entrardes.

— E caridosa terra nos cubra neste chão de Portugal, se a ala tiver de morrer vencida! — disse-lhes alto, comovidamente Ruy de Vasconcelos.

* * *

Entre a peonagem comentava-se o caso um pouco de chistes em dizeres pitorescos, muito no uso do povo; mas sem uma sombra sequer de má fé, antes com um certo enternecimento fraternal!

— Vamos ter uma ala de franganotes de crista emproada — dizia um besteiro já durázio. Pois bom poleiro lhes dará El-Rei e nós todos, se diante dos grande poder dos castelões eles cantarem como cantaram agora.

— Que alguns deles nem sequer ainda são franganotes, pois não passam de franganitos.

— Não; olhai que vão ali alguns que são já “frangos de souto”. (*)

[(*) Era uma expressão antiga que designava que já não eram pintos nem precisavam de acolher se debaixo das azas da galinha e iam procurar sustento pelos soutos (prados) e campos, afastados da mãe.]

— E daí — acudiu um homem de armas ainda novo — lá diz o ditado: «Mais vale um cavalo de três anos que um burro de vinte».

— Pois sim, sim — replicou o besteiro velho — mas largassem lhes de Castela as damas do paço, as mais bonitas e as mais novas, e lá se nos iria de aza de rojo a linda Ala dos Namorados.

De súbito vibraram trombetas ao longe.

— Ou lá! Serão das pessoas ali de Alenquer?

Chegava ao mesmo tempo um cavaleiro à desfilada, coberto de pó. Era um escudeiro de Fernão Rodrigues de Sequeira, carairo-mor de Lisboa, que vinha trazer aviso a El-Rei de que estavam chegando as lanças e a peonagem do concelho da cidade.

Não era caso para alvoroço, a não ser entre a peonagem. D. João I sabia que os de Lisboa deviam chegar naquele dia e

o Marechal da hoste já tinha tomado as suas disposições para o acomodamento daquele reforço.

Juntou-se muita gente para ver chegar a hoste dos alfacinhas como alguns diziam de brincadeira.

As trombetas vibravam já muito perto e a poeirada que se erguia do caminho estava indicando a aproximação de avultado número de pessoas.

Ouviu-se uma vozearia enorme de aclamações e de dizeres alegres, trocados entre os que vinham cegando e aqueles que os tinham ido esperar.

O carairo-mor adiantara-se e viera falar com El-Rei ao terreiro da sua tenda onde lhe faziam companhia os homens fidalgos.

— Que gente vem convosco ao todo? — perguntou-lhe D. João I.

— Senhor, bem pouca, se contarmos só os que veem suficientemente armados. Cem lanças de cavaleiros e trezentos besteiros e homens de boa peonagem.

— Bem pouca, sem dúvida!

— Ameaçada pela gente castelhana de Sintra e de Santarém e com uma armada inimiga na barra e dentro do rio, (*) Lisboa e todo ao seu termo precisavam de ficar com muito mais gente de armas, e lá lhe deixei o tresdobro de peonagem bem provida e experimentada — respondeu o Sequeira.

[(*) Segundo o historiador espanhol Ayala, era uma esquadra de 46 naus e 12 galés.]

Mas, senhor, atrás desses com quem muito podeis contar para empreendimentos de guerra, veem mais umas centenas da arraia-miúda, sem bacinetes, sem laudéis, porém gente de chuças e de rijos punhos, que de alguma coisa valerá ajudando os outros.

— Está bem, carairo-mor de Lisboa. Amanhã nos hemos de pôr em marcha para irmos saber por qual passo nos virá surdir a hoste real de Castela.

— A um galeote de Galiza, que há dois dias fugiu da sua galé para a cidade, ouvi eu, ainda ontem, que até da armada vão desembarcar homens de armas para virem

aumentar o poder com que está para entrar ou já entrou el-rei de Castela. Conta o galeote que é voz constante a bordo que o soberano de Castela trará para cima de quarenta mil da melhor gente das Espanhas, da Gasconha e do Bearnês, e mais não sei que engenhos novos de guerra de que o galego ouviu falar aos capitães das naus.

— Pois Deus será por nós, — respondeu D. João serenamente — e nós contra todo esse poder.

— O galego ouviu dizer que os tais engenhos vomitam fogo de repente, assim como relâmpagos de uma trovoada!

— Pois a Senhora Santa Bárbara será por nós.

— E que lançam grandes pedras.

— Isso também as catapultas e as mantas, e ainda ninguém morreu de susto.

— Truenos lhes chamou o galeote de Galiza. Parece que ouviu este nome a um dos capitães e logo a explicação de que assim chamavam aos tais engenhos por troarem alto como trovões. Porém na sua linguagem galega também o galeote lhes dava o nome de trons.

— Nada falta então ao tal engenho para amedrontar os pobres chamorros! —disse o Rei de gracejo. Relâmpago, trovão e raio. E para fingimento de ventania as palavras farronqueiras dos grandes senhores das Espanhas e da Gasconha! Pois não fugiremos nós a esse temporal desfeito e daqui ire-mos observar de que lado ele vem. A gente do povo soube dessa informação?

— Espalhou se logo, meu senhor, mas parece que a gente miúda se não intimidou muito com esta nova, pois que muitos esfarrapados se ofereceram e pediram para acompanhar a hoste com as suas chuças e até mulheres fizeram igual pedido.

— Senhor Rei, se dais licença... — solicitou em castelhano o velho cavaleiro gascão, já nosso conhecido.

— Dizei, João de Montferrat.

— Eu estive, senhor, na batalha de Crécy, em que o rei Eduardo III de Inglaterra desbaratou Filipe de Valois, rei de França. Bem que já tenham passado trinta e nove anos, a memória dos trinta que eu tinha então não deixou esquecer ainda o que foi aquela terrível batalha, em que se viu por

terra a mais bela e galharda cavalaria de França. Senhor, a essa batalha levaram os ingleses umas tantas das tais máquinas de guerra que vomitam fogo e fazem ruído como trovões. Aos primeiros tiros a peonagem francesa um pouco se amedrontou; mas os cavaleiros, na fúria da arremetida, mal deram pela novidade, e quem alcançou aquela tamanha vitória do rei inglês não foram os tais novos engenhos, porém os cavaleiros apeados e três mil e quinhentos frecheiros que Eduardo UI lá tinha.

Estes, sim; onde punham os olhos, punham as frechas, e derrubaram a flor da cavalaria de França. Esses tons, que dizem trazer el-rei de Castela, muito se hão de parecer com os de Crécy, que faziam muita bulha e pouco dano.

— Mas venceu quem os levava observou-lhe o Rei, baixando a voz.

— Como sem eles podiam vencer os de França, se não se apressam tanto a dar batalha quase ao cair do dia, e têm menos prosápias e leviandades de cavalaria inútil. Senhor, a mim me quer parecer que de algum proveito seria ir dizendo estas coisas aos da vossa hoste, mormente à

peonagem, para que não os venha colher de surpresa o espalhafato bulhento dos tais trons.

— Também a mim me parece bem o alvitre e por tal vos agradeço.

— Posso afiançar a vossa real senhoria que os tais engenhos nada importaram para o resultado da batalha. Eu vi deitar fogo a um; deu um ronco medonho, fez uma fumaceira que cegava, e afinal lá atirou com um pedregulho redondo, a uma distância de sete centos ou oitocentos passos, ao acaso, contra umas sebes. Depois daquele tiro, que tinha levado um quarto de hora a preparar, ninguém mais quis saber do tal monstro roncador.

— E proveitoso saber-se isso, e boa lembrança tivestes, João de Montferrat. Mem de Vasconcelos, — disse alto, sorrindo — os vossos Namorados que se incumbam de contar pelo arraial isto que ouviram ao ilustre e assinalado cavaleiro João de Montferrat. Que o contem e como rapazes que são, ao mesmo tempo se não esqueçam de mofar dos trons de Castela. E vós lá que dizeis, Ruy de Vasconcelos?

— Eu digo, senhor, que a ala os irá tomar onde quer que eles apareçam, se vós lho consentirdes.

— Consinto e fica a promessa feita. Quanto mais depressa fizerem calar os tais roncadores, tanto maior proveito para nós, por causa da peonagem miúda, que é quem mais se pode assustar com a ronca.

Ouviu-se uma enorme algazarra. Era dos besteiros trocistas a vitoriarem de brincadeira a multidão auxiliar da arraia-miúda, que não trazia bacinetes nem laudéis,(*) porque não os havia em Lisboa que chegassem para esses legionários pelintras com o seu uniforme de trapos.

[(*) Em Portugal, como em Castela, os homens válidos e de alguns haveres eram obrigados a ter à sua custa o seu próprio armamento, que variava segundo as posses de cada um. Mas as calamidades da guerra tinham sido tão frequentes e de tal modo empobrecedoras, que nem mesmo os remediados dispunham do armamento completo com que deviam entrar em campanha.]

Se até entre os mais favorecidos a variedade e a velharia dos armamentos eram curiosas! Capelinas ou capelos de ferro comidos da ferrugem de oitenta ou cem anos, solhas

esfrangalhadas que tinham ido ao Salado, ascumas remotíssimas que tinham estado em Navas de Tolosa.

— Viva a Ala dos rôtos! — clamavam os trocistas.

— Os guerreiros de ventres ao sol!

CAPÍTULO V

AO ENCONTRO DOS INVASORES

No dia seguinte de madrugada a hoste real arrasou as tranqueiras do acampamento, levantou as tendas e pôs se a caminho para ir ficar a Valada.

A uma légua de Alenquer afastou-se Diogo Machado, tomando para a Beira com cartas e recados do Rei para os fidalgos que tinham vencido a batalha de Trancoso. Instava com eles D. João para que não tardassem a juntar-se ao exército real com a sua melhor gente de armas, visto que, sozinhos e entregues ás suas forças, lhes não seria possível rebater o poder do rei castelhano.

Uma alegre marcha aquela até Valada.

O Rei ia conversando com o Marechal e os seus conselheiros mais chegados, a respeito das forças que lhe seria possível reunir numa batalha campal.

— Para chegar a seis mil e quinhentos ou sete mil, que fossem realmente homens de armas, seria preciso que o Condestável viesse do Alentejo com mais de três mil. Com a farrapagem auxiliar, dois ou três mil homens mal armados, não poderei contar muito para as primeiras arrancadas de uma batalha.

A larga distância para a frente do Rei, os cabecinhas de vento dos Namorados iam devaneando delícias e pedindo contos de cavalaria novelesca ao velho Montferrat, que parecia remoçado ao pé dos rapazes e com eles se comprazia, sempre caloroso palrador como bom e legítimo gascão.

Os fantasistas morriam pelo ouvir e Montferrat tinha histórias para vinte jornadas de sol a sol.

Contou-lhes as lendas dos cavaleiros do rei Artur, o rei louro do país de Gales, que vivera havia mais de oito séculos e fora o conquistador da Escócia, da Irlanda, das Orcadias, da Jutlândia, da Dinamarca, da Noruega e da Islândia.

E lá ia explicando aos mais novatos como a princípio a ordem da Távola Redonda apenas tinha doze cavaleiros, que se reuniam em volta de uma távola ou mesa redonda, com fraternal igualdade.

— Muito se ufanam os de Inglaterra por esta remota e famosa cavalaria, bem que muita coisa de fábula e de invenção novelesca ande ao de cima de algum fundo de verdade.

— Pois, senhor João de Montferrat — disse lhe o Magriço — ficai sabendo que estou com as minhas cócegas de arranjar uma Ordem-assim, e doze bastavam. Mas isso há de ser, se for, lá para quando os castelãos voltarem à sua terra com os trons encravados e a gorja entupida. Doze de Portugal por pano de amostra e para que lá na Inglaterra vissem que também de cavalarias algo entendemos.

— Não precisais de outra amostra melhor — volveu lhe o gascão — do que esta vossa Ala dos Namorados. Tão linda coisa, que até parece tirada de algum romance que nunca ninguém tivesse lido!

— E a tal da Távola Redonda — perguntou um dos mais jovens, — não deixou fama de amores e de belas enamoradas?

— Se deixou! Quantas naqueles tempos em que as feiticeiras eram lindas e faziam encantamentos como Viviana e Morgana, e as princesas eram de sonho como Branca Flor e Grisélia!

Vamos nós agora ouvir o que diz a arraia miúda da hoste.

Os que não traziam armamento regular e, quando muito, uma antiga coura de sola sobre a trapagem, e estes eram, ainda assim os mais distintos, vinham na cauda do pequenino exército, na reguarda como se dizia na tecnologia militar daquela época. E atrás deles o mulherio de aventura, apesar de todas as proibições e de todas as severidades, principalmente quando estava presente o austero Condestável. Em Portugal como em Castela e em outros países, e ainda, com muito maior desaforo, nas campanhas dos primeiros anos do século passado.

Mas ali não vinham só aventureiras, senão também mães para acompanhar de perto os filhos juvenis e esposas de

mais ânimo para acudir aos maridos, pois que os exércitos daquele tempo não tinham organizados os serviços de socorro aos feridos. E entre elas, algumas que tinham sido da hoste da tia Lourença no último cerco de Lisboa.

E quem animava o diálogo, dando-lhe o relevo dos seus chistes, era o Bernardo Pingueiro, aquele sapateiro tunante, já muito nosso conhecido.

Vinha delicioso. Um saio constelado de remendos, umas calças de bifa (1*) a esfiamparem-se-lhe; à cinta um longo espeto, a que ele chamava o seu estoque, e na cabeça, muito caído para a nuca, um capelo ferrugento, que tinha apanhado em Lisboa na “feira das ladras”. (2*).

[(*) 1 - Tecido de lá. 2 – “A feira de Lisboa” chamada assim até ao tempo de D. Afonso II, depois “feira das ladras”, e no decorrer do tempo “feira da ladra” como hoje é conhecida a famosa feira de velharias.]

E os seus olhos, cada vez mais piscos, a enviesarem-se-lhe para o nariz, cada vez mais rubro.

Tinha uns rijos cinquenta anos, apesar de batidos por trinta e cinco de formidáveis bebedeiras.

Era a mais extraordinária figura da Ala dos rotos.

Iam a rodear uma encosta, quando veio ordem para meia hora de descanso. Pararam e ficaram em grupos, à vontade. O Bernardo começou então a implicar com as mulheres para gáudio dos seus companheiros e colegas.

— Oh mulheres! — suspirou o chocarreiro. — Olhai como vou com pena de vós.

— Ora essa! Pena de quê?

— De ainda vos ver de joelhos a rezar à senhora Santa Bárbara, mal julgardes que sejam de trovoada os roncos desses trons que os castelões trazem consigo! Rezar? Isso rezais vós! Há de parecer que tendes azas nos pés, e lá nos deixareis onde quer que for!

Os homens riam; elas é que não gostavam do gracejo.

Animado pelo riso dos companheiros, o Bernardo insistiu.

— Eles de lá a largarem o pum dos trons, e vós de cá, mais amarelitas que os círios, ah! Pernas para que vos

quero, numa chiadeira de ratas, a chamardes pelo Juiz do Povo, que vos acuda.

— Eh! Eh! Calai vos aí, que sois sempre o mesmo, remendão de uma figa!

— Ora, deixai o lá. Não se faz caso. Toda a gente sabe quem é o Bernardo Pingueiro.

— Quem foi, é que deveis dizer. Para continuar a ser pingueiro faltou-lhe a pingo, dês que os malditos castelões arrasaram as lindas vinhas que tinha Lisboa e o seu termo.

— Por isso aqui vindes no fingimento de irdes para a guerra.

— Ao cheiro das vindimas é que ele vem — acudiu outra.

— E mais do vinho velho das adegas beiroas — lembrou uma terceira.

— O mais deslavado sapateiro que ainda teve a confraria de S. Chrispim!

— O Bernardo das momices!

— Ai, compadre, — disse-lhe um colega — boa a fizestes! Assanhastes o vespeiro, e olhai que já vos não largam.

E o marau do sapateiro num riso sorna de cético:

— Deixai-as lá chiar. De língua venceriam elas o poder todo do rei de Castela e mais do rei de França e mais do xarife mouro de Marrocos. »

— Calai-vos lá, truão de uma figa! — clamou uma das mais abespinhadas.

E ele, baixo para o compadre, num piscar de olhos malicioso:

— Ides ver o vespeiro ainda mais assanhado.

E logo alto no seu tom de galhofa:

— Pois ficai sabendo que o Bernardo Pingueiro deu em Bernardo Batalhador, e heis de ver-lhe a galhardia, quando os trona dos castelões se largarem a arrotar o fogo que trazem no bucho. Heis de ver-me, — acrescentou comicamente, floreando o espeto no ar — eu vos juro, assim, a esbarrigar castelões com este meu estoque de Condestabre dos sapateiros. Dou um furo no rei castelão, se adregar topai-o a jeito.

— Eh! Lá! — exclamou uma delas. Poucas brincadeiras com o demo do espeto!

— Oh criaturas frágeis! Tudo vos assusta e a isto vos aventurais! A vós, cachopas e donas de mantéu de estopa, a vós é que ninguém, nem eu, nem mesmo o senhor S. Jorge, nem mesmo o Santiago de Castela, a vós ninguém vos há de pôr os olhos em riba, assim que eles e nós começarmos, zás, paz, arreda que te espeto, e os bacinetes a toarem que nem caldeiras velhas, e as lanças bumba, e as espadas traz, traz, traz, e os trons bum! Bum! Bum! E os virotes a zunirem pelo ar e os homens a caírem aos cachos e a regueirada do sangue a referver na terra como o vinho mosto nas cubas! Filhas da nossa mãe Eva, costeletas do pai Adão… que ninguém mais vos torna a ver a sombra, porque heis de então fugir como galgas. Que digo eu? Como lebres é que há de ser.

Foi medonho o berreiro de indignação do mulherio contra o Bernardo.

E o descarado a rir perdidamente.

— Se as palavras fossem frechas, estas mulheres dos meus pecados seriam piores que os frecheiros ingleses. Pois aquietai vos lá, que vou fazer-vos um grande favor. Povo! — aclamou para os homens com solenidade grotesca. Sabei que muito me apraz nomear mais uma ala nesta nossa hoste, e essa nova ala proponho que vá atrás da outra dos Namorados e desta nossa, chamada dos rotos. Esta agora, pelo seu ânimo e leveza de pés, será chamada a ala das lebres.

E apontou com gesto soberano para os grupos de mulheres.

Ora! Foi desafio para nova arremetida de palavras deprimidoras e pretexto para uma galhofa doida da parte dos homens.

Veio ordem do Marechal para continuar a marcha. Foram seguindo e, quando já estavam à vista de Valada, receberam prevenção para avançar precavidos contra qualquer investida de surpresa da gente castelhana que guarnecia Santarém.

* * *

Foi noite mal dormida aquela no acampamento de Valada.

Dali seguiram, passando o rio a vau. Estiveram nas cercanias de Santarém a ver se os castelhanos se saíam com alguma arremetida; mas eles fizeram se desentendidos, e a hoste avançou então para a herdade de Ruy Pereira, onde acampou.

No dia imediato marchou até à Torre da Cardiga e ao outro foi ficar em Abrantes. Era excelente posição para guardar o caminho da fronteira a Lisboa e dali retirar pelo vale do Tejo ou tomar rapidamente para o vale do Mondego, se a invasão fosse realmente pela Beira Alta. Demais a mais, correra o boato de que o príncipe D. Carlos de Navarra invadiria também Portugal com uma hoste sua, mas não se sabia ainda por qual ponto da fronteira.

Dias depois chegava da Beira um escudeiro com informações graves para El-Rei. Era aquele mesmo Afonso Rodrigues Baticela, que levara a Lisboa a notícia da batalha de Trancoso. D. João I recebeu o em audiência confidencial.

O rei de Castela entrara com formidável poder, assolando tudo a ferro e fogo. Tomara o castelo de Celorico e mandara deitar fogo a igrejinha de S. Marcos, junto da qual o povo do Arcebispo de Toledo tinham sido desbaratadas no mês anterior.

Saqueavam e punham em cinzas as povoações, profanavam os templos, faziam crueldades hediondas, de atrocíssima selvageria, violando mulheres, a quem depois cortavam a língua, decepando as mãos ás criancitas e aos velhos inermes!

— Senhor — informou ainda o escudeiro — e tudo isto fazem com desalmada fúria, dizendo que é para lhes pagarmos nós o que eles sofreram no cerco de Lisboa e para ajustar as contas de sangue da derrota que tiveram nos Atoleiros, e mais das ações que perderam no Minho e, ainda mais, do desbarato de Trancoso e, do desaire do cerco de Elvas, em que Gil Fernandes os deixou escarmentados! Vão por aquelas ribeiras do Mondego abaixo em ferocidades de lobos danados!

— Nós tomaremos o passo a essa alcateia! — disse D. João I de rosto avincado. Nenhuma resistência lhes

puderam então opor os homes da Beira?

— Senhor, em campo aberto seria impossível tomar-lhes o passo com três centos de lanças, se tantas, e os lavradores bisonhos e mal armados, que lá se podiam juntar. Vinte vezes mais lanças trazem eles, segundo confessam, e tanta cavalaria e peonagem de boas armas, que nem todos os homens da Beira reunidos poderiam ter mão neles.

— Foram sobre Viseu?

— Senhor, dela não quiseram agora saber e lá seguiram numa arrancada de toiros bravios!

— Para aonde?

— A um, que os lavradores apanharam estropeado o obrigámos nós a falar, e esse disse que iam sobre Coimbra, para de lá vos irem desfazer o trono em Lisboa.

— Nós lhes iremos pôr embargos no caminho. E esse castelhano não disse ao certo que pessoas trazia a hoste real?

— Disse que não seriam menos de seis mil lanças, muitos ginetes à mourisca, cavaleiros e escudeiros de Gasconha e do Bearne não menos de dois ou três mil, e peonagem tanta, que acima seria de vinte mil, afora a gente das grandes bagagens que traziam, que essa vem também armada e andará por dez ou doze mil homens. Se o prisioneiro nos não mentiu, el-rei de Castela vem apercebido para grande demora e com aprestos para se aclamar em Lisboa.

— Para se aclamar! Que aprestos?

— A coroa, o manto e o antigo cetro dos reis castelhanos.

— Isso havia de ser embuste do prisioneiro para mostrar que de tudo vos informava. Provavelmente lhe tinham metido medo?

— Ameaçaram-no de tortura até morrer, se não dissesse tudo quanto sabia, e que em segura prisão seria guardado até se averiguarem as verdades ou as mentiras que tivesse dito.

Com o mento fincado sobre os punhos cerrados, El-Rei ficou por instantes emudecido, de olhar baixo como se estivesse a pensar. Assim uns instantes apenas. Sacudiu os ombros de repente e ergueu a cabeça num movimento de firme altivez.

— Nada informou o prisioneiro acerca de certos engenhos novos de guerra, que el-rei de Castela mandara fazer para cá vir?

— Senhor, informou. Disse que eram grandes engenhos, todos de ferro, e que dentro de cada um. Cabiam bolas de pedra que os pulsos de um homem possante mal poderiam erguer do chão. Disse que em Toledo tinham experimentado um deles, metendo-lhe dentro uma saca de lã, cheia de certos grandes negros que dão fogo com tal violência, que tudo atiram adiante de si, mais longe que o virotão da melhor besta, fazendo estrondo como de trovão e tamanha fumaceira como se fosse de uma meda a arder! Um dos dezasseis que eles trazem, o tal que foi experimentado, conta o prisioneiro que deitou a mais de quinhentos passos uma pesada bola de pedra, que foi

derrubar um muro da altura de dois homens. E aquilo num abrir e fechar de olhos!

D. João refletia de testa enrugada e maxilares cerrados. Agora não se tratava já de um simples boato de que seria fácil mofar; agora afirmava-se um facto com pormenores que podiam ser de esmorecimento.

Levantou se e perguntou-lhe sacudidamente:

— Escudeiro, a alguém da minha hoste contastes já isso que me tendes dito?

— Senhor... Perdoai... Não sabia! — tartamudeou perturbado.

— Respondei claro. A alguém o contastes?

— Senhor, a um grande amigo que aí tenho algumas coisas disse por alto, mas logo lhe pedi que de tal não falasse a ninguém enquanto vossa real senhoria não o soubesse.

— Quem é esse vosso amigo?

— Senhor, ao jovem cavaleiro Ruy de Vasconcelos foi que eu o disse.

— Não está mal parado o segredo. Mas daqui ireis já procurar esse vosso confidente para, em particular e no meu nome, lhe dizerdes que, pelo bem da nossa causa, a ninguém deve confiar o que vós lhe contastes, senão depois que houvermos batalha com os de Castela.

— Senhor, sim.

— Nem ele, nem vós, como se nada soubésseis. E se por algum alvissareiro vierem informações iguais, heis de vós nega-las, que assim vos mando e assim é bem que seja. Ide depressa.

O Baticela dobrou o joelho e beijou-lhe a mão, ainda afogueado e numa perturbação que lhe não era fácil disfarçar.

* * *

El Rei mandou logo convocar os homens do seu conselho distado para dali a uma hora.

Efetivamente, no prazo marcado ali estavam todos com ele na sala nobre da sua pousada, num dos mais antigos e enobreci dos solares de Abrantes.

El Rei apresentou a questão da defesa do país, que foi calorosamente discutida. Os pareceres dividiam-se quanto à parte estratégica e, especialmente, no tocante ao que hoje chamaríamos o teatro das operações. Uns entendiam que em Lisboa se deviam concentrar as forças principais do reino e ali águardar que chegassem os prometidos socorros de Inglaterra. Outros eram de opinião que se fosse cortar a retirada aos invasores, caindo lhes de improviso pela retaguarda.

Outro era o propósito d’el-rei. Ao primeiro parecer o rejeitava agora, quase com remorso, pois que por causa dele o Condestável partira para o Alentejo com manifesta mágoa e mal disposto de ânimo. Agora estava D. João I pelo voto de Nuno Álvares, e sentia bem a razão com que ele se opusera aquele alvitre da defesa concentrada em Lisboa, à espera dos socorros de Inglaterra. Todas as informações recebidas deixavam perceber que chegariam demasiado tarde e ao atar das feridas, como o Condestável dissera no

tempestuoso conselho de guerra que se reunira em Alem quer.

Tendo por muito falível e de aventuroso perigo o segundo parecer, El Rei expôs abertamente a resolução em que estava. Mandaria dizer ao Condestável que viesse juntar se lhe com a sua hoste, e marcharia com todas as forças reunidas a tomar o passo ao rei de Castela.

A alguns se afigurou demasiado audacioso este plano, e mais não sabiam ainda ao certo, como El Rei, que formidável poder trazia o monarca invasor; o Dr. Gil Docem interveio na discussão com sólidos argumentos e dominadora eloquência, e logo transigiram os mais aferrados ao plano de uma defesa circunscrita ás muralhas de Lisboa.

Sorridente, num consolo íntimo por aquela vitória do seu projeto, El Rei logo ali confiou a João Afonso de Santarém, um dos membros daquele conselho, a missão de partir imediatamente para o Alentejo a dizer ao Condestável que viesse sem detença com os seus homens de armas, e juntos iriam ao encontro dos castelhanos, pela forma que em conselho se combinasse.

O Santarém pouca demora teve, e voltou cedo. Com a resposta é que ele não parecia vir satisfeito.

A primeira pessoa que encontrou em Abrantes com quem pudesse abrir-se desafogadamente foi o octogenário Diogo Lopes Pacheco e com ele se entendeu antes de ir falar a El Rei.

— Venho desconsolado com a resposta de Nuno Álvares!

— Não quer vir juntar-se à hoste real?!

— Coisa pior é o que ele tem no sentido! Encontrei o assomadiço e muito contra nós, os do conselho d’el-rei, mormente contra aqueles que deram voto para que em Lisboa se fossem esperar os auxílios de Inglaterra, ou a passo e passo nos fôssemos defendendo do poder invasor, sem arriscar batalha.

— Mas agora, que El-Rei está determinado a ir tomar o caminho ao povo de Castela, parece que Nuno Álvares tinha motivo para ficar satisfeito com o recado que lhe levastes!

— Pois respondeu-me altivamente, e a todos os do conselho os jogou o seu remoque. O recado é de tal

sobrançaria, que não o quero eu dizer El-Rei, tal como ele mo deu. Foi assim, e deste modo se mandou pôr por escrita para eu o ter de cor, sem nenhuma diferença de palavras, que lhe alterasse o sentido: Dizei a El-Rei, meu senhor, que eu não sou homem de muitos conselhos, e pois que já uma vez esteve resolvido entre ele e eu que se não deixasse passar el rei de Castela e lhe dessemos batalha, não estou disposto a mudar de propósito nem a dar um passo atrás, por mais conselhos que lhe lá deem e por maiores que sejam as arengas dos doutores que traz consigo». Mas dizei-lhe também que lhe peço o favor de me deixar ir sozinho dar batalha aos de Castela com estes poucos e bons portugueses que tenho comigo Todavia, se a sua real senhoria quiser ir juntar-se comigo, sem perder tempo a ouvir conselhos, que de tal me avise e em tomar, para onde vou partir, o águardarei coma minha hoste.» Vede agora se eu devo dar este recado assim a El-Rei!

— Certo não deveis. Qualquer esfriamento da boa amizade entre El-Rei e o Condestável seria agora de grande mal para a nação. Nem a hoste real pode dar batalha ao poder que se diz trazer el-rei de Castela, sem levar consigo

a gente de Nuno Álvares, e ele a valer mais do que todos os seus homens de guerra, pois, sobre ser o primeiro deste nosso tempo que venceu batalha campal aos castelhanos, é também o português que tem agora nas Espanhas mais alta fama e mais temor infunde aos nossos inimigos.

— Assim é, e bem o sabemos todos, mas atendei a que também são um perigo para todos nós as suas temeridades de homem arrebatado! Com os três mil homens escassos que tem consigo, que batalha havia de ele dar aos trinta e cinco ou quarenta mil com que entrou o rei de Castela, segundo já me disseram?! Era desastre certo, a não ser que lutasse por ele os santos que traz na sua bandeira.

— Pois sim; valeria bem uma loucura, mas olhai que loucura ainda maior seria que a hoste real fosse batalhar sem aqueles três mil, que valem pelo triplo, trazidos à luta por tal assinalado capitão. Sabei que, se bem contarmos quantos homens aqui temos regularmente armados e capazes de entrar em batalha, não chegaremos a encontrar mais de quatro ml. Para vencer com tão pequeno poder só se topássemos os trinta e cinco ou quarenta mil de Castela a dormir a sesta.

— Mas então qual recado vos parece que eu leve a El-rei!

— Dizei-lhe que o Condestável lhe pede o favor de o não desviar do seu propósito de ir dar batalha; que vai pôr-se em marcha para tomar, e dali irá tomar o passo aos invasores sobre o caminho para Lisboa; mas que em tomar águardará as ordens da sua real senhoria. Assim tirareis ao recado essa dureza de altivez, que é, principalmente, podeis crê-lo, contra os do conselho que não foram do parecer de Nuno Álvares em Alenquer.

— Pois assim será, para bem de todos — concordou o Santarém.

Foi logo dali ter com o Rei, e deu lhe o recado como fora combinado.

D. João I também tinha sangue assomadiço, mas era, principalmente, um chefe e um homem político admiravelmente perspicaz; sabia dominar se para dominar os homens seus cooperadores; compreendia nitidamente a gravidade dos perigos em que estava o país e não era alma vangloriosa e pequena para sacrificar ás suas prosápias de

soberania e de mando supremo, nem sequer a longa e carinhosa amizade aquele seu irmão de armas, a maior figura épica em volta do seu trono, quanto mais os sagrados interesses da nação.

Ouviu o recado sem que uma sombra sequer de despeito lhe turbasse o rosto. Num alarde de júbilo, que era o disfarce teatral com que podia desvanecer no espírito dos seus conselheiros a má impressão daquele recado insubmisso, apesar de atenuado pelo Santarém, logo incumbiu a Fernão Álvares de Almeida a missão de ir imediatamente ao encontro do Condestável, para instar com ele pelo regresso a Abrantes ou para o águardar em tomar, onde se lhe iria reunir a fim de se combinar a batalha, em que ambos agora estavam empenhados.

O jovem batalhador recebeu o recado de ânimo prazenteiro e mandou responder a El Rei que ia partir sem demora para tomar, onde formaria a vanguarda da hoste real, cobrindo-lhe a marcha, e ali jubilosamente o águardaria.

Estava satisfeito o seu empenho de chefe militar e de paladino aventuroso, e de algum modo as suas vaidades de homem político, porque as tinha de rija intransigência,

apesar de todas as suas raras virtudes e excecionais qualidades, assim ficavam altivamente desagravadas.

Para Abrantes não iria. Era ele quem tinha de vencer naquela batalha política. Convencera-se de que alguns do conselho de estado lhe contrariavam os planos com o propósito de o apoucar em discussões em que ele era autoridade primacial pela categoria dos seus feitos, e doera-lhe profundamente que o Rei, seu amigo e o seu devedor, se inclinasse para esses de muitas palavras e pouquíssimas obras. Chegou mesmo a supor-se ingratamente deprimido junto do trono. Sabia-lhe agora bem aquela vitória.

El-Rei que fosse agora ter com ele, arrastando consigo os fidalgos e os doutores do seu conselho, principalmente o raposo bolonhês, como ele chamava ao Dr. João das Regras, formado na Universidade de Bolonha, como já sabemos.

Dar-se-ia enfim a batalha contra a qual eles tinham votado em Alenquer, e era ele, na frente, quem os puxava a todos para o lance que podia ser decisivo.

No dia seguinte aquele em que Fernão Álvares de Almeida lhe trouxe a resposta do Condestável, marchava El-Rei com a sua hoste para tomar.

Tinha-se espalhado que iam ao encontro de Nuno Álvares e to dos sentiram em si uma nova alma, sem que lhes importasse indagar se eram mais ou menos de três mil homens de guerra esses que o vencedor dos Atoleiros tinha consigo.

E os da Ala dos Namorados, esses então iam radiantes. Com aquele chefe jovem, arrojado, devaneador, todo embevecido nas lendas novelescas da Távola Redonda e do Santo Graal, paladino que sabia vencer batalhas, mas também idealista para sonhar milagres de esforço, com ele é que os rapazes se tinham de entender bem e não haveria voto denodado que esse Condestável de vinte e cinco anos lhes não autorizasse.

CAPÍTULO VI

NOTÍCIAS DE LONGE

Logo no dia imediato aquele em que as tropas reais se juntaram em tomar com as do Condestável determinou sua real senhoria que nas várzeas se fizesse alardo de todas as forças da hoste. Era uma espécie de revista ou parada geral, como hoje se diria.

D. João e Nuno Álvares queriam avaliar por si próprios as forças totais com que podiam contar e agrupar as grandes unidades de batalha, coisa embaraçosa e demorada com a tática rudimentar daqueles tempos e com a frouxa coesão e difícil mobilidade de tropas coletícias, reunidas à pressa aos primeiros rebates da guerra.

Foram-se juntando as tropas longamente por aquelas ridentes várzeas que tem o valezito do Nabão. O Condestável, o Marechal, o próprio Rei as iam guiando na formatura e na marcha daqueles tempos, que hoje nos

havia de parecer tumultuária e de esmorecedora irregularidade.

Meteu-se em ordem a primeira linha de batalha ou primeiro que devia constituir a vanguarda. Eram seiscentos homens de lanças, a cavalo, tendo por armas defensivas bacinetes de camal, nem iodos eles com viseira ou cara, cotas e loudéis, arneses de pernas, braçais e manoplas.(*) Alguns ainda traziam as antigas solhas (lâminas de ferro), e os fraldões de malha de aço que de fendiam o ventre e as coxas.

[(*)Luvas feitas de pequenas laminas de ferro articuladas]

As suas armas ofensivas; além da lança e da espada de folha estreita e retilínea como um estoque, eram a hacha (*) e o machado com que decepavam a peonagem ou golpeavam os cavaleiros pelas junturas das diferentes peças da armadura.

[(*) A hacha era um machado de combate com o cabo revestido de ferro e uma larga e grossa folha de aço com o gume em forma de meia lua. Também davam o nome de hacha a umas pesadas maças de ferro ou de chumbo com uma bola de ferro ou de bronze na extremidade para derrubar e amolgar as armaduras.]

Nesta primeira linha se enfileiravam, distanciados dos lanceiros de plebeia origem, os fidalgos e os escudeiros nobres com os seus balsões e signas heráldicas.

Atrás deles, em fileiras, numa coluna irregular, os pajens e simples escudeiros dos cavaleiros nobres e a peonagem com os besteiros e frecheiros na frente. Era a infantaria daquela época com as suas ligeiras armas defensivas, o bacinete sem camal, a solha e a espaldeira, que nem todos tinham.

Na frente desta coluna, a que os velhos guerreiros chamariam ainda dianteira, estavam os trombeteiros. Com o Condestável ia a cavalo o escudeiro que lhe levava erguida a devota bandeira, seguido de outros escudeiros em corcéis engalanados, como escolta.

Sendo regra que a cada lança, como unidade de agrupamento, correspondessem três ou quatro homens de

guerra, aquela coluna teria menos de três mil combatentes.

Na direita e um pouco à retaguarda, a Ala dos Namorados com a sua bandeira verde. À frente Mem Rodrigues de Vasconcelos. Duzentas lanças apenas.

Na ala esquerda, comandada por Antão Vasques de Almada, havia cem de lanças, incluindo vinte e cinco cavaleiros ingleses e alguns voluntários estrangeiros, entre os quais João de Monteferrat, e pouco mais de um cento de frecheiros de Inglaterra.

A segunda linha, destinada ao comando direto do Rei e a formar a reserva na primeira batalha a travar, tinha seiscentas e cinquenta lanças e dois mil e quatrocentos homens de peonagem, incluindo os besteiros.

O seu efetivo teria de aumentar, em homens de lança principalmente, logo que chegasse o reforço esperado da Beira, provavelmente pequeno por causa da passagem assoladora do exército invasor e das previsões de uma segunda invasão pelas tropas do Príncipe de Navarra.

Na frente daquela segunda linha, como porta-bandeira, um dos Cunhas da Beira, e Lopo Vasques, a substituir o irmão

ausente, Gil Vasques, no cargo de alferes-mor, que era nas batalhas antigas quem levava a bandeira real, e com ele a escolta de honra dos escudeiros d'el-rei.

À retaguarda dos besteiros e da peonagem de ventres ao sol, como escreveu Fernão Lopes, dos rotos para quem não tinham chegado os peitos de ferro e os bacinetes, concentrara-se rumorosa a multidão dos não combatentes, pajens, serventuários, cavalariços, azeineis, carreiros, magarefes e outra gente necessária aos serviços do exército.

Os aventureiros curiosos e as mulheres da soldadesca, algumas delas batalhadoras do cerco de Lisboa, na hoste da tia Lourença, ficaram a larga distância, por detrás dos muros e por entre os olivedos ou pelas ribanceiras a cavaleiro da Várzea, admirando o espetáculo.

O povoléu da vila e das aldeias vizinhas, esse amontoava-se para os lados da ponte do Nabão e por toda a encosta do velho castelo dos Templários, onde tremulava a bandeira dos freires da ordem de cristo, brilhantes sucessores dos Cavaleiros do Templo.

Naquela paisagem soberanamente linda e sob aquele sol de agosto, imenso candelabro de oiro numa apoteose de sonho, esse alardo comovedor de seis mil e quatrocentos homens de guerra, aquela maior força com que podia contar uma nação pequena que não queria morrer!

E aquela hora talvez, lá pelos campos de Leiria, outro belo trecho da paisagem portuguesa, a hoste invasora estaria também fazendo alardo faustuoso do seu poder cinco vezes maior.

* * *

Nos agrupamentos das mulheres o coração falava com enternecido fervor e os olhos tinham neblinas de lágrimas, daquelas neblinas em que as piores visões se engrandecem e os mais belos sonhos se amortalham.

— Coitados deles, quando forem na batalha com esses malditos de Castela, que trazem consigo o poder do mundo!

— E as mães, as pobrezinhas! Quem sabe a conta das que nunca mais hão de ver os filhos?! — lembrou uma velhita, figura esguia de marfim amarelecido com o seu toucado de neve na brancura dos cabelos.

— Deixai que as noivas, — acudiu enternecidamente uma recém-casada, ainda nova — deixai que essas ás vezes choram com tamanha dor, que nem a das mães talvez seja maior!

— Se Nossa Senhora não pedir por eles — disse outra — e Deus não der a cada um a alma de quatro ou cinco, ai, mulheres, que não sei então o que será deles e de nós!

— E de toda a nossa terra nas mãos desses excomungados que inté têm outro Papa diferente do nosso, ou o demo em figura de Papa! O Senhor me perdoe, se nisto peco! — acrescentou benzendo-se piedosamente, de olhos postos na igreja do Senhor Jesus dos Freires.

— E pelos modos veem por aí fora como lobos danados esses malditos!

— Já me contaram que os negregados trazem consigo umas dornas de ferro que deitam fogo!...

— O fogo do inferno com que o demo, seu patrono, os há de estorricar, má peste dê com eles!

— E que esses tais engenhos de Belabú atiram de si tamanhos pedregulhos, que por cada vez podem matar vinte ou trinta criaturas!

— Credo, Mãe santíssima! Não o digais a quem tal não souber.

— Pois olhai que eles já o sabem e ainda nenhum bebeu o fôlego espavorido!

— Mas dizei-me cá, mulher de Deus: só farão tal matança dessa pobre gente que não anda toda vestidas de ferro?

— Contaram-me que mesmo aos cavaleiros, todos dentro do seu casulo de ferro, os britam e põem em migalhas como se os arneses fossem de vidro!

— Divino Jesus! Deus tal não havia de consentir!

— E pensar a gente que esse inferna daqueles almas do diabo, num abrir e fechar de olhos nos pode esmagar a flor da nossa hoste aquele galhardo Condestabre, que parece o

anjo da guarda da nossa terra, o Senhor me perdoe, se nisto lhe faço ofensa!...

— E mais aquela gente jovem da Ala dos Namorados, um regalo dos olhos para a gente os ver!

— Oh mulheres, mas se Deus quisesse que eles vencessem, todos eles, os Namorados e os rôtos, os que têm brasão e os que não da nossa gente?!... Tamanha glória que nem Portugal havia do caber em si de envaidado!

— Pois isso mesmo havemos de pedir a Nossa Senhora, nós lis mulheres, e fazer-lhe os votos dos nossos corações com tamanha devoção e tanta penitência, que os Chamorros hão de vencer os outros.

— Olhai! Olhai! Avisaram da frente da multidão. Tangem as trombetas e vão a desfazer o alardo.

Efetivamente a formatura desfazia-se. A parada acabara.

Enquanto os rapazes da ala gentil fazem caracolar os corcéis pela várzea fora, tão despreocupadamente como se estivessem apenas nas vésperas de um torneio ou de um jogo de canas na Correiloura de Lisboa, o Rei, de parte com Nuno Álvares, dizia-lhe baixo:

— Nuno, seis mil e quatrocentos somente para batalhar! E com algum socorro que nos chegue da Beira, ainda menos talvez de *te mil! Muito espero em Deus, mas ainda que Ele seja por nós, muito lhe havemos nós de merecer pelo nosso esforço para que Portugal se não perca!

— Rei e amigo, creio que assim há de ser, tal como se cada um de nós trouxesse em si as almas de quantos, em mais de dois séculos, ergueram Portugal e morreram por ele.

E os seus olhos azuis de sonhador, incendidos numa grande fé patriótica, toda envolvida no misticismo da sua fé católica, co mo que voavam da bandeira castelã dos freires cavaleiros para a bandeira real de D. João e vinham enfim pousar o voo no seu pendão constelado de imagens como um relicário.

* * *

Pouco depois do alardo, deliberou Nuno Álvares mandar sair do arraial um escudeiro da sua confiança e de provado

arrojo, para ir com quatro homens de armas de cavalaria ligeira (ginetes) até ás proximidades de Leiria observar a hoste de Castela, avaliar-lhe os efetivos, e notar como assentavam arraial e o tinham vigiado. Uma patrulha de esclarecedores se diria hoje.

Mas o escudeiro ainda ia com outra missão. Levava a el-rei de Castela um recado escrito, em que o Condestável intimava o monarca invasor a retirar de Portugal sob pena de lhe darem batalha, em que o juízo de Deus tivesse de decidir pela boa ou má fortuna de cada um.

Com as aparências de uma intimação ingenuamente pueril e quase risível, e com o seu feitio tradicionalista de cartel de desafio, como nos grandes tempos da cavalaria aventurosa, aquele recado escrito não era essencialmente uma fanfarronada romanesca, mas um pretexto ardiloso para o escudeiro poder entrar no arraial inimigo ou justificar a sua aproximação dele, protegido pelas pragmáticas guerreiras do tempo. D. Nuno bem sabia que o rei não ia desistir do seu propósito diante de uma alegação de meia dúzia de palavras e de uma inútil ameaça em três linhas de um pergaminho. Para batalhar e decidir a

contenda a ferro e fogo é que ele juntara o maior poder militar das Espanhas e atravessara a Beira até Coimbra e de lá para Leiria como um tufão esmagador.

Dias depois voltou o escudeiro com a resposta do rei de Castela. Resposta escrita com alegações em favor da sua causa e uma arrogante promessa de entregar à justiça de Deus o seu pleito e decidi-lo na batalha que vinha procurar.

Extraordinário prestígio tinha Nuno Álvares nas Espanhas para que lhe desse a honra insigne de uma resposta com alegações e promessas aquele poderoso monarca, aliado do rei de França!

Demais a mais, no tocante ás suas prosápias e aos seus interesses políticos, de nenhum português tinha el-rei de Castela mais humilhadoras razões de queixa do que daquele cavaleiro bastar do, que fora e era o braço direito do Mestre de Avis, o seu amigo e partidário de maior valia, a lança quase miraculosa daquele Portugal insubmisso, que já lhe vencera duas batalhas.

O escudeiro chegou com a resposta, precisamente quando a hoste dispersava de uma segunda revista de parada. E

com o recado do rei estrangeiro lhe trazia também informações graves, que não queria confiar-lhes diante de outras pessoas.

Pela sua parte o Condestável, assim que o viu, logo se afastou de todos os seus e foi ter com ele para o ouvir.

O recado escrito não o podia surpreender. Com aquela recusa contava ele e só lhe causou admiração que viesse num tom quase conciliador, expondo os seus direitos de herdeiro e resumindo promessas de monarca generoso para galardoar Nuno Álvares se ele abandonasse a causa de Portugal.

As informações vocais é que eram acabrunhadoras, e seriam de desalento para qualquer outro homem de menos arrojado ani mo e de menos sonhadora fé.

Contou-lhe o escudeiro que vira a dispersão de um alardo da hoste real, e os cavaleiros e a peonagem enchiam os campos de Leiria! Seriam bem mais de trinta mil homens!

As bagagens atravancavam os arredores e, com elas, ainda uns dez ou doze mil homens que não entravam na formação

da hoste, mas também vinham armados e ajudariam à matança final, mal que fosse por eles a vitória.

Calculava um total de quarenta e cinco a quarenta e seis mil homens a todo o exército.

D. Nuno fingiu não acreditar, mas logo lhe foi impondo severamente a obrigação de não repetir no arraial aquela avaliação, que tinha por errada e causaria desalentos à pobre peonagem ignorante, sempre inclinada a exagerar todos os perigos.

O escudeiro não deixou sem defesa os seus créditos de observador perspicaz e logo lhe propôs uma prova abonatória do seu cálculo.

— Só para nós ambos. Dizei.

— No olival de além da ponte, os companheiros que daqui levei águardam a ocasião de vos apresentar certo escudeiro português que estava em Leiria com o amo, fidalgo nosso bandeado por Castela.

— Fugiu de lá?

— Senhor, não. Foi pelos meus companheiros feito prisioneiro numa aldeiazita dos montes de Leiria, onde o pilharam. Talvez porque ali andasse à caça de amores ou porque para ali o levasse um intento de rapina, pois que a hoste castelhana tudo por aqueles sítios tem posto a saque.

— E daí?

— Esse prisioneiro esteve muitos meses em Castela, veio de lá com o rei; tudo viu e sabe, e tudo vos dirá para que lhe perdoem.

— Está bem. Vou eu ouvi-lo, eu sozinho, e olhai bem que ninguém da vossa boca o venha a saber.

— Senhor Condestável, pela vossa bandeira e pela minha honra vos juro.

D. Nuno foi sozinho direito ao olival e lá lhe apresentaram o prisioneiro aqueles dos ginetes que tinham acompanhado o seu enviado ao rei de Castela.

Sujeitou-o logo a um breve interrogatório, a que o prisioneiro respondeu desassombradamente.

— Que gente de armas e peonagem de guerra traz el-rei de Castela?

— Mais de trinta e três mil homens, pois se lhe juntaram aos que trouxe de Castela os muitos que vieram das naus e galés que estão em frente de Lisboa e gente de Alenquer e Santarém.

— Então menos do que eu supunha!

— E mais de doze mil que não entram na hoste, mas entrarão na chacina como têm entrado na rapinagem. Boa cavalaria fidalga, os maiores senhores das Espanhas e muitos de França. Lanças umas oito mil. De cavalaria ligeira de ginetes mais de dois mil à castelhana e à mourisca.

— De França quantos supondes?

— Dois mil de Gasgonha e do Bearnês, ouvi que eram.

— E uns engenhos de fogo que dizem trazer el-rei; pudestes vê-los?

— Senhor, vi. São dezasseis bisarmas de ferro, de boca escancarada como os balseiros do Alentejo. As zorras, em

que vem cada trom (*) com o seu estrado, estafam três juntas de bois, as rodas abrem regos fundos nos caminhos, e só a quatro juntas se arrancam das ladeiras!

[(*) Os raros exemplares dos primeiros trons que se encontram nos museus militares têm o aspeto de morteiros sem munhões.]

— Melhor, melhor assim! Fico sabendo. São aventesmas de grande ronca e pequeno dano. Sejam, porém, como forem, sob pena de morte vos proíbo que de tal faleis com alguém ou digais o número dos nossos inimigos que estão em Leiria. Vede bem: sois um prisioneiro; tenho sobre vós direito de vida ou de morte e, além do mais, porque em rapinas de povoados foi que vos prenderam, por tal vos posso mandar decepar as mãos.

— Senhor, o que vós mandardes que eu diga — respondeu enfiado e num grande quebramento de ânimo. Do que fiz estou arrependido e contrito.

— Pois boa paga vos darei, em vez da morte por ladrão de povoados, se em presença da sua real senhoria, o senhor

rei de Portugal, e de todos os seus cavaleiros fidalgos e conselheiros disserdes o contrário do que a mim me contastes.

— Mandai me o que quereis que eu diga.

— Que a hoste d'el-rei de Castela é muito mais pequena do que nós aqui julgamos, e que a sua gente vem mal unida e de má vontade e, pelo que tendes visto aqui, mais valerão dez de cá do que trinta daquela gente.

— Senhor D. Nuno, tudo isso que mandais o hei de eu dizer firmemente.

— Ficai sabendo que deste modo bom serviço de resgate será o vosso para esta terra de Portugal, que tínheis atraiçoado.

— Senhor Condestável, por acompanhar meu amo foi que eu tal fiz, assim como fizeram tantos outros escudeiros e até os dos vossos ilustres irmãos, o senhor D. Pedro, que ora é mestre da ordem de Calatrava, e o senhor D. Diogo Álvares Pereira.

— Irmãos pela minha mãe; agora, porém, como se fossem inimigos meus, porque ao serviço de outra causa e

de outra terra puseram o coração e as lanças — disse-lhe afogueado. Segui-me.

Foi dali com ele à presença d'el-rei, que estava na grande várzea rodeado pelos do seu conselho, incluindo os doutores, e por todos os principais cavaleiros fidalgos que tinham assistido ao alardo daquele dia.

D. João gracejava.

— Vede que até os nossos preclaros doutores em leis estão de ânimo feito para trocar a gorra pelo bacinete, a loba negra pelo arnês, a pena por uma lança.

— Senhor, este vosso reino tão poucos tem para o defenderem do tamanho poder que sobre ele veio, — respondeu-lhe João das Regras sorrindo-que até os que estudaram para combater com a língua têm agora de lutar com a lança.

Todos festejaram muito o dito do doutor-chanceler. Foi então que o Condestável chegou com o escudeiro aprisionado nos arrabaldes de Leiria.

O pobre diabo disse a El-Rei tudo o que D. Nuno lhe indicara, mas tanto quis ser agradável a quem podia dispor-

lhe da vida, que pôs na mentira de boa intenção uma grande sombra de inverosimilhança, afirmando que mais valeriam cinquenta daqueles, que de toda a sua alma estavam ali para defender Portugal, do que mil dos que de má vontade trazia consigo o rei de Castela.

O primeiro a sorrir, num sorriso incrédulo que fez turbar o Condestável, foi o astuto João das Regras, o raposo bolonhês como Nuno Álvares lhe chamava.

Também El Rei não podia acreditar; mas naquela conjuntura era de boa política e de útil estratégia fingir que acreditava. A versão correria de boca em boca e daria maiores alentos aos quatro mil e tantos da arraia combatente, força principal da sua pequeníssima hoste.

Depois o interrogou D. João acerca das razões porque se fora bandear com os de Castela.

O escudeiro repetiu a alegação que fizera ao Condestável e disse o nome do amo a quem servia.

Ao ouvi-lo, El-Rei procurou com o olhar os da Ala dos Namorados e notou que Ruy de Vasconcelos mudara de cor. Já o Vasco Eanes, o Magriço, e outros que estavam no

segredo dos amores do filho de D. Dulce, tinham olhado para ele.

— A esse cavaleiro servia — continuou o escudeiro — e mais ao sobrinho que vem com ele, um a quem lá chamam o cavaleiro mudo, porque no cerco de Lisboa de tal modo o feriram na boca e o ferimento se lhe agravou, que tiveram os físicos de lhe cortar um pedaço da língua, para que da podridão dela lhe não viesse a morte.

Entre os Namorados dezenas de vozes murmuraram o nome de Antão Gonçalves, o rival e odiento inimigo de Ruy de Vasconcelos.

Era agora diversa a perturbação do namorado de Magdalena, mas era também imensamente maior. Ao pai daquela noiva de sonho talvez não tivesse ânimo de o matar, ainda que com ele se defrontasse peito a peito, mas ao rival odioso, a esse lhe não daria quartel.

— Ainda que ele me vença, — dizia consigo — já não terei o nojo «Ir morrer ouvindo daquela boca o nome adorado de Madalena!

El-Rei mandou retirar o informador, e Ruy foi dali pedir licença ao Condestável para interrogar o escudeiro aprisionado acerca do pai daquela que tivera por noiva, e do outro a quem chamavam o cavaleiro-mudo.

D. Nuno concedeu-lha em palavras afetuosas de amigo e admirador.

* * *

Apartado com o escudeiro para uma alamedazita, muito avizinhada do rio, Ruy de Vasconcelos fizera-lhe várias perguntas a respeito do pai de Magdalena e do fidalgo Antão Gonçalves.

— Estiveram então para casar essa menina com o cavaleiro-mudo?

— E em Torres ou em Santarém os teria mandado casar el-rei, a pedidos do meu amo e senhor, assim como se fosse casamento em artigos de morte, se não lho impedissem os

pedidos da Rainha, que muito se afeiçoara a D. Magdalena e tanto lhe quer como se fosse sua irmã.

— E depois em Castela?

— Foi então que o ferimento do senhor Antão Gonçalves se agravou, e contaram-me que tantas foram os pedidos da Rainha, que el-rei de Castela deliberou espaçar o casamento para mais afortunada ocasião. O fidalgo melhorou a poder de tempo, mas, pelos modos, tantas eram as lágrimas e as súplicas da pobre menina, que a senhora D. Beatriz ainda obteve do seu marido o adiamento do noivado para quando voltassem com esta guerra decidida. Ouvi que O. João I de Castela prometera ao meu amo o condado de Ourem e ao senhor Antão Gonçalves outro condado, e todos os bens de uma família nobre de cá, em paga de dote para o seu noivado.

— Não vos disseram que família?

— Só me contaram que era uma família que tem paço aqui em Lisboa e grandes terras e coutos na comarca de entre Minho e Douro.

— Escudeiro, adivinhei eu qual é. Mas por Deus, que hei de tolher o dote do noivado ao mudo!

— E por agradecimento do favor prometido foi que Antão Gonçalves fez por escrito um voto a el-rei de Castela.

— Qual?

— O de ir pôr-lhe aos pés a coroa de rei de Avis, que assim por escárnio chamam em Castela ao senhor rei de Portugal, se ele consigo a trouxesse para a batalha real que tivessem de lutar.

— Esse voto lho hei de eu torcer. Mas, dizei me cá: E verdade que el-rei de Castela traz consigo o antigo cetro de Castela? Aí o disseram já.

— A pura verdade. Com os meus olhos o vi. É todo de ouro e cristal. E dizem que ainda mais vale e é de maior apreço que um grande oratório de prata lavrada e de lindas imagens que o rei traz para as suas devoções. Mas Antão Gonçalves ainda fez outro voto escrito, que foi lido a el-rei, porém desse vos não posso eu falar.

— Não podeis porquê?!

— Porque contende com uma informação que eu jurei não daria a ninguém.

— Juramento para ele?

— Não, senhor cavaleiro. Juramento já hoje feito.

— O senhor Condestável autorizou-me a perguntar-vos quanto me interessasse, e só me pediu que, pela minha honra, lhe afirmasse não dizer qualquer coisa relativa à hoste de Castela, que das Vossas informações pudesse colher. Por minha honra lho afiancei, e ele então me deu sobre vós direitos iguais aos seus.

— Mas foi a ele, senhor cavaleiro, que eu fiz o juramento!

— A ele! Pois seja como for. Pelo vosso juramento vos dou o meu de guardar segredo acerca do que me disserdes da hoste de Castela. Pelo meu nome vos juro e por esta jura vos defenderei, seja contra quem for, e vos prometo o prémio de dez dobras de ouro.

Era tentador para um escudeiro que não trazia consigo um ceitil e se via assim dispensado de guardar para aquele

amigo do Condestável a parte mínima do segredo que jurara manter.

— Senhor cavaleiro, pelo vosso juramento e por saber quem sois, vos direi o segundo voto de Antão Gonçalves.

— Dizei sem nenhum receio.

— Em Ciudad-Rodrigo se soube que havia cá uma companhia de cavaleiros namorados com a sua bandeira. Já quando foi do cerco de Lisboa se falava nos arraiais castelhanos do arrojo desses namorados, alguns dos quais tinham ousado sair ao encontro da hoste de Castela em retirada. Ao meu amo ouvi dizer uma vez que esses jovens batalhadores em tempo tinham aclamado pela sua rainha de sonho, por ser Também rainha de belas, aquela dama e senhora minha D. Magdalena, bondosa como as santas e linda como as estrelas.

— Assim foi.

— E sem mentira vos digo que não será somente rainha das belas de Portugal, pois que em Castela. E mais têm fama as beldades de Toledo e Sevilha, nenhuma outra vi de mais encantos!

— O voto de Antão Gonçalves? Dizei-mo.

A el-rei prometeu que tomaria à sua conta os engenhos novos de fogo... com que eles veem mais envaidados e seguros de vencer...

— Já sei: os trons.

Esses, para com eles espedaçar os frangões loucos da tal hoste dos Namorados. Perdoai, se vós sois desses.

— Sou; dizei mais.

— Que ele próprio mandaria deitar fogo aos trons, e aos Namorados que ficassem de pé os iria derrubar com o seu esquadrão e tomar-lhes a bandeira para el-rei... Senhor cavaleiro, o mais me custa a mim dizer-vo-lo, e muito vos peço que de tal me desobrigueis.

— Seja o que for, dizei! — instou numa turbação de cólera.

— Receio ofender-vos!

— Quero; mando eu que o digais.

— Pois, por cumprir vosso mandado, vos direi. Que a bandeira dos Namorados seria para el-rei mandar pôr à

porta da sua câmara real em guisa de surrão em que limpasse os pés.

— Escudeiro, preciosa informação a vossa! — rouquejou, a reprimir as ondas de ódio em que o coração parecia afogar-se lhe. Antes da noite havereis na vossas mãos o dobro das moedas que vos prometi. Talvez que as vossas revelações de algum modo concorram para que el rei de Castela perca a herança e o vilanaz de Antão Gonçalves tenha de engolir os votos que fez e morrer por eles! Escudeiro, connosco heis de ir ao campo da primeira batalha para verdes quem leva a bandeira dos Namorados e que homens eles são para defender a coroa do rei de Avis. Vinte dobras de oiro pela notícia dos votos, e obrigado.

* * *

Desconfiado das informações do prisioneiro acerca dos castelhanos, D. João I muito peia calada imitou o Condestável, e também mandou com recado seu ao rei de

Castela um emissário da sua confiança, o escudeiro Gonçalo Anes Peixoto.

Recado em certos pontos semelhante ao de D. Nuno e com o mesmo fim. O monarca inimigo respondeu que lhe requeria, por Deus e pelo apóstolo S. Tiago, lhe não pusesse mais estorvos ao seu direito de herdeiro; mas que, se era preciso batalhar para defender sua causa, muito prazer teria em ir busca-lo para lhe dar batalha.

O Peixoto voltou logo com uma resposta, que a ninguém podia causar estranheza; mas trouxe também informações da sua própria observação, que absolutamente desmentiam a peta otimista inventada pelo Condestável para que o escudeiro aprisionado a tornasse pública.

Eram esmorecedores os pormenores contados pelo Peixoto em audiência confidencial com o Rei.

Vinham com os quarenta e tantos mil homens da hoste os mais poderosos senhores e altivos fidalgos da Espanha, da Gasconha e do Bearne e até um cavaleiro velho, que era camareiro do rei de França e já tinha assistido a muitas batalhas, sendo as principais contra os ingleses.

O Rei impôs-lhe absoluto segredo, e logo deu ordem para a sua hoste seguir na madrugada do dia seguinte direita a Ourem, levando a disposição com que devia entrar em batalha. As forças do Condestável formando o corpo avançado, as alas como flanqueadores, a coluna do Rei como corpo principal.

CAPÍTULO VII

O VOTO DOS NAMORADOS

No sábado, 12 daquele mês de agosto, a hoste portuguesa levantou do seu acampamento, entre a Atouguia das Cabras e Ourem, e marchou para Porto de Mós.

Assim se ia aproximando do exército de Castela, já em Leiria. Rejeitara-se a defensiva-passiva, como se diz na moderna tecnologia militar, e o minúsculo exército português, que não daria hoje para duas brigadas em mobilização, lá ia ao encontro dos invasores para se lhes atravessar no caminho de Lisboa.

O domingo foi de repouso na pequena vila, muito aconchegada ao seu lindo castelo mouro, nas abas da serra do Alqueidão, e muito ufana pelas tradições épicas do seu primeiro alcaide, aquele D. Fuas Roupinho, envolto em lendas, guerreiro e falcoeiro insigne, que mereceu um famoso milagre a Nossa Senhora da Nazaré; batalhador-audaz e almirante de galés, que deu nos mouros a primeira

sova naval que lhe deram portugueses com a primeira esquadra que teve Portugal.

A marcha da véspera tinha sido de cinco extensas léguas pelo caminho áspero das montanhas e sob a ação de um calor asfixiante, as cabeças esbraseadas pelos bacinetes, a infantaria menos, miserável acabrunhada pelas solhas revestidas de lâminas de ferro* a escaldarem batidas pelo sol.

Na madrugada daquele domingo houve parada geral, como hoje se diria, para a missa da hoste. Levantava-se o sol por cima das cumeadas da serrania, quando o celebrante levantava a Hóstia nas mãos erguidas para a imagem de um cristo agonizante.

Mal a missa acabou, o Condestável pôs-se à frente de um troço de cem lanças e foi para os lados de Leiria à descoberta. Era uma avançada de exploração e reconhecimento, para ver se o inimigo já tinha saído do seu arraial no vale entre os riozitos Liz e Lena, quase reduzidos a ribeiros naquelas alturas de agosto.

Aquelas cem lanças tinham sido tiradas exclusivamente das forças da vanguarda; da primeira linha de batalha tinham ficado intactas as duas alas.

Num alvoroço de impaciências e nos devaneios próprios da sua romanesca juventude, que sabia de cór as trovas amorosas da Provença e as epopeias e novelas contadas aos serões, os Namorados conversavam em grupos, acaloradamente, no terreiro da vila. Alguns deles, trovadores também, diziam canções votadas ás suas damas e à sua terra.

Das adufas, recatadamente, ou dos degraus de um alto cruzeiro antigo, aconchegadas umas ás outras como bando de pombas assustadiças, as raparigas não despegavam os olhos deles. Era aquela a fina flor da juventude cavaleirosa do pequeno Portugal, ainda numa crise de morte, da qual só poderiam salva-lo, por um milagre de esforço e de boa fortuna, os seis mil e tantos companheiros daqueles rapazes.

— Olhai que são bonitas estas raparigas da alcaidaria que foi de D. Fuas — disse um tal Lobeira, ainda simples escudeiro.

— Eu já fiz com que duas fugissem — acudiu o Magriço no seu feitio de gracejador. Foi olhar para elas! Fugiram como ovelhas tresmalhadas que tivessem visto luzir o olhar de um lobo escanzelado! Haveis de confessar que faço uma triste figura nesta companhia de namorados! Eu bem quero honrar a ala, mas são elas que me não querem ajudar.

— Esperai pela dama de Inglaterra, que por sina vossa heis de amar — gracejou vasco Eanes.

— Alto lá, dom Sansão algarvio! A sina que a feiticeira de Abrantes me adivinhou ou leu na palma das mãos, muito se conforma com o vaticínio do astrólogo judeu do Porto, porém não foi bem isso que dizeis. Que seria amado por certa dama inglesa, eis a sina, e isto não quer dizer que eu também lhe tenha amor. Bem percebeis que, se ela for feia como eu, não sendo destino meu ama-la, que me importará que beba os ares por mim? Dir-lhe-ei que não há artigo do tratado de aliança e boa amizade com a Inglaterra que obrigue os portugueses feios como eu a amar as inglesas feias como ela.

Riram.

— Soubesse eu que os castelhanos traziam damas que nos vissem, e aqui vos juro que já não ia para eles senão de baciente de cara, para elas não verem a outra que Deus me deu.

Mais estrídulas risadas.

— Se até estou com receio de que El-Rei venha a casar!

— Essa agora! Receio de quê?

— De que me nomeie estafermo-mor do paço para afastar os requestadores das cuvilheiras e meter medo aos senhores infantes emperriçados.

Maior galhofa e mais desafogada risota. E quem podia adivinhar naquela hora quantos deles tornariam a rir assim?

— Olhai, aí vem o nosso Ruy — disse Vasco Eanes. Esteve a falar de parte com Mem Rodrigues...

— O sisudo tutor dos Namorados — interrompeu o Magriço de brincadeira.

— Talvez nos venha dar alguma boa nova.

— Ruy de Vasconcelos, — disse Álvaro Coutinho, indo para ele — aqui se julga que alguma nova trazeis para nós.

— E tanto julgaram certo, que foi quase adivinhar — respondeu Ruy. Estive a pedir a Mem Rodrigues me desse licença pura vos propor um voto, que tenha de ser de toda a ala e a ninguém mais se dirá.

— E ele?

— Deu licença.

— Sem saber que voto era?!

— Era dever dizer-lho e com promessa de segredo lho disse.

— Pois então quando e onde quiserdes vos ouviremos propor o voto, que eu por mim já tomo e juro, sem saber o que é — disse o Magriço.

— Aqui não pode ser.

— Daqui a meia hora será, ali num pinhal que fica na baixa da serra. Ninguém mais nos poderá ouvir.

— Lá estaremos todos.

— Todos.

— Mas convém que vamos aos poucos, para não aguçar curiosidades.

— Assim se fará.

— E agora vos posso dar umas notícias de longe e de diversa origem. Uma a ouvi a Mem Rodrigues, que lha trouxe de Lisboa um mensageiro da Casa dos Vinte e Quatro, chegado esta madrugada com uma carta para El-Rei. A outra a soube eu há pouco daquele escudeiro que foi aprisionado nos arrabaldes de Leiria.

— E são de segredo?

— Não; pode toda a gente sabe-las.

— Pois que assim é, dizei-as.

— Sabei que o povo de Lisboa se juntou no Rocio, em frente dos paços da câmara, e ali resolveu que se fizessem preces e penitencias para que Deus nos dê a vitória. Parece que os letrados e teólogos muito sensatamente aproveitaram aquela devoção contrita para aconselhar a gente menos esclarecida a que deixasse costumes antigos

de má origem ou de mau fim, e que este seria o preito mais bem aceito no céu. E o povo, coitado, na sua ansia de que lhe não matem Portugal e não desampare Deus esta pequena hoste, que é toda a sua maior força, tudo prometeu cumprir.

— Pois então nós ajudaremos o povo e faremos também os nossos votos — disse calorosamente Vasco Eanes.

— Mas agora sabei que também em Castela se implora o auxílio de Deus, embora seja iníqua a sua causa e tamanho o poder com que entraram cá para a sustentar!

— Pois não quererá Deus ser por eles, bem que lá tenham consigo a Santiago, que grande pena foi ter nascido castelão — disse o Magriço entre grave e jocoso.

— Mas escutai o resto do que me contou o escudeiro. Olhai que é de lástima e um pouco me toca pela porta. Em Avila, as donas e donzelas da corte, sob a vigilância do Arcebispo de Toledo, são obrigadas a rezar dia e noite, revezando se, para que Deus dê boa fortuna à hoste invasora!

— Tenho fé que Deus fará ouvidos de mercador, e nós decidiremos a contenda pela nossa conta e risco.

— Mas o que é para lamentar é que fosse uma infanta de Portugal quem mandasse fazer aquelas preces e aquelas rezas contra a sua terra! Rainha de Castela, talvez entenda que assim procede bem, e que, se os seus vassalos vencessem, nós, os seus irmãos de raça, ficaríamos resignados, e Portugal, o solar grande da herança, ficaria sendo o que dantes era!

— Nisso sairá ela à mãe — comentou Lobeira.

— Pois heis de ver que perdem as orações e a cera — observou o Magriço com um certo ar delicioso de fanfarrão.

— Mas olhai cá, Ruy de Vasconcelos, — disse Vasco Eanes — já que de uma portuguesa e rainha se falou, perdoai que vos pergunte se a vossa dama D. Magdalena ainda estará com a senhora infanta D. Beatriz, como ouvi, e se teremos o desgosto de saber que essa rainha das belas, que os primeiros Namorados aclamaram, é também obrigada a orar em Avila pela derrota da nossa ala e pela perda e vergonha de Portugal.

— Tal, felizmente, não sucederá, e disso vos ia falar. Em Lisboa, no próprio dia em que fui para o arraial de Alenquer, me foi entregue uma carta reservada da minha dama. Dizia-me que por mim e por esta nossa terra morreria fiel e que neste voto da sua alma fervorosamente pediu à Rainha, sua amiga e protetora, lhe fizesse o favor de a deixar recolher a um mosteiro, que a sua real senhoria escolhesse e tivesse por seguro, e ali águardaria que a vontade d'el-rei e do pai misericordiosamente se mudasse no seu favor, pois tinha noivo escolhido e outro não querreria, por maior que fosse ó poder contra ela empenhado.

— E a Rainha? — perguntou Vasco Eanes.

— Prometeu mandai a para um mosteiro da sua escolha, mal que el-rei entrasse em Portugal.

— Não sabeis ainda que mosteiro a Rainha escolheu — perguntou o Magriço enjeitando completamente o tom faceto em que até ali falara.

— Não sei ainda. Porquê?

— Porque a iria então lá buscar a nossa ala, se Deus nos favorecesse no propósito de meter os castelhanos pela sua terra dentro.

— Gracejais, Álvaro Coutinho? — perguntou o Vasconcelos, afogueando-se turbado.

— Pela minha honra e pela nossa bandeira vos afirmo a sinceridade das minhas palavras. A ala, ou alguns de nós. Boa e honrada cavalaria andante seria essa. Comigo contai.

— E comigo — acudiu Vasco Eanes.

— E quase todos eles se ofereceram, — Muito vos agradeço a todos — respondeu lentamente o Vasconcelos, como se estivesse refletindo naquela ideia romanesca do Magriço, que, pouco antes, lhe dera a impressão de um louco alvitre por gracejo. Mas dado que tal pudesse acontecer, bem compreendeis que não havia de ser feito de arrancada, em que toda a ala se fosse de cá; mas cautelosa empresa de disfarce, para se conseguir o intento e, assim mesmo, com risco certo de vida. Mas isto por agora é como ir atrás de um sonho! Primeiro temos de ver como Portugal se despeja e limpa de invasores de Castela.

— Isso primeiro que tudo — confirmou o Magriço.

— Está bem. Agora vamos indo aos poucos para além daquela encosta do castelo.

— Sim, iremos como quiserdes.

— Álvaro Coutinho, e vós lá Vasco Eanes, vinde à frente comigo.

* * *

Foram reunir-se no pinhal que ficava num covão da serra.

— Sabei — dizia-lhes o jovem Vasconcelos — que o traidor infamíssimo que é Antão Gonçalves fez a el-rei de Castela dois votos escritos. Um foi que lhe levaria a coroa do rei de Avis, se ele a tivesse no seu arraial; o outro foi que tomaria o encargo dos trons e com eles espedaçaria os Namorados.

— Que se acautele o bandalho e mais o seu rei estrangeiro, pois bem pode ser que o feitiço se mude contra o feiticeiro — bramiu Vasco Martins de Melo, o jovem.

— Mas ainda mais afrontoso fim tem o segundo voto do vilanaz! Prometeu que a nossa bandeira, a nossa, reparai bem, nos havia de tomar, para a ir pôr aos pés do rei e pedir-lhe que dela fizesse pisadouro à porta da sua tenda ou da sua câmara do paço real!

— Lama da nossa raça o poltranaz! — rouquejou o Magriço.

Reboaram vozes convulsivas de ameaça, de insulto, de revolta e indignação.

— Deixai lá o sevandija com as suas infâmias! — gritou Ruy de Vasconcelos. Escutai! Escutai!

Foi-se acalmando o ruído alto das vozes e já se não ouvia senão um leve sussurro de palavras quase segredadas, como se fosse um bulir de folhas em floresta por onde alguma lufada de vento tempestuoso tivesse passado.

— O voto que vos proponho é este: A Ala dos Namorados promete fazer calor os trons roncadores que traz el rei de Castela, mal que eles apareçam diante da hoste de Portugal. Tirar-lhes a voz trovejante e o poder destruidor com que o rei invasor intenta amedrontar a nossa gente e o

infame Antão Gonçalves prometeu espedaçar os Namorados. Pelos mudos como ele ficou.

— Assim o prometemos e juramos um por todos! — clamou o Magriço com arrebatado entusiasmo.

— Um por todos! — confirmaram calorosamente.

— Ma a ala não pode ir toda de arrancada para golpear ás lançadas o povo que vierem guardando os trons. Tem um posto de batalha que não deve deixar abandonado, e então me parece bem que hoje mesmo se tirem à sorte quarenta para cumprirem esta parte do voto. Quarenta e mais um, que não entra na conta do sorteio. Eu, que pedi consentimento para esta empresa e respondo por ela. Dizei se assim o quereis.

— Todos, seria o nosso desejo, — respondeu o Magriço — porém já que tal não deve ser, assim seja como propondes.

— Assim seja! — apoiaram unanimes.

— Agora a segunda parte do voto da ala. A mais nobre e a mais santa. A ala morrerá como um só homem, na mesma vontade e com a mesma alma, pela sua bandeira de amor e

de sonho. Os últimos que ficarem quando a ala estiver vencida, esses retalharão a bandeira a golpes de adaga, para que não seja nunca pisada pelo rei estrangeiro.

— Para que o não seja nunca! — bradaram num grito de alma, soberbamente épico.

— Pela nossa terra e pelas nossas damas! — gritou comovidamente um dos mais jovens.

— E pelas nossas mães — acrescentou Ruy de Vasconcelos enternecidamente, como se tivesse diante dos olhos a imagem da sua.

— E por tudo quanto na nossas almas houver de mais santo! — gritou Vasco Eanes.

Está então feito o voto solene de toda a ala. Votos particulares, que a este não causem dano ou não possam prejudicar a hoste, cada qual levará consigo os que entender. Eu tenho um que vou dizer-vos, e outro que guardarei comigo. Hei de decepar a mão com que Antão Gonçalves escreveu a sua promessa contra nós.

— E eu hei de prender el-rei de Castela, ou sequer pôr-lhe a mão na gorja — disse Vasco Martins, o jovem.

— E eu, primeiro que ninguém, hei de ferir de lança um cavaleiro dos mais assinalados de Castela — prometeu Gonçalo Eanes de Castelo de Vide.

— E eu hei de derrubar a bandeira real de Castela — gritou Lourenço Martins de Avelar.

— Pois eu por mim vos prometo — disse Vasco Eanes que essa bandeira a hei de ir pôr aos pés d'el-rei de Portugal, mal que me seja dado acercar-me dela. Para que a sua real senhoria lhe faça o que o vilanaz de Antão Gonçalves prometeu fazer à nossa.

Já receoso daqueles arrebatamentos, que ele próprio fora o primeiro a incitar, Ruy de Vasconcelos acudiu a modera-los, lembrando os deveres da coletividade e as responsabilidades da ala no seu posto de batalha.

— Cuidado! Cuidado! Olhai que se aqui estivesse Mem Rodrigues, certo se arrependeria da concessão que me fez. Notai que havemos de ser todos a ala direita da hoste no campo de batalha, e de pouco valeriam denodos votados, se não ajudássemos a vencer a batalha com tanto afinco e esforço como os outros cavaleiros d'el-rei.

— Pois certamente que sim — apoiou o Magriço.

— Os votos que eu vos propus serão de ajuda para vencer. Fazendo calar os trons, evitaremos que a nossa peonagem bisonha se desalente espavorida; e para morrer pela nossa bandeira certo hemos de opor extremado esforço à investida dos inimigos, dando exemplo e alento aos que mais cedo franquearem.

— Os votos de cada um — alegou Gonçalo de Castel de Vide — só se hão de cumprir quando a batalha estiver bem figurada para nós, se a Deus aprouver que a vençamos. O meu, porém, pode ser logo ao primeiro encontro, sem quebra dos deveres da ala.

— Está bem — rematou o jovem Vasconcelos. Vamos agora ao sorteio dos quarenta. Vendai-me e ponde aqui ao pé de mim, em monte, as vossas adagas. Misturam se, misturo-as eu depois que me vendardes, e a eito, a uma e uma, as irei tirando até quarenta. E Álvaro Coutinho as irá indicando pelos firmais, brasões ou timbres que tiverem, e a cada qual as restituirá.

Concordaram e assim o fizeram. Não chegou a levar meia hora aquele sorteio singular.

Ficaram num alvoroço louco os sorteados.

Depois combinaram voltar à vila por grupos, como tinham vindo.

Em um dos grupos Martim Afonso de Sousa disse a rir para um dos amigos:

— Eu também tenho um voto, mas não é para se dizer alto e a todos. Se a batalha se vencer, e eu dela sair a salvo, prometo ir fazer uma quarentena de suave penitência no mosteiro de Rio Tinto.

— Velhaco! Todos sabem que é nova ainda e bela a Dona Abadessa das monjas, e muito as más-línguas têm falado de certos amores vossos e dela.

— -Línguas danadas as que isso dizem!-volveu-lhe maliciosamente. Em tal não acrediteis, para não deitardes maldade na quarentena. Os doces do mosteiro são um regalo e a Dona Abadessa é uma excelente senhora, que eu conheço desde pequenino.

No fim de contas aquele Martim Afonso era o maior tunante e o galo mais louco da ala, embora não fosse dos mais novos.

* * *

Estavam a entrar na vila, quando dos lados de Leiria chegava o Condestável com os seus cavaleiros.

Não tinha encontrado o menor indício da saída dos castelhanos do seu arraial no vale do Liz.

Afastara se do caminho trilhado, correra charnetas e aldeias, a um e outro lado da estrada de Leiria e não encontrara a sombra sequer de um castelhano.

O Rei esperava-o.

— Se não se nos escaparam para Coimbra, — disse-lhe D. Nuno — é que estão ainda bem encurralados em Leiria ou nos querem armar alguma cilada. Contra esta suspeita me acautelei, não deixando que a minha escassa cavalaria se metesse pelas baixas e pinhais mais avizinhados da

povoação. Na volta subi à charneca alta sobre o caminho de Alcobaça e pareceu-me que para ali iriamos bem. Nos campos de Leiria, para além do monte do Castelo, quereriam eles que eu fosse dar. Lá facilmente nos fariam em postas os muitos mil cavaleiros que dizem ter. Agora me parece que o melhor será irmos todos daqui busca-los.

— Sim, a fazer-lhes espera no caminho para Lisboa. E amanhã véspera da Senhora de Agosto. Pois na sua honra seja esse nosso dia. Disponde tudo para que antemanhã a vossa hoste nos vá tomar o campo em que temos de espera-los. A minha irá com pouca demora, seguindo a vossa.

Deram-se as ordens de prevenção e tudo se dispôs para a marcha do dia seguinte.

CAPÍTULO VIII

NOITE DE SONHO

Entretanto chegara ao acampamento um aventureiro singular, que perguntava por Álvaro Coutinho no seu português de contrabando.

Era uma estranha figura de idealista e de boémio. Gorra de plumas a desfazerem se de velhas, donairosamente posto um manto que fora branco e vinha a esfiampar-se, arrabil(*) a tiracolo, um cão grande, magro e triste, por companheiro. Tinha já alguns cabelos brancos na barba loura e fina.

[(*) Instrumento de cordas, de duas cordas geralmente, como o ganibri dos mauritanos. Copiado certamente do alaúde dos mouros, o arrabil foi talvez o predecessor da guitarra em Portugal.]

Correram a chamar o Magriço, e foi espanto para todos o desafogo com que o gigantesco batalhador o recebeu de braços abertos. Era o trovador provençal de que Álvaro

Coutinho já tinha falado a Ruy de Vasconcelos e ao gascão Montferrat; aquele que ficara no Porto enamorado, a idear esperanças loucas e a cantar amores de sonho por certa damazinha, a quem os pais tinham encerrado num mosteiro. Era Frederico Marival.

— E cá deitastes de tão longe, meu querido troveiro! — disse-lhe o Magriço no escasso idioma de Provença que aprendera com ele.

— Com estes meus amores até à morte! — volveu-lhe Marival no seu mau português de ouvido, indicando o arrabil — e mais este escudeiro fiel.

Era o cão, a olhar para ele num enternecido olhar de humildade.

— E a dama dos vossos cantares?

— De lá ma levaram e sumiram! — respondeu com os olhos rasos de água. Ouvi então falar muito de certos namorados que tendes aqui para batalhar, e meti-me a caminho como se fosse um mendigo para vir ver como se batem os amorosos de cá e para na minhas trovas cantar os seus feitos, pois me disseram lá que também vós, Álvaro

Coutinho, éreis desses que têm uma bandeira verde, segundo ouvi.

— Com esta cara que vedes, namorado também, por conta das namoradas dos outros — disse-lhe rindo. Mas não sei como não caístes nas mãos dos de Castela!

— Na tarde de ontem fui ter a uma povoação a que chamam Leiria. Estavam eles a experimentar os seus engenhos de fogo e nenhum caso fizeram de mim. Fortuna minha foi que assim fosse. De noite consegui escapar-me para os lados de um grande campo que ia dar a uns pinhais, e por lá me fiquei escondido até que a manhã chegou. Depois me deitei a caminhar à toa. Foram léguas o que andei sem rumo certo! Por fim lá fui dar a umas casas decerto povoado a que chamam Aljubarrota, e ali me disseram que a hoste de Portugal a viria encontrar aqui, e todos os sinais me deram para eu cá poder chegar.

— Pois meu hóspede ficareis sendo e com os Namorados vos podeis ir amanhã, para irmos em busca dos castelhanos. Agora vinde daí, para eu vos tornar conhecido dos meus companheiros. Ala de galos requestadores e paladins desta nova Távola Redonda, bem merecem que os

seus amores efeitos os canteis vós, troveiro amoroso de Provença. Deles alguns há que são também trovadores, como foi o nosso rei D. Diniz, mas dos nossos feitos não ficaria bem que fossem eles os cantores. E para o mundo os saber, melhor será que os digam os vossos versos na carinhosa linguagem de Provença.

E, pondo lhe o braço pelo ombro, o levou consigo para o apresentar aos Namorados.

* * *

Uma noite quente e enlanguescera, boa para sonhar de olhos, abertos e a alma em voos entre aquele céu azul, suave e doce, e a serrania tocada de luar como se as mouras encantadas por aquelas brenhas tivessem feito por ali o estendal da sua roupagem de fantasmas.

Toda aquela paisagem tinha um aspeto evocador de acariciadoras idealidades e de lendas antigas.

O crescente da lua vestia o Castelo com a sua luz branca e como que lhe dava o aspeto de um emir gigante dos tempos do Miramolim, de amplo albornoz de lã branca de Smirna sobre um arnês reluzente de Damasco.

Encalmados, numa impaciência febril, os rapazes não podiam dormir e pelas ruas estreitas da vila se foram escapulindo para a encosta do Castelo. Pelas poucas horas que faltavam para meter a caminho, ali se passaria bem a noite sob o estreito lençol do luar, naquela noite evocadora.

Levaram consigo o trovador provençal e por lá se estiraram à espera que o sono chegasse.

— Eu por mim já me contentava com qualquer moura que se quisesse desencantar vendo me, — dizia o Magriço galhofando. E lembraram me as mouras por aquela talhada de lua que parece o crescente de um estandarte mourisco.

— E as estrelas, pequeninas, sumidas, estão a lembrar-me olhos de donzelas que ali se pusessem à espreita para ver quando a ala adormece — disse um dos imberbes, troveiro ainda noviço. E mal nos apanharem a dormir talvez

elas chorem por esses que tiverem a sina de não tornar a ver os seus amores.

Um corvo tresnoitado corcou lugubremente em baixo, dos lados do pinhal.

— Pois sim — acudiu o Magriço. Dorme lá, compadre corvo, e se andas à cata de festim, não te fiques aí nessa tua cantiga quizilenta. Dorme e vem amanhã connosco. Daqui te faço testamento desta ratinhada carne que trazem os meus ossos. Frederico Marival, para não ouvirmos aquele negregado corvo, contai-nos aqui novelas de amor ou algum rimance de cavaleiros errantes.

— Melhor seria — volveu-lhe o provençal — que vós, os Namorados, alguma batalha dos vossos me contásseis, para eu vo-la pôr amanhã numa trova.

— Pois boa lembrança tivestes. Contar-vos-emos então a mais bela batalha campal deste nosso tempo, a do nosso cavaleiro Galaaz. (*)

[(*)Galaaz ou Galahad, era um dos heróis das lendas romanescas da cavalaria medieval pertencentes às histórias do ciclo Arturiano e da Távola Redonda. Era

considerado o cavaleiro mais puro e por isso foi o único capaz de efetivamente encontrar o Graal – objeto principal da demanda de todos os cavaleiros. Pela sua pureza, Galaaz é considerado uma encarnação de Jesus na forma de cavaleiro]

Mem de Sá, vós que estivestes no feito dos Atoleiros, contai-o lá para que o fique sabendo e ponha nos seus cantares este honrado troveiro de Provença.

O Sá não se fez rogado. Era um rapaz de vinte anos, expansivo. Caloroso, a alma no olhar e no gesto.

— Foi a batalha a uma quarta-feira, 6 de abril do ano passado; quarta-feira de trevas por sinal. Dias antes tínhamos nós chegado à vila de Extremoz e quem nos mandava era Nuno Álvares, esse que é hoje Conde e Condestável. Dos lados de uma povoação chamada Crato estava uma hoste de castelhanos e portugueses, parciais da rainha de Castela. Mil lanças de gente fidalga, corcéis e ginetes possantes, e mais de quatro mil homens de boa peonagem. Vinham ao mando do Mestre de Alcântara e tinham pelos seus chefes principais o Almirante Tovar, o Adelantado de Andaluzia, o Conde de Niebla e Pedro Afonso Sotomaior. Havia do nosso lado alguns que andavam receosos daquele poder. Mas Nuno Álvares lá estava com a

sua ideia firme de avançar de arremetida para os que se tinham ficado no Crato. Antes de se pôr a caminho, fez alardo da sua hoste no rocio da vila de Estremoz. Um pequeno punhado de homens! Trezentos a cavalo, cem besteiros e mil, se tantos, de gente bisonha das herdades e montados do Alentejo. E dos trezentos a cavalo, só uns cento e oitenta levavam bacinetes. Os outros não os tinham; as gorras que lhes defendessem a cabeça contra as espadas, as lanças e as hachas dos castelhanos! Aquele alardo ainda mais quebrou o ânimo dos menos temerários: Se com aquilo, com aqueles mil e quatrocentos, se tinham de ir bater os cinco ouseis mil soberbos homens de guerra que eram os de Castela para os lados do Crato! Mas com a sua fé e o seu esforço, para Nuno Álvares nenhum poder havia que lhe fizesse medo! À frente daquela sua pequena hoste fugiu de Extremoz, porem logo notara que a peonagem mais bisonha não ia de boa vontade. Mandou então fazer alto à beira de um regato e a todos nós falou com o coração nas mãos, como se costuma dizer. Suponho ter aqui alguma gente receosa de que esses de Castela, que vamos a buscar, sejam umas poucas de vezes mais do que nós somos, começou a dizer-nos. Pois assim receosos os

não quero eu levar comigo. Para a minha hoste me não servem esses tais; porem olhai que se não enganam na conta dos que vamos combater. Hão de ser quatro ou cinco dos de lá contra cada um dos nossos, se comigo forem todos os que tenho aqui. Deixa-lo. Eu por mim não volto atrás. Maior glória para nós e para a nossa terra, se os vencermos, e menos honra e soberbia para eles, se nos vencerem a nós. Agora, esses que estão aqui de ânimo encolhido, que vão com Deus. Eu irei para diante com os que me ficarem. Quem tiver alma para me seguir, que passe desse regato para cá; os medrosos que se fiquem do lado de lá. Assim extremados, já eu sei quem tenho para ir rebater os de Castela, ou para ficar lá pelas custas da contenda.

— Ficaram alguns? — perguntou Magriço, aproveitando a pausa feita pelo narrador.

— Louvores a Deus, nem um! Abalámos de coração resoluto e, quando íamos a meia légua de uma povoação chamada Caraira, num sítio a que chamam os Atoleiros, demos vista da hoste inimiga. Só a soberba gente de cavalaria que eles traziam dava duas vezes o dobro dos

cavaleiros que nós tínhamos! Entendeu Nuno Álvares que seria derrota certa dar-lhe batalha de cavalaria com tão poucos, deixando extremada a peonagem inexperiente, que era a nossa força maior, e boa ideia foi a sua de mandar pôr pé em terra a iodos os nossos cavaleiros, para lutarem ao lado dos peões. Formámos um cerrado; No meio Nuno Álvares com a sua devota bandeira. E, enquanto os de Castela se não decidiam a vir sobre nós, Nuno Álvares ajoelhou para orar, e todos à uma ajoelhámos com ele; rostos para a campanha em cada uma das quatro faces do cerrado, os contos das lanças bem firmes no chão. De súpito uma algazarra de trombetas do lado deles, um trovão no tropel de mil cavalos que deitam à desfilada sobre nós; um novelão de poeira que vem cegar-nos, e este brado de cinco ou seis mil vozes, que todos nós sentimos no coração: Santiago y Castilla! S. Jorge e Portugal! Gritou Nuno Álvares, e toda aquela quadrela de homens lhe repetiu o grito, assim como se a alma do maior fosse a alma de todos dentro do cerrado! Tão unidos, que até sentíamos a bandeira a esvoaçar na aragem daquela manhã de abril, e tão afincados aquele chão da nossa terra, que a onda dos castelhanos veio quebrar-se contra nós e bateu para traz

quase desfeita. Uns vinham cair atravessados pelo ferro das lanças e chuças das primeiras filas e a outros os derribavam a distância os dardos e os virotes dos nossos besteiros. Mais de cem tinham caído do lado deles. Pelos bacinetes de plumas e pelas cotas de armas bem percebíamos nós os que eram da nobreza de Castela. Outra arremetida, outra carga, outro desbarato! Parecia de rocha viva aquele muro dos nossos peitos! Já alguns deles fugiam.

— A cavalo! — mandou Nuno Álvares.

E então fomos nós os que carregámos sobre aquela arrogante nobreza, que nos fugia a unhas de cavalo, e contra a peonagem espavorida e desacompanhada dos seus chefes. Estava a batalha vencida. E tinha a gente vontade de chorar de orgulho uns pelos outros!

— Gloriosa batalha pequenina para se contar disse o provençal.

— Dos nossos Namorados creio que temos aqui uns quinze ou dezasseis que estiveram nos Atoleiros — informou-lhe o Magriço. A nossa ala tem tido homens seus em todas as batalhas maiores desta guerra, bem que como

esquadrão só se tivesse formado no cerco de Lisboa, vai já para um ano.

— Mas olhai, acudiu um dos que tinham estado na batalha — olhai que se não disse quem foram os principais de Castela que ali acabaram ou saíram feridos.

— Pois dizei-os lá.

— Dos mortos os mais assinalados eram o Mestre de Alcântara, o Adelantado de Sevilha e natural de Andaluzia. Gonzalo Daza e João de Lerma. Dos feridos, o Conde de Niebla, da maior nobreza das Espanhas, o Almirante Tovar, o Mestre de S. Tiago, Gonzales de Grialva e o Prior da ordem do Hospital, irmão de Nuno Álvares.

* * *

A conversa esmorecia. Alguns tinham já adormecido.

— Ruy de Vasconcelos, em que pensais vós, de olhos nas estrelas? Pareceis emudecido! — disse-lhe o Magriço.

— Estou a ver se posso ler nelas, como os astrólogos, o destino e a sina da nossa gente e da nossa terra.

— O destino de amanhã ou o de algum dia?

— O do século em que a nossa geração jovem ainda poderá entrar sem cabelos brancos.

— Sim, daqui a dezasseis anos. Quem sabe lá?

— Será Portugal, sempre assim, a pequena terra de poucos homens que é hoje?

— Não tem para onde alargar as voadeiras. De um lado Castela, de tal poder, que já não é pequena maravilha aguentar-lhe a gente as arremetidas; e do outro lado, o mar. Só se qualquer deusa dos gentios, e pela Ala dos Namorados devia de ser Vénus, deusa do amor, só se cila nos protegesse e levasse a descobrir alguma grande ilha, das muitas que os antigos diziam encantadas nesse mar distante, que eles chamavam da noite.

— Quem sabe? Olhai que são atrevidos os nossos galeotes e pilotos. Vede como eles vão dar consigo lá para os mares de Inglaterra! E de alguns se fala que encontraram certas ilhas, a que chamavam Afortunadas. (*)

[(*) Parece que nos meados daquele século e durante o reinado de D. Afonso IV, e fizeram tentativas de descobrimentos marítimos para os lados de África, no rumo das Canárias.]

— Ai, ai, que estamos a sonhar acordados! — disse-lhe o Magriço gracejando. Há de ser encantamento dessa feiticeira lua, que se nos vai sumindo por aqueles pinhais dalém. Aquela é comadre dos namorados e entende que deve apagar agora a lampadário para ver se nós adormecemos. Isto já deve de ir para a meia noite — disse bocejando. Olhai como tantos dos nossos adormeceram já, regaladamente, com os ossos em cima deste chão pedregoso, que nem criancinhas em almadraquinho de penugem de aves! Não chegará a madrugada sem que algum deles sonhe que el-rei de Castela já vai derrotado pelo seu reino dentro, com os seus pavões de Gasconha todos desazados e o leão castelhano de cauda de rojo e pêlo arrepiado, a rosnar contra nós.

Riu bocejando, os olhos a fecharem-se-lhe lentamente.

— Até o meu troveiro provençal já se deixou dormir! Esse estará sonhando cantares e amores. Pois eu ainda vou sonhar coisa melhor. Que vamos bater com os ossos contra a moirama de Africa... Por já não haver castelhanos que se atrevam connosco... E que terei enfim, uns lindos amores cor de alfarroba do Algarve... No serralho... Do sultão de Marrocos... Descendente do grande Miramolim... Até amanhã... — disse sumidamente. Boa estrela.... Nos acompanhe.

E pouco depois todos eles estavam adormecidos. A lua sumira-se. O velado fulgor das estrelas punha uma doce penumbra naquela soberba paisagem.

Dos lados da serra, sacudidos pela fome, os lobos uivavam a espaços, ao faro daquela gente silenciosa.

Enganavam-se. Não era ali que tinha de ser o seu trágico banquete.

De espaço a espaço, as sentinelas do arraial e os esculcas distantes soltavam os seus brados de alerta.

CAPÍTULO IX

ALJUBARROTA

Ainda era escuro e já os trombeteiros do Condestável estavam dando o sinal de alvorada. E logo um grande borborinho por aquela veiga de Porto de Mós. Levantou-se toda a gente da vila num alvoroço cheio de receios. Por todas as adufas transluziam candeias; as ruazitas estreitas iam atulhadas de gente.

Abriram-se de par em par as portas da igreja matriz, iluminaram-se os altares e para lá foram as mulheres rezar pela boa fortuna daquele punhado de aventurados, que iam talvez morrer pela terra portuguesa.

Quantos deles estavam ali que não poderiam ver a madrugada do dia seguinte, se os castelhanos se desencurralassem de Leiria?

Na sua tenda mandara o Condestável armar um altar. Confessou-se, ouviu missa e comungou, e com eles os seus de mais afervorada devoção.

Vieram de afogadilho da ladeira do Castelo os da ala jovem. As alas iam subordinadas ao Condestável e tinham de partir com ele.

Os rapazes tinham de ir vestir as armaduras. Contavam sonhos, diziam chistes, galreavam infantilidades.

— Eu até sonhei que tinha casado — disse a rir Álvaro Eanes de Sarnache, que era o indigitado para levar a bandeira da ala.

— E eu, que já tinha meninos em Marrocos e uma sogra moira, mais feia do que eu, sultana velha de não sei quantos sultões — galhofou o Magriço por entre as risadas dos companheiros.

Do lado do alpendre de uma casita baixa, o Lobeira tomara entre as mãos uma cabecita de rapariga gentil e dizia-lhe requestador:

— Deixa-me dar te um beijo, boquita de cereja. Um só por esta sede que eu trago deles. Olha, sem maldade, para o levar comigo. Quem sabe se este o último será que eu te dê, minha rolazinha? Assim.

E deu lhe um beijo cantado e longo.

Na rua, estreita como um corredor, os que iam passando ouviram.

— Pelo chilreio, aquele que der o beijo há de ser da ala — gracejou o Magriço. E talvez fosse voto que ele fez! Acrescentou com uns ares cómicos de veneração, Alguns dos mais tunantes, mal vestiram a armadura, foram-se logo para os lados do riozito. Iam ouvir o passaredo madrugador.

Foi com eles Frederico Marival.

— Escutai como os pássaros cantam, senhor trovador de Proença. São também menestréis enamorados.

— É bela esta vossa terra portuguesa! — disse calorosamente o Marival «Agora entendo eu porque em tempos antigos tantos trovadores e menestréis da Provença aqui vieram refugiar-se e por aqui ficaram ideando trovas, ensonando canções e amando as mulheres de lindos olhos que tem Portugal. Assim o ouvi contar aos velhos da minha terra.

— E nós aqui também muitos jograis e trovadores temos tido ao modo dos de Provença, Pajens, cavaleiros, condes,

infantes e até reis trovadores! — disse-lhe o Lobeira entusiasticamente.

— El Rei D. Afonso IV, o do Salado, dizem que o foi — acudiu um deles.

— El-Rei D. Diniz era cantares de amor como nenhum! Quase como o rei D. Afonso, o Sabio, de Castela, seu avô materno! — elucidou o Lobeira.

— Cantava os amores e gozava-os — comentou o Magriço a rir. Na ala temos nós uns poucos de troveiros. Ruy de Vasconcelos tem posto em trovas os pesares e as saudades dos seus amores. Outros têm cantado as nossas façanhas antigas.

— Mas os grandes tempos dos trovadores e menestréis de Provença já lá vão há muito! — disse Marival tristemente.

— Por cá ainda muito se ufanam de o ser esses que sabem a arte de trovar. E nos paços reais tiveram os nossos reis menestréis a soldo; jograis lhe chamavam.

Discretearam ainda por minutos a cerca da leda arte, da gaia ciência, e daquela poesia cantada, que foi

aconchegando numa comunidade de espíritos e de corações, raças e povos, adversos interesses e fronteiras distantes, pondo sobre as mais trágicas e convulsivas noites da Idade Média um suave luar de idealidades generosas e de amoráveis sonhos.

Na volta para o acampamento, Marival entoou uma das mais belas canções da velha poesia de Provença e o Lobeira cantou uma linda serranilha de el-rei D. Diniz.

* * *

Vinha rompendo a manhã, quente e abafadiça. Pôs-se a caminho a vanguarda com as alas. Iriam tomar posição sobre a estrada de Leiria a Alcobaça, o caminho direto até Lisboa.

Montado numa possante muar de empréstimo, o provençal ia cantando uma languida trova do seu país.

Para além da veiga do Porto de Mós o caminho direito à charneca era um horror. As águas do último inverno tinham

escavado barrocas a um e outro lado.

Mas não era longo aquele caminho assim. Em pouco entraram em chão mais igual, embora de mato bravio, que as soalheiras de julho e agosto tinham ressequido. Urzes altas e moitas de tojo rasteiro se enredavam por ali fora, ocultando depressões e arregoamentos do terreno.

Marchavam lentamente. Na frente de todos ia o Condestável. O seu olhar experiente de batalhador reconheceria de momento a posição melhor em que tinham de esperar os de Castela, sobre o caminho de Lisboa, de rosto contra Leiria.

Teriam andado meia légua, quando uma mulher idosa, de chuça ao ombro, criatura de forte arcaboiço, veio por um atalho, apressadamente, direita aos Namorados.

— Senhor Ruy de Vasconcelos? — chamou num vozeirão másculo. De Lisboa vos trago notícias e recados da vossa Mãe e senhora minha, D. Dulce.

Ruy conheceu-a logo. Voltou o cavalo e foi para ela. Era a tia Lourença, aquela a quem a arraia miúda da capital

chamara a capitoa e o condestabre das mulheres, durante o último cerco.

— Vós por aqui!

— É verdade, meu senhor. Mau foi que me acostumasse a ser homem contra os cães gadelhudos de Castela. De vossa Mãe me fui despedir e dela vos trago recados cheios de saudade.

— Não vos pareceu mais enferma, não?

— Reza por vós, e lá está resignada à espera do dia em que lá voltareis vencedores. E foi pra ver como isto se decide que eu deitei até cá, e mais umas companheiras minhas do tempo do cerco. Ontem ficámos sonegadamente numa aldeia ao pé de Porto de Mós, e hoje aqui vimos atrás da Ala dos rotos, que é como já chamam os gracejadores à nossa arraia-miúda. Mas, por favor, não digais nada ao senhor Condestabre. Ele não quer mulheres atrás da hoste, e mandaria que nos corressem de cá para fora. E é isto o que nós não queremos.

— Ficai descansada. Por vós lhe pediria eu, se ele de tal soubesse.

— Muito agradecida, meu senhor. Isto de eu aqui vir é devoção. Não quero que Deus me leve sem eu ver uma batalha real, e se os nossos ficarem bem, hei de ser eu quem primeiro há de levar a boa nova a Lisboa e à senhora vossa Mãe. Perdoai e que a nossa Senhora da Vitoria vai à vossa companhia.

— Até depois — disse-lhe metendo o cavalo a trote para ganhar a distância em que se atrasara da ala.

De onde em onde, aprumavam-se esguios, naquela chapada bravia, uns pinheiritos novos.

— Lenha já nós aqui temos para assar em postas os bois que veem puxando os trons roncadores — gracejou o Magriço.

No coruto de um pinheiro mais alto e mais distante, um donairoso melro assobiou o seu estribilho de boémio madrugador.

— Ora viva lá, namorado amigo, jogral de bico amarelo — galhofou o Lobeira, fazendo-lhe um gesto de saudação.

— Está a assobiar pela sua dama, o tunante! — acudiu o Magriço. Bisneto será de alguma velha melra do tempo do

senhor rei D. Diniz. Pois que venha cantar-nos a alvorada de amanhã, se os castelhanos vierem hoje ver-nos e os engenhos trovejantes nos não espedaçarem, como deseja sua senhoria el-rei de Castela e o tredo vilanaz de Antão Gonçalves.

— Meus amigos, — disse um dos rapazes — quem hoje acordou mais cedo fui eu, e de passeio deitei até à beira do riozito Lena. Lá, sim, debaixo daquelas árvores é que era ouvir a cantoria do passaredo.

— Cantavam as vésperas da senhora de Agosto, pois que amanhã é o seu dia — acudiu um mais devoto.

— Alto! Saiam daí! — bradaram da vanguarda.

— Que é?

— Alto porquê?

— Foi o Condestável quem mandou.

* * *

Nuno Álvares escolhera a posição em que a pequena hoste devia esperar o exército inimigo.

Parecera-lhe aquela a melhor para uma batalha defensiva. Tinha um áspero e forte relevo sobre a baixa do Lena e para os lados de Aljubarrota se estreitava consideravelmente, formando uma garganta, sobranceira à chã agreste da charneca.

Dominava a estrada para Alcobaça e, portanto, a única direta para Lisboa. Por ali teria de desembocar a hoste de Castela para ir tomar a explanada de Aljubarrota e seguir contra a capital.

Cingido de um e outro lado, a pequena distância, por dois ribeiros, afluentes do escasso rio Lena, aquele empolamento do terreno lembrava uma grande cunha com a base para o lado da estrada de Leiria e o gume sobre a chã bravia. Meseta (pequena mesa) lhe chamou Ximenes de Sandoval, cerca de quinhentos anos depois.

Na estação das chuvas os dois ribeiros seriam como fossos aquáticos daquela posição; mas naquele mês apenas representariam valias esbarrocadas e quase enxutas.

Os intensos calores de julho, e agosto os haveriam reduzido a regatos, que uma criança de oito ou nove anos facilmente poderia transpor com uns fios de água dormente por cimo dos artelhos.

Em cima daquele planaltozito deviam ficar bem juntos, como nos terraplenos de uma fortaleza, os seis mil e quinhentos combatentes que iam opor-se aos trinta e três mil do rei de Castela.

Não contamos para um e outro exército os auxiliares de menos valia e os não combatentes que traziam. Uns doze mil do lado dos castelhanos; talvez dois mil do lado dos portugueses.

Detidamente examinado o terreno, o Condestável mandou avançar a sua hoste e logo tomou as disposições necessárias para uma ocupação defensiva, que o tornasse menos acessível ás arremetidas da cavalaria inimiga, numerosa e formidável.

Presume-se que dos ingleses auxiliares, uns duzentos se tantos, alguém lembrou a conveniência de fazer uma ligeira estacada, talvez para o cercado (curral) das bagagens e dos

não combatentes. Aceito o alvitre, homens de machados teriam ido ás extremas da charneca deitar a baixo os pinheiros pequenos para a estacaria.

A distância de Porto de Mós até ali era de uma légua escassa e por isso, apesar da lentidão da marcha por causa das bagagens, a hoste do Rei chegou quando vinha a nascer o sol.

* * *

Tinham todos tomado as suas posições de rosto para Leiria.

— O sol! O sol! Como ele vem hoje lindo! Até parece que traz mais ouro! — exclamou o Lobeira num êxtase de poeta.

— É para dourar os nossos arneses de cavaleiros pobres — respondeu outro.

— E para aquecer os ventres àqueles da Ala dos rôtos — disse o Vasco Eanes, indicando para a retaguarda a

peonagem dos farroupilhas, que não traziam bacinete, nem solha de chapas de ferro.

— Coitados! Também só se for o sol, que o almoço nenhum calor lhes dará.

— Nem a eles nem a nós — interveio o Magriço.

— E se aqueles birbantes dos castelhanos não jejuam como nós, então até nisso os favorece o demo! — disse Vasco Eanes.

— E talvez não favoreça, — acudiu o Magriço de galhofa. Com a fome que eu já estou, até seria capaz de manducar em cru as alcatras dos bois que vierem puxando os seus truenos, e com maior gana os hei de atacar.

— Jovens, — veio avisar um escudeiro dos Namorados — sabei que El-Rei está armando cavaleiros os escudeiros de armas que lhe propõem esses que, pela sua qualidade e bons serviços, os vão apadrinhar.

— Pois vamos nós la também com alguns escudeiros da nossa ala — disse Ruy de Vasconcelos. A vós, Afonso Rodrigues, vos proponho eu, — disse para o Baticela, aquele escudeiro beirão que levou a Lisboa a notícia da

batalha de Trancoso e o Vasconcelos teve em casa como seu hóspede.

— Grande e honrado favor me fazeis e por ela vos beijo as mãos.

— E eu vou apadrinhar o nosso beijocador — disse o Magriço. Além de não ter nada de peco, é da ala o que furta beijos com mais denodo e os da mais bem cantados. Jovem, não vos turbeis como se vos levantassem algum falso testemunho. Eu ouvi aquele beijo que deu honra à ala, e notei depois que a rapariga roubada tinha um palminho de cara de fazer apetite a um franciscano. Beijos assim quebram o jejum; mas tal não direi eu a El-Rei, mormente se com ele estiver o senhor Arcebispo de Braga, o mais glorioso homem que tem dado a Lourinhã. (*)

[(*) D. Lourenço Vicente, o famoso prelado batalhador, era natural da Lourinhã.]

— E pior seria — respondeu lhe o brejeiro com uns ares de ingenuidade agarotada se o dissésseis era presença do

senhor Condestável!

— Esse então, se o soubesse, nem para escudeiro vos queria!

Riram do caso, e lá foram uns poucos apadrinhar os escudeiros de melhores antecedentes que havia na ala.

Naquela conjuntura não os podia El-Rei fazer cavaleiros com o longo e ostentoso cerimonial da boa cavalaria. Ali apenas podia ser e foi uma resumidíssima formalidade.

Tocava-lhes com a lâmina da espada no ombro, tiles de joelho em terra; exortava-os a empenhar todo o seu esforço e a própria vida em defesa da pátria, cuja sorte se iria talvez decidir ali, recordava-lhes o dever de lealdade que tinham de guardar ao rei e à bandeira, dever que eles juravam cumprir, e logo os declarava cavaleiros. Deste modo foram armados trinta e oito em três grupos.

* * *

Resumia-se em bem pouco a investidura dos cavaleiros nos campos de batalha. Fora destas circunstâncias, estava sujeita a umas regras e pragmáticas de grande solenidade e tinha um largo cerimonial de preparação.

Em condições normais, o donzel, filho de um homem de prole, estava nas circunstâncias de ser investido na categoria de escudeiro de armas logo desde os quatorze anos. Alguns o foram com menos idade, como D. João, Mestre de Avis, e Nuno Álvares Pereira.

O donzel era levado para diante de um altar com as suas vestes de pureza, um círio aceso na mão, acompanhado pelos pais, pelas damas da corte ou do solar, e pelos seus apadrinhadores.

Um padre abençoava a espada que destinavam ao neófito e solenemente lha entregava.

Depois os padrinhos punham-lhe as esporas de prata e as madrinhas cingiam-lhe a espada e lhe vestiam algumas ligeiras peças da armadura.

E assim ficava escudeiro de armas, diretamente subordinado ao rei, ou ao rico-homem, senhor nobre, a

quem se votara servir.

Por beneméritos serviços, por algum assinalado feito ou por simples paga de galardão, podiam-lhe dar a investidura de cavaleiro, algumas vezes o próprio soberano ou o mestre de uma ordem de cavalaria e, na maior parte dos casos, qualquer outro fidalgo que já tivesse o grau de cavaleiro.

O neófito preparava se para este ato em jejuns e orações purificadoras. Confessava se, recebia a eucaristia e velava as armas durante uma noite, orando. E neste breve noviciado de iniciação o acompanhavam os apadrinhadores e um ou alguns sacerdotes.

Concluídas estas devoções penitenciais, o levavam perante um altar com a espada suspensa ao pescoço por uma charpa. Ali a desprendia ele e entregava ao padre consagrante, que lha abençoava e restituía. O escudeiro ia então ajoelhar-se diante do rei, ou daquele que pela sua categoria e direito próprio o podia armar cavaleiro.

Respondendo por negativas formais ao breve interrogatório de suspeições que lhe fazia o investidor a respeito dos seus propósitos de abnegação, de honrado esforço e devotados

serviços à fé cristã, o neófito jurava solenemente sobre a espada nua do rei ou do cavaleiro interrogante, manter e servir a religião de cristo, à custa da própria vida, proteger os indefesos e as mulheres, defender e sustentar desinteressada e lealmente as mais brilhantes e generosas tradições da enobrecida cavalaria em que ia ser admitido.

Aceito este voto jurado, os cavaleiros seus apadrinhadores, e quase sempre as nobres damas e donzelas da corte ou do palácio solarengo, lhe vestiam então as diferentes peças da armadura. Era ás vezes a senhora da mais alta qualificação quem lhe cingia a espada e eram as damas ou os padrinhos que lhe substituíam as esporas de prata de escudeiro pelas outras douradas, que eram distintivo dos cavaleiros fidalgos.

O novo cavaleiro curvava-se diante do investidor, e este, de pé, por três vezes lhe assentava de prancha a espada sobre o ombro ou sobre a nuca, dizendo-lhe: «Em nome de Deus, de S. Jorge e de S. Miguel, vos faço cavaleiro: sede honrado, intrépido e leal.»

E depois tocava-lhe na face com a palma da mão.

Simbolizava isto a derradeira injúria que ele devia sofrer sem tomar esforço.

Esta solenidade terminava quase sempre num torneio ou em corridas de cavalaria, em que o iniciado floreava a sua perícia de homem de armas e as suas gentilezas de cavaleiro.

Esta era, a largos traços, a regra e o cerimonial a que podemos chamar clássico. As variantes, que não eram pequenas, provinham de circunstâncias diversas, conforme os países, a ocasião e as condições especiais de quem conferia ou recebia a investidura.

* * *

Eram 10 horas. O sol estava uma brasa; os bacinetes e os arneses escaldavam.

Passavam bandos de pássaros a fugir para a frescura dos pinhais distantes, e ondulava nos ares uma poeira fulva

como se o sol a tivesse sacudido da sua resplandecente juba.

El-Rei foi à vanguarda ter com o Condestável. D. Nuno andava a animar a sua gente e a recomendar a todos que recebessem as arremetidas de pés bem fincados no chão e lanças bem firmes debaixo do braço para vararem os peitos dos cavalos, enquanto os besteiros e os frecheiros ingleses, de frente e de revés, crivassem de frechas e virotes os cavaleiros e a peonagem que viesse depôs eles.

E agora já falava nos trons à gente plebeia da sua hoste para a deixar de sobreaviso.

— Roncas de Castela é que eles são. Não tenhais medo. São engenhos de fazer bulha e fumo para assustar mulheres. Maior e mais certeiro dano fazem os virotões dos besteiros de Castela, e ainda ninguém fugiu deles. Nem vos receeis da multidão que eles trazem. Muitos milhares deles são serventuários, azeméis, gente de carriagem. Aqui tenho entre vós alguns que foram comigo nos Atoleiros. Eramos lá um contra cinco e ninguém teve medo. Deus foi por nós e de tal modo vencemos, que era espanto ver como eles fugiam! Aqui há de querer Nosso Senhor que o mesmo

suceda. Ponde a alma com ele e os olhos nesta nossa bandeira, e bom ânimo de portugueses será o vosso para os baterdes daqui para fora como a javardos bravios.

Os peões humildes ouviam-no enternecidamente, num pasmo de devoção religiosa, como se fosse um santo a falar lhes, daqueles santos batalhadores que vestiam armadura. E lembravam-se do S. Jorge da bandeira daquele jovem Condestável, que já sabia bem o que era vencer uma batalha.

— Viva o nosso Condestabre! A melhor lança que tem Portugal! — bradaram num enrouquecimento de comoção, olhos rasos de água.

El-Rei chegou.

— Estou admirado por faltarem aqui os da Beira! — disse D. João baixo para Nuno Álvares.

— Depois de receberem o vosso recado! — notou o Condestável. Vem ali Diogo Lopes, pergunta-lhe vós, Senhor, pelo filho e pelos seus vizinhos da Beira, a ver o que ele vos responde.

Diogo Lopes Pacheco, um dos acusados pelo assassínio crudelíssimo de Ignez de Castro, era um octogenário acabrunhado pelos desgostos do tempo em que andou homiziado e com a vida a preço. A energia moral é que era nele indomável. Insistira em vir com a hoste, apesar da escusa que lhe dava El-Rei.

— Diogo Lopes, — disse-lhe D. João I — que me dizeis vós dos homens da Beira?

— Dos outros vos não sei falar, senhor Rei, porém, se João Fernandes Pacheco é bem meu filho, rei e senhor, ele virá pela sua honra e dever, ou eu cá. Ficarei por ele.

— Pois mais certo será então contar convosco.

E, como para atenuar a mágoa do velho, acrescentou logo:

— Ou lá pela Beira estarão já em luta com a hoste do Infante de Navarra, se é certo que ele vem de reforço a el rei de Castela?

— Tardam! — disse o Condestável, de olhar cravado no caminho de Leiria-

— Talvez ainda não queiram desencurralar-se de lá — lembrou o Rei.

De súbito se ouviram trombetas dos lados do caminho de Porto de Mós.

— Serão eles? Mas daquele lado!

— Só se for algum troço de castelhanos para nos armar cilada!

— Homens! — gritou o Condestável para a sua gente. Firmeza de ânimo, e seja o que for.

Sentiu-se mais perto uma tropeada de cavalos, e na orla da charneca, pelo caminho de Porto de Mós, esvoaçou um balsão fidalgo.

— Pelas cores que tem, aquele será o pendão do vosso filho, senhor Diogo Lopes! — gritou Afonso Rodrigues Baticela.

— S. Jorge e Portugal! — gritaram do esquadrão que vinha de galopada pela charneca dentro.

Eram sessenta cavaleiros de lanças com os cavalos brancos de escuma. Atrás deles arrastavam se esbaforidos,

estropeados, uns cem homens de peonagem, muitos deles sem bacinete nem peito de ferro, varapaus ferrados e foices ao ombro.

— Os da Beira somos e aqui nos tendes! — gritava na frente João Fernandes Pacheco.

— Senhor, o coração não me enganava! — disse ao Rei o velho Diogo Lopes com os olhos rasos de lágrimas.

Milhares de vozes repetiram o pregão de guerra que os beirões tinham soltado.

— Bem vindos sejam os da Beira! — clamaram da hoste real.

— E mais os seus fidalgos, que derrotaram os castelhanos em Trancoso — bradaram os da Ala dos Namorados.

Entraram os beirões no campo da hoste. Os peões vinham arrasados e muitos tinham ficado para traz, estiraçados pelo caminho.

— Em boa hora vindes, amigos beirões! — disse o Bernardo Pingueiro aos que foram incorporar se na Ala dos

rotos. Mas muito estrompados, louvado Deus!

— Vinte léguas, entre dia e noite, desde ontem de madrugada! — disse um deles a resfolegar penosamente, o rosto a esbagoar suor, o peito da solha negro da poeira. E milagre foi cá deitarmos!

— Pois em boa ocasião chegais, mas se vindes ao cheiro do almoço, oh irmãos, ficais a aguar! Aqui todos nós estamos em jejum natural.

E logo baixo, de troça para outro:

— Menos eu, que pelo caminho vim a comer dois punhados de amoras dos silvados. E foi comer e beber. O sumo era vermelho como o nosso vinho da encosta de Almofala. Enganei as saudades que dele trazia. E daqui a pouco estaremos assados e estorricados, que nem carapaus miúdos, debaixo deste sol de brasas!

Entretanto, o João Fernandes Pacheco dizia abraçando o pai:

— E vós aqui também!

— Então, mesmo assim velho, onde havia eu de estar? Isto é dever de todos.

E indicando o Rei, que estava então falando com os Cunhas (Martim Vasques e Gil Vasques) e com Egas Coelho, os fidalgos da batalha de Trancoso, o octogenário acrescentou com encantadora simplicidade:

— Filho, que havemos nós de fazer, senão ajudar este homem a defender este reino!

Foram para junto do Rei e João Fernandes contou-lhe a marcha de arrancada que tinham feito para chegar a tempo. Do coração da Beira para Coimbra, dali a tomar, a Ourem, a Porto de Mós e de lá, com a peonagem quase esmorecida, os pés em sangue, e metade dos que trouxera, estropeados pelo caminho.

— Senhor, íamos caindo em poder dos castelhanos! — informava o Pacheco. Adiantava-me para uns oiteiros no intento de ver se a batalha se haveria já travado e seria para os lados de Leiria, quando demos fé de ginetes à mourisca, que andavam por ali como em reconhecimento daqueles sítios. Também eles nos divisaram e como que

pareciam surpreendidos. Vieram avançando a passo, enquanto uns poucos deles deitaram para traz à desfilada, certamente para levar a notícia do encontro. Muito ao longe se levantou uma tamanha nuvem de poeira, que tudo encobria em guisa de névoa! Para lá se sumiram os que tinham partido à desfilada. Depois, uma aragem desfez aquela nuvem e eu vi a grande multidão que subia aos cabeços, atulhava o caminho e vinha galgando os oiteiros, enxameando pelos pinhais, transbordando pelas baixas fora, assim como se fosse a cheia de um grande rio!

— Era a hoste de Castela! — disse El-Rei.

— Senhor, outra coisa não podia ser! O sol, a surgir, já se lhes espelhava nos bacinetes e nas pontas das lanças.

— Então devem estar chegando.

— Veem muito vagarosamente e, de vez em quando, param esperando uns pelos outros. Os caminhos trilhados não chegam para tal multidão! Mal que isto vi, voltei para a nossa gente à rédea solta, e para aqui viemos.

— Pois bons companheiros nossos heis de ser vós, os da Beira. Já cá tinha os do cerco de Lisboa, alguns dos

Atoleiros, alguns que venceram no Minho; boa conta nos faz esse punhado de homens que desbarataram os castelhanos em Trancoso.

— Punhado de homens, bem o dizeis, Rei e senhor. Não podíamos trazer mais, sem deixar ao desamparo de gente de guerra todas aquelas terras da Beira, já ameaçadas pela hoste de D. Carlos de Navarra.

— Eu sei. Coisa semelhante me sucedeu entre Douro e Minho. Foi escasso o número dos que de lá trouxe, para não deixar aquelas terras desguarnecidas. Descontai agora a gente que se não podia tirar das muitas vilas que ainda estão por D. Beatriz, e Santarém entre as de mais povo, e aqui tendes porque eu trago comigo pouco mais de metade da gente que teve o senhor D. Afonso Henriques na batalha de Ourique, vai em trezentos anos.

Chegou o velho Montferrat.

— Senhor, venho fazer-vos uma profecia. Tende por certo que esta batalha a heis de vencer vós. Em cima deste pequeno outeiro os vossos homens estão resolutos; são muralhas de sangue que mais valem ás vezes que as outras

de pedra. Movem-se para aonde convém que se movam. Tenho entrado em sete batalhas campais, esta será a oitava, e nunca vi homens de tão alegre parecer, sendo tão poucos à espera dos muitos com quem hão de lutar. Dizem gracejos os esfarrapados da peonagem e aqueles rapazes da Ala dos Namorados fariam inveja ao rei Artur e aos seus cavaleiros de novela. Senhor, só se de todo vos desamparasse Deus, perderíeis a batalha que esperais.

— Em Deus confio e, se a profecia sair certa, boas alvíssaras vos hei de dar.

— Senhor, se a morte, invejosa de tamanha graça, — volveu-lhe o gascão — se não opuser a que eu as receba.

O Condestável veio da vanguarda num alvoroço de júbilo.

— Já se percebe a tropeada distante dos cavalos, e para a extrema do caminho, até onde os olhos podem alcançar, se levantam nuvens altas de pó Rei e senhor, é enfim a hoste de Castela que chega!

— Pois grande véspera terá este ano em Portugal a Senhora da Vitória. Conde, vamos lá ver como eles aparecem.

Meteu o cavalo a par do mulo em que o Condestável andava montado e foram para a vanguarda. Daquela parte mais alta do outeiro descobria-se melhor um largo trecho da estrada.

Os Namorados fizeram aos dois uma aclamação entusiástica.

As nuvens de poeira avançavam um pouco mais, mas de repente imobilizaram-se na baixa da estrada, cerca de meia légua do ribeiro da Calvaria.

— Parece que pararam! — disse o Condestável numa desafogada impaciência.

O Rei estava de olhos fitos no caminho. Um dos escudeiros de D. Nuno veio dizer-lhe que, do lado oposto à ala esquerda, a coisa de um quarto de légua, nos barrocais de um pinhal se divisavam uns vultos de mulheres.

O Condestável, cheio de estranheza, foi ver. Faziam acenos. K já uns três ou quatro Namorados tinham vindo da direita para as observar. Os arqueiros ingleses faziam-lhes de cá momices agaiatadas.

Contiveram-se assim que o Condestável chegou.

— Mulheres de aventura e má nota hão de ser, — disse Nuno Álvares de rosto avincado — mas, por Deus, que se os castelhanos se demoram, dali as mando escorraçar.

— Senhor Condestável, uma daquelas mulheres sei eu que vale pelo mais destemido homem. É uma velha que a minha mãe recebia na sua casa e eu muito conheço do cerco de Lisboa, onde pelejou contra os de Castela e uma vez foi gravemente ferida.

— Está bem, Ruy de Vasconcelos. Isso me basta saber.

Ruy ainda lhe contou outros pormenores a respeito da tia Lourença.

Entretanto, na frente, o Rei notava com estranheza que o exército inimigo não avançava.

— Os vagares com que eles vêm!

Mas, como se o quisessem desmentir, surgiram fortes esquadrões de ginetes à mourisca, em galopadas pelas ladeiras, a larga distância da estrada, para um e outro lado. Era já meio dia. O sol queimava.

— Ora graças que chegam! Ide dizer ao senhor Condestável que estão avançando — disse El-Rei para um dos escudeiros.

Os ginetes inimigos vieram de carreira para a frente do caminho e para um e outro flanco se espalharam chusmas numerosas de besteiros, uns dois mil talvez.

— Agora essas lanças bem firmes, depressas os virotes e as frechas e alma resoluta, homens de Portugal! — gritou D. João.

Ouviu se um rumor soturno de vozes, cortado pelo ruído de armas que se moviam. Águardava-se a investida.

O Condestável chegou da retaguarda.

— Está cada qual no seu lugar — disse ao Rei.

— Anão serem os da cavalaria à mourisca, os outros estacaram ali na baixa. Enchem-na de lés a lés, a perder de vista! — observou o Arcebispo de Braga.

Era um dos do estado maior do Rei aquele prelado combatente. Sob a sua armadura de campeador a roqueta

prelatícia, na cimeira do bacinete, em vez de plumas, uma pequena imagem da Virgem, de prata dourada.

A seu lado, um clérigo de sobrepeliz com uma alta cruz de prata.

— Melhor! Melhor! — disse D. Nuno, volvendo para o céu os seus olhos azuis de místico sonhar.

— Só aquela cavalaria de ginetes — notou Montferrat — e mais numerosa que toda essa que tendes aqui, senhor Rei. Fiai da gente apeada o melhor da vossa batalha, como os ingleses em Crécy e Poitiers. Em Crécy, senhor Rei, vi eu menos de trinta mil ingleses pondo em desbarato setenta mil da hoste de el-rei de França, Filipe de Valois. Foi também no mês de agosto e quase ao fim do dia. Tinham boa ordem, excelentes arqueiros e quem os mandasse bem esses que ali venceram.

— Era de pouco mais do dobro a hoste de França, — objetou-lhe o Rei a meia voz — e aqui os de Castela hão de ser cinco vezes os nossos!

— Grande desigualdade, por vida minha! Muito maior ainda que em certa batalha que eu ouvi contar aos velhos

de Flandres cheios de orgulho por ela. Por traz de um canal, vinte mil flamengos venceram 47000 franceses de Roberto de Artois. Mas, por tudo isto, vos aconselho, Senhor, que pelejeis de pá em terra, bem firmes aqui, tomando a lição daquelas batalhas.

— Temos lição de casa, messire João de Montferrat — acudiu o Condestável. Nos Atoleiros mandei apear todos os meus cavaleiros e aqui o mesmo será, que assim o decidiu El Rei comigo. E se vencermos, o feito valerá mais que esses dois de que vós falastes.

— Como vejo ainda a cavalo todos os fidalgos da hoste...

— A seu tempo hão de pôr pé em terra, — explicou-lhe o Rei afetuosamente — pois que, por quantas informações eu tive, bem sabia já que eles trazem talvez oito vezes tantos homens de armas a cavalo como eu aqui tenho, que não passam de mil e setecentos.

Percebeu-se um movimento de surpresa e uma certa hesitação nas avançadas inimigas, mal descobriram bem a pinha de homens que ocupava o outeiro.

— E ali se ficam! — exclamou o Condestável numa impaciência nervosa.

— Andam então aqueles gafanhotos amouriscados aos saltos a fazerem-nos negaças de longe! — disse o Arcebispo com o seu feitio jovial, apontando os esquadrões dos ginetes.

Evidentemente as primeiras colunas dos castelhanos águardavam qualquer resolução superior. Entretanto, mais de mil ginetes galopavam para além do ribeiro da Calvaria, sobre a esquerda dos portugueses, e foram ladeando ao largo, na direção da chapada de Aljubarrota. Iam reconhecer o terreno, provavelmente.

Pouco depois voltavam para traz à desfilada, e as primeiras massas da hoste começaram a deslocar-se para a sua direita e foram subindo lentamente, a um quarto de légua para além do ribeiro.

Viam-se bem do cimo do outeirozito.

— Escapam-se-nos! — rouquejou o Condestável, gesticulando num assomo de desespero.

— Ou vão tomar-nos o caminho de Lisboa, ao largo e pelo seguro! — lembrou o Arcebispo.

— Não podemos ficar aqui pasmados. Temos de ir sobre eles! — disse impetuosamente D. Nuno.

— Deixai ver, deixai ver se lhe percebemos o intento — volveu-lhe o Rei serenamente. Vamos para a retaguarda observar o caminho que seguem.

E foram rapidamente para o lado da charneca.

* * *

— O pesar do demo, que se nos vão embora sem lutar! — disse alguém na arraia da peonagem.

— É que irão primeiro jantar a Aljubarrota. Isto há de passar já do meio dia. É boa hora. Voltarão depois de jantar, e ainda nos apanham em jejum! — dissera com o seu feitio jocoso o Bernardo Pingueiro.

— Afastam-se de nós! — exclamou Ruy de Vasconcelos para o Magriço. Ou então levam o intento de nos investir

pela retaguarda, mais desafogados na charneca.

— Pois olhai que não é outro o seu intento!

— Ou, como trazem tanta cavalaria, — lembrou Vasco Eanes — talvez queiram seguir sobre Lisboa, pondo sete ou oito mil de cavalo na sua retaguarda, a esperarem que nos mudemos daqui para irmos na sua perseguição. Ali na chapada de Aljubarrota, ou na baixa de Alcobaça, não seria maravilha que os seus tantos milhares de cavaleiros derrotassem os nossos poucos de acavalo e toda a peonagem nos esbandalhassem.

— E a gente de pé ainda mais que a de cavalo! — indicou o Lobeira. Vão encher a charneca de lés a lés!

Era um espetáculo assoberbador para os escassos sete mil combatentes do rei de Avis aquele da multidão armada, descrevendo lentamente com as suas colunas irregulares, e profundas, uma grande curva para os lados da planura de Aljubarrota, semi velados a espaço por nuvens de poeira, densas e altas.

E todavia, ainda gracejavam e riam os pobres chamorros em jejum, encurralado naquele outeirozito, reduto sagrado

de uma bandeira em que a alma da pátria esvoaçava palpitante!

Vinha desfilando de longe a massa enorme dos não combatentes, entre alas dobradas de besteiros e esquadrões de ginetes. E com eles setecentas carretas, récuas intermináveis de azémolas carregadas e oito mil cabeças de gado para sustento da hoste.

Eram deliciosos os comentários dos rotos.

— Gentes, olhai que eles trazem mais bois e carneiros do que nós temos aqui de homens armados!

— E aqueles, pelas armas, contam-se pelo dobro.

— Cada boi duas lanças — acudiu o Bernardo Pingueiro. Mas fazem mal esses asnos castelãos neste alardo à nossa reveria. Com a fome com que a gente está, depressa nos vamos esquecer de tanta cavalaria, e somos capazes de vencer a batalha só para nos atirarmos aos bois. Um boi pra cada um e ainda podíamos levar carne pra Lisboa! Eu não matava o meu; escarranchava-me nele e assim entraria na cidade, a levar-lhe a nova da vitória.

— Olhai! Aquelas bisarmas em cima de carros!

— Serão os trons?

— Isso sim! Daqui se está a perceber que são caldeirões — explicou o sapateiro. Ali é que eles fazem a batelada, o bazulaque (*) para aquela canzoada toda.

[(*) Guisado do fígado e bife de vaca.]

— Mas os tais trons é que a gente ainda não viu!

— Vi-os eu. Já lá vão pra diante. Cada zorra a quatro juntas de bois com os trons em riba! Mas não se viam bem por causa do pó e dos muitos de acavalo que iam em volta deles.

— E aquela capelinha que já lá vai adiante!

— Capelinha?!

— Sim. Em cima de um carro de mulas. Talvez seja do rei deles para as suas devoções. E foi ao pé da capelinha que divisei umas poucas de andas. (*)

[(*) Liteiras de varais.]

— A essas as vi eu. Talvez levem damas.

— Reparai agora, lá adiante, naquelas tantas plumas da fidalgaria deles! Parecem bandos de pássaros de muitas cores, a voar!

— E os pendões e as bandeiras! Tantos, que chegavam bem para cobrir a Rua Nova de Lisboa! E a luzir neles o oiro e a prata, que até faz encandear a vista!

— Não, com o sol que está, o que mais luz são aquelas ricas armaduras que eles trazem. Quando ali passaram em frente, até os olhos se doíam de tamanho brilho!

— Cá os nossos, à vista daqueles, ainda fazem menos vista que os nossos trapos ao pé da armadura d'el-rei!

— Logo, com o sangue, é que se há de notar quem faz mais vista.

* * *

Assim que El-Rei viu completo o movimento torneante dos castelhanos e a sua primeira linha a tomar formatura na charneca, de rosto para a gargama do outeiro, a pouco mais de um quarto de légua de distância, percebeu logo que o intento deles seria atacar a posição do lado da planura.

Tinham evitado um ataque de frente pelo terreno de maior relevo e aspereza e buscavam aquele, plano e fácil, onde a sua poderosa cavalaria mais desafogadamente se podia desenvolver. Cortavam assim o caminho de Lisboa aos portugueses e ficavam em condições de impor-lhes uma derrota inevitável, se caíssem na louca temeridade de abandonar o seu cerrado.

El-Rei mandou fazer uma mudança de frente, movimento perigoso naquela conjuntura, se a primeira linha inimiga imediatamente os investisse.

Fez-se cautelosamente. A hoste do Rei abriu ao centro uma clareira por onde as bagagens e a peonagem dos rôtos foi rapidamente ocupar a primitiva frente. Depois a antiga

vanguarda e as alas convergiram para a nova frente por aquele caminho interior. Efetuado este movimento, a gente do Rei fechou a clareira aberta ao centro, constituindo outra vez a segunda linha de batalha.

A garganta daquele empolamento do terreno, cingida pelas (.luas linhas sinuosas dos ribeiros, reduzidos a uns fios de água, mas com os leitos um pouco embarracados pelo último inverno, não se podia prestar a uma frente de ataque superior a três mil passos. Todavia a cavalaria ligeira e os besteiros facilmente conseguiram transpor aqueles obstáculos e a investida de frente podia conjugar-se com ataques de flanco e pela retaguarda, intentados pelos ginetes e pela peonagem.

Os de Castela podiam atacar de frente, em cunha, embebendo-se pelo outeiro dentro; seria uma enorme cunha de quinze ou dezoito mil homens com uma base de desenvolvimento de quase meia légua e um gume em que a extremidade fosse representada por trezentos a quatrocentos cavalos.

Sem delongas na investida, o desastre dos portugueses seria inevitável, sobretudo durante a mudança de frente, e

então os castelhanos resgatariam o erro temerário da sua marcha de flanco, apenas justificável por saberem, como decerto sabiam, de qual escassa cavalaria dispunha o rei de Portugal.

* * *

— Tudo pé em terra! — mandou D. João.

E ao Marechal recomendou fosse ordenar a melhor defesa do terreno onde se tinham ido acolher agora os não combatentes e as bagagens, por efeito daquela mudança de frente.

— Ruy, que vos parece a volta dos castelhanos e qual intento lhes supondes? — perguntou-lhe o Magriço.

— Parece-me que à frente que tínhamos a não podiam facilmente investir de rosto os cavaleiros de Castela por aquele terreno alto e de ribanceira. Agora, deste lado, a entrada que defendemos está mais exposta ás arremetidas dos seus cavaleiros, que têm ali para diante chão plano por

onde se desafoguem, se o souberem aproveitar. Se os trons alguma coisa valem, mesmo da planura nos podem enfiar os pedregulhos por esse portelo dentro contra a pinha de homens que somos aqui. Se eu fosse de Castela e alguma coisa mandasse, punha os trons ali na chã, de boca para nós, e quando eles tivessem assustado mais a peonagem de cá, atirava aqui para cima o enxame de besteiros que eles trazem. Serão quase dez vezes os que nós aqui temos.

— E aquela tanta e soberba cavalaria que têm ficava de pé nos estribos a ver como nós nos defendíamos?

— Não. Cercava-nos por essa terra chã que temos em volta e, quando nos fosse indispensável retirar, caíam eles sobre nós, a quatro ou cinco para cada um de cá, e era derrota certa. Mas sou português, estou por Portugal, e como é nosso voto r propósito vencer ou acabar aqui, melhor é esta disposição que temos agora. Pela retaguarda não será fácil nem seguro retirar, e quando nos virmos perdidos, o melhor caminho será arremeter por este portelo fora, numa arrancada para morrer mais depressa.

— E será intento deles cercar-nos?

— Não sei, mas desconfio que veem mal mandados e, pelo quo vejo, me parece que trazem pouca ordem. Fizeram o melhor que podiam fazer no seu proveito, não nos atacando de rosto do lado de Leiria e tomando para aquela largura de campo onde podem mover-se mais à sua vontade. Ali Nilo eles que nos cortam o caminho de Lisboa e não nós a eles. Por ali irão avançando direitos ao seu fim, ainda que daqui os rebatêssemos, e, nesta charneca ou na baixa de Alcobaça, a sua cavalaria nos conteria, embora daqui saíssemos para os perseguir. Por maiores que fossem as nossas façanhas, chegariam a Lisboa primeiro do que nós, e lá tinham a armada para lhes dar apoio.

— Diacho! Estamos em mau passo! — comentou o Magriço.

— Mas estamos em boa disposição para nos aguentarmos aqui. Devemos contar primeiro coma nossa alma para suprir a pequenez do número; depois com a soberbia desdenhosa daqueles homens, que alguma loucura poderão fazer no nosso proveito, à força de nos desprezarem.

— E lá continuam parados, de costas para Aljubarrota, como se estivessem agora a tomar conselho e não trouxessem resolução segura!

— Talvez esperando que toda aquela carrearem e gente de acompanhar se lhes vá passando para a retaguarda.

— Se nós em vez de mil e setecentos de cavalo tivéssemos três ou quatro mil...

— E, mesmo assim, menos da terça parte da cavalaria que eles têm...

— Poderíamos ir daqui numa arremetida pôr tudo aquilo num novelo.

— Que somos poucos o sabem eles perfeitamente e pelo saberem se atreveram a dar a volta, buscando o melhor campo.

— Estou a ver que ainda não é para hoje a batalha! E aqui ficaremos à espera do que eles resolvem!

— Reparai. Estão a meter para a frente as filas dos ginetes.

— E outros lá vão de galopada ali para o caminho de Porto de Mós.

— E mais esquadrões para este lado de cá! Então nos vão pôr cerco! Têm cavalaria que chegue para tudo o que eles quiserem.

— Então ainda bem, que se vai decidir isto com o sol alto, para eles verem bem como aqui se morre.

— De fome, se nos cercarem — objetou um deles.

Decorreu ainda meia hora de incertezas e impaciências.

Afinal daquela massa enorme de guerreiros, que enchia a planura de lés a lés, destacaram-se cinco cavaleiros. Um deles trazia uma bandeirola branca de parlamentário.

— Adeus! — exclamou o Magriço retomando a sua feição jocosa. Aí nos veem pedir desculpa da demora e oferecer-nos tréguas para eles jantarem.

* * *

Os cavaleiros que vinham parlamentar aproximaram-se da vanguarda portuguesa, até ficarem ao alcance de voz, e um deles gritou em português:

— Eu, Diogo Álvares Pereira, irmão do vosso Condestável D. Nuno, aqui venho requerer-vos lhe deis notícia de que muito lhe peço me venha ver e falar Foi reconhecei o um dos cavaleiros portugueses das primeiras filas da vanguarda.

E a esse declarou Diogo Álvares Pereira que os seus companheiros eram D. Pedro Lopes de Ayala, cavaleiro fidalgo e chanceler-mor d'el-rei de Castela, D. Diogo Hernandez, marechal da hoste, e dois nobres senhores de Gasconha, que vinham somente para conhecer o homem de soberba fama que era o Condestável D. Nuno.

Mais acima, El-Rei viu e reconheceu o irmão do Condestável, e ele próprio lhe deu aviso do pedido.

— Ide precatado — recomendou-lhe.

— Um companheiro me basta — respondeu D. Nuno.

E foi falar-lhes, levando apenas um dos seus cavaleiros. Demorada e de pueril discussão aquela entrevista.

Nuno Álvares a todas as alegações e a todas as farroncarias e astuciosas propostas opunha a sua inabalável esperança em Deus. E ás insistentes exortações do irmão respondeu com severa frieza e por fim com dura repulsão.

Tinha percebido bem o estratagema que vinha escondido naquelas desvairadas propostas, espantosamente insensatas em semelhante conjuntura.

O que eles queriam era tatear lhe o ânimo e observar de perto a posição, as forças e o aspeto da hoste portuguesa. Para isto ia com eles aquele experimentado estadista e homem de guerra que era Ayala, um dos mais cultos e rútilos espíritos que tinha então Castela. Era este quem mais desviava o olhar para a rampazita do outeiro, em busca de aspetos que lhe dessem impressão segura a respeito daquela posição e dos seus defensores. E sabe Deus com que pesar de não poder ir por ali dentro para ver tudo muito ao seu salvo.

Quando já não tinham mais que sondar, nem mais lhes era dado ver, retiraram-se.

O Condestável voltou a sorrir. O Rei esperava-o.

— Estão com receio. A fingir que tinham dó de nós e me queriam mudar para si, ali vieram ver como os Chamorros estavam de alma e de forças. Foi para isto que eles cá vieram.

— E mais para escolher a poria por onde terão de entrar — volveu-lhe o Rei sorrindo.

— Ficai certo que nos temem, bem que um deles me dissesse que os seus eram dez vezes mais que os nossos.

— Tanto não direi. Isso foi farronca para nos amedrontar. Mas está aqui ao pé de nós alguma coisa que para eles vale o tresdobro da gente que temos — O quê, senhor?

— O vosso nome, D. Nuno e, como ele, esses dois nomes que eles não podem esquecer: Atoleiros e Trancoso.

— E o vosso, Rei e chefe maior da hoste!

* * *

Ainda umas largas horas de espera naquela afogueada tarde de agosto!

Um doente e um irresoluto, D. João de Castela hesitava entre os prudentes conselhos dos poucos homens experimentados que tinha ao seu lado e os ímpetos insofridos dos jovens cavaleiros de Castela e de França, a instarem por uma arremetida imediata contra os chamorros, soberbamente desdenhados por eles.

Lopez de Aila, um experimentado da batalha de Najera, lembrava lhe confidencialmente os perigos da investida, vista a má ordem em que estava o seu exército e a disposição resoluta dos portugueses no seu cerrado defensivo.

E para melhor persuadir o rei a seguir-lhe o conselho, punha em ação todos os seus estratagemas de diplomata e toda a sua imaginação de novelista, chegando a inventar que em volta do campo português havia barrancos da altura de um homem, que os peões não podiam galgar, e arroios de dez a doze braças de altura que nenhuma cavalaria ousaria transpor! E como ainda isto lhe parecesse

pouco, lhe observara que ainda vinha pelo caminho uma parte da peonagem mais cansada.

Podia ao seu salvo inventar a mais fantástica topografia do campo de batalha, sem que o rei o pudesse contradizer.

D. João viera numas andas, a arder em febre. Nada vira e agora nem tinha alento sequer para ir observar o terreno e a sua hoste, como faria qualquer chefe medianamente cauteloso.

Débil, taciturno, de poucas falas, o jovem monarca, um ano mais novo que o de Portugal, punha olhares vagos de hesitante em volta de si, e não tomava resolução!

* * *

— O sol está aqui está a sumir-se, — dizia o Magriço para os rapazes — e aqueles desalmados não atam nem desatam! Ainda se esta espera não fosse em jejum!

— São capazes de nos enganar com aquele aparato dos ginetes, e escapulirem-se nos! — lembrou o Lobeira.

E o que eles não podiam adivinhar era o que se estava então passando no conselho de guerra, convocado por el-rei de Castela para resolver afinal as suas mortificadoras hesitações.

Ayala expusera lucidamente quanto vira e observara, afirmando que a hoste portuguesa não esperava nem queria outra coisa senão entrar em batalha. E era ele quem mais insistia pelo adiamento da luta, propondo que esperassem no terreno plano de Aljubarrota, ou que os portugueses arrancassem daquela posição, mal vissem que os de Castela os ficavam esperando, ou que, por temor e por falta de mantimentos para mais de um dia, pela calada da noite se pusessem em fuga, deixando livre aos castelhanos o caminho direto para Lisboa.

E, em defesa deste parecer, continuou a exagerar eloquentemente os obstáculos do terreno, alegando a impossibilidade de desenvolver as longas alas do exército, para que dessem apoio à vanguarda no seu ataque de frente.

Todos os conselheiros de maior experiencia e mais refletido ânimo foram deste parecer, e alguns até exageravam o

cansaço da peonagem, aliás injustificável, pois que fora de pouco mais de duas léguas a marcha para ali, e em Leiria tinham tido um descanso de dois dias.

Não faltou também quem notasse a inconveniência de travar batalha quase ao fim do dia.

Entrou também na discussão um velho cavaleiro do rei de França, João de Ria, muito da intimidade de el rei de Castela.

Era homem de autoridade pelos anos, pela categoria e pela experiencia. Entrara em muitas batalhas contra os mouros de além-mar e contra os ingleses. Com estes se batera em Crécy e Poitiers, e destas duas batalhas tirou lição para demonstrar aos impacientes que a vitória mais dependia da boa ordenança das tropas do que do grande número delas. Os ingleses do rei Eduardo de Inglaterra e do Príncipe Negro, alegou, tinham vencido pela sua excelente ordem de batalha e não porque fossem em maior número que os de França.

Disse que as fogosas impaciências dos cavaleiros franceses tinham levado o rei de França a travar batalha quase ao fim

do dia, e das suas desdenhosas temeridades resultara o enorme desastre da hoste francesa em Crécy, duas vezes maior que a do rei Eduardo.

Tempo perdido e palavras ao vento. Quando os valentões de Gasconha e os cavaleiros noviços de Castela viram que o rei ia tomar o parecer dos prudentes, de tal modo se julgaram afrontados que, em voz alta, deram ao adiamento da batalha o significado de cobardia e vergonha sem remédio para tão poderoso exército.

Um inexperiente e um irresoluto, agora ainda de mais quebradiça vontade, queimado pelas febres que o traziam abatido, o rei deixou-se levar pelas bravatas dos inscientes e dos farronqueiros e afinal se decidiu por eles.

A fanfarronada vingou. Tinha de ser. Não dizem as crónicas o olhar de mágoa que Lopez de Ayala teria posto no rosto do velho João de Ria.

* * *

Tão longas demoras tinha havido, que chegaram para aquele arrastado conselho de guerra e para armar a grande tenda do rei e as outras para o seu estado maior, donzéis, pajens e escudeiros, e para as enormes bagagens reais.

Ainda que muita peonagem viesse atrasada pelo caminho, como alegava Lopez de Ayala, o tempo das irresoluções teria dado para andar três léguas em passo de mulher, e de Leiria ali apenas havia umas duas léguas e meia (13 quilómetros e meio pela estrada moderna).

Não haveria muito mais de meia hora de sol quando os ginetes do Mestre de Alcântara, até ali em espaventosas correrias à mourisca pelos flancos e retaguarda dos portugueses, começaram a apertar mais o seu semicírculo em volta do outeirozito.

Vibraram intensamente as trombetas de Castela, centenas delas, dando o sinal da batalha, — Senhor, enfim! — disse o Condestável para o Rei. Agora é que é, e boas vésperas vai ter Santa Maria de Agosto. Deus seja por nós todos e pela nossa bandeira.

Apeou-se e despediu se do Rei, correndo para a vanguarda.

— Trombeteiros, vamos! Tangei-as bem alto; não vão dalém supor que estamos aqui encolhidos de medo. Homens, alma para derrotar ou para morrer depressa, que este pôr do sol tem de ser hoje de vida ou de morte para Portugal.

Os rapazes da Ala dos Namorados tinham-se enfileirado numa impaciência febril, a sua bandeira verde a esvoaçar brandamente na aragem daquele cair da tarde.

Na retaguarda o Mestre, apeado também, de lança na mão, falava calorosamente à sua gente, levando ao seu lado o Dr. João das Regras, de bacinete e arnês, braçais, coxotes e manoplas como um lidador de batalhas.

— Mantenha-vos Deus, senhor Rei, e à nossa terra convosco! — dizia-lhe comovidamente a soldadesca rota.

O Arcebispo de Braga andava de um para outro lado exortando os guerreiros em nome de Deus, a roqueta por cima do arnês, como já sabemos, na cimeira do bacinete a pequenina imagem dourada da Mãe de Jesus. Levava diante de si um clérigo de cruz alçada. Era aquele o ajudante de campo do famoso prelado.

Indicava D. Lourenço Vicente as indulgências concedidas pelo Papa Urbano VI àqueles que combatessem os cismáticos, e os castelhanos, dizia-lhes, eram dobrados inimigos por serem cismáticos do anti-papa Clemente e por quererem tirar a Portugal a independência que ele ganhara à custa de muito sangue e esforço.

— Irmãos meus, quando fordes com eles, dizei repetidas vezes: Et Verbum caro fatum est.

A gente miúda não sabia latim e um besteiro do Condestável traduziu de brincadeira para os outros:

— Caro feito vai ser este na verdade. Um tio clérigo que eu tive, disse-me uma vez que o latim se punha na nossa linguagem de traz para diante.

Mas quando o Arcebispo chegou à Ala dos rôtos e lhes repetiu o latim, quem fez aos camaradas a tradução de mais chiste, mal que D. Lourenço voltou costas, foi o Bernardo Pingueiro.

— Quereis saber o que o tal latim quer dizer?

— Vá, vá lá, depressa que o sarrabulho não tarda.

— Então lá vai: Et Verbum, está de ver; caro fatum est, que temos de fazer boa cara, mesmo em jejum, pois que é este o facto. Achais palavras de mais? Pois ficai lá sabendo que o latim é língua de sola e vira, que precisa de encóspias para lhe caber dentro o nosso português.

* * *

— A vanguarda parou outra vez! — disse o Condestável a Mem Rodrigues, que viera da sua ala para lhe falar no voto dos Namorados. Como se estivesse a esperar alguma coisa! Heis de ver que naqueles vagares nos chega a noite primeiro do que eles!

— E acerca do que vos falei, o que resolveis, senhor Condestável?

— Deixai ver se os trons aparecem e então será o que eles Sedem. Ali tendes a resposta — acrescentou apontando para a direita do exército castelhano.

A sua vanguarda enorme de 1600 lanceiros da soberba cavalaria fidalga, apoiada por seis mil peões, de bestas e lanças, movera-se lentamente, abrindo no flanco esquerdo uma clareira por onde vinham assomando em linha os dezasseis trons sobre zorras, a três juntas de bois cada uma.

As linhas avançadas tornaram a fazer alto e as zorras dos trons, seguidas de um esquadrão, avançaram vagarosamente até à distância de dois tiros de besta do outeiro. Ali pararam e a peonagem tirou os bois e levou-os para traz, a larga distância para que não se assotassem com os tiros.

— Já não temos mais de meia hora de sol e eles com aqueles tropeços! — disse freneticamente o Condestável. Pois esses Namorados, que tiraram sorte para o feito, que montem e partam, se virem que o dano é de assustar.

Mem Rodrigues retirou-se.

— Vá, um pouco mais para diante, devagar, lanças firmes debaixo do braço mandou o Condestável. Os detrás,

que não puderem alcançar o inimigo com as ascumas, que aguentem bem os da frente, se o combate os fizer recuar.

Vibrou então nos ares um brando fremente.

Era o mote dos Namorados que reboava no timbre de cento e oitenta vozes jovens, naquele entardecer de agosto, que podia iluminar o enterro de uma nacionalidade ou a epopeia maior de um povo.

De súbito chamejaram dois trons na vanguarda dos castelhanos, um pouco sobre a sua esquerda. Uma fumaceira espessa e escura toldou os ares, a seguir a uns estampidos que deram a impressão de um abalo de terra.

E imediatamente dois escudeiros da vanguarda de Nuno Álvares caíram espedaçados, um ao pé do outro, e um arqueiro inglês foi partido pelo meio.

Eram as primeiras vítimas dos truenos castelhanos, daqueles formidáveis trovões com que eles contavam apavorar a gente portuguesa.

Efetivamente, a primeira impressão foi de pavor, principalmente na peonagem da vanguarda, que se desordenou profundamente.

— Os trons! Os trons!

— Espedaçam-nos aqui! — disse um pajem, a recuar amedrontado.

E dos barrocais que ficavam para os lados do ribeiro da Cavalaria revoaram gritos aflitivos de mulheres.

Da frente veio na aragem uma algazarra festiva dos castelhanos!

— Mas truenos! Mas truenos!

Mas os corcéis e os ginetes da sua primeira linha, de narinas dilatadas, olhos espavoridos, em corcovos febris, numa tremura nervosa, enovelaram-se contra a extrema direita, produzindo uma enorme confusão, que lhes tornou impossível o arranque da carga, — Gentes, firmes! S. Jorge e Portugal! — gritava o Condestável na frente de todos, a pé, alçando a devota bandeira, havia instantes arrancada das mãos do seu escudeiro.

O que ele queria era reanimar a peonagem, que punha nele uns olhares de pasmo e de supersticioso terror.

E logo um dos seus cavaleiros mais experimentados gritou para os rústicos:

— Não vos amedronteis. Livrou-nos Deus desses dois escudeiros, que não eram dignos de aqui vir, pois tinham crime de morte de homem numa igreja. Foi castigo de Deus, era só para eles.

— Nós hemos de morrer pela Nação e por El-Rei, pouco importa como — acudiu o Condestável. Vencedores dos Atoleiros, sede como então fostes!

Da Ala dos Namorados já se tinham destacado de arrancada sobre o flanco esquerdo da vanguarda inimiga os quarenta à sorte para o cumprimento do voto. Eram os únicos portugueses que estavam a cavalo.

De lança em riste, deitaram à desfilada. Na frente ia Ruy de Vasconcelos, bradando:

— Pela nossa terra!

E os que ficaram clamavam comovidamente:

— Namorados! Deus seja por vós!

— Aqueles é que não têm medo dos trons e lá vão para eles!

Outro relâmpago, outra densa fumarada, um estrondo de abalar, mas da hoste portuguesa não caiu ninguém. A vanguarda portuguesa avançara uns passos lentamente, Nuno Álvares na frente, agitando a sua bandeira das campanhas do Alentejo e do Minho.

Ao ribombo do terceiro tiro dos trons sucedera uma gritaria enorme de lado dos castelhanos — Foi voto de morte o voto daqueles Namorado! — dizia um dos fidalgos da vanguarda portuguesa. Sumiram-se! Não voltam cá!

O Condestável mandara fazer alto, à espera que a avançada inimiga, ainda numa grande confusão, arrancasse para ele.

* * *

Entretanto, Ruy chegara com os seus quarento até junto da peonagem que guarnecia os trons.

— S. Jorge e Portugal! — bradou, investindo com eles.

Caíram uns poucos trespassados de lançadas e os outros recuaram surpreendidos, abandonando os truenos.

Convergiram então contra aqueles temerários mais de duzentos cavaleiros, e na frente deles um de plumas vermelhas no bacinete e no escudo esta divisa em português:

Por Magdalena de Mendonça.

Trazia bacinete de cara, (viseira caída) mas Ruy não precisava de lhe ver o rosto. O mote do escudo dizia-lhe bem quem era.

— Graça de Deus, que te encontro, vilanaz! — gritou, arremetendo para ele de lança enristado.

Então Gonçalves soltou uns rugidos rouquejantes, uns gritos inarticulados, e lançaram-se um contra o outro desesperadamente, enquanto os quarenta se batiam com admirável intrepidez contra o numeroso esquadrão inimigo.

— Mudo, arranca uma palavra dessa alma danada! — bradava o Vasconcelos, apertando com ele.

E o outro, de pé nos estribos, respondeu-lhe num regougar de fera, estendendo a lança, com ímpeto enfurecido, para lha cravar na garganta.

O Vasconcelos percebeu-lhe o intento e evitou o golpe torcendo-se no selim e levantando-lhe a lança com a haste da sua.

— Por Magdalena de Mendonça, a minha dama, a minha noiva., que hás de morrer aqui!

— A ala que siga! — gritou alguém em castelhano, num tom áspero de comando.

— A vanguarda já está investindo com os chamorros do rei de Avis! — gritou outro também em castelhano.

Sentia-se o ruído cavo, enorme, de muitos cavalos a galope, a vibração convulsiva dos brados de alarde.

O combate singular entre Ruy e Vasconcelos e Antão Gonçalves recrudescia com mais desvairada fúria.

— Mais pra mim, ladrão de mulheres! — rebramia o Vasconcelos.

O outro deu uns gritos informes, que pareciam uivos de um ódio imenso de morte.

Mas os Namorados é que não podiam aguentar o choque do esquadrão. Tinham já cinco mortos e oito feridos.

— Rui! — gritou Vasco Eanes. Estão investindo com os nossos e fazemos lá falta!

— Deixa-me! — rouquejou o Vasconcelos, arremetendo com mais fúria para o seu odiado rival.

— Por Dios, que sigan esos de nuestra ala! — gritaram muito da retaguarda.

Uma parte do esquadrão castelhano foi-se embora logo para a direita.

— Antão Gonçalves! — gritou em português um cavaleiro que chegava a trote do lado do inimigo. Os nossos lá vão à frente de todos. É preciso ir ter com eles.

Mas naquele mesmo momento o cavalo de Antão Gonçalves caía varado por uma lançada que o Vasconcelos tinha enristado ao peito do adversário e o corcel recebeu no pescoço, quando se empinava esporeado.

O emudecido foi a terra. Ruy atirou o seu cavalo para diante, no intento de continuar o duelo, mas uns poucos de castelhanos se lhe opuseram, defendendo o fidalgo caído.

— Ruy, pela nossa gente, que lhe fazemos falta! — disse-lhe, já ao lado dele, Vasco Eanes, deitando-lhe a mão de atleta à testeira de ferro do cavalo, para lho deter.

Ainda num turbamento de ódio, o Vasconcelos procurou num olhar o outro cavaleiro português que chegara.

Era um homem idoso. Trazia levantada a cara do bacinete. Viam-se-lhe bem as barbas grisalhas. Reconheceu o. Era o pai de. Magdalena.

— Por vossa linda filha, Gil Vasques de Mendonça, eu vos prometo que hei de tornar a ver esse vilanaz de Antão Gonçalves! Vamos, Namorados!

E deitaram à desfilada para a hoste portuguesa. Dos quarenta iam só vinte e nove, e desses alguns com ferimentos de gravidade.

* * *

A vanguarda dos castelhanos, com as suas linhas de mil e seiscentas lanças de cavaleiros (quase tantos como os de toda a hoste portuguesa) e os seus seis mil lanceiros e besteiros apeados, avançara numa soberba arrancada. As alas é que tinham ficado um pouco atrasadas; a direita (uns três mil homens) por causa do pouco desafogo do terreno; a esquerda (com outra tanta força) em consequência do embaraço que lhe causara a linha dos trons sobre as suas enormes zorras, que afinal abandonaram porque o sol ia a sumir-se e era preciso decidir a batalha, numa investida, antes que a noite chegasse.

E, além do mais, o terceiro trom tinha rebentado, espedaçando uns poucos de homens, e por isso ainda de melhor vontade os deixaram emudecidos.

Vinham na avançada, por farfantice de arrojo, os portugueses parciais de D. Beatriz, e com eles, de cotas de armas rutilantes, muitos dos mais altivos fidalgos das Espanhas, da Gasconha e do Bearne, que para ali se tinham reunido, abandonando a peonagem das suas alas.

Entre os mais ilustres de Portugal, o Conde de Maiorca (título dado pelo rei de Castela) D. João Afonso Telo, irmão de D. Leonor Teles e os dois irmãos de Nuno Álvares, Diogo Álvares e D. Pedro Álvares, que fora elevado à dignidade de Mestre da ordem de Calatrava.

Vendo que a hoste do rei de Avis os esperava com os seus cavaleiros apeados, mandou D. João Telo suspender a arremetida e encurtar as lanças para combater o inimigo apeado. Deu uma certa demora aquele trabalho de cortar ou quebrar uma parte da haste ás compridas lanças que traziam para lutar contra homens a cavalo.

Mas assim que um grande número as teve encurtadas, novamente as trombetas deram o sinal de arremeter, e foram todos eles sobre a gente do Condestável com soberbo arranque, seguidos de uma parte da peonagem, numa apupada estonteadora aos chamorros. Centos de besteiros iam nos flancos e atrás das linhas dos fidalgos atacantes.

— A elos! A elos, los chamorros d'el-rei de Avis!

A vanguarda portuguesa sustentou o embate com admirável intrepidez. Na frente dela, o Condestável fazia prodígios de esforço.

De uma parte e doutra, ferindo e matando com louca ferocidade, soltavam o seu pregão de guerra em gritos convulsivos, que ás vezes pareciam latidos de lobos enraivecidos.

— Santiago y Castila!

— S. Jorge e Portugal!

— D. João Telo! — gritou por desafio o Condestável para o irmão de D. Leonor Teles, um dos primeiros e mais audazes à frente da nobreza de Castela e de França.

— Condestável! — respondeu-lhe D. João Afonso Telo. Agora se decidirá a contenda!

E as fileiras da gente fidalga, cada vez mais profundas, contra as seiscentas lanças e os dois mil peões de Nuno Álvares! Com os seus tiros de revés eram os arqueiros ingleses e os nossos besteiros os que mais seguro destroço faziam nas filas dos fidalgos inimigos e, principalmente, na massa tumultuária da sua peonagem.

Vendo que as suas alas se iam fazendo ficadiças, como diz Fernão Lopes, toda a nobreza jovem das Espanhas, da Gasconha e do Bearne veio da retaguarda para a investida, deixando as alas e o corpo principal ainda em mais estonteadora confusão.

E deste modo, a primeira coluna de ataque, a enorme cunha contra o outeiro, compreenderia então qua.se toda a gente fidalga da hoste, formando talvez uma massa não inferior a doze mil homens, sem contar os dois mil dos ginetes à mourisca.

Foi nesta conjuntura que Ruy chegou com os seus até junto do Condestável, por entre as enternecidas aclamações de toda a Ala dos Namorados, numa ânsia de lutar que só a vontade inabalável de Mem Rodrigues podia conter.

Mas a coluna do Condestável já não podia com o tamanho esforço daquele turbilhão de homens, e rompeu-se.

Franceses e castelhanos golfaram então por aquela brecha dentro numa algazarra estonteante, em desafios de escárnio e em clamores soberbos de vitória.

A batalha parecia perdida para os pobres chamorros.

Em arremessos leoninos, com a sua bandeira dos Atoleiros cingida ao peito e a lança a relampejar nos ares, espelhando os rubros fulgores daqueles sol que se sumia moribundo, o Condestável procurara morrer.

— Ala dos Namorados, a eles! — trovejou a voz de Mem Rodrigues.

— Pela nossa terra e pelas nossas damas! — gritaram.

E toda a ala fez uma conversão para se opor a que o inimigo chegasse até à segunda linha da hoste.

A ala de Antão Vasques fez um movimento idêntico.

Para a retaguarda, de lança erguida, num soberbo desespero, o Rei gritava à frente dos seus homens de armas:

— Avante! Avante! S. Jorge e Portugal! Gentes! O vosso rei aqui está convosco, para vencer ou para ficar!

E logo da estrema retaguarda, onde estavam encurralados os não combatentes, guardados pela arraia de ventres ao sol, reboaram gritos de pavor.

— Estamos cortados!

Estavam sendo investidos pelos ginetes de D. Gonzalo Nunez de Guzman, Mestre dos cavaleiros de Alcântara. Era a segunda investida pela retaguarda. Vê-se que os ginetes galgavam bem os temorosos arroios.

Minutos de torva angústia! Se a Pátria ia morrer ali à semelhança daquele sol de ouro fulvo que se estava sumindo, como um clarão mortiço de brandões no final de um enterro?

* * *

Combate formidável de um quarto de hora, numa alucinação de vaidade dos que se consideravam já triunfantes e numa loucura de desespero desses que previam a agonia de Portugal, sem nenhum remédio, naquele lance desastroso.

Na luta quase corpo a corpo, os castelhanos e os franceses deitaram fora as lanças, porque os embaraçavam, e continuaram a batalha com as suas espadas estreitas (estroques) e as hachas de armas de ferro e de bronze,

clavas formidáveis com que os elmos se amolgavam e os crânios se faziam em pedaços.

A muralha de peitos dos chamorros tinha por ali dentro uma profunda brecha aberta.

— Homens, para morrer! — gritava o Condestável com a jaqueta de lã, que trazia sobre o arnês, toda manchada de sangue, em relâmpagos de fúria leonina o seu olhar de místico sonhador.

— Portugueses, toda a nossa alma nisto! — bradava o Rei, quase ao pé dele, a brandir a lança numa heroica arremetida. Nuno Álvares, enquanto houver sangue! Por Deus, que se há de aqui sepultar Portugal, se não pudermos vencer!

— Senhor Rei, assim há de ser, ou aqui ficaremos todos! — respondeu-lhe convulsivamente. E os coveiros connosco.

Cruzavam-se os desafios e vinham dos jovens fidalgos de Castela e dos gascões retos de escárnio, bazófias de brutal ofensa.

— Farfantões de Gasconha, pra aqui! Para verdes como os Namorados morrem! — bramiu Ruy de Vasconcelos, num

frémito de cólera.

Pela garganta do outeiro já se não podia passar senão por cima de um estrado de cadáveres.

Apunhalavam-se no chão, em rugidos como arrancos, os que tinham ido a terra com as espadas partidas, aferrados num arranque de ódio, lívidos, sangrentos, mãos enclavinhadas no punho das adagas.

Dera o combate numa alucinação horrorosa de duelos. Eram já enormes as perda do Namorados. Alguns tinham morrido abraçados, a rouquejar o mote da bandeira, a murmurar um suave nome de mulher naquele sonho de morte.

Em tal medonha confusão e no aturdimento dos golpes, das imprecações e dos gemidos, ninguém reparara em certo cavaleiro de capelo de ferro e saio de malha, como usavam meio século antes os guerreiros cristãos. Chegara a galope desfechado.

Vinha coberto de poeira; o cavalo caiu-lhe arquejante.

Entrou na batalha procurando os Namorados.

— Pela nossa terra! Pelo velho Portugal! — clamou.

E a longa barba de neve, a ondear-lhe sobre o peito, dava-lhe o aspeto de uma aparição de sonho.

— Ruy de Vasconcelos! Aqui me tens para morrer ao pé de ti.

— Tio Mendo!

E ás lançadas aos castelhanos, o velho respondeu-lhe:

— Represento aqui o Portugal antigo de Cerneja e de Navas de Tolosa.

— Chamorros, entregai-vos! — gritou o Conde D. Pedro, filho do Marquês de Vilhena, bisneto do rei D. Jaime de Aragão, um dos chefes da vanguarda.

— Castelhano! Aqui ninguém se entrega! — bramiu Ruy de Vasconcelos, arremetendo para ele.

E com um golpe a fundo o prostrou morto.

— Olhai a bandeira! — recomendou o Vasconcelos aos seus mais próximos. Antão Gonçalves virá cumprir o voto.

Na falta de Mem Rodrigues, que tinham levado em braços com ferimentos gravíssimos, Ruy era agora de facto o comandante dos Namorados.

Vieram sobre eles, num ímpeto, os gascões, e na sua frente o velho João de Ria, enviado do rei de França, o almirante D. Juan Fernandez Tovar, o mariscai (marechal) Diego Gomez Sarmiento e o senhor de Aljofrin.

O Almirante intimou-os a renderem-se.

— Daqui só se rende quem morre! — gritou o jovem Vasconcelos, indo para eles.

E todos os rapazes da ala, metade apenas dos que tinham vindo para ali, alguns deles ainda de pé a sobre posse, desfigurados e a escorrer sangue, todos eles como se tivessem uma só alma, bradaram o mote da sua bandeira:

— Pela nossa terra e pelas nossas damas!

Recrudescia a luta. E por entre os castelhanos e gascões um guerreiro passou empurrando-os e regougando uns sons inarticulados. Era Antão Gonçalves.

— Vive Deus! — gritou Ruy de Vasconcelos. Namorados, mais perto essa bandeira para acabarmos a defende-la. Vem latindo para ela um traidor!

Mas El Rei, fazendo prodígios de bravura, que Froissart memora na sua crónica, repelira esmorecidos os inimigos que mais se tinham internado, dera tempo ao Condestável para reformar a sua peonagem enovelada, e vinha agora em socorro dos Namorados, cujas perdas, como já dissemos, eram enormes.

O Condestável investiu também com maior denodo à frente dos seus homens de armas e os inimigos começaram a recuar num movimento revolto de desalento.

Um fidalgo castelhano de agigantada estatura, D. Álvaro Gonzalez de Sandoval, veio de arrancada para El-Rei.

D. João levantou, contra ele a sua hacha para o deitar ao chão, mas o Sandoval conseguiu aparar-lhe a pancada e, deitando lhe as mãos possantes à hacha, com tal força lha arrancou, que o fez cair ao chão de joelhos.

— Mataram El-Rei! — gritou um pajem.

— Ainda não! — rouquejou o Rei, levantando-se, ajudado por Martim Gonçalves de Macedo.

Então o Sandoval, que acabava de derrubar ura fidalgo português, voltou com a hacha erguida para D. João.

El-Rei aparou-lhe o golpe e arrancou-lha das mãos.

Sandoval caiu então golpeado por um dos Namorados, Vasco Eanes, casualmente aproximado dele no revoltear da luta.

— Los cabalos! Los cabalos! — gritaram alguns dos castelhanos, correndo para fora do outeiro.

E quase todos eles foram então de corrida para os pajens e escudeiros, que tinham ficado com os cavalos à rédea.

Já não era para carregar; era para ir dali.

— Vão de fugida! — gritaram alguns dos nossos.

— Bem-dito Deus, que os fizemos fugir!

— Deixaram ali no chão uma bandeira de Castela! — avisaram da frente.

As alas inúteis e sem comando, dobradas contra o corpo principal, vendo aquela abalada confusa, imaginaram que fosse desbarato o que era somente um sangrento revés e, numa alucinação de terror pânico, deram gritos de alarme e de fuga, e elas ambas se enrodilharam, apavorando os quinze mil homens de guerra do corpo principal, que não faziam ideia precisa do que se passava.

Como em todas as batalhas perdidas e em todos os exércitos do mundo, aquele refluxo de espavoridos, produziu um pavor invencível e a debandada fez de tudo aquilo, cavalaria ilustre das Espanhas e da França, plebe armada, criadagem, palafreneiros, azeméis, carrejões, um mar revolto de gente estonteada.

O próprio rei, que tinha assistido à primeira fase da batalha montado numa mula, amparado pelos seus pajens, afogueado de febre, abatido de forças, esse mesmo já tinha fugido também!

Dera-lhe o seu cavalo e ajudara o a montar o dedicado mordomo mor, D. Pedro Gonzales Mendoza, senhor de Buitrago.

Insistira o rei com ele para que não voltasse a batalha e se pusesse também em fuga, mas o Mendoza respondera-lhe heroicamente:

— Senhor, ide vós. Eu fico. Não quero que as mulheres de Guadalajara me acusem lá de lhes ter abandonado os filhos e os maridos que trouxe comigo. Rei, morrerei com eles, e Deus vá convosco e tenha dó de Castela!

* * *

— Esta está ganha — disse Mendo Rodrigues para a reduzidíssima Ala dos Namorados. Jovens, bem-ditas mães as vossas porque tão grande esforço pusestes nesta vitória!

Ouviu-se um alarido e rumor de luta para a retaguarda. Eram os ginetes andaluzes de Nunez de Guzman, que outra vez atacavam a peonagem das bagagens e a Ala dos rotos.

O Condestável correu para lá, a dirigir a luta.

— Namorados, — disse o Rei acercando-se — grande feito o vosso, por vida minha! Agora a cavalo, para atirar

dali para fora ás lançadas essa multidão revolia de Castela.

— Senhor, isso íamos pedir — disse lhe Ruy de Vasconcelos.

— Tudo a cavalo! — mandou El Rei.

Todos os homens fidalgos montaram. Os Namorados primeiro que ninguém.

— Ide! — disse lhes D. João. Antão Vasques de Almada, os vossos também, e os ingleses para varejarem com as suas frechas a peonagem ficadiça.

— Ala dos Namorados! — gritou o noivo de Magdalena. Pela nossa terra e pelas nossas damas!

— E pela rainha das belas — disse o Magriço para o jovem Vasconcelos, sorrindo e alteando mais a bandeira, que o Álvaro Eanes de Sarnache tivera de largar-lhe por estar gravemente ferido.

E todos eles, noventa apenas dos cento e oitenta que tinham sido, noventa que ainda podiam combater, deitaram à desfilada, repetindo alto, entusiasticamente, o mote da bandeira.

— Gloriosa juventude! — exclamou o Rei, seguindo os num olhar humedecido de lágrimas.

Atrás deles foram-se a galope cerca de novecentos cavaleiros, e atrás destes, correndo, cem arqueiros ingleses, trezentos besteiros portugueses e pouco depois a peonagem de ínfima condição, a Ala dos rôtos.

— Senhor, — veio dizer o Condestável a El-Rei — outra vez foram repelidos os ginetes mouriscos e os freires do Mestre de Alcântara. (*)

[(*) Segundo os documentos do alistamento feito para aquela campanha, el rei de Castela trazia mouros corredores de Murcia, das fronteiras de Granada e de várias terras de Andaluzia. E indicação que se encontra no livro «A batalha de Aljubarrota», do general Ximenes de Sandoval.]

Cruzaram se os olhares daqueles dois irmãos de armas, ligados desde crianças por uma amizade que de muito valera nos destinos de Portugal.

O Rei abraçou-o ferverosamente.

— Nuno! — disse-lhe baixo — que tamanha tarde e que soberba hora esta!

— Tamanha como os dois séculos que Portugal tem de vida entre as nações!

E por baixo das cotas, escorrendo sangue, aqueles dois corações, dos maiores que ainda teve a nossa raça, sentiram-se mais chegados do que nunca e compreenderam se como em nenhum outro instante da sua vida, como nunca mais depois daquele crepúsculo épico de Aljubarrota, que havia de entrar na história como aurora prodigiosa de dois séculos, que eles dali não podiam ver, que ninguém ali podiam sonhar.

A batalha real, como depois lhe chamavam, porque nela entraram os reis dos dois povos em luta, essa estava decidida. A matança é que ainda não tinha terminado e iria talvez pela noite dentro até o outro dia, numa série trágica de pequenos combates e de enfurecidas perseguições.

Nenhuma batalha tão breve e de tão largos destinos históricos registam os fastos militares da Península.

Durou meia hora. A mais soberba meia hora que Portugal tem tido até hoje nos seus oitenta anos de história. A meia hora que nos levou para os destinos do mundo como vanguarda homérica de uma civilização que fez a terra maior.

Se aquela batalha se perdesse para nós, Portugal teria por estreito coval aquele outeiro em que a batalha se travou e decidiu, e na história das raças aventurosas faltaria um capítulo enorme de dois séculos, feito de nomes portugueses sobre os mapas de um mundo, que os contemporâneos de Aljubarrota nem sequer poderiam sonhar.

Naquele céu onde o sol se sumira, se as estrelas falassem ouse nelas os batalhadores vitoriosos soubessem ler aquelas verdades de vaticínio que os mágicos e os astrólogos fingiam entender, nalguma delas poderiam encontrar tais profecias de assombro, que a si próprios, envaidecidamente, se julgassem os semideuses geradores de uma lenda.

CAPÍTULO X

O CETRO D'EL-REI DE CASTELA

Logo à primeira galopada o Vasconcelos dissera para o Magriço:

— Assim eu encontre agora o vilão de Antão Gonçalves, que se me sumiu!

— Ao demo dou a minha sorte! Exclamou Vasco Martins, o jovem. Esqueceu me o voto e estou a ver que el rei de Castela já está longe! Pois assim mesmo irei até o prender ou sequer lhe pôr a mão em cima, para me ele dizer que tais lhe pareceram este. Chamorros. Namorados, adeus! Até quando Deus quiser... Ou ate nunca mais! Falai de mim ás lindas jovens que tem Lisboa.

E meteu o corcel à desfilada para a frente, por entre a algarada espantosa daquela hoste que se esbandalhava n um estonteamento de medo.

Mais nas cercanias de Aljubarrota, a debandada era espantosa. Atropelavam-se os vencidos numa desorientação medonha e numa ânsia doida de fugir.

Bramiam pragas, gemiam queixumes, enovelavam-se uns contra os outros, perguntando roucamente em que direção teria fugido o rei, indagando para que lado seria mais seguro retirar.

Alguns fidalgos tinham ficado para morrer na defesa daquela pobre gente, como prometera o Mendonza, mordomo mor do rei. Muitos, porém, saltavam para os primeiros cavalos que encontravam ao acaso e partiam à rédea solta.

Da peonagem, os primeiros que fugiram tinham deitado fora os bacinetes e os peitos de ferro para irem mais leves.

Outros lhes seguiram o exemplo, mas a gente amontoada era tanta, que até para fugir se encontravam em desesperadas dificuldades, como se estivessem dentro de um edifício a desabar, minado por um incêndio, com as portas atravancadas.

Dos feridos é que ninguém se lembrava. Em quase todas as batalhas daqueles tempos os deixavam ao abandono; nem ali havia socorros cirúrgicos com que lhes acudissem. Por vezes os gemidos e as súplicas de piedade vibravam mais intensamente nos ires como uma voz enorme, feita das angústias de três mil almas; mas logo se quebrava esmorecida, a sufocar-se em estertores, abalada pela gritaria dos que iam fugir e pelos brados de ódio dos que vinham vingar-se. Quem ali caísse naquela charneca tinha de morrer, O sol desaparecera havia minutos. Caía sobre aquele campo lastrado de destroços, balsões, lanças, armaduras, cadáveres, a claridade branda de um afogueado crepúsculo cor de sangue. Mas ainda se distinguiam bem a distância os vultos e as bandeiras.

Mão animosa e já segura daquela vitória, tangera as Ave-marias na igreja matriz de Aljubarrota.

Que vibração enternecedora de sino para os que venciam e que toada dolente de funeral para os vencidos, que ainda podiam ouvi-la na derradeira agonia, a lembrar-lhes a Pátria distante onde os sinos tinham também uma voz

assim nas suas cidades e aldeias de Castela, da Gasconha, do Bearne!

Depois, decerto as mesmas mãos, fizeram vibrar um repique festivo, que vinha esvoaçar na aragem por aquela charneca onde se pleitearam e puseram em risco de morte os destino de uma nação.

Como os repiques dos noivados e como os repiques no batizado dos pequenitos, e quantos noivos e quantos pais a ouvi-los ali na sua derradeira agonia sobre as amarfanhadas urzes da charneca?

De súbito, reboou dos lados do outeiro a falacia e o tropel dos cavaleiros portugueses e dos arqueiros de Inglaterra, o ruído e as imprecações de alguém que ainda combatia.

E dos lados de Aljubarrota uma multidão de gente armada, gritando o pregão de guerra — Portugal e S. Jorge! — e o outro, ainda pior, dos seus ódios de raça.

Eram os homens dos coutos de Alcobaça e os serventuários brigões do famoso convento dos bernardos, que tinham estado à espreita do desenlace da contenda e vinham agora para a chacina final. Como se receassem que a noite

chegasse mais cedo, traziam fogachos de palha e archotes acesos.

Então é que foi pavor naquela multidão de estrangeiros, em debandada como um rebanho assustadiço e à espera de vez para fugir.

Não se resumem nem cabem aqui os milhares de gritos que se chocaram pelo ares no francês da Gasconha e do Bearne e nos vários dialetos da Espanha.

Tinha de ser de maior carnagem a batalha da noite, alastrada por aqueles caminhos, por aqueles montes, pelas veredas dos pinhais, pelos algueirões das charnecas, pelas ruazitas de estrumeira das aldeias e aldeolas, ninguém sabia com que extensão de léguas e a que distância do outeiro onde a batalha real começara e se decidira!

— Está bem — bradara Ruy aos seus Namorados, indicando-lhes o local onde se via a grimpa dourada da tenda d'el-rei de Castela. Temos ali quem parece esperar; cavaleiros com os quais será honra combater.

Efetivamente, em frente da barraca e das bagagens preciosas do rei, estavam a cavalo mais talvez de duzentos

fidalgos franceses e castelhanos.

— Vá. Aproveitemos estes instantes de claridade. Sobre eles. S. Jorge e Portugal!

Os noventa repetiram unanimes:

— S. Jorge e Portugal!

E logo de lá, com heroica altivez, num grito supremo:

— San Tiago y Castilla! Ciérrapor nuestra bandera.

Estava com a bandeira real cingida a si, U. Pedro Lopes de Ayala o chanceler mor, o poeta, o cronista, um dos mais ilustres homens políticos da Espanha. Para a defender como anos antes na batalha de Najera defendera contra os ingleses e os castelhanos de Henrique de Trastamara, el pendon de la banda, até que ficou prisioneiro.

E entre os outros ilustres de Castela, Conzalez de Mendoza, o adelantado Diego Manrique, o mariscai Sarmiento e o senhor de Aljofrin.

Do grupo de franceses, gascões e bearneses, os mais distintos ali eram messire João de Ria, o velho batalhador

de Poitiers Geoffrey de Partenay, o Sire de Lanach e os senhores de Mortan e de Brignoles.

Dos parciais da rainha D. Beatriz, apenas ali estavam dois. Alguns tinham conseguido escapar se, mas a quase totalidade deles morrera intrepidamente na frente da vanguarda castelhana, durante a primeira fase de batalha.

— Pela nossa terra e pelas nossas damas! — bradaram os Namorados, investindo de lança em riste.

Mas vendo que os adversários estavam sem lanças, Ruy mandou que deitassem as suas fora e combatessem à espada ou com a hacha, como lhes aprouvesse.

Foi um torneio de morte e de pouca duração. Escurecia.

— Rendei-vos!

Responderam-lhes em soberbos gritos de repulsa os de Castela e os de França.

Já tinham caído muitos de um e outro lado a golpes de hacha e espada.

O Namorado que fizera voto de levar a El Rei a bandeira real de Castela arremetera denodadamente para Lopes de

Ayala, mas fora a terra ferido por um dos dois cavaleiros portugueses que se tinham bandeado por Castela e ali tinham ficado.

Ruy acudiu pelo companheiro ferido e só então reparou no cavaleiro de plumas vermelhas que defendera Ayala.

Era o emudecido Antão Gonçalves.

— Agora é de vez para acabar: ou tu ou eu! — disse-lhe num rugido de cólera. Por Magdalena de Mendonça! — clamou atirando com o cavalo para ele, e descarregou-lhe de alto, em pé nos estribos, uma pancada formidável com a sua hacha de ferro.

Com o bacinete amolgado, descido até aos olhos, o sangue a correr-lhe pela gorjeira, Antão Gonçalves caiu do cavalo abaixo soltando um grito baço, enrouquecido, em que nenhuma palavra se articulara.

— Enfim, ralé de traidores! — exclamou o Vasconcelos de olhos cravados nele, já a escabujar entre as urzes. Ficas na terra que atraiçoaste e essa mesma te há de repulsar de si, para que os lobos se empeçonhem contigo, devorando-

te. Ladrão de mulheres, por Magdalena de Mendonça e por Leonor de Gusmão, aí morres!

Já o não podia ouvir.

Ruy lembrou se do voto que fizera de lhe decepar a mão com que ele escrevera a promessa de fazer da bandeira dos Namora dos um surrão em que o rei de Castela limpasse os pés.

Ia para se apear, mas conteve o a sua grande e generosa alma.

— Não! Não! Faltarei ao voto. Está morto!

Mas já os virotes dos besteiros portugueses e as frechas dos arqueiros ingleses esfuziavam para ali, e o Sire do Bearne e João de Ria caíram mortalmente feridos.

— Dai o nosso brado ou virão ferir-nos pelas costas.

— S. Jorge e Portugal!

O Mendoza já tinha cumprido a sua promessa.

As mulheres de Guadalajara não podiam acusa-lo de lhes ter abandonada os maridos e os filhos. Estava morto.

A peonagem portuguesa afluíra de roldão para as bagagens.

O Magriço, apeou se para tomar a bandeira do Sire de Lanach. Vasco Eanes lançou-se a braços ao Ayala, quase desarmado; para o aprisionar. Entretanto chegava um troço de cavaleiros com Antão Vasques.

Como em Najera, Lopes de Ayala defendera com desesperada heroicidade a bandeira real de Castela e ali a perdia como na outra batalha, e por amor d'el-rei ficava prisioneiro.

Vendo no chão a bandeira real, que o chanceler de Castela, quase sufocado entre os braços do atleta do Algarve, deixara cair das mãos, o Vasques apeou-se de salto, levantou-a, saltou para cima do cavalo e largou à desfilada.

— Já não há que fazer aqui — disse Ruy de Vasconcelos. Estes tinham ficado para morrer.

As trombetas do acampamento real faziam o toque de alardo para que todas as tropas se fossem ali reunir. O Condestável havia percebido grandes massas de cavalaria

dos lados da estrada de Leiria e prevenia se para alguma possível surpresa.

O Mestre de Alcântara tinha quase intatos os seus dois mil e duzentos freires e ginetes e estava cobrindo a fuga dos cavaleiros dispersos e de uma parte da peonagem.

Iam os Namorados a meter esporas aos cavalos quando Ruy, então um pouco afastado dos outros, ouviu uma voz dolorida a dizer palavras que não pudera perceber, mas que eram em português.

— Abalai. Eu irei depressa — disse o Vasconcelos para os seus.

Os sessenta e oito que restavam da ala deitaram a galope.

O Vasques Eanes levava o Ayala prisioneiro, o Magriço empunhava a bandeira do Sire de Lanach, dois outros Namorados levavam pendões dos senhores de Gasconha, o Lobeira o balsão do filho do Marquês de Vilhena, bisneto do rei de Aragão.

Ruy ficara escutando. Fora decerto um ferido quem falara, talvez um agonizante, homem de Portugal, ao que lhe

parecera; fosse quem fosse, a não ter expirado, tornaria a falar.

Sentia curiosidade de saber quem era.

Esperou. Eram ainda muitos os que davam gemidos estertorosos, dizendo palavras em castelhano e em francês. Vinham de longe gritos convulsivos de ódio e de desespero, o ruído de pequenos combates; a algumas centenas de passos, ao pé das imensas bagagens do exército, lutava-se.

— Cavaleiros de Portugal... Por piedade... Escutai! — disse uma voz sumida, que parecia vir de ao pé da tenda real.

Ruy apeou-se.

— Um cavaleiro de Portugal aqui está para vos ouvir — disse alto.

— Depressa!... Que morro! — suplicou a mesma voz dolorida, a sumir-se mais.

Já mal se diferençavam os vultos. A noite chegara. Ruy com o cavalo à rédea, foi ao encontro daquela voz que se apagava.

À porta da grande tenda do rei de Castela viu um homem estendido, um cavaleiro de luzento armadura. Dobrou-se para ele.

— Aqui tendes um cavaleiro de Portugal. Quem sois?

— Morro... Arrependido!... Deus me perdoe!... Pedi ao Rei... Que me dê perdão... E deixe que voltem a Portugal...

Soluçou. A voz velava-se-lhe. Entrava com ele a derradeira agonia. Ruy debruçou-se mais para ver se o reconhecia.

— Que deixe voltar quem?

— Minha mulher... A minha filha...que estão... No mosteiro... Tordesilas.,.

— Gil Vasques de Mendonça! — exclamou o Vasconcelos comovidamente.

— Perdoai-me... Cavaleiro... De Portu... Gal... Perdoai... O que fiz... Contra a nossa... Terra! Ah! Deus... Seja...

A voz parou lhe estrangulada, e no último arranco o peito alteou-lhe o reluzente arnês, laivado de sangue.

— Deus se amercie de ti, que traíste a pátria e foste a causa das maiores amarguras da minha vida!

E assim, nestas palavras, o Memento daquele morto.

Desafogado de uma ligeira nuvem acobreada, o crescente esplendido da lua derramava agora uns brandos fulgores sobre aquele campo de morte.

— Pela tua linda filha te dou o meu perdão e Deus seja o teu misericordioso juiz

Apareceu diante do rei o bravo Antão Vasques com a bandeira real de Castela...

Ia para montar a cavalo, quando reparou em certo objeto resplandecente, caído no chão a poucos passos do cadáver do pai de Magdalena.

— Coisa talvez que ele procurava salvar — pensou.

Foi para a apanhar, quando um troço de besteiros portugueses e de esfarrapados, com ramos de pinheiro acesos, chegou de roldão, numa algazarra brutal.

* * *

No acampamento português o Condestável andava rodando nos postos de vigilância e os esculcas, para evitar que os pudessem colher desprecavidos a cavalaria ligeira dos castelhanos, que se via e sentia lá para baixo, na estrada de Leiria.

El-Rei sentara-se no lanço baixo de um muro de pedra solta; enleado de silvas, antigo, provavelmente resto de algum cerrado feito pelos pastores de Aljubarrota para guarida do gado nas noites calmosas do estio.

Sentia-se quebrado de forças. Fora um dos maiores lutadores.

E ainda maior abatimento físico pelo jejum de devoção e pelo drama íntimo, enorme, de receios e de responsabilidades, num sacrifício de disfarces para que ninguém lhos percebesse, durante aquele imenso dia da história e da sua alma, cujo desfecho ainda, de instantes a instantes, lhe parecia um milagre ou um sonho estonteador.

A um e outro lado do Rei, de pé, encostados ao muro, ainda de armaduras vestidas, o Arcebispo de Braga com a cara entrapada e a roqueta alagada de sangue, o Dr. João das

Regras, que fora também um intrépido batalhador, o velho Diogo Lopes Pacheco, o marechal Álvaro Pereira, e outros fidalgos e clérigos da sua comitiva.

Chegavam ali os gemidos dos feridos portugueses, amontoados no curral das bagagens, mudado em grosseiro hospital de sangue.

— Amanhã, logo de madrugada hemos de levantar os nossos mortos para o separar dos outros. O arraial será onde el-rei de Castela esteve, e aqui nos ficaremos três dias, ao uso antigo, para que a ninguém reste dúvida a respeito do completo desbarato do inimigo. Para onde fugiria D. João I de Castela?

— Senhor, — disse lhe João das Regras — creio que nenhum de nós o sabe; mas é provável que o do campo nos tragam algum prisioneiro que vos possa dizer.

— Sim, isso me parece bem. E vós cá, meu reverendo Arcebispo, como vos sentis?

— Senhor, com um gilvaz a mais e uma orelha de menos — respondeu o primaz com o seu feitio humorístico. Arde-me, senhor Rei, mas serve lhe de balsamo este consolo que

eu sinto de ter aberto o toitiço ao castelão refece que me fez a mim o que S. Pedro fez a Maltus. Pagou o feito. Apanhou do primaz de Braga uma estocada como nenhum dos meus colegas de Castela, nem o de Toledo, nem o de Santiago de Compostela, ainda talvez deram na sua vida. Apanhou e ficou, para não ir alanzoar o feito entre os farronqueiros, seus manos e compadres.

Riu El Rei e riram todos destes dizeres pitorescos do prelado.

Veio então um dos cavaleiros da vanguarda participar a D. João I que tinham trazido prisioneiros e estavam sob guarda os fidalgos portugueses D. Pedro de Castro e Vasco Pires de Camões.

— Pois então foram esses dos poucos de cá, bandeados por Castela, que lograram fugir à morte! Os outros, tirante a sua traição, foram, ao menos, portugueses no esforço com que lutaram e morreram.

Sentia se um tropel de cavalos a curta distância e logo uma algazarra de vozes juvenis e este brado, já famoso naquele dia:

— Pela nossa terra e pelas nossas damas!

— São os nossos leões novos! — disse o rei sorrindo. Atiravam se para a morte loucamente!

Mas antes que os Namorados chegassem, apareceu diante do rei o bravo Antão Vasques com a bandeira real de Castela, pendente dos ombros em guisa de manto.

Eram grandes dançadores os portugueses daqueles tempos; mais expansivos que os de hoje, celebravam os seus júbilos dançando e, o Antão Vasques, numa alegria doida, começou de bailar como diz Fernão Lopes.

Vinham com o Vasques quatro pajens de brandões acesos.

De olhos pregados na altiva bandeira, que tinha unidos os escudos de Castela e Portugal, a ouro e prata sobre campo verde, em relevo de ouro os leões e castelos heráldicos do mais poderoso estado das Espanha<; de olhos fitos naquela soberba insígnia, que a chamazita dos brandões fazia rutilar, E! Rei sorria complacente, ouvindo os dizeres foliões do Almada.

Não tinha D. João I porque admirar se. El Rei D. Pedro, seu pai, o Crú, o Justiceiro, algumas vezes bailou pelas ruas de

Lisboa, folgando com o povo.

— Tomai, senhor, esta bandeira do mor inimigo que no mundo tínheis — disse afinal o Vasques, pondo-lhe a bandeira sobre os joelhos.

Nisto os Namorados chegaram em frente do Rei.

— Essa bandeira a tínhamos nós tomado, alegou o Magriço mas honradas mãos vo-la trouxeram, senhor Rei. Para engrandecer o muito que essa vale, aqui vos trago eu a landeira do mais altivo senhor da nobreza de França.

E pôs no chão a bandeira de guerra do Sire do Bearne.

E outros vieram, a um por um, pôr lhe no chão os pendões fidalgos que tinham encontrado ao pé da tenda real.

Vinha atrás de todos o atlético Vasco Eanes, e esse apareceu afinal diante de D. João I com uma certa solenidade teatral.

— Agora, Senhor, aqui tendes como prisioneiro um castelhano que valentemente defendia essa bandeira. Chama se D. Pedro Lopez de Ayala e é nada menos que o chanceler-mor de el-rei de Castela.

Estava de olhos baixos, afogueado, o poeta de Los Desenganos, esse que foi o restaurador das boas letras de Castela e o mais ilustre dos cronistas que teve a Espanha.

El-Rei levantou se e João das Regras foi para o prisioneiro no propósito de lhe prestar homenagem.

D. João disse a Ayala:

— Bem que o meu inimigo sejais, sei o que valeis e muito me apraz honrar-vos pela lealdade com que defendestes a bandeira do vosso rei e da vossa terra.

— Era o meu dever — respondeu em castelhano. A minha má fortuna fez que não pudesse morrer por ela, como na batalha de Najera me não foi dado acabar defendendo-a, e agora me vejo prisioneiro dos vossos, como naquela derrota me vi prisioneiro dos ingleses.

— Agora talvez com mais alguma diferença, porque se vos há de tomar em conta o que sois. (*)

[(*) Ayala estivera por muito tempo preso na Torre de Londres.]

Vasco Eanes. Podeis levar o vosso prisioneiro, e por muito recomendado vos dou. Mandai que lhe prestem honroso gasalhado. E vós cá, Álvaro Cominho, contai-me essa arrancada que me trouxe tão preciosos trofeus.

O Magriço resumiu-lhe calorosamente o combate contra os que tinham ficado para morrer.

— Grandes homens sois, apesar de tão jovens! Mas Ruy de Vasconcelos, o que foi feito dele?! Morreu?!

— Senhor, até há coisa de um quarto de hora, não. Ficou-se atrás, dizendo-nos que viria depressa. E agora em verdade vos digo que me parece tardar, pois que já na vinda para aqui algum tanto nos demorámos!

— Então ide ver o que foi feito dele, que muito grande mágoa e perda seria perdê-lo a ele.

— Boa justiça lhe fazeis, Rei e Senhor.

— Bem bastavam já os tantos que da vossa ala morreram esta tarde!

— E há pouco ainda, Senhor! Mas eu vou já em busca de Ruy de Vasconcelos.

— Ide, sim, depressa.

— Olhai, uma procissão! — disse o Arcebispo de Braga, apontando uma multidão que vinha atravessando a charneca, trazendo archotes e brandões acesos.

— Mas se eu não estou sonhando, ou as ribeiradas de sangue, que perdi me não enfraqueceram o juízo, são mulheres essas criaturas que ali veem!

— Mulheres certamente, — confirmou o Marechal — mas talvez sejam de Aljubarrota. E à frente delas vem um cavaleiro, que traz plumas como as dos Namorados.

O Magriço esgalgou-se mais para ver melhor, e gritou num desafogo de júbilo:

— Senhor, vem ali Ruy de Vasconcelos!

Não se tinha enganado. Instantes depois chegava o jovem paladino Vasconcelos, trazendo enrolado na mão esquerda um largo cabeção. Atrás dele a tia Lourença com um braçado de pendões.

Ruy apresentou a ao Rei, lembrando os atos de intrepidez que ela praticara no último cerco de Lisboa e a intenção

com que viera da capital.

— Pois estava a pensar que teríeis vindo ao faro dos despojos — disse o Rei a sorrir.

— Senhor, por aí tenho visto que muita gentiaga se está enchendo. Eu não, meu Senhor. Eu e mais quatro que ficaram ali em baixo com o mulherio de Aljubarrota, esperando por mim; eu e essas quatro não fizemos outra coisa senão andar na apanha deste braçado de pendões, que os de Castela deixaram semeados aí pela charneca fora. Só não levantámos os muitos que íamos topando emporcalhados de sangue e esfrangalhados nas urzes e nos tojeiros. (*)

[(*) Nos exércitos medievais cada grande senhor ou fidalgo ilustre trazia o seu pendão e os seus balsões brasonados, e de Castela e França teriam estado na batalha mais de sessenta ou setenta, desses que podiam erguer pendões à frente dos seus homens de armas.]

Foi para os vir trazer a vossa real senhoria que nós os apanhámos. Muito vos deve o povo e a nação e certo não houve ainda em Portugal rei como vós sois.

D. João I disse-lhe umas palavras de agradecimento, sorrindo. Voltando-se para Ruy de Vasconcelos, perguntou-lhe de gracejo:

— E vós que me trazeis?

— Senhor, alguma coisa que não valerá para vós muito menos do que essa bandeira real.

— Oh! Que me aguçais a curiosidade! Ah! Já sei! — disse apontando os arminhos que o Vasconcelos trazia enrolados. Já sei. Esse cabeção do manto de que el-rei de Castela se esqueceu.

— Rei e senhor, coisa de muito mais valia.

E a desenrolar o cabeção de arminho, acrescentou:

— O cetro antigo dos mais ilustres e soberbos monarcas que tem tido Castela. Rei vitorioso, este de oiro e cristal, o deponho eu na vossas mãos. Este que, pela sua passada grandeza e altivez, vale todas as mais nobres espadas da hoste desbaratada.

O Rei afogueou-se de orgulho e todos ali tiveram um estremeção de surpresa de tal modo comovedora, que lhes

arrasou os olhos de água.

— E esqueceu-se dele e trazia-o para os campos de batalha el-rei de Castela! — exclamou D. João I, a remira-lo deslumbrado.

— Senhor, tamanho poder trazia, que julgou certa a vitória. Crendo talvez que fugiríamos espavoridos, nós os chamorros, e que enfim lograria entrar em Lisboa, para tomar conta da herança, trouxe consigo as insígnias da sua realeza para o beija-mão solene no vosso paço de Apar S. Martinho e para o Te Deum magnificente em Santa Maria Maior. Assim o suponho, Senhor. O sol de Lisboa faria brilhar mais nas suas mãos de triunfador o ouro e o cristal desse cetro. Mas Deus permitiu, e a nossa alma quis, que outro sol, o de Aljubarrota, antes iluminasse a vossa aspada de batalhador. Louvado Deus e abençoada alma!

— Julgais certo e explicais bem o achado estranho deste cetro num campo de batalha! — disse-lhe o Rei afetuosamente. Ficai seguro de que nunca hei de esquecer a tamanha valia desta oferta.

Ruy agradeceu. Ali mesmo, diante do Rei, os Namorados o vieram abraçar num enternecido impulso de orgulho por aquele companheiro.

* * *

Foi de trágicos horrores aquela noite lúcida e calma.

Ainda havia agonizantes; ouviam-se bem os gemidos, só a espaços abafados pelo ruído de alguma luta distante entre os bandos dos fugitivos e a gente armada das aldeias e das aldeolas que vinha chegando ás proximidades de Aljubarrota, trazida no alvoroço daquela agitadora notícia, que para todos os lados irradiara velocíssima, como se uma voz prodígios a fosse espalhando aos voos por todos aqueles arredores.

De vez em quando atravessavam a charneca, relinchando pavores, numa galopada doida, cavalos soltos que se despenhavam pelos barrocais das montanhas vizinhas. Pelas onze horas a lua sumiu-se.

Sobre a madrugada todos esses ruídos esmoreceram; mas os corvos vinham da ramaria alta dos pinheiros, ás revoadas, crocitando, sôfregos daquele banquete enorme. E pelas lombas dos montes distantes, ao faro de sangue e em repelões de fome, os lobos latiam sinistramente.

Só os faziam calar, de espaço a espaço, e só os retinham medrosos os brados altos das sentinelas do acampamento real.

Veio a madrugada, clara, tépida, cantada pela passaredo nos ramos das árvores mais afastadas. As trombetas deram então o sinal de despertar para os poucos talvez que tinham adormecido naquela noite de profundas emoções.

O arraial foi mudado para as vizinhanças de Aljubarrota. El-rei ficaria ali os três dias do uso antigo para confirmar a batalha vitoriosa e o desbarato formal dos vencidos. Abrigar-se-ia na tenda magnificente do rei de Castela.

Tinham trazido mais prisioneiros e mais trofeus; alguns de subida riqueza, como eram quase todos os que provinham das bagagens reais. Mas o tesouro de maior valia era a capela volante do monarca vencido. Retábulos antigos com

douraduras e pinturas góticas, cruzes e lanternas de prata lavrada, um oratório grande de prata com imagens e ornatos admiravelmente cinzelados, obra prima do estilo florentino, e uma Bíblia em carateres góticos, a capa com guarnições de metal, castelos e leões, escudos heráldicos) e flores de Liz.

* * *

A charneca infundia horror, mas numa visão de sonhadores os olhos da nossa gente viam por cima daquele planalto lúgubre alguma coisa de sublime consolo, e de santo orgulho, que em cada alma se refletia como numa faceta de cristal se podem refletir os fulgores altos de uma estrela. Portugal salvara-se ali, e quem sabia lá para que novos destinos? Logo ao romper do sol, e que lindo sol de apoteose o daquela manhã, a hoste formou para ouvir missa em louvor de Santa Maria de Agosto, Santa Maria da Vitória para eles.

Foi soberba aquela meia hora, a recordar a outra em que a batalha se venceu!

O oratório de prata dos despojos estava aberto sobre o altar de campanha, a prata refulgia sob os primeiros lampejos daquele sol nascente, a lembrar uma enorme custódia de ouro sobre um trono que se perdia de vista pela imensidade do seu dossel azul; a ladearam a capela, enfeixados ao alto, os pendões, os estandartes e as bandeiras de Castela, de Leão, das Astúrias, do Aragão, da Galiza, da Gasconha e do Bearne.

Missa em ação de graças pela última batalha romântica dos tempos medievais.

Aquela batalha em que os Namorados com a sua cavalaria apeada e a plebe com a sua infantaria rota colaboraram no prólogo de outro romance do esforço humano, imensamente maior, numa aventura de séculos pelo mundo.

TERCEIRA PARTE

NOIVA IMACULADA

CAPÍTULO I

A ESCOLTA DOS TROFÉUS

Depois daquela missa ao nascer do sol do dia 15 de Agosto, El-rei concedeu que os Namorados fossem extremar os cadáveres dos seus companheiros. Eram muitos. Pobres noivas, pobres namoradas!

E dos sessenta e dois que estavam feridos quantos ainda que nunca mais tornariam a formar na ala, reduzida agora a quarenta e três rapazes válidos para outra batalha?

El-rei percorria o campo. Já na véspera andara pelas imediações do outeiro com um Castelhano dos que ficaram prisioneiros, a tomar conhecimento dos grandes senhores de Castela que ali tinham acabado.

Agora ainda maior tarefa; mas como o seu guia da véspera os não conhecia a todos e, menos ainda, aos de Gaisconha e do Bearne, mandou El-rei pedir a Lopez de Ayala que lhe servisse de esclarecedor naquele fúnebre arrolamento.

Ayala acedeu, acabrunhado, e, ao pé do Rei, os foi indicando com os olhos afogados de lágrimas, à medida que a soldadesca Os ia afastando dos outros mortos sem cotas brasonadas e sem bacinetes emplumados.

— El almirante de Castilla, D. Juan Hernandez de Tovar; El hijo del Marques de Villena, visnieto legítimo d’El-rey D. Jayrne de Aragon; D. Juan, senor de Aguillar e de Castaneda; Diego Gomez Manrique, adelantado mayor de Castilla; Diego Gomez Sarmiento, mariscai de Castilla; Pero Gonzalez Camilo, outro mariscai de Castilla; Juan Ortiz de Las Cuevas; Alvar Gonzalez Sandoval e Ferrand, su hermano; D. Pedro Gonzalez de Mendonza, mayordomo-mayor d’El-rey; Juan Perez do Godoy; D. Juan Ramirez d’Arellano e Diego Garcia de Toledo.

E assim, por ali fora, a longos intervalos, à maneira que os ia reconhecendo, naquela tarefa atormentadora, a que não podia esquivar-se.

Depois o reconhecimento dos fidalgos bearneses e gascões. Uma longuíssima enumeração, que se não pode reproduzir aqui. E Ayala não sabia indicar senão algumas dezenas dos mais ilustres.

* * *

Os Namorados tinham separado os seus mortos.

Choravam como mulheres aqueles rapazes, que na véspera tinham sido como leões.

— Falta Vasco Martins, o jovem!

— Esse terá morrido pelo seu voto entre a onda dos fugitivos que foram de guarda ao rei de Castela — disse Ruy de Vasconcelos.

Entretanto, despedido Ayala, forçado arrolador dos ilustres mortos, El-rei disse para o Condestável:

— Os Portugueses parciais de Castela aí ficaram quase todos estendidos!

— Os meus dois irmãos com eles! — acudiu Nuno Álvares tristemente.

— Mas os Gascões e os Bearneses, esses aí estão também quase todos mortos. Chega a parecer assombro

esta brava batalha de meia hora em que tanta gente morreu!

— Senhor — volveu-lhe o Condestável — grande favor do céu foi este que nos deu tamanha vitória! E agora vos peço me deixeis eu ir em romaria de penitência a Ourém, enquanto vós aqui esperais. Foi um voto que fiz.

— Sim, ide. Eu também depois irei cumprir o meu voto em Guimarães.

— E ali, se vos não opuserdes, senhor Rei, ali naquele outeirozito onde vencemos, um dia mandarei erguer uma ermida ao nosso grande patrono, S. Jorge.

— Boa devoção a vossa, Condestável. Também eu hei de mandar edificar nestes sítios um mosteiro em louvor da nossa Senhora da Vitória, desta vitória que mal se podia sonhar. Padrão será que não deixe esquecer esta batalha.

Dali a uma hora, o Condestável partia para Ourém em romaria de penitência.

— Vai ver o seu condado — comentavam alguns da plebe.

— Ou irá dar sepultura escusa aos irmãos que aí morreram — segredavam outros.

* * *

Naquele mesmo dia indicou o Rei quais dos homens ilustres da sua hoste tinham de ter sepultura em sagrado na vila de Alcobaça. Entre esses o velho Gascão João de Montferrat, a quem a acha de armas do possante Álvaro de Sandoval estoirara o bacinete e deitara a terra morto.

O Rei mandou chamar Ruy de Vasconcelos.

— Vou mandar à minha leal cidade de Lisboa as bandeiras e pendões que pudemos colher aqui. De guarda à bandeira real de Castela irá Antão Vasques de Almada e o irmão João Vaz; às outras é de justiça que as levem os vossos da Ala dos Namorados.

— Senhor, por todos eles e até pelos tantos que já não podem ir, vos beijo a mão reconhecidamente. É honra insigne.

— É honra devida. Não se venceria a batalha, se não fosse a ala, e muito ajudaram a vencê-la os tantos que morreram.

— Agora, Senhor, consenti que vos peça um piedoso favor.

— Dizei qual.

— Que nos deixeis ir sepultar em Alcobaça esses malogrados jovens que perdemos.

— Sim, deixo. Mas onde é vosso intento sepultá-los?

— Senhor, alguns dos nossos irão pedir ao Dom Abade do mosteiro de Alcobaça que no-los deixe sepultar nos claustros.

— Todos?

— Senhor, todos. É uma devota homenagem dos que lhe sobreviveram. Naquele tamanho convento os claustros são grandes e a terra sagrada chegará para os cobrir a todos. Assim as noivas e as namoradas ficarão sabendo em que recanto de Portugal jazem essas juventudes mortas.

— Dizeis bem. Assinalada sepultura merecem esses jovens de tão extremada valentia. Eu mesmo vou mandar fazer o pedido ao Dom Abade.

— Senhor, ainda maior favor!

E mandou.

* * *

Naquela noite os Namorados velaram as filas dos seus mortos. Alguns deles sem sombra de barba; os restantes tinham vinte e quatro anos!

Guardavam-nos para que os corvos não viessem dos pinhais e os lobos não descessem dos montes para lhos devorar.

Ao outro dia de manhã seria o enterro. Ofereceram-se os da Ala dos esfarrapados para os levar a braços, deitados sobre fortes ramos de pinheiro.

Os outros Namorados válidos não chegavam para os levar.

Organizou-se o préstito. Na frente oito a cavalo, atrás da longa fila dos féretros os restantes, também a cavalo.

Fazia dó. E lá iam no recosto dos ramos, a braços da peonagem de ventres ao sol, desfigurados, sangrentos, com os seus bacinetes de plumas, o seu arnês com a cruz de S. Jorge, e talvez represado nos lábios, como se as palavras se pudessem congelar, o nome de uma mulher, juvenil como eles, pelo seu derradeiro moto de amor.

Mendo Rodrigues foi também com o seu estranho capelo de ferro e o antiquado saio de malha que trouxera da sala de armas de D. Dulce. A tia Lourença, com as suas quatro mulheres que a tinham acompanhado de Lisboa, lá ia atrás do préstito, carpideira sincera daquelas tantas juventudes perdidas.

Quando chegaram ao mosteiro já lá encontraram um Namorado, que os tinha precedido. Mas esse também morto. Um quarto de hora antes o tinham levado para lá uns criados do convento. Tinham-no encontrado na estrada, ao pé de dois mortos. Viram que era um Português e trouxeram-no para a igreja do mosteiro. Os frades logo pela cruz de S. Jorge que trazia no arnês reconheceram que

devia ser da hoste real; mas não sabiam explicar como fora dar a mais de duas léguas do campo de batalha.

Estava crivado de lançadas e tinham-lhe decepado a mão direita.

Foi Ruy quem enternecidamente contou aos frades o propósito denodado de Vasco Martins, o jovem.

Fizera voto de aprisionar o rei de Castela, ou, pelo menos, pôr-lhe a mão, e fora sozinho atrás dele, embebendo-se na multidão de cavaleiros do séquito real. Tê-lo-iam reconhecido logo, caíram sobre ele para o matar, ter-se-ia defendido como um leão, porque era homem para isso; mas a mão decepada como que estava a indicar que ele a ousara pôr na pessoa do rei. Derribado, moribundo, bem podia presumir-se que lhe cortassem então aquela mão audaz.

Quando os frades acabaram a encomendação dos mortos e os desceram aos covais do claustro, Ruy disse para o Magriço com os olhos rasos de água:

— Só lhes faltaram as lágrimas das mães e das damas que eles amaram e que os amavam! E para quantos deles apenas amores de sonho?

* * *

Um grupo de mulheres de Aljubarrota percorria o campo de batalha. Servia-lhes de guia o Bernardo Pingueiro, da confraria de S. Crispim. Pagão impenitente, muito mais adorava ao deus gentílico dos borrachos que ao santo patrono dos sapateiros. Na noite da véspera apanhara uma bebedeira monstruosa com o vinho que os Castelhanos traziam em odres, e naquela manhã, apesar de muito mais aliviado, ainda mantinha brilhantemente a sua alcunha de Pingueiro.

Uma robusta mulher, alta e musculosa, de má catadura, protótipo de virago, vinha a par do sapateiro falando por todas, com ares fanfarrões.

— Bom arranjozinho heis de ter feito com os despojos dessa canzoada! Muita coisa toa e rica hão de ter apanhado os da vossa laia.

— Comigo vos enganais, senhora Brites de Almeida — disse o Bernardo, de olhos mortiços, a voz muito rosnada.

— Padeira de Aljubarrota com muita honra — disse-lhe ela, batendo com os punhos cerrados no peito.

— Com muita honra e pãozinho fresco — gracejou o sapateiro — Mas ficai sabendo que não apanhei senão ontem uma bebedeirazinha mansa para quebrar o jejum, e à reveria da batalha vencida foi eu que a tomei. Já me disseram que outros têm achado coisas de prata e ouro e pendões e não sei que mais. Pois por S. Crispim vos juro que eu não achei senão dois odres de uma azêmola castelhana que se foi abaixo e este bacinete rico de três plumas que me estais vendo na cabeça. Disseram-me que era de um grande senhor do Bearne. Seria, mas daqui o hei de eu levar para Lisboa. De lá vim eu com os esfarrapados, e como não havia bacinetes para todos, trouxe na cabeça o meu gorro velhinho e esfiampado. Tinha sido uma deixa de certo inglês, muito mais pingueiro do que eu.

As mulheres riram, menos a padeira, que pôs nele um duro olhar de desprezo.

— Mas ontem — continuou o Bernardo — quando a batalha começou de aquecer veio um raio de um virote castelão e levou-me o coruto do gorro. E muitos louvores a

S. Crispim por se me não ter espetado no toitiço. Teria morrido em jejum e sem já me lembrar da última escudela de vinho que tinha emborcado! Porém, agora, vede o espalhafato que eu faço com este bacinete francês, apesar do meu saio esfrangalhado e das minhas calças de bifa com mais buracos do que um pombal.

Grande galhofa das mulheres, exceto de Brites de Almeida.

— Ao menos, dos queixos para riba, dou ares de grande senhor do Bearne. Cavaleiro de Maio hei de eu ser para o ano que vem, se mo permitir S. Crispim, e como cavaleiro de Lisboa me haveis de considerar infanção de Portugal. Mas se continuar no meu ofício, farei antes deste bacinete inimigo um caçoilo para demolhar sola e dependuro as plumas para chamarem o mosquedo, que por este tempo do ano me não larga o nariz.

— Grande dizedor de bobices é que vós sois, pelo visto! — disse-lhe a padeira no seu vozeirão áspero — Mas não foi para vos ouvir chocarrices que nós aqui viemos, senão para ver os tais estafermos de ferro que dão trovões.

— Ah! Os trons. Vamos lá vê-los.

E de si para si:

— Este demo desta padeira, com umas barbichas como as do Herodes de azulejo da igreja de S. Domingos, não dá a ninguém um arzinho da sua graça e parece que é alguma irmã do imperador Carlos Magno, que neste Mundo ficasse com dez pares de França atrás de si.

Chegara à linha dos trons. Tinham ficado como os Castelhanos os abandonaram sobre as grandes zorras chapeadas.

— Aqui os tendes. Trovejaram, mas não deitaram raios que prestassem. Aquele, além, estoirou para trás, e lá tem ao pé quatro castelões que pôs em fanicos.

— Parecem sapos de boca aberta! — disse a Brites de Almeida, esgazeando os olhos para os trons.

— Cheios de vinho, os quinze que estão inteiros, levavam um ror de almudes! Era só entupir-lhe este buraco — disse, apontando o ouvido da peça.

— E não mataram ninguém estas aventesmas de ferro? — perguntou a Brites de Almeida.

— Deram só três tiros, que eu ouvisse, e logo foram abandonados. Mataram dois escudeiros e um inglês.

— Reles bisarmas! Muitas mil vezes menos ferro tem a pá com que meto o pão no forno e com ela matei eu sete castelãos ontem, antes das Trindades como quem mata uma ninhada de ratos.

— Logo sete?! — perguntou o Bernardo a sorrir.

— Já vos disse. Sete que se me tinham ido esconder na casa do forno.

— Feridos, esbarrigados de medo... Já quase a darem a alma ao Criador — volveu-lhe de troça.

— Vivos! — rouquejou a Brites de Almeida, afogueando-se — Mais vivos do que vós, que estais a cerrar os olhos de pingueiro, mestre remendão de Lisboa! Muito se engana quem preocupa! — disse, indo para ele Sabei que já tinha duas mortes de homem, cara a cara.

— Acredito, acredito! — acudiu o Bernardo, recuando

— Há mulheres desenganadas e com mais força que um macho, salvo seja! Mas olhai que não tinha reparado bem

em vós, e a conta de sete, lá em Lisboa, é conta de mentira certa. Sete namoradas, sete batalhas, sete que fugiram e até eu tenho mentido aos meus fregueses, dizendo-lhes que levei sete dias a fazer uns borzeguins. Más tudo neste Mundo tem suas exceções, valentíssima padeira!

— Já que me estais com dichotes de bobice sabei que ponho pouco em vos mostrar quanto posso, torcendo o pescoço a um verdizela como vós enquanto o demo esfrega um olho.

Avermelhara-se de cólera e tinha ferocidades o seu duro olhar. O Bernardo, já um pouco receoso, ensaiou para ela um sorriso de boa paz e concordância de opiniões.

— Ora! Ora! Não vale assanhar. Nem todos são para tudo. Um cardume de ratos tenho eu na loja, e nunca fui capaz de matar sete de uma assentada.

E riu num riso esganiçado, aos pulinhos.

— Não me estejais a arreganhar os dentes de mofa! — rouquejou a Brites de Almeida.

— Olhai que vos estrafego, se quereis fazer pouco dela! — avisou outra, também já um pouco abespinhada.

— Oh! Mulheres de Deus! Mas eu não arreganhei nada! Ria de mim mesmo. Porém se quereis que tenha medo pelos sete que morreram, tenho, está dito que tenho e aqui vos deixo em paz!

— Isso ainda é bobice para escarnecer de mim? — rouquejou a virago, deitando-lhe a mão à plumeira do bacinete.

— Eu tenho lá vontade de fazer bobices! Deixo-vos em paz, mas não me desplumeis o bacinete do Bearne!

Nisto passava uma quadrilha de ronda e o Bernardo, ganhando ânimo, desprendeu-se das mãos da Brites de Almeida num supremo esforço.

— Apre!

E a esgueirar-se para ao pé da ronda lhe ia fazendo figas a ela.

— Que tal está a gigantona de Aljubarrota! Então não me queria ela segurar pela crista?! — disse para os da ronda, apontando-lhe a cimeira do bacinete — E lá me ficou com uma das minhas plumas, aquela padeirona que matou sete castelãos com a pá do forno.

— Deixa estar, remendão, que se torno a apanhar-te a jeito, levas uma coça que te há de ficar de emenda! — ameaçou, de punho fechado, a Brites de Almeida — Tiro-te as ganas de beber!

— Dessa te hei de eu livrar — volveu-lhe o sapateiro rir, mas sempre muito chegado aos homens da ronda. — Aquilo é mulher façanhuda! Onde deita os gadanhos, filou! Reparai naquelas sobrancelhas cabeludas! As ventas são dois rons ao par! Pelas barbichas parece da Gasconha!

Riu e riram com ele os da ronda. A Brites de Almeida já o não podia ouvir.

Ia à frente das companheiras de regresso a Aljubarrota.

* * *

Eram mais de 10 horas. Os Namorados tinham voltado de Alcobaça.

Mendo chamou o sobrinho de parte.

— Olha que eu vou amanhã contigo para Lisboa.

— Pois ainda bem, tio e senhor meu.

— Antes, porém, quero ir ter com El-rei para lhe dizer quem sou.

— Ontem me falou de vós, e pareceu-me que já tinha quase a certeza de quem sois

— Embora. Chegou a ocasião de lho dizer.

— Só por esquecimento de El-rei terá deixado de vos mandar chamar.

— Vou agora lá, antes que me chame.

E foi para a tenda real.

Vendo Ruy de Vasconcelos sozinho, a tia Lourença acenou-se-lhe, prazenteira:

— Meu fidalgo e senhor, venho saber se quereis algum recado para vossa mãe, pois que na madrugada de amanhã nos poremos a caminho, eu e as minhas companheiras.

— Os meus recados eu próprio lhos levarei, pois que amanhã vou também.

— Ora ainda bem! A grande alegria que ela vai ter! Pois perdoai a confiança e lá terei o gosto de vos ver, se Deus for servido que eu lá chegue.

— Podeis ir numa das carretas que aí deixaram os Castelhanos. Não faltam agora muares para as puxar.

— Ah! Isso grande favor seria, pois que as minhas pernas já não prestam para caminhada tamanha. E se a carreta chegasse para as quatro que vieram comigo...

— Chega. Eu mandarei quem vo-la irá guiando.

— Deus vos pague, meu senhor. E agora perdoai, se eu mal pergunto: dos Namorados só ides vós?

— Vão todos os que puderem ir. Vamos de guarda às bandeiras e aos pendões que os inimigos perderam. Manda-os El-rei de oferta à cidade de Lisboa.

— Meu senhor, isso então é que vai ser uma alegria doida na cidade. E ninguém lhe mandará para lá a notícia, antes que lá chegueis vós, os Namorados?

— Mandam, sim, ou antes mandaram. El-rei ordenou que esta madrugada um escudeiro seu se metesse a

caminho com uma carta sua para os vereadores do concelho, dando-lhes a boá nova desta batalha e o aviso de que oferecia à cidade as bandeiras e os pendões dos vencidos, em lembrança do muito que Lisboa sofreu e corajosamente pelejou no último cerco. Sem a devoção heroica da cidade, os Castelhanos têê-la-iam tomado, e esta batalha seria impossível. Entende por isto El-rei que Lisboa tem direito a um grande quinhão destes troféus. Bem pode dizer-se que, em parte, os ganhou há um ano.

— Quem me dera chegar ao dia de lá entrarmos! Mas depois — continuou, baixando a voz — lá terei de voltar à labutação de buscar alguém que se nos sumiu!

— Alguém que se nos sumiu!

— Alguém de grande desventura, que muito amor vos teve e tinha ainda, coitadinha!

— Ah! Sim! D. Leonor de Gusmão. Não me recordava agora!

— Que vossa mãe e senhora também tinha tomado a peito descobrir onde era o-paradeiro daquela formosa dama

de tão desgraçada sorte. Bem pode ser que já lhe dissessem onde ela se foi sumir.

— Não sabia que a minha mãe também estava nesse empenho, e nem sequer me disseram nada do desaparecimento de D. Leonor! A minha doença, a rápida partida para a hoste de El-rei...

A Lourença deu-lhe então em breves palavras o resumo do que sucedera com Leonor.

— Pois, pela minha parte, muito vos agradeço e louvo esse piedoso encargo que tomastes. É uma grande desventurada, a quem eu sinceramente amei nos seus dias de boa fortuna, que outro, traiçoeiramente, turbou e perdeu. Está vingada. Matei aquele Antão Gonçalves, a quem vós feristes com uma pedra na batalha da Ribeira, segundo me contaram.

— Bem me recordo. Mandei-lhe um calhau que chegava para dois. E bem vi que se foi logo abaixo, o traidor!

— Esse e outro ferimento o puseram à morte e por eles tiveram de lhe cortar a língua. Só podia dar uns gritos enrouquecidos. Chamavam-lhe o cavaleiro mudo. Ontem, ao

anoitecer, foi que eu o matei em combate leal, que ele não merecia.

— Pois que o demo lhe dê lá nas profundas do inferno outra língua com que ele lhe conte a sorte que tiveram na batalha os traidores da sua laia, danados Judas desta terra, a venderem-na pelas benesses do rei castelão.

Ruy viu sair o tio Mendo da tenda real e logo se despediu de Lourença.

— Até amanhã. E contai com tudo o que eu puder no vosso benefício. Estais idosa, cansada; muito do meu grado vos darei abrigo na minha casa.

— Senhor cavaleiro, Deus vos dê tanta boa fortuna que mereceis e eu vos desejo. Por agora ainda me sinto com forças para andar na labutação da vida em que me criei; mas as boas promessas tanto se agradecem como as boas obras... E bem pode ser que um dia a velha Lourença tenha de ir pedir abrigo ao mais destemido cavaleiro da Ala dos Namorados. De onde eu estive ontem via-se bem como vós e os vossos lutavam. O meu senhor, Deus seja convosco e que o dia de entrarmos em Lisboa chegue cedo.

* * *

Ruy foi ter com o tio.

— El-rei tinha apenas uma desconfiança de quem eu era, creio que por uns dizeres de certo escudeiro velho do paço. De mim, da minha vida na corte, mal se lembrava. Nem admira porque era então muito jovem. Ficou agora sabendo alguma coisa, que há quatro anos seria um segredo para me perder. Falou-se de Leonor Teles, e então me deu sua real senhoria uma notícia de que ninguém ainda me tinha falado!

— A respeito dessa que foi rainha?

— Sim, a respeito dela. O genro há mais de um ano a mandou presa para Tordesilhas e lá a tem reclusa num mosteiro.

— Em Tordesilhas! Isso não sabia eu! Contaram-me que tinha sido levada presa para Castela, por ordem do rei...

— Por suspeita de conspirar contra ele e contra a própria filha!

— Mas não sabia mais! Pois má nova me trazeis, tio e senhor meu!

— Má nova porquê?! Que pode importar-te a reclusão de Leonor Teles?

— Tio, soube ontem à noite que era num mosteiro de Tordesilhas que Madalena se tinha recolhido com a mãe.

E referiu-lhe o lance com o pai de Madalena na noite antecedente.

— Agora percebo. Tens razão. É para inquietar. Se ainda é como foi, essa que tudo isto ia perdendo e tudo afugentou do seu trono de comborça, então tens razão para recear que a tua prometida noiva esteja muito chegada a essa mulher vilmente perversa. O seu olhar queima as flores de mais suave perfume, as suas palavras corrompem; valem perdição igual as suas afeições e os seus ódios. Compraz-se em arrastar para o seu lameiro as cândidas mulheres que não podem ser como ela, e odeia com o ódio maior da sua alma quantas se atrevem a corar daquela ignomínia e não

querem ser o que ela foi. À irmã, a Maria Teles, a perdeu, não tanto pelo ciúme de a ver esposa de um infante, como pelo ódio de a ver honesta como ela nunca foi. Podia contestar-se a legitimidade do infante, filho de Inês de Castro e marido de Maria Teles; contra a honra da irmã é que nenhumas suspeitas havia. Inventou-as ela e fez do infante ciumento, ou talvez apenas seu cúmplice, um matador com as cruezas brutais de um cavalariço! Tens razão, Ruy; Madalena estará em perigo, se a comborça vive com ela sob os mesmos tetos.

— Tio, e como hei de eu livrá-la desse perigo, arrancá-la de Castela, trazê-la para mim?! Muda-se-me em tortura a notícia consoladora que ontem ouvi. Antão Gonçalves está ali morto, mas o outro perigo lá está longe, talvez ao pé dela, sem ninguém que se lhe oponha! É sina minha!

— Não será talvez o que eu suponho. É possível que Leonor Teles esteja em reclusão especial. Em rapaz jornadeei muito por Castela; conheço Tordesilhas; passei lá duas semanas, e lembro-me de ter visto nessa vila dois mosteiros de monjas. Bem pode ser que Madalena e a mãe não fossem para aquele em que encerraram Leonor Teles.

Havemos de ter modo de o saber. Não te mortifiques. Eu pensarei nisso por ti e em Lisboa te darei o meu parecer. Se for preciso, iremos buscá-la, e podes contar comigo.

— Tio, seria a minha suprema ventura!

— Vem para aqui Álvaro Coutinho com outros — avisou — Eu retiro-me. Em Lisboa se combinará tudo, e a tua mãe que me perdoe, se eu for o teu cúmplice nalguma aventura de cavalaria aventureira.

Apartou-se dele.

* * *

— Ruy de Vasconcelos — disse-lhe o Magriço — que linda canção inventou este meu amigo provençal a respeito da nossa ala na batalha! Havemos de logo ouvi-la. É um regalo!

— Menos ainda do que vós mereceis — volveu-lhe Marival, modestamente.

— Eis de ouvi-la, Ruy de Vasconcelos, e então sabereis que não a louvei por favor de amigo — acudiu o Magriço — Até nos compara aos da Távola Redonda, aos paladinos do rei Artur, e a vós, Ruy, ao cavaleiro do cisne branco.

— Foi uma bela batalha — disse o Provençal — e não sei de rimance que outra conte, assim tão enleada de amores e com tão heroica juventude de namorados, formando ala, a vossa ala, que foi a bem dizer quem decidiu a batalha. Hei de pôr à minha trova este título na linguagem de Provença: Rimance da Ala dos Namorados de Aljubarrota.

— E hemos de nós aprendê-la a cantar para a dizermos às nossas damas — alvitrou um deles entusiasticamente.

— E para também a cantarmos nas outras batalhas em que houvermos de lutar — lembrou o Magriço.

— Tivesse eu tempo, e iria a Porto de Mós ensinar o rimance àquela rapariga linda, a quem furtei um beijo — disse o gaiato do Lobeira.

— Que ia levando mais tempo do que o nosso amigo Marival a cantar a sua trova! — gracejou o Magriço.

— Mas vai a gente ensiná-las às damazinhas lindas de Lisboa. Às que têm olhos negros, que são as de que eu mais gosto.

— Ides também connosco para Lisboa? — perguntou Ruy ao trovador de Provença.

— Graças ao meu amigo Álvaro Coutinho, irei também. Já agora, andarei com os Namorados, enquanto vós deixardes.

— Pois que namorado sois também — disse-lhe o Magriço.

— Envelhecido namorado e de mal-aventurada fortuna, a gastar a vida sonhando! — volveu-lhe tristemente.

E naquela noite os corvos e os lobos, por algumas horas emudecidos, contendo a sua avidez de famintos, esperaram que os Namorados cantassem a trova do Provençal e adormecessem sonhando. E só por altas horas, sumido o luar, mais afoitos por aquele silêncio trágico do acampamento, ousaram descer para o seu lúgubre festim.

* * *

Ainda vinha longe o sol e já o esquadrão que restava da ala semimorta estava a cavalo com os seus pajens e escudeiros. Comandava-os Ruy de Vasconcelos; levava a bandeira o Magriço.

Atrás deles, Mendo Rodrigues e o trovador de Provença.

Iam numa carreta a bandeira e os pendões do rei de Castela; e em duas carretas maiores os pendões e balsões menos esfarrapados dos grandes senhores.

Dos desacreditados trons, ninguém fizera caso. Era sucata que ficava a benefício dos ferreiros daquelas cercanias. Foi uma deplorável incompreensão do que valiam como troféus.

Toda a gente do acampamento estava a pé.

Por diante do Rei, à porta da grande e magnífica tenda de campanha do monarca fugido, o esquadrão dos Namorados desfilou em continência, como hoje se diria.

Depois dele, escudeiros e pajens a cavalo passaram também, ladeando as carretas.

Meteram pelo caminho de Alcobaça.

— Namorados, boa fortuna! — diziam os outros cavaleiros, saudando-os.

— E viva quem mais ajudou a vencer a batalha! — gritou em guisa de aclamação triunfal a peonagem dos esfarrapados.

Em grupos pelas orlas daquele declivoso caminho, as mulheres de Aljubarrota diziam-lhes enternecidamente:

— Benditas mães as vossas, Namorados! Venturosas noivas as que vós tiverdes!

— Olhai, rolas trigueirinhas! — disse um dos mais jovens — Daqui vos mando num voo a vintena de beijos que desejaria dar-vos em ação de graças.

E atirou-lhos nas pontas dos dedos.

— Credo! A fome de beijos que eles levam! — comentou uma velhota — Ai das mães, lá em Lisboa, se não trazem as filhas bem guardadas!

— Até à volta! Até um dia! — gritavam os rapazes. Era uma fórmula banal de despedida. Eles bem sabiam que não era para ali que tinham de voltar de Lisboa.

— Olhai que tem Aljubarrota bem bonitas carinhas! — notava para outro o gaiato do Lobeira.

Dali a instantes já se não viam a meio da ladeira senão uns novelões espessos de poeira, levantados pelo trote dos cavalos e pelo rodar das carretas.

* * *

Cinco dias depois, cobertos de pó, os cavalos brancos de espuma, estavam já a curta distância da grande cidade os cavaleiros da escolta dos troféus.

Subitamente, de uma volta alta do caminho, descobriram com jubilosa surpresa umas longas filas de gente, que vinha descendo pelo declive da encosta fronteira.

Distinguia-se bem na frente a bandeira da cidade, ladeada por homens de armas, depois um pálio e brandões acesos;

percebiam-se as rutilações de uma mitra debaixo do pálio, a brancura das sobrepelizes, os hábitos dos frades e, a fechar aquele quadro de cenografia, opulento de colorido, inundado de sol, uma enorme multidão de gente de todas as categorias.

— Parece uma procissão! — disse o Magriço para Ruy de Vasconcelos.

— Procissão de triunfo que vem ao nosso encontro! — gritou o Lobeira num arrebatamento.

Os rapazes aceleraram o trote.

— Vivam os Namorados! — gritou a multidão.

E um homem de voz dominadora gritou na frente de todos, agitando no ar a bandeira da cidade:

— Ala de Aljubarrota, bem-vinda sejais!

Era Afonso Eanes, o Juiz do Povo, o glorioso tanoeiro, quem assim saudava os rapazes.

Foi um encontro comovedor. Os homens de ofício da Casa dos Vinte e Quatro, deputados e procuradores do povo, agitavam nos ares as suas varas vermelhas, encimadas pelo

brasão de prata da cidade, como se aquelas insígnias da sua representação oficial fossem lanças de batalhadores num alardo triunfal.

Depois adiantou-se o Bispo, debaixo do pálio. Os Namorados apearam-se e receberam de joelhos a bênção do prelado. Em seguida os vereadores e os vinte e quatro beijaram, a um por um, com religiosa devoção, a bandeira verde da ala insigne, e após eles as mulheres, chorando.

Volvidos instantes, Afonso Eanes foi abraçar Ruy de Vasconcelos.

— Meu glorioso cavaleiro, vossa mãe está ali, ao cimo da encosta, numa liteira. Quis também vir esperar-vos.

— A minha santa mãe! Vou já beijar-lhe as mãos.

— Mas antes deixai autorização para nos darem as bandeiras e os pendões. Queremos dar a volta à cidade com eles, pelo caminho por onde há um ano os Castelhanos retiraram do cerco, e descer depois a Santos, onde o rei vencido teve o seu arraial. Dos navios da armada castelhana, que ainda aí estão no rio, hão de ver-se bem essas bandeiras e esses pendões.

— Pois sim. Eu digo já ao senhor Álvaro Coutinho para vo-las mandar entregar. A bandeira real de Castela, essa a traz consigo Antão Vasques de Almada.

Foi dizê-lo ao Magriço e meteu pela ladeira acima.

Namoradas juvenis, de famílias fidalgas, tinham vindo também àquela receção. Algumas encontraram lábios frementes de requestadores que lhes beijassem as mãos; muitas se ficaram chorando numa viuvez de alma, de trágica amargura. Os seus diletos não estavam ali; não voltariam nunca.

* * *

Escarranchado numa forte muar de sela, o Gonçalo Vasques fazia guarda de honra à liteira em que estava D. Dulce, num desvio do caminho, que duas velhas amoreiras, enormes, carinhosamente sombreavam. A poucos passos, a pé, dois jovens de acompanhar.

— Senhora minha, que ele aí vem! — exclamou o velhinho numa tremura.

E logo fez sinal a um dos criados para o ajudar a apear-se.

— Aquele! — indicou o velho, abrindo a portinhola da liteira.

— Filho! Filho! — disse D. Dulce num grito de alma, de braços abertos para ele.

Ruy apeou-se de salto e foi para ela enternecidamente.

— A minha estremecida mãe! — exclamou, abraçando-a, beijando-lhe as mãos e os cabelos.

— Que horror de sonhos e que pavor de receios os meus! Ainda a batalha se não tinha dado e já uns boatos de maldade a mortificarem a cidade, espalhados talvez pelos próprios de Castela que ainda estão aí no rio! Que tinham sido desbaratados, que lá tinham morrido todos!

— Pois foi aos deles que isso mesmo sucedeu.

— E diz-me: será verdade, como por aí se disse mal chegou o mensageiro de El-rei com a carta para a cidade, será certo que dos Namorados morreram muitos?

— Muitos!

— Filho, as pobres mães desses que lá ficaram!

— Meu senhor! — veio dizer-lhe Gonçalo Vasques, morro por lhe falar, e sabe Deus com que pena de lhe ii.io poder chamar o seu menino, como noutros tempos.

— Viva o meu grande amigo, o meu querido velhinho! — volveu-lhe Ruy, carinhosamente, abraçando-o.

— Já se cá sabe tudo, meu senhor! Grandes feitos! Bendito sangue!

Foi logo a tia Lourença, de corrida pela ladeira acima a chamar:

— Minha nobre senhora! Tendes aí, nesse vosso filho, a maior alma dos Namorados.

E foi dizendo de enfiada, no seu vozeirão ofegante, naquele feitio pitoresco e sincero que já lhe conhecemos, as maiores proezas que vira em Aljubarrota.

Mas um escudeiro veio pedir a Ruy de Vasconcelos que descesse, pois que já estava organizada a procissão pelo triunfo.

— Vou já. Mãe, até logo.

— E teu tio, Ruy?! — perguntou-lhe, baixo.

— Vem aí também, de perfeita saúde. Atrasou-se a conversar com um troveiro provençal, que eu vos hei de levar lá a casa para lhe ouvirdes cantar o rimance da nossa ala.

Montou a cavalo e desceu.

* * *

A procissão começou a desfilar. O povo ia numa alegria doida. Entre a arraia-miúda, a tia Lourença contando à sua gente o moto intrépido como se tinham batidos os esfarrapados de Lisboa.

E um escudeiro de Pinhel, que estava ao serviço de um dos Namorados, ia mostrando ao povo um belo falcão real, de corrente de prata no pé, que tinha apanhado num dos pinhais circunvizinhos do campo de batalha.

— O rei que fugiu é um grande amador de caçadas — explicou o escudeiro — tem muitos falcoeiros, e este, pelos modos, era o seu falcão mais estimado e na sua tenda o tinha muito donairoso. De lá havia de ser que ele lhe fugiu.

— Para imitar o dono — chasqueou um maltrapilho.

Deu uma longa volta aquela extraordinária procissão e, quando começou a descer a encosta de Santos, em frente da armada castelhana, Afonso Eanes levantou a toda a altura dos seus braços possantes a bandeira real de Castela.

Os pendões dos grandes senhores das Espanhas, de Gasconha e do Bearne foram erguidos por entre apupos da multidão e logo abatidos de rojo aos gritos de S. Jorge e Portugal. Os Castelhanos da armada viam bem aquilo.

Algumas naus e galés estavam tão próximas da praia, que se lá tivessem trons a bordo, como alguns escritores imaginaram, facilmente os poderiam disparar, de modo que os pelouros pusessem em debandada aquela multidão que humilhava Castela.

Mas os Castelhanos limitaram-se a responder à alga, irra dos apupos com gestos e gritos de insulto.

Felizmente para os castos ouvidos, os sinos da cidade e as sinetas das muralhas, cortando os ares com a vibração dos seus repiques, num frenesi louco, abafaram completamente a vozearia das afrontas.

O sol, decorador supremo, punha os seus esplendores de apoteose sobre aquela procissão de triunfo.

E só uma hora depois chegaram à Sé, onde um franciscano, grande teólogo e famoso orador, ia subir ao púlpito para pregar o sermão congratulatório da vitória.

CAPÍTULO II

PLANO DE AVENTURAS

Tinham passado três dias. Um escudeiro do Condestável chegara de Santarém com uma carta para Ruy de Vasconcelos. Trazia notícia de alvoroço, pois que logo o jovem caudilho dos Namorados mandou sair dois escudeiros com aviso para os companheiros se reunirem no alpendre de S. Domingos, por volta das 3 horas da tarde.

E a seguir foi aos aposentos do tio Mendo. Encontrou-o de palestra com o trovador provençal, a quem muito se afeiçoara desde as jornadas de regresso a Lisboa.

Era pessoa de confiança aquele aventureiro poeta, e o que Ruy queria dizer ao tio não era coisa de segredo que o hóspede não pudesse ouvir.

— Tio Mendo, veio uma carta do Condestável para mim.

— Traz alguma má notícia?

— Traz-me a notícia de que El-rei saiu de Santarém para o Minho em romaria à Senhora de Oliveira de Guimarães, e que ele Condestável vai para o Alentejo e entrará por Castela, se as coisas lhe parecerem asadas para isso. Tio, antes fosse para Riba Douro, em terras de Castela!

— Ah! Sim — volveu-lhe, sorrindo — Para tu ires com os teus Namorados tomar Tordesilhas?

— Nunca Deus me desse maiores trabalhos.

— Pois — todos os caminhos levam a Roma, e das margens do Tejo castelhano não seria coisa de espanto deitar até às montanhas do Douro leonês. Mas nem isto será preciso. Eu já falei com este nosso amigo — disse, indicando Marival — e temos um traço de aventura, que pode ser talvez a loucura final da minha velhice. Enfim, será para te salvar a noiva, e não há sacrifício que não mereças pela honra insigne que dás à nossa família e pelo assinalado esforço com que tens servido a nossa terra. Mas conta-me lá então porque é que o Condestável te manda a ti essa notícia. Só para te dizer que vai para a fronteira do Alentejo e de lá irá por Castela dentro, assim que tenha ocasião, só para isto não me parece que seja.

— Não é, tio Mendo. Esta nova que ele me dá serve só para justificar o convite que me faz.

— Quer que vás com ele, estou a adivinhar?

— Assim é. Com autorização que teve de El-rei me convida a ir para lá com os meus companheiros que estão aqui em Lisboa...

— Restos daquela gloriosa ala que ia ficando toda em Aljubarrota! — interrompeu Mendo Rodrigues.

— Quarenta e cinco são os que aí temos.

— Convida-te então a ires com eles para a sua hoste e depois, se Deus quiser, para as terras de Castela? E tu que lhe respondes?

— Que aceito o convite. Ainda esta tarde hei de ouvir o voto dos meus companheiros e com eles tenho a certeza de contar. E amanhã de madrugada partirá o mensageiro com a resposta, e nós no dia seguinte iremos a caminho de Santarém. Lá lhe lembrarei o honroso feito que seria ir bater a hoste do infante de Navarra, se acaso ainda não saiu da Beira.

— E assim te irias aproximando do velho reino de Leão, e de salto, ao modo dos fossados (*) do tempo do nosso primeiro rei, darias contigo e com os teus a tomar Tordesilhas para de lá tirares a tua noiva. Vede, meu prezado Frederico Marival — disse para o trovador, esboçando um sorriso — vede se o rei Artur teve nos seus da Távola Redonda cavaleiros que mais sonhassem do que estes meus patrícios da Ala dos Namorados!

[(*) Fossados denominavam-se as invasões militares, breves, feitas no território dos Mouros durante os primeiros tempos da monarquia.]

— Eu é que nem os podia sonhar assim nestes nossos tempos! — respondeu Marival.

— Nem eu, que saí daqui há doze anos, julgando isto uma nação moribunda, que ainda há um mês me parecia a dois passos de se perder! Agora, não. O que eu vi em Aljubarrota pareceu-me a ressurreição de uma grande raça e eu próprio, amargurado e descrido, como que subitamente mudei e sinto-me menos acabrunhado de

mágoas! Tão outro, que até me apraz meter-me em aventuras por conta deste nosso querido Namorado! Pois, meu Ruy, a mim me quer parecer que se vão dispondo as coisas bem, e aqui, neste nosso engenhoso troveiro e em mim, terás os esculcas que te hão de ir observar a terra inimiga.

— Tio, não entendo bem!

— Eu te explico. Para poder cumprir a promessa que te fiz, entendi-me com este nosso amigo e tudo está já combinado. Ele conhece bem Castela e já esteve em Valhadolid e em Tordesilhas; eu também, e sei falar o castelhano desembaraçadamente. Ora imagina que um belo dia nos iremos daqui os dois, ele como trovador errante e eu com o meu capuz, com o bordão e o meu burel de peregrino da Terra Santa. E assim, no fingimento de nos havermos encontrado casualmente pelo caminho, iremos dar a Tordesilhas e pedir pousada no mosteiro onde está a tua noiva. É coisa natural e que há de ter sucedido muitas vezes. Quem havia de lá suspeitar de um troveiro aventuroso, errante de terra em terra, e de um velho

peregrino, que sabe dizer mil coisas certas da Terra Santa no castelhano que eles falam?

— Oh! Que seria uma abençoada aventura para eu saber notícias seguras de Madalena; porém com grande risco para vós.

— Já estou adivinhando o que estás com vontade de me observar. Se lá desconfiassem que íamos de Portugal, logo os dois nos poderíamos tornar suspeitos. Também disto nos havíamos lembrado e de acordo resolvemos meter-nos em Castela para Tordesilhas e Valhadolid e, fazendo um grande rodeio, iremos tomar caminho como se viéssemos de França. Messire Frederico Marival diria que tinha saído de Avinhão, sede do anti-papa Clemente VII, que os Castelhanos reconheceram, e vinha de visita às povoações de mais nomeada em Castela e comigo se encontrara em Navarra. Eu contaria que era Asturiano e dos Santos lugares voltava com promessa de visitar o famoso mosteiro de Tordesilhas. Assim, neste fingimento, que não afronta nem causa dano a ninguém, é seguro que nos dariam bom e confiado acolhimento.

— Corri já por terras de Espanha — informou Marival — e nunca me negaram pousada e bom acolhimento nos paços e nos castelos dos fidalgos, nos conventos dos frades e até em mosteiros de monjas.

— E com mais facilidade talvez a um peregrino da Terra Santa — acudiu Mendo a sorrir — se não tiverem suspeita de que é chamorro encoberto.

— Tio, e depois? — perguntou Ruy num alvoroço de apaixonado.

— Saberíamos da tua noiva e observaríamos quanto fosse necessário para entender como de lá a poderíamos tirar. Se fosse possível, nós somente. E se o não fosse, um de nós viria dar-te aviso onde quer que estivesses, e lá irias então buscar a noiva encantada. Diz-me agora o teu parecer.

— Tio, o que eu sei e posso dizer é que o estratagema assim me parece excelente e que virei a dever-vos, a ambos, a maior ventura da minha vida!

— Nem tanto, nem tanto, meu querido Ruy. A vila tem muralhas, há de ter gente de armas, o mosteiro estará bem

guardado, e não será fácil que nós, os dois, possamos arrancar de lá a tua noiva, sem a expor a perigos de morte connosco. Mas ficaremos sabendo como o feito se poderá levar a cabo, e seremos nós os guias para ti e para os teus, que te quiserem acompanhar.

— E isso é já muito e de tão rara dedicação, que nem eu sei como hei de agradecer-vo-lo.

— O feito há de ser teu e dos teus.

— E será essa a mais galante aventura dos Namorados de Aljubarrota — disse o Provençal.

— Mas por agora nada disto contes ainda aos teus companheiros — recomendou-lhe o tio.

— Nem uma palavra sequer, até que chegue a ocasião de lhes fazer o pedido.

— Está bem. Nós, os dois, iremos também convosco até à fronteira e de lá nos afastaremos então.

— Tio, entendeis que é preciso guardar segredo para a minha mãe?

— Decerto. Para essa primeiro que para ninguém. Não me perdoaria, se soubesse, ou sequer pudesse sonhar, o que eu aqui te disse.

— Falo-lhe então numa ordem de El-rei para nos irmos juntar à hoste do Condestável. Conheço-a bem. Entenderá que vou cumprir os meus deveres de cavaleiro e de português, e resignar-se-á.

— Deus sabe com que mágoa e com que lágrimas, que tu não poderás ver! Fica então assente o que te disse, e tudo teremos preparado para partir amanhã, se os teus companheiros estiverem de acordo.

— Estão. Podia jurá-lo.

* * *

De tarde, os Namorados estavam reunidos no alpendre de S. Domingos.

Ruy leu-lhes a carta do Condestável.

— Iremos como se tivéssemos uma só alma e uma só vontade! — respondeu o Magriço por todos eles.

— Para onde o Condestável mandar e onde vós quiserdes, Ruy de Vasconcelos — disse calorosamente Vasco Eanes.

— Todos!

— Todos! — confirmaram.

— Pois isso mesmo lhe vou já responder.

— E vai a bandeira e seremos na hoste um corpo à parte, como em Aljubarrota.

— Enquanto houver um que represente a ala e possa levantar e defender a bandeira.

— Assim há de ser.

— Então, amanhã, ao romper da madrugada — propôs o Vasconcelos.

— Amanhã a caminho.

— Pela nossa terra e pelas nossas damas! — disseram num brado de alma.

E afastaram-se com tão expansivo júbilo como se tivessem aprazado um sarau ou umas cavalhadas na Corredoura.

Ruy foi dar conta ao tio dos resultados desta breve conferência com tal entusiástico desfecho.

— Então, com esses rapazes, até podias ir buscar a tua noiva às cidades de Sevilha, de Múrcia, ou de Toledo, nas próprias barbas do rei — disse-lhe Mendo Rodrigues de gracejo — E a propósito do rei de Castela, deixa-me dar-te uma notícia que eu há pouco ouvi. Sabe-se já em toda a cidade, creio que por um prisioneiro português fugido das naus castelhanas, que o rei vencido foi dar a Santarém por alta noite, logo no dia da batalha, e de lá veio num batel rio abaixo para acolher-se à armada que aí tem. Que esteve quase dois dias a bordo da nau de Pedro Afan e no dia dezassete se meteu ao mar para Sevilha numa galé.

— Rei de ânimo fraco, tal como el-rei D. Fernando!

— Este de Castela ainda, ao menos, teve coragem para assistir à batalha, enquanto ela foi regular.

— A escassa meia hora que o foi.

— Mas diz-se também e, provavelmente, é informação da mesma origem, que D. João de Castela chegou à armada de rosto velado, a soluçar como uma mulher e completamente vestido de dó, como se fosse dele todo o luto que foi cobrir Castela!

— Pois então, a Santarém iremos saber como ele lá chegou e em Castela havemos de ouvir por quanto tempo guardou el-rei o seu luto.

— Para o qual a vossa ala concorreu como ninguém. Agora vem comigo para irmos dar aviso à tua mãe. É preciso encobrir-lhe o intento e terei eu de fingir que vou para ser o teu prudente conselheiro e desvelado guia, quando a verdade é que sou eu o cúmplice aventureiro dos teus amores! Mas é muito do coração e para bom fim esta piedosa falsidade.

— Para que eu não venha a morrer de desânimo por estes amores, até agora tão malfadados!

— Sinto consolo no serviço que te vou prestar. De muito mais és digno.

— Vamos lá!

Foi entrevista breve de meia hora. À saída, Mendo Rodrigues disse para o sobrinho:

— Venho com remorsos! Sentia a mágoa que a tua mãe fingia não sentir, e muito mais me custou esta meia hora que a outra de Aljubarrota!

* * *

Ao outro dia, de madrugada, os Namorados partiram para Santarém, acompanhados de Mendo Rodrigues e do troveiro provençal.

Foi uma alegre jornada de rapazes. Por ali fora em gracejos, em devaneios, em cantares, rememorando proezas e fantasiando aventuras.

Dois dias de caminho e entravam em Santarém. Nas suas impaciências de batalhador, o Condestável já se tinha metido a caminho para Évora.

Iriam os rapazes ter com ele e marchariam logo no dia seguinte.

Naquela tarde se lhes juntaram alguns dos da ala, que já estavam quase curados dos ferimentos recebidos em Aljubarrota.

Conversou-se a respeito da guerra, como era natural, e veio a ponto falar da fuga do rei.

— Se quereis saber o estado de lástima em que chegou — disse um dos Namorados que de Aljubarrota viera para Santarém — posso eu contar-vos o que há dias ouvi a um Castelhano, que os nossos aprisionaram aqui e era escudeiro de el-rei de Castela.

— Pois contai lá.

— O tal escudeiro veio sempre na companhia de el-rei e do jovem da câmara real. Tudo presenciou e só daqui não pôde acompanhar seu amo e senhor para a barra de Lisboa porque na calçada de Artamarma lhe caiu o cavalo e, indo ao chão com ele, se feriu muito na cabeça e se lhe torceu um pé, de tal maneira, que não pôde ir para a Ribeira. O rei, pelos modos, estava com grande pressa de se ver a bordo da sua armada. Apertado para contar como as coisas se tinham passado e receoso de que o matassem, se

teimasse em nada dizer, o escudeiro tudo contou do que tinha presenciado e ouvira. Eu vos vou resumir, e heis de ficar pasmados dos desalentos daquele rei vencido, poucos dias antes tão arrogante como se trouxesse atrás de si o maior poder do Mundo! Por todo o caminho viera el-rei aos soluços e a arrepelar as barbas e os cabelos! Mal entrou em casa do alcaide castelhano que tinha aqui ficado, se largou a chorar, clamando que era o pior rei e o mais desventurado homem que tinham as Espanhas. E andava como louco, aos ais e ora encostava os punhos às paredes chorando, ora cobria o rosto com as mãos, dizendo que de si mesmo sentia vergonha. Observou-lhe o alcaide, para lhe dar alento, que não fora tão grande o desastre, que lhe não houvesse ficado ainda poder de sobra para voltar em busca do desforço. E para o mover lhe lembrou o exemplo do pai, vencido pelos Ingleses. Pior foi lembrar-lhe isto o alcaide, porque em grandes clamores lhe retorquiu que não o comparasse ao pai, vencido pelo Príncipe de Gales e pela flor da cavalaria inglesa, a mais insigne da cristandade. O pai fora derrotado por esse admirável capitão, a quem chamaram o Príncipe Negro, e por esses homens de armas que já tinham desbaratado as hostes de França,

aprisionando-lhes o próprio rei. E ele? Afinal desbaratado pelo rei de Avis, que nada valia no Mundo, e por um punhado de chamorros de reles condição. Ainda que a todos os tivesse amarrados diante de si e a um por um os pudesse degolar, ainda assim se não julgaria desafrontado.

— Teve-nos tanto à mão de semear — comentou o Magriço, rindo — e em vez de nos procurar, fugiu-nos!

Chora e arrepela-se então que nem velha carpideira montezinha! Pois lá iremos nós oferecer-nos à degola.

— E ainda não sabeis tudo! Jurou que havia de andar vestido de dó e em cortes mandaria que fosse geral o luto de todos em Castela.

— Está bem, e queira Deus — disse o Lobeira — que ainda nos seja dado ir lá carregar-lhe o luto.

— Olhai cá — perguntou Ruy ao informador — o que foi feito daquela tanta gente que se aprisionou em Aljubarrota?

— Cerca de cinco mil. Estão aí quase todos, e tanto embaraço causam, que já El-rei deixou ordem para mandarem pôr os mais humildes a caminho das suas terras.

São tantos, que os levam lá abaixo ao rio a beber, presos uns aos outros como récuas de mulas! Mas entre os graúdos está aí o chanceler-mor de Castela...

— D. Pedro Lopes de Ayala — disse Ruy de Vasconcelos — Poeta e campeador. Defendeu com insigne esforço a bandeira real.

— Esse é. Chanceler-mor e alcaide honorário de Toledo.

— Ouvi, que já na batalha de Najera em que o rei D. Henrique II de Castela, pai desse que nós desbaratámos em Aljubarrota, foi vencido pelos Ingleses, esse Ayala defendera também destemidamente a bandeira real, mas ficara também prisioneiro. Parece que o levaram para Londres, onde esteve preso por largo tempo.

— Então é sina dele! — disse Vasco Eanes.

— Mas agora, segundo o que me disseram, parece que El-rei lhe concede licença para se resgatar. E olhai que dá riso ouvir as palavras que esse Ayala de tamanhos merecimentos imaginou para desculpar a derrota da sua gente!

— Faço ideia! — disse o Vasconcelos, a sorrir.

— Que vinham fatigados.

— Depois do largo descanso de Leiria, uma pequena marcha de duas léguas! — comentou o Vasconcelos.

— Em jejum.

— Também nós.

— Que havia grandes valas no campo e dois ribeiros com a fundura de dez a doze braças.

— Essas duas mentiras são de marca maior! Essas só para contar aos Castelhanos que nunca vieram a Portugal! Com doze braças o ribeiro da Calvária! Nem que nós tivéssemos levado para Aljubarrota o Tejo atrás de nós. Mas para nos atacar a peonagem, a cavalaria dos ginetes não teve medo das tais valas nem se incomodou muito com os caudalosos ribeiros!

— Que a hoste castelhana estava mortificada pela sede.

— Com dois ribeiros assim, já era vontade de sofrer securas!

— Que o campo não tinha enxurra onde as alas se desenvolvessem.

— Pois foram eles que o escolheram. Só se esperavam que nós os fôssemos levando pela mão até onde eles muito bem a salvo nos pudessem derrotar!

— Eu ri-me e perdoei-lhe estas patranhas em favor ao seu rei e aos seus companheiros de má fortuna.

— É verdade: e para onde mandou El-rei os despojos da batalha?

— A Bíblia da capela real, algumas pratas e os caldeirões foram para os frades de Alcobaça; o cetro e um relicário ouvi que os deu ao Condestável; os retábulos mandou que se guardassem para um grande mosteiro que ele fez promessa de erigir naqueles sítios, em louvor da nossa Senhora da Vitória. Para Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães levou então o precioso oratório de prata do rei de Castela.

— E os famosos trons, los truenos roncadores?

— Lá se deixaram em proveito dos ferreiros daqueles lugares.

— Pois não tivesse eu ido para Lisboa — disse Ruy de Vasconcelos — e haveria pedido a El-rei que os mandasse

levar para os ter no pátio grande do paço do Limoeiro como troféus.

— Levariam quinze dias a chegar a Lisboa, aqueles estafermos.

— Embora. Eram, depois das bandeiras, os mais preciosos troféus. E com igual interesse se deviam de guardar os magníficos arneses dos grandes senhores de Espanha, da Gasconha e do Bearne.

— Pois ninguém em tal pensou! A peonagem apanhou alguns e de galhofa os trazia por cima dos seus trapos! A um sapateiro beberrão de Lisboa vi eu com um bacinete resplandecente, que seria talvez o do Sire do Bearne.

— Fossem eles os vencedores e havíamos de ver com que sofreguidão teriam guardado os nossos despojos! — comentou o Vasconcelos com revoltado pesar.

* * *

Na madrugada do dia seguinte, os Namorados partiram para Évora. Iam agora cinquenta e dois com os que se lhes tinham juntado em Santarém.

Dos que tinham ficado feridos em Aljubarrota, mais de vinte tinham falecido e ainda uns trinta e tantos estavam em tratamento na enfermaria dos frades de Alcobaça. Entre eles Mem Rodrigues. Alguns ficariam inutilizados e inválidos.

Em Évora já não encontraram o Condestável. Tinha saído com a sua hoste para Estremoz.

Um escudeiro de Nuno Álvares ficara com uma carta para Ruy de Vasconcelos. Dizia-lhe que ia para Estremoz e seguiria para Elvas com mil lanças e dois mil de peonagem. Que até à fronteira, cerca de Badajoz, esperava juntar mais alguma gente de peonagem e ali os águardaria, para entrarem por Castela.

Recomendava-lhes que não divulgassem esse intento de invadir o território castelhano, não por causa do inimigo, a quem lealmente havia de prevenir do cometimento; mas porque El-rei lhe dera apenas o encargo de tomar os

castelos e povoações que ainda estavam pelo rei de Castela, para cá da fronteira, e não queria que se fizesse alardo daquele seu propósito, pois podia o monarca tomá-lo como premeditada desobediência.

— É certo então que vamos entrar em Castela! — disse Ruy de si para si, cheio de júbilo — Eu o moverei então a deixar-me ir, sob qualquer pretexto, para os lados da fronteira em que mais me aproxime de Tordesilhas.

Foi resumir a carta ao tio Mendo, sob promessa de confidência.

— Está bem. Então em Estremoz nos afastaremos de ti, eu e Marival, e lá iremos a Tordesilhas saber da tua noiva e combinar o modo de a tirar de lá.

— Se não a tiverem já levado para a corte, que não sei se estará agora em Toledo, se em Sevilha!

— Já por muitas vezes tem estado em Valhadolid e para aí então pouco mais haveria que andar.

— Ah! Tio, era muito mais difícil, senão impossível tirá-la de lá! — objetou-lhe tristemente — Eu iria, fosse como fosse. Cumpriria o meu voto morrendo por ela; mas não

teria o direito de pedir aos meus companheiros que se fossem expor a uma morte certa contra os centos de homens de armas que el-rei há de ter consigo. E pedir-lho afinal por causa destes meus amores de má fortuna!

— Pois para sabermos o que será possível fazer é que eu e o Provençal nos vamos meter nesta aventura. Agora é preciso combinar para aonde te havemos de mandar ou trazer notícia do que virmos e soubermos.

— E daqui a quantos dias supondes vós que será possível mandar alguém a Elvas com as vossas notícias?

— Ou um dos dois com elas, que será o mais seguro. Entre ida e volta, não menos de vinte e quatro dias a esfalfar cavalos.

— Que longo tempo!

— E Nuno Álvares estará no propósito de entrar muito por Castela dentro?

— Tal não creio eu. Tem três mil homens certos; vá que se lhe juntem mais uns dois mil de peonagem, e levará então quatro ou cinco mil, mas desses só pouco mais de dois mil experimentados.

— Não é gente com que se vá de algarada até ao coração de Castela, ainda que as forças maiores dos nossos inimigos se tenham reunido para os lados de Leão e Galiza, por saberem que El-rei de Portugal foi com a sua hoste para o Minho e constar que o duque de Lencastre virá com uma armada inglesa e uma poderosa hoste sobre a Galiza.

— Para validar a sua pretendida herança à coroa de Castela, não é assim?

— Em seu proveito, claramente.

— Mas onde te parece então que devemos trazer-te as notícias que houver?

— A Elvas me parece que será o melhor. Deixarei ali o meu escudeiro de mais confiança, para me levar qualquer aviso onde quer que eu esteja.

— Se ele souber onde estão.

— Há de saber, pois que, de dias a dias, lhe mandarei notícias minhas por qualquer outro escudeiro.

— Está bem. Fica assim combinado, e que Deus nos dê boa fortuna.

* * *

Em Estremoz, Mendo Rodrigues e o troveiro de Provença separaram-se do esquadrão dos Namorados.

Ruy e os seus seguiram direitos a Eivas.

Encontraram a hoste do Condestável acampada nas margens do Caia.

Estava-se em 1 de Outubro. No dia seguinte, Nuno Álvares atravessou o Guadiana e foi acampar nas cercanias de Badajoz, fechada a sete chaves e com a população acabrunhada de pavor.

Parara ali perto o vencedor dos Atoleiros, o prodigioso Condestável de Aljubarrota. Sabiam-no lá dentro.

— Ora graças que já temos Badalhouce à vista! — disse o Magriço no seu tom faceto.

— E lá bem sabem que homem é o Condestável — observou Vasco Eanes.

— E que é ele quem aqui vem.

— Demónio! — disse o Lobeira — Era bom mandar dizer às meninas de Badalhouce que também estão aqui os Namorados. Talvez elas gostassem de o saber, embora os pais, os manos e os seus requestadores nos crivassem de insultos, de chamorros para riba, e nos fizessem carrancas feias.

— Ora — observou um que era natural de Elvas — que importavam as carrancas deles, se as carinhas delas, quase todas lindas, dão fome de beijos, e por muito que a gente as beije, ainda se fica a chorar por mais.

Acharam graça ao dito; exprimia perfeitamente o ideal de quase todos eles.

— E não vos vades sem resposta — acudiu logo o Lobeira — que a fome de beijos que eu tenho agora é muito maior que a outra que eu senti no dia de Aljubarrota. E por essa informação que me dais, palavra que estou daqui a olhar para os muros de Badalhouce como no dia 14 de Agosto, ainda em jejum, me pus a olhar para os bois de Don Juan, por la gracia de Diós, Rey de Castilla, de Leon, de

Portugal, de Toledo, de Gallizia, de Sevtlla, de Cordoba, de Murcia, de Jaen, del Algarbe, de Algeziras, senor de Lara, de Viscaya y de Molina. Apre, que já não tenho fôlego para mais!

Os rapazes acharam graça a este remate e àquele castelhano, dito pelo Lobeira com uma certa fanfarronada deliciosamente cómica. Sabiam bem que eram aqueles os títulos oficiais de que usava o malogrado herdeiro da coroa de Portugal.

— Mas olhai cá, e agora sem gracejo, se nós pedíssemos ao Condestável que tomasse Badalhouce de escalada? — lembrou um dos imberbes.

— Deixai-vos disso! — advertiu outro mais ponderado — Nuno Álvares mandaria prender por louco esse que lhe fosse com tal pedido. Para uma escalada faltam as escadas e para lhe pôr cerco não trazemos nem gente que chegue, nem engenhos para lhe bater os muros.

— Olhai — indicou o Lobeira — ali vai o escudeiro que o Condestável mandou de Estremoz a Badalhouce com aviso de que ia entrar em Castela.

— Tal como se fosse repto para uma justa de cavalaria fidalga!

— Foi para eles não imaginarem que era seu intento entrar-lhes em casa encolhidamente.

* * *

No dia seguinte, uns homens da peonagem, que andavam ao faro de despojos e tinham ido dar a mais de três léguas do acampamento, deitaram a mão a dois frades que vinham de jornada, e trouxeram-nos presos para o arraial.

Tomou conta deles um anadel dos besteiros e sujeitou a um interrogatório os valdevinos que tinham apanhado os frades.

Causou-lhe estranheza um dos apresadores, por trazer um bacinete magnífico emplumado, como nem o Condestável nem o Rei tinham outro assim! Contrastava a opulência do bacinete com a trapagem do vestuário.

— Ouvi lá — disse o anadel, reparando muito no nariz rubro e no olhar mortiço do homem — quem demo sois, que vos desconheço?!

— Sou o sapateiro Bernardo, a quem as desavergonhadas das regateiras de Lisboa, algumas delas mais bêbadas do que eu, puseram a alcunha de Pingueiro.

— Mas não éreis da hoste do senhor Condestável no dia de Aljubarrota?

— Estive-lhe nas costaneiras, atrás da Ala dos Namorados. Eu era da Ala dos esfarrapados. Brigámos como dizem que brigam os leões e, se não estamos em jejum natural, não escapava um castelão para levar a conta dos outros ao rei que se escapou.

A conter o riso, num artifício inábil de severidade, o anadel perguntou:

— Mas porque artes do demo vindes aqui, sendo da peonagem de Lisboa, pertencente à hoste real?!

— Eu vos digo, senhor anadel. Foi visão que me ficou. O demónio foi provar! Logo da primeira batalha, a primeira

em que tinha entrado em dias da minha vida, me saí bem! Tomei-lhe o gosto e resolvi comigo experimentar outra.

— E daí? Como foi que passastes para esta hoste?

— Foi em Santarém que me passei para gente miúda do senhor Condestável. Lá pró Minho é que eu não queria ir. Não gosto do vinho de lá; é muito azedo. O do Alentejo já eu conhecia bem; é de rachar calhaus! E ao de Castela o provei na noite da batalha e, pela minha fé, senhor anadel, que era pinga real! Ora aqui tendes porque me passei. Mas primeiro, e em jejum fui pedir licença ao senhor Condestabre para vir com ele, e logo me concedeu que viesse.

Os outros riam; o anadel mordia os beiços para não rir também.

— Está bem; ide lá para o vosso arraial.

E fazendo adejar a plumeira do bacinete, que a padeira Brites de Almeida lhe ia depenando, o Bernardo Pingueiro foi-se dali com os companheiros da súcia.

— Palavrinha que disse a verdade — afirmava aos outros — Saí-me bem e estou com vontade de experimentar outra

batalha e beber mais vinho castelão, bebido na mãe, que é como quem diz nas cubas de Castela. Anda a gente com a pele em risco, mas isto é um regabofe. Em Aljubarrota tomei este bacinete que vedes e parece de um rei; tomei um arnês, que é uma peça de tal luzimento, que se pode a gente ver a ele como se fosse um cristalino de Veneza; tomei dois odres e bebi-os, que foi um regalo, louvorzinhos a Deus, e agora convosco prendi dois frades.

— Mas lá o tal arnês é que vós não trazeis! — disse-lhe um.

— Só se pode aguentar em dias de geada e com um espeque nas traseiras.

— Mas olhai, mestre Bernardo: porque dissestes vós ao anadel que em Santarém tínheis ido fazer um pedido ao Condestabre ainda em jejum?! Em jejum, para quê?

— Para ir fresco do miolo. E ficai sabendo que, antes de ir ter com ele, levei meia hora a mastigar folhas de loureiro!

— Essa agora!

— Pois pudera não! Se lhe aparecesse lá a cheirar ao sarro da vasilha, era capaz de me mandar embora, corrido a pontapés por qualquer dos seus cavalariços. Assim cheirei-lhe a louro, e de louro é que se fez a coroa dos grandes capitães, segundo rezam as histórias. Cheirei-lhe à coroa que ele merece e logo me atendeu.

Foi uma risota doida, e iá seguiram para o arraial da peonagem.

* * *

Espalhou-se logo pelo acampamento a notícia acerca dos dois frades aprisionados.

Estavam os fidalgos da hoste em frente da tenda do Condestável, em volta dele, ouvindo-o, quando o anadel veio apresentar os reverendos e contou onde e como tinham sido presos.

— Donde vínheis? — perguntou Nuno Álvares ao mais idoso dos dois, falando-lhe em castelhano.

— Do reino de Leão — respondeu na sua língua.

— De qual convento?

— Daquele que a nossa ordem tem em Tordesilhas.

Ruy era dos que estavam presentes e teve um alvoroço de surpresa. Aquele nome tinha agora para ele uma grande e preocupadora significação.

— E a que vínheis para estes sítios?

— Em missão do geral da ordem para os nossos irmãos de Mérida.

— Sabeis onde está ao presente el-rei de Castela?

— Ouvimos que para Valhadolid convocara as cortes da Nação. Mais nada sabemos a respeito de el-rei.

Era inverosímil, mas o Condestável tinha requintadas benevolências para todos os religiosos e com aquela resposta se satisfez.

— Pois ide com Deus a cumprir livremente o encargo que vos deram.

E logo, voltando-se para o anadel:

— Acompanhai-os até longe do arraial, para que lhes não falte ao respeito algum desabusado da peonagem.

Com caras de páscoas, os dois frades fizeram umas grandes mesuras ao Condestável e retiraram-se atrás do anadel.

Já se julgavam escapos dos mais horrorosos quartos de hora de susto que ainda tinham tido na sua vida.

Ruy de Vasconcelos afastou-se logo da roda, disfarçadamente, e foi sair-lhes ao caminho, já fora do arraial.

Os reverendos acabrunharam-se com receio de alguma reconsideração do Condestável; mas o jovem Vasconcelos facilmente os tranquilizou, dizendo-lhes em castelhano algumas palavras de boa paz.

— Desejava fazer-vos um pedido.

— Dizei — volveu-lhe o mais idoso, afogueando-se e pondo nele um olhar de estranheza.

— Certo sabeis de um convento de monjas de Tordesilhas, onde ouvi que estava reclusa essa que foi rainha e se chama Leonor Teles.

— Muito bem a conhecemos e até eu mesmo algumas vezes tenho ido ao mosteiro substituir o capelão no encargo das confissões.

— Podeis então dizer-me, e é este o pedido que vos desejo fazer, se nesse mosteiro então outras damas de Portugal, sem ser essa que foi rainha?

— Há coisa de três semanas, duas vi lá que da vossa terra eram e lá se tinham recolhido por ordem da Rainha.

— Mãe e filha, não é assim? — perguntou calorosamente.

— Isso mesmo são — respondeu-lhe o frade um pouco surpreendido — A filha muito jovem, e muito linda, senhor cavaleiro. É talvez algum parente delas — pensou — ou antes algum requestador infeliz da filha de D. Maria.

— Não sabeis então se há três semanas para cá teriam saído do mosteiro?

— Não sei.

Mas logo acrescentou com a sua ronha fradesca:

— A senhora rainha D. Beatriz foi há pouco de visita ao mosteiro e ouvi que de lá saíra levando consigo duas damas de Portugal, que tem em muito apreço. Não sei se seriam essas por quem vos interessais.

O rosto do jovem cavaleiro empalideceu e tomou uma expressão de amargo desalento.

Fitando-o em cheio e percebendo-lhe a perturbação, o frade disse de si para si:

— Então é o requestador de quem ouvi falar. Mas porque lhe desagradaria que a Rainha a levasse consigo?

— Deus vos pague o favor das vossas palavras — agradeceu o Vasconcelos.

— E comigo vai o pesar de vos não poder dar informação melhor. Mas sempre vos direi que, segundo ouvi, a formosa menina fora em Toledo o pasmo e o encanto de todos. Afirmaram-me que tinha noivo prometido.

— E não vos disseram quem?

— Disseram-me que era um certo fidalgo português que estava em Castela e a quem tinham posto a alcunha de

cavaleiro mudo, porque, em consequência de certos ferimentos, havia perdido a fala.

— Frade, já não pode ser esse!

— Por ter morrido, senhor cavaleiro, pelo ter chamado Deus à sua divina presença?!

— Porque o mataram em Aljubarrota. Matei-o eu. Matei-o em combate leal e legítimo desforço pela minha terra e pela minha dama. Assim, a poder de sangue, se encerrou a conta das ofensas e das traições que ele vilmente fizera à minha noiva e à sua Pátria. Matá-lo-ia, ainda que o houvesse de ir buscar aos degraus de um altar ou ao estrado de um trono.

O frade teve uma arrepio de terror e, dobrando-se muito, de braços cruzados sobre o peito, disse humildemente:

— Altos juízos de Deus! Mandais alguma coisa mais destes vossos servos?

— Ide em paz — respondeu o Vasconcelos.

Os dois frades afastaram-se logo com admirável ligeireza como se levassem asas nas sandálias. Só por vergonha é

que não deitaram a correr como raposas espavoridas, e só Deus sabe com que regalo de alma eles viram palmilhada a primeira fadigosa légua que os separava dos chamorros.

De olhos no chão, caminhando lento, Ruy ia dizendo de si para si, amarguradamente:

— Se a Rainha a levou consigo, então será este meu sonho de agora o último que se desfaz. O último! E acabará com ele esta pobre alma, tão rudemente mortificada. O tributo que devia à minha Pátria e ao meu nome, está pago. Já não haverá glórias nem vaidades de cavaleiro que cheguem para me encher o coração. Nenhumas!

CAPÍTULO III

UM GLORIOSO DIA

A hoste do Condestável avançou lentamente em busca de alguém que lhe fizesse frente. No dia 3 de Outubro ficou em Almendral; no dia 4 acantonou-se, como se diria hoje, na aldeia de La Parra.

E foi ali que os nossos descobriram gente de armas que se lhes pudesse opor.

— Ora graças! — exclamou o Magriço na roda dos Namorados — Aparece enfim alguém para bailar connosco. Viva Deus, que andava já ralado de saudades por estes nuestros hermanos de Castilla.

E logo, reparando no rosto melancólico de Ruy de Vasconcelos:

— Caudilho, então que é isso, que nos andais outra vez entristecido?! Se é pela vossa dama essa tristeza, aqui

tendes os da ala e mandai, que eles serão por vós e por ela onde quer que for.

— Nós todos! Nós todos!

— Deixai-nos dar outra esfrega nesses farfantões de Castela — continuou o Magriço — e contai depois connosco para vo-la irmos buscar, ainda que seja ao alcáçar de Toledo, nas barbas do próprio rei das duas Castelas e de Leão e de Galiza e de Sevilha e de Jaen e de Múrcia... E dos Atoleiros e de Trancoso e de Aljubarrota, e do mais que se lhe há de acrescentar em guisa de et etecetera.

O Vasconcelos sorriu tristemente desta farroncaria jocosa. Trazia-o mortificado o receio de que Madalena já não estivesse em Tordesilhas e a houvesse a Rainha levado para a corte. Mas, ao mesmo tempo, lhe dera consolo por aquela fanfarronada que, a ser preciso, poderia contar com o génio aventuroso dos seus companheiros. Se a missão do tio Mendo e do Provençal fosse bem sucedida, já não teria de pedir acanhadamente a cooperação daqueles camaradas seus, no temor de que eles o tomassem por vanglorioso devaneador com a pretensão louca de os levar atrás de si para uma aventura de morte, ao serviço dos seus amores.

Depois daquela bravata, calorosamente aplaudida, o pedido a fazer-lhes seria a coisa mais simples deste Mundo. Bastaria indicar-lhes a oportunidade da promessa, tão singela e espontaneamente feita, pois que nem o próprio Magriço conhecia o plano combinado em Lisboa entre Mendo Rodrigues e o sobrinho. Nem sequer o podia sonhar; mas a qualquer plano com tal objetivo o julgaria exequível aquele brilhante cavaleiro de aventura. Diziam-no claramente as suas palavras de promessa, que os outros apoiaram com entusiástica unanimidade.

— O que vós agora podíeis fazer, Ruy de Vasconcelos, com aprazimento e louvor de nós todos, era o ir rogar ao Condestável que nos deixasse dar uma batida àqueles lobinhos de Castela, que estão a uivar de longe.

E apontava uns troços de homens de armas que tinham aparecido a mais de meia légua da aldeia e se tinham ficado hesitantes.

Pelos pendões e pelas lanças altas dos homens a cavalo se percebia que havia de ser gente fidalga.

Eram trezentos cavaleiros da ordem militar de Alcântara, ao mando do novo mestre, Martim Anes Barbuda. Fora ele quem viera substituir no mestrado a D. Gonçalo Nunez de Guzman, transferido para o mestrado da ordem de Calatrava.

O Barbuda era dos Portugueses que estavam em Castela em defesa da herança da rainha D. Beatriz e ao vesso das benesses do rei castelhano.

— Sim, vou — respondeu Vasconcelos.

Os rapazes fizeram-lhe uma ovação. Foi e o Condestável acedeu. Tinham ido ao encontro do propósito em que ele estava de mandar fazer o que hoje se chamaria um reconhecimento ofensivo.

Os Namorados saltaram para os cavalos numa alegria expansiva, focada de encantadoras infantilidades.

— Lindo, lindo — dizia o Lobeira — era nós sozinhos vencermos uma batalha!

— Vamos lá dar-lhes as boas-vindas e pedir-lhes que não estejam com acanhamento de nos fazer a sua visita.

Toda a hoste estava já em armas para ficar esperando o resultado do reconhecimento.

Ruy foi numa galopada receber as ordens do Condestável, volveu noutra a pôr-se à frente do esquadrão, e mandou meter a galope, a bandeira a par dele, nas mãos do Magriço, como estandarte invicto.

Foi uma arrancada brilhante, mas desesperadoramente improfícua. Evidentemente os trezentos cavaleiros de Alcântara não queriam lutar.

— Que todos os diabos os devem, que não querem esperar por nós — bramiu o Magriço.

— E parece que levam asas nas ancas dos cavalos!

Foram correndo sobre eles, desafiando-os, mas apenas umas dezenas da retaguarda escaramuçaram por instantes, e esses mesmos logo deitaram à desfilada.

Voltaram pesarosos os rapazes e quase envergonhados pela fuga dos outros.

Dando conta do reconhecimento, Ruy dizia ao Condestável:

— São na verdade cavaleiros de Alcântara, e bem claramente se percebe que vieram apenas para nos vigiar e dar fé das nossas forças, e não para combater.

— Não serão eles a vanguarda de alguma hoste?

— Corremos sobre eles até mais de duas léguas e não descobrimos indício nenhum de outra gente de guerra. Talvez a estejam esperando de longe.

— Pois iremos nós para diante a encurtar-lhes o caminho — respondeu Nuno Álvares.

* * *

Em 5, a hoste avançou para Zafra. Depois seguiu de Fuente del Mestre para Villagarcia, aldeia protegida por um castelo senhorial.

— E por aqui andamos seguidos de longe por esses galgos de Alcântara, que nem sequer para ladrar servem! — dizia um dos Namorados — Parece que não há Castelhanos em Castela!

— Vamos a ver agora se aqueles ali do castelo nos não deixam embaraçados — acudiu outro.

— Isto vai senido pior que ir a Roma e não ver o Papa! — gracejou o Magriço.

Tinham feito alto a pequena distância da aldeia.

O Vasconcelos veio da retaguarda, de ter falado com o Condestável.

— Vá a galope para intimarmos a gente daquele castelo a entregar-se.

Deitaram por ali fora. Foi uma acometida frustrada. Por uma ladeira íngreme, onde dificilmente os cavaleiros podiam carregar sobre eles, os homens de armas do castelo fugiam.

— Má peste os mate, que nos deixam voltar a Portugal envergonhados! Vinte léguas por Castela dentro e afinal umas reles escaramuças, que nem às regateiras de Lisboa dariam honra!

* * *

Os de Villagarcia receberam a hoste com demonstrações lisonjeadoras e confraternizaram com ela.

— Três carinhas de jovens bonitas por junto! — observou o Lobeira, depois de ter corrido a aldeia de lés a lés — Que demónio! Aparecessem ao menos as Castelhanas bonitas, já que nos não aparecem os Castelhanos! Nada; para Toledo ou para Sevilha é que nós havíamos de marchar. Contava um tio meu, grande frecheiro, que as mulheres de Toledo têm carinhas de enfeitiçar, mas que as de Sevilha queimam o coração à gente só com os seus lindos olhos, grandes e negros. Por este engodo éramos nós capazes de tomar qualquer daquelas duas cidades, e que elas nos fossem enfeitiçando por lá, ainda que depois nos queimassem vivos.

Entretanto, lá para o extremo da aldeia, à porta de uma adega, o Bernardo Pingueiro, com o seu bacinete bearnês debaixo do braço, dizia maravilhas do vinho de Castela a dois pasmados anciãos de Villagarcia.

— É pinga que parece feita do sangue dos vossos leões, dos tais que as bandeiras do vosso rei trazem figurados! Eu nunca os vi senão pintados, mas ouvi uma vez a um judeu de Ceuta, residente em Lisboa, ouvi-lhe dizer que os leões sopram mais que um toiro grande. Pois sabei que, em eu bebendo vinho de Castela, fico mais soprador que um leão.

Os anciãos de Yillagarcia acreditaram respeitosamente. E o dono da adega, que sabia bem a conta dos pichéis que o Bernardo já tinha bebido, suplicou mentalmente ao orago do lugar que lhe pusesse dali para fora aquele chamorro, capaz de algum desatino mal que o vinho lhe começasse a trabalhar na mioleira.

Mas o sapateiro batalhador não se despegava dali e a sede que ele tinha não acabava, por mais pichéis que emborcasse.

Como era de esperar, o calor começou a afogueá-lo e o Bernardo desatou a soprar.

Os anciãos não tinham tomado à letra as fúrias leoninas de que ele lhes falara; mas se não acreditavam nas suas manifestações pelo sopro, começavam agora a recear que o

famoso vencedor de Aljubarrota chegasse a algum extremo de violência corporal, por qualquer capricho ou embirração de ébrio.

— Belo capacete de cavaleiro o vosso! — disse-lhe um deles no intuito lisonjeiro de lhe aplacar o sopro e de se pôr dali para fora na primeira aberta — Nunca vi outro assim!

— É de França e tomei-o em batalha real. Desconfia-se que foi do grande Carlos Magno ou, quando menos, de algum dos seus dozes pares. Do grande Roldão de Rocesvalles ou do próprio Ferrabraz de Alexandria, de qualquer dos dois. Mais uma tarraçada do vosso — disse para o dono da adega, indicando-lhe um dos tonéis.

O homem fez-se verde e os anciãos sentiram-se mal seguros ali.

— Duvido que dois leões juntos — pensava um dos velhotes — fossem capazes de beber tanta água como de vinho tem emborcado este chamorro.

E os dois assustados velhotes trocaram um olhar de alarme e disseram, quase ao mesmo tempo, umas palavras de despedida para se escapulirem.

— Não vos vades, que vos quero aqui! — intimou o Bernardo, indo para eles — Sempre vos hei de contar como foi que eu tomei o cetro de el-rei D. João de cá. Com seiscentos trons! — exclamou ainda mais afogueado — É uma terra quente esta vossa de Villagarcia! Aqui na adega, e parece que estou à boca de um forno!

E soprou com maior violência. Os anciãos até se velaram. Era embriaguez que podia dar em tragédia.

E eles sabiam lá quem era aquele escalda-favais de bacinete de príncipe e bofes de toiro.

Veio livrá-los daquele aperto, mas para receios maiores, a vibração de uma trombeta de guerra, tocada para além das lombas de um outeiro.

Foi um alvoroço. As trombetas do Condestável deram o sinal de alarme.

— Pois ficará o conto e o resto para depois da batalha — disse o Bernardo, despedindo-se de olho cúpido para o pichei onde o vinho vermelho continuava a espumejar.

* * *

— Agora será, louvores a Deus! — dizia-se entre os fidalgos.

Pois ainda desta vez se enganavam.

Quem descia da lomba do outeiro não era uma hoste para batalhar; era um arauto castelhano, portador talvez de alguma mensagem ou de algum cartel de desafio.

O Condestável apeou-se, sentou-se num grosseiro banco de madeira e mandou receber o arauto com as formalidades em uso.

O recém-chegado apresentou-se-lhe, sobraçando um molho de varas. Todos os cavaleiros presentes entendiam o simbolismo daquelas varas, muito conhecido desde os mais afastados tempos da Idade Média. Aquilo era um desafio e cada vara representava um desafiador.

O arauto curvava-se, águardando permissão de falar.

— Dizei a que vindes — mandou Nuno Álvares com risonha serenidade.

— Como em terras de Castela com as vossas hostes sois entrado à mão armada, aqui me ordenaram viesse a desafiar-vos, senhor Condestável, e vos entregasse estas varas em nome de cada nobre senhor dos que me cá mandaram.

— Aceito o desafio e as varas — respondeu D. Nuno com singular expressão de júbilo — Andei vinte léguas por- terras de Castela para vir ao encontro desses nobres senhores. Nomeai-os para eu ficar sabendo a quem tenho de dar o agradecimento e o troco. Ireis vós recebendo as varas — disse para um dos seus pajens. — Por el distinguido senor D. Pedro Moniz de Godoy, Mestre de Santiago.

E passou a primeira e a maior vara para as mãos do pajem. — Por el muy noble senor D. Gonzalo Nunez de Guzman, Mestre de Calatrava.

E entregou outra vara ao pajem. — Por el muy noble Conde e senor de Niebla, D. Juan Alfonso de Guzman.

E assim foi dizendo nomes ilustres e entregando varas. Era mais: o conde de Medina Coeli, D. Gastão de la Cerda; o

Barbuda, Mestre de Alcântara; D. Pedro Ponce de Leon, senhor de Marchena, e D. Alfonso Hernandez de Cordoba, senhor de Aguiar, e por último até os homens honrados da Casa dos Vinte e Quatro, de Sevilha, que viriam também a tomar-lhes o caminho com a gente da comarca e o pendão da cidade.

— Boa nobreza das Espanhas nomeastes. Boa para maior glória de quem a vencer — disse o Condestável, sorrindo — Pois heis de lá dizer-lhe que muito me apraz saber a quem tenho de agradecer a batalha e zurzir com as varas do desafio, se ainda tiver Deus no meu favor como em Atoleiros e Aljubarrota. Afiançai-lhes lá que, por mim, Nuno Álvares Pereira, Condestável de Portugal, e por todos os meus, lhes mando as boas-vindas, de que já nos pesava a tardança, e a qualquer parte os iremos buscar, para ver se a firmeza das suas lanças vale a arrogância das suas varas. Não é assim, senhores cavaleiros?

Mais de cem vozes responderam numa afirmação calorosa e unânime, que fez iluminar de júbilo os olhos sonhadores do Condestável.

— Agora, por essa boa nova, é justo que vos dê alvíssaras.

E mandou-lhe dar cem dobras. O arauto aceitou, pasmado. Também era dos costumes do tempo dar alvíssaras e presentes aos pajens ou escudeiros que levavam mensagens de guerra ou recados de desafio, mas aquela era uma dádiva principesca.

Ainda o arauto não tinha metido as dobras na escarcela e já as aclamações ao Condestável revoavam frenéticas e iam repercutir-se por aqueles montes fora como um pregão formidável de guerra.

— Boas alvíssaras teve o arauto! — dizia o Bernardo Pingueiro aos da sua laia, assim que por toda a hoste constou o punhado de dinheiro que o Condestável mandara dar ao mensageiro dos desafiadores — Cem dobras bom dinheiro é, mas eles pagarão as varas e as dobras com língua de palmo. E cá vai entrar em dança pela minha conta este famoso bacinete de não sei que sire do Bearne ou da Gasconha, que estendeu o pernil na chacina de Aljubarrota.

* * *

Uma longa marcha aquela da hoste do Condestável. Primeiro de Villagarcia para o Norte, descendo ao longo de um afluente do Guadiana. Depois de Magacela para Villanueva de la Serena, ladeando Medelin, em busca de um vau seguro no Guadiana. Entre Magacela e Villanueva houve uma ligeira escaramuça com a gente do Barbuda.

Na margem direita do Guadiana a planura extremava-se em montes abruptos de granito e de pórfiro e em contrafortes da Serena, talhados em socalcos.

A jusante da foz do ribeiro de Matachel, em frente da povoação de Valverde de Mérida, o Condestável parou com a sua gente. Por ali vadearia o rio.

Os esculcas trouxeram-lhe aviso de ter avistado grandes forças inimigas, que durante a noite se tinham concentrado nas posições altas de uma e outra margem.

— Querem cercar-nos! — disse o Condestável — Pois em boa hora seja. Aos nossos muros de homens primeiro hão de eles derribá-los que rendê-los. Com a diferença de que

estes muros assim não esperam como os dos castelos, e vão para eles.

— Creio bem — observou Ruy de Vasconcelos — que estão juntando os homens de armas que vos mandaram desafiar e, quando estiverem todos reunidos, aí os teremos sobre nós por um e outro lado do rio.

— E nós sobre eles — acudiu o Condestável — porque esse rio o havemos de nós passar.

— E certo aqui vêm com assentimento do seu rei — lembrou Gonçalo de Castel-Vide — e talvez com o seu patrocínio, a ver se à nossa custa se desforram da batalha real que vencemos.

— Pois deixai que lhe havemos nós de pôr alto o preço do sangue para essa desforra.

— Não viriam cá sem licença do seu rei as três grandes Ordens de cavalaria que tem Castela, nem dois tão poderosos senhores como o conde de Medina Coeli e o conde de Niebla. E com eles a sua peonagem e mais a das comarcas de Andaluzia — disse o Vasconcelos.

— E das outras mais próximas — acrescentou o Condestável.

— El-rei, está a perceber-se, não quer correr os riscos de outra batalha, e manda-nos procuradores seus para ultimarem as contas de 14 de Agosto — observou o Vasconcelos, sorrindo.

— Pois boas contas lhes havemos de fazer, em Deus o espero — respondeu o Condestável com a firme convicção de um predestinado.

* * *

Desde madrugada, a larga distância do rio e ao abrigo dos montes, se estavam concentrando as hostes dos desafiadores, vindas da Mancha, de Jaen, de Sevilha e Córdova e até do Aragão. Cinco ou seis vezes mais gente do que tinha a pequena hoste do Condestável.

Nuno Álvares mandou fazer alardo e apurou-se que, com as suas escassas mil lanças, tinha uma peonagem abaixo de

cinco mil homens, pois que alguns centos deles lhe tinham ficado doentes, feridos e estropeados pelo caminho.

Já com o sol alto, manhã adiantada, começaram a descobrir na planura, de um e outro lado, grandes esquadrões apendoados e, pelas encostas e socalcos das montanhas, massas profundas de peonagem, armada de bestas, lanças e piques.

— Temos outra Aljubarrota ou coisa ainda pior! — disse Ruy baixo para o Magriço — As cautelas e prudências do Barbuda, que já antes de ontem não trazia consigo menos de três a quatro mil homens, bem estavam mostrando o seu intento de ganhar tempo à espera de maiores forças. Já não querem batalha senão pelo seguro, vindo para nós com quatro ou cinco vezes mais homens do que esses que aí temos.

— E vão apertando o cerco! Nós somos os javardos; eles os monteadores — volveu-lhe o Magriço.

— Aqui, sem o outeiro de Aljubarrota; quer dizer os javardos sem fojo, e nós para eles, sem os esperar, que é esta a vontade do Condestável e a nossa.

— E a nossa, dizeis bem. Vão ter boa lida os Namorados, e só Deus sabe quantos hão de ficar da ala!

— Se algum ficar! — disse o Vasconcelos com uma tristeza íntima, que lhe vinha das saudades de Madalena, instantes a instantes amoravelmente evocada.

— Olhai para além, companheiros! — disse o Bernardo numa das filas da peonagem, apontando os cabeços graníticos de outro lado do Guadiana — Aqueles são os castelos grandes dos castelões que nos mandaram as varas. Dá neles o sol de chapa e ficam dourados e espelhemos que nem o meu bacinete do Sire do Bearne.

E fez ondear a plumagem com uma certa altivez cómica.

— Oh! Mestre Bernardo, dizei-me cá o que quer dizer isso de Sire?

— Eu, bem, bem ao certo, não sei; mas o que eu ouvi dizer a um língua de trapos de um arqueiro ingrês, que um pouco aldrabava já a nossa língua, foi que era título de senhor, maioral, e que o cal Bearne era um condado lá para os lados de França. E ficai sabendo que o dito ingrês que me deu esta explicação, ainda gostava mais de vinho do

que eu! Em Aljubarrota tomei eu dois odres castelhanos, e bebi-os, louvores a Deus! Mas o malvado do vermelhusco ingrês tomou cinco, e creio que também os bebeu, pois que ao segundo dia já andava de gatas pelo arraial e o falar dele parecia o rosnar de canzarrão velho.

Grande risota, mas a verdade é que as forças inimigas aumentavam de hora para hora.

— Gentes, reparai naqueles cardumes de castelãos! — avisou o Bernardo — Este cerrado que aqui formamos está a lembrar-me, comparado com aquela tanta gente, uma searazita de lavrador pobre no meio de um daqueles grandes descampados do Alentejo.

* * *

Os trombeteiros deram o sinal de prevenção para marchar.

O cerrado (quadrado) concentrou-se. O Condestável veio ao meio dele para falar a todos.

— Esperai o auxílio de Deus e contai convosco, tal como se esta hoste fosse um só homem com uma só alma. São muitos? Maior glória se os vencermos e menor honra para eles se nos vencerem. Muitos eram também nos Atoleiros e fomos nós que os vencemos. Muitíssimos eram em Aljubarrota e fomos nós que os desbaratámos. Eu não volto a Portugal vencido. Nem me entrego. Facilmente busca a morte quem se não quer render. Eu não me rendo.

— Nem nós! Nem nós! — gritaram milhares de vozes entusiasticamente.

— Pois que Deus seja connosco, e vamos nós para eles!

E deitou o cavalo para a frente da hoste, por entre as aclamações frementes daquele punhado de expedicionários, cuja infantaria mal daria hoje para constituir uma brigada em pé de guerra.

Marcharam para o vau, que ficava a cerca de légua e meia. Na frente, o Condestável com o alferes da bandeira, Diogo Gil; a seguir o esquadrão que restava da Ala dos Namorados e o quadrado com a sua frente, alas e

retaguarda, de cavaleiros, escudeiros, besteiros e vária peonagem.

Quando desembocaram em frente do vau, já com milhares de inimigos a cortarem-lhes a retirada, o espetáculo que tinham diante dos olhos era para esmorecer homens de menos aventurado arrojo. Pela escarpa de socalcos do monte fronteiro, talvez oito ou dez mil peões de ascumas e bacinetes reluzentes, como se cada tríplice fileira naqueles degraus enormes fosse a muralha viva de uma cidadela gigantesca, em lanços pelo monte acima, para impedir o passo a quem vadeasse o rio.

Em baixo, a flor da cavalaria monástica das ordens de Santiago e de Calatrava com D. Pedro Moniz e Gonçalo Nunez de Guzman e mais os lanceiros fidalgos do conde de Medina Coeli e dos senhores de Marchena e de Aguillar. Muito próximas do rio, quase emboscadas, numerosas companhias de besteiros.

Do outro lado do Guadiana, pela retaguarda, com a sua cavalaria de Alcântara, o Barbuda e mais o conde de Niebla, os ginetes da Andaluzia e a peonagem das terras

manchegas e andaluzas com os da Casa dos Vinte e Quatro de Sevilha, de bandeira alçada.

— Aqueles socalcos do monte sempre hão de ser mais levados do demo para subir que as escadinhas da Mouraria, lá na minha terra de Lisboa! — disse o Bernardo Pingueiro, a fingir que ria, mas já muito seriamente embaraçado com os perigos do lance — Ao menos em Aljubarrota não teve a gente que subir!

E em voz baixa, quase rosnada:

— Aqui me está a parecer que largo o sangue e não apanho vinho! Mau! Para estes lados já chove!

— Chove! Estais a sonhar, mestre Bernardo!

— Chovem dardos e virotes desses negregados castelãos!

Efetivamente, sobre a frente e na retaguarda da coluna, já tinham caído algumas dezenas de homens feridos pelos virotes dos besteiros, emboscados a um e outro lado do rio.

O Condestável tomou a sua bandeira das mãos do alferes e agitou-a no ar.

— Senhor Condestável — veio dizer-lhe Ruy de Vasconcelos — os que restam da Ala dos Namorados pedem que os deixeis ir dar a primeira investida àqueles cavaleiros de Calatrava.

— Sim, ide. Eu irei tomar o monte.

— Pela nossa terra e pelas nossas damas! — gritou o Vasconcelos.

E o esquadrão dos rapazes, com a sua bandeira verde a flutuar alto, transpôs o vau e rompeu os de Calatrava, cinco vezes mais numerosos.

Foi um arranque soberbo! Estava travada na outra margem uma enfurecida luta.

Uma companhia de cavaleiros fidalgos destacou do quadrado em auxílio dos Namorados.

— Já lá vão os galos pimpões — comentava o Bernardo, agora muito menos jocoso — Nós cá seremos para abrir aquela pinha de castelães — disse, pondo um olhar turbado no formidável cerro da margem fronteira.

— Santiago y Castilla — clamavam da frente.

— Santiago y Castilla — bradavam da retaguarda.

— S. Jorge e Portugal! — gritou o Condestável, de pé nos estribos — Homens de Portugal, para diante! Álvaro Gonçalves — gritou para o novo Prior da Ordem do Hospital, que era o comandante da retaguarda — tende-vos contra esses daí e passai o mais cedo que puderdes.

E, a repetir o pregão de guerra, avançou para o vau com a vanguarda e os lados do quadrado. Um troço de besteiros tomou de carreira a outra margem, para cobrir a passagem da hoste.

Andavam já pelos ares os ruídos medonhos da batalha. Pregões de guerra, vozes de incitamento, insultos de desafio, vibrações estridentes de armas chocando-se, rumores cavos de galopadas. Tamanho ruído, que era impossível ouvir os gemidos dos agonizantes, a poucos passos dos que avançavam.

O quadrado ia investir o cerro. Na frente, a pé, de bandeira na mão esquerda, Nuno Álvares, com assombroso denodo, a sua alma de paladino e de crente a levar consigo aquele

punhado de fanáticos dessa religião humana que se chama o sentimento da Pátria.

— Birbones! Chamorros! — insultavam em cima dos socalcos os Castelhanos da peonagem.

— Ora os mariolas! — ainda pôde gracejar o Bernardo, fazendo das tripas coração — Somos nós que os temos tosquiado e são eles que nos chamam chamorros! Vamos lá então a trepar essa escadaria às marradas.

E nisto se lhe esgotou a veia cómica. Os da frente já tinham esbandalhado as fileiras inimigas do socalco.

Ali não havia retirada fácil para os nossos. Era ir para a frente, antes que os Castelhanos fechassem contra eles o seu círculo de ferro, entre aqueles montes graníticos a lembrarem muralhas e cubelos de uma cidadela de ciclopes e as duas margens do rio.

Foi uma investida leonina até lá acima. E quem primeiro lá chegou foi o Condestável com dois terços da vanguarda. A peonagem inimiga tresmalhava-se pelas veredas fora numa fuga desabalada. Era gente bisonha, lavradores e jornaleiros das comarcas carairiças.

Mas, em baixo, a retaguarda da hoste portuguesa estava sendo valentemente investida por toda a hoste do Barbuda e do conde de Niebla, e começava a fraquejar.

Na planura, os Namorados e os seus auxiliares vinham já recuando sobre o quadrado, com graves perdas, acabrunhados por aquela massa imponente de cavalaria, que era constituída, principalmente, pelos de Calatarva e de Santiago, as duas mais potentes Ordens de cavalaria que tinham as Espanhas.

Os rapazes batalhavam doidamente, gritando o mote da sua bandeira. Truncado, roto, o quadrado fazia prodígios, mas o tufão de ferro e sangue já tinha atirado com ele contra o primeiro socalco do cerro, que a vanguarda fora tomando aos lanços até ao cimo.

O Condestável veio de repelão para baixo. Percebia que o pregão de guerra dos seus começava a ter frouxidões de esmorecimento, embora de vez em quando, vibrasse alto, mas já num timbre de desespero, como num grito de raiva e de dor irremediável.

— Vá, homens de Portugal, aqui me tendes para lutar ao vosso lado! Assim, para lá com toda a nossa alma. Por Deus e pela nossa terra, que hemos de vencer!

E repartindo com eles a fé heroica da sua alma de crente e de patriota, na frente das primeiras filas, de lança em riste, os arrancou do sopé do monte em que se tinham apoiado, metendo-os contra o mar embravecido de homens, que ululava em volta daquele quadrado quase em pedaços, como se fosse uma nau semi-espedaçada a investir com as ondas revoltas que a houvessem atirado contra os fraguedos de um cabo!

E na frente, meio sumido entre a multidão emplumada e brilhante dos cavaleiros de Santiago e de Calatrava, o minúsculo esquadrão dos Namorados.

Mas afinal o próprio esquadrão veio cair sobre a pequena coluna, a recuar outra vez contra a barreira do socalco, a despeito do seu desesperado esforço. Três mil, não podiam aguentar, a peito descoberto, dez ou doze mil que acometiam agora com maior fúria, já na soberbia de se julgarem vencedores.

— Tende-vos! Um esforço mais, enquanto eu vou lá acima para trazer os mais — bradara o Condestável.

Subiu, mas à altura do segundo socalco, o virote disparado por um dos besteiros castelhanos, que tinham voltado da primeira debanda, feriu-lhe um pé. Não era ferimento grave, mas já não podia subir com a mesma presteza.

Ia a pequena distância do cabeço quando ouviu de cima este grito convulsivo de aviso:

— Mais castelhanos dando volta pelos montes!

Teve um confrangimento de alma. Compreendeu que tinha a batalha quase perdida.

— Meu Deus! Meu Deus! Não me desampareis agora!

Entregou a lança ao pajem que o seguira sempre e ladeou por entre os afloramentos da penedia.

Ajoelhou de mãos postas como o asceta mortificado no recato da sua gruta.

O pajem ficou pasmado. Seria possível que Nuno Álvares, o cavaleiro sem pavor, tivesse um assomo de medo naquela conjuntura de morte?!

Espreitou. Nuno Álvares beijava fervorosamente o medalhão-relicário, tomado em Aljubarrota da capela volante do rei de Castela.

Depois, olhos cravados no céu, orava. A fazer uma suprema súplica ou talvez uma dessas promessas que mudam e transfiguram a vida de um homem?

Entretanto, no alto do cerro e em baixo naquela espécie de esplanada por onde a cavalaria castelhana carregava em galopadas o quadrado já quase envolvido, os brados de desespero, de angustiado desespero para morrer, igualavam pela intensa vibração os pregões arrogantes de vitória da hoste de Castela.

— Aqui ninguém se entrega! Aqui ninguém se rende! — gritavam em baixo.

E ouvia-se o brado fremente do moto dos Namorados, repetido por três ou quatro dezenas de vozes, num timbre claro e agudo de gente jovem.

— Cavaleiros e peonagem dalém, por aquela chapada da serra! — clamou no cabeço do monte o esforçado Ruy Gonçalves.

— O Condestável?! O senhor Condestável?! Quem o viu? — perguntavam.

Ninguém sabia responder entre o milhar de oprimidos que guarnecia o viso do monte.

Mas em baixo a estranheza era imensamente maior e de mais intensa angústia.

— Ele que não volta é porque o mataram!

E outros, rouquejando:

— Isto agora é perdição para morrer aqui!

— Desfez-se Aljubarrota! — regougava um, a chorar de raiva.

E o boato de que o Condestável estava morto esvoaçou por cima daquele quadrado, que parecia irremediavelmente perdido, como se fosse uma ave negra de trágico vaticínio.

— Pois agora é morrer com ele! — gritou Ruy de Vasconcelos, embebendo na multidão inimiga as escassas fileiras dos Namorados.

Era pavoroso o estrado dos mortos em redor do quadrado e dentro! Os feridos ao desamparo escabujavam em charcos

de sangue, nuns gemidos lancinantes, oprimidos nos seus arcaboiços de ferro.

Ruy Gonçalves descera em busca do caudilho insubstituível e fora dar com ele no seu êxtase de asceta.

— Está tudo perdido! Vão encurralar-nos aqui — gritou-lhe, entre angustiado e surpreso.

— Aguardai um pouco... Amigo; a minha oração vai acabar... E a batalha se decidirá breve!

Sem bacinete, o arnês amolgado, o rosto a escorrer sangue, Gonçalo de Castel-Vide subia em procura do chefe.

Foi dar com Nuno Álvares ainda de joelhos.

— Perdemo-nos todos! E vós rezais, Condestável! — gritou-lhe sem se poder conter — Faltam lá em baixo a vossa alma e a vossa lança!

— Está feita a promessa — volveu-lhe Nuno Álvares serenamente, acordando daquele arroubamento de iluminado ainda num pasmo de assombro a expressão dos seus olhos azuis de sonhador — O milagre se fará! Vamos acabar a batalha.

Ergueu-se de salto aquela singular figura de herói, de visionário, de crente.

— Ruy Gonçalves, vinde, e vós também, Gonçalo de Castel-Vide.

Tomara a lança das mãos do pajem.

— Mas dalém, das lombas da montanha, vem uma multidão de inimigos, e quis-me parecer que vinham também cavaleiros de Santiago, para nos encerrarem aqui! — avisou o Gonçalves.

— Pois ide para cima e tende lá mão neles, enquanto eu não volto para ser convosco.

* * *

Entretanto, em baixo, cada vez mais espedaçado e mais oprimido, o quadrado combatia já à sobreposse e os Namorados tinham recuado outra vez.

— Estamos perdidos! — gritou numa ânsia de dor um dos da peonagem, caindo com um virote cravado no rosto.

O quadrado agitou-se convulsivamente como se aquele grito de um só fosse a expressão de todas as suas almas.

Ofegante, quase extenuado na frente dos seus, Ruy de Vasconcelos disse baixo para o Magriço:

— Faz-se aqui o eclipse daquele sol de Aljubarrota, que foi de pouca dura!

Parecia que estas palavras, quase segredadas, vinham a escorrer lágrimas.

— Minha pobre Madalena — pensou, amargurado — Agora para nunca mais!

E logo alto, rouquejando:

— Namorados! Para outra arrancada, a acabar!

— Pela nossa terra! — bradaram.

— O voto é morrer! — disse no seu vozeirão o Magriço, alteando mais a bandeira verde, já muito esburacada pelos virotes.

Punham as lanças em riste e iam largar as rédeas aos cavalos, quando uma voz de singular estridência, que penetrou por entre todos os ruídos da batalha, vibrando da

meia encosta do cerro como se fosse um clarim prodigioso a dar o sinal de alguma arrancada vitoriosa:

— S. Jorge e Portugal!

E logo três milhares de vozes de gente que reconheceu aquela ou sentiu e adivinhou no coração, bradaram comovidamente:

— O Condestável! O Condestável!

— Então agora ninguém parte sem ele! — rouquejou o Vasconcelos.

E os gritos de jubilosa surpresa pareciam soluçados como em lances supremos as grandes alegrias soluçam e choram. Não tinha morrido. E que houvesse tido medo nem os moribundos do quadrado, já numa compreensão nublosa da vida, seriam capazes de o supor.

— Homens de Portugal! Aqui me tendes! — clamou, todo ele radiando fé como se fosse o paladino de alguma lenda miraculosa.

Montou a cavalo e volteou no ar a bandeira devota dos Atoleiros e de Aljubarrota.

E a sua alma de herói abraçou-se naquele instante em todas as almas, acendeu uma intensa esperança de vitória em todos os corações, dentro daquele quadrado que se enrodilhava já roto.

— Homens, segui-me! Cada um para cinco! Para vencerdes ou acabardes comigo!

Na sugestão épica destas palavras, um frémito de entusiasmo a sacudir-lhe os nervos, a coluna mutilada foi atrás dele num arranque leonino.

Nuno Álvares na frente, com toda a fé sonhadora da sua alma e todo o arrojo de assombro da sua juventude heroica, abriu clareiras a golpes daquela formidável lança, que ele próprio talvez supunha miraculosa.

Foi uma soberba investida!

— S. Jorge e Portugal!

— El Condestable Nuno Alvarez! — gritou alguém do exército inimigo.

Houve então um reboliço de estonteadora surpresa do lado de lá, porque também entre os Castelhanos se havia

espalhado que o Condestável de Portugal tinha caído morto.

E como se tivesse uma nova alma, a peonagem portuguesa arremetia com admirável bravura contra as massas cerradas dos peões de Sevilha, de Córdoba, de Jaen e da Mancha de Aragão, como diz Fernão Lopes.

Era gente noviça aquela da hoste castelhana, em grande parte inexperiente, homens arrebanhados das cidades, dos campos, das montanhas para aquela campanha de defesa e desforço. Atrás dos bandos dos besteiros e da cavalaria fidalga, já a ceder terreno, apavorou-os a fúria daquela avançada dos chamorros, com que não contavam, porque a vitória lhes parecia segura, e para a frente os caudilhos e os cavaleiros monges a tinham proclamado em altas vozes.

E assim, o ímpeto da investida, a surpresa dela, tanto maior quanto era já convencimento geral que a batalha estava ganha e o fragor medonho da luta contra os esquadrões a esbandalharem-se, encheram de enorme terror toda aquela gente de frouxa conceção, pondo-lhe nos ouvidos, como se fosse um dobre trágico de sinos colossais, o nome fatídico

de Aljubarrota. Tresmalharam-se então numa fuga doida por aquelas planuras fora.

Os de Calatrava e Santiago enovelavam-se, já quase esmorecidos, florestas de lanças que um tufão desarreigava, arremessando-as para longe, amontoadas.

Um cavaleiro de Santiago tinha ido à desfilada chamar as forças que tinham rodeado o monte para ir atacar de espalda a hoste portuguesa.

O Mestre de Santiago, D. Pedro Moniz, chefe supremo da hoste, acudiu num desespero a segurar os cavaleiros em debandada, expondo-se intrepidamente.

Mas um dos nossos deu-lhe uma lançada no cavalo, que foi abaixo, ferido de morte. E logo outro cavaleiro português o matou, abrindo-lhe o bacinete e o crânio com a acha de armas.

— Mestre de Santiago! Morres pela vara que mandaste!

Foi Ruy de Vasconcelos quem o derribou. A adia de Vasco Eanes completou o feito.

Ia para fugir o escudeiro que trazia o estandarte de D. Pedro Moniz, mas o Vasconcelos atirou o cavalo para ele em dois saltos e cravou-lhe a lança de ilharga, abaixo da cintura, onde não havia peça de armadura que o defendesse. O homem abriu os braços, retesou-se nos estribos e foi a terra.

O Vasconcelos tomou-lhe o estandarte que ele largara das mãos.

— Namorados! — gritou — Aqui está alguma coisa que vale muito mais do que o molho de varas do desafio.

Vozes da gente castelhana clamaram alto que o Mestre de Santiago estava morto.

Deu então o desalento em terror pânico.

Debalde o Barbuda, Português parcial da rainha de Castela, e o Guzman, conde de Niebla, quiseram ter mão na sua gente. Ninguém queria já combater e todos procuravam fugir, antes que a noite chegasse, porque o sol estava a sumir-se. Por aquela hora tinha começado a chacina medonha de 14 de Agosto.

Vinha de todos os lados um rumor alto de vozes apavoradas e o ruído de um tropel vertiginoso de milhares de cavalos.

— Outro pôr do sob como o de Aljubarrota! — disse Ruy de Vasconcelos para o Magriço.

— Pois cheguei a supor que estaríamos vencidos e mortos antes que ele se sumisse! — respondeu-lhe Álvaro Coutinho.

E mal podiam eles adivinhar que o crepúsculo daquela tarde de Outubro era outro radioso amanhecer para a grande História do seu País.

* * *

O Condestável mandou que os cavaleiros deitassem à desfilada sobre os fugitivos. Foram todos. Na planura e no monte só ficou a massa principal da peonagem. Em frente, por cima das chaminés da aldeia de Valverde de Mérida uns farrapos de fumo ascendiam lentamente nos ares.

E subiam do campo, numa dolorida orquestração, os gritos de pavor dos feridos ao desamparo.

— Ora graças às cabaças! — dizia o Bernardo Pingueiro, já volvido à sua tineta humorística — Nunca vi a morte tanto na minha vizinhança, e estive por um triz a perder o meu bacinete que foi do Sire do Bearne, que Deus haja! Em Aljubarrota tomei dois odres, mas olhai que há duas horas estive muito desconfiado que desta vez eram os castelões que me tomavam esta rica pele...

— Para fazer pandeiros ou tambores! — gracejou outro.

— Qual! Para dois odres em escambo dos outros. E estes, em boa hora o diga, iam já bem curtidos e bem tomados do sarro.

* * *

Começava a escurecer. Do lado de Valverde chegaram dois cavaleiros a toda a brida. Um de traje estranho: gorro desbotado com uma velha pluma e uma capa esfiampada. O

outro, um escudeiro, vestia armadura. Reteve-os uma quadrilha de besteiros, que guardava a distância o arraial da peonagem.

— Quem vive? — perguntaram-lhe de bestas armadas.

— O glorioso Condestável de Portugal — respondeu-lhe o que trazia armadura.

O escudeiro ofegava e tinha no rosto a expressão de homem oprimido de receio. O outro, profundamente perturbado, relanceava olhares para o campo onde a verdadeira claridade crepuscular apenas deixava entrever, como através de neblinas, os destroços enormes da batalha.

— Quem sois então que desse lado vindes?!

— Eu sou escudeiro do senhor Ruy de Vasconcelos, da Ala dos Namorados. Em Elvas estive por mandado seu e aqui venho com este troveiro de Provença, que traz recado de urgência para o meu amo e senhor.

— Pois podeis passar e esperar.

— Foi então além a batalha! — disse o Provençal no seu português afrancesado.

— Isso já eu tinha percebido — volveu-lhe o escudeiro.

E logo para o chefe dos besteiros:

— Dizei-me como foi a batalha.

— A pior batalha, e assim vos posso dizer, pois estive nos Atoleiros e em Aljubarrota. Chegámos a estar perdidos; mas enfim, quis Deus que vencêssemos, e os nossos cavaleiros lá foram em perseguição dos fugitivos.

— Deus louvado! — exclamou o escudeiro resfolegando jubilosamente — Há dois dias nos partimos de Elvas a mata-cavalos, metendo por atalhos para chegar mais depressa — contou — Em Eivas, por um recado do meu amo, levado por outro escudeiro, soube eu que a hoste ficara num lugar chamado Magacela. Para lá deitámos, pedindo informações pelo caminho no fingimento de sermos mensageiros de uma hoste de cavaleiros gascões que íamos para desafiar o Condestável. Em Magacela nos ensinaram o caminho para Mérida, onde chegámos ao fim da tarde com os cavalos sem já se poderem ter em pé. Lá comprámos outros e de lá fomos para aquela povoação.

Indicou Valverde.

— Mas a menos de uma légua daqui começámos a ouvir um ruído grande e uma estropeada de cavalos.

— Eram os castelões que fugiam. Mas ali em Valverde vos podiam dar notícia da batalha, pois de lá a viam e sentiam.

— Não deram. Estavam todos os moradores encerrados nas suas casas e pareciam receosos de nós. Apenas um velho, mais afoito, nos disse da janela: Aí para diante foi a batalha; ide lá vê-la.

O escudeiro fez uma pausa e logo perguntou:

— Dizei-me se dos Namorados morreram alguns.

— Ouvi que tinham morrido bastantes. Eles também iam à doida contra a soberba cavalaria dos freires de Santiago e de Calatrava!...

— E do meu amo e senhor, Ruy de Vasconcelos, nada sabeis? Conhecei-lo?

— Ora se conheço! Mas só o vi quando foi da primeira arrancada contra os de Castela.

— Valha-me Deus! — disse, voltando-se para o trovador.

Marival percebeu-lhe o receio e confrangeu-se. O escudeiro disse então ao chefe dos besteiros:

— Pois se deixais, iremos indo lá para diante a ver se alguém me sabe dar mais alguma notícia dele.

— Se não morreu, ou não ficou ferido, então certo foi com os outros em perseguição dos de Castela. Mas ide, podeis ir.

* * *

Passava já das oito da noite quando o Condestável regressou com os seus cavaleiros. Tinham perseguido o inimigo até légua e meia do campo de batalha O. Estavam cansados daquela tarde tormentosa, e ainda mais extenuados pela opressão moral do que pela braveza da luta. As duas horas que se passaram entre a tomada do monte e o desfecho da batalha, tinham sido de enorme mortificação moral, principalmente para o Condestável.

Ali se poderia perder completamente a tarefa de Aljubarrota e com ela a Pátria, se aquela batalha se perdesse.

Estava já armada a tenda do Condestável. De brandões acesos, os seus pajens esperavam-no.

Tinham-se apeado todos os fidalgos e vieram em comitiva acompanhá-lo por entre profundas ala de peonagem em aclamações frenéticas ao herói.

Dezenas de archotes punham clarões vermelhos sobre aquele campo onde talvez mais de três mil batalhadores dormiam o sono interminável da morte.

Em frente sua tenda, Nuno Álvares Pereira recebia as saudações dos nobres cavaleiros.

— Senhor Condestável! — disse-lhe Ruy de Vasconcelos — Esta não foi como a outra batalha e reis; porém não valeu menos. Não vos podemos trazer uma bandeira real como a que se tomou em Aljubarrota mas aqui vos trago, em nome dos que ainda restam da Ala dos Namorados, este estandarte do Mestre de Santiago o chefe e caudilho maior da hoste que vencestes.

E deitou-lho aos pés.

— Que nós vencemos e os Namorados na dianteira de todos volveu-lhe D. Nuno comovidamente.

* * *

Uns instantes depois, o Provençal abraçou Ruy de Vasconcelos felicitando-o calorosamente.

Apartaram-se os dois para um recanto do arraial.

— E o meu tio Mendo? — perguntou-lhe.

— Em Tordesilhas o deixei perfeitamente bem e com hospedagem no próprio mosteiro das monjas.

— E D. Madalena de Mendonça?

— Excelente e já prevenida.

— E a tudo disposta?

— Num alvoroço, que só com sacrifício consegue disfarçar.

— Está lá também a que foi rainha?

— Também, mas vosso tio Mendo guardará a encantadora noiva.

— Parece-vos então...

— Que podemos ir lá buscá-la, mas oxalá que não seja certo...

— O quê?

— O boato de que a rainha D. Beatriz lá tornaria de visita ao mosteiro. Será um estorvo grande; porém não vos inquieteis, que já para esse caso estamos prevenidos, vosso tio e eu. E agora deixai que outra vez vos abrace e dê parabéns por aquela angélica noiva que tendes e mereceis.

— Com o maior prazer da minha alma vos agradeço! — disse calorosamente, abrindo-lhe os braços — Trazeis-me boas e consoladoras notícias neste dia glorioso que eu não hei de esquecer nunca! Nunca!

Abraçaram-se fervorosamente.

— Vistes então Madalena?

— Por duas vezes. Uma noiva de sonho! Razão tiveram os Namorados para a eleger rainha das belas.

— E desses que a elegeram, quantos que nunca mais a podem ver?! — disse tristemente.

Uma hora depois dormiam todos no arraial, menos as sentinelas.

Tinham acendido fogueiras, porque a noite esfriara muito.

E a poucos passos dos que ainda podiam sonhar, os outros de Castela e Portugal que já não tinham visto amanhecer, vencidos e vencedores que a morte ali deixara deitados numa tranquilidade de neutros.

Havia de ter sido cheia de sonhos encantadores aquela noite para o mais brilhante campeador dos Namorados naquela batalha de Valverde.

CAPÍTULO IV

PARA TORDESILHAS

Logo ao romper da manhã o Provençal voltou a conversar com Ruy de Vasconcelos acerca da planeada expedição a Tordesilhas.

Conversa confidencial, muito recatada de ouvidos indiscretos.

— Pareceu-vos então que era possível entrar no mosteiro e tirá-la de lá sem grandes violências e algum ruidoso desacato?

— Assim nos pareceu, ao vosso tio e a mim. Estando ele lá dentro como está, muito poderá ajudar a empresa.

— Meu tio conheceu muito D. Leonor Teles, e creio que foi um dos mais favorecidos requestadores que ela teve antes de casar com aquele João Lourenço da Cunha, de quem já vos falei.

O Provençal sorriu maliciosamente.

— Si, el de los cuernitos de oro — disse no seu castelhano, que nos abstemos de traduzir.

— Depois, por uma traição de malvadez que deu num lance de morte, meu tio ficou odiando profundamente essa mulher perversa, que foi rainha de Portugal por vergonha nossa. O meu tio atribuiu-lhe a ideia infernal daquela traição e, provavelmente, se não enganou, porque de tudo ela era capaz. Receio agora que Leonor Teles reconheça meu tio e o denuncie, ou que ele, nalgum arrebatamento do seu ódio sem tréguas, se lhe dê a conhecer violentamente. Foi imensamente desgraçado, sofreu muito e dela proveio, sem dúvida, todo o seu infortúnio de sangue, de remorso, de lágrimas. A mim me prometeu que se não daria a conhecer; mas em qualquer assomo de cólera ou por qualquer circunstância, com que nem ele nem eu podíamos contar, se pode esquecer da promessa.

— Creio que tal não sucederá. D. Leonor Teles está muito afastada na sua cela, muito metida consigo, segundo lhe ouvi a de, a propósito da vossa noiva. Parece que só uma vez a viu de relance, durante os dois dias que eu lá me demorei.

— Pois oxalá que assim seja. Agora dizei-me: Partindo da raia de Eivas, por exemplo, em cavalos de bom sangue e com outros de reserva para substituir os estropeados, sem delongas e só com o indispensável repouso, quantos dias vos parece que levaremos a lá chegar?

— Desse modo — respondeu lentamente — quer-me parecer... Que em nove ou dez dias estaremos lá. De Estremoz para Tordesilhas gastámos doze dias, mas tivemos de fazer muitos rodeios; eu para Elvas gastei treze, mas vinha um pouco a Deus e à ventura.

— Está bem. Subiremos para o Norte, seguindo pela fronteira de Portugal e meteremos por Miranda do Douro para lá. Não ouvistes dizer se a corte estava em Valhadolid?

— Ouvi que estava. Parece que o rei, sempre de luto por causa de Aljubarrota, convocou as cortes da nação para lá se reunirem, e dizia-se que era para dar conta do desastre e mandar que o luto fosse geral.

— Pois agora já tem outro desastre a contar e maior luto por ele. Não foi batalha real, nem será nunca de tanta fama como a outra; porém, o desbarato foi completo. Mas

acresce o risco da empresa com essa impertinente vizinhança da corte! Enfim, seja como for. Dizei-me: em Tordesilhas há muita gente de armas de el-rei? Precisamos de contar com ela.

— Tem lá boa gente de armas. Em certa taberna, aonde eu fui colher informações, encontrei muitos homens de uma companhia de ginetes e outros de uma quadrilha de besteiros. Com as minhas astuciosas curiosidades de estrangeiro peregrino e graças ao agrado que lhes causou a minha condição de trovador errante, logrei saber que a companhia de ginetes teria noventa homens, e de besteiros e outra peonagem regular haveria não menos de duzentos.

— Percebo. Estão de guarda a Leonor Teles, não vá ela fugir de lá para conspirar outra vez contra o genro. Cerca de trezentos homens com que é preciso contar.

— E quantos supondes que podereis levar dos vossos Namorados?

— Ontem morreram e ficaram feridos vinte e dois. Da ala restam aqui trinta e um válidos, contando comigo. Se todos quisessem ir... Não tenho o direito de contar com

todos, mas irei sem me importar o número dos que vão comigo. É coisa de que eu não desisto. Iria sozinho para lá ficar.

— Tal não será preciso. E mais se há de fazer por astúcia do que à viva força. A vila tem boas muralhas. Mas com os trinta o cometimento seria seguro. Por alta hora da noite, doze ou quinze bastariam para vigiar os casarões onde dormem os da companhia dos ginetes, dez para rebater a peonagem que aparecesse, cinco para guardar o mosteiro e fazer-vos costas, quando houverdes de ir com a vossa noiva. Os casarões onde se aquartelam os dos ginetes ficam muito nas vizinhanças do mosteiro e por isso não seria necessário que os vossos ficassem muito espalhados. E depois, dado que tudo se descobrisse e houvesse alarme, tal é a vossa fama de Aljubarrota, que bastaria um de vós bradar que éreis a Ala dos Namorados para que o espanto vos abrisse caminho a todos, antes que chegassem os homens de armas de Valhadolid, que fica a umas cinco léguas. Eu bem ouvi as coisas extraordinárias que a respeito da vossa ala contava lá a soldadesca. Coisas de maravilha, que pareciam tiradas dos romances de cavalaria de outros tempos! Diziam-nas

com rancor, por entre insultos de farronca, mas o caso era que as diziam assim como se estivessem falando de um caso, não de há dois meses, mas de há dois séculos! Imaginai agora que os da companhia dos ginetes estiveram na batalha de Agosto e suponde o assombro com que eles não ouviriam de surpresa, já tão dentro de Castela, o pregão de guerra da Ala dos Namorados! E, muito mais ainda, se lá souberem então deste desbarato aqui, dentro das próprias terras de Castela.

— Grande favor vos devo e assinalado serviço o vosso!

— Nem vale a pena falar em tal. Vede agora se ides combinar as coisas com os vossos companheiros.

— É cedo ainda, e bem me pesa que o seja! Sei que o Condestável está no intento de voltar já a Portugal, seguindo para Eivas. Quando lá chegarmos, daqui a uns dias, falarei então aos meus companheiros e irei pedir licença a D. Nuno para nos metermos a caminho.

— Aí tendes o que a mim me parece de maior dificuldade.

— O quê?

— A permissão do Condestável.

— Servimo-lo dedicadamente nesta sua aventura, nós os da Ala; trata-se de uma empresa que não é de desdouro. Creio bem que nos não negará licença para um apartamento, que poderá durar vinte e tantos a trinta dias. Eu por mim me julgo no direito de lha pedir.

— Mas só vinte e tantos dias! Isso é apenas tempo para chegar e voltar. E o vosso noivado?

— Em qualquer igrejazita aldeã, por essa raia de Portugal, se fará o casamento. Ah!... De uma coisa me esqueci... Dizei-me: sabeis se Madalena anda de luto?

— Uma vez as vi juntas na véspera de sair de lá, vossa dama e a mãe, e não trajavam de dó.

— Então certamente não sabem ainda que Gil Vasques foi morto.

— Disse-me vosso tio que D. Madalena estava na suposição de que o pai houvesse ficado prisioneiro, como sucedeu ao chanceler-mor do reino e a mais alguns fidalgos de Castela.

— Tinha pedido ao meu tio que, por enquanto, lhe não contasse o que sucedera.

— A mim me disse ele que não a quisera dissuadir daquela suposição.

— Ainda bem.

Decara da tenda do Condestável, os trombetas da hoste tocaram para entrar em alardo. Ruy teve de afastar-se de Marival.

* * *

Não eram ainda 6 horas daquela manhã de 17 de Outubro. Nuno Álvares determinara que a hoste se pusesse em marcha depois das 9. Antes se iriam sepultar os cavaleiros portugueses de mais preclara origem. Uns covões para todos os que não eram do esquadrão dos Namorados. Os destes foram enterrados à parte pelos seus próprios companheiros.

Ainda não eram 9 horas e já a hoste ia em marcha. Parou a duas léguas de Mérida, desceu ao longo do Guadiana para a fronteira portuguesa e a 20 estava em Eivas, concluída aquela campanha de dezoito dias em que Valverde foi o corolário de Aljubarrota, conforme o dizer do general Ximenez de Sandoval.

— Agora é que é ocasião de falar na empresa aos meus companheiros — disse Ruy para o Provençal — Depois irei fazer o pedido ao Condestável.

* * *

Um dos Namorados era de Eivas, de família fidalga e abastada. Convidou os companheiros para seus hóspedes.

— Há pouco mais de dois meses — disse-lhe singelamente, com uma certa tristeza de saudade — podíamos encher o terreiro dos paços reais de Apar S. Martinho; agora cabemos todos nesta casa! Pouco à larga, bem o sei, mas estais aqui como se a vossa fosse e nós todos como irmãos.

Ruy quis primeiro consultar o Magriço antes de falar aos outros. Tinham ficado aos quatro e cinco em cada compartimento e na sala maior, mudada em camarata, se alojaram catorze.

No aposento do Vasconcelos estavam mais três, aqueles com quem tinha maior intimidade. Assim que dois deles saíram, Ruy chamou o Magriço e expôs-lhe o seu plano.

— Oh, isso então é negócio arrumado — disse-lhe entusiasticamente — Já uma vez o dissemos e prometemos; aqui não há quem volte com a palavra atrás.

— Pois sim, mas é dever que eu lealmente lhes exponha os riscos em que os vou meter.

— Isso é ofendê-los, sejam quais forem; prometemos, vamos.

— Mas, ao menos, quero eu fazer-lhes o pedido.

— Também é escusado. Promessas de homens de honra não se cumprem a pedido; cumprem-se por dever. Para lhes dizer que temos de ir, porque vós quereis que vamos, basta eu. Ide vós aproveitar o tempo fazendo o pedido ao Condestável.

— Preferia ir fazer-lho depois. Alguns poderá haver que não possam partir e tenham de ficar, embora muito contra sua vontade.

— Pois que assim o quereis, assim se fará. Mas olhai que podeis ir afoitamente dizer a Nuno Álvares que todo o resto da ala quer ir convosco. Mas seja como é vossa vontade. Esperai. Eu voltarei depressa.

Saiu e a todos os foi chamando para a sala grande que servia de camarata. Mal os viu reunidos, fechou a porta por dentro e falou-lhes.

— Sabei que chegou a ocasião de ir buscar a nossa rainha das belas, aclamada pelos primeiros Namorados. Já uma vez, não há muito tempo, se prometeu que iríamos buscá-la à sua reclusão de Tordesilhas, quando fosse preciso e o seu prometido noivo, Ruy de Vasconcelos, o quisesse. É preciso agora, sem delongas, ir tirá-la do mosteiro.

— A nossa carruagem está sempre prestes a ir — disse Vasco Eanes, sorrindo — e no meio quarto de hora veste armas um Namorado, pula para cima de um cavalo e larga

à desfilada. Se chegou a ocasião de ir buscar a nossa rainha, ã que pelas suas mãos bordou a nossa bandeira, já toda esburacada dos virotes e dardos de Castela e um tudo nada comida da cor pelo sol de Aljubarrota e por aquele de Valverde, de menos ardor que o outro, mas não menos claro; vamos lá e traremos a noiva do mais esforçado e ilustre cavaleiro da ala.

— Está bem — disse o Magriço numa grande expressão de júbilo — Sabe-se que em Tordesilhas não haverá menos de trezentos homens de cavalaria e de peonagem.

— Melhor — acudiu o Vasco Eanes.

— Vamos todos; chegamos bem — disse outro.

— Todos! — repetiram os que ainda se não tinham manifestado.

— Pois grande prazer me dais falando assim — disse o Magriço — Era o que eu esperava e foi o que há instantes afirmei a Ruy de Vasconcelos. Temos agora uma coisa que é só para nós e ficará sendo segredo para o próprio Vasconcelos. Onde quer que a rainha se casar, serão padrinhos dois dos nossos à sorte, tocará por madrinha da

noiva a nossa esfarrapada bandeira que ainda lá tem a imagem peregrina da nossa Senhora e tornaremos a aclamar a rainha mesmo nas barbas dos Castelhanos.

— Pois assim será — apoiou entusiasticamente Vasco Eanes.

— Está dito e é como se fosse jurado! — disse o de Eivas.

— E não se convidam os Castelhanos para a festa da boda — gracejou outro — por sabermos que estão de luto pesado.

— E a minha pena — acudiu o Lobeira — nem vós sonhais o que é!

— Dizei, que talvez se lhe dê remédio.

— É que não seja tempo da madressilva em flor. Se fosse, levaríamos uns punhados delas da nossa terra portuguesa para lá coroarmos a rainha.

— Era lindo, era.

— A madressilva quer dizer constância para sempre e foi a flor que ela bordou na bandeira dos Namorados —

relembrou o Lobeira.

— Está, pois, resolvido — concluiu o Magriço — Vamos todos?

— Todos — responderam.

— Ruy queria vir fazer-vos o pedido; fui eu quem não consentiu que ele viesse. As nossas promessas cumprem-se sem ser preciso que nos venham pedir o seu cumprimento, em guisa de favor.

— Assim é! Assim há de ser! — confirmaram todos em plena unanimidade.

— Ficai então precavidos. Ao primeiro aviso, abafamos.

— Ainda que seja para as ilhas encantadas do Mar da Noite (*) ou para o cabo do Mundo — disse o Lobeira, sorrindo.

[(*) Mar da Noite, ou Mar das Trevas, era a designação lendária dada pelos Árabes ao Atlântico para além do Cabo Bojador, que outra lei dava como limite do mar navegável.]

— Ou para ir tomar Ceuta ao Mouro escuro de Marrocos — acudiu outro de gracejo.

— Está bem — disse o Magriço, pondo ponto aos devaneios — Vou confirmar a Ruy de Vasconcelos o que há pouco lhe afiancei, e ele que vá então pedir ao Condestável a permissão para nos metermos a caminho. E que lha peça em nome de nós todos.

— De todos! — repetiram.

— Agora reparai. Importa ao bom sucedimento da empresa que se guarde segredo a respeito do nosso intento. Segredo seja para quem for.

— Guarda-se — afirmaram.

— E diremos que vamos à Beira com encargo de confidência, por mandado do Condestável.

Concordaram todos e o Magriço saiu.

— Em se sabendo ao certo quando partimos, mando logo arranjar farnéis para nós todos — disse o de Eivas, hospedeiro dos trinta.

Entretanto o Magriço dizia a Ruy de Vasconcelos:

— O resto da ala vai. Podeis ir fazer o pedido para vós e em nome de todos.

* * *

Ruy entrou para os aposentos do Condestável, em casa do alcaide de Eivas, onde ficara hospedado.

Pedira o Vasconcelos para falar em particular a Nuno Álvares e o insigne batalhador afetuosamente o mandou entrar para a sua própria câmara de dormir.

Ruy expôs-lhe o projeto, depois de lhe indicar os antecedentes dos seus amores com Madalena de Mendonça.

O Condestável refletia e foi respondendo lentamente:

— É empresa de grande risco, porém não está acima do esforço de que haveis dado provas. Ponde, porém, cautelas ao vosso arrojo, senão por vós mesmos, pela Nação, à qual podem fazer falta trinta e um cavaleiros dos melhores de Portugal. A guerra não se acabou. Vai continuar. Aqui me

esperava uma carta de El-rei, dizendo-me que fosse depressa juntar-me com ele para irmos tomar Chaves e outras vilas fortes do Norte, que ainda têm voz por Castela. Tomo sobre mim pesadas responsabilidades!

— Se esta aventura for de mau desfecho, senhor D. Nuno, algum dos nossos dirá que fostes enganado pelas nossas promessas.

— Não! Não! Toda a verdade ,se dirá, se for preciso dizê-la. E eu primeiro que ninguém. Preciso de uma promessa vossa.

— Senhor, mandai.

— Que pela vossa honra vos oporeis a qualquer desacato de escândalo ou de violência no mosteiro.

— Senhor Condestável, pela minha honra e por todos os da ala vos afirmo que nenhum escândalo nem desacato se fará no mosteiro, nem haverá violências que não sejam em defesa própria ou da minha noiva.

— Está bem. Qual demora esperais ter?

— Queremos ver se em vinte e tantos dias aqui estamos de volta.

— Para aqui não será, que talvez a esse tempo já eu esteja para o Norte.

— Deixai aviso e iremos para onde vós mandardes.

— Bem está assim. Tomarei perante El-rei a responsabilidade da licença que vos dou. Tão grande e denodado esforço foi o de vós todos em Aljubarrota e agora comigo em Valverde não sei se ainda maior, e vós, Ruy de Vasconcelos, tão distintamente entre os vossos, que muito mereceis esta licença de exceção e pelo vosso honesto intento vo-la concedo.

— Senhor Condestável, dais-me nesta licença o galardão maior que podia merecer-vos! — disse-lhe numa grata comoção — Tenho sido até agora o mais fervoroso dos vossos admiradores, porque sois para mim a maior alma de herói que tem Portugal. Agora ficarei sendo dos vossos amigos para a vida e para a morte, e daqueles que maior favor vos deve.

— E por amigo vos quero e pelo vosso admirador me podeis contar. Quando vos convém sair?

— Na madrugada de amanhã.

— Longa marcha tereis.

— Daqui até ao Douro, por cercanias de Miranda, marcharemos de dia e de noite. É o estirão maior. De lá para Tordesilhas caminharemos de noite para não fazer escusado alarme e maior demora hemos de ter por ir com dobradas cautelas.

— Tendes divulgado por aí essa vossa empresa?

— Só há pouco a souberam os meus companheiros e todos prometeram guardar segredo a respeito do cometimento.

— Mas com que fim direis que vos afastais da hoste?

— Diremos que vamos à Beira com encargo vosso de confidência, se este disfarce nos autorizais.

— Sim, autorizo. Podeis até dar a entender que é por encargo de guerra. Deus vos perdoará a falsidade de honrada intenção. Pois ide, e que sejais bem sucedidos.

— Por mim e por todos muito do coração vos agradeço a concessão e as boas e generosas palavras. Deixai agora que vos faça outro pedido, que já me ia esquecendo, e este é só por mim.

— Dizei.

— Que me concedais os dias que cheguem para ir a Lisboa levar a minha noiva e deixá-la em casa da minha mãe.

— Sim; está concedido. E para tal vos dou a mais outros vinte dias.

— Insigne favor, senhor Condestável! — disse, radiante de júbilo.

Despediu-se. Nuno Álvares abraçou-o como se fosse um irmão seu.

* * *

Saiu num agitação febril. Parecia-lhe que os minutos eram longos como os dias grandes de Maio.

Os rapazes esperavam-no. Deu-lhes a nova da licença a todos eles reunidos na sala grande, à porta fechada, e abraçou-os um por um enternecidamente.

— A hora? — perguntou o de Eivas.

— Ao nascer da lua.

— Que foi sempre boa madrinha de namorados.

— Estou a adivinhar o que mais vos pesa agora, ditoso noivo — disse-lhe o Magriço.

— O quê?

— Que Deus não tivesse dado asas de pomba à Ala dos Namorados, para deitarmos todos daqui num voo até Tordesilhas.

Riram do gracejo numa consoladora despreocupação daqueles cabecinhas de vento, como havia mais de um ano lhes chamara o Mestre de Avis. Mas também cabecinhas épicas, às quais Portugal devia uma parte do esforço que o salvara, glorificando-o.

Ruy saiu com o Magriço para irem falar ao trovador provençal dando-lhe conta do que estava resolvido.

* * *

— Meus amigos, quando chegará para nós a vez de também sermos noivos? — disse o Lobeira, sorrindo.

— Sim, quando chegará? — acudiu outro dos mais novos — Com este noivado que vamos ajudar, ficai sabendo que já não terei noite que não seja de sonhos com a minha dama de cabelos e olhos negros!

— E eu até vou já sonhando acordado — volveu-lhe o Lobeira — A minha tem olhos verdes da cor da nossa bandeira. Desafio Castela, as duas Castelas, Leão e Navarra e mais as Astúrias e a Galiza...

— Não vos esqueça a Gasconha e o Bearne — galhofou outro dos mais jovens.

— E os pimpões de França também, a que me deem notícias de outros olhos verdes assim lindos como os dela.

— Olhem os galitos da ala erguendo a crista e a quererem bater asas para cantar, como se fossem galos

feitos! — escarneceu um que tinha apenas vinte e quatro anos.

— Ora vejam o galarão antigo! — troçou o Lobeira.

— Para cantar alto e arrastar a asa — replicou — já não é brincadeira ter mais quatro ou seis anos.

— Para assar no forno é que faz grande diferença — retorquiu o Lobeira — Ficam durázios.

— Pois aqui está quem é o mais jovem da roda — dezasseis anos para os Santos — e já lhe tarda o noivado com a sua dama de quinze, que já lhe ficou na rua Nova de Lisboa.

Riram e dispararam-lhe alusões de brinquedo à verdura dos anos.

— Ficai sabendo que o pedaço de tolo do meu coração, a pensar que a noiva é para ele, até me está bailando no peito!

— Então avisai-o do engano, não vá ele fugir-vos para a rua Nova.

— Ai, mas isto de ficar sempre namorado, a ver casar os outros, há de ter fim!

— Os que restarem da ala têm de acabar casados.

— Certamente. E a ala desfaz-se. Não se há de pôr na bandeira o Conjugo vóbis do matrimónio, nem seria honesto chamar Ala dos Namorados a uma ala de casados.

— Seria para as donzelas uma ala desasada.

— Eu cá, pelo meu voto, sou porque a ala se disperse na volta e vá cada um furtar a sua noiva.

— Eh! Doidinho-mor!

— E quem não tiver noiva certa, que traga de Tordesilhas uma noviça bonitinha e de boa família. As noviças podem casar e a mim de Castela só me desagradam os Castelhanos.

Entrou o Magriço.

— Ui! Que fazeis mais ruído que um bando de gralhas a adivinhar temporal.

— Noivado, noivado é que nós estamos a adivinhar.

— E o vosso, Álvaro Coutinho? — perguntou-lhe o Lobeira para o ouvir — O vosso quando será?

— Quando não sei eu, mas com quem já vos posso dizer.

— Pois vamos a ouvir.

— Dizei.

— Com a mais feia ilhoa que tiver a Inglaterra. É da minha sina.

Vibraram risos de galhofa.

— Mas quebrai a sina! — lembrou o Lobeira.

— Dizeis bem. Talvez a vá quebrar agora, se D. Leonor Teles tiver consigo alguma aia solteirona e menos feia do que eu, que pretenda voltar a Portugal com um marido para lavar e durar.

Teve uma ovação de risota.

* * *

Alta madrugada, a lua a subir serenamente como pérola enorme que fosse boiando por um lago azul, e o resto da Ala dos Namorados a sair de Elvas e a meter a trote largo pelo caminho que ia para a Beira.

Com os trinta e um iam o Provençal e quase outros tantos pajens e escudeiros, acompanhando aquele pequeno esquadrão de aventura.

O Magriço na frente com a bandeira.

Nos altos, para repousar, cantavam todos eles a trova em que Marival celebrava os Namorados de Aljubarrota.

Jornadas largas e rápidas, em galopadas vertiginosas, ao longo da fronteira por terras de Portugal. Depois já em Castela, as marchas de noite e por fora das povoações, para não causar alarme que lhes pudesse comprometer o intento.

— E agora? — perguntou o Vasconcelos ao Provençal, na marcha noturna em que iam já muito além da fronteira.

— Mais três léguas de rodeio e sobre a madrugada nos poderemos meter a uma grande baixa de árvoredo bravo e matagal. Uma légua em roda não há povoados. Só perto,

numa encosta, se encontra um casarão em ruínas. Ali poderemos ficar até à hora da noite que se aprazar.

— Conheceis bem o sítio?

— Ali fomos uma vez, vosso tio e eu. E com ele deixei combinado que para lá vos havia de guiar.

— É então perto de Tordesilhas?

— A uma grande légua.

CAPÍTULO V

RECEIOS

No real mosteiro de Tordesilhas havia, como em outros de Portugal e Espanha, uns aposentos especiais, muito afastados das celas das monjas, para hospedagem dos soberanos e a sua comitiva, e ainda uns compartimentos destinados às damas que ali se acolhiam para uma reclusão temporária, sem encargo de obediência a todas as regras da comunidade.

Também aquele, como outros mosteiros da Península, algumas vezes fora prisão disfarçada para altas damas comprometidas por desvairados amores, ou sequestradas da vida profana por interesses de família ilegítima e inconfessáveis, e não raras vezes por conveniências políticas e supremo arbítrio dos reis. Era este o caso da pérfida D. Leonor Teles, encerrada ali por ter conspirado contra o genro, mal sucedido herdeiro da coroa de Portugal.

Quando era preciso, os mosteiros tornavam-se bastilhas, sob a invocação vaga, e misteriosa, da razão de Estado, e algumas vezes sem se invocar outra coisa que não fosse a vontade absoluta do soberano.

Naquele mosteiro de Tordesilhas havia uns aposentos para hospedagem da família real e das damas da rainha, recanto opulento a contrastar com as relativas humildades do viver conventual.

Era numa câmara das que estavam destinadas às damas da rainha que D. Maria de Mendonça e a filha tinham sido aposentadas. Estas já nós sabemos que se tinham encerrado ali por escolha de D. Beatriz de Portugal, a quem Madalena solicitara o favor de a deixar recolher a um convento, até que os sucessos da guerra viessem decidir do seu destino de noiva.

Sabemos também que a vontade inabalável do pai era casá-la com o primo Amtão Gonçalves, o cavaleiro mudo, e que este propósito era firmemente patrocinado pelo rei de Castela.

A rainha, muito afeiçoada a Madalena desde os últimos tempos do cerco de Lisboa, um pouco tentou defendê-la daquele casamento, repugnante para a mal-aventurada menina; mas a vontade do rei era neste ponto intransigente e D. Beatriz, esposa ainda criança, tão menina que apenas tinha feito 13 anos naqueles fins de 1385, dobrava-se timidamente ao querer do marido e só se atrevia a fazer-lhe pedidos como se fossem súplicas de uma tutelada infantil.

O mais a que se atreveu, durante a ausência do marido, foi conceder-lhe a reclusão por ela solicitada, e esta mesma só depois de ouvida a opinião do arcebispo de Toledo, que ficara como seu preceptor.

Rainha assim juvenil carecia de tutela.

O que D. Beatriz não adivinhou foi que Madalena lhe fazia aquele pedido, não somente para mais livre e recatado desafogo das suas mágoas, que seriam para desdéns e suspeitosa estranheza da corte, mas também, e talvez com mais sincero fundamento, para se esquivar ao encargo de orar todos os dias e todas as noites, em comunidade com as outras damas, para que Deus protegesse a causa do rei invasor.

A determinação das rezas fora imposta em nome da soberana: mas Madalena bem percebera que a pobre rainhazita obedecera aos conselhos, como preceitos de tutoria, do arcebispo de Toledo.

Mas fosse de quem fosse a ordem, pela boa fortuna dos invasores de Portugal e pela glória daqueles que podiam matar-lhe o noivo que trazia retratado na alma, o outro que era da sua escolha; para tal sacrílega petição é que ela não teria orações que lhe não subissem do coração aos lábios mudadas em prece fervorosa pela vitória dos que defendiam Portugal.

Aqui está porque, na opressão de todos os seus sonhos pelo futuro, a linda namorada de Ruy de Vasconcelos saiu de Ávila, para aonde a rainha e a corte tinham ido de Toledo, sob a vigilância do arcebispo, e foi para o encerro de Tordesilhas num tão grande alívio do coração que chegava a parecer júbilo.

* * *

Naquela manhã em que os Namorados não estariam talvez a grande distância de Tordesilhas, Mendo Rodrigues conseguira pela segunda vez falar a sós com Madalena nos aposentos reais. D. Maria de Mendonça fora para o coro com as monjas, levando-lhes a falsa desculpa de que a filha não podia ir por se ter sentido incomodada.

Com o seu aspeto venerando, as suas longas barbas, o seu rosto mortificado e aquele burel e sandálias de monge peregrino com que ele realmente viera dos Lugares Santos, Mendo Rodrigues conseguira das monjas uma piedosa hospedagem, que ao segundo dia era já intimidade, sem a mínima sombra de suspeita.

Contando a sua fingida história de monge, dissera que tinha ido de promessa à Terra Santa e de lá voltava trazendo relíquias para alguns mosteiros de Castela, entre os quais aquele, pelo qual tinha particular devoção. E contara isto no castelhano que sabia falar correntemente, logrando conquistar as boas graças das monjas de mais idade e mais acendrada devoção.

Que precisava de uns largos dias de repouso — alegara-lhes — e que no dia da partida entregaria então a melhor

relíquia, uma que trazia de promessa para aquele mosteiro.

Disseram-lhe logo que se demorasse os dias que lhe aprouvesse, e não havia solicitudes de piedosa devoção com que lhe não realçassem as comodidades da hospedagem.

Quem menos se importava com ele eram as monjas novas e, principalmente, as noviças, sonhando galãs que não podiam ver, e recordando com saudades as lindas canções daquele trovador de Provença, que viera com o monge e uma tarde estivera cantando no pátio grande uns belos rimances de cavalaria andante e de castelãs namoradas, para elas ouvirem.

* * *

— Receais então que a rainha aqui volte de visita? — perguntou Mendo Rodrigues num murmúrio de voz, muito inclinado para Madalena.

— Agora muito receio tenho de que ela volte!

— Dizei-me porquê?

— Porque pode vir para me levar consigo.

— Se ela própria, há um mês como me dissestes, aqui veio para vos trazer o boato de que Antão Gonçalves havia ficado prisioneiro em Aljubarrota, com outros, com que fim havia de querer levar-vos agora consigo?

— Para me ter ao pé de si naquela corte que a entristece e onde (tantos a olham como estrangeira, que só vale pelo dote de herança...

— Que afinal está mal parado e já custou ao marido uma formidável derrota.

— Por isso lhe não querem bem as soberbas damas, do paço e lhe chamam pelas costas a nina chamorra.

— E ela sabe?

— Percebe, desconfia, sente que lhe não querem bem. É talvez na corte quem menos manda! É a rainha menina de quem todas as damas de maior prosápia querem ser tutoras. Até pelos corredores do paço ousam dizer que não é filha de El-rei, que Deus haja!

— E nisso talvez não a caluniem — disse consigo Mendo Rodrigues.

E logo para ela:

— Deve então sentir-se mal na corte e sofrer com essa realeza que tem coroas de espinhos?

— Desabafava comigo, sempre cheia de medo que o sonhasse o rei ou o arcebispo de Toledo. Nem vos sei dizer as muitas lágrimas que ela chorou, abraçada a mim, a contar-me a dor de alma que teve quando a mãe a veio trazer ao rei e se viu longe da sua terra! Teria dó dela quem lhe ouvisse contar as mágoas que padeceu, enquanto os seus vassalos de Castela estavam cercando e oprimindo aquela cidade de Lisboa onde nascera e se criara.

— Poderia ter-se esquivado a acompanhar o rei. Não ficava mal a uma dama juvenil como ela ter medo dos trabalhos e pavores da guerra.

— Quis, mas o marido mandou e teve que lhe obedecer. Para Portugal a levaram na suposição de que a cidade mais facilmente se entregaria sabendo-a ali. Foi ela própria quem mo disse.

— E como Lisboa se não entregava, estou a adivinhar que maiores foram para ela as antipatias da corte.

— Maiores! Percebi-as eu e sentia-as ela.

— E então agora, com a herança talvez perdida para sempre em Aljubarrota, maior frieza e má vontade para ela?

— Não podeis imaginar a consternação em que aqui me apareceu! Chorava como as outras da sua idade podem chorar não sendo rainhas como ela!

— De pesar!

— De medo. Vinha toda de luto, mas o que ela trazia no coração era receio.

— De luto, sim, isso ouvi eu já.

— Disse-me que foi como el-rei lhe apareceu. Pesado luto, e ele num choro de desespero como se fosse mulher e a arrepelar-se como se fosse um louco! Que não era a perda de uma batalha o que mais lhe doía, lhe dissera el-rei; mas ser vencido por um bando de chamorros. E disto lhe vinha grande vergonha e lástima.

— Todavia, em Ávila, como já dissestes, a rainha mandou que todas suas damas, dia e noite, orassem para que Deus desse a-vitória aos de Castela contra os que defendiam a sua terra!

— Não foi ela, coitadinha. Mandou pela sua boca de rainha menina, como lhe chamam, mandou por ela a vontade temerosa do arcebispo de Toledo. Se me não deixassem retirar para este mosteiro, as orações que dissesse alto, havia de o meu coração votá-las a Deus em favor dos nossos contra os outros por quem elas pediam.

— É melhor vos ouviu Deus, minha filha, pois que a batalha, como já vos contei, apesar do assombroso esforço dos nossos, chega a parecer um milagre!

— E também já me contastes que o vosso sobrinho Ruy foi lá dos que mais batalharam e com maior valor ajudaram a vencê-la.

— Foi; vi eu. Ele e os seus companheiros da Ala dos Namorados como leões!

— Meu Deus! Com risco de vida!

— Morreram muitos da ala, e olhai que, de tanto se afoitar, nem eu sei como ele também não ficou lá.

— O noivo da minha alma! — disse num confrangimento — E eu aqui a rezar tanto por ele, com tamanho medo! A pedir a Nossa Senhora que mo salvasse, mandando-lhe um anjo seu que lhe fosse guia.

— Ouviu-vos. Lá teve consigo a própria Mãe de Jesus naquela pequenina imagem da bandeira, que as vossas! Mãos bordaram e deram aos Namorados.

— E agora, senhor Mendo Rodrigues?! Ainda vos não mandou notícias aquele vosso amigo troveiro de Provença?

— Não tinha que as mandar. Virá ele mesmo trazê-las em companhia do vosso noivo.

— Outra vez para tamanho perigo! O medo que eu tenho por ele! Tamanha ânsia de o ver! Tamanho receio de que mo matem! Quem sabe se o troveiro lá pôde chegar? Quem sabe se terá havido outra batalha... De morte para ele?!

Levou as mãos ao rosto, numa tremura de pavor e numa convulsão de choro.

— Minha filha! — disse-lhe Mendo Rodrigues carinhosamente — Não vos mortifiqueis com esses infundados receios. Ainda não é tarde para eles chegarem.

— Há tantos dias!

— A jornada é longa.

— Há duas noites os ruins sonhos que eu tenho tido!

— Ninguém pode fiar-se neles. Por cada um que acerta quantos de louca falsidade?!

— Meu pai a aparecer-me aqui com o outro, o emudecido que me causa horror!

— Vi-o eu em Aljubarrota. Dava uns gritos roucos a lembrarem latidos de lobo!

— Jesus meu! Antes morrer! E no sonho, meu pai e o rei a quererem por força que nos casassem aqui, na igreja do mosteiro!

— Desse perigo vos livrou Deus.

— Mas se ele ficou prisioneiro, pode fugir, podem resgatá-lo!

— Mas os mortos não fogem.

— Morreu?!

— O vosso noivo o matou.

Estremeceu; duvidava.

— Não ficou então cativo como vos parece que está meu pai?

— -Antão Gonçalves caiu naquele cativeiro que não tem resgate e do qual nunca mais se volta.

— Deus então lhe perdoe. E o meu pai, se ele poderá remir-se? Apesar de todas as mágoas que me causou, não lhe quero mal, não lho posso querer.

— Desse, nada sei ao certo — acudiu, contrafeito.

E logo, de si para si:

— Deus me perdoe esta falsidade de boa intenção.

— Ruy talvez saiba dar-me notícias dele. E hei de eu pedir-lhe de joelhos que se esqueça dos agravos que dele recebeu e lhe dê proteção. Há de ter envelhecido mais. Terá decerto padecido muito! Nossa Senhora seja por ele!

Apareceu D. Maria de Mendonça; vinha desfigurada.

— Mãe, minha querida mãe, que tendes?!

— Não nos quer deixar a desventura, filha!

— Por amor de Deus, dizei o que há? Querem ver que se soube de alguma desgraça para ele!

— Para nós, talvez! Chegou um pajem da rainha com aviso de que esta tarde aqui viria pousar e nos levaria a ambas consigo.

— Mãe, a mim não! — soluçou a abraçar-se nela — A mim, não! Morre quem quer morrer, e há de Deus perdoar a quem tinha razão para morrer.

— Filha, que loucuras dizes! — exclamou D. Maria, relanceando um olhar para a porta, no receio de que alguém pudesse ter ouvido.

— Senhoras minhas — disse-lhes baixo Mendo Rodrigues — não temais que a rainha chegue. Ficarei eu, se for preciso, para vos proteger a saída.

Nisto, do lado do caminho que cingia os muros altos da cerca, uma voz possante, de timbre suave, fez vibrar nos

ares um rimance de amor na carinhosa linguagem de Provença.

— O Provençal! — exclamou num alvoroço de alegria o velho peregrino.

— A voz do troveiro vosso amigo — acudiu Madalena numa comoção jubilosa.

— Certo ele é. Dai-me licença que vos deixe, senhoras minhas; vou já saber notícias e aqui vo-las hei de trazer antes que a tarde chegue.

* * *

— Tudo bem e tudo já combinado — informava o Provençal, num recanto do caminho, já a larga distância do mosteiro.

— Quantos Namorados?

— Trinta e um com o vosso sobrinho e quase outros tantos pajens e escudeiros.

— É gente para muito; porém melhor será que tudo se faça sem grande ruído e derramamento de sangue. Não vou ter com eles agora. Podiam ver-me os espreitadores da terra e seguir-me-iam com estranheza e teimosia de curiosos. Ide vós dizer-lhes que de cá está tudo prevenido; porém, as dificuldades podem aumentar. Recebeu-se aviso de que a rainha viria de Valhadolid em visita ao mosteiro, no intento de levar consigo a mãe e a filha.

— Demónio, grande embaraço é esse! E chegará hoje?

— Colhi informações; com interesse de bom castelhano as pedi à madre superiora, e soube que antes da noite contavam com ela cá.

— E trará numerosa escolta de homens de armas?

— No mosteiro estão preparando aposentos para doze homens, cavaleiros, escudeiros e pajens.

— Então por tão pouco não há que temer.

— Presume-se que traga alguma gente de ginetes, como é costume. Uns cinquenta me contaram que tinham vindo com ela, quando foi da sua última visita ao mosteiro.

— Com os que já aí têm, rija e desigual batalha podem ter os Namorados! Cada um deles contra quatro ou cinco dos ginetes, afora a peonagem, que dá o dobro de todos eles!

— A essas desigualdades, e com adversários de maior valia já eles estão afeitos e ainda há instantes mo dissestes vós dando-me notícia da batalha de Valverde. Mas era bem para todos que o feito mais se levasse a cabo por surpresa e astúcia do que por cometimento farronqueiro de escusadas cavalarias. Lá dentro eu disporei tudo para a fuga. Combinai o que importa fazer para colher a gente de armas de surpresa, ou, melhor ainda, guardá-la desprecavida, sem alvoroto que lhe dê alarme e nos possa dificultar a saída. Vós pelas vossas condições de trovador provençal em toda a parte sois bem recebido e escutado, e muito poderíeis saber a respeito da gente de armas que chegar e dos lugares certos onde por noite velha os poderemos ter guardados e seguros.

— Alguma coisa sei já quanto a esse ponto; mas deixai que tudo hei de indagar até que chegue a hora da partida.

— Bem vedes que se não trata somente de uma atrevida algarada de aventura, mas de tirar daqui duas damas e levá-las a bom recato e sem perigos para elas. Batalha só por extrema necessidade e em tal conjuntura que já as duas damas estejam a salvo.

— Pois assim se fará como entendeis.

— Ide lá dizer-lho por favor de amigo. E mal que cerre a noite, eu vos esperarei ali, àquela esquina do muro da cerca, para um e outro ficarmos sabendo como tudo está disposto.

— Pois então até ao fechar da noite.

— Até lá, e grande amigo temos em vós, meu querido poeta da Provença.

CAPÍTULO VI

D. PELAYO MUNOZ

Ainda não eram duas horas da tarde. O Provençal e o Magriço tinham saído ambos do casarão em ruínas onde os Namorados tinham metido os cavalos e eles próprios se tinham ocultado.

Vinham os dois procurando carreiros por onde o matagal era menos bravio; depois meteram para o árvoredo mais espesso daquele fundão ermo. Conversavam.

— É bom que eu vá convosco — dizia-lhe o Magriço — Do que viermos a saber, levais vós informação a Mendo Rodrigues e trago eu notícias a Ruy de Vasconcelos.

— Será muito bom, se vos não denunciardes e tiverdes prudência para não provocar alguma rixa.

— Hei de ter, vereis. Não sou homem para tomar as coisas tão a sério que morra por elas, mas também de boa feição para galhofar com o próximo a quem eu tenha pior

gana. Heis de ver como eu mantenho o meu fingimento de Gascão que ficou prisioneiro em Aljubarrota e logrou fugir, buscando as terras de Castela.

— Há de parecer-lhes pouco provável que viésseis dar aqui.

— Também é fácil dizer que fui levado por um fidalgo de Riba Douro, que me fez cativo, e do seu solar me escapei. Fica assim a mentira mais bem engendrada. E depois, com o que eu sei de castelhano e galego de mistura com o que vós no Porto me haveis ensinado de provençal, devo dar o fingimento de um Gascão que veio para Castela no ano passado, para o cerco de Lisboa, e na convivência de Castelhanos alguma coisa aprendeu da sua língua. Esta gorra de plumas e este saio velho de mangas perdidas muito hão de ajudar o fingimento do Gascão que vem fugido.

— E depois, se for preciso lutar?

— Trago um rijo laudel por baixo do meu saio velhinho, e, antes que cerre a noite, virei aqui a este fojo dos Namorados vestir as armas e virei com elas como os outros.

— Eu vou direito a uma grande taberna onde se juntam às tardes muitos homens dos ginetes e avultado número de besteiros. O vinho desprende-lhes a língua e lá é que é ouvi-los.

— E oferece-lhes a gente o vinho que chegue para eles dizerem quanto nos convenha saber. Eu, por exemplo, nas minhas condições de grande senhor da Gasconha...

— Que esteve prisioneiro, não vos esqueçais — atalhou o Provençal, sorrindo.

— Mas que por baixo do fraldão de malha de ferro podia trazer uma escarcela bem provida de ouro.

— Podia ser. E olhai cá: se vos pedirem miúdas informações da batalha, o que direis?

— Conto-a como eu soube em Santarém que eles a contam e mais seguro ficará o meu disfarce. Até me está a regalar a chocarrice de os embaçar.

— Será bom sondar primeiro se lá está algum que houvesse entrado na batalha.

— Pois sim.

— E também me parece mais acertado que não entremos juntos na taberna. Vou eu primeiro; depois entrais vós. E então eu, que tenho corrido terras e sou muito vosso vizinho da Gasconha, finjo conhecer-vos e este caso há de enternecer os bebedores.

— Sim; será desse modo.

— O pior é a chegada da rainha com o seu troço de cavaleiros.

— Nós nos haveremos com eles, se for preciso. Tudo se há de fazer, e até eu tenho uma surpresa., engendrada por mim, para antes da fuga dos noivos.

— Surpresa?! Vede lá não seja alguma temeridade de pouco êxito!

— Eu vos afirmo que tudo irá pelo seguro, ou pelo feito lá ficaremos todos, menos os noivos e quem houver de ir à sua guarda.

— Está bem. Pois então vamos indo, que temos uma estirada légua até lá.

— Apartamo-nos então?

— Quando estivermos a meio quarto de légua da vila.

Meteram para a estrada.

* * *

Estava atulhada de fregueses a famosa taberna dos Leones de oro de Castilla, assim chamada porque tinha por cima da ampla porta, entre padieiras de granito, duas tabuletas de ferro, pendentes com os dois bichos heráldicos das duas Castelas, pintados a vermelho torrado, com as jubas e as caudas douradas.

Falava-se alto lá dentro, ria-se em gargalhadas formidáveis, cantava-se, diziam-se pragas de picaresco sabor; fazia-se uma algazarra ensurdecedora. E os jovens da taberna, que era também hospedaria do andar nobre, não tinham mãos a medir. Nem eles, nem duas guapas meninas de jubas negras e olhos perturbadores, que eram o chamariz da casa e muitíssimo excediam como reclamo aos dois leões rompantes da porta com as suas fauces escancaradas, vermelhas como o vinho da terra.

A soldadesca já não reparava muito na focinheira arrogante dos bichos e achava deliciosamente vermelhos os lábios das duas raparigas, as mais esbeltas de Tordesilhas. A soldadesca e até os chefes, que também estes ali iam, bem que a maior parte das vezes fossem encafuar em certo compartimento reservado, que ficava ao fundo do longo casarão de abóbada e era destinado aos envergonhados de sangue limpo e goelas secas.

Quando o Provençal entrou, toda aquela barulheira esmoreceu. Conheciam-no pelo traje, pelo seu tipo inconfundível e, principalmente, pelas trovas e cantares com que alegrara Tordesilhas nos dois dias que ali estivera, havia já umas três semanas.

Fizeram-lhe uma receção calorosa com aquela expansibilidade arrebatada e vibrante, que foi sempre uma das características do povo espanhol.

O Provençal contou-lhes uma aventura sua de patranha pelas terras do norte do Douro, para explicar deste modo a sua larga ausência.

E, para justificar o regresso a Tordesilhas, disse-lhes que fora direito a Valhadolid e, como lá soubera que a rainha estava para vir ao mosteiro, logo se metera a caminho no empenho de ver a receção festiva que lhe faziam e consagrar-lhe a homenagem de uma canção de boas-vindas e de augúrio pelas futuras glórias de Castela.

Não se entusiasmaram com a homenagem. A rainha menina era afinal uma patrícia dos chamorros e ali estavam trinta ou quarenta que tinham sido dos ginetes de D. Gonzalo Nunez de Guzman, Mestre de Alcântara, no dia 14 de Agosto, e mais dois ou três besteiros que se tinham escapado de Valverde.

Marival percebeu a frieza, mas fingiu não dar por tal e continuou:

— A mim me disseram que haveria aqui grandes festejos.

— Pois grande mentira vos pregaram — acudiu logo um dos palavrosos — Não pode ser, e se tal acreditastes é porque não sabeis que el-rei e a Nação estão de luto pesado

e que nas cortes reunidas há pouco, lá mesmo em Valhadolid, se determinou o luto geral.

— Pois não sabia! — disse o Provençal com admirável ingenuidade — Mas luto por alguma pessoa da real família?

— Não, não! — volveu-lhe o outro, secamente.

E não se podem reproduzir aqui as descargas de palavrões insultuosos e de rancorosa obscenidade que de todos os lados estrondearam contra os chamorros vencedores.

Atraído por aquele berreiro épico, desceu do primeiro andar um empavesado figurão, de olhar olímpico e de papo arqueado como um galo no seu poleiro.

— El capitan! — avisaram os que primeiro deram por ele.

Mas a algazarra prosseguia ensurdecedora contra os. Chamorros de Aljubarrota, e até os mais iracundos desacatavam o próprio Deus pelo seu escandaloso compadrio com os bisbórrias del Mestre y reisuelo de Avis.

O próprio Marival chegou a ter medo da tempestade que provocara no intento de apanhar informações.

— Lá havemos de voltar — prometeu alto, solenemente, de mão na espada, roncando as palavras, o recém-chegado a quem tinham chamado el capitan — Pela Virgem e por todos os santos da corte do céu, vos prometo que em pouco voltaremos a Lisboa para a deixar arrasada. Nova Troia será, e sobre as suas ruínas hão de relinchar triunfantes os nossos valentes ginetes!

Estrondeou um berreiro louco de aplausos.

— Os chamorros, cativos como escravos mouros, virão puxar às noras de Castela — continuou el capitan — para dar repouso aos mulos e aos bois, nossos conterrâneos.

Nesta altura o fervor belicoso dos circunstantes esfriou um pouco. Os exaltados acharam infeliz aquele final de frase.

Mas o fanfarrão não era homem que esmorecesse por tal desagrado e acrescentou logo para aquecer os ânimos:

— As filhas dos chamorros para serventes nossas, e nas campinas dessa terra insignificante heis de ver pastando os toiros magros e os rocins escanzelados de todas as Espanhas.

— E de Aljubarrota que havemos de fazer, capitan? — perguntou, afogueado, um da companhia dos ginetes.

— Hemos de salgar esse chão nojento, para que nem as ortigas lá nasçam, nem as cabras lá encontrem pé de erva com que matar a fome.

O delírio dos aplausos foi estonteador.

Esta bravata de ameaças tinha tal cunho pitoresco em castelhano e era de tão engraçado exagero, que o Provençal, temendo o perigo de rir para fora, riu para dentro.

Não porque desconhecesse as altivas glórias de Castela, os feitas brilhantes daquela raça em que a estatura alta dos heróis punha na sombra as figuras cómicas dos farronqueiros; mas porque era aquele blasonador um dos mais extraordinários farfantes que ainda tinha ouvido na sua vida de aventureiro.

A estupenda fanfarronada daquele Átila dos ginetes, felizmente teórica, produzira tamanho efeito na soldadesca e tal rabiosa febre de aventuras, que desataram todos a ter mais sede e a pedir mais vinho.

— Mas vede lá como se armam as mentirolas! — disse o Provençal, assim que os apanhou mais calmos — Quem teve o intento de; me enganar até chegou a dizer-me que a Rainha viria de Valhadolid com luzida comitiva e um grande troço de ginetes.

— Redonda mentira! — regougou o capitão, de peito arqueado e cofiando a barba, como se fosse ele o próprio lendário Cid Campeador — Vêm somente quatro cavaleiros de prole, com um dos quais hei de ter a honra de cear lá em cima — disse, indicando o pavimento superior — e mais cinquenta ou sessenta ginetes, que vão ficar no quartel onde estão os meus.

Mais nada, e tudo ficará em sossego como se não tivesse chegado a Rainha-menina.

— Sempre haveis de ter mais algumas preocupações, senhor capitão.

— Estais enganado. Tudo como dantes. Eu hei de cear como um frade e dormir como um cochino. Bah!

E acariciou o ventre às mãos ambas.

— Então, pelo que entendo, ficarão a guardar o mosteiro os outros ginetes que vêm acompanhando a Rainha.

— Qual! Qual! Entendeis errado. Não é costume pôr mais vigias ao mosteiro. Os que vêm poderão dormir a sono solto. As duas quadrilhas de besteiros, que guardam a porta grande e a cerca do convento, chegam e sobram. E, lá dentro, as monjas bastam para acompanhar a Rainha-menina, se acaso tiver medo. Fechadas as portas do mosteiro, nem as borboletas lá podem entrar! E depois, ainda que surgisse do chão a bandalheira dos chamorros, com o seu rei de Avis e o seu Condestabre santanário, e todos eles se pusessem às marradas nas portas para levarem essa Rainha que intentam deserdar por Deus que não entrariam lá! E entretanto, lá estaria eu com os meus ginetes, para os pôr de cá para fora a coices de cavalo, pois naquele sangue não quero eu emporcalhar as lanças e as espadas da minha gente.

Nesta bravata esfuziavam hipérboles de tal chiste e ressonância de tal vangloriosa soberbia, naquela máscula e vibrante linguagem castelhana, opulenta de sonoridades e deliciosas onomatopeias, que o Provençal esteve a pique de

se desmanchar a rir, enquanto a soldadesca aplaudia com a mais pitoresca e estonteadora variedade de exclamações e conceitos que ainda um estrangeiro ouvira nas Espanhas.

Mas a verdade era que o troveiro havia conseguido saber em breves minutos quanto lhe convinha para confirmar informações anteriores e o que de mais importante, para o caso do rapto, precisava de ouvir no tocante à gente de guerra.

Tudo parecia ajustar-se admiravelmente ao propósito dos Namorados.

— Com que então D. Pelayo — disse-lhe o Provençal por disfarce — de tal modo está guardado o mosteiro que, não querendo as monjas, ninguém lá poderá entrar?

— Ni Dios! — respondeu com soberana altivez, sacudindo a cabeça e abaulando o papo, a mão enclavinhada no punho da sua temerosa espada — E se isto assim não for que o meu sangue andaluz se mude em água de tisanas e deixe eu de ser D. Pelayo Munoz de Leon y Bullones.

Este nome de sonorosa prosápia retumbou na taberna por entre o desvanecimento da soldadesca; tal como se cada sílaba fosse a nota pujante de uma trombeta de guerra.

E foi precisamente naquele momento teatral que o Magriço entrou, com grande estranheza e assombro da tropa, das muchachas e do próprio D. Pelayo, que logo levou a mão à espada.

Estranheza pela sua estatura agigantada, por aquela fealdade rara e pela altivez insolente do seu todo. Nunca ninguém ali vira outro assim, e todos perceberam logo que era estrangeiro.

Para evitar alguma farroncada de D. Pelayo, provocadora de outra igual ou maior do Magriço, com prejuízo funesto do plano para aquela noite, Marival exclamou logo, de braços abertos para ele:

— Olhem quem ele é! O mais destemido cavaleiro da Gasconha, messire Pierre Gonsart.

Deu-lhe ao acaso este nome de um cavaleiro gascão que em tempos conhecera, e sucedeu acertar com um dos ilustres gascões que batalharam em Aljubarrota.

O Magriço abraçou-o com fervor e jubilosa surpresa de amigo íntimo, que há muito não via e ali se lhe deparava por um capricho da fortuna.

Fingiram bem os dois. Em poucas palavras, na sua mixórdia de mau castelhano, lhe resumiu a sua vida de trabalhos e aventuras desde que no ano anterior viera para Castela. Aludiu brevemente ao cerco de Lisboa e referiu-se às suas desventuras na batalha real em que ficara prisioneiro. Depois contou como fora levado por um fidalgo chamorro dos lados do Douro e em meia dúzia de palavras esboçou a sua audaciosa fuga, ao cabo de dois meses de afrontoso cativeiro.

Mudara-se em avidez de curiosidade e benévola simpatia a estranheza hostil dos circunstantes. Era aquele homem, alto como os ciprestes, um cavaleiro de França, aliado e companheiro dos vencidos de Castela, e tanto bastou para aquela súbita mudança.

Logo D. Pelayo pediu ao Provençal que lhe fizesse a apresentação ao ilustre cavaleiro da Gasconha. O trovador acedeu solenemente com o riso quase a estoirar-lhe na boca.

— Messire Pierre Gonsart, gentil-homem da Gasconha, aqui tenho a honra de vos apresentar o nobre cavaleiro de Andaluzia D. Pelayo de Munoz e...

Não lhe ocorria o resto.

— D. Pelayo Munoz de Leon y Bullones — acudiu o apresentado — oitavo neto do mais preclaro e remoto príncipe das Astúrias, primo carnal do adelantado mayor de Castela, chefe de ginetes do glorioso Guzman, que salvou em Aljubarrota a honra das Espanhas. Aqui me tendes em Tordesilhas com a honrosa comandância de um esquadrão dos reais ginetes.

E a empavesar-se com íntima delícia do Magriço e consolado orgulho da soldadesca, o Leon y Bullones rematou:

— Dos mesmos invencíveis ginetes que atropelaram os matagais de Aljubarrota e transpuseram com ligeireza de galgos e fúria de leões os barrocais profundos e as montanhas ásperas daquele hediondo campo de batalha!

E tossiu grosso, encrespando a bigodeira.

A carregar as hipérboles por conta das suas prosápias, a carregá-las atrevidamente diante de quem tinha entrado na batalha, o Bullones dava a medida da sua audácia enfatuada: mas em boa verdade já nós sabemos que os dois mil ginetes do Mestre de Alcântara não tinham sido desbaratados e até ficaram de plena liberdade de ação, ajudando a arrebanhar os fugitivos e os extraviados, fora do campo de batalha:

Quanto aos obstáculos e acidentes do campo, o Munoz reproduzia em escala muito maior as alegações do seu próprio rei na sua carta à cidade de Múrcia, como que para atenuar um pouco o efeito moral do desastre.

— E os farfantões que me fizeram cativo a chamarem pequeno outeiro a esse abrupto monte a que se acolheram medrosos!

— Esses birbantes mentem como mouros! — exclamou D. Pelayo — Medrosos e mijados quando os meus ginetes lhe arremeteram o coio.

— Pois muito folgo de vos conhecer e grande honra me deu a fortuna, guiando-me até aqui, nobre e invicto D.

Pelayo. Fomos então companheiros naquela maldita batalha, companheiros que se não conheciam e nem sequer podiam avistar! Ah! D. Pelayo, que se não fosse aquele monte, um ninho de águia, em que a cainçada chamorra se foi esconder encolhida de medo!...

— Se eu não hei de saber como ele era! Três vezes o subi! Os ginetes do meu esquadrão com as barrigas de rastos e a deitarem os bofes pela boca fora!

— Pois maravilha foi a dos vossos ginetes, D. Pelayo! A mim e aos meus gascões nos pareceu que só cabras lá poderiam trepar, e mais tínhamos corcéis, o meu, por exemplo, que tinham galgado as escarpas dos Pirenéus como se fossem gatos bravios!

O Munoz sorriu e disse logo consigo, desdenhoso:

— Para fanfarronadas, sem pés nem cabeça, estes gascões deitam a barra adiante aos chamorros!

— E os rios que eles tinham às ilhargas?! — lembrou o falso Gonsart.

— A quem o dizeis! — acudiu D. Pelayo — A um deles só os meus ginetes o puderam passar a nado.

— E mais era em meados de Agosto!

— Cheguei a desconfiar que, por cobardia, os chamorros para ali houvessem extravasado uma parte das águas do Tejo! Do nosso, pois que os rios de consideração que eles lá têm são todos de nascença castelhana!

Sorriam para dentro os soldados que tinham estado em Aljubarrota, mas achavam meritórias aquelas patranhas, que eles próprios tinham propalado embora em muito menores proporções e com menos altivo arreganho.

— Pois sabei, honrado senhor e valente Bullones, que os embusteiros chamorros — má peste de gente! — chamam ribeiros a esses rios que vós passastes a nado com os vossos ginetes naquele negregado dia de Agosto! Porém, não vos indigneis; não valem um gesto sequer da vossa cólera esses bilhostres que mentem mais do que dão por amor de Deus. Pesar foi, deixai que vos diga, pesar de funestas consequências, que os vossos esquadrones de invencíveis ginetes se não houvessem lembrado de investir com eles, enquanto nós outros, quase sepultados na temerosa cava, o mato acima da garganta, tínhamos de ceder, vencidos!

D. Pelayo Munoz sentiu-se um pouco entalado nas suas embófias, mas não era homem que desse o braço a torcer.

— Nisso pensámos — respondeu de papo — mas já não era possível ter mão nos que fugiam, e a esses os protegemos com esforçada dedicação, salvando de morte inevitável, durante três dias e três noites, mais do dobro daqueles que os chamorros chacinaram. Valeu este feito por uma a$ginalada vitória! E ninguém ousou pôr-se na nossa frente. Ninguém!

— Está de ver: na frente que ia fugindo — observou-lhe secamente o fingido Gascão.

— É claro. E foi por esse lado que ninguém se atreveu a aparecer-nos. Nem a sombra de um chamorro... A não ser a sombra dos chamorros que fugiam.

— Para diante?

— Claro está. Não fosse o dó que me faziam aqueles pobrezitos de Castela e alguns dos vossos de Gasconha, que se tinham desencaminhado, e por Deus e por todos os santos da corte celestial, que os meus esquadrões dos ginetes teriam dado logo ali outra batalha e tê-la-iam

vencido, mesmo de noite. Ou nunca mais as mulheres de Andaluzia ouviriam falar de D. Pelayo Munoz.

Isto, no castelhano roncador daquele Leon y Bullones, era uma delícia de desfrute.

Mas o Provençal estava outra vez a pique de se perder de riso e o Magriço muito em perigo de perder as estribeiras. Começavam a exaltá-lo aquelas escandalosas fanfarronadas do Munoz.

— Assim, senhor Gascão, perfeitamente compreendeis, que, se ali alguém teve medo, não foram os meus ginetes, a melhor cavalaria das Espanhas e de toda a cristandade, por conseguinte, sem ofensa para ninguém.

Medo tiveram de nós outros esses chamorros que se ficaram encolhidos com o seu rei, o seu Condestable e uns tais chichelos namorados naquela soberba montanha, que valia bem uma plaza fuerte.

— E nunca mais vistes os tais Namorados, nobre capitão D. Pelayo? — perguntou o Provençal.

— Nunca mais, por fortuna deles e desventura minha! — volveu-lhe, enfunando o peito e pondo a mão no punho da

espada — Que os visse um dia, e pelos dois leões de Castela vos afianço e por todas as mulheres formosas que tem a Andaluzia vos juro nesta hora que, à frente dos meus enfurecidos ginetes — metade deles bastavam — lhes faria tal desbarato de morte, que nenhum ficasse para rezar pelas almas dos outros, nem o mar de lágrimas das suas noivas e namoradas chegasse para lavar o sangue das nossas espadas.

— Dios mio! La sangre de vuestras espadas! — repetiu o Magriço, dando à frase castelhana a sua fingida pronúncia de francês.

Quis simular ingénuo assombro, mas o olhar estava a denunciá-lo em relâmpagos de raiva.

— Caretas, para amedrontar meninos mamadores é que eles ousavam fazer aos meus destemidos ginetes.

Entretanto, da parte dos ouvintes a inferneira dos aplausos era enorme, e o Munoz gozava aquela ruidosa ovação de crista erguida e papo tufado como um galo vitorioso.

Receoso pelo Magriço, o Provençal tocou-lhe no braço e num volver de olhos o procurou serenar.

Ao mesmo tempo um dos besteiros segredava a D. Pelayo:

— Reparai que este Gascão anda tosquiado ao modo dos chamorros! Os outros que eu vi traziam os cabelos crescidos.

O Munoz franziu o nariz, indício seguro de elaboração maior no seu cérebro de gran-capitan.

— Cavaleiro — disse dirigindo-se ao Magriço — agora me deu na vista o vosso cabelo tosquiado rente, como usam os chamorros!

— Não vos admireis — respondeu-lhe o Magriço, já mais calmo de ânimo — Cativo deles, por vingança me tosquiaram.

— E em tal consentistes?!

— Estava manietado entre vinte, de lanças ameaçadoras para mim.

— Pois em tal não consentiria eu, ainda que fossem duzentos e me houvessem amarrado de pés e mãos. Morreria estoirado de raiva, mas em vida me não tosquiavam eles.

— Eram os tais Namorados! — alegou o simulado Gonsart.

— Pior ainda! Por esses nem um pêlo, enquanto o coração me não houvesse finado! Eu podia lá voltar a Castela de tal modo que alguém, o próprio rei, me pudesse também dar o nome de chamorro! Jamais! Jamais! Era como se em mim tivessem tosquiado dez gerações de avoengos famosos!

— D. Pelayo, olhai que ninguém pode afiançar essas coisas com tal afoiteza! Reparai que não era coisa impossível. E quantas vezes se não torna realidade aquilo mesmo que supúnhamos loucura da nossa mente enfermiça?

— Não! Não!

— Pois eu por mim vos digo que tudo julgo possível, tanto é o que tenho visto no Mundo! Ainda que fosse um tão desvairado conto, como dizerem-me agora que esses odiosos aventureiros da Ala dos Namorados tinham vindo a Tordesilhas! Creio que assim se chama esta povoação...

— Por todo o sangue dos santos mártires de Marrocos! — interrompeu o Munoz, rindo de mofa — Só se o apóstolo de Santo Iago traísse Castela e os seus ginetes, para trazer cá esses fraldiqueiros e defendê-los! E, mesmo assim, prudente seria que primeiro nos adormecesse, a mim e ao meu esquadrão!

— Pois será como dizeis; mas ficai certo de que, se eles viessem, não seria com outro propósito que não fosse o de tosquiar, tornando chamorro, o mais ilustre representante dos Bullones em Tordesilhas.

— Gracejais, senhor Gascão! Gracejais para assim desvanecerdes essa afronta que vos fizeram!

— Deus me livre de tal! Estou já resignado com esta afronta, como lhe chamais, e nunca ousaria gracejar convosco, senhor de Leon y Bullones.

— Daria um punhado de moedas de ouro a quem me dissesse onde os poderia encontrar a cem léguas daqui! — gritou o capitão.

— Pois afortunado seria quem vo-las ganhasse.

— Os meus cabelos iria eu oferecer a Santiago de Compostela, se o nosso bendito patrono me empurrasse para cá esses bisbórrias que vos tosquiaram, depois de terem chacinado grande número dos vossos gascões e bearneses!

Ouviam-se toques de trombeta como se viessem de larga distância. Toda a soldadesca alvoroçada correu de tropel para a larga porta da taberna.

— Há de ser a Rainha! Há de ser ela, a Rainha-menina!

— Cavaleiro da Gasconha! — disse D. Pelayo com ares de grão-senhor — Tenho lá em cima pousada à larga que ponho ao vosso dispor. Esta noite hei de ter por companheiro à ceia o capitão dos ginetes que vêm com a Rainha-menina. É o nobre D. Ramon Gonzalez Cabeza de Vaca. Estais convidado. Ceareis connosco. Podemos entreter um bom pedaço da noite jogando.

— Com o maior agradecimento, D. Pelayo, mas tenho umas coisas a tratar com este meu amigo de Provença, e talvez me não seja possível aceitar a honra do vosso

convite. Mal havia de parecer que vos aparecesse fora de horas.

— Por tal escrúpulo não deixeis de vir. Estou acostumado a deitar-me tarde e, em me apegando ao jogo dos dados, sou capaz de passar uma noite em claro.

— Mau será isso! — disse consigo, o Provençal.

— E vinde os dois. Acompanhai o vosso amigo de Gasconha, senhor troveiro de Provença. Cantareis os vossos rimances; será noitada cheia.

O Provençal agradeceu, preocupado.

— Agora tenho de ir apresentar-me à Rainha. Até à noite. Não falteis.

E saiu magnificamente empavonado.

* * *

Vinha já de muito perto a vibração das trombetas. Sentia-se o sussurro da gente apinhada em frente do mosteiro das

monjas.

Na taberna nem as duas raparigas tinham ficado. Tinham ido para em frente da porta.

— Esta agora só pelo demónio! — disse o Provençal para o Magriço, quase em segredo.

— Deixai, que melhor é assim. Já sabemos que D. Pelayo está disposto a deitar-se tarde e não há remédio senão vir acompanhá-lo, para que a noite lhe seja mais agradável. Assim se defenderá melhor a nossa empresa e terei eu o gosto de levar para Portugal as guedelhas desse farfante, desdouro dos valentes e enobrecidos cavaleiros que tem Castela.

— Por quem sois, Álvaro Coutinho! Não vos ponhais a idear aventuras que podem ter mau fim!

— Heis de ver que tudo isto há de acabar mais a rir que às lançadas.

— Eu bem receava que viesses aqui! E não era preciso, pois já tinha sabido quanto era necessário ao vosso intento.

— Só não sabíeis que teremos juntos os dois maiorais dos ginetes, e tão à mão, que até havemos de cear e jogar com eles! Mas descansai, que o meu gracejo só há de começar quando entendermos que os noivos estão a salvo. A não ser que receeis por vós...

— Nenhum receio por mim. Irei aonde fordes.

— Vive Deus! Agora gostei eu de vos ouvir.

— Mas olhai que o casamento é que se não pode fazer no mosteiro, como tínheis ideado.

— É pena! Teria assim maior significação; mas sei que não posso contar com a anuência de Ruy e do tio, e desisto. Do que eu não desisto é de levar as guedelhas de D. Pelayo Munoz de Leon y Bullones. Levo-as por conta das tremendas mentiras e nunca sonhadas insolências que tive a paciência de lhe ouvir na minha falsa qualidade de Gascão. Lá com pés de lã e calados como furtadores de galinhas é que os Namorados não hão de sair daqui. Mas não me fiqueis de má sombra, meu devotado amigo. Tudo há de correr na paz do Senhor, e até vós haveis de rir perdidamente por esse caminho fora. Hei de repartir

convosco uma madeixazinha da guedelha do Munoz. Vamos lá ver agora a chegada da Rainha-menina e admirar os ginetes de Valhadolid.

Saíram. O Marival ia taciturno. Agourava mal daquela jactanciosa extravagância do Magriço.

CAPÍTULO VII

AS DUAS RAINHAS

D. Beatriz dispensou a guarda de honra dos ginetes e, assim que se viu liberta da receção carinhosa das monjas, foi logo à cela de D. Leonor Teles em companhia da camareira-mor.

Visita de cerimoniosa compaixão, foi breve e, compreende-se que o fosse.

Ainda a bem dizer criança, mulher de treze anos, mas já duramente experimentada nas amarguras daquela sua artificiosa realeza, D. Beatriz sabia bem o quinhão de vergonhas e o quinhão de lágrimas que devia àquela destronada, impúdica e perversa. Dera-lhe pela maternidade um dote de ignomínias e pela Pátria um trágico presente de noivado, numa herança litigiosa, a escorrer sangue e aos baldões pelos campos de batalha.

Mas era, apesar de tudo, sua mãe. Impunha-se-lhe o dever piedoso de ir vê-la, embora fosse para lá afogueada de

vergonha e arrastando consigo a sombra enorme da sua tutelada realeza.

Nenhum cronista seu coevo pôde surpreender e nenhum confessor das suas recatadas amarguras quis dizer o drama alanceador que se agitou naquela alma juvenil.

E havia de ter sido sombrio, enorme, e quem sabe em quantos dias desesperador?

Logo do berço a dúvida afrontosa da sua legitimidade a refletir as torpezas da rainha comborça; desde a primeira infância joguete político das ambições versáteis do pai, noiva de conto ora prometida, ora negada, quando a sua boca infantil ainda mal sabia dizer os nomes e os títulos do prometido esposo. E nos paços reais, encharcados de torpezas e respingados de sangue, nenhum amor grande e puro a que a sua alma, inexperiente do Mundo, pudesse acolher-se! A mãe, uma loba ciosa e trágica, sem tempo que chegasse para lhe acalentar o berço; o pai, rei e marido infamado, mal podia sorrir-lhe sem que o coração se confrangesse numa tortura de dúvidas e num inferno de desesperos, que foram talvez o drama supremo da sua vida.

E assim, friamente a largaram de si como pequena mercadoria de escambo, mandando-a para o tálamo de um rei que tinha idade para ser seu pai e precisava de ser o seu tutor.

Rainha de onze anos, isolada e talvez oprimida entre as soberbias de uma corte estrangeira, despatriada que levava em dote a promessa de morte da sua própria Nacionalidade, a sombra da mãe subiu com ela ao trono, a manchar-lhe os arminhos e os brocados de ouro com que os seus pequeninos ombros mal podiam. E para o marido tutor não passaria afinal de uma pupila, que tinha atrás da sua figurinha de mulher uma ambição de dois séculos a quebrar nas linhas de um contrato nupcial quantas lanças e-quantas espadas tinham feito pelos campos de batalha a edificação gloriosa da Pátria portuguesa. A dela!

Quantas vezes, do estrado magnificente do trono, no soberbo alcáçar de Toledo, a receber a homenagem teatral dos grandes de Castela, a pobre reyna-chicuela, não suporia atrás de si a figura odiada e trágica de Leonor Teles, no seu manto manchas de sangue do conde galego assassinado num desvão de janela do Limoeiro e no sorriso

cortesão dos fidalgos, netos de remotos dinastas, um esgar de escárnio pelo seu berço e pela sua coroa?

Aquela coroa mortificadora em que só ela sabia que os diamantes eram feitos de lágrimas das mães portuguesas e os rubis do mais heroico sangue que tinha Portugal!

Sempre estrangeira, para os vassalos do marido pela terra em que nascera, e para os de cá pela Nação em que era rainha, a pobre tutelada tinha o seu calvário moral sobre as alcatifas do trono, entre os dourados leões heráldicos de Castela.

E toda esta atormentada adolescência a devia ela exclusivamente, àquela destronada, a quem o alfaiate Fernão Vasques, à frente de uma revolta da plebe, chamara alguma coisa mais rude que Messalina, a que el-rei de Castela, juiz de uma conspiração provada, dera uma cela por calaboiço.

Mas era afinal sua mãe. Fora vê-la. A brevidade da visita estava no direito do seu coração amargurado e impunha-se pela presença de uma terceira pessoa.

* * *

Ainda não era sol posto quando D. Beatriz de Portugal saiu dos aposentos da mãe. A camareira-mor tinha visto lágrimas nos olhos de uma e outra, durante o quarto de hora que demorou a visita. O que a camareira não sabia era se as lágrimas de Leonor seriam de tardia contrição, e se as da filha tinham sido daquele dó dos ofendidos, que é talvez para quem o recebe a mais amarga forma das expiações morais.

Sozinhas as duas, sem alguém a ouvi-las que representasse o mundo alheio à sua tortura íntima, quem pode imaginar em que repelões de orgulho revolto, em que ânsia de queixumes e em que convulsões de choro não teria passado aquele quarto de hora bastante para dar o drama enorme de duas almas de tão diversa história e de tão afastado destino?

D. Beatriz era esperada pela madre superiora e com ela e a camareira se dirigiu para a capela real a cumprir uma penitência da sua especial devoção.

Mas antes de descer a grande escadaria de mármore, lembrou-se de Madalena, que apenas tinha visto de relance, durante a breve cerimónia da receção, e mandou-lhe aviso de que, ao cabo de uma hora, estaria nos seus aposentos e lá a esperaria para lhe falar de um assunto de importância.

Entretanto, Mendo Rodrigues, sempre no seu disfarce de peregrino asturiano, mandara solicitar de D. Leonor Teles o favor de o receber para lhe apresentar a oferta de uma relíquia, pois teria de partir por da madrugada de regresso à sua terra natal.

A viúva de el-rei D. Fernando tinha visto apenas uma vez o velho peregrino dos Lugares Santos; mas ouvira falar muito dele às monjas com quem tinha mais intimidade e por elas sabia que era homem com largo conhecimento do Mundo, de bondosa alma e esclarecidas palavras.

Aquele pedido pareceu-lhe homenagem à sua abandonada realeza, ingénua homenagem de quem, provavelmente, lhe não conhecia bem o passado. Sentiu-se lisonjeada; a clausura ainda lhe não pudera amortecer a espetaculosa

vaidade de outros tempos, e logo lhe concedeu que a fosse visitar.

* * *

Esmorecia melancolicamente o pálido sol daquele dia de Outubro. Uma serventuária introduzira o peregrino de longas barbas de neve na cela que servira de saleta a essa mulher de enfeitiçadora beleza, a quem os fidalgos romanescos tinham dado o cognome de Flor de Altura e os monarcas de mais altiva estirpe tinham chamado parenta sua.

O velho estava mais desmaiado e tinha mais fundo no rosto o vinco das suas amarguras. Até no artificioso sorriso de resignado havia agora uma expressão de trágico sofrimento.

Leonor Teles ficara sozinha com ele. Pela grade estreita da janela um clarão do sol moribundo iluminava em cheio, como numa cena do teatro moderno, aquela singular figura de mulher, ainda gentil na sobrevivente realeza da sua

formosura, estátua de carne prodigiosamente bela, em que parecia não ter deixado mácula o lobo de quantas abjeções tornaram hedionda a sua repugnante figura histórica!

Tocada pelo sol a sumir-se, a juba dos seus cabelos fulvos tinha fulgores de diadema.

Com os seus ares de rainha, a viúva de D. Fernando, o Formoso, e de João Lourenço da Cunha, o dos emblemas de ouro, mandou sentar o peregrino.

— Senhora, sois rainhas Eu fico de pé. Assim será melhor para o que vos tenho a dizer.

Leonor Teles estranhou a dureza de expressão daquele velho, que lhe tinham indicado como exemplo de piedosa bondade e de humilde resignação cristã.

— Vindes então oferecer-me alguma das santas relíquias que me disseram trazeis de Jerusalém?

— Nem só de Jerusalém, senhora rainha. Há mais calvários no Mundo, mas ficaram na sombra da sua própria humildade.

— Monge, não vos entendi bem! — volveu-lhe, pondo nele um olhar turvado de suspeita.

— Queria dizer-vos, senhora, que abaixo do Gólgota de Jerusalém, imensamente abaixo, tanto que nem deles se pode avistar o céu, há outros pelo Mundo onde apenas foram crucificadas criaturas humanas, de tão singular infortúnio que a ninguém salvaram porque a si próprias se não podiam redimir! Desses abandonados do céu ainda nalguns ficou a dor pregada na sua cruz, a gotejar lágrimas que ninguém sente, suor de sangue que o Mundo não vê! A morte, senhora rainha, não quis despregar esses crucificados e esqueceu-se deles!

Num repelão de orgulho e numa vaga expressão de receios, nem ela sabia bem de quê, a não serem da sua própria consciência atravancada de espectros, Leonor Teles ergueu-se, cravando no velho um olhar toldado de cólera.

— Dei-vos entrada aqui, a pedido vosso, para me trazerdes uma oferta de certa relíquia! A que vem esse vosso conto, de que nada entendo?!

— A explicar-vos, senhora, de que diversa origem são as relíquias que eu trouxe de longe.

— Mas nessas palavras de tão escurecido sentido, nesse castelhano arrastado que falais!

— Não andam em romagens de penitência senão os que pecaram, e o remorso multidão os sentidos e escurece as palavras. Faz tardia a língua dos velhos e o seu falar arrasta-se para dizer as coisas como as pernas se arrastam para lhes irem aguentando a romagem.

E o seu olhar altivo, penetrante como o gume de aço de uma adaga, punha um comentário assustador naquelas palavras rouquejantes, soturnas, a lembrarem um surdo revoltear de vento represado entre penhascos.

— Em poucas palavras podeis responder. Sede breve.

— Senhora, acalmai-vos e esperai, benevolente. Tem a sua história a relíquia singular que eu venho oferecer-vos.

— Em poucas palavras, depressa. Dizei.

E sentou-se com impaciência nervosa como se alguma coisa de vago temor a estivesse oprimindo. Não desfitava o

monge. Parecia que os seus olhos procuravam descobrir-lhe a alma através do grosseiro burel do hábito.

— Vai para dois anos encontrei na Palestina outro peregrino como eu, miserando infortunado como eu era, de coração despedaçado como eu ia. Tinha envelhecido antes de tempo como eu envelheci, trazia consigo um remorso de atormentado, igual ao meu. Rainha, a desgraça fizera-nos irmãos; éramos ambos filhos seus. Uma coisa nos diferençou para sempre. A morte condoeu-se dele e eu fiquei arrastando pelo Mundo a minha cruz! Na hora da agonia, a voz a rouquejar-lhe na garganta e a afogar-se-lhe em soluços, disse-me: «Fui cavaleiro numa terra vizinha da tua; era homem fidalgo, batalhador de honrado nome, que por loucos amores se perdeu. Toma destes meus andrajos uma relíquia profana que eu trago recatada comigo e leva-a para onde quer que vás, até ao dia em que voltares à tua terra das Espanhas; mas quando lá chegares e as forças to consintam, vai entregá-la a alguém, que é justo a leve consigo para a sua jazida real».

— Vamos! Que relíquia? — disse, erguendo-se outra vez num repelão de cólera, mas agora também numa tremura

de vago pavor.

— Aqui vo-la trago nestes dois pedaços de velho pergaminho — volveu o peregrino serenamente, tirando-os debaixo da corda de esparto que lhos apertava à cintura

— Aqui uma pequena madeixa de cabelos arruivados, e este dizer: «Da mulher que eu loucamente amei e me perdeu».

— -Acabai! — ordenou-lhe num grito convulsivo.

— Senhora, pouco falta... Neste outro, um pó, como se fosse de uma flor ressequida, talvez morta sobre o seio de neve de alguma infortunada mulher. Dizem assim as poucas linhas deste pergaminho: «Arrancada do seio de D. Branca de Castro, dama do paço, pelo amante que a matou, enlouquecido de ciúmes».

— Embusteiro ou louco! — bramiu a tremer, indo para ele, desfigurada — Aqui viestes escarnecer-me, vilão cobarde!

— Rainha, não! — replicou, cravando nela um olhar dominador.

— Relíquias santas pedistes para me oferecer, velho embusteiro.

— Santas, se ainda forem capazes de um milagre de contrição.

— E para mim, porquê?! Quem te mandou aqui, monge impostor?

— O outro que morreu.

— Mentes, vilanaz! Judas, por quantos dinheiros te compraram os meus inimigos para vires aqui a afrontar-me?

— Afrontar-vos em quê, se eu não disse ainda de quem eram estes cabelos fulvos!

— Nem já o dirás senão entre os que te hão de açoitar e levar à força, vilíssimo enganador. Chamo! Alguém virá desafrontar a rainha — rouquejou, dando uns passos rápidos para a porta.

— Não podes, Leonor! — disse Mendo em português, atravessando-se diante dela — Não podes, porque não quero eu!

Lívida, tremente, num entontecimento de terror, as mãos como garras enclavinhadas no peito, Leonor Teles recuou diante daquele velho, que falava como só um certo homem poderia falar-lhe, se todas as informações o não houvessem dado por morto.

— Enchem-te de terror as minhas palavras e duvidas que os mortos voltem! Voltam. Aqui tens um que todos em Portugal supunham morto. E não chamarás ninguém, porque tua filha está neste mosteiro e eu diria alto que fui o teu requestador mais afortunado, um ano antes do teu casamento com João Lourenço da Cunha e ainda uns dias antes dos teus amores com o rei que enfeitiçaste e perdeste. Já não és rainha. Sabem quem foste e quem és. Se queres, chama. Abrirei eu aquela porta, se mandares, e chamarás pelos vassalos da rainha de Castela, tua filha. Eu contarei com que trágico direito aqui vim. Queimar-se-ão, por maior vergonha ainda, as faces daquela pobre criança para quem mudaste em coroa de espinhos o seu diadema de rainha.

A retroceder em passos curtos, hesitantes, num desvario de febre, Leonor Teles foi cair de joelhos contra um escabelo

raso, as mãos nos olhos como criança espavorida, o peito nuns estremeções violentos.

O monge foi-se lentamente acercando dela.

— Não duvides. O namorado que tinha trinta e oito anos quando a tua juventude o preferiu a outros; esse que, três anos depois, foi pela tua causa o matador de Branca de Castro, envelheceu cedo, em doze anos com as devastações de trinta! Não duvides. O morto voltou. Mendo Rodrigues sou eu, Leonor Teles, escuta bem: eu! Flor de Altura., como te chamavam os requestadores do paço, tu pouco mudaste nessa juventude que parece não ter fim! É que a conta das tuas perversidades não entra na outra dos teus anos!

— Mata-me, se para isso vieste! — disse-lhe torvamente, erguendo-se num impulso de revolta.

— Matei uma vez, e há doze anos que trago o coração afogado em lágrimas de remorso. Tu és diferente! Foste a causadora do meu crime, caluniando; promoveste a morte da tua honesta irmã, levantando-lhe uma aleivosia; mataste o rei, infamando-o; quiseste matar Portugal, traindo-o, e

nem sequer uma lágrima de contrição nesses olhos, que só talvez saibam chorar de raiva!

— De raiva, agora sim, cobarde matador!

— Cobarde, é consideração tua, e nisto, ao menos ainda pareces a rainha que em Portugal odeiam e em Castela com imenso nojo desprezam.

— Sou uma mulher, e és tu a ralé dos poltrões, vindo aqui traiçoeiramente afrontar-me. Vamos! — desafiou, indo para ele num soberbo movimento de orgulho — Facilmente se mata uma mulher! Vês? Não fujo de ti. Vamos, sem escrúpulos. Velho, trazes essas mãos experimentadas na outra e vacilas! Não deixes o feito incompleto nessa poltronice de insultador.

— Não; não quero! Não posso! Seria igualar-te a essa que tu caluniaste, e a ti ninguém te pode caluniar por muito que diga de ti!

— Pois chamarei quem venha ouvir-te. Eu não! Eu não!

E correu para a porta como louca, em arrancos de soluços.

Mendo Rodrigues atravessou-se-lhe na porta.

— Mulher, olha que está aí tua filha! É a rainha de uma Nação que talvez a despreze por ti, numa corte de soberbas prosápias, que decerto a desdenha pela tua causa. É a filha de Leonor Teles. Não lhe ponhas mais alto o calvário do seu trono, nem lhe arranques mais lágrimas para a sua coroa soberana.

De olhar desvairado, a orgulhosa destronada pôs as mãos e caiu de joelhos, numa tremura de medo, os lábios desbotados a balbuciarem palavras que só ela ouvia.

— Ao menos, um vislumbre de piedade no teu coração de mãe, mulher que tanto desceste. Loba, refugia-te nesse amor, que pode vir a ser, perante a misericórdia infinita de Deus, a única remissão da tua vida hedionda. Eu saio. Eu deixo-te. Trazia este encargo de desafogo, para tu saberes com que horroroso padecer se arrastou até aqui esse desventurado que supunhas morto. Deixo-te as minhas relíquias, Flor de Altura. Aqueles cabelos de ouro fulvo que eram há dezassete anos o teu mais belo diadema, e esse pó de uma flor morta arrancada ao seio de alguém que a tua perversidade matou pelas minhas mãos. Santas relíquias, se ainda nalguma hora da tua vida puderes chorar sobre

elas. Eu irei sumir-me até que a morte se lembre de mim. Morrerá comigo o segredo de uma das tuas maiores perversidades. Que Deus te perdoe, se puder; eu não posso. Eu não!

— Mendo Rodrigues! — soluçou, num quebrantamento de todo o seu orgulho e de todos os seus ódios.

Mendo pôs naquela rainha humilhada, loba que chorava de rojo, um olhar em que relampejavam as cóleras do seu ódio.

O sol sumira-se. Como que trazia sugestões de piedade aquela penumbra crepuscular que enchia a cela.

— Choras! — disse-lhe — Se essas são na tua vida as primeiras lágrimas sem mentira e sem ardil, oferece-as à memória de Branca de Castro e que Deus as veja e tas receba. Sairei daqui como entrei, no mesmo disfarce de humildade. Podes denunciar-me, se quiseres.

— Mendo Rodrigues, piedade!

— Outra vez te prometo que guardarei o segredo desta hora, e o outro, ainda pior, do sangrento infortúnio que o mundo soube apenas de relance e logo esqueceu, sem lhe conhecer a causa. Faço deste segredo um legado de dó

para a infanta tua filha, aquela pobre soberana de treze anos, que deve ter sentido em volta do trono o mar de lágrimas e o mar de sangue em que a sua herança naufragou. Para ela o dó que tu não podes merecer. O morto não voltará mais. Assim os outros não voltem para te oprimir e sufocar aqui na estreita prisão desta cela. E se tens sede de vingança, se queres que emudeça para sempre a boca audaz que veio aqui dizer-te duras palavras de verdade, denuncia-me como teu compatriota, e verás quantas adagas de inimigos se hão de cravar no meu corpo, aqui mesmo diante dos teus olhos, rainha de outro tempo!

— Não! Não! — protestou, arquejante.

— Se é pelo receio de que eu falte à minha promessa que isso dizes, não te prives desse prazer de vingança. Eu não quebrarei o meu segredo, porque eu nunca tive medo de morrer.

Bateram à porta brandamente.

— Enxugai os olhos, senhora, e erguei-vos. Rainha, eu vou abrir.

E foi. Eram duas velhas monjas que vinham saber se D. Leonor Teles queria que a acompanhassem ao coro para as suas devoções do costume.

Não era difícil perceber que a rainha chorara e entenderam as duas, lá no antegozo de o divulgar, que o choro teria sido de contrição, e que a mulher de pecaminosa vida haveria recebido de coração arrependido os santos conselhos daquele monge peregrino das Astúrias.

* * *

Apesar de acabrunhado por aquela hora de luta moral, violentíssima, Mendo Rodrigues saiu do mosteiro. Daria volta pelo muro da cerca para ir esperar o Provençal e saber o que definitivamente se aprazara.

Escurecera. Marival não tardou, mas trazia consigo o Magriço e mais dois homens de chapeirões e ferragoulos.

A distância perceberam o vulto do monge e pararam conversando. Um deles se afastou dos outros e veio direito

a Mendo Rodrigues. Era o Provençal.

A poucos passos ainda se conheciam bem as pessoas e Marival reconheceu logo o tio de Ruy.

— Senhor D. Mendo, ali estão alguns dos vossos para combinarmos o resto — disse-lhe baixo, apontando os outros.

Olharam os dois em volta de si para ver se alguém se aproximava. Ninguém. Daquele lado da cerca o sítio era ermo, todo cingido pela grande sombra de uma alameda de árvores antigas.

— E daí? Alguns embaraços?

— Nenhum que se possa prever e com o qual não houvéssemos já contado. O mais difícil seria abrir a porta dos muros da vila aos que vêm a cavalo, surpreendendo os vigias e amordaçando a guarda, mas isso mesmo está já combinado e já cá temos dentro de Tordesilhas quem nos há de ajudar.

— Quem?

— Aqueles — respondeu, apontando os três — Vosso sobrinho, Álvaro Coutinho e Vasco Eanes. O Magriço ainda no seu disfarce de Gascão que ficou prisioneiro em Aljubarrota e se evadiu de Portugal; vosso sobrinho e Vasco Eanes entraram ao sol-posto, antes que as portas se fechassem, disfarçados com carapuços e cobrejões castelhanos. Vieram com eles mais quatro da ala e dois escudeiros, também sob disfarce, e esses ficaram sonegados nas imediações das portas para observarem os homens da guarda.

— É grande a guarda?

— Pequena. Quinze homens são os que nós vimos. Julgam-se muito seguros; a vila está fora de mão para correrias carairiças. Ergueram a ponte levadiça e ficaram, provavelmente, muito descansados. São capazes de dormir a sono solto.

— Pois ali pela cerca auxiliarei eu aqueles que tiverem de entrar no mosteiro. Quanto menos alarme, tanto mais seguro cometimento.

— Certamente. Mas se quereis, vamos para além ou vou eu chamá-los para aqui.

— Vamos nós ter com eles. Ali estaremos mais no escuro.

Foram.

CAPÍTULO VIII

GRAVES REVELAÇÕES

Ás nove horas as monjas estavam já recolhidas nas suas celas e poucas talvez ainda acordadas.

A própria vila parecia já adormecida. Apenas numa taberna se jogava à porta fechada. A povoação era pacífica, de gente morigerada, e o uso do tempo era deitar cedo para levantar ao romper da madrugada.

Mas nos aposentos reais do mosteiro umas poucas de pessoas estavam ainda acordadas.

A rainha D. Beatriz conversava na sua câmara, havia cerca de uma hora, com Madalena de Mendonça.

A mãe de Madalena ficara na sua câmara, rezando.

A velha camareira-mor da Rainha-menina, que já às 8 horas andava a pender de sono, fora deitar-se por ordem da sua real ama. Qualquer das cuvilheiras — dissera-lhe D. Beatriz

— a iria ajudar a despir, quando quer que o sono lhe chegasse.

Como ali no mosteiro um pouco se quebravam os escrúpulos da pragmática e das etiquetas do paço, etiquetas que chegavam a tocar as raias de uma opressão ridícula, a camareira-mor não estranhou a concessão nem se deteve a lembrar a pragmática.

Morta por dormir andava ela e poucos instantes depois estava profundamente adormecida.

A própria Rainha fechou por dentro a porta que dava comunicação para a outra câmara onde a velha e altiva dama dormia. Precisava desafogar com aquela sua amiga dileta. Falavam baixo, muito chegadas uma à outra.

Conversa de amarguras teria sido, porque ambas tinham uma expressão de mortificadas e ambas choraram.

— El-rei quer! — disse D. Beatriz — E só para os meus pedidos se não dobra a sua vontade, que os outros torcem como se fosse um vime!

— Senhora minha, mas agora que o outro morreu, porque estranha crueldade quer el-rei tirar-me daqui e

levar-me para a corte como se eu fosse uma das suas vassalas? — disse Madalena numa voz de angustiada que fazia dó.

— Os infortúnios da guerra têm-no enfurecido contra os que são da nossa terra. Da nossa! Também eu lhe chamo ainda minha, e ninguém de lá me quer a mim! Soube, para além do mais, el-rei, não sei quem lho disse, que o noivo do teu coração era um desses de mais bravio lutar naquela tamanha batalha que se perdeu... Que el-rei perdeu e não há súplicas que o demovam do seu propósito.

— Pois, senhora da minha alma, muito me doem as amarguras do vosso coração, desde menina mortificado; muito podeis como rainha, muito vos devo pela vossa afeição...

— Como se fosses irmã minha, muito querida — interrompeu enternecidamente — daquelas irmãs a quem tudo se confia, até os queixumes que ninguém mais há de ouvir, até as lágrimas que se choram dentro de alma, que nenhum estranho as possa adivinhar!

— Eu sei, Senhora, e bem vistes já com que mágoa vos ouvi o segredo desses vossos pesares, que a mais ninguém deixais perceber.

— Mais do que pesares, minha querida Madalena! Martírio é o nome que têm. Sem esperança e cada vez maiores.

— Senhora, tudo isso entendo, mas perdoai. Daqui me não hão de levar, porque eu daqui não quero ir. Noiva serei como viúva, mas daqui me não hei de afastar.

— Mas olha cá, Madalena — disse-lhe, puxando-a para si e beijando-a — A ordem de el-rei tem de se cumprir. Outros aí vêm para a fazer executar, ainda que eu a isso me quisesse opor. Levar-te-iam, violentamente, e para que assim não sucedesse foi que eu pedi a el-rei me deixasse trazer-te aos meus pedidos e emendar a permissão que eu te dera e o meu marido e senhor tão asperamente me censurou. Não me dês o tamanho desgosto de te ver levar daqui à força. Tem tu dó de mim. Tu, ao menos!

— Por esse desgosto de me verdes levar à força vos não receeis, senhora minha. Outro será o vosso dó por mim e

Deus mo perdoará. São largas as portas deste mosteiro para poderem levar daqui a quem não quer sair; mas as janelas destes aposentos são altas e mais depressa a noiva chegará lá abaixo. Depois, nem valia a pena enterrá-la. Era atiraram com ela para o rio. O Douro a levaria à sua terra portuguesa.

— Madalena! Madalena! — exclamou, confrangida, abraçando-a numa tremura de medo — Entendi o teu sentido! Que horror de pecados!

— Senhora, nisto a vontade do meu coração será ainda mais firme do que a vontade de el-rei.

— Mas olha, Madalena, tu desvairas! Que notícias e que certeza podes ter de que o teu escolhido ainda pensa em ti?

— As mais seguras, Senhora!

— E aqui encerrada, a guerra nas fronteiras, que fortuna havia de ser a tua neste mosteiro, diferente da que terias comigo na corte, minha irmã pela mesma terra, amiga queridíssima para chorarmos juntas as nossas mágoas de segredo?

— Para chorar, Senhora, aqui seria melhor.

— E afinal, Madalena, para quê? Para esperares nesta clausura que um dia, por acaso, te fosse possível fugir para o ires buscar a ele?

— Ou para que ele viesse buscar-me aqui.

— Aqui! Só se tivesses alguma santa por ti.

— Ou alguma rainha, que de mim se apiedasse — acudiu num alvoroço febril, beijando-lhe a mão de surpresa.

— Oh! Madalena! — volveu-lhe a Rainha tristemente, puxando-lhe as mãos para si — Se eu já te disse que nada posso, e tu bem o sabes!

— Senhora — murmurou num fio de voz — bastaria que vós quisésseis receber e guardar um segredo meu, como eu para todos hei de guardar os do vosso coração mortificado, que ainda não disse a ninguém.

— Mas olha que te não entendo! — murmurou, levantando-se num movimento de estranheza e de receio, nem ela sabia bem de quê.

Madalena ergueu-se também.

— Prometeis guardar-mo e fingirdes que nada sabeis, ao menos até que rompa o dia de amanhã?

— De madrugada voltaremos a Valhadolid.

— Pois que seja então até à hora da madrugada em que haveis de partir.

— Em que havemos de partir, Madalena, pois que tu sairás também. É a ordem de el-rei.

— Sim, Rainha e senhora minha, até umas horas depois que eu haja saído — disse-lhe, a tremer.

— Ah! Então reconsideraste, minha querida Madalena! Fazes-me o que eu te pedi por causa de el-rei, não é assim?

— Senhora, fazei-me vós a promessa — solicitou, perturbada.

— Pois sim, diz-ma outra vez.

E numa tremura de voz, muito velada, hesitante como se já estivesse arrependida de indicar a confidência, repetiu-lhe:

— Que pela vossa palavra de Rainha prometeis não contar a ninguém, até que nasça o sol de amanhã, o segredo que eu vou confiar-vos por esta muita amizade que

vos tenho. Mas pela vossa palavra de Rainha, não! — disse-lhe, emendando num entontecimento de comoção — Antes a promessa pela vossa alma carinhosa de amiga minha, da minha irmã pela terra em que ambas nascemos. Antes, Senhora!

— Por Deus, que me dá estranheza esse pedido! Mas é teu, Madalena, e tanto me basta. Prometo, e pela salvação da minha alma te juro que guardarei o teu segredo.

— Senhora, que Deus vos pague em venturas o consolo que me dais nesta jura!

— Diz.

— A mim me hão de levar daqui esta noite, Senhora! — disse-lhe a tremer.

— Madalena! — exclamou, fazendo-se muito pálida

— Isso é desvario teu!

— Senhora, não é. Doía-me o coração enganar-vos, sair daqui sem vos dizer!

— Mas eu não posso acreditar! Olha bem para mim. Algum sonho, desses que a nossa alma sonha acordada, te

veio turbar a razão! Quem ousaria levar-te daqui?

— Senhora, o meu noivo.

— Mais enlouquecido do que tu, porque o prendiam, porque o matavam. Mas é desvario teu! Se podia ser?! Se um homem só...

— Com outros como ele! — volveu-lhe convulsivamente, cada vez mais arrependida e cheia de pavor por aquela ingénua revelação.

— E voam por cima dos muros de Tordesilhas, para virem buscar-te aqui e levam-te de cá por entre as nuvens para que os não vejam os homens de armas que aí estão?! Minha pobre enlouquecida!

— Senhora, enlouquecida só se vós não quiserdes cumprir a vossa jura! — disse-lhe, oprimida, pondo nela os olhos rasos de lágrimas.

— Mas se assim fosse, então o teu pedido haveria sido uma traição para mim e a jura teria eu de a quebrar!

— Rainha e senhora, que vos não perdoaria Deus — acudiu, de mãos postas, numa lividez de espavorida.

— Eu não posso, não devo faltar aos meus deveres para el-rei, e sou Rainha de Castela.

— Desabafando comigo as vossas mágoas, vós me chamastes vossa irmã, a vossa única amiga. Que pode valer para el-rei a fuga de uma pobre mulher, e que traição seria para Castela que um namorado aqui viesse buscar a sua noiva?!

— Afronta seria para o meu reino que inimigos seus aí viessem! A Rainha de Castela atraiçoaria seu marido e o seu reino sabendo-o no fingimento de tudo ignorar!

— Quem o soube, Senhora, não foi a Rainha; foi a Infanta D. Beatriz de Portugal, amiga como irmã de Madalena de Mendonça, confidente dos seus pesares. A primeira e a maior traição seria para mim! — disse-lhe a reprimir a onda de soluços que a afogava — Senhora Infanta de Portugal — suplicou, ajoelhando e tomando-lhe as mãos — guardai da Rainha de Castela o segredo que eu disse à minha maior amiga e ela pela sua alma jurou guardar!

— Nossa Senhora me valha, que não devo nem posso cumprir a jura!

— E foi por essa amizade vossa, que dizíeis tamanha, por este remorso do coração que eu tinha de vos deixar, decerto para sempre, sem vos beijar na despedida, foi por isto, a confiar cegamente na vossa alma, que eu vos pedi a jura!

— A tua amiga, Madalena, a ninguém dirá o que soube; mas a Rainha pode ter resolvido sair já para Valhadolid e mandar que os seus homens de armas se aprestem a partir, sem nenhuma delonga.

Madalena ergueu-se num repelão convulsivo. A pobre Rainha-menina tremia tanto como ela.

— E eu, atravessando-me diante de vós, posso dizer-vos: Senhora Infanta de Portugal, minha amiga, minha irmã, não deixeis que a Rainha de Castela mande chamar os seus homens de armas! Estão aí os que hão de levar-me, e esses não sabem fugir. Será uma aventura de morte! Mais sangue, senhora Infanta, maior luto para os vossos de

Portugal e para os vassalos da Rainha, por causa de uma pobre noiva que nenhum mal lhes fez.

D. Beatriz chorava. O seu coração mortificado transigia num impulso de dó e numa fraqueza de medo.

Deu uns passos vacilantes e deixou-se cair numa cadeira de espalda, a soluçar baixo, reprimindo-se.

Madalena correu para ela e outra vez se ajoelhou, beijando-lhe as mãos.

— Pelo muito que tendes sofrido, perdão! Morreria eu, se o matassem, e vós, eu sei, teríeis dó de mim.

— El-rei entenderá que eu fui sabedora. Há de supor Castela que eu vim proteger aqui, deslealmente, essa ousada aventura! — murmurou, chorando.

— Senhora, não. Eu despeço-me de vós, como quem se afasta para sempre, mas a Rainha vai repousar como se nada soubesse. Perdoai-me. Bem vedes, Senhora, que só poderia causar estranheza que eu viesse contar à Rainha um segredo de tamanho perigo.

— E se houver arruído, briga que encha de alarme a povoação, queres tu, Madalena, que eu finja também que nada ouço e percebo?!

— Senhora, então sede bem a Rainha de Castela e mandai prender-me, se eu ainda aqui estiver, e eu vos prometo que esta confidência morrerá comigo antes que cheguemos a Valhadolid.

— Deus tenha piedade de mim! Madalena, juras-me que não é para mover traição a el-rei ou para afronta ao seu poder que aí vêm ou aí estão esses ajudadores do teu noivo?

— Pela sua própria vida, que eu tenho em maior apreço que a minha, vos juro diante de Deus.

— E como podes tu jurar assim por essa gente, que nem sabes talvez quem seja? — perguntou-lhe numa estranheza tocada de suspeitas.

— Senhora, são cavaleiros fidalgos de Portugal os que aí estão.

— Muitos, para te levarem?

— A mim me disse quem o podia saber que eram os que restavam daquela Ala dos Namorados, de que vós própria me falastes aqui, no mês passado.

— Desses me tinha falado el-rei, nesses, com entranhado ódio, falavam em Valhadolid alguns cavaleiros que puderam voltar da batalha real. Parece que já neste mês estiveram também noutra batalha, que foi em Valverde de Mérida. Desta mandaram notícia a el-rei a semana passada! Maior ofensa no cometimento por serem eles! E agora é que não posso crer na tua jura, nem cumprir a minha! — disse, levantando-se, cada vez mais velada e mais trémula.

— Não podeis por serem eles!

— De tal audácia como dizem... Mais hão de querer que levar-te! Outro intento será o seu, simulando que vêm somente para ajudar o teu noivo!

— São cumpridores dos seus votos, e o que fizeram agora sei eu que foi unicamente para daqui me levarem.

— Meu Deus, não bastava ainda o que eu tenho padecido! Isso, Madalena, isso, por mais que tu digas, é uma grande ofensa a el-rei e ao seu reino. E eu sou a

Rainha! Tenho muito dó de ti, mas é preciso chamar alguém. Os homens de armas que venham!

Madalena abraçou-se a ela de joelhos.

— Senhora, por piedade, não! O meu noivo aqui virá jurar-vos que mais nada intentam do que levar-me daqui! Não faleis alto, Senhora, que a vossa camareira pode ouvir!

— Deixa-me! — disse, repelindo-a.

— Então me atraiçoais e sois contra mim! — soluçou, erguendo-se com nervosa energia — Vou abrir eu aquela porta e, se chamardes, Deus será então por quem lho merecer.

Correu para a porta que dava para uma antessala e abriu-a.

Apareceu por detrás dela a veneranda figura de Mendo Rodrigues.

— Estais tardando, senhora! — disse para Madalena.

A juvenil rainha tremia num pavor de enlouquecimento, quebrada de todo o alento, a voz afogada na garganta, na impossibilidade absoluta de tomar qualquer resolução.

— Fiz uma loucura! — disse Madalena com rapidez febril, numa sufocação — A Rainha sabe... Quer chamar!

— Senhora Infanta de Portugal — invocou o velho numa voz abafada, adiantando-se respeitosamente — Nada receeis por vós. Infanta portuguesa, heis de ser acatada, como se fosse aqui o paço do senhor rei D. Fernando, a quem Deus perdoe. Os homens da nossa terra que aí estão nada mais pretendem do que levar esta dama. Por eles vos juro, senhora!

— Sois então um fingido peregrino de Castela! — disse D. Beatriz num pasmo de surpresa.

— Sou um velho cavaleiro de Portugal, que lealmente serviu o seu rei, e não jurou nem juraria prestar-vos menagem como Rainha de Portugal depois que vos fizeram Rainha de Castela. Os homens que aí vieram são fidalgos jovens, provados nos perigos, cavaleiros que em nenhum caso atentariam contra uma dama. As monjas dormem tranquilamente e as vossas cuvilheiras estão fechadas nas suas câmaras. Houve quem surpreendesse e amordaçasse os guardas daquela porta da vila por onde se pode voltar a Portugal. A ponte levadiça desceu-se e os cavaleiros de

aventura entraram. Pouco importa que vos diga de que modo puderam entrar. A vila adormecida não deu por eles. Está vigiado o quartel dos ginetes. Por qualquer alarme será certa a luta. E ou todos ficamos cá, ou a noiva enclausurada sairá connosco.

Mendo acercou-se mais dela e, dobrando-se, reverente, disse-lhe baixo, com afeto paternal, comovidamente:

— Defender-vos-ia, Senhora, a custo da própria vida, se alguém aqui fosse capaz de vos desacatar. Tenho razões de alma para o fazer!

Num aturdimento dos sentidos, a rainha olhou para ele sem o compreender e, como se as forças lhe faltassem, caiu num escabelo.

— Senhora Infanta, permiti que venha prestar-vos homenagem meu sobrinho Ruy de Vasconcelos, da mais gloriosa ala de Aljubarrota, e como a filha de Portugal vos digo este nome.

D. Beatriz estremeceu. Cobria o rosto com as mãos ocultando lágrimas. Era este o desafogo daquela pobre

soberana de treze anos, mulher à sobreposse, na sua maioridade de amarguras.

Alguns dos Namorados tinham entrado na cerca do mosteiro por uma porta escusa, que Mendo Rodrigues lhes abrira. Foram oito os que entraram e foi-lhes fácil surpreender e amordaçar os nove besteiros que tinham a sua casa de guarda ao fundo da cerca.

Quatro tinham já subido pela escada dos aposentos reais. O fingido monge apossara-se por astúcia das chaves de todas as portas exteriores daqueles aposentos.

Mendo Rodrigues saiu da antecâmara real e foi chamar o sobrinho.

D. Beatriz soluçava baixo. Madalena acarinhava-a de joelhos.

— Virá a saber el-rei como isto foi — murmurava num desalento infantil.

— Senhora, perdoai! Perdoai, mas a culpa foi toda minha, que não soube guardar do vosso coração de amiga o segredo que foi loucura dizer à Rainha de Castela.

Ruy entrou com Mendo Rodrigues. Já não trazia o cobrejão de disfarce com que ocultara a sua armadura de cavaleiro.

Madalena pôs as mãos contra o peito num movimento de supremo júbilo como se quisesse abafar algum grito do coração enlouquecido, e envolveu-o no seu olhar repassado de lágrimas, daquele choro que só se chora nas horas de inexcedida ventura.

— Senhora Infanta de Portugal — disse o Vasconcelos, curvando-se como um cortesão — por mim e pelos fidalgos cavaleiros da Ala dos Namorados, a vós saúdo e depressa homenagem como dama que sois da mais alta hierarquia da nossa terra portuguesa.

— Senhora Rainha — segredou-lhe Madalena numa tremura de santo e amorável orgulho por aquele herói — é o meu noivo. Senhora Infanta de Portugal, minha amiga e a minha irmã como dizeis, deixai que ele vos beije a mão.

— Madalena!... — soluçou baixo — Não posso, não devo.

— Senhora! — disse Ruy, acercando-se mais e dobrando o joelho — Pede a honra de vos beijar a mão quem se presa de ser inimigo formal de el-rei de Castela e nunca se

dobraria diante da Rainha de altivo trono que sois nesta terra estrangeira.

Madalena tomou brandamente a mão de Beatriz. O Vasconcelos esperava de joelho no chão.

— Ruy — disse-lhe Madalena — esta foi a mão carinhosa e amiga que eu tive em terras de Castela.

— Senhora Infanta de Portugal, Deus seja por vós e vos dê a grande fortuna que mereceis, fora da herança que a nossa gente não quer nem pode reconhecer-vos.

Beijou-lhe a mão. D. Beatriz estremeceu. Ruy ergueu-se e recuou uns passos.

— A Ala dos Namorados vai sair de Tordesilhas. A Rainha de Castela pode mandar que os seus homens de armas corram na sua perseguição. A ala não voltará as costas, porque não sabe fugir. Mas Ruy de Vasconcelos ousa pedir à senhora Infanta que não deixe falar a Rainha antes que Madalena de Mendonça tenha tido tempo de transpor as portas que dão pára o caminho de Portugal. Meia hora chegará. Pelos Namorados, e pela minha honra vos juro que a ala ficará atrás da noiva roubada, esperando

os homens de armas que a juvenil esposa de el-rei de Castela houver de mandar-lhe por desforço.

— Senhora, falai — solicitou-lhe Madalena, muito debruçada para ela.

— A Rainha não mandará os seus homens de armas contra vós — respondeu-lhe sumidamente, numa voz que vinha afogada de lágrimas — A Rainha nada sabe... Irá repousar...

— Senhora, Deus fique então convosco — disse-lhe o Vasconcelos comovidamente, retirando-se com o tio para a salazita contígua.

D. Beatriz percebeu que se tinham afastado e logo em soluços, que a sufocavam, disse a Madalena:

— A Rainha ficará chorando. E amanhã voltará para o ermo da sua corte estrangeira... Mais sozinha que nunca... Porque até tu lhe faltas, Madalena!

— Senhora, dai o vosso perdão à noiva que de vós se afasta — suplicou, abraçando-se nela.

— Sim... A nossa Senhora te dê bom futuro, noiva querida e linda, e de mim haja dó pelo tanto que tenho padecido! Vai... E adeus para sempre!

— Levo comigo a vossa imagem — soluçou — para não a esquecer nunca!

— Tem dó da Rainha, quando de mim te lembrares, Madalena!

— Senhora, sim — disse-lhe, beijando-lhe as mãos fervorosamente.

— Adeus!

Madalena correu para fora como entontecida.

— Deus sabe se eu não iria também com a maior alegria da minha alma! — dizia consigo D. Beatriz, num confrangimento de pavor pelo futuro — E nem lá me tinham de querer! Hão de ter-me ódio por essa coroa... De martírio, feita de ouro!

E ficou-se a chorar.

* * *

— Filha, que demora e que imprudência a tua! — disse-lhe a mãe numa tremura de receios.

D. Maria de Mendonça nem tivera ânimo de ir à câmara real despedir-se.

— Olhai que não tarda a hora em que a ronda irá correr os muros e as portas — veio avisar o Provençal — Era tempo de irmos, para não confiar demasiadamente no desleixo de vigilância em que está a vila.

— Vamos, sim — concordou Ruy — Mas lá fora devagar, para que se não vá pensar que fugimos.

— Não seria prudente vigiar a Rainha? — perguntou baixo Mendo Rodrigues — Ficarei eu até dar tempo que leves para fora das portas a tua noiva e a mãe.

— A Infanta não faltará à sua promessa. Nem os seus desprecavidos homens de armas teriam tempo de chegar antes que elas tenham saído as portas. Tio, seria risco inútil ficar.

Foi tomar o braço de Madalena. Mendo acompanhou D. Maria de Mendonça. Desceram silenciosamente a escada que dava para o jardim da cerca.

— Como tu tremes, meu amor! — segredou-lhe Ruy.

— Tem ânimo. Chegamos bem para te defender.

— Mas com a tua vida em perigo, e disso é que eu tenho medo! — balbuciou, muito chegada a ele como criança oprimida de susto.

CAPÍTULO IX

O RAPTO DE UMA NOIVA

Resumamos como os Namorados tinham entrado em Tordesilhas.

Ao sol-posto, antes de se fecharem as portas da vila, seis deles, à sorte, tinham vindo com Ruy de Vasconcelos, a pé entre a gente que voltava dos campos, com o disfarce já indicado em outro capítulo; os arneses encobertos, as espadas muito cingidas ao corpo, verticalmente, o capuz gualteiro aconchegado ao rosto.

E a pequena distância uns dos outros, separados para não causarem desconfianças. Se um deles se tornasse suspeito, se o retivessem os da guarda, os outros acudiriam, e, desembaraçando-se dos ferragoulos, forçariam a entrada a um dos dois escudeiros que vinham atrás também disfarçados, daria sinal com uma trompa de caça para os que estavam emboscados, já a cavalo e prontos a desfechar

a toda a brida para se completar então o empreendimento à viva força.

Não foi preciso. A tão larga distância da fronteira e tão arredados do teatro das operações, os chefes militares que havia em Tordesilhas tinham deixado afrouxar completamente todas as precauções de guerra. Na sua vida remansosa, os moradores dormiam a noite a sono solto.

As últimas hostilidades tinham sido longe dali. Pela fronteira do Guadiana a breve campanha de invasão do Condestável; pela raia de Serpa uma audaciosa entrada dos Vasques da Beira, que assolaram com os seus quinhentos homens as comarcas de Aronche, Cortijana e Arancena e afinal derrotaram umas tropas de Castela, que vinham para os rebater.

Naqueles fins de 1385, a grande concentração de forças da hoste real estava-se fazendo na Galiza com receio de uma invasão inglesa pela baía de Vigo. O duque de Lencastre não desistia das suas pretensões ao trono de Castela e sabia bem que podia contar com a cooperação dos Portugueses.

De modo que, assim afastada do teatro das hostilidades e a cinco léguas de uma forte guarnição militar como era a de Valhadolid, compreende-se bem que a gente de Tordesilhas estivesse desprecavida.

Nem em sonhos de pesadelo poderiam sequer imaginar aquela atrevida algarada dos Namorados para o rapto de uma noiva.

* * *

Dentro da vila, os escudeiros e quatro Namorados ficaram disfarçadamente pelas imediações da porta por onde tinham entrado. Ruy e mais dois tinham ido para uma alameda que o Provençal lhes havia indicado. Ali esperariam por ele. Era a alameda que ficava a pequena distância da cerca do mosteiro.

Sabemos já que estiveram reunidos com Mendo Rodrigues e que este lhes deu as últimas indicações do plano, designando a entrada no mosteiro por uma porta pequena da cerca, que ele próprio iria abrir-lhes.

Perto da meia-noite, as sentinelas dormitavam e as guardas dormiam a sono solto. Era o momento próprio para abafar a guarda da porta da muralha por onde os outros deviam entrar, pois que já a essa hora tinham de achar-se a menos de meio quarto de légua, esperando.

Munidos de cordas e mordaça, pé ante pé pelo muro, os dois escudeiros lograram acercar-se da sentinela entontecida de sono e um abraçou-a pelas costas enquanto o outro lhe deitou as mãos à garganta. Não o mataram porque tinham recebido ordem de Ruy de Vasconcelos para não empregar as armas senão nalgum lance de perigo. O pobre soldado bisonho ficou tolhido de medo e foi coisa fácil amordaçá-lo e prendê-lo com as cordas a uma das ameias do muro.

Entretanto, em baixo, o Vasconcelos, o Magriço, Vasco Eanes e mais dois tinham entrado na casa da guarda e, com igual facilidade, surpreenderam os besteiros que estavam dormindo a sono solto.

A alguns os amordaçaram ainda mal despertos, e a outros, de sono mais leve, que logo acordaram e se dispunham a resistir, os ameaçaram de morte. E tanto a surpresa os

encheu de terror, que ficaram num completo esmorecimento de ânimo e, sem nenhuma resistência, se deixaram amarrar.

Nem eles podiam sequer perceber porque mágico poder estavam ali dentro aqueles audaciosos chamorros.

Puseram-lhes mordaças e fecharam por fora a porta da casa da guarda.

Correram então a descer a ponte levadiça com o menor ruído possível.

O Provençal tinha ficado a distância, observando, para dar aviso da aproximação de qualquer ronda.

Depois abriram os portões, correndo os enormes ferrolhos e rebentando-lhes os fechos. As chaves estavam em poder de D. Pelayo Munoz.

Os vinte e quatro da ala estavam já esperando, a menos de meio tiro de besta. Correu para eles o Magriço a dizer-lhe que podiam entrar.

Apearam-se e foram entrando a um por um, de cavalos à mão, para evitar tropel que pudesse alarmar a vila.

Os escudeiros ficariam de guarda às portas. Eram eles que traziam os cavalos para os que já lá estavam dentro e para as duas damas.

Catorze dos Namorados, que o Provençal guiava, foram postar-se na retaguarda do quartel dos ginetes, e dez se destacaram para a alameda vizinha do mosteiro.

Começaram então a ladrar furiosamente os cães de guarda do palacete solarengo.

— Está-lhes a dar o faro de Aljubarrota, àqueles excomungados! — dizia para outro o Lobeira, gracejando.

Do mais que se passou já nós dissemos.

* * *

Quando a noiva já estava fora dos muros da cerca, o Magriço foi apresentar-lhe as suas homenagens.

— Senhora minha, a ala saúda a rainha das belas, que em Lisboa aclamou, e põe aos vossos pés os seus mais fervorosos votos. Assim reduzida, a ala acabará e será este

o seu último feito de aventura. Senhora, que vão convosco os anjos vossos irmãos.

— Ficais, senhor Álvaro Coutinho?! — perguntou-lhe numa comovida estranheza.

— Não tencionava ficar... Mas é preciso conter aqui os madrugadores de Tordesilhas e dar tempo a que não possam ir à vossa perseguição os ginetes de Castela.

— Madalena seguirá com alguns dos nossos — acudiu Ruy — Eu tenho de ficar com os que tanto se arriscaram por mim.

— Isso não ficais, que não queremos nem o consentimos nós. Falo em nome de todos.

— Álvaro Coutinho, seria desdouro para mim!

— Não percais tempo. O vosso dever agora é ir com estas damas para as defenderdes. Já não careceis de mostrardes que sois homem destemido. Nós lá iremos ter, quando vos julgarmos a três ou quatro léguas daqui. Agora, adeus, e até então, se puder ser.

— Vede se fazeis alguma imprudência — observou-lhe.

— Coisa de nada. Fazer madrugar os de Tordesilhas, já que nós passámos a noite em claro, e deixá-los na certeza de que não foram salteadores os que vieram buscar a noiva de Ruy de Vasconcelos, mas companheiros seus da Ala dos Namorados. Até logo.

Ruy teve de transigir com imensa satisfação de Madalena. Minutos depois, um grupo de cavaleiros saía da vila por aquelas portas de que se tinham apossado os mais belos paladinos de aventura que teve então a Península.

Formavam esse grupo Mendo Rodrigues, Ruy de Vasconcelos, quatro dos seus da ala e dois escudeiros. Entre eles, em cavalos de sela, Madalena e a mãe.

Numa casa baixa, a um recanto da fachada principal do mosteiro, a guarda maior dos besteiros dormia tranquilamente.

* * *

O Magriço disse aos que tinham ficado na alameda:

— Vinde comigo para vos juntardes aos catorze que estão vigiando o quartel dos ginetes.

Foram, e lá os encontraram silenciosos e impacientes. O Provençal estava com eles. O Magriço chamou-o de parte.

— Vamos lá ver se o Munoz de Leon y Bullones já acabou de cear. Quero ganhar-lhe a aposta das guedelhas. A outra da vida lha dispenso eu, salvo se ele teimar muito. Quereis vir?

— Vou.

— Tende paciência; esperai aqui uns instantes mais, que eu não tardo — disse o Magriço aos outros.

CAPÍTULO X

A DESPEDIDA

Na salazita da hospedaria D. Pelayo Munoz estava ainda à mesa com o seu colega D. Ramon Cabeza de Vaca, nobre comandante dos ginetes da escolta real. Este Cabeza de Vaca era sobrinho de um chefe notável que tinha morrido no último cerco de Lisboa.

Cearam regularmente; beberam com denodo épico e ficaram a caturrar, à espera dos parceiros para o jogo, sem dar pelas horas que fugiam.

Os criados e as raparigas tinham ido deitar-se. Num quarto próximo, o dono da hospedaria deitara-se vestido para acudir de pronto a qualquer chamada do espetaculoso D. Pelayo.

— Sou eu quem tal verdade te afirma, Ramon. Contra minha vontade, e por não seguirem os meus conselhos, deixaram os ginetes de tomar numas tantas galopadas aquela plaza fuerte de Aljubarrota.

E o Munoz tossiu grosso, deu uma punhada formidável em cima da mesa e prosseguiu:

— Por todos os lindos olhos de mulheres que tem Andaluzia, aqui te juro que os poucos chamorros sobreviventes estariam já de cabelos crescidos, crescidos e brancos de desgosto! Então se inundaria de sangue a migalha do nosso planeta em que, por graça de Deus e de nós outros, tem vivido este povozito, que não vale dois pêlos da cauda do velho leão de Castela.

E D. Pelayo Munoz passou a mão pela barba, solenemente. Mas o vinho de Tordesilhas quebrara-lhe muito a expressão altiva do olhar, e por mais que ele fizesse por acender nas pupilas a soberana ferocidade dos leões heráldicos da tabuleta, os olhos insubmissos abatiam-se-lhe dengosos, como se não tivessem compreendido a significação daquelas palavras formidáveis.

O Cabeza de Vaca estava pior que o Munoz. Os olhos dele cerravam-se-lhe a espaços, de pálpebras engelhadas.

— Olhai cá, Munoz meu — disse-lhe, arrastando muito as palavras, que lhe gorgolejavam, enrouquecidas

— Dizei-me se em Valverde de Mérida teriam feito grande falta quatrocentos ou quinhentos dos nossos ginetes.

— Homem, duzentos bastavam, se a contenda foi como se diz. Duzentos, não mais, compadre Cabeza de Vaca. Estivera eu lá e, pelos meus formidáveis avós, te prometo e juro que voltaria a Tordesilhas com o próprio Condestável preso ao rabo do meu ginete, mais branco do que os píncaros de Sierra Nevada. E às outras caudas de todos os ginetes do meu esquadrão, amarrados também, quantos dos tais Namorados houvessem sobrevivido. E mandá-los-ia depois de presente a Valhadolid, para águadeiros da povoação e varredores do real palácio. Fica-te com esta, Ramon. Por todas juntas e por cada uma das onze mil virgens em particular, aqui o juro, amigo Cabeza de Vaca.

Mas ainda para esta farronca os olhos lhe faltaram escandalosamente, numa expressão mansa como se fossem de perdigueiro velho.

— Acreditas, Ramon? — perguntou, esticando os punhos.

— Acredito — roufenhou o outro, perdido de sono.

— O que lhes vale a eles é o medo que têm de se despegar para estes lados. Com os nossos ginetes, era vitória para muito escasso tempo. Em vinte ou trinta minutos, estariam a chorar pelas mães e pelas namoradas. Que dizes, Cabeza de Vaca?

— Digo que sim, Munoz. Homem, olha que este vinho de Tordesilhas faz securas! — observou, dando estalos com a língua — Quero cuspir, e não posso!

— A mim, não. A mim não me faz securas. É de família. Os Bullones cuspiram sempre, e por mais vinho que bebessem e por maiores perigos e terrores que Deus lhes pusesse diante dos olhos, para lhes experimentar o ânimo.

— Securas e sono! — rosnou o Cabeza de Vaca — O tal Gascão que tu conheces, já cá não vem! Munoz vou-me deitar.

— Homem, espera um pouquito. Irás deitar-te quando eu sair para rondar as portas das muralhas. Tinha feito tenção de não ir, mas, já que não temos jogo, vou.

— Sozinho?

— Homem, que dúvida! Nem era preciso rondar. Aqui em Tordesilhas, só se entrassem as estrelas, e essas mesmas por serem fêmeas e por galanteio de nós outros. Mas faz-me bem um passeio depois da ceia. Irei. Ora o trangalhadanças do tal Gascão! Falta como um cão mouro! Tenho pena que o não vejas. É mais alto que a torre maior de Valhadolid, mas pareceu-me de ânimo encolhido como qualquer pajem noviço. Mentem muito os tais gascões! Mas para façanhas... Puf! Um olho dariam eles ao diabo para nos chegarem aos calcanhares! Não achas, Cabeza de Vaca?

— Acho — respondeu D. Ramon por entre dentes.

— Já se não livram da má fama de terem sido os culpados daquela borracheira de Aljubarrota — acrescentou Munoz com um grande gesto de lástima.

Ouviu relinchos e o ruído de cavalos escarvando o chão; sobressaltou-se, ergueu-*e.

— Ramon, escuta! Parece que saíram prá rua os ginetes dos nossos esquadrões!

O outro levantou a cabeça, que encostara aos punhos, firmados na mesa.

— Cabeza de Vaca, os ginetes relincham!

— É — volveu-lhe Munoz, um pouco turbado — é porque já acordaram... Com a cantoria dos galos. Vamo-nos nós deitar, Pelayo e deixá-los relinchar.

E bocejou, preguiçoso.

— Mas aquilo percebe-se que é na rua! — observou D. Pelayo.

Correu à janela a escutar. O Cabeza de Vaca debruçara-se mais para cima da mesa e adormecera.

Munoz deitou a cabeça de fora da janela e percebeu dois vultos.

— Quem vem lá? — perguntou, rouquejando.

— Um cavaleiro de Gasconha — responderam-lhe em péssimo castelhano — O maior admirador do muito nobre e valente D. Pelayo Munoz de Leon y Bollones.

— Ah! Sois vós, o Gascão tosquiado que faltou à ceia! — gracejou, debruçando-se mais, já refeito de ânimo.

— Eu sou como dizeis, e aqui venho com o nosso honrado troveiro de Provença a pedir-vos desculpa da falta.

— Eu vou mandar abrir a porta.

— Vinde antes vós cá abaixo, D. Pelayo. Não nos podemos demorar, pois nos ficaram águardando damas a quem não devemos faltar. Podereis vir connosco, vós que sois a flor da cavalaria galanteadora de Castela. Vinde e pelo caminho vos daremos uma surpresa.

— Pois vou. Desço já. Sempre os Bullones gostaram de surpresas.

Retirou-se da janela e foi cingir a espada e pôr o manto aos ombros, relanceando olhares de desdém pára o Cabeza de Vaca, já a ressonar em cima da mesa, estrepitosamente.

— Parece uma ronca de porco cevado! — comentou — Mais nasceu para frade que para guerreiro, este Cabeza de Vaca! Deixa-te para aí ficar, que és o desdouro dos ginetes de Castela e do teu tio, que Deus haja.

E desceu a escada com a rapidez de que era capaz depois de uma longa e pesada ceia.

Entretanto, em baixo, o Provençal dissera baixo ao Magriço:

— Olhai, não vá isto parecer uma traição!

— A outro qualquer cavaleiro, como os tem Castela, faria eu um desafio formal e lutaríamos lealmente.

A este farfante, não. Amesquinha os nobres e destemidos campeadores da sua terra. Este vai de chacota.

D. Pelayo abriu a porta da travessa.

— Rápido e aventuroso como quem sois, ilustre Bullones! — disse-lhe o Magriço.

— As aventuras foram sempre o meu forte — respondeu, fechando a porta por fora.

— Sim? Pois ides ver a delícia de aventura a que vamos levar-vos. Haveis de rir perdidamente, quando ouvirdes a uma das damas a quem vamos fazer companhia, certo disparatado sonho que ela teve há duas noites e nos contou há pouco mais de duas horas.

— Sonho de amores?

— Convosco, D. Pelayo, porém em circunstâncias muito extraordinárias! Imaginai que se julgou numa entrevista como no seu próprio jardim, alta noite, quando, como por encantamento, surgiram para a roubar, nem podeis pensar em quem?

— Os vinte ou trinta nobres de Gasconha que escaparam aos chamorros — volveu-lhe o Munoz de mofa.

— Qual! Coisa de muito mais graça e desconchavo. Os Namorados chamorros que sobraram de Valverde de Mérida.

— Oh! Oh! Quem dera então que isso não fosse um sonho!

— Pois o final é ainda mais doido! Sonhou que esses atrevidos vos tinham vencido e de escárnio vos tosquiaram, para ficardes como eles.

— Isso devagar! Isso nem sonhado, cavaleiro de Gasconha!

— Loucuras de sonhos, senhor D. Pelayo Munoz — interveio o Provençal.

— Mas às vezes — notou o Magriço — quer o diabo que os sonhos mais loucos sejam exatamente os que vêm a sair verdadeiros!

— Quê! Pois credes?! — interrogou o Munoz, encrespando as sobrancelhas, espessas como fartos bigodes.

— A vosso respeito, decerto não. Deus me livrasse de tal! Mas vamos indo daqui.

— É singular! — observou D. Pelayo, parando de ouvido à escuta — Outra vez relinchos de cavalos! E agora um rumor surdo de vozes!

— Há de ser engano vosso. Vamos indo.

Mais uma dezena de passos e entraram no terreiro que ficava por detrás do quartel dos ginetes.

O Bullones recuou, esfregando os olhos, como se duvidasse do que via. Apesar da tenuíssima claridade das estrelas, percebia-se bem o pequeno esquadrão dos Namorados, nos seus corcéis de combate.

— Sem minha ordem... Os reais ginetes! — tartamudeou o Munoz com o nariz clássico dos Bullones a passar do tom malagueta para o amarelo-cera.

— É a realidade daquele sonho de que eu vos falei, farfante primaz das Espanhas! — disse o Magriço, pondo-lhe sobre o ombro direito a sua mão possante, capaz de o fazer ir a terra.

D. Pelayo sentiu-lha e turbou-se.

— Se abrires a boca, ainda que seja para apelidares os Bullones teus avoengos, ficas aqui espetado como um sapo!

— Traição! Traição — rouquejou baixo o grão-capitão.

— Castigo a um farfantão é que é. Os teus leões dormem e aqueles são os Namorados Chamorros, os daquela ala de Aljubarrota, que tu não quiseste bater com o teu esquadrão. Namorados — disse alteando a voz — aqui tendes pelo nosso prisioneiro D. Pelayo Munoz de Leon y Bullones.

E de mofa acentuou muito o Munhoz e o Bulhones.

— Caracoles! — exclamaram os rapazes de brincadeira e quase em coro.

— Malvados! — regougou D. Pelayo num estremeção.

— Não te mexas, Bullones! Olha que vais a terra, como se tivesses em cima dos ombros as garras do leão castelhano.

E logo alto para os outros:

— Havemos de levá-lo a Portugal e lá lhe tosquiaremos a guedelha, bem que seja fora do tempo, até para a tosquia dos leões.

Ouviu-se um sussurro de aprovação.

— Prefiro morrer! — protestou o Bullones.

— Não morrerás. Vais montar a cavalo e terás por escolta a cavalaria jovem dos chamorros.

— Sede generoso, Álvaro Coutinho — pediu-lhe o Provençal — Não ponhais mácula nesta bela e audaciosa empresa, que não tem outra melhor nos romances de cavalaria. Pela minha amizade vos peço.

— E por ela tendes o direito de ser atendido — volveu-lhe o Magriço, depois de uns segundos de reflexão

— Dizeis bem. Ide então avisar os nossos. Eu aqui guardarei D. Pelayo.

Num pasmo de entontecimento, sem poder cair em si, o fanfarrão rangia os dentes, talvez de susto.

O Provençal foi falar aos Namorados e todos concordaram afinal em que se não levasse para a tosquia o espalhafatoso Munoz.

— Tiveste bom padrinho, D. Pelayo. Vamos deixar-te, livre, mas ficarás sabendo tu, para o contares aos teus ginetes, que os Namorados vieram aqui buscar certa dama noiva da sua terra, que estava encerrada no mosteiro real. E aos moradores de Tordesilhas dirás que os Chamorros Namorados não quiseram levar desta terra nem mesmo as tuas guedelhas. A guerra continua. Se tiveres alma para te desforçares deste chasco, vai procurar-me onde quer que se haja de batalhar. Por mim quando quiseres. Manda-me algum mensageiro e serei contigo onde tu aprazares. Eu chamo-me Álvaro Gonçalves Coutinho.

O Munoz ficara-se num pasmo atónito de imbecilizado. Não sabia compreender como podia ter sido aquela audácia.

— Escudeiro, o meu cavalo! — gritou o Magriço.

E na fileira dos Namorados, o Lobeira gracejava:

— Escutai como cantam os galos de Tordesilhas à espera que rompa a manhã.

— E nós cantaremos também — acudiu outro.

— Mas aqueles mariolas de cá já estão casados à moura — redarguiu-lhe o Lobeira, suspirando com uns gestos gaiatos — E nós vamos ir sem um roubo de beijos, ao menos, feito às noviças claritas e às outras raparigas de Tordesilhas!

O Magriço e o Provençal estavam a cavalo.

— D. Pelayo Munoz, ide acordar os vossos ginetes — disse-lhe Álvaro Coutinho, mofando — Nós sairemos a passo para que nos possais alcançar. Reparai bem. Vamos daqui apenas vinte e seis dos Namorados com alguns pajens e escudeiros. Dizei-o aos vossos ginetes para os

animardes. Até daqui a alguns momentos ou até quando quiserdes.

O Munoz deu um rugido de fera liberta, levou a mão ao punho da espada e correu para o quartel em brados de alarme.

— Ala dos Namorados! — clamou o Magriço, tomando a bandeira das mãos de Vasco Eanes — A caminho; devagar. Pela nossa terra e pelas nossas damas!

E todos em coro foram repetindo aquele moto que despertava Tordesilhas.

Às portas por onde os noivos tinham saído, os escudeiros esperavam a cavalo e incorporaram-se no pequeno esquadrão.

A meio quarto de légua já se ouviam os toques de alarme dos sinos e das trombetas. Viam-se tremeluzir luzes pelos muros e pelas janelas altas de Tordesilhas.

— Sempre devagar, ainda mais devagar — recomendou o Magriço de pé nos estribos — até ver se eles vêm sobre nós.

Mas na vila a surpresa de terror estonteara todos os espíritos e quebrara todas as energias. Limitaram-se a correr aos muros preparando a defesa, sem saber quantos eram aqueles audaciosos e talvez na suspeita de que fossem eles as avançadas da hoste do Condestável.

Bullones estava delicioso nos seus rugidos de desespero leonino, a encrespar as barbas e a brandir nos ares a soberba durindana desfeiteada.

— Por Santa Maria de Valhadolid e por quantos Bullones têm assombrado Castela, que iria eu só contra eles, se não fora o dó de deixar Tordesilhas ao desamparo! — bramiu de olhos injetados.

E teve um ataque de tosse épica.

CAPÍTULO XI

TERRA DE PORTUGAL

Três léguas a passo, e nem sequer tropel longínquo dos ginetes do Munoz!

Era manhã clara; vinha rompendo o sol.

— Já não deitam cá — disse o Magriço — Lá vem o teu lampadário de ouro, santa bandeira! — exclamou, erguendo-a mais.

Fizeram alto, saudaram-na com as lanças comovidamente, e entoaram a trova que o Provençal compusera em louvor de Aljubarrota.

— Agora, amigos, à rédea solta! — gritou o Magriço.

E aquele belo esquadrão de devaneadores deitou por ali fora numa desfilada romanesca.

Era já noite quando encontraram os noivos e a sua pequena comitiva. Iam já oprimidos de receio pela demora.

* * *

Tinham seguido pela margem esquerda do Douro, evitando as grandes povoações.

Ao cabo de três fatigantes jornadas, de dia e de noite, entraram pela raia de Miranda.

Ao outro dia celebrava-se na pequenina igreja de uma aldeolazita trasmontana o casamento de Ruy de Vasconcelos com Madalena de Mendonça.

O velho pároco tinha oposto escrúpulos ao casamento assim de afogadilho, mas Ruy resumiu-lhe lealmente a história dos seus amores e os Namorados, três de entre eles, fidalgos ilustres daquela província, deram pelos noivos a abonação da sua palavra jurada.

Nem seria preciso tanto. O velho padre era homem apaixonadamente dedicado à causa de Portugal e a simples solitação daquela ala gloriosíssima de Aljubarrota,

Chegaria talvez para lhe vencer todos os escrúpulos e desconfianças.

O casamento foi de manhã cedo, ao nascer do sol. Começavam a fumegar as chaminés do povoado; estavam brancos de geada os telhados da igreja e os cabeços dos montes.

Assistiram os que restavam da ala, com a sua bandeira esfarrapada pelos virotes e desbotada pelo sol. Apenas trinta e enchiam a navezita.

Foram padrinhos Mendo Rodrigues e Álvaro Coutinho; D. Maria de Mendonça era uma das madrinhas, a outra foi a Senhora da bandeira, aquela pequenina imagem antiga que o Magriço oferecera em 1384. Tocou por madrinha, como ainda hoje se diz.

Foi uma coisa comovedora. Tinha lágrimas de enternecido júbilo aquela noiva, cada vez mais linda. A mãe chorava como tantas vezes choramos nalguma hora de suprema ventura.

Madalena fez promessa de bordar a ouro um manto novo para a Senhora da Boa Fortuna, padroeira da aldeiazita.

— Parece que já estou a ouvir o primeiro beijo destes casados — segredou para outro o cabecinha de vento do Lobeira.

— Chilreado como o que tu roubaste a certa rapariga de Porto de Mós — acudiu o outro, sorrindo.

— Ora! — disse-lhe quase ao ouvido — De Badajoz até Valverde de Mérida roubei eu mais de três dúzias de beijos a três carinhas de castelhanas, que eram de beijar e chorar por mais.

À saída, o Vasco Eanes disse, apontando os telhados brancos da igreja:

— Até esta velhinha se vestiu de noiva!

— E acabou em casamenteira a nossa Ala dos Namorados! — acudiu, pesaroso, o Álvaro Coutinho.

No dia seguinte, as despedidas. O esquadrão minúsculo iria para o Porto a juntar-se à hoste do Condestável. Ruy partiria para Lisboa com a esposa, D. Maria e o tio Mendo.

Vinte dias depois, no velho palácio de Vasconcelos, a Santo Elói, D. Dulce abraçava com igual fervor o filho

queridíssimo e a sua encantadora nora e ao fundo da escada nobre, o velhinho Gonçalo Vasques gaguejava umas palavras de infantil jovialidade, com os olhos rasos de água.

* * *

Foi um mês de encantos, com fulgores e enfloramentos de Abril, aquele Novembro de 1385 para os apaixonados noivos do palácio de Santo Elói. Como alheios a tudo no Mundo de sonho que para si tinham criado em êxtases de inexcedido amor, nem o sol que eles viam e sentiam era como o dos outros, nem para os seus lábios famintos de beijos tinha frialdades agrestes aquele melancólico esmorecer do Outono. Traziam na alma uma primavera lucilante e cálida, com alvoradas ébrias de luz e noites alagadas de luar! Ela ainda mais linda que dantes; ele trovador enamorado como nunca.

Mas naquele viver paradisíaco, de febre e de sonho, em que a imaginação, quase omnipotente, cria nas suas visualidades e arroubamentos alguma coisa de maior

prodígio que as mais belas realidades do Mundo; naquela vida intensa e absorvente, os dias passavam breves como horas escassas e Novembro acabou de surpresa para eles. E por sinal uma entristecida surpresa.

Terminava a licença que o Condestável tinha concedido ao noivo afortunado e era dever partir. A hoste do Condestável juntara-se à de El-rei. A guerra continuava e as forças principais do País iam concentrar-se em Trás-os-Montes para cercar a vila forte de Chaves, ainda em poder dos partidários de D. Beatriz, e cada vez mais arrogante com o apoio que lhe davam os homens de armas de Castela.

Reclamava mais sangue a liquidação do dote da rainha juvenil, e para segurar melhor a coroa na sua cabeça de triunfador era preciso que D. João I de Portugal conquistasse uma parte, ainda importante, da sua pequena monarquia.

Nos primeiros dias de Dezembro, Ruy de Vasconcelos partia para Trás-Os-Montes. Pode imaginar-se a amargura da separação e a dor enorme de Madalena. Para as longas noites daquele Dezembro a tortura das saudades e a outra,

ainda maior, dos receios por essa ausência, que podia ser para sempre!

Aquela guerra era de sanguinário enfurecimento e de implacáveis ódios. Ir para ela era como ir para lúgubres jornadas pelo caminho da morte.

A 25 de Dezembro começava o cerco de Chaves. Naquele dia, com o coração confrangido de saudades, duas mulheres choravam amargamente no palácio de Santo Elói.

D. Dulce e Madalena. Foi assim a sua consoada naquele ano de tamanhas glórias para a Pátria e de tão efémera ventura para a rainha, dos Namorados.

É que também as mulheres dão um pesado tributo para a guerra. O tributo das suas lágrimas para esse longo mar de sangue, esparso no Mundo pelos ódios dos homens e pelas iníquas ambições dos estados.

CAPÍTULO XII

A EMPAREDADA

Em Janeiro soubera D. Dulce, por intermédio do Bispo de Lisboa, em que convento da cidade se fora asilar aquela grande amargurada que era D. Leonor de Gusmão.

A desditosa fizera o seu dito certo. Era uma emparedada.

Confrangida de dó por ela, a piedosa mãe de Ruy de Vasconcelos solicitou e obteve autorização para ir ao convento falar à pobre inclusa, que assim designavam também as emparedadas.

Foi lá, acompanhada somente pela sua antiga aia. Daquele enorme infortúnio nem uma palavra sequer dissera a Madalena.

Receberam-na com as mais cautelosas reservas, e a própria abadessa a foi acompanhar ao claustro pequeno, em que havia dois cubículos para emparedadas.

Antes, porém, lhe tinham exigido promessa jurada de não procurar dissuadir a inclusa de continuar naquela purificadora penitência. A aia ficara esperando no locutório.

D. Dulce sentiu uma singular impressão de horror quando a abadessa lhe apontou o encerro embebido na parede, a um recanto sombrio do claustro.

Nunca ali chegava o sol, por mais opulências de luz que derramasse pelos telhados altos do convento! Mergulhado sempre numa lôbrega penumbra, aquele claustro pequeno parecia o pátio estreito de uma bastilha.

No recanto da emparedada havia sempre uma triste escassez de luz como se estivesse para anoitecer, ainda que o dia fosse alto e o céu tivesse esplêndidas rutilações de ouro.

E para agravar mais as amarguras daquela penitência, até o ambiente humedecido parecia chorar! Ao meio do terreirozito central uma bica soluçava de alto a melopeia das suas águas.

Numa tremura de pavor infantil, D. Dulce inclinou-se para a abadessa e disse-lhe baixo:

— Madre, pela divina Mãe de Jesus, desligai-me da promessa que vos fiz!

— Senhora, não posso... Não devo!

— Olhai que, pelo tanto que tem sofrido, a misericórdia de Deus lhe haverá perdoado as culpas, que nem afinal foram dela. Dizei-me se a desditosa fez já algum voto?

— Aquele; o mais duro de todos.

— Desligai-me então da promessa jurada e deixai ver se posso convencê-la a sair dali.

— Não insistais, senhora!

— Sei bem que esta vossa comunidade tem voto de pobreza, mas, para maior amparo de outras monjas que venham pedir-vos abrigo neste mosteiro, oferecia eu, em resgate da promessa que vos fiz, quanto fosse preciso para aumentar as celas e acudir à ruína em que vi uma parte desta remota edificação.

A abadessa refletia de olhos no chão. Tanta era a pobreza da comunidade e tão apoucados os piedosos donativos depois que as guerras tinham empobrecido o País, que até uma parte da igreja ameaçava derruir-se e não havia recursos com que evitar o desastre. — Cem dobras de ouro que fosse preciso gastar — disse D. Dulce.

— Metade chegaria para impedir que venham abaixo a abóbada e o arco da capela-mor.

— Tem padecido muito aquela desventurada! Deixai que eu a convença a despegar-se dali. Eu sei que se têm feito deixas e legados a emparedadas. Pois seria para o vosso mosteiro o que eu de todo o coração lhe poderia dar a ela.

— Pois que Deus nos perdoe pela boa intenção — respondeu a abadessa num murmúrio de voz — e dizei-lhe, senhora, o que entenderdes de consolo para ela e para favor desta desamparada comunidade. Deixo-vos, e ali vos esperarei à porta deste claustro.

— Madre, que Deus vos aceite essa tamanha obra de misericórdia. Ela está prevenida desta minha visita?

— Está.

— Mostrou-vos estranheza?

— Disse-me sumidamente que vos falaria; mas que não tardásseis muitos dias.

— E porque dizia ela isso?!

— Porque está na esperança de que Deus em pouco a leve para si.

— Talvez por se sentir doente e enfraquecida?

— Disseram-me que muitas vezes rejeita o pão que lhe levam.

— Para acabar mais depressa! — disse D. Dulce numa violenta opressão de alma.

E de si para si, no íntimo do seu coração, sinceramente crente:

— Meu divino Jesus, se vós podeis querer que isso assim seja!

— Chamai por ela. Eu esperarei onde vos disse.

E retirou-se lentamente.

— O horror que isto é — disse consigo D. Dulce, aproximando-se daquele encerro que valia uma sepultura.

— Leonor de Gusmão — chamou numa tremura de voz, pondo na alta fresta de um palmo de largura os seus olhos rasos de lágrimas.

Não lhe respondeu.

— Deus meu, se terá morrido de fome como a filhita lhe morreu?!

Chamou outra vez, numa angústia, pondo naquele nome a vibração de um grito e o intenso fervor de uma súplica.

Apesar da ténue claridade daquele recanto, viu brilhar na fresta os lindos olhos de Leonor de Gusmão. Brilho intenso que se lhe acendia na febre de longos meses, dia a dia mais devoradora.

— Leonor, que desventura! — soluçou, notando-lhe as faces encovadas, emurchecidas, num amarelecimento como o da terra que o sol ressequiu e o vento espalhou pelos caminhos.

— Senhora minha! — volveu-lhe sumidamente, num soluço — Vindes à despedida.

— Venho para vos pedir tudo, até pela memória da vossa filhinha, que Deus levou para si...

— O quê, senhora? — perguntou por entre arrancos de uma tosse áspera, a espedaçar-lhe o peito.

— Que me deis o consolo de vos ver sair daqui.

— É tarde! Agora só para mudar de cova...

— Leonor, como se a minhafilha fôsseis...

— Outra como filha mereceis. Aquela que se julgava emparedada... Na corte de Castela.

— Não, não! É por vós que eu aqui venho, para mudardes de abrigo.

— Agora... Só para mudar de cova — repetiu.

— Não credes então no dó que eu tenho de vós!

— Senhora, creio e bendigo o vosso nome. Aqui tenho pedido a Deus pela vossa felicidade... E pela boa fortuna do... O vosso filho.

Cansava; a voz sumia-se-lhe, enrouquecida.

— Há tempo... Há meses... Aqui vieram pedir-me as monjas velhinhas que rezasse também... Em ação de graças... Por uma grande batalha... Que a nossa gente vencera... E por alma dos Portugueses que lá tinham morrido.

— Depois ainda houve outra batalha em Castela.

— Perguntei se tinham morrido muitos... E disseram-me que de certa... Ala dos mais jovens... Muitos tinham sido mortos. Apertou-se-me o coração... Perdoai, senhora minha. Não estaríeis agora aqui... Se o vosso filho... Vos tivesse faltado. Melhorou... Estava lá. Era o que o meu coração depois me dizia. Deu em adivinho... O mal-aventurado! Ainda bem que o vosso filho voltou.

— Foi Deus por ele, e daquelas duas batalhas voltou são e salvo — disse numa opressão de dó.

— Pedi depois a uma das velhinhas que me contasse... O que se dizia da batalha... E ela contou-mo, falando muito de uma ala a que chamavam dos Namorados... Adivinhei logo que o vosso filho... Havia de ser dessa ala. Ainda ontem

sonhei... Até aqui dentro a gente sonha!... Sobre a banqueta de madeira... Em que aos poucos se dorme!... Sonhei que via o casamento dele... Com aquela noiva que lhe levaram!

Sufocou-se num ataque violento de tosse.

— Que horror de tosse e com que resignado amor ela ainda o recorda! — pensou D. Dulce.

E logo, carinhosamente, mais encostada àquela porta empedrada por onde só a morte poderia entrar.

— Minha pobrezinha, como sofreis!

— É para ir... Mais depressa.

— Leonor! Que enlouquecimento o vosso! Não vos merecia o desapego em que me deixastes, sem nenhuma notícia vossa!

— Senhora, sofri as maiores dores da alma... Que uma mulher pode ter! Lembrai-vos bem... Tive um grande amor de sonho... E perderam-mo! Tive um imenso amor de mãe... E a filha da minha desgraça... Morreu-me de fome! Quis servir-vos numa devoção humilde... E dei-vos maiores amarguras! Não tinha mais que esperar! Se havia de ir

afogar-me no rio, entendi que mais dó teria Deus de mim... Se eu buscasse a morte nesta clausura maior.

Chorou num choro convulsivo.

— Não, não faleis assim... Que não podeis. Agora só uma palavra, e essa encarecidamente vo-la peço... Por todos os que mais tendes amado. Ficareis neste mosteiro, virei eu cá ver-vos sempre que puder, estareis aqui como quem sois. Deixai que eu isto peça; auxiliai-me vós com uma simples palavra de consentimento, e amanhã virão arrancar as pedras desta porta.

— Amanhã? — rouquejou — Sim... Amanhã... Que venham tirar daqui a emparedada de maior desgraça... Que ainda terá tido esta terra!

— Nossa Senhora vos dê em resignação o pago deste consolo tamanho que eu sinto, filha adotiva do meu coração! Amanhã cedo voltarei e então saireis desse horror!

— Senhora misericordiosa, adeus. Amanhã será.

— Vou agora pedir que vos mandem algum alimento.

— Sim... Deixai-me agora uma nova... Para eu saber se o meu coração adivinhou tudo.

— Qual, minha filha?!

— Aquela noiva... Que me fez dó... Aquela que se julgava emparedada... No paço real de Castela... Voltou?

— Amanhã... Vos contarei... Tudo — disse-lhe D. Dulce a custo, arrastando as palavras numas hesitações de dó.

— Tudo! Bem percebo... Senhora da minha alma! O meu sonho foi certo. Ainda bem que foi! Consola-me que seja ditoso... Alguém que eu muito...

E, a reprimir um ataque de tosse, se despediu com amargurado esforço.

— Senhora, até amanhã.

D. Dulce disse-lhe ainda umas palavras de carinhosa piedade e afastou-se a tremer, numa grande emoção de dó. A abadessa esperava-a. Foram as duas para a casa do cartório.

Naquele mesmo dia se obteriam umas licenças indispensáveis e na manhã seguinte voltaria D. Dulce para

assistir ao desemparedamento de Leonor, trazendo consigo a escritura dos donativos para os consertos do mosteiro e para o dote da reclusa.

Despediu-se, pedindo encarecidamente que, sem delongas, mandassem algum alimento à pobre emparedada(*).

[(*) A Inquisição também teve emparedados; mas ali o emparedamento era uma das mais monstruosas variedades de tortura que ela inventara ou tinha adotado, excedendo a fecunda atrocidade de quantos tiranos ficaram na História. A inclusão inquisitorial era logo para morrer de pé, nas agonias desesperadoras da asfixia. A inquisição de Lisboa foi instalada com a secretaria, os seus arquivos, os seus tribunais, os seus cárceres e o seu inferno de torturas nos antigos paços dos Estáos, que foram residência de príncipes e de embaixadores. Naquele mesmo local se edificou o teatro de D. Maria II. Quando se fizeram as obras desta edificação monumental ainda ali se encontraram esqueletos nos nichos dos emparedados. Nem as mais lúgubres tragédias de Shakespeare, nem os mais pungentes dramas do coração humano, agora ali fingidos no palco, valeriam sequer um pálido arremedo das outras que os trágicos do Santo Ofício levaram dois séculos a idear e a pôr em cena com aquela suprema realidade de dor e de sangue que os seus próprios arquivos registam. Cada processo um drama atrocíssimo, e assim dezenas de miliares deles!]

* * *

No dia seguinte, voltou D. Dulce ao mosteiro com a escritura, o seu primeiro donativo em dobras de ouro e o coração num alvoroço de caridade por aquela assombrosa desventurada, que fora o primeiro amor do seu filho.

Logo a abadessa lhe veio falar, mas com tal entristecido parecer, que se lhe confrangeu o coração.

— Senhora, não quis Deus que o vosso desejo fosse cumprido!

— Depressa, dizei!

— De manhã cedo a foram chamar para lhe dar alimento. Não respondeu, por mais que a chamassem! Vieram dizer-mo. Fui lá; uma das noviças subiu a um banco para a ver pela fresta alta. Estava como morta.

— Podia ter perdido os sentidos — lembrou D. Dulce num desalento de alma.

— Isso me lembrou e mandei logo chamar quem esbarrondasse as pedras da porta. Já não havia outra coisa a fazer-lhe senão ir abrir-lhe a campa. Estava morta!

D. Dulce caiu de joelhos, numa convulsão de choro. Tomara uma grande e misericordiosa amizade àquela mulher de tamanho infortúnio!

Quis assistir e assistiu ao enterro daquela que fora uma das mais belas damas do Paço.

Retirou-se, deixando o donativo que prometera para as obras do mosteiro.

Entrou em casa numa mortificação de saudade e de dó. Com aquela adorável meiguice que era o supremo encanto da sua rara formosura, Madalena estranhou-lhe a palidez e os olhos ainda húmidos de lágrimas.

— Minha filha, é de pesar por alguém de má fortuna que muito sofreu e amou.

— Morreu?

— Sim, morreu!

— Velhinha?

— Não. De pouco mais idade que vós.

— Pois, mesmo sem a conhecer, também a mim me faz dó. E só hoje o soubestes?

— Venho do seu enterro na igreja de um convento.

— Era monja?

— Era emparedada. Depois, depois vos contarei o vale de lágrimas que este Mundo foi para ela.

Tomou-a para si brandamente e beijou-a.

— Um triste conto de amarguras, que nem agora será bom dizer-vo-lo, minha querida filha.

— Não seria bom porquê, minha santa?

— Havia de entristecer-vos, e bem vos bastam as saudades, esposa sinceramente amada.

— Tantas saudades! — disse-lhe, abraçando-a.

— A outra que morreu, dama formosa do Paço, nunca teve marido e perderam-na! Dois grandes amores lhe encheram a vida. A um lho afogou a desgraça; ao outro, por uma filhinha pequenina, lho levou a morte!

— Filha pequenina... Morta! — disse com um estranho confrangimento, empalidecendo — Há de ser a dor maior da nossa alma! Maior que nenhuma outra!

E inclinando-se muito para D. Dulce, com enternecido desafogo lhe segredou alguma coisa de alvoroço que lhe enrubescia o rosto e acendeu uns fulgores de júbilo nos olhos, ainda belos, da envelhecida fidalga.

— Pois mandai-lho vós dizer — lembrou a mãe de Ruy, abrindo num sorriso a carinhosa alvorada que subitamente lhe enchera o coração — Ou nós ambas.

— Assim — acudiu Madalena a sorrir — As duas, para ele sentir melhor a boa nova. Dizem que as avozinhas são duas vezes mães.

E beijou-a com uma infantilidade encantadora.

CAPÍTULO XIII

A INVESTIDURA DE UM CAVALEIRO

Em fins de Abril, Chaves capitulava; em Maio, Bragança. O rei de Avis, como ainda lhe chamavam os Castelhanos, tinha de ir assim conquistando as terras carairiças onde a bandeira da união luso-castelhana, esboço dessa união ibérica, profundamente detestada pela grande maioria da Nação, ainda não fora abatida pela épica lufada que se levantara de Aljubarrota.

Em Maio, nova entrada dos Portugueses em Castela. Ciudad Rodrigo entrega-se, mas Cória resiste afincadamente a um porfiado cerco. Não tinha ainda a ressurgida monarquia recursos que bastassem para as campanhas ofensivas em território estranho e os sitiantes de Cória, sem o dispendioso material necessário para um cerco em regra, padecendo fome como se fossem eles os sitiados, tiveram de retirar para as suas terras, dizimados pelos assaltos inúteis e pelas epidemias dos acampamentos.

O Condestável ansiava por batalhas campais; era, porém, outro agora o propósito dos Castelhanos.

Encerravam-se nos seus castelos e praças fortes, preparavam a fome dos invasores, e deixavam-nos enfraquecer na demorada luta dos cercos.

O próprio rei de Castela resumia o plano adotado numa carta que de Valhadolid escreveu para a cidade de Múrcia. Era seu intento á ejemplo de lo hecho por otros reys de Espana y Francia, prolongar la guerra sin presentar batalla, para que los invasores se fuesen gastando e consumiendo.

Em fins de Junho, desfeita a hoste, cada mesnada e cada contingente dos conselhos recolhe às suas terras; El-rei volta em romaria a Guimarães e o Condestável vai em romagem, primeiro a Santa Maria do Meio, na Sertã, e depois a Ourém. Dali partiria para o Alentejo esse que foi a mais singular e prodigiosa figura de paladino que ainda teve Portugal.

Dividiram-se as três ou quatro dezenas de rapazes que ainda restavam da ala épica de Aljubarrota.

Com Ruy de Vasconcelos vieram uns poucos, incluindo o Magriço.

Nos primeiro dias de Agosto, Madalena tinha uma filhita.

Uma semana depois, era solenemente batizada em Santa Maria Maior. Puseram-lhe o nome da avó.

Assistiram à cerimónia quatro Namorados.

O Magriço foi padrinho.

— Ruy, um rapazito é que se quer — segredou-lhe com a sua habitual jovialidade — Um rapaz para ser por esses tempos fora o namorado de alguma outra ala que recorde a nossa, quando já estivermos de pés para a cova.

* * *

A guerra ia-se arrastando com largas intermitências, mas não tinha fim.

Naquele ano de 1386 o Duque de Lencastre, esposo da infanta D. Constança, filha de D. Pedro, o Cruel, de Castela,

saía de Inglaterra para a Galiza com uma frota de 180 navios e 5000 homens de desembarque.

Ia manter pelas armas os direitos da sua mulher ao trono de Castela. Entrou na Corunha, fez o desembarque muito ao seu salvo, e em pouco tempo se apoderou de Santiago e de outras povoações importantes. Tinha muitos partidários na Galiza por causa da sua mulher, como o rei de Castela os tivera em Portugal por causa da Infanta D. Beatriz.

No 1.° de Novembro, o duque de Lencastre e D. João I de Portugal tinham uma larga entrevista na Ponte do Mouro, entre Monção e Melgaço. Na tenda real, aquela que fora tomada em Aljubarrota, combinaram os dois uma estreita aliança ofensiva e defensiva; e o casamento de D. Filipa, filha da primeira esposa do Duque, com o monarca português.

D. João dar-lhe-ia o auxílio da sua gente de guerra para bater os de Castela, que, pela sua parte, estavam esperando o Duque de Bourbon com reforços de França.

Em troca fez-lhe Lencastre a promessa platónica de quebrar nas suas mãos, assim que fosse rei de Castela, as

velhas pretensões dos seus arrogantes vizinhos e ceder-lhe Tui e outras povoações importantes do território galaico, no vale do Minho.

Em Fevereiro de 1387 efetuava-se no Porto o casamento de D. Filipa de Lencastre com D. João I, e em princípios de Abril as hostes aliadas de Inglaterra e Portugal transpunham a fronteira de Castela por Alcanizes.

D. João I de Portugal pudera reunir uns nove mil homens para aquela invasão. As forças de Lencastre é que eram já insignificantes.

As epidemias e os desregramentos tinham reduzido a mil e duzentos homens os cinco mil desembarcados na Corunha.

Cercaram e tomaram Benavente e outros lugares fortes, travaram escaramuças em campo aberto, mas nenhuma hoste real lhes ofereceu batalha. As onze letras de Aljubarrota vibravam alto por ali dentro como se fossem trombetas de guerra de um exército de trinta mil homens!

Os de Castela preferiam as arremetidas pelas fronteiras mais desguarnecidas de homens de guerra. A gente do

Mestre de Calatrava respondia à tomada de Benavente com a tomada de Campo Maior.

Sem recursos de abastecimento e com os inimigos encurralados nos seus castelos e povoações muralhadas, roídos pela fome e dizimados pelas doenças epidémicas, as poucas tropas inglesas tiveram de retirar, atravessando o Douro, acima de Zamora.

Depois de um combate na Aldeia del Obispo, reentraram os nossos em Portugal por Almeida. Estava concluída aquela breve e inútil campanha.

Perdido o sonho de uma monarquia inglesa na Espanha, entendeu o Duque de Lencastre que o prémio de consolação seria levantar no mais soberbo trono da Península uma filha sua. D. Catarina de Lencastre, irmã da rainha de Portugal, seria esposa de Henrique de Castela, herdeiro presuntivo da coroa.

E assim foi. Antes dos esponsais, a soldadesca do Duque atravessou Castela com salvo-conduto para voltar ao seu País.

Mas a guerra entre Portugueses e Castelhanos, essa não terminava. Ainda havia de durar largos anos em arremetidas recíprocas pelas fronteiras, em cercos e assaltos de efémero renome, com horrorosas depredações num e noutro país.

Batalhas mais nenhuma. Os de Castela estavam amarrados ao plano adotado pelo seu rei D. João I, falecido em Outubro de 1390.

Badajoz foi tomada pelos Portugueses, Salvatierra e Tui por duas vezes. Como em 1385, Viseu foi posta a saque e incendiada.

Enfim, no princípio de Junho de 1400 contratava-se em Segóvia uma trégua de dez anos.

Era o epílogo daquelas porfiadas guerras de trinta e dois anos. E não era ainda a consolidação da paz!

O tratado definitivo só se fez nos fins de Outubro de 1411 e só em 1431 foi ratificado em Medina del Campo.

Só então o rei Carlos II de Castela reconheceu os direitos políticos da dinastia de Avis!

Custou! Apesar de todos os seus desastres, Castela levou quarenta e sete anos a convencer-se de que um contrato nupcial de dinastas não podia anular os trezentos anos de história de uma nação.

Era preciso reconhecer enfim aquele soberano e santo direito que os Chamorros tinham de ficar Portugueses dentro da sua terra de Portugal.

Ia começar agora nos fastos do Mundo o grande ciclo da geração de Aljubarrota.

* * *

Quando o tratado se assinou, tinha já cabelos brancos aquele rei que fora o Messias de Lisboa. Os rapazes imberbes da Ala dos Namorados, esses eram já cavaleiros de provada experiência e amadurecida idade.

Teria enfim chegado um largo período de repouso, se outra ala de sonhadores não viesse para substituir aquela do estandarte da cor do mar, já no caminho da velhice.

Dos sobreviventes daquele eterno dia de 1385 o mais novo tinha 43 anos.

Dos velhos que neste romance conhecemos, um só teimara em viver, apesar de quantos infortúnios lhe tinham alanceado a alma. Era Mendo Rodrigues. Mirrado, trôpego, a múmia e a sombra do que fora, mas vivia.

D. Dulce e D. Maria de Mendonça, o tanoeiro Afonso Eanes, o Gonçalo Vasques e a tia Lourença tinham falecido durante os últimos vinte anos.

Em 1405 D. Leonor Teles morrera no seu encerro de Tordesilhas, lembrada somente pelos que tinham o direito de a odiar.

Deixemos os mortos em paz e vamos procurar os vivos que mais nos podem interessar.

Entremos no velho paço de Santo Elói.

Estava-se a 14 de Agosto de 1411. Abriram-se de par em par as portas seculares e os criados vestem os seus melhores trajos; entram ali damas da maior nobreza de Lisboa, fidalgos da mais altiva estirpe com a sua comitiva

de escudeiros, pajens e donzéis. Em tudo e em todos uns grandes ares de festa.

No terreiro, em frente, magotes de mendigos ê de curiosos esperam pasmados; os alvissareiros para dar fé de quem entra, os esfarrapados na esperança de alguma esmola generosa em que esse dia piedosamente se comemore.

Subamos com a inquiridora audácia de um repórter, para indagar a razão daquele aspeto festivo.

É na soberba sala de armas que se faz a receção solene. Da Ala dos Namorados estão ali alguns que já têm filhas senhoras.

De várias referências dos convidados se depreende que vão dar a investidura solene de escudeiro de armas a um filho de Ruy de Vasconcelos, que na véspera fizera catorze anos.

Do casamento de D. Madalena havia duas filhas, já senhoras, ambas muito mais velhas que o rapazito e uma delas, a que nascera em 1386, já casada havia três anos com um fidalgo do Minho.

Álvaro se chama o neófito. Fora seu padrinho o aventureiro Magriço, de quem havia largos anos se não sabia o

paradeiro.

Nem dele nem de Vasco Eanes da Costa, que com outros cavaleiros, mais dez, tinham partido do Porto para acudir ao apelo de certas damas inglesas, ofendidas por algumas grosserias de fidalgos seus compatriotas.

Fora uma aventura de cavalaria andante, que a imaginação do povo já tinha envolvido no luar prodigioso das lendas.

Afiançava-se que tinha sido brilhante e de radioso triunfo para os nossos aventureiros o torneio de desforço das damas afrontadas. Todos os que voltaram deram envaidecida notícia da façanha e falavam com assombro da galhardia audaz do Magriço e de Vasco Eanes no famoso torneio de Londres.

Movidos pelo seu génio aventureiro nem todos voltaram. Dizia-se que os dois, já muito nossos conhecidos da Ala dos Namorados, tinham ido correr aventuras pela Flandres e Alemanha.

* * *

Ruy tinha ido buscar o tio Mendo. Era ele quem havia de apadrinhar o novo escudeiro.

Entretanto descerrara-se o altar, erguido de propósito no topo da sala de armas. Os pajens acenderam os círios e um padre senil, de alva e estola, ajoelhou em face daquele altar improvisado.

Ao pé da mãe, ainda formosa, e das duas irmãs, lindas como fora a mãe, Álvaro de Vasconcelos com as suas vestes de pureza, saio justo de linho, alvo como a toalha do altar e como a plumagem dos cisnes, esperava que o seu apadrinhador chegasse.

Em volta dele, as donas e donzelas da mais assinalada nobreza; donzéis e escudeiros sem penugem de barba, figuras gentis de uma grande geração de adolescentes.

Apareceu à porta, amparado ao sobrinho, a figura singular de Mendo Rodrigues, o cavaleiro monge de oitenta anos.

Do rosto amarelecido e queimado, como as estátuas dos profetas na portada das catedrais góticas, desciam-lhe a ondear sobre o peito as barbas brancas de neve.

Deram por ele num estremecimento de comoção e foram todos ao seu encontro.

Beijou-lhe a mão o noviço da cavalaria tradicional e ajoelhou-se diante dele.

— Deus te abençoe, jovem, para honra dos teus e glória maior da nossa terra — disse, inclinando-se para ele enternecidamente.

Depois D. Madalena entregou ao velho uma espada curta, pendente de uma charpa. Com as mãos numa tremura de octogenário, Mendo dependurou a espada ao pescoço do donzel.

Encaminharam-se para o altar. O neófito desprendeu a espada da charpa, a tremer de comoção, e apresentou-a ao sacerdote, ajoelhando. O padre abençoou-lha e passou-a às mãos de Mendo Rodrigues.

— Álvaro de Vasconcelos, aqui vo-la restituo para ganhardes com ela as esporas doiradas de cavaleiro — disse-lhe numa voz cansada e tremente — A do teu pai ajudou a salvar Portugal no cerco de Lisboa e a erguê-lo coberto de glória na batalha de Aljubarrota. Jovem, que

pela honra do teu nome e pela santa bandeira da nossa terra, a tua pequena espada venha a espelhar o brilho da outra, que há de ser o teu maior património onde quer que for preciso manter altas as tradições da terra portuguesa.

O donzel volveu-lhe sumidamente com a voz a tremer-lhe nos lábios, numa perturbação muito comovedora:

— Tio e senhor, assim será, e pela minha alma e na presença de Deus vos prometo.

— Escudeiro de armas, Deus seja por ti. Beija as mãos da tua pobre mãe e senhora, essas mãos carinhosas que vão cingir-te a espada, símbolo de um dever entre os dois maiores amores humanos — o das nossas mães e o da nossa terra.

Bateu-lhe com a palma da mão na face, brandamente.

— Senhora, cingide-lha — disse para D. Madalena.

E foi a chorar que lha cingiu, sabe Deus com que ânsia de quebrar o cerimonial para apertar o filho contra o peito e cobrir-lhe de beijos aquele rosto que a solenidade da investidura tinha feito desmaiar.

O pai, profundamente comovido, vestiu-lhe o arnês; das senhoras presentes, as mais jovens afivelaram-lhe os braçais e foram as suas lindas irmãs que lhe puseram as esporas de prata.

— Nobres senhoras, e vós, senhores, deixai que entre um antigo da Ala dos Namorados — disse da porta alguém num vozeirão muito conhecido de Ruy de Vasconcelos.

— Álvaro Coutinho! — exclamou, indo para ele de braços abertos — Dom cavaleiro desaparecido, em boa hora vindes!

Abraçaram-se. Estavam já ao pé deles, numa grande emoção de surpresa, os quatro convidados que tinham sido da ala.

Cumprimentos breves para não demorar a apresentação do recém-chegado.

— Vasco Eanes?

— Andou a correr Mundo comigo. Não tardará cá senão algumas horas.

Fizeram-se as apresentações.

— O vosso filho, o meu afilhado — disse alegremente o Magriço — Escudeiro de armas, já sei. Disseram-mo ali fora os criados.

— E já tenho um neto pequenino — informou o Vasconcelos, sorrindo.

— Santo Deus, que muito tempo corrido! A Ala dos Namorados já tem netos!

— E mais alguns cabelos brancos — gracejou o Vasconcelos.

— E são já avós as noivas daquele tempo! — disse-lhe do lado a Madalena.

— Só se os netos o jurarem, senhora minha, pois que os meus olhos não querem crê-lo — volveu-lhe o Magriço, galanteador.

— Álvaro Coutinho, espelho de cavaleiros destemidos, honrai vós o meu escudeiro de armas, pondo-lhe o bacinete.

— Já estava para vos pedir — respondeu, jubiloso

— Mas, perdoai a ousadia, senhora minha — disse para Madalena — e permiti que lembre a falta de mais uma

madrinha para este gentil escudeiro, fiel retrato de outro com quem tomei conhecimento há uns bons vinte e sete anos.

— Madrinha! — repetiu ela tristemente, supondo que o Magriço aludia a D. Dulce.

— Sim, senhora minha. Aquela bandeira velhinha, que as vossas mãos bordaram e foi connosco a Aljubarrota, a Valverde de Mérida e ao noivado de Tordesilhas.

— Olhai, está ali, recatada, por detrás daquele altar.

— Pois deixai então que eu vá buscá-la, para que seja ela a padroeira do vosso escudeirinho.

— Com muito gosto — aquiesceu D. Madalena.

— Tenho saudades dela. Há de conhecer-me ainda.

E foi buscá-la enternecidamente. Tinha-se esfiampado mais e o tempo mais ainda lhe mudara a cor; era um santo farrapo desbotado.

Ergueu-a de alto por cima do escudeiro de armas.

— A tua gloriosa madrinha, Álvaro de Vasconcelos. Para a lembrares um dia, quando fores de outra ala maior,

noutro Portugal de mais alta fortuna do que o nosso era antes de Aljubarrota. E assim como a imagem de um altar, por muito pequenina que seja, ou uma relíquia das nossas mães, por insignificante valor que tenha, nos lembram a religião em que nos criámos e o mais santo amor que tivemos, assim este pedaço de seda em farrapos te deve recordar, Álvaro de Vasconcelos, a maior glória que ainda teve o nosso esforço e o mais sagrado amor que ainda houve nesta terra!

Inclinou mais a bandeira e o adolescente, numa tremura de enternecido, ajoelhou e beijou devotadamente os farrapos da bandeira.

— Álvaro de Vasconcelos, faz hoje vinte e seis anos que foi Aljubarrota! Deus permita que em outro assinalado feito hajas de ganhar as tuas esporas de cavaleiro.

Impressão comovedora, enorme. As senhoras e os que foram da ala tinham os olhos rasos de água. Um frémito heroico sacudia a musculatura daqueles homens.

* * *

Anoitecera. Vasco Eanes já estava presente. Chegara de tarde e assistira ao banquete de gala, depois de um torneio de escudeiros jovens no terreiro do palácio.

A pedido das damas, o Magriço estivera contando os pormenores do famoso e já lendário torneio dos Portugueses em Londres. Dos Doze de Inglaterra, como se ficou denominando aquela tradição, talvez o último romance vivido da cavalaria andante.

— Fomos gentilmente favorecidos pelas ilustres damas que desafrontamos e, bem que duas delas não tivessem muito porque se ofender, pois eram desenganadamente feias, a todas prestámos homenagem pelas suas condições e fidalga origem, como bons galanteadores de Portugal. Duas me acarinharam a mim, com insigne favor e me lavaram as mãos em água de cheiro! Entendi que isto me faziam por ter sido eu quem derrubara o cavaleiro que mais as tinha desdenhado, um dos mais altos senhores da corte inglesa.

— Se foram as mais lindas... — acudiu D. Madalena, sorrindo.

E o velhaco do Vasco Eanes segredou o quer que fosse a Ruy de Vasconcelos.

— Eram as duas mais feias! — respondeu o Magriço Com um delicioso gesto cómico de pesar — Irmãs minhas tinham de parecer, se não fossem mais louras que o sol e mais brancas do que a neve. Todos os seus favores lhe agradeci de olhos baixos.

— Acanhamento vosso — lembrou Ruy por afetuoso gracejo.

— Medo meu de me julgar formoso a poder de reparar nelas. Mas não julgueis vós, senhoras minhas, que todas eram assim. Lá as vi eu lindas como arcanjos; porém essas nem para mim olhavam. Era a sina que eu tinha! E assim como de Portugal me tinha abalado por já não haver guerra que prestasse, também de Londres fui para Flandres e Alemanha por não ter já ali aventuras que me prendessem. Nem vos sei dizer a conta dos desafios que Vasco Eanes e eu mandámos e recebemos, nem os combates em que

entrámos! E sempre de tão boa fortuna contra os homens como de igual desventura com as damas!

— Estou a entender que voltais solteiro — disse-lhes um dos antigos Namorados.

— Tal como fui, e mais dei comigo em Itália onde as damas são de enfeitiçar e primam em amoráveis generosidades. Deixarei, porém, estes lances da minha má fortuna para vos dizer coisas de envaidamento que ouvi por lá. Sabei que muito se fala agora da nossa terra como de Nação jovem para grandes destinos! Há anos havia lá por fora muita gente que punha em dúvida o nosso feito de Aljubarrota, e uns diziam que tinham sido ali mais de vinte mil dos nossos contra menos de trinta mil de Castela; outros inventavam que os arqueiros ingleses, muitos centos deles, é que tinham vencido a batalha. O feito de seis mil e quinhentos contra os trinta e quatro mil de Castela é o que a eles lhes custava a engolir. Em Londres tive de rasgar a pele às lançadas a um mentiroso, que dava a batalha vencida por setecentos ou mil arqueiros ingleses. Mas no Brabante encontrei um velho francês, que fora menestrel e era cronista, e esse me leu a narração da batalha como lha

tinham contado e ele a pôs por escrita. Tem coisas falsas, mas justiça nos faz. A respeito de nomes de cá é que o Francês errou quase todos, logo a começar pelo da batalha, a quem ele chama de Yuberothe. Custou-me a desencantar neste embrulhado nome o nosso de Aljubarrota! Ele a perguntar-me se eu também tinha estado na grande batalha de Yuberothe, e eu de olhos pasmados nele e quase a supor-lhe intentos de jogral escarninho, a quem, pela sua velhice, me não fosse dado castigar!

Riram.

CAPÍTULO XIV

O SONHO DE UMA ODISSEIA

Escutai agora uma nova que me fez voltar mais cedo a Portugal. Ides talvez cair das nuvens.

— Pois aqui nos tendes à espera da surpresa, meu querido Álvaro Goutinho — disse-lhe Ruy.

— Estive com o nosso Vasco Eanes na cidade de Veneza, maior, mais poderosa, mais rica do que Génova. Uma bela e opulenta cidade de marinheiros e de mercantes! Muito me admirou o seu poder e as suas riquezas, bem que por várias vezes ouvisse falar aos tantos Genoveses que vivem em Lisboa. (*)

[(*)O Das colónias estrangeiras, então residentes em Lisboa, a dos mercadores e artistas genoveses era a mais numerosa. Já antes da guerra com Castela as relações comerciais da capital com a Flandres e a Itália eram de tal valia que, por algumas vezes, estiveram no Tejo quinhentos navios mercantes daquelas nacionalidades.]

Fizeram-me inveja pela nossa terra, as potentes armadas de galés que o povo de Veneza trazem nos mares! Por elas se tem feito opulenta e temida, pois na terra italiana pouco mais é do que uma cidade! Se esta nossa Lisboa pudesse imitá-la... Se um dia Portugal tivesse também poder semelhante no mar! Mas isto não passa de sonho, bem que algum feito grande esteja na mente de El-rei e do seus conselheiros.

— Não adivinho qual! — acudiu Ruy com estranheza.

— Pois em Veneza se desconfia que El-rei está no propósito de algum assinalado cometimento por mar!

— Por tal se não deu ainda! — objetou-lhe o Vasconcelos.

— Não será então verdade que El-rei, de há três anos para cá, tenha mandado fazer muitas naus e galés, aqui, em Lisboa e Porto?

— Sim, isso é verdade! — respondeu Ruy lentamente.

— E não haja aumentado muito a chusma dos galeotes e do troço do mar?

— Também disso ouvi falar!

— E não ouvistes que muitas lanças e arneses mandara El-rei comprar a Inglaterra e a Flandres?

— De tal é que nós não sabíamos! — disse o antigo carairo-mor de Lisboa.

— Pois tudo isto se sabe em Veneza, que por todas as nações tem agentes secretos e espiões!

— E então para quê todos esses aprestos?! — perguntou o Vasconcelos.

— Isso é que eles ainda lá não sabem e pelo não saberem se deitam a adivinhar. Uns dizem que intentará El-rei a conquista do reino mouro de Granada, outros, que será propósito seu ir tomar a Sicília, e ainda outros que talvez seja para ir contra o Condado de Holanda.

Pois se até alguns, de mais desvairada imaginação, chegaram a desconfiar que tais aprestos navais seriam para ir contra Veneza, em razão das muitas riquezas que lhe chegam dos lados do Oriente e de lá do cabo do Mundo!

— Talvez todas essas coisas não passem de castelos no ar, mas o certo é que nos julgam seguros contra Castela e capazes de tornar agora Portugal maior para o lado dos mares! — disse-lhe Ruy calorosamente — Aí tendes o milagre que fez Aljubarrota!

— E olhai que não é tudo. Por muitas vezes conversei com certo judeu mercador que viveu alguns anos em Lisboa e é agora o mais rico de Veneza. É homem de muito saber; fez longas viagens por terras de Mauritânia e do Oriente; e não sonhais sequer as maravilhas que ele viu e me contou! Um dia me esteve mostrando um grande pergaminho em que tinha o Mundo pintado, segundo um tal Marco Polo, viajante de Veneza que há longos anos faleceu.(*)

[(*) Tinha falecido em 1323. Fez a viagem por terra ao Extremo Oriente onde viveu largos anos. Foi o maior viajante da Idade Média e um dos maiores de todos os tempos.]

Eu pouco logrei entendê-lo, e só me ficou de memória que a tal pintura do Mundo dava ideia de metade de uma lua cheia e que pouco abaixo de Marrocos estava o mar pintado

de preto e lhe chamava o judeu o Mar da Noite. Pois foi ele quem me disse que já em tempo antigo certos mouros de Lisboa tinham navegado em busca daquele mar, e que cerca dele ficavam as ilhas Afortunadas que os nossos encontraram nos tempos do senhor rei D. Afonso IV. — Em vez de ir sobre Granada ou sobre Veneza — me observou o judeu — melhor faria o vosso rei se fosse contra Marrocos, que lá tem ao pé da porta com as riquezas de Ceuta e o tal Mar da Noite, que eu não acredito impossível de navegar». E com os olhos esgazeados para mim e os dedos recurvados sobre a pintura do tal mar, que parecia uma nuvem negra a cobrir metade de uma grande lua, terminou assim: — Cavaleiro, quem sabe a que outro cabo do Mundo irá ter este mar?». Meteu-me outro sonho no coração o velho judeu e senti-me namorado de outro moto!

— Cavaleiro não já andante, mas navegador para a cruzada do Mar da Noite? — disse o Vasconcelos com um sorriso, a fingir que a sua própria alma não estava também já tocada pela irradiação daquele sonho.

— Seja para o que for, porém de mais grandeza que andar a escaramuçar com quem já não quer dar-nos

batalha. Aqui tendes porque vim, trazendo na alma a metade do moto do tempo em que éramos jovens. Hei de ir envelhecendo a sonhar!

— Como eu, como tantos dos nossos — acudiu o Vasconcelos entusiasticamente — E quando temos alma e força para não adormecer com o sonho, por Deus que é neste sonhar que se acalentam as grandes glórias e as grandes nações. Assim, levando o sonho diante de nós, muito se pode intentar, como faz hoje vinte e seis anos!

— Ora ainda bem que estais comigo! E se for preciso, forma-se uma ala de navegadores, e os velhotes da outra que há tantos anos se desfez, irão acabar no fundo dos mares como acabaram em Aljubarrota esses que jazem no claustro maior do mosteiro de Alcobaça.

E assim terminou, com esta visão de uma odisseia, aquele serão de épicos devaneios, numa grande e amorável saudade evocadora.

* * *

Passaram quatro anos. Os aprestos militares feitos em Portugal tinham sobressaltado uns poucos de Estados da Europa. Castela receava e mandou a Lisboa um embaixador para sondar os desígnios de El-rei e pedir-lhe que novamente jurasse a paz. D. João disse-lhe palavras tranquilizadoras e fez-lhe a vontade. Depois uma embaixada do Aragão com suspeitas idênticas por causa do seu domínio na Sicília, e uma outra do rei mouro de Granada, por temer que fossem contra ele aqueles ruidosos preparativos militares, tão desconformes com a pequenez do reino.

Mas não ficava por aqui a fantasia dos noveleiros. Uns inventaram que a expedição seria para se ir apoderar da Sicília; outros que para uma nova cruzada à Terra Santa ou para se apossar da Holanda, e até correu insistentemente que para a conquista da Normandia, uma das mais belas províncias da França, é que eram todos aqueles espantosos aprestos.

Era a alma da Nação a sonhar desvairados destinos depois do milagre épico de Aljubarrota.

E a diplomacia astuta do Rei deixava criar e crescer estes boatos desorientadores com que a fantasia do povo se ia embalando. Convinham-lhe.

O verdadeiro objetivo da expedição só o sabiam, combinados no mesmo segredo, El-Rei, a Rainha, os Infantes, um deles, D. Henrique, mais afervorado no cometimento que os dois irmãos já homens; o Condestável, consagrador indispensável da empresa, e alguns do conselho de Estado e da intimidade do Rei.

E para melhor sustentar o disfarce se engendrou uma alta comédia diplomática, em que a soberana da Holanda se depressau a representar o papel fundamental, recebendo com aspereza um duro protesto de fingimento do Rei de Portugal contra as rapinas dos corsários holandeses.

Foi então um judeu negro, israelita queimado pelo sol africano, troveiro e criado da rainha D. Filipa, foi ele quem atirou para o redemoinho dos boatos contraditórios, a intenção verídica do empreendimento, indicando-a numas trovas de feitio profético.

Seria um balão de ensaio, como se diria hoje, para avaliar o efeito daquele propósito, de que ainda ninguém se lembrara? Seria; mas foi neste boato precisamente que a Nação quis acreditar. É que ninguém podia adivinhar o prodigioso destino que estava por detrás desse cometimento inferior à conquista da Normandia, da Holanda ou da Sicília.

* * *

Entrou a Primavera e veio com ela a peste.

Ninguém se deixou esmorecer por ela. O sonho, êxtase enervador dos decaídos, é, nas raças crentes e impulsivas, uma soberba e miraculosa força.

Fosse para onde fosse, Portugal tinha de embarcar. Era o seu destino. O crepúsculo de Aljubarrota ia mudar-se em manhã de uma nova era.

A 10 de Julho chegava ao Porto, com a gente de guerra de Trás-os-Montes, da Beira e de Entre Douro e Minho, a

armada do Infante D. Henrique e do Conde de Barcelos, seu irmão bastardo, já viúvo da filha única do Condestável.

O Infante D. Pedro foi noutra armada até fora da barra esperar o irmão. Tinha sido ele quem superintendera nos alistamentos da gente de guerra da Estremadura, Alentejo e Algarve.

De velas empavesadas, bandeiras e balsões heráldicos esvoaçando ao vento, as trombetas a vibrarem orgulhosamente o seu alardo de guerra, a soldadesca de librés garridas, com as cores distintivas dos seus chefes, e o sol alto e rútilo de Julho a lampejar no ferro brunido das armaduras, as duas esquadras entraram soberbamente até em frente do Rasteio e ali atracaram, ninguém sabe porque sugestão de algum misterioso destino!

Com aquela visão nos olhos, quem podia lá pensar no luto com que a peste ia vestindo a gente de Lisboa? Se nem os próprios enlutados sabiam chorar! Pelo Mundo fora é que era a sina.

* * *

Mas a própria Rainha fora tocada pelo flagelo.

Estava em Odivelas com os primeiros rebates da peste. Seria um grande pesar para todos que a morte levasse aquela senhora de austeras virtudes, mãe e educadora de primorosa lição.

Embora. A alma da Pátria ensaiava o seu voo de águia e as águias não choram, nem há crepes de nenhuma dor em que se lhes enleie a envergadura.

Desfalecida no seu leito, a Rainha inglesa pensava na planeada expedição. Ouviu gemer o vento. De que lado?

— Aquilão, vento certeiro do Norte — responderam-lhe.

Bom vento para sair no rumo daquela empresa. E já com o coração a adivinhar-lhe a morte, a Rainha mandou que lhe trouxessem as três espadas que mandara fazer para os filhos, os três infantes já homens — D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique — e das suas mãos trementes lhas receberam eles, de joelhos à beira daquele catre real, que ia mudar-se em leito funerário.

A Idade Média estava também moribunda, e dessa cavalaria romântica e sonhadora que exalçara até ao fanatismo o culto da mulher endeusando-a, era Portugal, naquele derradeiro ciclo, a terra maternal e alma consagradora. Para a cruzada marroquina, a Rainha moribunda, filha dessa raça que ideou a lenda do rei Artur de Gales, armava do seu leito de morte aqueles filhos seus, vergônteas dessa árvore soberba que o Messias batalhador de Lisboa plantara na charneca ensanguentada de Aljubarrota.

CAPÍTULO XV

A PRIMEIRA CONQUISTA

Dobravam os sinos do mosteiro de Odivelas. A Rainha morrera. Querida e venerada por todos, o choro e o luto não podiam ser em Portugal uma hipocrisia imposta pela pragmática real. Não eram.

Mas um vento de sonho, de maior poder que o aquilão favorecedor, levava para longe as almas guiadoras da Nação remoçada, e naquele lance de aventura já não havia dor que chegasse para trajar de luto a página em branco de uma nova História.

Despiram-se os trajes de dó, cingiu-se ao peito o ferro brunido dos arneses e, como numa aleluia, após um dia de paixão, as bandeiras e os pendões subiram aos topes dos mastros da armada que atravancava o Tejo.

Embarcar, partir, transmudar em voadeiras as velas dos navios, em constelações de eterno fulgor, para uma

civilização mais alta num Mundo maior, os faróis das armadas, era a sina e o destino histórico daquela Raça.

A peste uivava nas ruas estreitas e nos bairros em que havia maior enxame de gente, o sol sumira-se num eclipse igual ao de 1384, mas o estado de alma era outro e ninguém acreditou no vaticínio lúgubre daquele ofuscamento de luz (*).

[(*) Foi em 7 de Julho aquele eclipse de 1415. Não era total em Lisboa e começou ao romper do dia.]

Da extinta Ala dos Namorados quantos haveria para embarcar naquela armada?

Ruy de Vasconcelos, o Magriço e Vasco Eanes tiveram o cuidado de o indagar. Eram ainda vinte e três, metade deles já com os cabelos brancos a denunciarem a passagem do seu meio século de vida.

Na praia do Rasteio se fizeram as últimas despedidas. Estava coberta de gente. Madalena foi também. Aquela armada levava-lhe o marido e o filho.

Foi então que o Rasteio começou a ser prata das lágrimas, como longos anos depois lhe chamou um marinheiro cronista. E de lágrimas era ainda um século mais tarde, quando os sinos de Lisboa, num dobre de avença, tangiam dolorosamente pelos que partiam.

Nos batéis da armada muitos expedicionários vieram a terra. O Magriço acompanhou Ruy de Vasconcelos e o afilhado.

— Não vos amargureis, senhora minha — disse Álvaro Coutinho para Madalena — Isto há de ser ida pela volta. Estavam-se já as espadas a enferrujar. Os Castelhanos ficaram arrumados, e como os Mouros já nos não querem visitar, vamos nós pagar-lhes à sua casa marroquina as muitas visitas que durante séculos nos fizeram.

Era piedoso intuito do Magriço amortecer nestes dizeres despreocupados a amargura que estava lendo nos olhos da envelhecida noiva de 1385.

— Senhora minha, que remédio agora senão trazerdes vós, as namoradas de há trinta anos, umas bênçãos de boa fortuna para estes avelhentados da ala jovem que se

acabou? Sentimos todos que isto precisa de ser maior, e os ruços de Aljubarrota — disse, apontando para os seus cabelos brancos — têm de acompanhar por aí fora os jovens como o vosso filho, namorados de outra ala, que talvez um dia venha a ser de navegantes. Seria vergonha que ficássemos, nós os que apenas começámos a ser velhos, quando ali, a bordo, está um fidalgo que ninguém chamou e ninguém queria levar, porque já fez noventa anos. Era aos quinze anos escudeiro de armas na batalha do Salado, e vai! O vosso marido tem cinquenta e dois e o vosso filho dezoito. Senhora minha, não choreis. A Nação precisa de nós, e as velas daqueles navios são asas com que a nossa bandeira pode voar, Deus sabe, senhora, até onde!

— Assim será... Assim... — volveu-lhe, afogada em soluços — Ruy, adeus! Filho da minha alma! Nossa Senhora vá convosco!

Levantaram ferro os duzentos e quarenta navios da armada, galés, naus, fustas, navios de combate construídos nos estaleiros de Lisboa e do Porto, embarcações de transporte fretadas na Galiza, na Biscaia, na Inglaterra, na Alemanha, e em Génova.

Levavam milhares de embarcadiços e vinte mil homens de guerra.

Nunca talvez das Espanhas saíra uma frota de cristãos assim poderosa. Aquela era a primeira cruzada marítima desse escasso povo, que mal tinha um milhão de almas e trinta anos antes apenas tivera seis mil e quinhentos homens para lhe vencerem a mais gloriosa e a mais santa das suas batalhas!

Como as outras esposas e as outras mães, Madalena ficara na praia.

A armada descia um pouco para o mar, mas ainda não sairia a barra naquele dia.

Ruy e o filho, com os outros que tinham sido da ala imortal, iam na divisão da grande esquadra que era diretamente comandada pelo Infante D. Henrique.

Percebia-se bem qual era. Os pendões e a libré dos vintaneiros e soldados tinham as cores distintivas do chefe — branco, preto e verde.

O que Madalena ignorava era que o grupo dos antigos Namorados se alistara naquela divisão da armada por saber

que D. Henrique pedira e obtivera do pai o favor de ser o primeiro a desembarcar e acometer.

Iam no ar, como asas esguias, as velas latinas das fustas, levantavam turbilhões de espuma os remos longos das galés, enfunava-se o pano das naus; o aço resplandecia sob o fogo doirado do sol e os balsões voavam altos, como bandos de aves marinhas de alguma estranha fauna.

Foi no dia de S. Tiago que todo aquele poder se meteu ao mar.

Para Granada, para a Holanda, para a Normandia, para Sicília?

Para aonde quer que fosse, até à volta. Era aquele o primeiro embarque da alma portuguesa para uma história maior nos destinos do Mundo.

E foi talvez de então, que em cada lar de Portugal, ao cerrar da noite, depois da ceia, se começou a rezar piedosamente um Padre Nosso e uma ave-maria pelos que andavam sobre as águas do mar.

* * *

Era para o sul que eles navegavam. Seria, então para tomar Granada ou para conquistar a Sicília? Não era. A frota entrou na ampla baía de Lagos e ali souberam todos que iam tomar ao Mouro de Marrocos a cidade mais culta e mais opulenta que tinha o império mauritano.

Contra Ceuta é que era o cometimento.

Chave do Estreito, golilha moura na garganta do Mediterrâneo, onde o Turco ia aparecer ovante, Ceuta era então, pelas riquezas e pelo esplendor, a Veneza de África, como pelos encantos da paisagem, planuras marchetadas de pomares, colinas cingidas de vinhedos, era também irmã de Granada.

Dali viera a perdição da monarquia visigoda, dali as invasões temerosas da Península e do meio-dia da França, torrentes colossais de soldados e de sectários, que transbordavam sobre Gibraltar, o cais muçulmano das Espanhas, e tudo alagavam. E assim durante mais de seis

séculos, bem que do mar de sangue das batalhas emergisse a grande e rútila civilização dos califados árabes.

Lida aos soldados a bula de indulgências da Santa Cruzada, a frota navegou para o Estreito, depois de uma arribada a Faro.

A cidade moura de Algeciras apavorou-se, e Gibraltar, moura também, preparou-se para uma vigorosa defesa.

Depois de ter recebido mantimentos em Tarifa, porto da Espanha cristã, a armada surgia a 12 de Agosto diante de Ceuta. Já de sobreaviso, Salat-ben-Salat, governador da cidade, tinha chamado no seu auxílio as tribos guerreiras, os tigres brancos dos aduares e das montanhas sertanejas.

A cidade, abroquelada de formidáveis torres e muralhas, tinha lá dentro uma sinistra multidão de homens de guerra. Travaram-se escaramuças nas praias, mas o ataque em forma não se pôde efetuar então.

Ao desabrigo, num ancoradouro pouco seguro, açoitado por um levante rijo de temporal, a esquadra teve de levantar ferro e sair para ir abrigar-se em Algeciras.

Ainda pouco experimentados no mar, os nossos mestres e a maruja das naus não puderam aguentar-se com o vento e as correntes e foram dar com elas a Málaga.

Parecia mal agourada aquela primeira aventura, e não faltou quem esmorecesse. Estavam pouco afeitos às bravezas do mar. Alguns propuseram que se optasse pela conquista de Gibraltar; outros que se voltasse a Portugal. O maior número instava pelo feito planeado, seguindo o propósito inabalável do Rei, dos Infantes e do envelhecido Condestável.

Afinal, a 20 de Agosto, a armada tornava a surgir em Ceuta, então desoprimida de receios e sem uma grande parte dos seus tigres auxiliares, já regressados ao sertão.

A simular-se tranquila, a cidade iluminou-se naquela noite. Acendia as luzes para o seu próprio funeral.

Ao amanhecer do outro dia se fez o desembarque, e logo ali se travou encarniçada luta. O mouro de Marrocos foi sempre um batalhador de arrebatada bravura e na cidade ainda ficara uma forte guarnição.

Nas primeiras arremetidas, sobre a praia lambida de ondas, um sudanês de retinto negrume, fundibulário atlético, de toda a mourama se destacava, derribando os homens de arcaboiço de ferro com os seixos enormes que a sua funda de Hércules fazia zumbir nos ares. Valia por muitos e era ali ele só, como se fosse uma estranha figura mística, o combatente de mais temerosa intrepidez para os Portugueses. Dir-se-ia o gigante vindo de alguma fabulosa caverna daquele Atlântico Tenebroso, que as lendas árabes tinham cercado de pavores para além da costa ocidental de Marrocos.

Varou-lhe o peito nu a lança de Vasco Martins de Albuquerque, e o colosso foi a terra.

Então mais bravia arrancada dos Portugueses, e os Mouros começaram a recuar, enovelados. Na frente da sua hoste, com denodada bravura, o Infante D. Henrique apertou mais com eles. Cederam de ânimo espavorido e fugiram para as portas de Almira, abertas para lhes dar entrada e abrigo. Entrou de roldão com eles a vanguarda do Infante.

Já tinham desembarcado também o povo de armas dos Infantes D. Duarte e D. Pedro e do Conde de Barcelos,

bastardo do Rei.

Arrombaram a machado outra porta da cidade. Nas ruas estreitas e nos terreiros dos bazares e das mesquitas, o combate volvera-se em nevrose de desespero para os Mouros vencidos. Muitos tinham logrado fugir pelas portas que davam para o sertão e Salat-ben-Salat com eles; muitos, porém, ainda ficaram para morrer.

O saque era da pragmática guerreira do tempo, ainda que fosse cristã a cidade vencida, quanto mais ali, ao impulso de um ódio imenso que vinha da religião, da raça, e das chacinas históricas de seiscentos anos.

A mortandade dos vencidos foi maior que a dos Castelhanos em Aljubarrota; enorme o espólio daquele empório mercantil, que na opulência precedera Veneza.

Pisavam brocados de ouro e alcatifas de palácios magnificentes e punham ao pescoço colares de pérolas e de corais os homens broncos da peonagem, filhos dos esfarrapados épicos de Aljubarrota.

Da soberba alcáçova, donde se viam bem as terras de Espanha, toda a guarnição fugira. Quando os Mouros

voltaram do sertão, num arranque de saudade e numa tardia resolução de combater, entoando cânticos de guerra, já na torre albarrã do castelo flutuava, sacudida pelas lufadas do sertão, a bandeira de Lisboa, erguida ali pelo alferes da cidade, João Vaz de Almada.

Escaramuçaram inutilmente. Era já tarde para reaver a cidade perdida.

Mudou-se logo em templo cristão a mesquita maior, sob a invocação da nossa Senhora de África, simbolizada numa imagem que o Rei trouxera a bordo de Lisboa.

E tanto em Portugal se acrisolara o culto da mulher, que até para o Rei e para o Condestável era a divina mulher de Nazaré a sua padroeira dileta. O mosteiro da Batalha tinha a invocação de Santa Maria da Vitória e o mosteiro do Carmo, havia vinte e cinco anos inaugurado por Nuno Álvares, fora consagrado a Nossa Senhora do Vencimento.

Depois da sagração, a solenidade brilhante da cavalaria romanesca.

Os Infantes pediram ao Rei que os armasse cavaleiros. Mereciam-no. Tinham sido egrégios batalhadores e dignos

filhos do envelhecido leão de Aljubarrota.

Depois tocou aos Infantes a vez de armarem cavaleiros os novos das suas hostes.

Os Namorados tinham vindo com D. Henrique e foi a ele que Ruy de Vasconcelos pediu lhe desse ao filho a investidura de cavaleiro.

Foi uma coisa comovedora. Em frémitos de comoção, os ruços da ala jovem de 1385, como dizia o Magriço, tinham os olhos rasos de água. Eram juventudes apagadas daquela eterna data.

E no minarete da mesquita dois sinos, que os piratas mouros tinham trazido de Lagos como troféus e os Portugueses tinham guindado para lá, repicavam festivamente.

Para os vencedores uma vibração de gritos triunfais; mas para os vencidos, a caminho dos aduares distantes, num esmorecimento de alma, era uma voz de amarguras, como se aquele bronze dos nazarenos pudesse soluçar as mágoas e as saudades que eles levavam!

Estavam agora imensamente mais fáceis para a Espanha a expulsão do mouro dos rochedos de Gibraltar e a conquista da terra paradisíaca de Granada.

E o que a Europa nem sequer ainda podia sonhar era que por aquela parte da África misteriosa se abrira o caminho prodigioso de uma nova civilização.

Naquele feito de um dia apenas, fazia-se a génese de uma Renascença que a cronologia ligou a outro facto histórico, (*) mas que ali realmente alvoreceu.

[(*) A tomada de Constantinopla pelos Turcos em 1453]

CAPÍTULO XVI

OS DERRADEIROS DA ALA

Nos últimos dias de Agosto começava o reembarque do exército para voltar para Portugal. Em Ceuta ficava uma forte guarnição.

Na praia, o grupo dos Namorados esperava a sua vez para embarcar.

— Olhai que o senhor Infante D. Henrique traz algum grande cometimento de segredo! — disse o Magriço para Ruy de Vasconcelos.

— Por que o supondes?!

— Porque em dois dias seguidos esteve encerrado com certo mercador judeu e mais dois escravos negros. Tive curiosidade de indagar porque seria, e disseram-me que os dois negros eram escravos do judeu e vinham a ser de uma tribo a que chamam azenegues. Pelos modos, o judeu muito costuma jornadear para os lados da costa donde se vê o

Mar Tenebroso. Heis de ver que o senhor Infante quer embarcar Portugal e que ainda nós outros, os ruços da Ala dos Namorados, teremos de andar à cata das ilhas encantadas, da terra do fogo e do reino dos gigantes, até ir dar com os ossos a esse cabo do Mundo donde vêm os melhores brocados, as mais lindas pérolas, as pedrarias de maior brilho!

— Pois se assim for — volveu-lhe o Vasconcelos entusiasticamente — para isso mesmo ainda temos nós, os ruços de Aljubarrota, o primeiro moto da nossa bandeira velhinha de namorados. E eu dou mais um para fidalgo-navegador — disse, apontando o filho.

Nisto chegaram dois criados de Ruy com uma arca.

— Vá; ide com isso para bordo e que não fique lá de modo que se suma.

— O vosso tesouro com os despojos do saque? — perguntou de gracejo um fidalgo conhecido pelos ditos mordazes.

— O mais opulento tesouro dos envelhecidos Namorados — retorquiu-lhe o Vasconcelos.

— Brocados de ouro, rubis, diamantes?

— Despojo de maior valor! Foi nos palmares de Ceuta que fizemos o saque. Vai esta. Arca cheia de palmas.

— Essa agora! — objetou-lhe com um sorriso de incrédulo.

— Podeis ver — acudiu o Vasconcelos, mandando abrir a arca.

Estava cheia de grandes ramos de palmeira.

— Já sei. Para as festas do dia de Páscoa na nossa terra — disse-lhe o gracejador a duvidar do juízo do Vasconcelos.

— Para uma devoção piedosa, antes do dia de finados, estas palmas da nossa primeira conquista pelos mares.

Foi promessa dos que ainda restam de certa ala jovem que há trinta anos acabou.

Disse-lho comovidamente com os olhos rasos de água. O gracejador afastou-se.

Pouco depois os Namorados estavam a bordo.

E a 2 de Setembro a armada largava para Portugal.

* * *

No dia 7 de Setembro de 1415, onze cavaleiros da nobreza do reino, quase todos eles já grisalhos, apeavam-se no terreiro do convento de Alcobaça, o maior e o mais opulento dos que tinha Portugal.

Pediram licença para falar ao Dom Abade.

Foram recebidos, e momentos depois iam ajoelhar na grande e altiva igreja dos monges Bernardos. Ouviam missa pelas almas dos tantos que a sua ala perdera na batalha real.

Dali foram como em piedosa procissão ao grande claustro onde se tinham sepultado os seus companheiros em 1335. Levava cada um no braço um feixe de palmas, daquelas palmas africanas que tinham trazido de Ceuta.

Na frente de todos, o Vasconcelos com a bandeira desbotada e em farrapos, a bandeira verde dos seus heroísmos e dos seus amores, asa esgarçada de uma águia

que voara alto e ovante, desde os muros de Lisboa aos dois maiores campos de batalha da guerra contra Castela.

Espalharam-se pelo claustro e foram ajoelhando e cobrindo de palmas as pedras das sepulturas.

Depois o Vasconcelos, de pé, disse alto numa tremura de comoção:

— Aceitai-nos esta homenagem, mortos da ala jovem de Aljubarrota! Destes a vida como heróis pela vida da nossa terra, e Portugal salvou-se e Portugal é já maior! Escutai bem: É já maior! Da sua primeira conquista, nós, os velhos da ala, não trouxemos outro saque nem quisemos trazer para vós senão estas palmas, que vos eram devidas, mal-afortunados da ala jovem em que éramos todos irmãos. Foi na onda do vosso sangue juvenil que se afogou a iníqua ambição de Castela, e foi essa onda que nos levou para Ceuta, e quem sabe ainda até aonde, pobres Namorados a quem a morte não deixou noivar! Santa memória a vossa! — disse numa tremura maior em que as palavras tinham um arranque de soluços.

E aqueles envelhecidos guerreiros, arrogantes como leões, choravam como crianças.

No dia seguinte foram para Aljubarrota. O que eles recordaram com envaidecida saudade por aquela charneca fora! Ainda se encontravam ossadas a branquejar por entre as urzes bravias, ferros partidos de lanças, arneses carcomidos de ferrugem.

Subiram ao outeirozito que os Chamorros tinham tornado Sinai redentor de uma Nacionalidade.

Já lá estava a pequenina igreja votiva do Condestável, aquele templozinho rústico da evocação de S. Jorge, com a sua torrezita ameada, a simbolizar o feito.

O que a fantasia lhes sonhou ali, como se dali se pudesse ver o Mundo!

— Olhos enganadores os meus! — disse o Magriço — Agora até me parece que daqui se avista o mar e que se descobre a bandeira de Lisboa sobre a torre maior do castelo de Ceuta!

Era apenas a visão dos últimos trinta anos. A outra, de um futuro imensamente maior, pela amplidão de dois séculos,

essa deixá-los-ia num êxtase de assombro, se naquela hora a pudessem ver. Nem sequer sonhá-la, por mais desvairado que o sonho fosse.

Mas tanto um dia a história havia de altear aquele outeiro, que dali se descobrissem as escarpas do promontório de Sagres o Atlântico misterioso que ia dar à América e aos gelos do Pólo Norte; o Cabo dos confins da África na extrema do Mar Tenebroso, o mar lendário da índia, o mar bíblico de Suez, as amplidões do Oceano Pacífico, os mares do Japão e da China; todos esses longos caminhos por onde os filhos e os netos dos Chamorros de Aljubarrota tinham de navegar imensamente mais que os Fenícios e os Cartagineses, ir além dos trinta mil soldados de Alexandre com os dois mil de Albuquerque, descobrir a metade que faltava ao Mundo medievo e traçar por essas remotas fronteiras um império igual ao da morta Roma dos Césares.

Mas se ali algum daqueles Namorados velhos tal pudesse adivinhar sonhando, os outros teriam piedade dele como o de um rematado louco.

De tarde foram para o mosteiro de Santa Maria da Vitória da Batalha, ainda incompleto. Era o grande templo votivo

do rei de Avis.

Estava edificado no sítio denominado Apar da Canoeira, a curta distância do outeirozito de S. Jorge.

Diante do pórtico de puro estilo ogival, um encanto de linhas e ornatos singelamente belos, os ruços da ala pararam numa emoção que lhes punha lágrimas nos olhos.

— Pedra branca, de uma brancura que lembra aqueles ossos esparsos na charneca! — disse o Magriço.

— E reparai — acudiu o Vasconcelos — reparai naquela janela alta e linda, naqueles colunelos gentis, na altivez e donaire dos botaréus! Digno padrão da batalha! Falam, cantam como troveiros de sonho, num cantar que a minha alma ouve e entende, todas estas pedras brancas, a recordarem o manto de um cavaleiro de Avis.

— Esfarrapada velhinha, saúda esta linda igreja que também ali se ergueu por ti — disse o Magriço, inclinando para o chão os trapos desbotados da bandeira.

Entraram. Ali ainda mais profunda emoção.

O sol a declinar batia em cheio na alta janela rendilhada e alastrava, através dos vitrais de cores, pela nave central, de majestosa simplicidade, uns suaves fulgores como de íris, em quem a púrpura e o ouro tivessem uma preponderância evocadora.

— Sente a gente necessidade de ajoelhar, mal entra aquela porta! — observou o Magriço comovidamente.

— Mereciam bem que as trouxessem para aqui aquelas ossadas do claustro de Alcobaça — disse Vasconcelos.

— Mereciam.

Espalhou-se entre os pedreiros e lavrantes da obra que estavam ali uns fidalgos que tinham sido da Ala dos Namorados, e logo muitos deles largaram o trabalho para os ver. Alguns tinham sido soldados jovens em Aljubarrota, outros eram filhos de veteranos da hoste real.

— Deus vos acompanhe, senhores cavaleiros — disse alto o mais velho, num tom de saudação que lhe tremia nos lábios — De nós outros alguns há aqui que foram convosco na batalha real e, pela nossa fé, que ainda não tornámos a ver jovens de mais destemido ânimo.

Num alvoroço de enternecimento e de orgulho, os velhos da ala foram para eles e agradeceram-lhes.

— Com que então — disse-lhes o Magriço — ajudastes a vencer a batalha e agora ajudais a erguer-lhe este santo padrão?

— Trabalha a gente nisto com dobrada alma e até nos regala ouvir cantar a pedra que vamos afeiçoando — respondeu o mais idoso dos lavrantes — É um cantar que os nossos corações entendem bem!

A saída, já sol-posto, todos os outros operários tinham também despegado do trabalho e todos eles se foram juntando no terreiro da igreja.

— Homens jovens — disse o velho lavrante para os colegas noviços — foi assim por esta hora que se salvou a nossa terra! E vão ali alguns da ala que mais batalhou nesta hora.

Num fervor de devoção patriótica todos aqueles rústicos enfarinhados de pó branco da pedra, levantaram fervorosos vivas aos envelhecidos Namorados.

CAPÍTULO XVII

EPÍLOGO

O filho de Ruy de Vasconcelos, armado cavaleiro pelo Infante D. Henrique na mesquita maior de Ceuta, volvida em igreja da nossa Senhora de África, ficara ao serviço daquele glorioso filho do rei de Aljubarrota.

Já tinha amores o jovem cavaleiro; era, porém, de outra ala de namorados diferente daquela que o pai ilustrara. Podia levar no seu balsão o mesmo apaixonado moto bordado pela mãe no estandarte verde da ala juvenil de 1385, mas agora para outra campanha imensa, de gerações sucessivas, pelos mares das lendas, para um mundo de sonho.

Já tinha Portugal navegadores em busca de uma pátria maior, colaboradores de uma tamanha história, que havia de intercalar-se nos fastos do Mundo.

A Renascença convencional ainda estava distante; mas a outra, a nossa por direito de primogenitura, ia já à vela

pelos mares, a bordo das caravelas e barinéis do Infante D. Henrique.

Estavam já descobertos os arquipélagos da Madeira e dos Açores, trechos preciosos de um novo Portugal.

Fr. Gonçalo Velho, cavaleiro professo de preclara estirpe, comendador do castelo de Almourol, o maior navegador daquele ciclo inicial, já tinha avistado a Terra Alta da costa africana do Ocidente, para além da qual a velha geografia fizera uma noite misteriosa de três mil anos de lendas.

Álvaro de Vasconcelos navegara com ele. Davam em navegadores os filhos dos Namorados. Não tardaria muitos anos que o sonho entrasse também na alma do povo, para que fossem embarcadiços, pilotos, cartógrafos os netos da peonagem esfarrapada de 1385.

No dia de Todos-os-Santos de 1421, um carmelita velhinho, corpo mirrado de asceta, de amarelecida alvura como um santo antigo de marfim, agonizava numa cela do mosteiro da nossa Senhora do Vencimento do Carmo. Fora poderoso e imensamente rico; repartira os bens, alheara-se dos seus títulos de nobreza, trocara a cota de armas por um

escapulário, a lança por um bordão professara. Chamava-se agora Fr. Nuno de Santa Maria aquele que fora Condestável, Conde de Ourém, de Barcelos, e de Arraiolos, o mais prodigioso herói da guerra da independência, a mais extraordinária figura que tinha dado a nossa Raça (*).

[(*)No Convento do Carmo se guardava o cetro do rei de Castela tomado em 1385. O Rei oferecera-o ao Condestável e este doara-o à comunidade do seu convento por escritura, em que se preceituavam as solenidades com que o deviam mostrar ao povo. Provavelmente ficou sepultado entre as ruínas do mosteiro por ocasião do terramoto de 1755.]

Ainda chegaram a horas de ver como ele morria alguns velhos gloriosos do seu tempo. El-rei e dois Namorados de cabelos de neve: Ruy de Vasconcelos e o Magriço, já numa decrepitude que os avizinhava do túmulo.

Aquela morte pôs de luto a Nação unânime.

O povo já o tinha canonizado e chamava-lhe o Santo Condestabre. Pudera. Tinha na religião da Pátria os grandes milagres dos Atoleiros, de Aljubarrota e de Valverde.

Depois a sepultura mudou-se-lhe em altar; fazia-lhe o povo romagens, levava-lhe esmolas de azeite para a lâmpada, sempre acesa por cima do seu túmulo, e no dia de S. João, o dia em que ele nascera, as raparigas entravam na igreja bailando. Iam cantar de joelhos as trovas memoradoras do herói e desfolhar flores sobre a jazida daquele prodigioso taumaturgo de Aljubarrota e de Valverde de Mérida.

* * *

Conta-se que no conselho de Estado em que se propôs a empresa de Ceuta, um dos velhos conselheiros, gracejador ao modo da época, dissera para os colegas, de cabelos brancos como ele:

— Ruços de Aljubarrota, além.

Além era Ceuta.

A imensa repercussão que teve aquela palavra! Além foi depois a África de lés-a-lés, o caminho da América, o caminho da índia, o caminho do Pólo. Um velho colossal,

outro ruço, Albuquerque repetiu aquele épico além, e Portugal foi dar consigo aos mares da China e às costas ridentes do Nippon.

Daquelas letras se fez o moto da mais gloriosa Nação pequena que teve a Renascença, e em voos de águia o foi repetindo a alma portuguesa até cansar.

Se nós ainda o soubéssemos dizer na ânsia de outro sonho mais sereno e fecundamente modesto! Além, para as culminações de uma civilização maior do que a nossa; além para darmos a este velho país de oitocentos anos, nós todos, ala moderna de outros ideais, namorados de outros amores, um poder moral e uma honesta prosperidade, que fossem o suave realce daquele espantoso passado!

Do amor e do sonho, poesia suprema da nossa Raça, veio aquele Portugal que parece um mito remotíssimo, tão extraordinário foi! Nem houve ainda grande empreendimento humano que não nascesse de um sonho, não desses que se aviventam de quimeras e subitamente se desfazem como as miragens; mas das outras radiosas crisálidas donde rompem, voando, os mais belos destinos dos povos.

O que fomos é incentivo de sobra para o que podemos e devemos ser. Baixas e perdidas nacionalidades as que não trazem na alma o culto de algum ideal entre os dourados nimbos de um sonho.

A lâmpada que fulgiu sobre o túmulo do Condestável foi apagada muito antes que as convulsões de um terramoto derruíssem as ogivas da nossa Senhora do Carmo.

Mandou-as apagar um dos Filipes de Espanha. Portugal naufragava no Mundo e tinha caído exangue num sertão esbraseado de Marrocos.

Pareceu ao rei estrangeiro que naquela chamazita devota, em honra do Santo de Aljubarrota., se apagaria também a alma da Nação.

Tardio desforço aquele e profunda cegueira de homem!

Sobre um altar de ouro, inacessível aos déspotas, uma chama ressurgidora, tamanha que ainda hoje ilumina oitocentos anos de história, acalentava o coração da Pátria semimorta, e tanto calor lhe deu, que a pôs de pé para novos alentos.

Altar feito de um poema que não tem igual nos fastos modernos; chama erguida na alma genial de um homem que, pelo amor à sua terra, foi o maior Português de todos os tempos.

Era o santo dos Lusíadas, canonizado pela Nação como o outro de Aljubarrota.

Sonhadores e cavaleiros, um e outro; mas da imensa Ala dos Namorados que esta terra tem tido, de mais intensos amores e o que mais milagre fez no Mundo, porque dia a dia ele sozinho nos ressurge glorificado, foi o outro, o poeta, o orago dos Lusíadas.

FIM